

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

KAUAN WILLIAN DOS SANTOS

PONTES DE LIBERDADE:

**internacionalismo e imaginários nacionais na construção do anarquismo no Brasil
(1890-1937)**

Doutorado em História

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

2021

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

PONTES DE LIBERDADE:

**internacionalismo e imaginários nacionais na construção do anarquismo no Brasil
(1890-1937)**

Kauan Willian dos Santos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Robert Sean Purdy

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte

Catálogo na Publicação Serviço de Biblioteca e Documentação Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

SANTOS, Kauan Willian dos.

V441o. Pontes de Liberdade: internacionalismo e imaginários nacionais na construção do anarquismo no Brasil (1890-1937)/ Kauan Willian dos Santos; orientador: Robert Sean Purdy– São Paulo, 2021.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Departamento de História (DH). Área de concentração: História Social.

1. Anarquismo; 2. Nacionalismo; 3. Internacionalismo. I. Purdy, Robert Sean, orient. II. Título.

Nome: Kauan Willian dos Santos

Título: Pontes de liberdade: internacionalismo e imaginários nacionais na construção do anarquismo no Brasil (1890-1937)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor.

Aprovado em: 30/11/2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Edilene Teresinha Toledo Instituição: Universidade Federal de São Paulo
Julgamento: Aprovado Assinatura:

Prof. Dr. Lincoln Ferreira Secc Instituição: Universidade de São Paulo
Julgamento: Aprovado Assinatura:

Prof. Dr. Tiago Bernardon de Oliveira Instituição: Universidade Federal da Paraíba
Julgamento: Aprovado Assinatura:

Prof. Dr. Robert Sean Purdy (presidente) Instituição: Universidade de São Paulo
Julgamento: Aprovado Assinatura:

Profa. Dra. Caroline Poletto (Suplente) Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Julgamento: Assinatura:

Prof. Dr. Luigi Biondi (Suplente) Instituição: Universidade Federal de São Paulo
Julgamento: Assinatura:

Prof. Dr. Jean François Germain Tible Instituição: Universidade de São Paulo
Julgamento: Assinatura:

Para todos aqueles que semeiam esperança

Para minha irmã Marcela, que a esperança e a luta por um mundo melhor esteja sempre em seus horizontes.

AGRADECIMENTOS

Após alguns anos de políticas públicas que tentavam colocar à cabo lutas históricas por melhores condições de ensino e pela ampliação da universidade pública, da qual eu fui parte, recentemente vemos a destruição desses projetos devido à ascensão do neoconservadorismo com planos neoliberais globais e nacionais, uma verdadeira reação. Isso tornou, mesmo com certa estabilidade do Programa em História Social da Universidade de São Paulo, uma pressão mental devido às lutas recentes e a incerteza do amanhã para pesquisadores, educadores e professores, o que, com certeza, dificultou a pesquisa. Juntou isso com a pandemia de COVID-19, em 2020, que marcou nossas vidas, emperrando diversos projetos, e com isso, o ritmo da escrita e pesquisa também. Portanto, nesse espaço, quero agradecer a todos que ajudaram, não só diretamente, mas indiretamente, essa pesquisa ser concluída.

Ao professor Sean Purdy, que acreditou no projeto e no meu potencial, sempre acreditando numa educação libertária e transformadora e tendo coragem, servindo de modelo, para enfrentar diversas opressões em sua trajetória como professor e militante.

À CAPES, concedendo bolsa de pesquisa, imprescindível para a efetivação da Ciência no país.

À professora Stella Maris e ao professor Jean Tible que, em suas respectivas matérias, ajudaram muito na reflexão de vários conceitos e caminhos para a pesquisa.

Aos professores Murilo Leal e Lincoln Secco, que leram atentamente o texto da minha qualificação de pesquisa, tornando imprescindível os caminhos posteriores.

Aos professores e amigos Edilene Toledo e Luigi Biondi que, desde a graduação na UNIFESP, foram muito importantes para essa e outras pesquisas, com considerações e conversas valiosas.

Aos funcionários da Biblioteca da FFLCH-USP, do CEDEM-UNESP e AEL-UNICAMP, que foram as bases para a minha coleta de fontes e bibliografia, assim como de ambientes de trabalho, tornando necessário que valorizemos os trabalhadores desses espaços, assim como os investimentos públicos nesses órgãos.

Aos militantes e ativistas do Centro de Cultura Social –CCS, Biblioteca Terra Livre, Instituto de Teoria e História Anarquista –ITHA, CAB- Coordenação Anarquista Brasileira, Resistência Popular Sindical-SP, Antar – Poder Popular Antiespecista e outros, que me ajudaram através da formação popular, de classe e apoio mútuo, com debates, livros e considerações. Viva à educação popular!

Do mesmo modo, aos professores e alunos das escolas Enéas de Carvalho Aguiar e Martin Francisco de Andrada, que fazem parte dos melhores momentos da minha vida, de ensinar e aprender.

Aos meus amigos de trajetória política, mas também de coração Felipe Corrêa, Rafael Viana, André Fernandes, Maylcon Costa, Renato Libardi, Ana Lima, Alexandre Chagas e todos que estiverem nas trincheiras contra essa sistema injusto. Aos amigos do peito que estiverem comigo em vários momentos, Nathalia, Lucas, Raquel e Chiara (saudades da Itália).

À Amanda, pela ajuda, dicas e afeto nesses últimos momentos tão essenciais. Nesses tempos de incerteza, medo e luta, essa companhia foi imprescindível.

À minha família, Marcelo, Cleibe, Marcela, Kaique e Ruddi.

Que possamos estar juntos com esperança, perseverança e luta por dias melhores.

RESUMO

O anarquismo foi amplamente estudado como elemento político na defesa dos interesses da classe trabalhadora e dos grupos subalternos. Uma das metas dessa ideologia era a destituição dos governantes e dos detentores dos meios de produção de maneira global, unindo os grupos explorados de forma internacionalista. Não obstante, os militantes anarquistas, mesmo teoricamente antinacionalistas, não deixaram de perceber os nacionalismos como ambientes de disputa e espaços para sua disseminação política. Esse projeto tem como objetivo estudar as conexões entre anarquismo, internacionalismo e as diversas imaginações e ideários nacionais na construção do anarquismo no Brasil, assim como sua influência no movimento operário e revolucionário no período da Primeira República – seu ápice e sua primeira fase no país. De um lado, muitas vezes, o discurso internacionalista era usado de maneira apenas discursiva sem a atenção da própria prática em unir diferentes demandas étnicas e suas especificidades no país, fato que era somado às redes transnacionais entre imigrantes de uma mesma nacionalidade, fazendo seus interesses se voltarem mais especificamente ao seu grupo, o que resultava na rápida disseminação da corrente política anarquista em determinada corrente migratória, mas podendo apresentar entraves na totalidade da classe trabalhadora no país. Não obstante, muitas vezes, anarquistas e sindicalistas aproveitavam os próprios imaginários nacionais para alastrarem sua cultura política, unindo essa tendência ao seu internacionalismo prático entre imigrantes de diferentes demandas e brasileiros. Depois disso, tentando construir um movimento operário e revolucionário coeso com as realidades locais, nacionais e internacionalista - mesmo por vezes imaginadas e modeladas – tais agentes impulsionaram o anarquismo e o favoreceram a adentrar nos movimentos sociais e políticos em nossa hipótese. O mesmo acontecia comumente com imaginários revolucionários de classe – como o internacionalismo, associativismo ou insurrecionalismo – para criarem uma imagem revolucionária dentro de sua ideologia na unidade nacional, assim como legitimarem sua corrente política, ao mesmo tempo também em que usavam e instrumentalizavam textos e pensamentos intelectuais, nacionais e internacionais do período, para tal. Militantes e ativistas anarquistas também desenvolveram suas estratégias e táticas e suas atuações em diferentes esferas – cultural, política e econômica – dependendo da região em que se instalavam, da composição da população, de sua forma de disseminação e

enraizamento e da interpretação dos personagens diante dessa realidade.

Palavras-chave: Anarquismo. Nacionalismo. Transnacionalismo. Internacionalismo.

Movimento Operário – Primeira República.

RESUMEN

El anarquismo ha sido ampliamente estudiado como un elemento político en la defensa de los intereses de la clase obrera y los grupos subordinados. Uno de los objetivos de esta ideología era la destitución de los gobernantes y los titulares de los medios de producción a nivel mundial, uniendo a los grupos explotados internacionalmente. Sin embargo, los militantes anarquistas, incluso teóricamente antinacionalistas, no dejaron de percibir los nacionalismos como entornos de disputa y espacios para su difusión política. Este proyecto tiene como objetivo estudiar las conexiones entre el anarquismo, el internacionalismo y las diversas imaginaciones e ideas nacionales en la construcción del anarquismo en Brasil, así como su influencia en el movimiento obrero y revolucionario en el período de la Primera República, su vértice y su primera fase en el país. . Por un lado, el discurso internacionalista a menudo se usaba solo de manera discursiva sin la atención de la práctica en sí misma para unir las diferentes demandas étnicas y sus especificidades en el país, un hecho que se agregó a las redes transnacionales entre inmigrantes de la misma nacionalidad, haciendo que sus intereses se hicieran realidad. regresar más específicamente a su grupo, lo que resultó en la rápida propagación de la corriente política anarquista en una corriente migratoria particular, pero puede presentar obstáculos para toda la clase trabajadora en el país. Sin embargo, a menudo los anarquistas y los sindicalistas aprovecharon su propio imaginario nacional para difundir su cultura política, uniendo esta tendencia con su internacionalismo práctico entre inmigrantes de diferentes demandas y brasileños. Después de eso, al tratar de construir un movimiento obrero y revolucionario coherente con las realidades locales, nacionales e internacionalistas, incluso a veces imaginadas y modeladas, tales agentes impulsaron el anarquismo y lo favorecieron en los movimientos sociales y políticos en nuestra hipótesis. Lo mismo ocurría comúnmente con el imaginario revolucionario de clase, como el internacionalismo, el asociativismo o el insurreccionalismo, para crear una imagen revolucionaria dentro de su ideología de unidad nacional, así como para legitimar su corriente política, al mismo tiempo que

utilizan e instrumentalizan textos y pensamientos. intelectuales nacionales e internacionales de la época. Los activistas y activistas anarquistas también desarrollaron sus estrategias y tácticas y sus acciones en diferentes ámbitos, cultural, político y económico, dependiendo de la región en la que se asentaron, la composición de la población, su forma de difusión y enraizamiento y la interpretación de los personajes frente a esta Realidad.

Palabras clave: Anarquismo. Nacionalismo. Transnacionalismo. Internacionalismo. Movimiento Laboral - Primera República.

SIGLAS E ABREVIATURAS

ADS	Aliança da Democracia Socialista
AIT	Associação Internacional dos Trabalhadores
ANL	Aliança Nacional Libertadora
CCS	Centro de Cultura Social
CGT	Confederação Geral Do Trabalho
CDP	Comitê de Defesa Proletário
COB	Confederação Operária Brasileira
CSCB	Confederação Sindicalista Cooperativista do Brasil
CTB	Confederação Brasileira do Trabalho
FOLS	Federação Operária Local de Santos
FORJ	Federação Operária do Rio de Janeiro
FORA	Federação Operária Regional Argentina
FORGS	Federação Operária Gaúcha do Rio Grande do Sul
FOSP	Federação Operária de São Paulo
FTC	Federação dos Trabalhadores do Ceará
FUA	Frente Única Antifascista
LC	Liga Comunista
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PSB	Partido Socialista Brasileiro
UAOA	União de Artes e Ofícios e Anexos
UGT	União Geral dos Trabalhadores
UGTC	União Geral dos Trabalhadores Cearenses
UOCC	União dos Operários em Construção Civil
UOE	União dos Operários Estivadores
UOGC	União Geral da Construção Civil
UOI	União Operária Internacional
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USI	União Sindical Italiana

Observações:

•As citações de textos estrangeiros foram traduzidas para a língua portuguesa. Os textos traduzidos estão indicados como “tradução nossa.”

“Para se realizar na plenitude do seu ser, o homem tem de ser conhecer, e nunca se conhecerá de um modo real e completo, enquanto não conhecer a natureza que o cerca e da qual ele é produto. A não ser que queira renunciar à sua humanidade, o homem tem de saber, tem de penetrar com o seu pensamento o mundo real e, sem esperar, atingir o fundo, tem de aprofundar sempre, cada vez mais [...].” (Mikhail Bakunin)

“Quando o indivíduo pode se associar com todos os que querem uma mesma mudança, se a mudança é racional, o indivíduo multiplica-se em um número infinito de vezes e obtém-se uma mudança muito mais radical do que pode parecer à primeira vista. A história em ação enquanto filosofia, isto é, a própria vida. Desse modo, a busca conjunta de um conhecimento crítico da realidade humano social cria a base de uma moral superior.” (Antonio Gramsci)

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	6
RESUMO	8
SIGLAS E ABREVIATURAS	11
INTRODUÇÃO	17
Anarquismo, internacionalismo e (trans)nacionalismo na historiografia	31
Referencial teórico.....	36
Imprensa, periódicos e metodologia.....	39
Organização da tese e a apresentação de seu conteúdo.	41
CAPÍTULO I - Entre a terra natal e a bandeira negra: imigração, etnicidade e o desenvolvimento de ideias, experiências e itinerários na recepção do anarquismo no Brasil (1890 -1906)	45
I-I. A hidra negra ganha mais cabeças: recepção e circulação do anarquismo na década de 1890 e a busca pelo “progresso” no país que “a ideia anárquica tem razão de ser”	46
I-II. Sincronias iniciais: o elemento luso na disseminação anarquista e sua recepção entre trabalhadores, subalternos e ex-escravizados brasileiros.	60
I-III. Os ecos do grito do anarquismo se encontram: imigrantes libertários integrados e o confronto com a pátria	69
I-IV. “Nossa pátria é o mundo inteiro”? O elemento italiano latente e o anarquismo fora das fábricas.	83
I-V. Despertando em novas terras: a construção do anarquismo de massas e o sindicalismo entre imigrantes e brasileiros ao raiar do século XX.....	101
CAPÍTULO II - “Bem unidos façamos, nesta luta afinal”: penetração do anarquismo e a disseminação da estratégia do sindicalismo revolucionário e de táticas na formulação de seu classismo nacional e do internacionalismo libertário (1906-1913)	118
II-I. O mastro da bandeira negra: a construção da Confederação Operária Brasileira e a tentativa de unidade nacional do movimento operário.....	119
II-II. Fincando a bandeira negra: as articulações da estratégia do sindicalismo revolucionário e a busca pelo internacionalismo.....	133

II-III. Assustando padres, juntando o resto: o anticlericalismo como elemento catalisador e difusor..... 145

II-IV. A educação para a liberdade: livros, bibliotecas, o ensino racionalista e a inserção cultural na legitimação do anarquismo e da difusão da estratégia sindicalista. 159

CAPÍTULO III- “Guerra à guerra”: o ideário nacional e o internacionalismo nos contornos da militância política e sindical dos anarquistas diante da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Russa (1913-1922)..... 176

III- I. Ataque e contra-ataque: o avanço da repressão e novos núcleos anarquistas no país..... 177

III-II. “Paz entre nós, guerra aos senhores”: anarquistas frente à Primeira Guerra Mundial entre o ideário nacional e o internacionalismo.....193

III-III. A organização política anarquista e outros métodos de reintrodução no movimento operário..... 209

III-IV. A onda grevista e insurrecional e o anarquismo diante da Revolução Russa..... 223

CAPÍTULO IV- A nação em efervescência: nacionalismo, internacionalismo e revolução no contexto de disputa acirrada ao sindicalismo e da ascensão de outros agentes e movimentos sociais e políticos (1922-1930) 240

IV-I. A revolução russa em xeque e a disputa anarquista frente ao avanço do comunismo e do reformismo diante do nacionalismo em efervescência no início da década 241

IV- II. Em meio à ebulição: do tenentismo e da nossa revolução à Clevelandia e a tentativa de manutenção dos circuitos sindicalistas contra a repressão a partir do internacionalismo.256

IV- III. A pátria que quisera ter o anarquismo: intelectualidade, literatura nacional e ideias libertárias. 273

CAPÍTULO V – A nação sublinhada: anarquistas frente ao fascismo internacional, ao corporativismo sindical e ao nacionalismo de Estado (1930-1937) 286

V-I. Entre bandeiras: o antifascismo como elemento catalisador e difusor e o anarquismo entre suas inserção nacional e transnacional..... 287

V-II. Uma pedra no sapato: táticas de tensionamento do sindicalismo revolucionário e o avanço do corporativismo.....	301
V- III. Um projeto de Brasil laico e a luta na esfera cultural visando a permanência e a legitimidade anarquista no país.	313
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	326
EPÍLOGO: o eclipse lunar.....	331
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	333
FONTES	347

INTRODUÇÃO

Por sua vez o romantismo, a democracia, o idealismo, o marxismo, o anarquismo e, eventualmente, até mesmo, o fascismo foram, de distintas maneiras, compreendidos em sua capacidade de se espalhar pelo mundo e interligar nações. O nacionalismo, esse elemento com a maior valência entre todos, combinou-se com todos os outros de diversas formas e em diversos momentos. (Benedict Anderson)¹

Não precisamos lembrar, o que por sinal ninguém contesta, que as diferenças das raças, dos povos, e mesmo das classes e das famílias, são determinadas por causas geográficas, etnográficas, fisiológicas, econômicas (inclusive as duas grandes questões: a das ocupações da divisão do trabalho coletivo da sociedade, do modo de repartição das riquezas e a questão da alimentação, tanto sob o aspecto da quantidade quanto da qualidade), assim como por causas históricas, religiosas, filosóficas, jurídicas, políticas e sociais; e que todas estas causas, combinando-se de uma maneira diferente para cada raça, nação e, frequentemente, para cada província e comuna, para cada classe e família, dão, a cada uma, uma fisionomia à parte, isto é, um tipo fisiológico diferente, uma soma de predisposições e de capacidades particulares — independentemente da vontade dos indivíduos que as compõem e que são completamente seus produtos. (Mikhail Bakunin)²

Abri qualquer obra sobre astronomia, do fim do século passado ou do começo do nosso. Não encontrareis mais ali o nosso pequeno planeta colocado no centro do universo. Mas a cada passo encontrareis a ideia de um astro central imenso – o Sol – que sua poderosa atração governa o nosso mundo planetário. (Piotr Kropotkin)³

Começemos notando o céu num dia de sol radiante. Em meio aos raios solares que eventualmente nos impedem de o olharmos por muito tempo, podemos esquecer da noite anterior, da forma da lua ou da quantidade de estrelas que lá estavam para nos guiarem na escuridão, quando a força do dia ainda não estava presente. Mas, se

¹ ANDERSON, Benedict. *Sob três bandeiras: Anarquismo e Imaginação anticolonial*. Campinas – São Paulo: Editora da Unicamp; Fortaleza – Ceará: Editora da Universidade Estadual do Ceará, 2014. p.19.

² BAKUNIN, Mikhail. *Federalismo, Socialismo e Antiteologismo*. Rio de Janeiro: Série Biblioteca Anarquista volume 2, 2012. p.80.

³ KROPOTKIN, Piotr. *A Anarquia: sua filosofia – seu ideal*. São Paulo: Nu-sol, 2000. p.2

olharmos detidamente, se nos concentramos e atravessarmos os raios solares, podemos ainda ver a lua, escondida. Se a virmos podemos lembrar da noite, da escuridão que já passou.

Os anarquistas desde o fim do século XIX e nas três primeiras décadas do século XX comumente faziam referências à luz como a vindoura sociedade igualitária por qual lutavam. Piotr Kropotkin, um observador dos astros e um dos mais influentes anarquistas, dizia que

no dia em que a expropriação das casas estiver feita, o explorado e o trabalhador compreenderão que novos tempos são chegados, que não estarão mais, de espinha curvada, diante dos ricos e poderosos, que a igualdade se afirmou à grande luz, que a Revolução é um fato consumado e não um lance de teatro como já demasiado se tem visto.⁴

Para outros deles as lutas dos trabalhadores e subalternos representavam “as rajadas do grande ciclone, que há de deitar por terra as velhas e carcomidas instituições”⁵ nas palavras do jornal *A Plebe*. A luz ou a sociedade futura, para muitos dos anarquistas, acabariam com as “velhas instituições”, comparadas com coisas ultrapassadas ou retrógradas. Nesse pensamento, se a luz era a vinda de uma sociedade igualitária, então as trevas e a escuridão representavam o passado que deveria ser superado e iluminado. Mas pensemos, e se essa mesma passagem ou transição não fosse instantânea, o que será que aconteceria entre a escuridão e a luz? É sobre esse meio, um eclipse, e a respeito de uma relação intensa entre dois fenômenos que foram tidos como antagônicos que iremos nos ater.

É certo que o anarquismo, tanto a partir de sua teoria política quanto na própria execução, buscou construir e propor uma nova organização política, social e econômica. Os agentes que se diziam socialistas libertários eram contrários ao avanço do sistema capitalista de produção, das fronteiras nacionais, do centralismo estatista e do que entendiam como uma alienação religiosa e cultural que beneficiaria uma pequena parte da população.⁶ Nessa empreitada, para Benedict Anderson, “em seguida ao colapso da Primeira Internacional e à morte de Marx, em 1883, o anarquismo em suas formas

⁴ KROPOTKIN, Piotr. *A Conquista do Pão*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953. p.35.

Galileu Sanchez. *Prenúncios de Liberdade A Plebe* (São Paulo), 9 de junho de 1917. p.3.

⁵ Galileu Sanchez. “Prenúncios de Liberdade.” *A Plebe* (São Paulo), 9 de junho de 1917. p.3.

⁶ Para adentar a teoria anarquista ver: CORRÊA, Felipe; SILVA, Alessandro Soares da; SILVA, Rafael Viana da (Orgs.) *Teoria e História do Anarquismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2014.

tipicamente diversificadas, foi o elemento dominante na esquerda radical autoconsciente e, até a Primeira Guerra Mundial, o principal veículo de oposição global ao capitalismo industrial, à autocracia, ao latifundiarismo e ao imperialismo.”⁷

Os participantes das fileiras negras eram regidos por uma meta internacionalista, ou seja, acreditavam que suas resistências e os ganhos a serem conquistados não se restringiriam a uma unidade nacional ou ao um grupo étnico, devendo destituir os detentores dos meios de produção e os governantes a partir de uma revolução global. De fato, muito mais que uma teoria, os anarquistas tentaram exercer seu internacionalismo na prática. O anarquista Errico Malatesta, por exemplo, após uma intensa atividade na Itália, passou pela Suíça, Bélgica e Londres. E, como se não fosse suficiente suas atividades em diversos lugares da Europa, transitou pelo norte do continente africano e também na América, onde visitou e espalhou seu pensamento durante quatro anos em Buenos Aires.⁸ Assim como ele muitos anarquistas forçados por questões de fugas e exílios assim como emigrando por razões de necessidade ou mesmo almejando a disseminação de suas ideias pelo globo, atravessaram diversos países e continentes, levando e trazendo pensamentos e experiências diversas e construindo o anarquismo para além do atlântico norte ou da experiência europeia, discursando sobre a fraternidade universal. Esses foram os casos de Gigi Damiani (que transitou entre a Itália e Brasil), Angelo Bandoni (nascido numa ilha do território francês e que transitou na Itália e também no Brasil) e Neno Vasco (militante entre Brasil e Portugal atuando também numa experiência transnacional), personagens que aparecerão mais tarde em nossa pesquisa.⁹

O caráter internacionalista do anarquismo se evidencia desde sua estruturação, que pode ser situada na atuação da Aliança da Democracia Socialista (ADS). Neste órgão político, representantes como Mikhail Bakunin, Charles Perron e James Guillaume criaram contatos com organismos de caráter internacional como a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). A partir de 1868 tais militantes retomaram o federalismo dos mutualistas proudhonianos e, com base em experiências

⁷ ANDERSON, Benedict. *Op.cit.*, p.19-20.

⁸ Idem. p.2

⁹ Para adentrar a biografia dos personagens citados ver BIONDI, Luigi. *La stampa anarchica in Brasile: 1904-1915*. Tese de Laurea (Historia). Università di Studi di Roma —La Sapienza, Roma – Itália, 1994 e SAMIS, Alexandre. *“Minha pátria é o mundo inteiro”*: Neno Vasco, anarquismo e as estratégias sindicais nas primeiras décadas do século XX . Tese (doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

anteriores nas manifestações populares de diversas partes da Europa, extremaram seu caráter revolucionário de forma nunca avaliada anteriormente, figurando a entrada dos chamados coletivistas na associação – posteriormente se reconhecendo como anarquistas. A ADS possuía representantes na Inglaterra, Rússia, Itália, França, Espanha, Suécia, Noruega, Dinamarca, Bélgica e outras regiões.¹⁰ Além disso, em consonância com o trabalho mais sistemático e programático dos aliancistas, a passagem dos personagens anarquistas nestes lugares e da recepção e difusão das ideias libertárias nesse período em jornais, livros, folhetos e opúsculos faziam a bandeira negra se expandir em proporções avassaladoras.

Em 1885 a Argentina presenciava o periódico militante *Questione Sociale*, que contava com articulações internacionais.¹¹ Na década de 1890, os primeiros jornais contendo ideias libertárias no Brasil, *Gli Schiavi Bianchi*, *La Bestia Umana e L'Asino Umano*, *O Despertar*, *Il Diritto* e outros marcavam sua presença.¹² Na Itália, na década de 1880, agentes relevantes como Errico Malatesta e Pietro Gori impulsionavam fortes movimentos contestatórios, disseminando o anarquismo entre os artesãos e os pequenos comerciantes subalternos e também sob a forma de associações com respaldo social.¹³ Ademais, as ideias anarquistas chegavam nas regiões da África meridional e do sul desde o final do século XIX.¹⁴ E desde esse período até as primeiras décadas do século XX o anarquismo foi decisivo a partir de insurreições marcantes e do sindicalismo reivindicativo nos Estados Unidos da América.¹⁵ Em questão de décadas, organizações operárias de orientação libertária se formaram também no Pacífico e no continente asiático.¹⁶

¹⁰ SAMIS, Alexandre. *Negras Tormentas: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011. p.33-60.

¹¹ COLOMBO, Eduardo. A FORA. O finalismo revolucionário. In: COLOMBO, Eduardo et all (Orgs.). *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2004.. p.79 Ver LEAL, Claudia. *Pensiero e Dinamite: Anarquismo e repressão em São Paulo nos anos de 1890*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006. p.149-204.

¹³ ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori: Uma aventura anarquista*. São Paulo: AnnaBlume/Fapesp,2002. p. 29-30.

¹⁴ Ver VAN DER WALT, Lucien. Negro e Vermelho: anarquismo, sindicalismo revolucionário e pessoas de cor na África Meridional nas décadas de 1880-1920. *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 2, n. 4, p. 174-218, 2010.

¹⁵ PORTIS, LARRY. Os IWW e o internacionalismo. In: COLOMBO, Eduardo et all. (Orgs.). *Op.cit.* p.55-60

¹⁶ HWANG, Dongyoun. Korean Anarchism before 1945: a regional and transnational approach. In: HIRSCH, Steven; VAN DER WALT, Lucien (Orgs.). *Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Postcolonial World, 1870-1940: The praxis of national liberation, internationalism and social revolution*. Leiden, Brill, 2010. p.95-130.

A causa dessa difusão, além do empenho dos militantes anarquistas e de suas expectativas internacionalistas tinha um contexto latente. Desde fins do século XVIII até o XX a era contemporânea foi marcada pelos avanços das transformações econômicas que proporcionaram o desenvolvimento dos transportes e das comunicações de maneira inédita.¹⁷ O resultado disso foi um fluxo constante de panfletos, opúsculos, livros e periódicos criados a partir da intensificação dos contatos entre pessoas e países, somadas às conquistas coloniais e às migrações em massa. A criação das ferrovias, dos trens à vapor, das máquinas tipográficas e de outras invenções das revoluções industriais, juntamente com os processos migratórios e o imperialismo, dessa maneira, deram subsídios para os anarquistas disseminarem suas ideias e práticas.¹⁸

Não obstante, outro fenômeno estava ocorrendo e se intensificando no qual os militantes libertários já haviam percebido e, por isso, eram justamente contrários em seus programas: o próprio Estado nacional. Os variados tipos de nacionalismos e ideários nacionais modelados na construção dos Estados nacionais e posteriormente do patriotismo, no qual esses personagens tanto embatiam, foram impulsionados desde o declínio de antigas formas de organização social, como a influência da religião e do absolutismo, que deixaram um vácuo para novos sentimentos e costumes que pudessem preencher essa lacuna. Através dos novos arranjos sociais sob o corpo do sistema capitalista de produção, suas tecnologias e a proliferação de discursos e símbolos enraizados culturalmente e modelados, houve a criação e a intensificação de ligações entre diversos grupos dentro de uma unidade territorial, formando possíveis ideários de pertencimentos de grupos em detrimento de outros, estabelecendo também outros tipos de agrupamentos políticos.¹⁹

O crescimento do sentimento nacional criava a necessidade da construção e expansão de Estados cada vez mais homogêneos em detrimento de minorias étnicas. De acordo com Eric Hobsbawm, “esta formação de nação constituía o conteúdo essencial da evolução do século XIX”²⁰ para os agentes envolvidos com o projeto político do

¹⁷ Ver ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹⁸ Para examinar os processos de difusão do anarquismo ver HIRSCH, Steven; VAN DER WALT, Lucien (Org.). *Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Postcolonial World, 1870-1940: The praxis of national liberation, internationalism and social revolution*. Leiden, Brill, 2010.

¹⁹ HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2013. p.27-69

²⁰ Podemos ressaltar ainda que, para o historiador Eric Hobsbawm, a emergência dos Estados modernos, após as revoluções liberais oitocentistas, conformado pela classe burguesa, teve um peso muito maior do

liberalismo e para a classe burguesa ascendente. De maneira análoga, em alguns lugares, movimentos populares reivindicavam a unificação de seus países para se protegerem das dominações dinásticas e imperialistas, dos impérios rivais e da aristocracia, fazendo o republicanismo popular ser um alvo revolucionário.²¹ Por isso, Benedict Anderson afirma que “o final da era dos movimentos vitoriosos de libertação nacional nas Américas coincidiu em boa medida com o início da era do nacionalismo na Europa”.²²

A emergência de um ideário nacional, utilizada desde a criação de Estados nacionais, mas também disseminada e latente para a libertação de minorias étnicas ou para a unificação de países dominados, foi tão constante e inevitável que não é à toa que muitos dos militantes anarquistas, antes de formularem e entrarem para as fileiras libertárias e internacionalistas tivessem participado de lutas anti-imperialistas ou de unificação. Na década de 1840, Mikhail Bakunin participou da luta pela independência dos eslavos no qual difundia uma união entre o povo russo e o polonês contra o imperialismo e a aristocracia. Para Felipe Corrêa, “Bakunin considerava a libertação nacional como o primeiro passo na luta por uma revolução de bases democráticas, que deveria conduzir a uma república federativa dos países eslavos”.²³ O jovem Malatesta, antes de sua participação na Comuna de Paris, aderiu aos ideais de Giuseppe Mazzini e sua visão de republicanismo popular que atraiu muitos adeptos revolucionários antes da unificação italiana.²⁴

Com o passar dos anos, as lutas de libertação nacional ou pelas minorias étnicas continuaram sendo uma constante na construção do anarquismo. Os militantes libertários, principalmente fora da Europa ocidental e nas regiões afetadas, seja as colônias apoderadas desde o final do século XIX, quanto durante os efeitos das grandes guerras, participaram amplamente de uma posição anti-imperialista e anticolonialista,

que qualquer outro fator para a construção dessa “consciência nacional”, já que essa nova classe instrumentalizava esses imaginários culturais, agora compartilhados e disseminados, para construir uma unidade no qual estendesse e regulasse seu poder econômico para a esfera política, garantindo seu poder e soberania. *Idem*. p.37.

²¹ Para Edilene Toledo “nos países como a Itália, que queriam conquistar a sua independência, portanto, a ideia de nação assumiu uma conotação revolucionária, tendia a ligar-se às ideologias liberais e democráticas e adquiria frequentemente um caráter supranacional: na história das revoluções do século XIX. TOLEDO, Edilene. O nacionalismo na formação e nas trajetórias de dois militantes sindicalistas italianos exilados no Brasil”. *Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão*. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 2008. p.3.

²² ANDERSON, Benedict. *Op.cit.*, 2008. p.107.

²³ CORRÊA, Felipe. Introdução. In: BAKUNIN, Mikhail. *Revolução e Liberdade: Cartas*. São Paulo: Hedra, 2010. p.15

²⁴ Ver AVELINO, Nildo. Errico Malatesta – revolta e ética anarquista. *Verve*, v. 4, p.228-263, 2003.

construindo táticas e estratégias que se enraizariam na construção do anarquismo. Os autores Lucien van der Walt e Steven Hirsh notam que a posição mais sofisticada e hegemônica anarquista foi a de participar das lutas de libertação nacional buscando moldá-las, vencer a batalha de ideias e afastar o nacionalismo, promovendo uma política de libertação nacional por meio da luta de classes, e dando às lutas de libertação nacional um sentido revolucionário. Não obstante, existiu

um tipo de abordagem anarquista e sindicalista [que] foi a de apoiar correntes nacionalistas acriticamente, considerando suas lutas como um passo na direção correta. Para alguns, isso significava apoiar a formação de pequenos Estados, que lhes eram preferíveis aos grandes, perspectiva rejeitada pela maioria dos anarquistas.²⁵

Assim, de acordo com os autores, de fato, alguns anarquistas participaram das lutas de libertação nacional apenas no intuito de destruírem os poderes dominantes no momento, não criticando, no interior destas e de suas atuações, qualquer crescimento ou formação de nacionalismos ou de políticas excludentes. Muitos militantes e ativistas consideravam uma etapa necessária um tipo de libertação colonial e a formação de seus contornos culturais e políticos para depois a necessidade de sua desconstrução. Esse parece ser o caso das Filipinas e Cuba, estudadas por Benedict Anderson, nos quais o nacionalismo absorveu as demandas e influências socialistas e anarquistas, mas se sobressaindo com potencial emergência, com pouca tensão dos membros desses últimos, não só pelas suas convicções uma vez que existiam frentes antinacionalistas nesses países, mas também pelo tipo de aliança construída ou pelas dificuldades apresentadas diante o processo.²⁶

Portanto, imaginários étnicos poderiam se somar ao caráter revolucionário de correntes políticas como o socialismo e o anarquismo para enfrentarem seus interesses e vice-versa. Esse caráter fez com que as conexões entre anarquismo e nacionalismo fossem intrínsecas desde então e, longe de ser paradoxal, a imaginação nacional, com o passar do tempo, fazia parte da própria construção do transnacionalismo prático desses fenômenos.²⁷

²⁵ HIRSH, Steven; VAN DER WALT, Lucien (Orgs.). *Op.cit.* p.lxiii-lxiv. Tradução nossa.

²⁶ ANDERSON, Benedict. *Op.cit.*

²⁷ É preciso marcar as diferenças entre internacionalismo e transnacionalismo usados em muitas pesquisas de forma indiscriminada. O Internacionalismo se refere aos movimentos, aqui dentro dos

Outro fator para essa tendência é que as ideias anarquistas, devido a sua intensa circulação – como boa parte do socialismo heterodoxo no período - começaram a aparecer e se tornarem comuns nos círculos letrados, onde se misturavam com as ideias republicanas, positivistas, anticlericais e anti-imperialistas, todas essas, em alguma medida, com alguma perspectiva ou mesmo de embate com o ideário nacional. Alguns anarquistas também compartilhavam com estes movimentos uma noção de suposto progresso rumo a uma civilização justa. A tese de vários autores socialistas como Karl Marx, Piotr Kropotkin e Louis Blanc, influenciados pelas concepções hegelianas de que haveria um sentido na história, era apropriada e reinterpretada pelos anarquistas, se justificando entre essas correntes de pensamento – mesmo que outros anarquistas, como Malatesta haviam combatido tal ideia.²⁸ Parece sintomático também, como apresentaremos, a trajetória de alguns personagens como Neno Vasco, intelectual e advogado republicano que, ao ter contato com obras literárias e com o movimento operário aderiu ao anarquismo.²⁹ Benjamim Mota, advogado que se intitulava livre-pensador e anticlerical próximo aos círculos maçons também passou às fileiras anarquistas após sua intensa colaboração com os periódicos libertários da cidade.³⁰ O caso mais interessante talvez seja do militante Florentino de Carvalho, pseudônimo de Primitivo Raymundo Soares, que se tornou anarquista após sua trajetória como oficial

debates socialistas, que consideraram a importância de participação de diferentes grupos em conjunto, nacionais e étnicos, para a construção da sociedade igualitária. Fenômenos transnacionais são aqueles culturais, sociais ou políticos que estabelecem relações como dois ou mais Estados-Nacionais ou com ideários nacionais. Como estamos defendendo naseguite tese, esse intuito não descartou a influência do ideário étnico ou nacional na circulação de ideias e experiências revolucionárias. Em alguns casos, no processo transnacional, ou seja, no trânsito de ideias nacionais, pela imigração ou pela circulação de transcritos, o nacionalismo, por vezes, impregnava os discursos como anarquismo.

²⁸ Existiu uma discussão sobre o sentido de progresso na teoria anarquista. De fato, nos meios socialistas que se proclamavam científicos, como o marxismo, era comum discursarem em torno de um cientificismo, que se autoproclamava resultado do progresso e de um movimento histórico. Piotr Kropotkin, anarquista geógrafo, ao alocar o anarquismo dentro do socialismo científico também criou teorias que colocavam a sociedade anárquica em um horizonte de um suposto progresso do homem e da natureza, embora, como defendam Lucien Van der Walt, era mais flexível e não diretamente relacionado ao funcionalismo econômico. Outros anarquistas, defende Felipe Corrêa, como Malatesta, rebateram quaisquer dessas ideias ao propor o anarquismo como ideologia que depende das vontades e que não estava relacionado necessariamente ao um suposto progresso científico, discurso criado por uma classe social. Ver VAN DER WALT, Lucien. *Global Anarchism and Syndicalism: Theory, History, Resistance. Anarchist Studies*, vol.24, n.1, 2016 e CORRÊA, Felipe. O pensamento político de Errico Malatesta. In: MOARES, Wallace dos Santos; JOURDAN, Camilla (Orgs.). *Teoria política anarquista e libertária*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016. p.189-228.

²⁹ SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009.

³⁰ BRITO, Rose Dayane. *No rastro de Benjamin Mota: a defesa das leis sociais e direitos políticos na Primeira República (SP, 1901-1904)*. Dissertação (Mestre em Direito). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

na Força Pública do Estado e seu contato com a literatura libertária nas bibliotecas da cultura letrada que a própria instituição fomentava no período.³¹

O maior exemplo de uma simbiose entre o anarquismo e outras correntes ideológicas ou mesmo com os ideários nacionais pode ser exemplificado na atuação e construção do grupo e periódico *La Battaglia*, na cidade de São Paulo. Alguns personagens em torno desse órgão, iniciado em 1904 e composto por personagens provindos de diversas regiões italianas, como veremos na presente tese, eram atuantes em vários tipos de mobilizações e puderam organizar ou impulsionar boicotes nos ambientes trabalhistas e subalternos na cidade, defendendo a destruição das condições que consideravam desiguais. Contudo, seu recosto nas uniões de tendências étnicas, com sua própria inserção em ambientes compostos por imigrantes, deixava claras marcas.³² Os redatores do jornal, ao tentarem comparar, por vezes, os processos reivindicatórios dos lugares de origem para sua situação local, anexavam discursos de segregação, julgando a população nativa como passiva, assim como atrofiada ou retrógrada a rede política institucional do Brasil:

Deixemos de lado o proletariado nacional, está ainda em formação e com ele ninguém nunca pode contar. É um rebanho de eleitores a bom preço. Falta a preparação histórica, talvez também o próprio ambiente econômico com o qual possa se formar um proletariado indígena. Temos bons companheiros brasileiros, operários ou profissionais, mas, por favor, não vamos procurar o socialismo, o sindicalismo e o anarquismo nas sociedades operárias indígenas, organizadas com fins políticos, de vulgar política.³³

³¹ SANTOS, Kauan Willian dos. “*Paz entre nós, guerra aos senhores: o internacionalismo anarquista e as articulações políticas e sindicais dos periódicos e grupos Guerra Sociale e A Plebe na segunda década do século XX em São Paulo*”. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos – São Paulo, 2016. p.91-93.

³² É necessário salientar que muitos imigrantes, mesmo os que não vinham com essa identidade nacional definida, devido à unificação tardia, se reconheciam no processo de migração. Ao chegar no país de origem, como nos EUA, ou mesmo no Brasil, a união de grupos com a mesma língua, tanto para se protegerem contra os ataques aos imigrantes nos países que estavam, ou mesmo para a ascensão social em casos onde os industriais de certa nacionalidade apenas contratavam seus conterrâneos, construíam uma forte consciência nacional. É por isso que Benedict Anderson e Nina Glick-Schiller utilizam o conceito de “long-distance nationalism”. Ao contrário do que se possa pensar, para eles as migrações em massa, na realidade, potencializaram o fenômeno do nacionalismo e das “comunidades imaginadas.” Ver ANDERSON, Benedict. *The Spectre of Comparisons: Nationalism, Southeast Asia, and the World*, London: Verso, 1998 e Glick Schiller et all. *Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity, and Nationalism Reconsidered*. New York: 1992.

³³ “Parliamoci chiaro”. *La Battaglia* (São Paulo), 21 de julho de 1912. Citado em BIONDI, Luigi. *Anarquistas italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista 'La Battaglia' e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocêntricos*. *Cadernos AEL: Anarquismo e Anarquistas*, Campinas – São Paulo, v. 5, n.8/9, p. 117-147, 1998.

Para o historiador Luigi Biondi, o grupo havia absorvido, além de sua cultura política explícita, a tradição do republicanismo mazziniano³⁴, com seus ideais do nacionalismo popular provindo do período da unificação italiana.³⁵ Alguns bairros, em São Paulo, por exemplo, possuíam uma presença marcante e até majoritária de imigrantes, que por sua vez, se viam isolados, como boa parte da população, da política institucional, e nesse sentido, tal tendência facilitava os processos de organização política e sindical, em um primeiro momento, embora apresentasse e potencializasse entraves com outros grupos, como os trabalhadores nascidos no país.

Não obstante, se as ligações étnicas e a disseminação de ideias exteriores eram, de fato, inegáveis tendências, esse caráter não cancelou a recepção dessas ideologias por movimentos anteriormente existentes ou por embates entre posições sociais constituídos anos anteriores. O autor Marcelo Badaró Mattos, afirma, no caso específico do Rio de Janeiro, que não foram raros os casos de indivíduos, ligados anteriormente aos movimentos abolicionistas ou também republicanos que se juntaram na construção dos organismos trabalhistas de relevo, inclusive de intenção socialista e revolucionária. Para o autor,

os trabalhadores assalariados, que compartilhavam espaços de trabalho e de vida urbana com os escravizados, atuaram coletiva e organizadamente pela sua libertação, demonstrando que este tipo de solidariedade na luta pela liberdade era parte do arsenal de valores da nova classe em formação. Tipógrafos abolicionistas, tipógrafos republicanos, tipógrafos socialistas. [...] Tais trajetórias e seus cruzamentos foram possíveis porque trabalhadores escravizados e livres partilharam formas de organização e de luta, gerando valores e expectativas comuns, que acabariam tendo uma importância central para momentos posteriores do processo de formação da classe.³⁶

³⁴ Ver BIONDI, Luigi. *Op.cit.*, 1994.

³⁵ Edilene Toledo afirma: “Nos anos 1820, projetos republicanos unificados visando a independência tinham se iniciado nos ambientes de emigração política italiana. Entretanto, foi só a partir da década de 1830 que o ideal de uma unificação italiana a ser obtida através de uma luta popular autêntica, e não mediante conspirações e acordos com príncipes, difundiu-se entre os patriotas de tendência democrática, transformando-se em uma doutrina e programa de ação concretos devido, em grande parte, à obra de Giuseppe Mazzini que, preso em 1830 por participar da Carboneria e por suas ideias democráticas, exilou-se na França”. TOLEDO, Edilene. *Op.cit.*, 2008. p.3.

³⁶ MATTOS, Marcelo Badaró. Trajetórias entre fronteiras: o fim da escravidão e o fazer-se da classe trabalhadora no Rio de Janeiro. *Revista Mundos do Trabalho*, Santa Catarina, vol.1, n. 1, 2009. p. 61-64.

Tais sugestões podem evidenciar que o movimento sindical e suas respectivas orientações políticas não eram exógenos ou estanques da realidade dos movimentos sociais no Brasil. Esse caso, com certeza, estava relacionado com a construção de jornais e grupos anarquistas como *O Amigo do Povo* (1902) em São Paulo, *O Despertar* (1898) no Rio de Janeiro, *A Nova Era* (1906-1907) de Minas Gerais e *A Luta* (1906-1911) do Rio Grande do Sul que aglutinavam imigrantes e brasileiros em suas composições e realizavam esforços de adentrar os movimentos de respaldo popular, pois os redatores desse primeiro defendiam:

Devemos favorecer todas as lutas por liberdades parciais: na luta aprende-se a lutar e quem começa a saborear um pouco de liberdade acaba por querê-la toda. Estejamos sempre com o povo, procuremos ao menos que pretenda alguma coisa e que esse pouco ou muito que queira, o queira conquistar por si mesmo. (...) Contra o governo, que tem exércitos e polícias, não se faz guerra de argumentos, que o não convencem: a luta é toda física, material.(...)³⁷

Esses outros grupos anarquistas, portanto, usavam, como também iremos explicitar, algumas das lutas já existentes no país, suas especificidades, tradições e ideias de pertencimento, mesmo que redimensionadas ou imaginadas, tentando agregar o maior número de pessoas, ao mesmo tempo em que infiltravam e legitimavam sua cultura política no país. Evidentemente, isso teve relação também com os aspectos migratórios e a composição da população, bem como as estratégias e táticas anarquistas em determinadas regiões, processo que exploraremos principalmente na primeira década de disseminação do anarquismo.

Interessante também foram as transformações do anarquismo quando já assentado em boa parte no país, como as observadas no contexto da Primeira Guerra Mundial, que rompeu o transnacionalismo de muitos movimentos ao fechar as fronteiras nacionais. A irrupção da imigração somada à grande migração das áreas rurais para os centros industriais resultaram, nessas cidades, no surgimento de uma ideia de fixação. Para autores como Sheldon Maram, isso significou, mesmo com a continuação da instabilidade na vida dos residentes dos bairros operários, ater-se mais incisivamente à

³⁷ “O que queremos IV”. *O Amigo do Povo* (São Paulo), 7 de junho de 1902.

luta classista em sua região.³⁸ É interessante como os anarquistas, mesmo de origem estrangeira, agora mais íntimos dos grupos libertários nascidos no país, faziam uma campanha visando à união de todos esses, construindo ou alavancando órgãos nacionais a partir de suas existentes redes militantes federalistas.³⁹ Eles também realizavam ações visando agrupar o movimento operário brasileiro fazendo frente aos conflitos nacionais e às classes dirigentes:

Como é interessante tudo isso. Os governos contraem as dívidas? O povo que as pague! Os governantes declaram guerras? O povo que morra! E quando for preciso, que se forneçam também ao governo soldados e policiais para que espingardeiem o povo no dia em que achar que tudo isso vai mal. [...] Como hoje, no dia em que tiverem lugar acontecimentos graves, nós voltamos a dizer que, em vista de a luta ser fatal, inevitavelmente, saiba o povo enfrentá-la por conta própria, afim de conquistar para si *a pátria brasileira*, este rico pedaço do mundo que pode dar pão e felicidade a quantos não odeiam o trabalho. E nesse dia estaremos a seu lado. Ao lado dos politiquinhos e dos comerciantes é que nós, os anarquistas, nunca marcharemos.⁴⁰

É revelador perceber como os próprios anarquistas mobilizavam e instrumentalizavam os imaginários nacionalistas para fazerem frente aos conflitos nacionais. Ao sublinharem “pátria brasileira”, os personagens reconheciam que, no momento, a evocação de uma visão de pertencimento estava crescendo, uma vez que estava nos discursos de intelectuais e até mesmo das campanhas políticas. Ao também destacarem que os reais ganhos dependiam das lutas por conta própria, evocavam e incentivavam a luta unida de cada indivíduo dentro da nação, mas sem o patriotismo, fora do ambiente parlamentar e do lado dos interesses da classe trabalhadora e subalterna, aspecto defendido por sua cultura política. O intuito, portanto, era usar uma imagem de nação para encorpar e garantir um embate efetivo, disputando tal nomenclatura e ideário num corpo socialista. O sucesso da nação e a felicidade dos seus

³⁸ MARAM, Sheldon. *Anarquismo, imigrantes e o movimento operário brasileiro: 1890-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.56-57.

³⁹ Um órgão para coordenar as entidades sindicais já estava em voga desde 1906, a Confederação Operária Brasileira. Nesse período, porém, nasce a primeira tentativa de junção nacional dos grupos políticos anarquistas, a Aliança Anarquista. Analisaremos estes órgãos no capítulo 2 e 3. Para mais ver SANTOS, Kauan Willian dos. *Op.cit.*, 2016.

⁴⁰ Os anarquistas ao povo. *Guerra Sociale (São Paulo)*, 27 de janeiro de 1917. Grifos do periódico.

habitantes, nessa visão, não deveriam ser dados a partir de rivalidades nacionais, de povos explorados contra povos explorados, mas de fazer frente, de forma unida, internacionalmente, mas também nacionalmente contra os supostos causadores dessas calamidades, os governantes, que também estavam ligados, nesse pensamento, a interesses econômicos e políticos. Um ideário nacional, de pertencimento ou de ligação, antes de ser ignorado ou apenas atacado pelos libertários, era usado como uma ponte de liberdade entre a população e os militantes, tática que será acompanhada na segunda e terceira década do século XX pelos agentes libertários, como veremos.

Após uma grande efervescência de movimentos e remodelações da década de 1920, o nacionalismo brasileiro oficial e estatista foi ampliado e fortificado, sendo utilizado em favor dos grupos mais abastados, passando também para o corporativismo da década de 1930. Nesse processo não só o sindicalismo revolucionário (com a presença de muitos anarquistas) foi danificado, como muitos militantes desse instrumento também passaram espontaneamente a apoiar o novo governo.⁴¹ Todavia, outros libertários, mesmo reprimidos, tentavam reconstruir um movimento operário que unia seus objetivos militantes e políticos, como o federalismo e ação direta, a partir de uma densidade e agrupamento nacional. O jornal *A Plebe* dizia:

Urge que os trabalhadores que já tem associações de suas profissões a eles se unam com entusiasmo, comparecendo às suas reuniões e assembleias, tomando parte ativa em todos os trabalhos associativos, e que eles, que ainda estão desorganizados tratem imediatamente de construir as suas sociedades de resistência. [...] Que as organizações de uma mesma localidade se reúnam em federações locais, reunindo-se estas em federações estaduais e todas reunidas, com as federações das uniões de industriais, reconstituir-se a Confederação Operária do Brasil – que há de ser o baluarte poderoso de nossa causa – a causa da redenção dos trabalhadores do domínio odioso da burguesia.⁴²

Além das ações diretamente contra o Estado, os anarquistas se uniam com outros socialistas, como no caso da criação da Frente Única Antifascista (1933-1934), para fazer oposição à ascensão da ideologia totalitária entre a população brasileira.

⁴¹ Ver TOLEDO, Edilene. Do Sindicalismo Revolucionário ao sindicalismo controlado pelo Estado: sindicatos e sindicalistas na cidade de São Paulo entre o fim da Primeira República e os primeiros anos da Era Vargas. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História: Fortaleza, 2009.

⁴² “Mundo operário: A classe trabalhadora do Brasil”. *A Plebe (São Paulo)*, 12 de fevereiro de 1927. p.4.

Interessante notar como, possivelmente, esse tipo de ativismo mostrou a necessidade de uma ação conjunta da esquerda política revolucionária, também em território nacional, rebuscando suas tradições anti-imperialistas, mas necessitando de novos suportes e uma dimensão maior para o combate contra o fascismo.

Através dos indícios apresentados, a presente tese apresenta seu objetivo de estudar as conexões entre o anarquismo, internacionalismo e as diversas imaginações e ideários nacionais na própria construção do anarquismo no Brasil, assim como sua influência no movimento operário e revolucionário entre os anos 1890-1930. De um lado, muitas vezes o discurso internacionalista era usado de maneira apenas discursiva sem a atenção da própria prática em unir diferentes demandas étnicas e suas especificidades no país, fato que era somado às redes transnacionais entre imigrantes de uma mesma nacionalidade, fazendo seus interesses se voltarem mais especificamente ao seu grupo, o que resultava a rápida disseminação da corrente política anarquista em determinada corrente migratória, mas podendo apresentar entraves na totalidade da classe trabalhadora no país. Não obstante, muitas vezes, anarquistas e sindicalistas aproveitavam os próprios imaginários nacionais para alastrarem sua cultura política, unindo essa tendência ao seu internacionalismo prático entre imigrantes de diferentes demandas e brasileiros. Depois disso, tentando construir um movimento operário e revolucionário coeso com as realidades locais, nacionais e internacionalista - mesmo por vezes imaginadas e modeladas – tais agentes impulsionaram o anarquismo e o favoreceram a adentrar nos movimentos sociais e políticos em nossa hipótese. O mesmo acontecia comumente com imaginários classistas – como o internacionalismo, associativismo ou insurrecionalismo – para criarem uma imagem revolucionária dentro de sua ideologia na unidade nacional, assim como legitimarem sua corrente política, ao mesmo tempo também em que usavam e instrumentalizavam textos e pensamentos intelectuais, nacionais e internacionais do período, para tal. Militantes e ativistas anarquistas também desenvolveram suas estratégias e táticas e suas atuações em diferentes esferas – cultural, política e econômica⁴³ – dependendo da região em que se

⁴³ Felipe Corrêa analisa a militância anarquista nas chamadas três esferas – econômica, política e social- já que para eles as dominações provêm dessa rede. Para adentrar esses tipos de poderes e atuações ver CORRÊA, Felipe. *Bandeira Negra: discutindo o anarquismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015. p.177-184.

instalavam, da composição da população, de sua forma de disseminação e enraizamento e da interpretação dos personagens diante dessa realidade.

Os libertários combatiam, de fato, nacionalismos excludentes, defendendo o internacionalismo operário, mas usavam os traços étnicos ou nacionais, sua intelectualidade, por vezes reinterpretada, juntamente com as identidades operárias e classistas, para diluir diferenças e expandir sua cultura política. Embora, como veremos, o processo não foi tão linear. Obviamente, esse jogo também era inverso: paradoxalmente o anarquismo poderia abrir brechas de sentimentos nacionais usados quando o próprio nacionalismo de Estado que, a partir de uma metamorfose violenta e autoritária provinda primeiramente da necessidade de legitimação dos Estados nacionais, se fortificando a partir do período dos conflitos mundiais e tendo seu ápice no Brasil em 1930 com o golpe de Estado de Getúlio Vargas, corroeu e desgastou os correntes socialistas como o anarquismo, cooptando seus vetores sociais como o sindicalismo revolucionário ou levando muitos dos seus militantes ao apoio do novo governo. Não obstante, o internacionalismo anarquista, pregado junto com suas demandas transnacionais, vai apresentar resistências, formas de apropriação e crítica a esse tipo de nacionalismo, que também estão em nossos horizontes na pesquisa.

Anarquismo, internacionalismo e (trans)nacionalismo na historiografia

O anarquismo enquanto tema e objeto de pesquisa já foi comumente abordado pela historiografia brasileira e internacional, principalmente envolvendo os temas do movimento e cultura operária, imigração e mais recentemente sobre as amplas iniciativas educativas que os militantes libertários disseminaram durante suas trajetórias no país. A chamada História Social, principalmente a de matriz inglesa, preocupada com os agentes negligenciados por uma antiga narrativa e almejando compreender as transformações da sociedade, esteve bastante envolta com esse tipo de estudo, apresentando muitas transformações até o presente.⁴⁴ Um novo fôlego nas últimas duas ou três décadas incluiu também o estudo das manifestações políticas das classes subalternas e dos trabalhadores, como o socialismo e o anarquismo, inquirindo sobre as

⁴⁴ Para adentrar à História Social ver HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Cia. das letras, 1998.

biografias dos agentes históricos envolvidos com essas ideologias ou mesmo sob a lente reduzida de suas produções culturais.⁴⁵

A partir disso muitas amarras provenientes das interpretações anteriores, sobre o anarquismo, enviesado por análises ideológicas anteriores⁴⁶, ainda estão sendo desfeitas e necessitam ser problematizadas para entendê-lo. Nesse sentido, preocupados com a “História vista de baixo”⁴⁷, bem como o seu mais recentemente alargamento a partir da “História do trabalho global”⁴⁸, e com as renovações da “História Política”⁴⁹, autores, principalmente após os desdobramentos desses estudos nos anos 1990, puderam investigar o anarquismo com mais densidade, contando com aportes teóricos

⁴⁵ Ver LEAL, Claudia Feierabend. *Anarquismo em verso e prosa: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1999. e SCHMIDT, Benito. *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868 – 1945)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

⁴⁶ Edgard Leuenroth, buscando legitimar a importância do anarquismo na configuração e na construção do movimento operário nas primeiras décadas do século XX, buscou a origem do anseio libertador desde tempos remotos que supostamente estaria na essência dos homens e das sociedades. Para o autor, o anarquismo seria uma dinâmica social presente nas lutas contra todas as manifestações de tirania. Essa visão marcou por muito tempo muitas narrativas que provinham de simpatizantes do anarquismo, como Max Nettlau, autor austríaco, que relacionou o desenvolvimento do ideal anarquista com as reivindicações humanas que aspiravam pela liberdade durante a história. Astrojildo Pereira, outro personagem ativo durante os anos que interessam a esta pesquisa, que passou de militante e redator anarquista para as fileiras de orientação comunista, apresentou outro discurso em sua análise e dividiu o movimento operário em duas fases. A primeira, supostamente inconsciente e falha, marcada pela atuação dos anarquistas, e outra, que, na visão deste, foi consequência do amadurecimento político dentro da esquerda, que resultou no nascimento do Partido Comunista no Brasil. Nesse sentido, enquanto o partido trouxe um marco para a atuação dos militantes progressistas dentro da política nacional, contendo um projeto de sociedade seguro, o anarquismo seria um movimento prematuro, com a ausência de alianças concretas e com um projeto falho para o futuro dos trabalhadores. Como é possível observar, Pereira também reproduz um discurso político pautado na visão de militantes e líderes comunistas como Lenin, que atribuía ao anarquismo um caráter de ideologia pequeno-burguesa e individualista. Podemos constatar que embora tais pesquisas sejam consideradas pioneiras, elas sofrem forte influência da memória de seus autores, bem como a falta de distanciamento destes com seu objeto de análise, resultando em considerações e conclusões muito próximas às suas visões de mundo e aos seus interesses políticos. Ver LEUENROTH, Edgar. *Anarquismo – roteiro da libertação social: antologia da doutrina, crítica, história, informações*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963, PEREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB (1922-1924)*. São Paulo: ed. Ciências Humanas, 1980, LENIN, Vladimir. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2007 e NETTLAU, Max. *Historia da Anarquia: das origens ao anarco-comunismo*. São Paulo: Hedra, 2008.

⁴⁷ Para adentrar a história vista de baixo ver HOBBSAM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Cia. das letras, 1998. p.280-300.

⁴⁸ Marcel van der Linden apresenta a “História do trabalho global” como uma “área de interesse” crescente, que visa interpretar a história do capitalismo e dos trabalhadores a partir de conexões e o alargamento de limites cronológicos, conceituais e de espaço. LINDEN, Marcel Van der. *Trabalhadores do Mundo: Ensaio para uma história global do trabalho*. Campinas – São Paulo, Editora da Unicamp, 2013.

⁴⁹ Para adentrar a História política renovada ver RÉMOND, René (Org). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1996.

consistentes e também com descobertas e apontamentos de documentos não avaliados anteriormente.

Uma das principais obras que sintetizam essa tendência foi apresentada pelos autores Lucien Van der Walt e Steven Hirsch em *Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Postcolonial World, 1870-1940: The praxis of national liberation, internationalism and social revolution* no qual apresentam, em conjunto com autores e pesquisadores de diversos países, uma pesquisa empírica do anarquismo em âmbito internacional contendo documentos e informações de diversas organizações, jornais e indivíduos, bem como estudos e compilações anteriores - comparando-os de forma global e reavaliando o papel dessa corrente política nos espaços sindicais e políticos. Dessa forma, foi possível observar práticas mais usuais e hegemônicas entre os grupos, a partir de uma comparação internacional, mas também especificidades, quando contrastados com propostas e experiências minoritárias, incluindo a relação do anarquismo e a diáspora de seus militantes, bem como a mudança e permanência de suas estratégias e táticas entre diversos países nesse processo. A partir de tais estudos, esses autores apresentaram inúmeras formas de lutas que os anarquistas configuraram, mas que talvez foram ofuscadas por análises anteriores - como a relação entre anarquismo, imigração, internacionalismo, nacionalismo e as lutas anticolonialistas e anti-imperialistas.⁵⁰

Adentrando a questão do anarquismo e suas relações transnacionais, Davide Turcato, em seu artigo intitulado *Italian anarchism as a transnational movement, 1885-1915*, analisou a diáspora dos militantes anarquistas italianos ao redor do globo e como a cultura de suas regiões criou uma simbiose com o anarquismo fornecendo novas táticas e estratégias que foram espalhadas em diversas regiões como os Estados Unidos, Argentina, Uruguai e Brasil. Estas, por suas vezes, foram redimensionadas com seus estabelecimentos nessas regiões, que apresentavam novos dilemas e experiências, processo que influenciou o próprio anarquismo na Itália quando estes militantes e ativistas voltavam ao seu país de origem.⁵¹

Outra obra essencial foi *Sob três bandeiras: anarquismo e imaginação anti-colonial*, de Benedict Anderson, que revela como diversos militantes e intelectuais, nas lutas de libertação nacional, não só espalhavam suas estratégias e interesses de forma

⁵⁰ HIRSCH, Steven; VAN DER WALT, Lucien (Orgs.). *Op.cit.*,

⁵¹ TURCATO, Davide. *Italian Anarchism as a Transnational Movement, 1885–1915*. Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis, v.52, p. 407–444, 2007.

pura, mas, na realidade, personagens que conheciam tais pensamentos poderiam misturar a ideologia anarquista internacionalista e sua experiência transnacional aos nascentes nacionalismos nessas unidades em que atuavam, principalmente nas regiões das lutas anticoloniais, onde as ações revolucionárias do anarquismo e seu interesse pela libertação de minorias étnicas se chocavam com o anseio de personagens pela libertação nacional.⁵²

No Brasil, influenciados também pela História vista de baixo, perspectiva parecida foi apresentada na obra *Travessias Revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890 – 1945)* de Edilene Toledo, na tese de láurea *La stampa anarchica in Brasile: 1904-1915* e na obra *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*, ambas de Luigi Biondi. Os autores evidenciam, a partir de uma análise densa através de periódicos, biografias, trajetórias e fontes policiais, as conexões entre São Paulo e Itália na confecção do sindicalismo revolucionário, anarquismo e socialismo, respectivamente. Como defendem os estudiosos, essas culturas políticas, muitas vezes, levaram tradições militantes oriundas de seus países que seriam adaptadas no processo de imigração, tentando construir pontes entre seu lugar de origem e a nova realidade local. Esse transnacionalismo, somado a uma meta internacionalista, garantiu a eficácia em diversos tipos de resistência, pois, além do repúdio à política vigente do país, objetivava-se a junção de seus grupos étnicos às tradições e grupos militantes existentes, construindo um movimento operário e revolucionário.⁵³ Porém, como evidencia Toledo, a conexão existente de alguns personagens ao caráter ainda italiano, mesmo adaptado, no período da Primeira Guerra Mundial, resultou na procura de novos movimentos, carregados inevitavelmente aos nacionalismos radicais e violentos, e, nesse processo, podemos acompanhar a trajetória de militantes sindicalistas ao fascismo.⁵⁴

Inspirado na bibliografia nacional e internacional, na minha dissertação de mestrado intitulada *Paz entre nós, guerra aos senhores:” o internacionalismo anarquista e as articulações políticas e sindicais dos periódicos e grupos Guerra Sociale e A Plebe na segunda década do século XX em São Paulo*, concluí que as

52 ANDERSON, Benedict. *Op.cit.*, 2005.

53 Ver BIONDI, Luigi. *Op.cit.*, 1994;_____. *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas- São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.. e TOLEDO, Edilene. *Travessias Revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890 – 1945)*. Campinas: Unicamp, 2004.

54 Ver TOLEDO, Edilene. *Op.cit.*, 2004. p.335-382.

transformações do nacionalismo e do transnacionalismo não se deram, para muitos militantes anarquistas, apenas visando imaginários nacionais dos países estrangeiros.⁵⁵ Embora nenhum dos nossos personagens ou grupos analisados participaram de qualquer processo de libertação nacional, houve, nesse período, uma a forte busca de unidade nacional para combater o avanço dos conflitos nacionais, contidos nos jornais *Guerra Sociale* e *A Plebe*. Tais grupos rebuscaram na cultura política anarquista, com sua cultura militante enraizada na cidade, elementos que visavam conter o militarismo e o patriotismo que estava emergindo a partir de discursos oficiais e intelectuais. Eles disputavam essa imaginação nacional que estava crescendo entre a população para criar um discurso, e muitas vezes prática, de unidade nacional radical do movimento operário e internacionalista que lutaria contra as classes dirigentes do país e, ao mesmo tempo, do globo, além de tentarem dissociar o nacionalismo do racismo.⁵⁶

Essa também foi uma das perspectivas adotadas pela tese de Tiago Oliveira intitulada *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*, no qual o autor, a partir da análise de periódicos e grupos anarquistas espalhados em todo o país e transcendendo o período considerado como declínio do anarquismo, pôde comparar suas ações e seu grau de inserção no movimento operário e revolucionário, perspectiva que garantiu o enfrentamento de teses já estabelecidas e consagradas, principalmente entre a relação de anarquismo e sindicalismo revolucionário.⁵⁷ O historiador ainda aponta reuniões e congressos operários, inclusive na década de 1930, em que os anarquistas disputavam os ambientes classistas e difundiam sua propaganda entre os grupos marginalizados, fato que se deu em cidades de todo o Brasil, negligenciadas anteriormente.

Alargando o tema para a sociologia, outro interessante estudo é a tese de Clayton Peron Franco de Godoy em *Ação Direta: transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo (1892-1908)*. O autor analisa os primeiros contatos do anarquismo na cidade estudada a partir de várias investigações que destacam as relações transnacionais, bem como a ação de agentes, como militantes e imigrantes para tal. O argumento principal da pesquisa é revelar com primazia que as opções estratégias do anarquismo e as condições de seu enraizamento

55 SANTOS, Kauan Willian dos. *Op.cit.*, 2016.

56 “O que os anarquistas querem”. *Guerra Sociale*, 30 de dezembro de 1916. p.1

57 OLIVEIRA, Tiago. *Anarquismos, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

só são entendidas quando se considera o contexto político social do país e de tal região bem como as ligações e a formação do anarquismo transnacional.⁵⁸

Referencial teórico

A partir da experiência e resultados dessas pesquisas achamos necessário instrumentalizar alguns referenciais teóricos específicos para efetivarmos nossa investigação. Consideramos primeiramente as concepções teórico-metodológicas provindas da História Social. O historiador Eric Hobsbawm afirmou que tal corrente historiográfica, pelo seu caráter de fundação e desenvolvimento não pode negligenciar nenhum aspecto - seja cultural, social, econômico e político na análise de seu objeto, não esquecendo que todos esses aspectos são resultados de relações materiais dialéticas. Dentro desse ramo, na pesquisa, nos colocamos dentro da história de baixo para cima, aquela que privilegia os personagens antes negligenciados por uma narrativa oficial, uma vez que os anarquistas se situam dentro da classe trabalhadora e grupos subalternos e foram ofuscados anteriormente pela própria repressão do Estado e das classes dominantes que almejavam destruí-los e miná-los.⁵⁹ Ainda assim, vemos esses personagens, seus discursos, pensamentos e ações como resultado de condições materiais que também criaram e adaptaram tradições e culturas, assim como os seus respectivos imaginários que estão sendo investigados.

Um dos alongamentos dessa corrente historiográfica que consideramos é a micro-história italiana, aquela que examina processos históricos a partir de um acontecimento ou na trajetória de um personagem usando uma análise densa dos fragmentos e indícios para montar esse relato. O historiador Giovanni Levi defende que a proposta de redução na escala de observação necessita não só estar preocupada em esclarecer brechas deixadas pelas análises estruturais e conjunturais ou “compreender o que à primeira vista parece inexplicável e desconcertante”⁶⁰, mas também complexificar tais análises e enredos históricos construídos anteriormente. Não obstante, essa narrativa deve ter cautela em não se apropriar dos exemplos minoritários e transformá-los em

58 GODOY, Clayton Peron. *Ação Direta: transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo (1892-1908)*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, 2013.

59 Ver HOBBSAWM, Eric. Da história social à história da sociedade; a História de baixo para cima. In:.. Op.cit., 1998. p.106-135; 280-300.

60 LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.175.

generalizações, ou ocultar e negligenciar possíveis experiências.⁶¹ Na verdade, para Jacques Revel, “a abordagem micro-histórica [...] afirma em princípio que a escolha de uma escala particular de observação produz efeitos de conhecimento, e pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimento.”⁶² Não estamos analisando um fenômeno micro-histórico em particular, porém utilizamos o jogo de escalas, entre relações e trajetórias individuais, de grupos ou casos particulares em contraste com dimensões maiores, entre instituições ou condicionamentos sócio-econômicos e políticos de maior duração, no intuito de formular e responder questões e hipóteses que nos interessam na presente pesquisa.

Para tal também compartilhamos as preposições de Marcel Van der Linden quando evidencia o estudo das experiências classistas bem como suas manifestações ideológicas e políticas, em uma perspectiva que ultrapasse fronteiras locais e nacionais.⁶³ Entendemos a construção dos grupos, indivíduos e suas práticas discursivas e materiais, que visamos estudar, intimamente relacionada com a circulação de ideias e experiências entre cidades e países no período, impulsionados principalmente pelas migrações. Não obstante, para esse exame, o autor faz considerações para tentarmos barrar o nacionalismo metodológico e o eurocentrismo analítico.⁶⁴ De acordo com essa visão, muitas pesquisas, mesmo olhando para outras fronteiras, continuaram dando prioridade ao estudo nos países de capitalismo avançado, principalmente no desenvolvimento Europeu e quando muito, sobre esse viés, projetavam a história do

61 LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 133-161.

62 REVEL, Jacques. Microanálise e construção social. In: _____ (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.20.

63 Ver LINDEN, Marcel Van der. -História do Trabalho: O Velho, o Novo e o Global. In: *Revista Mundos do Trabalho*, v.1, n.1. 2009.

64 Sobre esse processo que uniu esses conceitos da História do Trabalho, Van der Linden nos mostra: -O campo de estudos emergente de história do trabalho na Europa do século XIX e, pouco depois, na América do Norte, foi caracterizado, de início, por uma combinação de nacionalismo metodológico – a invenção deste conceito é, até onde sei, devida a Anthony D. Smith “e eurocentrismo; uma combinação que apenas recentemente tornou-se um tema para debate. O nacionalismo metodológico funde sociedade e Estado e, conseqüentemente, considera os diferentes Estados nacionais como espécies de “mônadas leibnizianas” para a pesquisa histórica. O eurocentrismo “é a ordenação mental do mundo do ponto de vista da região do Atlântico norte: sob este ponto de vista, o período moderno tem início na Europa e na América do Norte e se estende, aos poucos, para o restante do mundo; a temporalidade desta região central determina a periodização dos desenvolvimentos do restante do mundo.” Historiadores reconstruíram a história das classes trabalhadoras e dos movimentos operários na França, Grã-Bretanha, Estados Unidos etc. como desenvolvimentos separados. À medida que passaram a prestar atenção às classes e movimentos sociais na América Latina, África ou Ásia, estes foram interpretados de acordo com as perspectivas do Atlântico Norte. Idem. p.15.

capitalismo, em outras regiões fora desse eixo, como resposta natural e evolutiva do processo visto no Atlântico Norte. Assim,

o mundo europeu civilizado foi visto como um conjunto de povos que se desenvolveram mais ou menos na mesma direção, ainda que cada qual em um ritmo diferente. Uma nova nação foi vista como mais avançada que a outra, e é por isso que as nações mais atrasadas poderiam ver o futuro, em maior ou menor medida, refletido nas nações avançadas.⁶⁵

Para o autor essa concepção começou a ser enfraquecida quando autores de outros países fora do Atlântico Norte, como no Brasil e na África do Sul, incorporando os debates da Nova História do Trabalho, mas deixando suas impressões e considerações sobre os casos particulares do movimento operário ou da escravidão, impulsionaram o desgaste do eurocentrismo analítico. Da mesma maneira, em nossa investigação, mesmo com a clara influência europeia a partir da imigração e da circulação de comportamentos e ideias, demos importância também para a experiência e condicionamentos materiais das regiões e do país que temos como recorte, ressaltando, assim, também a formação típica do capitalismo e de suas resistências fora de eixos usuais.

Ao focarmos nas relações transnacionais e na recusa do eurocentrismo, estamos advertidos também pelo historiador Robert Sean Purdy quando alerta que o estudo das relações entre nações e a circularidade de pessoas e ideias deve levar em consideração a construção dialética do Estado nacional e sua influência e peso na história contemporânea. O autor defende que devido ao fato de alguns estudos transnacionais serem feitos por estudos pós-coloniais não materialistas ou críticos do marxismo, aconteceu uma relativização do peso de contextos históricos, negando também a comparação e a influência da fronteira nacional substituindo a inteiramente pela local. Ao fazerem isso, para o autor, correm o risco de subestimar as localidades concentradas de poder de classe, gênero e nação.⁶⁶ Assim, estaremos preocupados com a própria construção das fronteiras nacionais, seus motivos e formas relacionais, que se tornaram um peso evidente nas necessidades e ações dos personagens analisados.

65 Idem. p.15.

66 PURDY, Sean. A História Comparada e o Desafio da Transnacionalidade. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 64-84, 2012. p.66.

Imprensa, periódicos e metodologia

Na presente tese trabalhamos com um conjunto variado de fontes como fichas policiais, memórias, literatura e dados estatísticos do período. Ainda assim é importante adiantar que a maioria dos documentos analisados foram produzidos pela própria rede militante e ativista do período, que era também o principal meio de divulgação política: os periódicos, jornais e opúsculos anarquistas e sindicalistas, o que torna necessária uma reflexão acerca desse material e metodologia de pesquisa.

A historiadora Tânia de Luca afirma que embora a variedade da fonte imprensa é enorme e as suas possibilidades de pesquisa são amplas e variadas⁶⁷ é cabível refletir sobre os avanços historiográficos desde os *Annales*, ao romper com certa tradição positivista que considerava as notícias de grandes mídias periódicas como fatos a serem trabalhados sem a problematização da própria confecção discursiva desse item. Mas, além disso, a perspectiva da terceira geração dos *Annales*, as renovações da História Política - enxergando as articulações e condicionamentos culturais e sociais como construtores e mediadores da política- e das reflexões dos historiadores marxistas britânicos a partir da Nova História do Trabalho- ao considerar as manifestações, além dos ambientes estritamente políticos, como ambientes geradores das culturas e consciência de classe - deram suportes e considerações importantes para as pesquisas, transformando a imprensa como objeto e fonte de pesquisa a ser analisado, o que aconteceu no Brasil a partir dos anos 1970 e com mais potência a partir da década de 1990. Levando em consideração tal avanço e pesquisas, para a autora, é necessário primeiramente analisar a materialidade do impresso, desde suas colunas, usos de imagens e fontes, que revelam práticas diversas de leituras. Após isso é de suma importância contextualizar o periódico, levando em consideração seu lugar, resultado e intenção num meio social, cultural e político. Para tal é importante também examinar seu grupo editor, considerando sua classe social, sua ideologia política, seus condicionamentos e motivos para a escrita e intenção, consciente ou não, daquilo que está sendo tencionado para seus leitores. Por último, é importante, mesmo sendo a tarefa mais difícil, analisar a circulação, tendo em vista o grupo alvo da edição, assim como se é possível analisar sua tiragem ou outras fontes que nos dão indícios sobre sua

67 LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. p.141.

reprodução e recepção, mesmo quando essa fonte não é objeto, já que existem temas que são analisados majoritariamente por meio de periódicos, como é o caso analisado.

Na presente tese trabalhamos com periódicos produzidos em diferentes contextos, embora de uma família política particular, que envolve desde o final do século XIX até os anos de 1937, o que faz com que diferentes maneiras e estratégias políticas ou de comunicação gravitassem nas fontes. As regiões que elas foram produzidas, majoritariamente do sudeste, mas muito do sul, e também do nordeste, e até do norte do país, imbricam a cultura política anarquista com sua adaptação em cada região, dependendo das condições socioculturais daquelas cidades assim como suas tradições políticas – que variavam fortemente no Brasil, assim com a intenção de cada grupo editor diante disso. Por isso foi necessário analisar dados do perfil da população e do fluxo imigrante e migrante de cada região onde os periódicos foram confeccionados, assim como cada contexto político. Também consideramos as formas materiais dos periódicos, sua forma de distribuição e seu respaldo em outras fontes, para depois desmembrar seus discursos, avaliando suas colunas que abordavam, direta e indiretamente, o internacionalismo e imaginários nacionais. Existem casos que informações sobre os grupos em torno do periódico e sua circularidade são escassas, já que alguns possuem poucos números disponíveis para consulta, o que nos fez trabalhar com essa fonte como um conjunto que acompanha algum fluxo temporal, regional, estratégico ou tático da cultura política anarquista ou sindicalista.

Como adiantado anteriormente para essa efetivação de grande contribuição foram as pesquisas micro-históricas, revelando o jogo de escalas na prática dos objetos e fontes, nos conduzindo, assim, para a efetivação da pesquisa. Para Levi, a inter-relação na investigação e na própria narrativa dos acontecimentos de pequena escala com estruturas e condicionamentos, a descrição densa, usada muitas vezes adiante, serve, portanto, para registrar por escrito uma série de acontecimentos ou fatos significativos que de outra forma seriam imperceptíveis, mas que podem ser interpretados por sua inserção no contexto, ou seja, no fluxo do discurso social,⁶⁸ o que foi tentado, de certa maneira, na pesquisa.

A escolha de periódicos, além de serem a fonte documental majoritária dos discursos e práticas políticas dos anarquistas no país, também tem outra função. Se

68 LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

Benedict Anderson estiver correto ao afirmar que os imaginários nacionais e os Estados nacionais nasceram, além de outros fatores, da ascensão do capitalismo editorial e que os jornais, ao serem mais reproduzidos que os livros e ao apresentarem, mesmo inconscientemente, uma regularização das línguas nacionais em amplitude e ao homogeneizar aspectos culturais nacionais modelados⁶⁹. São neles que encontraremos as possíveis conexões entre os projetos políticos anarquistas e sindicalistas somados à mecânica de reprodução dos nacionalismos, do anti-imperialismo e de imaginações nacionais.

Organização da tese e a apresentação de seu conteúdo

A apresentação da investigação escrita está dividida em cinco capítulos explicados pelas transformações de tendências anarquistas e maneiras de sua inserção no tempo durante o período analisado, o que pode se relacionar tanto com mudanças estratégicas dos anarquistas como primeiro fator, mas também com condicionamentos sociais e políticos que flexionaram ou tensionaram maneiras de atuações ou performances do anarquismo e sua relação com suas posturas internacionalistas e discursos contendo imaginações nacionais e étnicas.

O primeiro capítulo, dessa maneira, intitulado “Entre a terra natal e a bandeira negra: imigração, etnicidade e o desenvolvimento de ideias, experiências e itinerários na recepção do anarquismo no Brasil (1890-1906)”, revela o processo de adaptação do anarquismo em sua primeira experiência e contato no país, a partir de casos que demonstram tendências hegemônicas. Nesse sentido, refleti em trajetórias e itinerários de agentes e grupos anarquistas que correspondessem a essa primeira impressão do anarquismo no Brasil. Refletimos rapidamente sobre experiências comunalistas iniciadas na década de 1890, mas principalmente no seio da construção do movimento operário, que o anarquismo encontrou seu principal laboratório de construção, onde nos detemos.

Nesse processo, as relações criadas com o fim da abolição da escravidão, da formulação da República e com as migrações em massa desenvolveram fenômenos que deram particularidades no país, com nuances em algumas regiões e estados. É aprofundada a relação do anarquismo com discursos étnicos, da sincronia com o movimento operário anterior à construção da ideologia socialista libertária no país, a

69 Ver ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Editora Ática, São Paulo: 1989. p.46-57.

difusão desta com imigrantes e a população nativa, assim como seus principais dilemas e propostas estratégicas e táticas. Nesse momento também foi investigado o choque e a circularidade de ideias anarquistas com outras experiências e propostas, muitas vezes heterodoxas e até antagônicas com a corrente libertária, como o republicanismo, o abolicionismo, o socialismo e o etnocentrismo.

No segundo capítulo, “Bem unidos façamos, nesta luta afinal: penetração do anarquismo e a disseminação da estratégia do sindicalismo revolucionário e de táticas na formulação de seu classismo nacional e do internacionalismo libertário (1906-1913)”, foi analisado o processo de aprofundamento e refinamento das propostas internacionalistas na cultura política anarquista no Brasil, o que aconteceu no mesmo processo de legitimação e inserção dos libertários no movimento operário e na conformação de seu classismo. Esse processo começou com a construção de importantes organismos para os trabalhadores do período como a Confederação Operária Brasileira em 1906, na qual anarquistas estavam envolvidos, ou em periódicos com maior respaldo entre precarizados e trabalhadores, principalmente no sudeste e sul do país. Também é aprofundado o contato do anarquismo com o anticlericalismo, o racionalismo, o educacionismo e o sindicalismo, que darão contornos em seus discursos e intenções internacionalistas ou imaginários nacionais.

No segundo capítulo, “Guerra à guerra: o ideário nacional e o internacionalismo nos contornos da militância política e sindical dos anarquistas diante da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Russa (1913-1922)” adentramos as modificações do anarquismo em meio a dois processos que causaram transformações e impasses ao anarquismo no país, bem como no resto do mundo, que tem íntima relação com suas propostas internacionalistas ou mesmo com a tentativa de afirmação da unidade nacional dos vetores libertários no país começada no período anterior. O primeiro processo, a Primeira Guerra Mundial, reafirmou posturas anti-imperialistas que anarquistas em outras partes do mundo geraram anteriormente, além de reformular muitos desses preceitos, dando potência teórica aos anarquistas, ao mesmo tempo no momento que passavam por uma crise do movimento operário devido à inflação da Grande Guerra, assim como a repressão sistemática das autoridades aos militantes e ativistas libertários. Propostas anarquistas internacionais levando em consideração esse debate, como o dualismo organizacional, foram debatidas e praticadas em certo sentido por anarquistas, assim como diversas táticas sindicais que construíram eventos insurrecionais de grande relevo no movimento operário, incluindo a Greve Geral de

1917 e outros atos e paralisações de massas entre 1917 e 1920, que foram também potencializadas pela Revolução Russa, que anarquistas tentavam instrumentalizar em suas ações – segundo evento de grande peso para as reformulações da cultura política socialista libertária.

No penúltimo capítulo, intitulado “A nação em efervescência: nacionalismo, internacionalismo e revolução no contexto de disputa acirrada ao sindicalismo e da ascensão de outros agentes e movimentos sociais e políticos (1922-1930)”, foi analisado o processo de reformulação do anarquismo diante de um contexto bastante difícil para os militantes e ativistas libertários no país, primeiramente devido à crítica ao processo de estabelecimento do governo soviético e seu endurecimento, e a consequente disputa com marxistas, o que tem início já no início da década de 1920 com o Terceiro Congresso Operário Brasileiro. Anarquistas tiveram que reavaliar seu internacionalismo e sua inserção nacional diante disso e também com uma forte onda de repressão após as manifestações e insurreições intensas anos antes. Um tipo de patriotismo e nacionalismo, assim como movimentos sociais da classe média e movimentos com presença de comunistas tiveram que entrar no debate de anarquistas em uma fase de queda de sua inserção no país. Anarquistas também respondiam com adaptações consideráveis em suas formas de inserção no nível cultural, como na literatura nacional, fato que foi analisado nesse capítulo.

Em “A nação sublinhada: anarquistas frente ao fascismo internacional, ao corporativismo sindical e ao nacionalismo de Estado (1930-1937)”, analisamos primeiramente como os anarquistas brasileiros lidaram com o surgimento do fascismo no mundo e no país, tentando mobilizar suas redes étnicas e transnacionais, assim como sua inserção com grupos socialistas e com o movimento operário, apesar da intensa repressão e de seus concorrentes entre os trabalhadores como o sindicalismo comunista, reformista e corporativista estarem em ascensão. Nesse sentido, adentraremos como o sindicalismo revolucionário tentou se adaptar a esse ínterim e ao crescente nacionalismo de Estado, potencializado com a era Vargas e que tentava mudar as relações de trabalho, trazendo uma mudança abrupta sobre a visão e forma de inserção nacional e local que anarquistas e sindicalistas deveriam ter. Por último, nesse capítulo, analisamos como a resistência e os embates na esfera cultural, como a retomada do anticlericalismo, ligando-o com o antifascismo e contra o corporativismo, também foram importantes para uma sobrevivência mínima do anarquismo e do sindicalismo revolucionário no país.

Terminamos com uma conclusão a partir de um apontamento bibliográfico sobre os significados do nacionalismo para o socialismo, e como o anarquismo no Brasil se encaixa com o problema. Após isso, apresentamos ainda um epílogo, onde fizemos uma pequena reflexão sobre o tempo presente, o que justifica também a presente pesquisa.

CAPÍTULO I

Entre a terra natal e a bandeira negra: imigração, etnicidade e o desenvolvimento de ideias, experiências e itinerários na recepção do anarquismo no Brasil (1890-1906)

I-I. A hidra negra ganha mais cabeças: recepção e circulação do anarquismo na década de 1890 e a busca pelo “progresso” no país que “a ideia anárquica tem razão de ser”

Sopra um vento de revolta em todos os lugares. A revolta é aqui a expressão de uma ideia, lá o resultado de uma necessidade; com mais frequência ela é a consequência de uma mistura de necessidades e de ideias que se engendram e se reforçam umas às outras. Ela se desencadeia contra a causa dos males ou a ataca de modo indireto, ela é consciente e instintiva, humana ou brutal, generosa ou muito egoísta, mas de qualquer modo, é a cada dia maior e se amplia incessantemente.⁷⁰ (Errico Malatesta)

O anarquismo italiano foi uma Hidra de muitas cabeças, não uma Fênix que morreu e renasceu como nova.⁷¹ (Davide Turcato)

Ao estudar a diáspora dos militantes anarquistas italianos, o pesquisador Davide Turcato comparou tal processo com uma hidra de muitas cabeças.⁷² Turcato refuta outros autores que veem no anarquismo uma ausência de continuidade ideológica por, na maioria das vezes, não apresentar um agrupamento político *stricto senso* através de um partido. O autor também destaca que o anarquismo foi um projeto político extensamente difundido uma vez que se alastrou intensamente ao ser adaptado a diversas realidades enquanto conservava os aspectos ideológicos dos seus difusores. Esse caráter, garantiu o sucesso desta ideologia durante o período de efervescência e formulação das fronteiras nacionais. Diferente de uma fênix que precisa morrer completamente para renascer, o anarquismo, ao atravessar fronteiras e enfrentar obstáculos, assim como na mitologia da Hidra de Lerna, ganhava mais cabeças com o passar do tempo, ficando mais forte. Não obstante, novas cabeças também podem significar mais características e particularidades internas.

O anarquismo no Brasil veio de diversas fontes, algumas mais fortes e influentes do que outras. As ideias socialistas libertárias encabeçadas aqui também se apresentavam de diferentes formas, juntando particularidades antigas, por vezes reinterpretadas, a outras novas. Os pensamentos anarquistas também precisavam se

70 MALATESTA, Errico. *Escritos revolucionários*. São Paulo: Imaginário, 2008. p. 81.

71 TURCATO, Davide. Italian Anarchism as a Transnational Movement, 1885–1915. *Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis*, vol.52, p. 407–444, 2007. p. 3. Tradução nossa.

72 O autor se inspirou no trabalho de Markus Rediker e Peter Linebaugh no qual os autores comparam a formação do capitalismo e dos grupos resistentes a esse processo no Atlântico com o mito da Hidra de Hércules. Ver LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. *A Hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

justificar, mesmo ao se oporem aos movimentos intelectuais do período, assim como garantir bases e formas de serem difundidos entre a classe trabalhadora e os grupos subalternos. São tais características que analisaremos nesse tópico e que serão essenciais para examinarmos a conexão e os embates dos anarquistas ao internacionalismo e aos imaginários nacionais, assim como o desenvolvimento da ideologia libertária posteriormente.

Mais complexas e difusas do que muitas vezes é afirmado, as ideias libertárias no Brasil apareceram aqui antes mesmo da sistematização política do anarquismo na Primeira Internacional. Os escritos de Pierre-Joseph Proudhon, substancial para grande parte dos mutualistas, influente na Comuna de Paris e referência à construção do anarquismo⁷³ já apareceriam no país na década de 1870 nos escritos de abolicionistas. A historiadora Maria Helena Machado nos informa que um dos militantes dessa causa

utilizando-se do pseudônimo de Proudhomme e talvez inspirado no famoso slogan de Proudhon, O que é a propriedade? A propriedade é um roubo – Patrocínio cunhava seu próprio dístico: A escravidão é um roubo. Todo dono de escravo é um ladrão.⁷⁴

Embora a autora nos lembre que o abolicionismo era disputado por diversas correntes políticas, o estudo mostra como as propostas libertárias já eram usadas, adaptadas e transformadas pelos movimentos oriundos do país. Tais pensamentos também chegaram antes da imigração de massas, sendo trazidas por intelectuais sem um projeto claro e se espalhavam por vezes sem uma conexão com outros anarquistas no resto do globo.

Ainda assim é, de fato, com o fenômeno da imigração em massa que foi potencializada a vinda de práticas e concepções libertárias, bem como do anarquismo. O primeiro caso mais notável em terras brasileiras foi a criação da Colônia Cecília no estado do Paraná em 1890.⁷⁵ O projeto de Giovanni Rossi buscava colocar em prática e

73 Para acompanhar a influência das ideias de Proudhon na Comuna de Paris e na Primeira Internacional ver SAMIS, Alexandre. *Negras Tormentas: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011.

74 MACHADO, Maria Helena. *O Plano e o Pânico: os movimentos sociais na década da Abolição*. Rio de Janeiro: Edusp/ UFRJ, 1994. p.163.

75 Isabelle Felici afirma que a Colônia Cecília é o aspecto mais conhecido do anarquismo italiano no Brasil e sua primeira manifestação. Todavia, existem muitas impressões falsas sobre essa experiência, uma vez que a imagem da Cecília, que transparece nas obras sobre o anarquismo e nas obras de ficção que lhe foram consagradas, deve-se mais à lenda do que à realidade. FELICI, Isabelle. *A verdadeira*

em experimento o estilo de vida comunitário e autogerido defendido no mundo vindouro pregado pelos anarquistas. Apesar disso, a proposta se apresentava completamente marginal aos interesses do anarquismo e a maior parte das discussões internacionais. Para alguns dos mais influentes anarquistas, como Errico Malatesta, era impossível isolar-se da realidade e, além de uma proposta de autogestão, era necessário criar formas de combate às classes dominantes e às formas de dominação. Discutindo sobre a emigração e outras formas de suposto escape como esse, o militante afirmou:

O dever dos revolucionários é o de fazer todo esforço para fazer compreender aos miseráveis que a miséria existe lá como aqui, e que o remédio, se querem, podem encontrá-lo ficando onde estão e rebelando-se contra o governo e contra os patrões para tomar de volta aquilo que eles mesmos produziram.⁷⁶

Além do problema da luta de classes, essencial na visão de muitos anarquistas, a experiência de Rossi e seu grupo não apresentou uma integração efetiva. Para Isabelle Felici, a colônia, embora almejasse se expandir, ficou restrita a maior parte do tempo aos imigrantes estabelecidos dentro da experiência, em sua maioria italianos.⁷⁷ Pareceu, assim, que ficou isolada da realidade brasileira, fornecendo as primeiras pistas, portanto, de que a perspectiva que unia a realidade local com as metas internacionais não era clara a todos os aderentes do anarquismo ou dos ideais libertários e, bem como a outros pontos, deveria ser exercitado.

A experiência, mesmo possivelmente fracassada⁷⁸, produziu personagens que foram incorporados e encorparam um primeiro movimento libertário no país como Egizio Cini, redator do periódico *Il Diritto* em Curitiba no ano de 1899, Francesco Gattai, que publicou no periódico *Il Risveglio* em São Paulo no ano de 1898 e Andrea

história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi. *Cadernos Ael: Anarquismo e Anarquistas*, v.8/9, p.9-66, 1998, p.9.

76 Malatesta, Errico. *La Rivendicazione*, março de 1891 citado em FELICE, Isabelle. *Op.cit.*, 10.

77 Ver FELICI, Isabelle. *Op.cit.*

78 Outras colônias com ideais libertários foram implantadas no Brasil entre 1890 e 1900 embora não haja consenso sobre suas finalidades e composição. Clayton Godoy afirma que as colônias são a Cosmos, por iniciativas de colonos norte-americanos, em Santa Catarina, A Vapa, em Assis (SP), por imigrantes letões; e a Cecília, por iniciativa de Giovanni e outros colonos italianos, em 1890, em Palmeira (PR). Existe uma polêmica a respeito da existência da Colônia de Guararema, situada no município de mesmo nome do Estado de São Paulo, da qual os irmãos Campgnoli teriam feito parte. GODOY, Clayton Peron. *Ação Direta: transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo (1892-1908)*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, 2013. p.86.

Giuseppe que, mais tarde, se tornou um militante que transitou no Brasil, Itália, França e Argentina.⁷⁹

Eles se uniram ao grande fluxo de imigrantes que chegavam ao Brasil na última década do século XIX e que tinha relação com a crescente economia baseada na exportação de produtos agrícolas como o café. Os trabalhadores vinham compor, juntamente com parte da população nativa, como os antigos escravizados, às novas dinâmicas de atividades, que se moldavam a partir do trabalho dito livre e remunerado.⁸⁰ Além dos contratos e subsídios feitos direto com os donos de terra, a imigração também fez parte de diversas iniciativas governamentais, quer seja para garantir a viagem desses imigrantes visando o trabalho, bem como o povoamento de terras marginais, ainda não usadas ou ocupadas, a partir da Lei Glicério de 1890.⁸¹ Também podemos citar que, influenciados por uma retórica cientificista e higienista, de uma releitura do darwinismo, dito social, que pregava a superioridade racial europeia, a vinda de tal população caucasiana traria suposto progresso ao povo brasileiro, marcado pela mestiçagem negra e indígena, consideradas inferiores por alguns discursos médicos e políticos.⁸²

A população imigrante, apesar de abarcar quase todo o território brasileiro, com o passar dos anos, ocupou primeiramente as regiões de produção agrícola e, depois, foram atraídos paulatinamente para os polos industriais. Estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, sobretudo, mas também Paraná e Santa Catarina foram mais fortemente atingidos. Não obstante, outros como Pernambuco e

79 Idem. p.52-58.

80 Aqui relativizamos que os novos trabalhadores imigrantes vieram substituir os ex-escravizados. Silvia Lara, nesse sentido, comenta que “tão importante quanto a cristalização dos termos constituintes da teoria da substituição foi o fato que os estudos empíricos a este respeito indicam quase sempre sobre São Paulo, acarretando que a assim entendida experiência paulista das fazendas de café se configurasse como um paradigma explicativo de todo o processo em todo o Brasil. Vários estudos regionais já demonstraram claramente como, em outras regiões, a questão se colocava de modo diverso, com o aproveitamento do elemento nacional. Para não ir muito longe em termos geográficos, na Zona da Mata mineira, por exemplo, os fazendeiros preferiram realizar contratos de parceria com trabalhadores residentes, recorrendo ao assalariamento temporário de migrantes sazonais vindos de outras regiões do Estado”. LARA, Silvia Hunold. *Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil. Projeto História*, n. 16, p-25-38. 1998. p.29.

81 Sobre a Lei Glicério e outras iniciativas governamentais ver TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: Um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo, Nobel, 1988. p.18-30.

82 Para adentrar o higienismo e o darwinismo social ver Ver SOBRINHO, Afonso Soares. —São Paulo e a Ideologia Higienista entre os séculos XIX e XX: a utopia da civilidade. *Sociologias*, Porto Alegre, n.52, 2015, p.210-235 e CHALHOUB, Sydney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Salvador também tinham uma presença de imigrantes e um aumento populacional.⁸³ Essas intensas transformações que assinalaram tanto a esfera institucional quanto a própria construção das cidades, também em seus âmbitos sociais, ocasionaram profundas reformulações nos próprios tipos e linguagens de resistência dos personagens menos favorecidos.

Novos pensamentos e práticas que circulavam com esse grande fluxo se fortificavam com a imprensa operária e de bairro, gradativamente em ascensão devido à expansão da fabricação das máquinas tipográficas e da consequente ampliação da imprensa, que já era usada por grupos sociais ou políticos para seus interesses particulares. De acordo com Heloisa Cruz, “a cultura letrada e a imprensa, acompanhando as transformações sociais, começaria decididamente a avançar para além das elites tradicionais”.⁸⁴ Para a autora, no contexto da formação da nação brasileira republicana, a imprensa assumiu um papel fundamental, inclusive de articulação e legitimação de projetos políticos e de processos e práticas culturais. A imprensa de bairro ou operária continuou com esses aspectos, mas desta vez, aproximando o “jornalismo do cotidiano da vida urbana”⁸⁵ e conectando, de certa forma, a própria perspectiva de letramento à cultura operária.

Dentro desse contexto aparece o primeiro periódico que apresentava referências às noções provenientes do anarquismo, o *Gli Schiavi Bianchi*, iniciado em maio de 1892, provindo do bairro do Brás em São Paulo, primeira cidade onde podemos localizar uma concentração maior de militantes anarquistas e libertários, após os projetos experimentais através de colônias⁸⁶ e também bom exemplo do anarquismo étnico que iremos demonstrar.⁸⁷ Contando com quatro páginas e pequenos cabeçalhos, o nome “Os Escravos Brancos” fazia clara referência à situação dos trabalhadores

83 Ver CLEVELÁRIO JUNIOR, Judicael. A participação da imigração na formação da população brasileira. *Revista Brasileira. Estudos da População*, Brasília, n.14, 1997.

84 CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinha: periodismo e vida urbana -1890-1915*. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2000. p.25.

85 Idem. p.71.

86 VER LEAL, Claudia. *Op.cit.*, p.172-173.

87 Para Luigi Biondi, “os aspectos da imigração italiana até agora apontados nos levam à utilização de conceitos como o de socialismo étnico, já utilizado pela Vezzosi para o caso estadunidense e por [ele] para o caso brasileiro (paulista). Assim como podemos falar, considerando também as últimas análises de Benedict Anderson, de “anarquismo étnico”. Os mesmos argumentos possibilitam também a indagação da constituição de uma identidade de classe étnica, na tentativa de estabelecer, talvez, uma coincidência identitária entre a origem nacional e o ser trabalhador, uma espécie de mito étnico trabalhista em São Paulo.” BIONDI, Luigi. Associativismo e militância política dos italianos em Minas Gerais na Primeira República: um olhar comparativo. *Locus* (UFJF), v. 2, p. 41-66, 2008.

imigrantes nas fazendas e cidades que, para o jornal, estava dominado “completamente pela tirania burguesa” e, por isso, precisavam se libertar da “escravidão do capital”⁸⁸. O jornal sofreu dificuldades para se manter, sendo lançado irregularmente pois, apesar de ser vendido por \$100, aceitava donativos voluntários e era doado para quem não pudesse pagar.⁸⁹ Seu declarado diretor e principal redator era Galileo Botti, nascido em Livorno que residiu em Buenos Aires até 1890. Devido a uma forte crise financeira na Argentina e o crescimento da repressão nesse país, o personagem se estabeleceu em São Paulo.⁹⁰ Botti abandonou sua profissão como sapateiro para fabricar licores, prática que inclusive foi proibida no período. Pelo que tudo indica, o personagem já havia tido um contato com o anarquismo nesses países, uma vez que se comunicava com os jornais *Il Perseguido* e *Lavoriamo* de Buenos Aires e o *Il Farilla* de Mantova.⁹¹

Galileo Botti foi preso sob a acusação de não possuir licença para a publicação de seu jornal e por supostamente caluniar as autoridades algumas vezes. Houve a tentativa de deportá-lo para a Europa, assinalando que seu periódico começava a chamar atenção das autoridades e a ter certo respaldo na cidade.⁹² É bastante interessante que seu periódico apresentava redes de contato com outras cidades, como do interior de São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro e na Bahia. Além dos países que visitou, Botti também endereçou cartas e noticiou acontecimentos na França e Espanha.⁹³ Não obstante, o principal tema do jornal, além de se declarar anticapitalista, era o de examinar as relações entre a Monarquia e a República no Brasil. Uma das críticas referente à ineficácia dos projetos republicanos no país foi a escravidão que, para o periódico, foi perpetuada, sendo apenas a etnia do escravizado diferente.

Essa atitude criava os primeiros passos para a ampliação das ideias libertárias e do anarquismo na cidade, embora houvesse outros paradoxos iniciais. Como é perceptível no periódico, havia um discurso de liberdade que citava a “grande família

88 “Un’ era nuova.” *Gli Schiavi Bianchi (São Paulo)*, 20 de junho de 1892. p.1. Tradução nossa

89 LEAL, Claudia. *Op.cit.*, p.179-180.

90 Para Eduardo Colombo uma organização intensa de trabalhadores em 1888 se alastra em Buenos Aires. Nesse ano, “fazem greve, além dos padeiros, os empregados domésticos, cozinheiros e garçons, ferroviários e metalúrgicos. Começa, então, o tratamento policial da questão social; padeiros são detidos e o local da sociedade de resistência perquirido. [...] Tendo por pano de fundo a crise econômico-financeira da Argentina em 1890, a polarização das classes torna-se mais aguda, e as lutas operárias ampliam-se até a onda de greves dos anos 1895-1896.” COLOMBO, Eduardo. A F.O.R.A: o finalismo revolucionário. In: COLOMBO, Eduardo et all (Orgs.). *Op.cit.*, p.80-81.

91 Para acompanhar a trajetória de Galileo Botti e sua rede ativista ver GODOY, Clayton. *Op.cit.*, p.85-102

92 LEAL, Claudia. *Op.cit.*, p.177-179.

93 Idem. p.173.

humana, como a grande família animal e vegetal”⁹⁴, citando muitas vezes também “os escravos brancos, assim como os negros”⁹⁵. Ainda assim, ao não se ater aos problemas específicos da realidade brasileira, foi pouco distribuído fora dos círculos dos imigrantes, e ao fazer uma tabula rasa das tradições de lutas do país, como a dos abolicionistas, tratou majoritariamente das relações de exploração dos trabalhadores de seu círculo étnico, o que fez com que seu respaldo fosse muito grande entre os italianos precarizados, grande parte da classe trabalhadora na cidade, mas excluindo, por consequência, muitos brasileiros. Na análise do cientista social Clayton Godoy, por esse motivo, nesse período,

o anarquismo foi muito mais dependente da presença e do desempenho dos mediadores originários de outros países e de suas respectivas redes interpessoais do que da absorção inicial, por segmentos sociais brasileiros, de ideias difundidas através de mecanismos não relacionais.⁹⁶

Para o autor, as ideias e práticas anarquistas, ainda presas em pequenos círculos militantes, não foram recebidas pela totalidade da população, fato que se devia também às suas questões e linguagens ancoradas em redes étnicas. É preciso salientar que muitas das atitudes de Botti e outros personagens desse período eram frutos da própria condição imigrante na cidade em que residiam. Angelo Trento nos informa que dos 4.100.000 estrangeiros que adentraram o Brasil entre 1886 e 1934, 56% vieram para o estado de São Paulo, sendo 44,7% desses italianos. Ao contrário do Rio de Janeiro, por exemplo, que a imigração era individual, a forma de estabelecimento de estrangeiros em São Paulo era de famílias inteiras.⁹⁷ A presença de imigrantes italianos era tão forte que em alguns bairros e fazendas o italiano era a língua dominante em diversos espaços. Para Angelo Trento,

a escolha do idioma em que publicar não era decerto determinada por atitudes chauvinistas [...] A passagem de um para outro idioma ou para a própria decisão de publicar em português não devia ser fácil, pois ainda em 1906 o

94 “Un’ era nuova.” *Gli Schiavi Bianchi* (São Paulo), 20 de junho de 1892. p.1. Tradução nossa.

95 *Gli Schiavi Bianchi* (São Paulo), 20 de junho de 1892. p.2. Tradução nossa.

96 GODOY, Clayton. *Op.cit.*, p.85.

97 Ver BATALHA, Claudio. –Cultura Associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. In: _____; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. *Culturas de Classe: Identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas – São Paulo: Unicamp, 2004. p.98.

porta-voz oficial da União dos Sindicatos de São Paulo era *La Lotta Proletaria*, com artigos quase exclusivamente em italiano.⁹⁸

Evidentemente, junto com a linguagem vieram e foram desenvolvidos também muitos costumes, tradições, culturas, dilemas e problemas próprios da comunidade italiana. Seguindo essa tendência em 1893 era lançado o periódico *L'asino Umano* por Giuseppe Zonghetti, este um jovem de 20 anos que chegou a cidade de São Paulo em maio de 1891.⁹⁹ Inspirado no periódico de Roma chamado *L'asino*, Zonguetti e outros redatores comparavam os trabalhadores a animais de cargas, fazendo sátiras e intercalando discussões sobre essas condições. Seus alvos eram chefes industriais, padres e policiais, além de outros periódicos da grande imprensa. O jornal, usualmente com quatro páginas, apresentava chamadas com letras grandes, cabeçalho ilustrado, desenhos, fotografias, poemas e prosas como recursos a chamar a atenção dos leitores, já que a maioria da população ainda não era letrada¹⁰⁰, sendo vendido por \$300 e impresso na Rua Miller, n° 22, mesmo local do Centro Socialista Internazionale, órgão criado pelos primeiros militantes socialistas, anarquistas e republicanos radicais da cidade.¹⁰¹

É interessante que, ao fazer sátiras e críticas ao *Fanfulla*, periódico de maior destaque da comunidade italiana em São Paulo, o *L'asino Umano* destacava que as ações desse órgão de criar um “bom italiano” era o “berço do patriotismo burguês”.¹⁰² Os redatores sabiam, portanto, da ligação que vários autores socialistas e anarquistas faziam entre a construção do patriotismo e de sentimentos nacionais à emergência da classe burguesa, mesmo sendo seu alvo primordial e quase exclusivo a comunidade italiana, maioria nos bairros em que era divulgado.

Além disso, como no *Gli Schiavi Bianchi*, a questão da permanência de elementos da antiga Monarquia na República do Brasil também era um tema bastante recorrente, como podemos observar na imagem veiculada no dia 11 de março de 1894:

98 TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: Um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo, Nobel, 1988. p.243.

99 GODOY, Clayton. *Op.cit.*, p.88.

100 Ver NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

101 Ver LEAL, Claudia. *Op.cit.*, 186-203.

102 -Sdegni patriottigi. || *L'asino Umano* (São Paulo), 25 de março de 1894. p.3. Tradução nossa.

EPISODIO DELLA RIVOLUZIONE

(Tolto da uno schizzo dal vero, eseguito dal corrispondente speciale del FANFULLA)



(“Episodio della Rivoluzioni”. *L’asino Umano* (São Paulo), 11 de março de 1894. p.1.)

Respondendo novamente para o *Fanfulla*, de acordo com o grupo em torno do *L’asino Umano* não houve um embate entre monarquistas e republicanos como em outros países. Como é visto na imagem, os dois grupos deixam um vácuo de desolação e miséria. Além dessa questão, que mostrava o Brasil como um país não civilizado e não governado – visão de Brasil que vai perdurar entre os anarquistas na cidade - para Claudia Leal “o jornal ainda buscara traçar um paralelo entre imigrantes e escravos africanos, ou antes, entre as condições de vida e trabalho destes e daqueles.”¹⁰³

Não obstante, ainda que um elemento retórico a continuidade da exploração do trabalho na sociedade capitalista, que tentava encorpar a luta de classes, somado ao discurso de que o republicanismo representava um não governo (revelando que a ideia da vinda do Estado, como na Europa, era falsa), a abordagem rasa referente às especificidades do trabalhador nativo, embora mais profunda que o periódico de Botti, parecia deixar esse grupo também muito perto da sua comunidade imigrante e longe do restante da população que aqui residia anteriormente e encorpava a população. Ainda, observamos no restante das colunas deste periódico a inexistência de citações de grupos no país fora de seus círculos étnicos. Porém, o *L’asino Umano*, depois nomeado também de *La Bestia Umana*, deixava uma marca visível na cidade e era considerado um perigo em potencial às autoridades já que os redatores dos órgãos estavam

103 LEAL, Claudia. *Op.cit.*, p.192.

envolvidos em críticas ácidas à polícia e em manifestações e atos como do Primeiro de Maio de 1894.¹⁰⁴

A prisão por dez dias de Felice Vezzani, um de seus redatores, e o caráter reivindicativo que foi ganhando seu órgão, obrigado a ser suspenso, começava a chamar atenção de vários outros periódicos e grupos na cidade, e refletiu em modificações em sua próxima publicação, o *L'avvenire*. Lançado já em novembro de 1894 e produzido na Rua Abolição n°23, usualmente apresentando quatro páginas, chamadas maiores e como o mesmo dizia “saía quando podia”¹⁰⁵, era distribuído por donativos voluntários e reuniu uma equipe de militantes maior como Alfredo Casini, Lodovico Tavani, Augusto Donati e o já citado Vezzani, os dois últimos oriundos do *L'asino Umano*.¹⁰⁶

Dessa vez não eram apenas referências libertárias ou pequenas citações do anarquismo, a filiação ideológica ficou evidente na coluna “Chi Siamo, chi vogliamo?”¹⁰⁷ no qual os militantes expuseram suas posturas aos seus leitores. Além dese declararem da família socialista, ao não acreditarem “no sistema capitalista de produção e de circulação da riqueza”, assumiram que eram também anarquistas, pois rejeitavam qualquer tipo de “organização de Estado autoritário”, sublinhando igualmente posições contra a “religião como instituição parasita.”¹⁰⁸ O grupo também propôs suas primeiras estratégias, como apoiar e ajudar a “organização do operariado” revelando, assim, seu lugar nos debates entre organizacionistas e antiorganizacionistas¹⁰⁹ que já estavam sendo travados pelo anarquismo no mundo. Sua posição contra a dominação imperialista e a favor da luta de classes internacionalista

104 *Idem*. p.203-204.

105 Tradução livre de –esce quando può. ll

106 GODOY, Clayton. *Op.cit.*, p.228.

107 Em tradução livre “Quem somos? O que queremos?”. “Chi Siamo? Che Vogliamo?”. *L'Avvenire* (São Paulo), 18 de novembro de 1894. p.1.

108 *Idem*. p.1. Tradução nossa.

109 Para Felipe Corrêa existiram três posições do anarquismo em relação à organização “1.) O *antiorganizacionismo*, que se coloca, em geral, contra a organização, tanto no nível social, de massas, quanto no nível político-ideológico, especificamente anarquista; esses anarquistas defendem o espontaneísmo ou, no máximo, a articulação em redes informais e/ou pequenos grupos de militantes; 2.) O *sindicalismo/comunitarismo*, compreendendo que a organização dos anarquistas deve se dar somente no nível social, de massas, e que as organizações políticas anarquistas seriam redundantes, em alguns casos até perigosas, já que os movimentos populares, dotados de uma capacidade revolucionária, podem levar a cabo todas as proposições anarquistas; 3.) O *dualismo organizacional*, que sustenta ser necessário articular-se, ao mesmo tempo, em movimentos de massas e organizações políticas, com vistas a promover as posições anarquistas de maneira mais coerente e eficaz em movimentos mais amplos.” CORRÊA, Felipe. Questões organizativas do Anarquismo. *Revista Espaço Livre*. vol.8, num.15, 2013. p.35. Os debates que os periódicos estavam se referindo eram sobre os dois primeiros tipos citados pelo autor. Aparecerão na pesquisa mais debates sobre formas de organizações políticas e sindicais dos militantes anarquistas.

também parecia ser bem definida, pois assumiam combater de forma mais sistemática “ao culto da tradição patriótica e nacionalista que coloca o espírito público ao serviço da burguesia” apoiando, em resposta, o “interesse do progresso do internacionalismo.”¹¹⁰

Na prática, o grupo não tinha contato com outros anarquistas de cidades do Brasil fora do estado de São Paulo, principalmente da capital, mas recebia cartas e publicações de jornais da Argentina, Portugal, Espanha, Estados Unidos e Inglaterra.¹¹¹ A postura e prática do grupo, bem como suas citações de teóricos como Piotr Kropotkin, fizeram o jornal tratar o anarquismo como uma “questão social”¹¹², a qual eles sublinhavam no periódico. Assim, tentavam provar que o anarquismo não era uma ideia trazida de forma imóvel da Europa, mas poderia ser criado ou desenvolvido no Brasil:

Esta é a frase que saí da boca dos inimigos da ideia anarquista e a temos ouvido repetir muitas vezes dos próprios republicanos. “Aqui não queremos anarquia porque anarquia não é precisa no Brasil.” [...] Toda, em suma, a caterva dos sustentadores dos privilégios e das desigualdades sociais repetem e querem inculcar a máxima: “que aqui no Brasil não é precisa a anarquia, porque aqui existe aquele bem-estar que falta na Europa”, e que, por consequência, a questão social não tem razão de ser. Então dizem como não há questão social no Brasil, tanto que todos nós vivemos bem e, portanto, por esta razão, -não precisamos da anarquia! [...] Então vamos ver se existe ou não uma questão social neste país. É, ou não é, também aqui, a sociedade partida em duas classes: a dos ricos e a dos pobres, a dos explorados e a dos exploradores? Existe, ou não, também aqui, uma minoridade de privilegiados que têm o monopólio de todas as riquezas e usa delas só a seu capricho e para sua exclusiva vantagem, doutra coisa não curando-se nessa classe senão de adquirir sempre mais riquezas? Portanto também aqui a ideia anárquica tem razão de ser, também aqui a propaganda das nossas ideias há de desenvolver, porque também aqui há um povo a emancipar-se da opressão burguesa, também aqui a luz do progresso há de derramar os seus raios, porque o sopro da verdadeira civilidade há de estender-se por toda a terra, e nesta não há de mais ficar nenhum servo, nenhum patrão, mas toda a humanidade há de ser composta de livres e iguais.¹¹³

110 Quem somos? O que queremos?. “Chi Siamo? Che Vogliamo?”. *L'Avvenire* (São Paulo), 18 de novembro de 1894. p.1. Tradução nossa.

111 Ver GODOY, Clayton. *Op.cit.*, p.100.

112 “Chi Siamo? Che Vogliamo?”. *L'Avvenire*, 18 de novembro de 1894. p.1. Tradução nossa

113 “O Brazil não precisa de anarchia.” *L'avvenire*, 1 de agosto de 1895. p.1-2.

Para os redatores, portanto, o anarquismo e a sociedade pregada por eles, por serem consequências e soluções da exploração, representando a “luz do progresso”, também precisavam de propagação na cidade e no país. O grupo em torno do periódico *L'avvenire*, que já colocava colunas em português e espanhol no seu jornal, respondia, dessa forma, as primeiras acusações da grande imprensa e de autoridades que consideravam o anarquismo “uma planta exótica”¹¹⁴, mas também mostravam para sua própria família política como deveriam se portar diante do operariado brasileiro.

Nesse sentido, militantes como Galileo Botti, Giuseppe Consorti e Felice Vezzani iniciaram sua empreitada de reunirem militantes das vertentes socialistas para criarem e apoiarem órgãos de resistência dos trabalhadores na cidade a partir do Centro Socialista Internazionale de São Paulo, que teve o jornal *L'asino Umano* como seu principal correspondente na Rua Miller, depois passando para um salão na Rua Líbero Badaró n.º 110.¹¹⁵ Mesmo já apresentando críticas à centralização do Estado e à social-democracia, os anarquistas nesse período consideraram uma tática imprescindível a reunião de socialistas para fortalecerem o movimento operário, junção que foi irregular nas três décadas seguintes.¹¹⁶ O que nos interessa é que a posição do grupo, primeiramente como órgão oficial do Centro, ganhando notoriedade na cidade posteriormente, e também se envolvendo com outros grupos políticos, possivelmente fizeram o anarquismo se espalhar entre diversas categorias e grupos de trabalhadores, transcendendo seu círculo usual, tanto político quanto étnico. No período, o grupo em torno de *L'avvenire* e socialistas, anarquistas e republicanos diversos comemoraram a data do 1º de Maio¹¹⁷ entre 1893 e 1895, fomentando comícios, passeatas e festas. Reverberando a organização e tais atos, a autora Claudia Leal nos informa que, em abril de 1894,

vários italianos foram presos por agentes de segurança – também conhecidos como secretas – ao saírem de uma reunião do Centro Socialista Internacional

114 Ver LEAL, Claudia. *Op.cit.*, 2006. p.31.

115 GODOY, Clayton. *Op.cit.*, p.101.

116 Idem. p.125.

117 Para Milton Lopes ali era —aprovada a resolução do Congresso Socialista de Paris de 1889, que instituía o 1 de Maio como dia de luta e protesto contra a condenação e execução dos mártires de Chicagol, manifestação que ocorreu em 1886 e tiveram como alvos da repressão militantes anarquistas e sindicalistas. Para acompanhar a apropriação e elaboração desta data no contexto brasileiro ver LOPES, Milton. —Anarquismo e Primeiro de Maio no Brasil. In: CORRÊA, Felipe; SILVA, Alessandro Soares da; SILVA, Rafael Viana da (Orgs.) *Op.cit.*, 217-233.

e foram fotografados como anarquistas uns, socialistas outros, alguns até como gatunos.¹¹⁸

Como não havia nenhuma lei contra professar ideias socialistas ou anarquistas, as prisões arbitrárias revelaram o medo da presença e do aumento das articulações militantes anarquistas e socialistas que as autoridades já conheciam em outros países. Havia, de acordo ainda com a autora Claudia Leal, uma discussão pelas autoridades policiais de como evitar manifestações como o 1º de Maio, evidenciando o alarde e a força do anarquismo e de suas articulações com outros grupos, bem como sua intenção de disseminação entre os grupos subalternos.¹¹⁹

Para nossa investigação, a mais interessante movimentação do anarquismo com outros grupos nesta cidade vai acontecer em 1897. Neste ano, reuniram-se no Teatro Polytheama, na Rua São João, republicanos italianos radicais, socialistas, anarquistas, livre pensadores e anticlericais, num evento organizado pelo Centro Socialista. Um comício foi programado contra as comemorações de 20 de setembro realizadas pela colônia italiana em razão da unificação italiana. Neste evento, a crítica principal era não a unificação em si, mas aos defensores da Monarquia e conservadores da comunidade italiana, uma vez que os socialistas e anarquistas contavam com aliados republicanos progressistas.¹²⁰ Não obstante, os libertários aproveitavam para reforçarem suas críticas à própria instauração da República, enxergando-a no Brasil como uma farsa e acordo dos grupos dominantes e, em outros lugares, como a instauração definitiva da classe burguesa

que dominando a sombra das instituições liberais e republicanas lembra com orgulho a caída da Bastilha, cuja raiz simbólica a destruição do despotismo, que desde séculos oprimia o povo. Sim, a burguesia destruída a senhoria da nobreza com força popular puxada pela sede de liberdade e de bem-estar, instala-se no poder e não faz mais do que substituir a velha tirania do despotismo a sua mais sórdida e mais jesuítica, baseada sob a exploração.¹²¹

118 LEAL, Claudia. *Op.cit.*, p.21.

119 Idem. p.49-69.

120 Ver FELICI, Isabelle. *Les Italiens dans Le mouvement anarchiste au Brésil, 1890-1920*. Thèse de Doctorat (Nouveau doctorat): Études italiennes. Université de la Sorbonne – Paris, 1994. p.139-143.

121 “A Bastilha.” *L’avenir* (São Paulo), 14 de julho de 1895. p.3.

Podemos perceber que mesmo sendo criticada por trocar um sistema que há “séculos oprimia o povo” por outra também “baseada sob a exploração”, a vinda da República, no caso da Revolução Francesa, era vista como um acontecimento que mostrou “uma força popular puxada pela sede de liberdade e de bem-estar”, fazendo crer, para os seus leitores, que era esse intuito e inclinação que deveria ser resgatado desse processo. Mais do que simplesmente descartar completamente a vinda da República em suas retóricas, muitos militantes anarquistas, portanto, tentavam disputar a história do republicanismo, visando expandir suas propostas políticas, inclusive a de negar o projeto final da República, mas colocando o evento como exemplar no quesito da força e organização popular.

É necessário ressaltar que, se o cientista social Clayton Godoy, em sua pesquisa, estiver certo, demonstrando que tais militantes tinham entre 30 e 35 anos, é fácil supor, como o mesmo também mostrou, que suas socializações e inicializações políticas se deram entre 10 e 15 anos atrás, provavelmente, assim, em suas terras natais e próximos da influência republicana. O autor evidencia que tais militantes e ativistas provinham das regiões norte e central da Itália que

nos anos de 1850 e, principalmente nos seus centros urbanos, abrigaram o republicanismo mazziniano, cujas características (associativismo de classe, insurrecionalismo popular e valorização da solidariedade internacional) facilitaram a penetração e a convivência do socialismo democrático e do anarquismo nos anos 1870.¹²²

Felice Vezzani, principal articulador do Centro Socialista e redator dos periódicos *L'asino Umano* e *L'avvenire*, antes de se tornar anarquista, aderiu à social-democracia e foi vice-presidente da sociedade operária da Bolonha, participando de sociedades de socorro mútuo e ligas de resistência com a presença de republicanos. Galileo Botti, o iniciador de *Gli Schiavi Bianchi*, transitou entre grupos republicanos radicais, anarquistas e socialistas em Livorno antes de chegar a Buenos Aires.¹²³ O republicanismo, portanto, mesmo criticado, estava no rol das ideologias que compartilhavam a ideia de progresso, no qual uma sociedade justa e igualitária era o fim, justificando suas associações com republicanos radicais no evento. Eles poderiam

122 GODOY, Clayton. *Op.cit.*, p.89.

123 Para acompanhar a trajetória dos ativistas citador ver FELICI, Isabelle. *Op.cit.*, 1994.p.99-110 e GODOY, Clayton. *Op.cit.*, p.90.

ter entendido de fato que, como no Brasil com sua questão social específica, uma certa etapa republicana não era imprescindível e altamente criticável, mas poderia ser muito bem um alerta para a suposta sociedade vindoura. Não é em vão que o periódico *L'avvenire* em 14 de julho de 1894 tinha destinado um memorando à Revolução Francesa, inclusive em quatro línguas (português, espanhol, italiano e francês), lembrando os ideais pregados pelo evento. Ainda assim, mostrando que o capitalismo ainda emperrava o processo enunciado, a luta contra este sistema traria uma “nova era de civilização” e “só então verdadeiramente ressoará o grito solene da liberdade, igualdade e fraternidade.”¹²⁴ Anarquistas, assim, instrumentalizavam tal evento através de seus prismas revolucionários, colocando-o em sua perspectiva política. Desse modo, além de conseguir uma inclinação inicial, mesmo ainda problemática com a totalidade dos trabalhadores da cidade - já que não havia, por exemplo, a citação da imprensa negra ou de sociedades mutualistas de tradição brasileira - o anarquismo, ao anunciar-se como portador de uma nova era não cumprida, poderia garantir certo espaço entre outras correntes de pensamentos, incluindo transnacionais de sua rede étnica, mas também ligadas aos elementos nacionais, como o republicanismo – italiano ou brasileiro. Esse caráter podia fazer com que o anarquismo pudesse ser uma corrente política legítima no país, já que sua forma de introdução, nesse período, se dava mais no propagandismo em detrimento de uma ação no interior das associações operárias, embora esta última estivesse como alvo e em ascensão.

Evidentemente, essa postura intelectual e tática, embora partilhada por outros grupos anarquistas do país, era mais influente em especial na cidade de São Paulo. Junto a essa região, nos primeiros anos de expressão libertária, localizamos uma concentração relevante de militantes também no estado do Rio de Janeiro, outro polo de difusão e concentração do anarquismo no período, onde o alastramento das ideias libertárias apresentou características que, somadas a esse primeiro caso, foram essenciais para a disseminação e desenvolvimento da ideologia libertária no país.

I-II. Sincronias iniciais: o elemento luso na disseminação anarquista e sua recepção entre trabalhadores, subalternos e ex-escravizados brasileiros

No estado do Rio de Janeiro, principalmente no antigo Distrito Federal, as

124 “A Bastilha”. *L'avvenire* (São Paulo), 14 de julho de 1895. p.3.

ideias libertárias também estavam sendo disseminadas intensamente. Em 1898 era publicado nessa região o periódico *O Despertar*, escrito em português com quatro páginas. O endereço para a sua subscrição voluntária era na Rua Senador Pompeu, nº 119, área portuária da cidade, e seu diretor era o chapeleiro de origem espanhola José Sarmiento Marques.¹²⁵ A experiência desse militante dentro das ligas operárias já estabelecidas entre essa categoria de trabalhadores, no seu país de origem e também no Brasil - anteriormente como dono da Chapelaria Libertária em Santos - fez com que possivelmente houvesse uma aproximação da ideologia anarquista com tal parte da classe trabalhadora.¹²⁶

Seu jornal, que era distribuído por subscrições voluntárias, se debruçava contra o sistema eleitoral e o Estado, justificando também a existência do anarquismo, além de apontamentos gerais sobre os males do sistema capitalista em algumas partes do mundo. Não havia notícias ou considerações sobre o movimento dos trabalhadores, revelando que possivelmente as ideias provenientes do anarquismo não eram tão influentes ainda nas associações operárias na cidade, embora fossem provenientes destas. Diante disso, a meta do personagem se inclinou para táticas propagandísticas e na disputa da esfera intelectual, tentando apoio para a criação de um Centro de Estudos Sociais

aonde o operariado trocará seus hábitos de tavernas, igreja e jogos de todas as classes, trindade estúpida que o embrutece, e o desmoraliza, pelo estudo constante da Sociologia que o fará conhecedor dos direitos que a lei natural o confere, e ter-se-ia paulatinamente aplainando o caminho que todos anelamos ver livres de obstáculos; ao mesmo tempo o dito Centro poderia ser uma última sentinela avançada que nos desse a conhecer o número aproximado de aqueles que lutam para destruir todos os sistemas de tirania, assim como também as simpatias que no povo despertavam as nossas ideias; a isto pois teríamos de ajustar a nossa tática no futuro.¹²⁷

Além da perceptível importância da educação de cunho racionalista, podemos perceber que seu público, de fato, era os ditos trabalhadores. Porém, é notório também que tal medida fazia parte de uma experiência inicial que compartilharia ideias, como do anarquismo, a fim de expandi-lo. Não há rastros sobre a implementação desse centro,

125 Ver SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, p.109.

126 Ver LEAL. *Op.cit.*, p.274.

127 "Tactiva Conveniente." *O Despertar* (Rio de Janeiro), 3 de dezembro de 1898. p.2.

porém, a divulgação do anarquismo nos meios operários parece ter surtido efeito em pouquíssimo tempo. Em 1899 apareceu o periódico *O Protesto* com a participação de Sarmiento Marques, mas agora com a direção de Joaquim Mota Assunção. Este último militante nasceu em Portugal, mas veio ao Brasil com seu pai e seus três irmãos aos oito anos de idade. Primeiramente Mota Assunção e parte de sua família se estabelecem em uma colônia agrícola no oeste de São Paulo, subvencionados pelo Estado. Ele se mudou para a capital do país na passagem da adolescência para a vida adulta, quando exerceu a profissão de condutor de bonde, depois tipógrafo e linotipista. O jornal de sua direção, com o formato e divulgação semelhantes a de seu antecessor, teve 12 números com uma tiragem de 1.000 a 1.5000 exemplares e já mostrava uma maior inserção nas associações operárias, onde, sob a coluna “Movimento Operário Social”, apontava as reivindicações e especificidades dos chamados “trabalhadores de bondes” e a tentativa de criação de uma Federação dos Trabalhadores que foi instituída na Rua Tobias Barreto, nº 37.¹²⁸ Mota Assunção aproveitava essa experiência organizativa e apresentava muitas citações e colunas anticapitalistas claramente anarquistas ou libertárias, começando por seu cabeçalho citando “a propriedade é um roubo” de Pierre Joseph Proudhon e “a expropriação é uma necessidade” de Piotr Kropotkin.¹²⁹ Com isso, já era noticiado e tentava-se organizar as categorias de pintores, barbeiros, tecelões, padeiros, chapeleiros dos tipógrafos, conhecidos por serem reivindicativos na cidade, espalhando ideias como o republicanismo, socialismo e anarquismo.¹³⁰

Mas a forma de atuação do grupo e do personagem revelam também as próprias especificidades da composição da classe trabalhadora na cidade e sua relação com a imigração. Diferente de São Paulo, com sua maioria de italianos, o Rio de Janeiro foi o destino principal de portugueses que, na década de 1890, atraiu 106.461 desses imigrantes numa população de 522.651 pessoas. Nesse período, os portugueses representavam 20,37 % da população na região e 68,60% dos imigrantes.¹³¹ Apesar da

128 Ver “Movimento Operário Social”. *O Protesto* (Rio de Janeiro), 3 de dezembro de 1889. p.3 e *O Protesto* (Rio de Janeiro), 3 de dezembro de 1899. p.4.

129 *O Protesto* (Rio de Janeiro), 3 de novembro de 1899. p.1.

130 Ver SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, p.109-110 e BATALHA, Claudio. *Dicionário do movimento operário: Rio de Janeiro do Século XIX aos anos 1920 – Militantes e organizações*. São Paulo: Perseu Abramo, 2009. p.28-29. Para adentrar o caráter reivindicativo dos tipógrafos ver MATTOS, Marcelo Badaró. *Escravidados e Livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008. p.13-14.

131 Ver OLIVEIRA, Carla Mary. “O Rio de Janeiro da Primeira República e a imigração portuguesa: panorama histórico.” *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, v. 3, p. 149-168, 2009 e CHALHOUB, Sydney. *Op.cit.*, 1986.

cidade ser conhecida por seu aspecto luso devido à presença da corte portuguesa décadas atrás, a escolha ainda tinha outros condicionantes. O fato era que havia um contingente contínuo de indivíduos precarizados em busca por melhores condições de vida, especialmente das áreas rurais de Portugal, que aumentava de forma intensa desde a metade do século XIX. E, assim como em São Paulo, Rio Grande do Sul e outras regiões, o Rio de Janeiro se tornou um destino visado por representar um dos polos industriais emergentes ofertando atividades e empregos. Sua característica especial também era a presença de uma extensa área de comércio que atraiu justamente uma grande quantidade de trabalhadores não qualificados que buscavam atividades como ajudantes de comerciantes, estivadores, barbeiros, condutores de bondes, padeiros e outros. Para Carla Mary Oliveira sendo

em sua grande maioria homens solteiros, os portugueses que aportavam no Rio de Janeiro acabavam instalando-se por ali mesmo, no centro da cidade e suas cercanias, na Gamboa, na Saúde, no Castelo, e iam trabalhar, quase sempre, em funções que não necessitavam de qualificação prévia.¹³²

Mota Assunção já vivia no Brasil há algum tempo, primeiro fator que nos possibilita pensar que seu compartilhamento com o anarquismo pode ter se dado com a sua experiência entre esses trabalhadores precarizados, que estrangeiros, mas também brasileiros, compunham. Evidentemente, eram comuns formas de associação entre indivíduos de um mesmo país ou região, mesmo nos lugares onde não recebia a imigração familiar, conservando aspectos culturais de suas origens, bem como livros, experiências e correntes de pensamento. Isso faz, de fato, com que seja mais provável as chances de o militante ter conhecido e disseminado as ideias libertárias entre militantes imigrantes, na maioria portugueses¹³³, mas não podemos excluir também sua integração com outros, como espanhóis e italianos, que existiam em grande número na cidade¹³⁴, e mesmo brasileiros. Sobre esse último grupo, podemos perceber, como atesta a composição das greves seguintes, uma vez que tais ideias já estavam sendo

132 OLIVEIRA, Carla Mary. *Op.cit.*, p.153.

133 O anarquismo e a estratégia do sindicalismo revolucionário já tinham respaldo em Portugal na última década do século XX. Ver SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009 e DIAS, Joana. *Sindicalismo Revolucionário – A história de uma ideia*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Nova de Lisboa, 2008.

134 Apesar de não haver muitos estudos de imigrantes italianos no Rio de Janeiro, sabe-se que esse grupo também foi importante para a configuração da classe trabalhadora. Ver BERTONHA, João Fabio. Italianos na cidade do Rio de Janeiro: uma comunidade (re)descoberta. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, v. 8, p. 415-428, 2014.

desenvolvidas por categorias de trabalhadores não especializados com grande contingência populacional, que portugueses e brasileiros compartilhavam intimamente, entre esses últimos muitos ex-escravizados.¹³⁵ O historiador Marcelo Badaró Mattos também nos mostra que, na cidade, desde a metade do século XIX, devido sua população fortemente afrodescendente e também de imigrantes foi comum a construção de associações mutualistas, irmandades, associações com a presença de escravizados, ex-escravizados e trabalhadores livres que, mais tarde, iriam compor partidos, sindicatos e outras organizações.¹³⁶

É claro que devemos considerar que, apesar desse compartilhamento, existiram disputas entre brasileiros e estrangeiros portugueses nessa região que foram alvos de um intenso debate historiográfico. O fato de haver muitos documentos das associações mutualistas e sindicais mostrando rivalidades entre trabalhadores de diferentes nacionalidades, e nesse caso a lusofobia, tanto para a disputa de lideranças quanto para o tensionamento de correntes políticas e estratégias, levou autores como Boris Fausto defenderem que tais embates limitaram o movimento operário no Rio de Janeiro, assim como teriam desenvolvido a predominância do sindicalismo reformista, chamado pelo autor como “trabalhismo carioca”. Além disso, para Fausto, os ferroviários, trabalhadores marítimos e doqueiros, por sua presença majoritária negra, formavam um grupo com a ausência de ideologias europeias como o socialismo e o anarquismo, fato diferente em São Paulo, que, pelo caráter italiano, foi supostamente um antro de correntes políticas radicais.¹³⁷

Sobre a questão portuguesa, para o pesquisador José Ramos Mendes, as tradições dos movimentos radicais contra a antiga metrópole portuguesa criaram, de fato, certo ideário lusofóbico na população brasileira. Não obstante, existiram também vários favorecimentos ao imigrante português conseguir a cidadania brasileira¹³⁸ e, no período da imigração na Primeira República, apesar desse grupo “detiver a menor

135 Ver MATTOS, Marcelo Badaró. *Op.cit.*, p.37-82.

136 *Idem.* p.83-127.

137 Ver FAUSTO, Boris. *Op.cit.*, p.61-157.

138 Para Mendes “um conjunto de leis, portarias administrativas, instruções diplomáticas, atos e procedimentos singularizaram a presença do imigrante português. Nos séculos XIX e XX, debates sobre atração de mão de obra e povoamento do território frequentemente atribuíram a ele um papel primordial na composição étnica e identitária da população brasileira. Assentando-se no uso do idioma comum e em pressupostos de afinidade de cultura e raça, o legislador privilegiou o lusitano em vários aspectos, de regras imigratórias a leis trabalhistas, de povoamento e naturalização. Diretivas consulares, por sua vez, buscaram facilitar a concessão de vistos permanentes e promover a sua imigração para o país.” MENDES, José Sacchetta Ramos. *Laços de sangue: privilégios e intolerância à imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2011. p.33.

proporção de passagens subvencionadas [...] formaram ainda a corrente imigratória de mais longa ocorrência.”¹³⁹ Portugueses apareciam nos debates nas Constituições que se seguiram como próximos da cultura brasileira e, portanto, aptos para se integrarem com a população brasileira de melhor maneira, além de já terem um histórico prático de raiz étnica no país. Esse favorecimento, possivelmente também acirrou a lusofobia em alguns grupos, entre brasileiros e outros imigrantes também, mas sua presença já constante na população fez, para o autor, ter o “favorecimento e intolerância singularizarem paradoxalmente a história dos lusos no país.”¹⁴⁰

Nos estudos atuais que mostram essa relação na classe trabalhadora, Marcelo Badaró Mattos nos revela que a experiência dos trabalhadores escravizados e imigrantes, muitos portugueses, nas ruas, em ocupações precarizadas, muitas vezes compartilhando as mesmas ocupações - ambos buscando formas difíceis de sobrevivência - levou, de fato, eventualmente, também ao surgimento de rivalidades e disputas.¹⁴¹ No entanto, como também afirma Erika Bastos Arantes em seu estudo sobre os trabalhadores portuários, esse tensionamento e não seu isolamento é que trouxe uma experiência e proximidade para uma formação da classe operária no estado. A autora, levando em consideração que não existe uma formação de classe sem experiências de embates e diferenças, afirma que esse contato intenso, com o passar dos anos, também “levou ao surgimento de várias formas de solidariedade.”¹⁴² Processo que se deu quando os trabalhadores avistaram problemas comuns como a situação precária em que estavam envolvidos, criando órgãos para lidarem com essa realidade como a Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche em Café, no centro da cidade, importante organização que contava com trabalhadores nativos e estrangeiros, participando de manifestações do período. Apesar de rivalidades internas, sob o manto de tensões étnicas, é exatamente com essa experiência conjunta e não um isolamento desses grupos que foi possível, mais tarde – principalmente com o estabelecimento da Confederação Operária Brasileira em 1906 - o contato e o trabalho natural de militantes como Rozendo Alfredo dos Santos (brasileiro e negro) e Neno Vasco (imigrante português) dois dos principais articuladores e fomentadores do sindicalismo – o primeiro reformista

139 *Idem.* p.34.

140 *Ibidem.* p.30.

141 Ver MATTOS, Marcelo Badaró. *Op.cit.*, 2008.

142 ARANTES, Erika Bastos. *O Porto Negro: trabalho, cultura e associativismo dos trabalhadores portuários no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010. p.38.

e o segundo revolucionário.¹⁴³

Tudo indica também que, como também mostra a pesquisadora Fabiane Popingis, a língua portuguesa aumentou, de fato, a proximidade entre imigrantes portugueses e brasileiros no estado do Rio de Janeiro que, evidentemente como em muitas relações humanas próximas, produziam conflitos, mas também aumentavam as chances de compartilhamento de ideias e experiências entre imigrantes e a população nativa, inclusive ex-escravizados e pobres.¹⁴⁴

Tal caráter pode responder o motivo pelo qual as especificidades da população negra fossem tratadas de melhor maneira pelo anarquismo - que muito de matriz portuguesa no antigo Distrito Federal - ainda que não inteiramente incorporadas. Em maio de 1900, por exemplo, o periódico *O Protesto* publicava uma coluna destinada ao significado do dia 13 deste mês referente à abolição da escravidão. Os redatores afirmavam que no antigo sistema escravista “havia a propriedade homem” onde “o negro era mercadejado pelos burgueses, como se fosse um quadrúpede – aquilo era revoltante.”¹⁴⁵ Reconhecendo os avanços da abolição, no entanto, diziam que “o escravo só tem mudado de nome.” Os trabalhadores ditos livres seriam os novos escravos da classe burguesa e política do país e, nessa visão

se o fato de 13 de maio tem em si algum valor, não o deve seguramente aos políticos, nem muito menos ao decreto da princesa, mas sim aquela sacrossanta campanha que teve por nome Abolição! O 13 de maio, pois, não é um dia de festa: é um dia de protesto e rebeldia¹⁴⁶

Dessa forma é perceptível que mesmo com um maior cuidado comparando com o caso do anarquismo na cidade de São Paulo o referido grupo também afirmava que os trabalhadores seriam igualados aos escravizados no novo sistema estabelecido,

143 Ver Idem. p.25-39.

144 Para Fabiane Popinigi, em seu estudo sobre os caixeiros (ajudantes do comércio), é apontado também um certo ideário antilusitano por parte dos trabalhadores brasileiros, uma vez que tais trabalhos eram disputados pelos dois grupos. Os portugueses eram vistos, muitas vezes, como cúmplices de patrões que almejavam enriquecer através de meios ilícitos. Apesar desse pensamento, inclusive reverberado na literatura brasileiro como em *O Cortiço de Aluísio* de Azevedo, a autora mostra como, em diversos momentos, tal categoria, assim como outras com a presença de imigrantes portugueses também participaram ativamente de protestos, revelando uma proximidade de organização que era facilitado pela integração da língua entre brasileiros e portugueses, assim como seus costumes. Ver POPINIGIS, Fabiane. *Proletários de casaca: trabalhadores do comércio carioca (1850-1911)*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007. p.126-135.

145 “O 13 de maio.” *O Protesto* (Rio de Janeiro), 13 de maio de 1900. p.1.

146 Idem. p.1.

numa retórica que tentava encorpar uma luta de classes rumo à liberdade, meta defendida também pelos abolicionistas e republicanos, mas que, para esses militantes, não se concretizou por completo. Uma mesma ideia de busca em rumo a um tipo de progresso e civilização era usada como elemento em suas palavras:

Nós espiramos a uma sociedade onde todos os homens se estimem e respeitem, sem que para isso, sejam precisas leis, cadeias, policiais, etc, etc... uma sociedade baseada nos princípios da verdadeira solidariedade humana, aonde a liberdade valha alguma coisa e, a civilização não seja letra morta; sociedade aonde não seja preciso um soldado para cada cidadão, pois, não se compreende a atual sociedade, com a sua civilização que sustenta exércitos e têm vasos de guerra para defender-se a si mesmo. Não queremos esta civilização que mata!!!¹⁴⁷

Sendo justificado entre as correntes e pensamentos intelectuais do período - apresentado como uma solução rentável que garantia a superação das falhas de outros movimentos e correntes políticas - também se inserindo nas categorias de trabalhadores precarizados, pode explicar o motivo de o anarquismo marcar sua presença em manifestações públicas na cidade.

Nos anos de 1898 e 1900, duas greves de cocheiros aconteceram na cidade, quando aconteceram repressões policiais. Os anarquistas, mesmo ainda não hegemônicos nos eventos, participaram ativamente das greves e manifestações, organizando, noticiando e buscando auxílio a essa categoria de trabalhadores.¹⁴⁸ Para Alexandre Samis,

o período consagrou a prática mais ou menos intensa das greves generalizadas envolvendo a nascente indústria carioca e o setor de transportes. As associações de classe mais aguerridas [com a presença de anarquistas] procuravam com essa articulação golpear os signos do progresso burguês: a paralisação das máquinas nas fábricas e dos bondes¹⁴⁹

Com isso em mente, percebemos sobre o início da recepção do anarquismo que, nesse caso, esta ideologia foi, em muitos casos, disseminada, principalmente entre

147 “O Nosso Ideial.” *O Protesto* (Rio de Janeiro), 4 de fevereiro de 1900. p.1.

148 Ver “A Greve dos cocheiros.” *O Protesto* (Rio de Janeiro), 4 de fevereiro de 1900. p.1.

149 SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.107.

trabalhadores – especializados e não - e também sob outros grupos subalternos, tendência mais ou menos geral em outros lugares que adentraremos adiante.

O que queremos deixar claro até aqui é que o anarquismo, como estamos encaminhando, acompanhou muitas das características dos processos migratórios e do caráter populacional em diferentes regiões no qual se instalou, principalmente nos dois primeiros estados de maior expressão das ideias libertárias e práticas libertárias no país. Como vimos, nas áreas como São Paulo, onde o elemento italiano foi dominante, foi mais difícil a penetração sob outros grupos imigrantes e nativos. Contudo, a vivência dos militantes anarquistas com a classe trabalhadora e sua inclinação teórica a esses, fez com que fossem iniciadas medidas para diluírem diferenças, pregando a típica “fraternidade universal”, embora sem muitos vestígios de que isso foi efetivo em um primeiro momento. No plano intelectual e retórico, o anarquismo tentava cobrir essa deficiência ao acompanhar as discussões dos discursos republicanos e socialistas compartilhando uma noção de progresso humano através da superação de antigas substituições como a monarquia, mas criticando e subvertendo as noções de liberdade provindas da República, apontando-a como uma farsa no Brasil e como um projeto da classe burguesa no mundo, mas exemplar para mostrar a força dos trabalhadores e oprimidos, abrindo brechas, portanto, para uma disseminação ampla tanto entre os setores populares quanto os intelectuais.

Nos casos onde o elemento português era dominante, a língua e a cultura garantiram uma proximidade mais rápida com os grupos populares, imigrantes e nativos, e um discurso mais próximo dos ex-escravizados, porém ainda sem uma presença visível desses últimos como militantes nos jornais e grupos, embora já se inclinasse às categorias e tivessem dentro de associações e greves, com a presença significativa de não brancos e negros, saindo de táticas propagandísticas para uma luta maior na esfera econômica. O uso do Estado pelos socialistas democráticos também era já intensamente criticado, embora permitissem alianças com esses e com republicanos radicais que incentivavam a organização popular e dos trabalhadores.

Veremos adiante como foram desenvolvidos tais ideários no avançar dos anos e como as novas levas de imigrantes, sua integração e interação com brasileiros e a realidade em diferentes regiões – incluindo casos com especificidades diferentes desses polos iniciais de difusão e expansão do anarquismo - contribuíram ainda para a efetivação da ideologia libertária no país e sua visão de nacionalidade e internacionalismo.

I-III. Os ecos do grito do anarquismo se encontram: imigrantes libertários integrados e o confronto com a pátria

Oh! Sim; cantem os poetas, os poemas de gloria a quem morre pela pátria, nós não defenderemos a quem morre pela pátria, nós não defenderemos uma pátria que não é nossa, uma terra que tem sorrisos de céu só para os privilegiados, em quanto a nós, se regala o passaporte para a emigração. Qual pátria tem hoje o pobre? Nenhuma. (*Il Diritto*)¹⁵⁰

Luigi “Gigi” Damiani, de 24 anos, solteiro, [...], disse saber ler e escrever; porém, quando perguntado sobre sua nacionalidade, aproveitou o questionamento para expressar seu internacionalismo e afirmou não ter pátria. (Claudia Leal)¹⁵¹

Em setembro de 1899, na cidade de Curitiba, no Paraná, aparecia o periódico *Il Diritto*, o primeiro jornal declaradamente anarquista da região. Seu endereço de correspondência ficava na Rua Silva Jardim, nº 60, área que estava se industrializando, e seu fundador foi Egizio Cini. Esse personagem foi um dos moradores da Colônia Cecília, tentando sua reorganização após várias crises da experiência desde 1891. Para Isabelle Felice, o periódico ainda contava com a presença de Giovanni Rossi e outros personagens oriundos da colônia.¹⁵²

Naquele período, a base da economia do estado era a industrialização da erva mate que, apesar de crises intensas, contribuiu, junto com o café, para o crescimento da cidade de Curitiba. O mercado de manufaturas também crescia potencialmente, deixando a região em posição privilegiada para a migração dos residentes das colônias ao seu redor e a outros estados.¹⁵³ O Paraná, que já contava com certa população derivada de indígenas e luso-brasileiros desde o período colonial, estava sendo povoado por novas demandas desde a década de 1840, nas tentativas do Império em expandir a população de regiões distantes da capital do país. Nesse advento, no estado, foram

150 “A Pátria dos ricos e aquela dos pobres.” *Il Diritto* (Curitiba), 26 de agosto de 1900. p.2.

151 LEAL, Claudia. *Op.cit.*, 2006. p.268.

152 Para Felice, “sob os erros tipográficos e pelas iniciais ou primeiros nomes, pode-se reconhecer alguns nomes que aparecem também na nossa lista de pessoas que teriam participado da colônia Cecília (ver documento anexo): Costalli, Minardi, Benedetti, Garzino, Agottani, Colli, Paccini, Nannoni, Mansani e também Giovanni Rossi.” FELICE, Isabelle. *Op.cit.*, 1998. p.56.

153 BRENNER, Gislene; NOGUEIRA, Cíntia. Curitiba: Sociedades operárias da virada do século XIX. *3 Colóquio Ibéro-Americano*, Belo Horizonte, 2014.

criadas colônias a partir de imigrantes diversos, primeiramente com alemães, mas seguidos de italianos, poloneses, franceses, suíços e outros. Apesar da carência de recursos em mantê-las pelo governo central e pela iniciativa privada, e da pouca integração de imigrantes com a população nativa, algumas colônias foram perpetuadas, somando-se aos novos fluxos de pessoas com a imigração em massa desde o final da década de 1870. Embora com menor contingente devido à instabilidade política e econômica - que tinha reflexos da revolução federalista e a passagem dos serviços de imigração e colonização do governo central para os governos dos Estados em 1894 - polos industriais como Curitiba ofertaram atividades para trabalhadores, entre eles imigrantes como italianos, mas também grupos nascidos no país e na região.¹⁵⁴

Nesse advento, serão criadas as primeiras sociedades operárias, mutualistas e de socorro mútuo, como a Sociedade Operária e Beneficente Protetora dos Operários, de 1883, contando com trabalhadores imigrantes e brasileiros por origem ou por categoria de ofício. Em 1882, com a morte de Giuseppe Garibaldi, é criada a Sociedade Operária e Beneficente Giuseppe Garibaldi, revelando a influência dos ideais republicanos de origem popular na região. O órgão foi proibido devido seu caráter contra o Império, mas foi continuada uma escola para os filhos de trabalhadores no espaço. Outra associação importante foi a Sociedade Operária e Beneficente 13 de Maio, lançada em razão da abolição da escravidão. Para Gislene Brenner e Cíntia Nogueira, tal órgão foi criado por abolicionistas e trabalhadores imigrantes “que nasceu com a marca da liberdade e da busca por igualdade, da luta dos que acreditavam que agregar os ex-escravizados era a única maneira de ajudá-los.”¹⁵⁵

Para o historiador Claudio Batalha, proibidos pela Constituição de 1824 de construir qualquer associação sindical, os trabalhadores no século XIX se organizavam a partir das sociedades de socorro mútuo, aquelas que uniam os contribuintes através da reunião étnica, nacional, de região ou de ofício, ajudando os associados, caso fossem prejudicados pela falta de leis e condições, como desemprego e doenças. Essas entidades, muitas vezes, até a mudança de leis pela República, também foram responsáveis por greves e manifestações, assumindo a função combativa.¹⁵⁶

154 Ver TRENTO, Angelo. *Op.cit.*, p.77-98 e PENA, Eduardo. Escravos, libertos e imigrantes: fragmentos da transição em Curitiba na segunda metade do século XIX. *História: questões e debates. APAH*, Associação Paranaense de História, 9(16): 83-103. 1988.

155 BRENNER, Gislene; NOGUEIRA, Cíntia. *Op.cit.*, p.8.

156 BATALHA, Claudio. *O Movimento Operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p.16-17.

É nesse contexto e espaço que, saindo da Colônia Cecília, os militantes libertários em Curitiba se desenvolveram, transformando essa região em outro foco latente para a disseminação inicial do anarquismo. As associações operárias de várias matrizes, fomentando a convivência de imigrantes de diversas origens nacionais e étnicas e da população brasileira fizeram ser possível a criação do jornal *Il Diritto* que, apesar do nome e a chamada em italiano, era escrito predominantemente em português e era feito através de subscrições voluntárias. Os redatores, através de quatro páginas com colunas esteticamente organizadas, também proclamavam a criação de “um grupo socialista-anarchico” nomeado Germinal, que se propunha “além de fazer propaganda com qualquer meio, instituir uma biblioteca de estudos sociais.”¹⁵⁷ Essas atitudes fazem crer que os ex-participantes da colônia haviam abandonado a ideia de experimento comunitário e tinham assumido a missão de divulgar o pensamento anarquista para o conjunto da população. Não obstante, a ação de propaganda inicial e a criação de uma biblioteca revelam que o anarquismo ainda não era influente nas associações operárias, embora sua inclinação inicial para os precarizados fosse evidente:

A natureza não dividiu a família humana em castas separadas; só a tirania nascida pela força brutal de um homem que matou o próprio irmão para gozar de seus direitos, violou a fraternidade dos pais antigüíssimos, criando barreiras entre povo e povo. [...] Só duas pátrias há: aquela dos desfrutadores, dos déspotas; e aquela desconfinada dos proletários e de salarizados.¹⁵⁸

É claro que na cidade havia também grupos e associações étnicas fortíssimas como em São Paulo, mas talvez como já provinham de uma experiência que não conseguiu integrar o conjunto da população, o acompanhamento das experiências de novas associações trabalhistas na cidade e a busca por debates na cultura política anarquista em outros pontos do mundo¹⁵⁹ resultou no desenvolvimento de suas metas internacionalistas, associando fortemente o patriotismo à classe dominante. Os trabalhadores, sem vantagens ao proclamar uma nação, deveriam se unir, portanto, contra os detentores dos meios de produção que, para eles, eram os fomentadores do patriotismo. Para os redatores do jornal ainda, a Revolução Francesa representou uma revolução política e econômica que

157 “Grupo Socialista-Anarchico.” *Il Diritto* (Curitiba), 26 de novembro de 1889. p.4.

158 “A Pátria dos ricos e aquela dos pobres.” *Il Diritto* (Curitiba), 26 de agosto de 1900. p.2-3.

159 Ver “Movimento Sociale.” *Il Diritto* (Curitiba), 25 de fevereiro de 1900. p.4.

aboliu os privilégios feudais, deixando só o dinheiro dominador do mundo – a classe vitoriosa na luta, desde que se havia garantido todos os recursos da vida, desde o capital até as riquezas naturais, achou que bastava a simples dependência econômica dos trabalhadores, para deles fazer instrumento dóceis e maquinas de produção, tão fecundas de riquezas para a classe parasita, como engendradora de miséria para si mesma. [...] Os vencidos de hoje, na guerra econômica, não podem dar a batalha campal aos últimos dominadores [...].¹⁶⁰

Portanto, para o jornal *Il Diritto* e seu grupo, longe de ser uma etapa imprescindível, a burguesia, apontada como classe parasita, venceu os chamados privilégios feudais, mas saiu vitoriosa também sob o operariado, cabendo medidas destes últimos – onde o periódico citava importante as variadas associações operárias da cidade - visando uma nova insurgência e revolução.

Uma perspectiva parecida de proposta e, dessa vez, de integração na prática entre vários elementos, pode ser acompanhada também na construção do periódico *Il Risveglio*, em São Paulo, do qual temos mais vestígios e evidências de ação. O periódico foi lançado em 1898 pelo militante Alfredo Mari que chegou no porto de Santos dois anos antes. O personagem, que já havia tido experiências em centros industriais da Itália, fundou a Federação de Tipógrafos de São Paulo e, como jornalista, noticiava e acompanhava as associações de trabalhadores de diversas categorias e origens da cidade.¹⁶¹ No periódico em questão, Alfredo Mari se juntou a militantes anarquistas que já tinham experiências anteriores como Francesco Gattai - oriundo da Colônia Cecília - e Gigi Damiani - anarquista que já tinha iniciado suas atividades em Roma e, por suas atividades expressivas, enfrentou a repressão da polícia italiana, fugindo para a cidade de Itú em 1897.¹⁶²

Apesar das críticas aos socialistas ou, como já chamavam, ao “partido marxista”¹⁶³ afirmando que a “conquista dos poderes públicos pela luta política é uma utopia”¹⁶⁴, Alfredo Mari havia contribuído anteriormente com o periódico *O Socialista* que havia sido lançado em 1897 e que contava com ativistas de origens diversas entre

160 *Il Diritto* (Curitiba), 25 de dezembro de 1899. p.4.

161 Ver LEAL, Claudia. *Op.cit.*, 2006. p.249.

162 FELICE, *Op.cit.*, p.1994. p.127-132 e BIONDI, Luigi. *Op.cit.*, 1994. p.55-56.

163 “Il Nostro Socialismo.” *Il Risveglio* (São Paulo), 16 de janeiro de 1898. p.1. Tradução nossa.

164 “Tribuna del popolo.” *Il Risveglio* (São Paulo), 16 de janeiro de 1898. p.3.

portugueses, espanhóis e italianos, como Estevam Estrella, Bernardino Ferraz, Arthur Estevez, Ambrósio Chiodi, Alcebiade Bertolotti e Valentim Diego. Este grupo, inclusive, emprestava inicialmente suas máquinas tipográficas para a impressão do periódico de Alfredo Mari até sua instalação na Rua 25 de março, nºs 229 a 231.¹⁶⁵

O *Il Risveglio* apresentou uma regularidade até então rara no anarquismo. Foi publicado desde janeiro de 1898 até maio de 1899, saindo aos domingos com quatro páginas. Era vendido a cada número por \$100¹⁶⁶ mas aceitava também assinaturas semestrais por 4\$000 e trimestrais por 2\$000 passando, em outubro de 1898, a aceitar donativos voluntários. A primeira proposta do periódico era a criação do Circolo di Studi Sociali, no qual revelava sua inclinação à classe trabalhadora ao afirmar que, através desta seria possível “a luta entre o capital e o trabalho” através da “educação para os trabalhadores.”¹⁶⁷

Embora escrito predominantemente em italiano e a chamada da proposta também tenha sido feita nessa língua, a observação de Alfredo Mari às categorias diversas e seu contato com militantes de diferentes origens e posições, fez com que fossem incluídas colunas em português como a “Tribuna Del Populo” e a “Sezione Brasiliana”, assinadas pelo advogado e ex-livre pensador e republicano, nascido em Portugal, Benjamim Mota¹⁶⁸. As sessões, além de tentarem fomentar a organização dos trabalhadores, tentavam incutir e demonstrar as especificidades da ideologia anarquista:

Qualquer que seja a resposta a nossa interrogação, ocorreremos o dever, como socialistas libertários, de abrir os olhos da massa, mostrar aos trabalhadores, a todos os oprimidos que as desigualdades sociais têm outra origem, e que outro é o meio de combater. A propriedade individual – eis o inimigo. O capital e autoridade, ambos nefastos, ambos atrofiadores, são oriundos da existência daquela.¹⁶⁹

165 LEAL, Claudia. *Op.cit.*, 2006. 251-252.

166 Para termos uma ideia dos valores, de acordo com o Recenseamento Geral do Brasil em 1920, um operário ganhava nesse período um salário entre 2\$900 e 14\$000, sendo o máximo 8\$000 para mulheres. Já, as crianças, poderiam beber em média entre 1\$900 e 4\$000. “Recenseamento de 1920: quarto censo geral da população e primeiro da agricultura e das indústrias.” IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1928. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em 03 /03 /2021.

167 “A Zonzo per la città.” *Il Risveglio* (São Paulo), 9 de janeiro de 1898. p.4. Tradução nossa.

168 Iremos retomar a trajetória deste personagem no seguinte capítulo. Para acompanhar traços da sua biografia ver BRITO, Rose Dayane. *Op.cit.*, 2016.

169 Benjamin Mota. “Sezione Brasiliana: a moral burguesa.” *Il Risveglio* (São Paulo), 23 de janeiro de 1898.

As organizações e associações de trabalhadores mutualistas, beneficentes e sindicais haviam se multiplicado de maneira intensa no fim da década de 1890, com a vivência dos trabalhadores - imigrantes e oriundos do país - na cidade e com o avanço da industrialização¹⁷⁰, se tornando ambientes comuns e visados pelos militantes anarquistas, assim como em outras localidades.

O periódico também tinha a preocupação em noticiar os debates de outros jornais e grupos anarquistas no mundo como na Itália, França, Inglaterra, Estados Unidos e Argentina e de outras cidades do Brasil e do interior do estado de São Paulo. Contudo, a maior novidade no último aspecto é que, dessa vez, não eram apenas cartas e notícias que os militantes dos jornais traziam. Dessa vez, os militantes, como Gigi Damiani, visitavam cidades do estado de São Paulo como Campinas, Santos, Batatais, Franca, Jundiaí, Porto Ferreira, Ribeirão Preto, Sorocaba, Tietê, e cidades em outros estados como Araguari, Frutal e Uberaba, estabelecendo contatos com outros jornais e núcleos, adquirindo também colaboradores diretos.¹⁷¹

Esse fato fez com que anarquistas de outras origens como o espanhol José Sarmiento Marques passassem a contribuir com o grupo. É fato que os espanhóis ainda não tinham uma sessão em sua língua, contribuindo em português e trabalhando na divulgação do jornal, pelo que tudo indica. Porém, a experiência com anarquistas italianos emergentes e experientes, revela que tais agentes estavam ganhando visibilidade no movimento operário da cidade. O grupo em torno de *Il Risveglio* também tinha contato com o socialista Valentin Diego que, mais tarde em 1899, junto com Everardo Dias, lançou o *El Grito Del Pueblo*, periódico sindicalista redigido em espanhol com referências socialistas teóricas diversas entre Karl Marx, Piotr Kropotkin e Pierre-Joseph Proudhon.¹⁷² A partir de então, muitos grupos anarquistas de origem espanhola foram criados, sendo os mais relevantes o Grupo Amantes Del Progreso e o periódico *La Nuova Gente*, ambos de 1903.¹⁷³ Nesse período, é importante citar que os espanhóis, seguidos dos italianos e portugueses, representavam o terceiro maior grupo vindo para o Brasil, sendo cerca de 215.250 que adentraram o país entre 1884 e 1903.

170 Ver BIONDI, Luigi. *Op.cit.*, 2011. p.51-105.

171 LEAL, Claudia. *Op.cit.*, p.251, GODOY, Clayton. *Op.cit.*, p.166-169 e -Movimento Operário. *Il Risveglio*, 16 de janeiro de 1899. p.3.

172 Para acompanhar a trajetória de militantes espanhóis ver CÁNOVAS, Marília Dalva. *Imigrantes Espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana (1890-1922)*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2009. p.453-504.

173 VER GODOY, Clayton. *Op.cit.*, p.150.

No estado de São Paulo, entre 1890 e 1893, numa população total de 130.775 habitantes, os italianos representavam 35%, seguidos pelos portugueses com 11% e os espanhóis com 3,7%. Contudo, em 1900, entre a população do estado de 239.820 habitantes, 10% seriam espanhóis.¹⁷⁴ O motivo de atração desse grupo seriam os mesmos já apontados para imigrantes de outros países, mas, nesse caso, podemos apontar principalmente a concessão de subsídios como medida política sistemática pelo ministro da cultura, o conselheiro, Antônio Prado, a partir de 1887. Por sua vez, na Espanha, as regiões com contingente populacional em expansão e a constante crise dos preços de mantimentos, proporcionando um número maior de precarizados, estava entre as razões principais de expulsão.¹⁷⁵

O anarquismo já tinha uma presença latente em algumas regiões da Espanha que recebia refugiados políticos da Itália e da França, desde a Comuna de Paris. A expansão das suas ideias resultou na criação do periódico *La Justicia Humana* em 1886 e, dois anos depois, com o *Terra Y Libertad*.¹⁷⁶ As estratégias insurrecionais através da “propaganda pelo fato”¹⁷⁷ tiveram um grande respaldo entre os aderentes do anarquismo no país, que assassinaram o Rei Alfonso XII em 1879. Na Andaluzia, em 1892, numa revolta camponesa contra latifundiários, os anarquistas tentaram um atentado contra o general Arsenio Martinez Campos, militar da Restauração. Outro ataque, por meio de uma bomba, se deu contra Antonio Cánovas del Castillo, o primeiro-ministro. Tais atos, juntamente com a presença constante dos anarquistas em manifestações, fizeram o

174 CÁNOVAS, Marília Dalva. *Op.cit.*, p.86-87 e BIONDI, Luigi. *Op.cit.*, 2011. p.108-109.

175 Idem. p.84-65.

176 MADRID, Francisco. Anarquismo e organização na Espanha: “Solidaridad Obrera” e as origens da C.N.T. In: COLOMBO, Eduardo *et all* (Org.). *Op.cit.*, p.48.

177 Após a dissolução da Primeira Internacional e a busca de estratégias de militantes do anarquismo fora de associações de massas e sindicais, criou a chamada “propaganda pelo fato”, inclusive no Congresso Anarquista de Londres (de 14 a 20 de julho de 1881). Alexandre Samis nos informa que “no ano seguinte à fórmula defendida por Kropotkin, com representações da América, Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Egito, Espanha, França, Holanda, Itália, Rússia, Sérvia, Suíça e Turquia, aprovaria, na sua segunda sessão, como tática para se alcançar a Revolução Social, a “propaganda pelo fato” e a ação ilegal, em oposição às disputas parlamentares e a apatia diante dos avanços da burguesia. Os meios de ação, entretanto, ficaram cindidos em duas vertentes: uma que via na ilegalidade, pura e simples, uma forma de fazer ruir o edifício capitalista e outra que, com o apoio da técnica e da ciência, em particular da química, era possível mobilizar espíritos e produzir “artefatos” em favor da causa revolucionária. Esta última, em particular, seria responsável pela imagem, muitas vezes estereotipada, do anarquista como sendo sempre uma figura exótica, um tanto misantropo, sempre com o rosto parcialmente coberto, trazendo no bolso ou nas mãos uma bomba. Deste Congresso, que consagraria o individualismo tático, a “propaganda escrita e pelo fato”, ficaria tributário o anarquismo até o fim do século. Neste colóquio libertário, a era dos atentados encontrava o seu marco cronológico mais definido ou mesmo formal.” SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.67.

governo e a polícia combater e reprimir ativistas, aderentes e divulgadores das ideias libertárias, que fugiram para outros lugares, acompanhando os fluxos migratórios.¹⁷⁸

A vinda de famílias espanholas facilitava novos espaços de sociabilidade e associações como a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos e Instrução criada em 1898 e localizada na Rua Benjamin Bucharot, nº 14. Essa associação contou com personagens de relevo no movimento operário como o citado José Valentin Diego.¹⁷⁹ É notável também que muitos espanhóis se juntassem com associações criadas por outros grupos de imigrantes, como os italianos que possuíam mais números de associações e espaços. Para o autor Luigi Biondi, excluídos pela política institucional, já que não podiam votar, imigrantes se reconheciam, por vezes, através de uma nova identidade que perpassava suas posições de classe com sua condição de estrangeiro.¹⁸⁰ No caso dos anarquistas provindos da Espanha, como estamos vendo, foi comum também suas junções com grupos já estabelecidos, como o *Il Risveglio*.

Assim como no caso de Curitiba, a experiência dos grupos anarquistas anteriores na cidade e sua falha em agregar o conjunto dos trabalhadores, além de um grupo imigrante, e a inclinação para a importância da união de diferentes demandas nacionais, como a espanhola e portuguesa, seja por suas teorias, mas efetivadas pela condição conjuntural da cidade em relação à imigração e a inclusão, cada vez maior, de artigos em português, fez com que uma propaganda contra o patriotismo fosse levada a cabo e incrementada:

A burguesia inventou um mito que desviando o curso da ideia revolucionária do povo, reafirmando nas mentes o conceito utópico da necessidade de Estado: e a palavra de ordem foi: a nação idealizada, a Pátria! [...] A pátria serve de pretexto dos homens do governo para justificar o militarismo, o banqueiro para especular seu fundo público, ao industrial para monopolizar a produção com protecionismo, a todos os custos de fomentar nos trabalhadores o ódio de nacionalidade, que distraí suas mentes das ideias de solidariedade internacional.¹⁸¹

Para os redatores do periódico, a pátria seria um sentimento de nacionalismo idealizado e criado para os interesses de grupos da classe burguesa e dos interesses do

178 Ver MADRID, Francisco. Anarquismo e organização na Espanha: “Solidaridad Obrera” e as origens da C.N.T. In: COLOMBO, Eduardo *et all* (Org.). *Op.cit.*, p.45-54.

179 CÁNOVAS, Marília Dalva. *Op.cit.*, p.361.

180 Ver BIONDI, Luigi. *Op.cit.*, 2011. p.105-154.

181 “Cos’è La Pátria.” *Il Risveglio* (São Paulo), 6 de fevereiro, 1898. p.1-2. Tradução nossa.

Estado, reafirmando, nesse pensamento, a conexão de ambos. Em outra coluna, agora na sessão em português assinada por Benjamim Mota, o jornal ainda afirmou:

Quando dois povos estrangeiros vão pouco a pouco estreitando os laços que os ligam, e por assim dizer, esquecendo quase as fronteiras imaginárias que os separam, os burgueses dos dois países, para sustentarem o poder que é a base da exploração, por pretextos fúteis como aconteceu com o Brasil na guerra contra o Paraguai, atacam o ódio entre os dois povos, e os filhos dos operários, dos camponeses e dos trabalhadores em geral, é que vão morrer na luta, varados pelos projéteis das armas modernas de tiro rápido.¹⁸²

Esse trecho é revelador uma vez que, para o redator, uma força antipatriótica e antimilitarista, incluindo posições contrárias às guerras nacionais, eram possíveis justamente pelo estreitamento de grupos imigrantes. O redator ainda sugeria acabar com o ódio entre “operários, camponeses e trabalhadores em geral” revelando, assim, o público a quem o periódico almejava alcançar. Desse modo, foi exatamente propagando o anarquismo, incluindo o internacionalismo, em diversos espaços, entre variadas categorias e grupos, que tais redatores e militantes realizaram suas ações.

O cientista social Clayton Godoy identificou em sua pesquisa que, entre 1898 e 1903, os anarquistas participaram, alavancaram e apoiaram três greves significativas e sete manifestações de rua entre os bairros da Consolação, Largo/Jardim da Luz e Largo da República. As ações dos militantes foram fomentadas principalmente sob a forma de comícios, conferências e festas comemorativas.¹⁸³ Interessante notarmos que uma das mais significativas ações com a presença dos anarquistas foi exatamente o comício contra o já citado cortejo patriótico de 20 de setembro em razão da unificação italiana. Mesmo aliados de republicanos radicais e socialistas, como ressaltamos anteriormente, alguns anarquistas, fora do comício marcado por parte dos anarquistas mais organizados, radicalizaram o discurso antipatriótico difundido pelo grupo do *Il Risveglio* e marcaram uma intervenção, com base na ação direta, no próprio cortejo patriótico:

182 Benjamin Mota. “Sezione Brasiliana: Patriotismo.” *Il Risveglio* (São Paulo), 6 de fevereiro, 1898. p.2.

183 GODOY, Clayton. *Op.cit.*, p. 177-179.

Por volta das duas da tarde, o cortejo patriótico partiu do Largo do Jardim, passou pelas ruas Florêncio de Abreu, S. Bento, Direita, Viaduto [do Chá], Barão de Itapetininga. Reunida em frente ao escritório consular, a coluna parou. Houve “vivas” e “abaixos”, porém sem incidentes. (...) O cortejo se pôs novamente em marcha pela rua Barão de Itapetininga, precedido por uma banda de música e por bandeiras, mas quando alcançou a praça da República, deu-se o conflito. Os savoiardos davam “vivas” ao seu rei e os anarquistas gritavam “morte aos carneiros!” No calor da hora, ninguém se entendia. Compreendeu-se do que tratava quando se ouviu o grito de “morte aos anarquistas!”, seguido de vários tiros de revólver. Os anarquistas, vendo a situação adversa por causa da superioridade numérica [dos adversários], debandaram. [Polinice] Mattei foi seguido pela turba embriagada de sangue que, ao alcançá-lo, atirou-se contra ele em iras e fúrias bestiais, com chicotadas e murros, deixando-o então agonizante por terra. Nosso companheiro morria no dia seguinte na Santa Casa, deixando uma companheira e três filhos.¹⁸⁴

De acordo ainda com o relato descoberto por Isabelle Felice, Polinice Mattei, provavelmente um aderente das estratégias do insurrecionalismo, foi considerado o primeiro mártir do movimento operário por seus companheiros. Novos atos se seguiram no funeral do falecido, com comícios de militantes anarquistas e socialistas e uma manifestação pública da Rua São Francisco até o cemitério do Araçá. Contudo, o funeral e os atos foram acompanhados da forte presença da polícia.¹⁸⁵

A partir daí, como ressalta a autora Claudia Leal, os atos com a presença de militantes anarquistas tiveram mais vigilância das autoridades policiais, que aumentou suas ações de tentar mapear os militantes e ativistas anarquistas e sindicalistas.¹⁸⁶ De acordo com a autora, em 11 de novembro daquele ano

oito anarquistas foram detidos no Posto Policial do Bom Retiro, acusados de promover desordens pelas ruas daquela freguesia, de pregar cartazes sediciosos pelas paredes e de fazer “reuniões secretas em que se tem discutido e deliberado meios de destruir propriedades particulares e públicas

184 Martino Stanga. “Il movimento sociale al Brasile – Rassegna Cronologica.” Arquivo Ugo Fedeli, pasta 101 – “Movimento Sociale al Brasile”, Internationaal Instituut voor sociale Geschiedenis, Amsterdam. Citado FELICI, Isabelle. *Op. cit.*, p. 112 e LEAL, Claudia. *Op. cit.*, p.260.

185 FELICI, Isabelle. *Op. cit.*, p.139-143 e LEAL, Claudia. *Op. cit.*, p.260.

186 Para acompanhar as atividades das autoridades policiais e suas medidas, bem como os representantes das questões do anarquismo ver LEAL, Claudia. *Op. cit.*, 2006. p.215-266.

e outros atentados de segurança individual dos cidadãos.¹⁸⁷ Em ofício datado do próprio dia 11, o terceiro delegado, Luiz Frederico Rangel de Freitas, intimou para prestar declarações aqueles que haviam assinado o cartaz – Estevam Estrella, Benjamim Mota, Benjamim Lacorte e “Fulano Bartolamazzi” (cujo prenome era Zeferino), além de George Curto e De fato, nos termos de declarações prestadas pelos manifestantes, todos disseram ser anarquistas e confirmaram participar de reuniões – não secretas, mas públicas –, nas quais eram propagadas suas ideias – mas não tramados planos de atentados.¹⁸⁸

Essas informações revelam que os anarquistas de relevo na cidade, mesmo os que não concordam com medidas orgânicas, como foi o caso do militante morto, não concordavam com os planos de atentados violentos das estratégias insurrecionalistas e, mesmo se estivessem afirmando tal informação para não serem processados, revelavam também que suas intenções era tornar o anarquismo público e não sob grupos secretos, como os anarquistas que recorriam a ações violentas individuais faziam em outras partes do mundo. Não obstante, já era evidente, como podemos observar, que membros da polícia da cidade já estavam mapeando indivíduos que aderiam ao anarquismo.

No ano de 1899, a 3ª Delegacia de Polícia da cidade de São Paulo se defrontou com a acusação de Gabriela Dias de Mesquita contra militantes anarquistas - entre eles Gigi Damiani, Mota Assunção e Benjamim Mota - pelo sumiço de sua filha menor de idade, também chamada Gabriela. Mesmo com o desencontro de seus relatos e pela mesma não possuir provas materiais pelo caso e sim considerar alguns deles “moralmente responsáveis pela fuga de sua filha e dos prejuízos subsequentes”¹⁸⁹, a mulher acusava os militantes de terem seduzido a garota a partir de pensamentos supostamente perniciosos, justificando suas prisões. A polícia, com evidências de que, de fato, a garota e sua mãe participavam de reuniões nas casas dos militantes junto com suas famílias e anexando o caso ao episódio de colagens de cartazes, prendeu, em 1900, o anarquista José Sarmiento Marquês, solto no mesmo ano por falta de evidências. O personagem partiu posteriormente para a cidade do Rio de Janeiro onde fundou o periódico *O Protesto*, como mostrado anteriormente. No mesmo período foi preso Gigi

187 Portaria do terceiro delegado de polícia, Luiz Frederico Rangel de Freitas, 11/11/1899, anexado ao Inquérito policial, 3ª Delegacia de Polícia, 11/11/1899, Acervo permanente – Polícia – C2906, Arquivo do Estado de São Paulo citado por Idem. p.266.

188 *Idem.* p.266-267.

189 *Ibidem.* p.275.

Damiani que afirmou sofrer intensa repressão e casos de humilhação e violência pelos carcereiros na prisão.¹⁹⁰

Entre outubro e novembro de 1900, Damiani também foi liberado, partindo logo depois para Curitiba. Nesta cidade, rapidamente encontrou o grupo em torno do periódico *Il Diritto*, onde integrou suas práticas - entre elas o ideário internacionalista que estava desenvolvendo - com os anarquistas da região, que também tinham suas ações que tentavam aglutinar trabalhadores de diversos ofícios e origens. Ligando o funcionamento do capitalismo e do Estado através do patriotismo, os anarquistas do periódico reafirmavam sua posição:

Abolição da propriedade individualista, substituindo-a por outra coletiva. A destrutibilidade total de leis, porque para nós não existem. [...] A Emancipação! Vós bem dizes, que nós não reconhecemos Pátria, porque a Pátria é mundo! Não reconhecemos Família, porque Família é a humanidade! É justamente por isso que só a Revolução Social, deverá resolver o grande problema, onde organizar uma só família, e uma só Pátria, e assim o bem estar de todos.¹⁹¹

Em 1901 o periódico já contava com todas as suas colunas em português e apresentava sinais de maior inserção nas associações de trabalhadores, reservando atenção especial à Liga de Trabalhadores do Paraná onde afirmavam “augurar à Liga incremento e lutas” realizando “propaganda em prol da emancipação proletária.” Mais do que isso, a meta, dessa vez, era atingir a classe trabalhadora além dos imigrantes:

Sabemos mais que aderiram à dita Liga, inúmeros filhos do país, o que nos consola, fazendo nos esperar o evoluir do elemento indígena, subjugado até hoje inconscientemente à tirania da tradição do cativo que mantém os patrões contra os interesses da riqueza comum.¹⁹²

De acordo com o grupo estavam adentrando à associação demandas de trabalhadores brasileiros, que eram apontados como “elemento indígena.” Tal fato era noticiado com certo espanto, mas com tom de comemoração, o que revela que, embora

190 Para acompanhar o caso de Gabriela ver *Ibidem*. p.281-286.

191 “Em resposta ao Estatuto Imaginário dos Anarquistas.” *Il Diritto* (Curitiba), 29 de setembro de 1901. p.3.

192 “Movimento Operário.” *Il Diritto* (Curitiba), 11 de junho de 1902. p.3.

não era ainda uma prática comum, fazia parte de uma meta do grupo em questão. É evidente que existiam na cidade associações com integrantes brasileiros, mas pelo trecho podemos entender que estavam longe ainda das práticas e contatos com o anarquismo, fato que se dava pela própria dificuldade de inserção das ideias libertárias nesses espaços, uma vez que podiam ficar apenas no nível de assistência e mutualismo, algo não idealizado pelos anarquistas que buscavam adentrar em associações combativas.

De qualquer modo, aproveitando a intenção do grupo e o acompanhamento de práticas iniciais de junção entre imigrantes e trabalhadores brasileiros, Gigi Damiani lançou o periódico *O Despertar* em 1904, o mesmo nome do jornal de seu antigo companheiro no Rio de Janeiro. O endereço da administração ficava na Rua 7 de setembro nº 37, onde tinha a ajuda de José Buzetti, personagem que provavelmente havia contribuído com outros grupos anarquistas na cidade. O jornal era vendido por \$100 e aceitava assinaturas anuais de 5\$000 e semestrais de 3\$000, contendo quatro páginas. Escrito totalmente em português, o jornal revelava que era destinado aos trabalhadores e, embora sem uma inserção concreta em algum órgão, era vendido nos bairros operários, portas de fábricas, oficinas e lojas sendo “uma folha quinzenal de propaganda libertária.”¹⁹³ Resumido em táticas propagandísticas, o jornal noticiava movimentos e manifestações em outros países, como na França e Inglaterra, e de teorias e debates anarquistas e socialistas no mundo. O grupo em torno do periódico também tinha contato com outros jornais no Brasil, especificamente no sudeste, como *O Amigo do Povo* em São Paulo e *O Libertário* no Rio de Janeiro.

Gigi Damiani, assim, retomava rapidamente sua prática militante, já que as redes e células anarquistas, chamados de “grupos de afinidade”¹⁹⁴ o atraíram e o recepcionaram na cidade. O mesmo também adicionava elementos a essas personagens e grupos, assim como nos espaços em que viviam e operavam. Com isso em vista, Damiani ainda parecia não esquecer o motivo de sua prisão e migração, bem como dos seus ideais. No mês de setembro 1904, depois de provavelmente discutir com seus companheiros sobre os acontecimentos dessa data há seis anos na cidade de São Paulo,

193 Chamada do periódico. *O Despertar* (Curitiba), 20 de setembro de 1904. p.1.

194 Os “grupos de afinidade” designa os diversos tipos de grupos anarquistas que ou seguiam diferentes táticas e estratégias como sindicais, artísticas, culturais e propagandísticas. Apesar das diferenças, muitos se correspondiam, criando células de ativismo. Para um estudo profundo sobre os grupos de afinidade anarquista ver TOLEDO, Edilene. *Amigo do Povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo-Campinas, 1994.

o jornal *O Despertar* lançou um número especial com a chamada “Vinte de Setembro: Deus, Rei, Pátria” no qual pretendia atacar os fundamentos do patriotismo, especialmente das demandas conservadoras da unificação italiana. Mais do que isso, era o momento de radicalizar sua crítica:

Vê se que a ideia de pátria implica inevitavelmente sentimentos menos favoráveis para com os homens de outros países, ódio possível, provável ou positivo. Odiar uma massa de homens que não se tem o prazer de conhecer pessoalmente, odiar desconhecidos, correr o risco de se ver forçado a matá-los ou a fazer matar por eles, é absurdo. Os nacionalistas, os patriotas, são, pois, loucos perigosos. Quem deseja a paz universal deve desembaraçar-se radicalmente do nacionalismo, do patriotismo e suprimir as nações, as pátrias. O interesse comum a todos os homens está em favorecer o desenvolvimento completo do indivíduo, só uma agrupação tem a probabilidade de realizar este ideal, a agrupação de todos os homens.¹⁹⁵

O embate do jornal, dessa vez, não passava só pelo patriotismo e ao militarismo, mas aos próprios sentimentos nacionais, que deveriam ser “desembaraçados”, minando qualquer diferença nacional. Para os redatores, portanto, as diferenças nacionais e suas especificidades não deveriam nem ao menos serem ressaltadas, mas integrados numa agrupação comum de “todos os homens”. Esse discurso cabia muito bem depois de sua experiência e diante das novas táticas dos anarquistas em diversos pontos do país de adentrar à classe trabalhadora de descendência brasileira com os imigrantes, já em maior sintonia em algumas regiões.

O nacionalismo, ou qualquer diferença nacional, não poderia mais caber em nenhum tipo de prática ou discurso, já que a principal meta era a construção de uma classe trabalhadora unificada. Ainda assim, vimos que essa intenção e tática foi desenvolvida e funcionava perfeitamente onde associações operárias e grupos militantes conseguiram minimamente mediar as questões nacionais e de classe. Mas, isso não esteve completamente resolvido, a questão nacional e étnica e suas relações com o elemento de classe, inclusive por novos arranjos e condicionamentos sociais, voltou à tona e se apresentou de maneira não linear se imbricando com o desenvolvimento desse discurso e prática internacionalista.

195 “A Pátria.” *O Despertar* (Curitiba), 20 de setembro de 1904, p.2.

I-IV. “Nossa pátria é o mundo inteiro”? O elemento italiano latente e o anarquismo fora das fábricas

Nossa pátria é o mundo inteiro, nossa lei é a liberdade”. Stornelli d’esilio (Pietro Gori)¹⁹⁶

Brasil - repete esta mensagem, imprime na cabeça de todo o jornal - há tantas pessoas morrendo de fome que não temos ideia, existem misérias desconhecidas para o velho mundo, tais abominações e atrocidades tão inumeráveis, que até picam os cabelos. (La Battaglia)¹⁹⁷

Em 2 de julho de 1868, na cidade de Bastia, na ilha de Córcega, território da França, nasceu Angelo Bandoni. Seus pais eram italianos, da província de Livorno, região da Toscana e provavelmente precisaram emigrar devido às condições materiais e pela vida conturbada que acometia a maioria da população nesse período.¹⁹⁸ Eles eram trabalhadores subalternos que mudavam constantemente de ofício, se deslocando entre áreas urbanas e rurais.¹⁹⁹ Antes mesmo da grande deslocação em massa para outros continentes, esses trabalhadores em momentos de crises de produção ou escassez na lavoura e procurando novos tipos de empregos e ocupações, já podiam se mover dentro da Europa, processo que foi possibilitado devido à evolução dos transportes, principalmente as ferrovias e os trens à vapor.²⁰⁰

196 Trecho da canção Stornelli d’esilio composta por Pietro Gori. Ver MOLACHI, Carlo. *Pietro Gori. El Pensero*, 1959.

197 “Lavoratori d’Europa non venite al Brasile.” *La Battaglia* (São Paulo), 11 de setembro de 1904. p.1. Tradução nossa.

198 A maioria das informações sobre Angelo Bandoni referente ao período de seu nascimento até a vinda ao Brasil foram sistematizadas pelo historiador Luigi Biondi a partir dos documentos do Archivio Centrale dello Stato di Roma na sessão Cassellario Politico Centrale (CPC) e algumas informações das prefeituras locais de alguns pontos da Itália, principalmente na região da Toscana. Ver BIONDI, Luigi. *Op.cit.*, 1994.

199 Bruno Corrêa de Sá e Benevides destaca que “seu pai, durante os anos em que viveu em Bastia, era *marbrier*, uma espécie de artesão que trabalha com mármore cuja habilidade possivelmente tenha sido adquirida na região da Toscana, possuidora do maior polo marmoreiro da época em Carrara. Já Assunta Casanova, sua mãe, não deixou pistas sobre a sua trajetória. Carlo Romani também ao realizar a biografia de Oreste Ristori, personagem com muitas semelhanças ao de Angelo Bandoni, afirma que boa parte daqueles trabalhadores na região da Toscana poderiam ser os *bracciantis*, que alugavam sua força de trabalho em diversas fazendas. O autor também aponta crises que fizeram esses trabalhadores não qualificados a procurarem novos empregos nas áreas urbanas.” Ver BENEVIDES, Bruno Corrêa de Sá. A trajetória de Angelo Bandoni e o individualismo anarquista no Brasil (1900-1920). *I Congresso de Investigadorxs sobre anarquismo: CeDInCI - IDAES /UNSAM*. p.757 e ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, 2002. p.25-30.

200 Sobre a evolução dos transportes e as fases industriais ver HOBBSAWM, Eric. *Era das revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Com 18 anos, Bandoni, ainda próximo da comunidade de origem italiana de sua cidade, viaja, com seu pai e irmão, para La Spezia, uma das províncias da Ligúria. Na Itália, se tornou um indivíduo procurado pelas autoridades como criminoso. Na realidade, não temos informações em que momento o personagem se envolve com atividades tidas como ilegais, mas é em Lucca, no ano de 1887, cidade da região da Toscana, que Bandoni foi detido a primeira vez pelo crime de roubo e falsificação de bilhetes de trem.²⁰¹ A opção para a realização de tais atos ou para a aproximação de grupos julgados como criminosos era verossímil nesse contexto. Apesar da pressão exercida pelo sistema político e econômico, eram auxiliados pelas transformações industriais, como as ferrovias e a imprensa, garantindo rotas criminosas translocais, transnacionais e a cooperação entre diversos grupos e indivíduos que cresciam potencialmente, fazendo com que fossem passadas informações sobre como fugir da repressão policial ou lugares mais favoráveis para tais ações. Na concepção do historiador Diego Galeano, se alguns optavam por lutar contra essas opressões de maneira direta, outros aproveitavam “as múltiplas rotas criminais que esse *status quo* tornara possível.”²⁰² Longe de serem delinquentes, como julgavam as autoridades do período, podemos encaixá-los, como estamos tencionando, dentro do mesmo sistema dos personagens que eram coagidos à mercantilização de sua força de trabalho ao se depararem com a instabilidade de suas vidas, mas, ao invés de optarem por vender ou alugar essa força, tentavam conseguir meios de manter sua subsistência longe das longas jornadas das fábricas e fazendas.²⁰³

Assim, nas rotas criminosas, mas ainda compartilhando muitas das mesmas opressões de classe e, conseqüentemente, de ideários e formas de resistência, Bandoni pode ter ouvido falar a primeira vez sobre anarquismo ou algo bem próximo dessa ideologia. Os pensamentos anarquistas circulavam em grupos criminosos ou violentos

201 BIONDI. *Op.cit.*, 1994. p.73-75.

202 GALEANO, Diego. *Criminosos viajantes, vigilantes modernos. Circulações policiais entre Rio de Janeiro e Buenos Aires, 1890-1930*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. p.39.

203 Para Marcel Van der Linden, os trabalhadores assalariados não eram os únicos a sofrerem os males da expansão capitalista. Na própria formação desse sistema econômico e o enriquecimento de uma pequena classe proprietária, houve a necessidade da expropriação e colonialismo de diversas regiões, produzindo escravos, gerando também miséria nesses locais. Do mesmo modo, a grande demanda excedente de pessoas para as nascentes fábricas, aumentando a necessidade de trabalhadores não qualificados, prostitutas, meeiros, pequenos artesãos, moradores de rua e outros que, na verdade, formavam um grande grupo marginalizado e podem combinar vários tipos de funções para sua sobrevivência, figurando o que se pode chamar de trabalhadores subalternos. O conceito de trabalhadores subalternos pode ser aprofundado e verificado em LINDEN, Marcel van der. *Op.cit.*, 2013.. p.27-48.

que, muitas vezes, misturavam o ideário de revolução do anarquismo com suas práticas de expropriação e roubo, por vezes individualistas. Havia a possibilidade também de grupos de livre pensamento e anticlericais disseminarem panfletos, jornais ou livros anarquistas ou mesmo acontecia de personagens que leram ou obtiveram contato pessoal com algum autor ou militante anarquista influenciarem tais círculos.²⁰⁴ Além disso, devemos considerar que as lutas de unificação italiana, principalmente as vertentes radicais como o republicanismo mazziniano, como apontamos anteriormente, abriram brechas para o florescimento do anarquismo nos lugares onde Bandoni estava passando nesse momento.

No entanto, nessa fase de sua vida, para Luigi Biondi, primeiro historiador que procurou vestígios sobre o personagem com mais profundidade, as informações encontradas são bem controversas. Para o autor, de acordo com a polícia italiana, Bandoni se tornou anarquista depois de ir para Argentina com seus pais em 1893; porém, de acordo com a prefeitura de Lucca, ele teria sido nesse momento um fugitivo na Argélia escapando das acusações de roubo na Itália. Além disso, na Argélia, parece ter sido condenado em 1890, novamente por roubo e, antes do termo de sentença, foi repatriado para La Spezia. O autor ainda acrescenta que, segundo outras fontes policiais, Bandoni e seu pai, em 1893, foi de La Spezia para o Brasil, e não para a Argentina, e na América é que se tornou anarquista, voltando para a Itália, onde foi detido e cumpriu sentença até 1900.²⁰⁵ A próxima informação é que libertado da prisão, em vez de ser vigiado por um ano em liberdade, como foi atribuído em sua sentença, preferiu viajar para São Paulo, no Brasil.

Naqueles dias, o porto de Santos já tinha recebido seus milhares de imigrantes, processo que ocorria em vários pontos do Brasil.²⁰⁶ Os recém-chegados aguardavam a liberação dos seus documentos e depois seguiam caminho nas locomotivas da *São Paulo Railway* que ligava Santos a Jundiaí. Pessoas sem destino definido terminavam na Hospedaria de Imigrantes, junto à estação do Brás, lugar onde eram alocados para trabalharem nas cidades do interior como Araraquara, Campinas, Piracicaba, São José

204 ROMANI. *Op.cit.*, p.30-36.

205 BIONDI. *Op.cit.*, 1994. p.72-75.

206 O historiador Uassyr de Siqueira mostra que “pouco após a Abolição, em 1892, foram 92 mil os imigrantes que chegaram no estado, número que, inserido entre os anos de 1880 e 1920, resultou em 1,5 milhões.” SIQUEIRA, Uassyr de. *Entre sindicatos, clubes e botequins: identidades, associações e lazer dos trabalhadores paulistanos (1890-1920)*. Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo- Campinas, 2008. p.11.

do Rio Preto e outras ou para ficarem na capital, onde muitos começavam suas atividades no comércio ou nas fábricas. O processo que ocasionava a construção de bairros operários e das habitações populares, próximos às áreas férreas como Água Branca, Barra Funda, Brás, Bom Retiro e Luz ou próximos aos rios, como Pari, Belenzinho, Penha e Mooca, foi marcado por uma clara distinção social em relação a outras regiões de moradia, como Higienópolis, no qual se concentravam a população com maiores rendimentos, que apresentava melhores instalações, inclusive de saneamento básico.²⁰⁷

Após uma breve experiência trabalhando em uma área rural na zona oeste de São Paulo, foi nos bairros desprovidos que Angelo Bandoni se alocou definitivamente na cidade. Nesse período, grupos ou militantes anarquistas já estabelecidos e minimamente organizados na cidade, como acompanhamos, faziam questão de receber outros militantes ou simpatizantes que desejavam entrar nas suas fileiras políticas - com mais facilidade, devido à língua e costumes, aqueles de seus países - e conseguiam lugares para moradia bem como ensinavam algum ofício para trabalharem nos momentos que não estavam em atividade política. É bem provável que o personagem, conhecendo antes ou não o anarquismo, mas com possíveis contatos dentro de sua experiência, tivesse lido algum desses periódicos e procurado alguns de seus personagens ou mesmo comparecido em uma de suas reuniões, a fim de somar seus esforços na luta libertária.²⁰⁸ Assim, se não havia feito parte ainda de um grupo anarquista, sua formação militante foi bem rápida já que em 1900, no mesmo ano em que chegou, é citado como um colaborador do periódico dirigido por Tobia Boni, o *Palestra Social*.²⁰⁹ Em 1901 anuncia sua primeira conferência, intitulada “Ragione e Amore”.²¹⁰ Alguns meses depois, Bandoni lançou um opúsculo chamado *La Protesta Humana*, que foi assinado pelo Circolo Educativo Libertario Germinal de São Paulo, grupo criado pelo personagem. No ano de 1902, o grupo lançou o periódico *Germinal*,

207 GODOY. *Op.cit.*, p.73.

208 Ver SANTOS, Kauan Willian dos. “Ultrapassando limites, conjurando a liberdade: revolução e nação na trajetória política de Angelo Bandoni em São Paulo nas duas primeiras décadas do século XX.” *Revista Mundos do Trabalho*. Vol. 8, n.16, pp. 57-74, Julho/Dezembro de 2016.

209 Carlo Romani indica que Tobia Boni era Toscano, de Siena e “residia na capital paulista desde 1898 e trabalhava como ouvires em uma oficina própria de bijuterias, joias e relógios na rua São João, 18. A relojoaria também servia de espaço de difusão de ideias anarquistas, sendo, por causa disto, acusado pela Legação da Itália de receptação e venda de objetos roubados. [...] Boni estava à frente do grupo La propaganda, fundado em 1901 com o nome de Nuova Civiltá, que agia publicando e difundindo opúsculos libertários vendidos em sua loja.” Romani, Carlo. *Op.cit.*, p.120.

210 BIONDI. *Op.cit.*, 1994. p.74.

com Angelo Bandoni também seu diretor e principal redator. Para o historiador Carlo Romani, este foi o periódico de língua italiana até então “mais importante de todos” já que “saiu ininterruptamente até o ano de 1903, quando começou a não ter periodicidade fixa, e finalmente desaparece em março de 1904.”²¹¹ As impressões do periódico eram feitas pela tipografia localizada na Rua Bresser, nº 200, no bairro do Brás, onde era também a redação do jornal que saía com quatro páginas e não tinha um preço fixo, aceitando donativos e subscrições voluntárias.

É interessante perceber que o jornal e seu grupo também almejavam os trabalhadores de diversos ofícios, fazendo suas principais colunas aos “Lavoratori”²¹², como os grupos anteriores na cidade faziam. Mas, dessa vez, todos que compartilhavam a própria pobreza eram incluídos:

Difícil missão é a nossa... reclamar constantemente os anseios dos oprimidos sobre as suas condições degradantes de vida, as causas geradoras da pobreza e da degradação proletária, ligando e mantendo vivo o espírito de intolerância e rebelião.²¹³

Podemos perceber, mesmo de maneira sutil que, pela sua própria vivência em ambientes subalternos e práticas consideradas criminosas, Bandoni entendia que deveria entender as próprias causas da pobreza, incluindo vários grupos que sofriam as opressões do sistema social que vivia. Nesse movimento, disseminava seu jornal principalmente além das associações de trabalhadores, fábricas, oficinas e regiões de comércio, englobando todos os tipos de precarizados e tentando entender seus dilemas.²¹⁴ Criticando, assim, outros grupos, principalmente os de língua portuguesa, o jornal declarava:

[...] Os anarquistas do Brasil têm-se limitado a mandar vir do estrangeiro jornais e outras publicações que apenas poderão satisfazer o seu diletantismo e fazer uma propaganda efêmera e estreita entre aqueles somente que podem entender a língua em que elas vêm escritas. [...] Os propagandistas, em vez de construírem argumentos seus, originais, procurando desenvolver a sua inteligência, deleitam-se a traduzir e reproduzir produções que na maior parte

211 ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, p.127-128.

212 “Trabalhadores”

213 “Compagni!”. *Germinal* (São Paulo), 10 de fevereiro de 1902. p.1.

214 Para entender esse movimento de Angelo Bandoni ver FELICE, Isabelle. *Op.cit.*, 1994. p.169-172.

das vezes só abstratamente assimilaram. [...] Procurar a originalidade dos argumentos e das ideias conforme os costumes, a índole e o caractere das regiões em que se habita – eis a Vida.²¹⁵

A missão do personagem, como vemos, era tornar acessível a um público maior - muitos não letrados - as teorias anarquistas, adaptando-as aos condicionamentos da realidade local. Dessa forma, mesmo escrito majoritariamente em italiano, ele escrevia sessões em língua portuguesa e espanhola em seu jornal e, também continuando às críticas ao patriotismo, o *Circolo Educativo Libertario Germinal* e seu órgão comunicacional, deixavam uma importante referência de ação no anarquismo sobre seu contato com a população na cidade.

Não obstante, o maior impacto do anarquismo na cidade, principalmente para a população de origem italiana e para os trabalhadores além das fábricas, oficinas e comerciantes, se deu com a chegada de Oreste Ristori, em 1904, quando, inclusive, o periódico *Germinal* noticiava sua primeira conferência.²¹⁶ Este agente nasceu em 1874, no povoado de Pino, na vila de Ponte a Elsa, em San Miniato, na região da Toscana na Itália. Seus pais eram trabalhadores precários, chamados de *braccianti* ou *pigionali*, que ofereciam mão de obra nas fazendas para cobrir atividades mais pesadas e urgentes. Devido à instabilidade desses trabalhadores, eles mudavam constantemente de região ou acumulavam trabalhos das cidades e regiões agrícolas. Em sua adolescência, Ristori conheceu ideias libertárias e anticlericais a partir da circulação e difusão de folhetos, jornais e reuniões de grupos que se davam nas praças públicas da cidade.²¹⁷ Com 17 anos, o já declarado anarquista aderiu às estratégias insurrecionais a partir de atentados e roubos e também de manifestações contra as autoridades, latifundiários e proprietários rurais nas quais “a perseguição policial se tornaria uma rotina em sua vida marcada pelas passagens nas delegacias e cárceres do aparelho repressivo do Estado.”²¹⁸ Após cumprir uma de suas sentenças em Palermo, no ano de 1901, e após um embate com outros ativistas que não o viam bem por sua suposta homossexualidade, Ristori

215 “Sezione Brasiliana. A propaganda anarchista no Brazil.” *Germinal* (São Paulo), 1 de março de 1902. p.3-4.

216 Ver ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, p.120.

217 Idem. p.23-40. Romani também destaca que a presença do anarquismo se dava desde a presença da Aliança da Democracia Socialista, inclusive com a visita de Bakunin, na Itália, nas regiões de Livorno, Prato, Pontassieve, Pistoia, Siena, Massa e Carrara. Ver ROMANI, Carlo. “A aventura do anarquismo segundo Oreste Ristori.” *Revista Brasileira de História*, v.17, n.33, p.150-166, 1997.

218 ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, 2002. p.35.

amadurece a ideia de emigrar para a América do Sul.²¹⁹ O país escolhido foi a Argentina, onde já se comunicava com jornais socialistas e anarquistas, principalmente de Buenos Aires. Na cidade fez parte do grupo La Antorcha e foi redator dos jornais *La Protesta Humana* e *L'avvenire*, abandonando o insurrecionalismo e aderindo principalmente, desta vez, às táticas propagandísticas acompanhadas de incentivo aos boicotes, motins e manifestações. Em dezembro de 1902, preso em uma manifestação pública, houve uma tentativa de deportá-lo para a Itália. Contudo, no navio, conseguiu fugir para o Uruguai onde publicou nos jornais *La Rebelión* e *La Protesta Humana*. No único ano que ficou nesse país, perdeu espaço no movimento operário quando suas estratégias são minadas e vencidas na greve de 1902 em Montevideú. Não obstante, pelas redes de contato com jornais brasileiros, sabe que seus companheiros Gigi Damiani e Alessandro Cerchiai - outro toscano com quem havia militado - estavam na cidade de São Paulo, onde escolheu seu novo itinerário.²²⁰

Na cidade, em 1904, também se aloja na residência de Tobia Boni e rapidamente contribuí com diversos grupos anarquistas, de variadas origens étnicas e nacionais como jornal *O Amigo do Povo* e os grupos La Propaganda e o Circolo Educativo Libertario Germinal. Os militantes noticiavam que Ristori era impetuoso e com uma ótima retórica para realizar conferências e debates, se tornando, no mesmo ano, uma figura respeitada nos círculos anarquistas.²²¹ Nesse caminho, em 19 de junho de 1904, Oreste Ristori junto com Angelo Bandoni e Alessandro Cerchiai lançaram o periódico *La Battaglia*. O jornal continha quatro páginas, mas com muitas colunas e aceitava assinaturas anuais de 10\$000, semestrais de 5\$000 e trimestrais de 3\$000, saindo da Avenida Tiradentes, nº 100. O periódico também aceitava donativos voluntários de várias cidades, era vendido por preços que variavam ou distribuído em alguns casos. Os militantes também faziam questão de lerem o periódico em lugares públicos aos não letrados, prática que já ocorria, mas foi reiterado pelo grupo.²²²

Por isso, embora com cabeçalhos simples e poucas imagens, o jornal logo teve uma recepção extraordinária na cidade, principalmente nos bairros de predominância ou de presença significativa de italianos, apresentando uma tiragem que variava entre 3.500

219 Idem. p.59-72.

220 Para acompanhar a trajetória de Oreste Ristori nesse período Ver ROMANI, *Op.cit.*, 1997. p.153-157.

221 VER ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, 2002. p.147-222.

222 Para acompanhar as práticas de La Battaglia ver FELICE, Isabelle. *Op.cit.*, 1994. p.182-203 e BIONDI, Luigi. *Op.cit.*, 1994. p.60-126.

e 5.000 exemplares, número significativo comparado aos jornais do período, incluindo os da grande imprensa.²²³ Esse fato se devia não só pelo empenho de divulgação do grupo, mas pelo conteúdo de suas colunas, com críticas ácidas aos grandes proprietários, políticos e religiosos da cidade. Respondendo, certa vez, às notícias de grupos que julgavam mal os roubos, o jornal lançava a pergunta “Que diferença há entre um capitalista e um criminoso?”²²⁴ e ele respondia:

Alguns dirão: nenhuma! [...] O capitalista como o salteador vivem da prepotência, do roubo e dos furtos; a vida de um é parasitaria como de outro; os dois são modos nocivos para a sociedade; mas com essa diferença: que o salteador, qualquer que seja seu ato, tem ao menos uma justificativa na miséria, no desespero e em todas as coisas que diretamente contribuíram a rendê-lo a tal [...] O capitalista, ao contrário, para prejudicá-lo na vida ou na ação, não precisa, como o ladrão, para assaltá-lo no meio da floresta, gritar: Seu dinheiro ou sua vida! não: [...] Isso é definido em seu ateliê, em sua oficina, onde a força das coisas inexoravelmente te pisam, e, uma vez que ele deixou cair suas garras, te espremem como um polvo, com todo os seus tentáculos, e, extraindo de suas veias até a última queda útil de sangue, ele vai aproveitar as dores de sua agonia e vai se livrar de você quando se tornará para ele absolutamente inútil.²²⁵

Os detentores dos meios de produção eram os verdadeiros expropriadores nessa visão. Percebemos também que a luta das classes sociais era tratada sob formas que tentavam chamar, pelo linguajar, pessoas não acostumadas a lerem teorias científicas ou sociais. Além disso, pessoas tidas como não trabalhadores, eram tratados e incluídos, e suas condições vistas como consequência da própria ascensão do capitalismo e do Estado.

Ainda assim, o que garantia o *La Battaglia* ser distribuído em mais de cem localidades, incluindo o Brasil, outros países da América do Sul e da Europa²²⁶, foi seu contato com os trabalhadores das áreas rurais. Mesmo que o anarquismo na cidade e em outras partes do país agregasse grupos populares e precarizados em geral nos seus discursos, Ristori, pela sua vivência em regiões não industrializadas, percebia ainda a

223 Ver LEAL, Claudia Feierabend Baeta. *Op.cit.*, 1999. p. 20.

224 “Que diferença tem um capitalista de um salteador?”.

225 “Che differenza passa fra un capitalista e un brigante?”, *La Battaglia* (São Paulo), 11 de setembro de 1904. p.3. Tradução nossa.

226 Para analisar a extensão do periódico *La Battaglia* ver FELICE, Isabelle. *Op.cit.*, 1994. P. 182-203.

incipiência de seus companheiros para com o público rural. Por isso, fazia viagens de propaganda no interior do estado de São Paulo e também em Minas Gerais, obtendo contato com grupos anarquistas e socialistas ou discursando em associações e também distribuindo jornais nas fazendas.²²⁷ Daí em diante, a questão do trabalhador rural passou a ser um dos principais alvos do grupo:

Das fazendas, dos feudos, dos vastos domínios dos grandes proprietários de terra, irrompe um grito de angústia e de desespero. São os pobres colonos- os servos infelizes da gleba, os párias do mundo – dissecados pelos patrões e açoitados a sangue pelos seus capangas. São os pobres colonos – vindos aqui a fecundar, com os seus braços, e que sofrem as mais terríveis atrocidades, quando perguntam pela sua paga.²²⁸

Na realidade, durante a consolidação do anarquismo, a partir da segunda metade do século XIX, os membros da Aliança da Democracia Socialista, e, posteriormente, Errico Malatesta, Piotr Kropotkin, Emma Goldman e Élisée Reclus, faziam questão de incluir trabalhadores não fabris como importantes nos processos revolucionários. Para Lucien Van der Walt, eles entendiam o proletariado “de maneira ampla, incluindo trabalhadores assalariados sem controle de seu próprio trabalho, suas famílias e desempregados.”²²⁹

Uma tradição anarquista também considerava a própria exploração e a dominação, não só material, mas ligadas a esse fator, como o divisor das classes sociais e

nessa luta de classes, a revolução poderia ser realizada em países mais ou menos desenvolvidos e deveria ser levada a cabo tanto pelo proletariado urbano e industrial, quanto pelo campesinato e toda a massa de excluídos (o “lumpemproletariado”).²³⁰

Acompanhando essa tendência, as denúncias às formas de trabalho e aos abusos dos proprietários agrícolas, principalmente do café, para com os colonos eram constantemente feitas, se espalhando pelas redes de contato do jornal na Argentina e na Itália, atitude que inflamava fugas, revoltas e manifestações nas regiões nas quais estas

227 ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, p.141.

228 *La Battaglia* (São Paulo), 26 de junho de 1904 citado em Romani, Carlo. *Op.cit.*, 2002. p.131.

229 VAN DER WALT, Lucien. *Op.cit.*, 2016. p.119.

230 CORRÊA, Felipe. Introdução. In: BAKUNIN, Mikhail. *Op.cit.*, 2010. p.31.

violências eram praticadas.²³¹ Contudo, se deparando com as constantes mortes, açoitamentos e inclusive violências sexuais que os trabalhadores das fazendas ainda estavam expostos e a dificuldade de organizá-los ou mesmo de disseminar suas mensagens entre eles, o grupo em torno de *La Battaglia* rebuscou um antigo debate de Errico Malatesta, que já apontamos, sobre a ineficácia da emigração como fuga dos problemas de classe, a não ser se fosse para a disseminação proposital das ideias anarquistas em outras áreas.²³² Com o folheto “contra a imigração”, circulado inclusive em portos na Europa, tentavam convencer os trabalhadores da “Itália, Espanha e Portugal” a lutarem em seus países e pensarem bem “antes de aventurar-se para além-oceano, as desilusões e os sofrimentos que lhe estão reservados sob o lindo céu desta república.”²³³ Percebendo a omissão do Estado brasileiro nessa questão, os redatores continuavam:

No sul da Europa os emissários dos fazendeiros e do governo brasileiro, com as mentiras mais atrevidas, procuram defender seu país como um lugar de delícias e felicidade; quando... a salvo da bandeira estrelada da confederação republicana, os trabalhadores dos cafezais são furtados de seus salários e assaz frequentemente assassinados pelos senhores, se eles ousam lastimar-se. Todos aqueles que conhecem o Brasil são testemunhas da verdade dos fatos que nós expomos; heis aqui porque nós temos a convicção que nosso apelo será entendido pela imprensa livre de todos os países, que impedirão os desgraçados de tombar na mais vil das escravidões: A ESCRAVIDÃO das fazendas.²³⁴

Como vemos os militantes em torno do periódico *La Battaglia* também seguiram os argumentos de grupos imigrantes anarquistas do início da década de 1890 – e suas respectivas visões do Brasil- que igualavam o tratamento dado aos trabalhadores tido livres aos antigos escravizados. Desse modo, também argumentavam a falácia que representava a vinda da República ao país:

231 Em 1912, em Ribeirão Preto, Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro identificam uma greve significativa de setenta famílias que serviam a doze fazendas na região. Fato que foi noticiado e apoiado pelo grupo de *La Battaglia*. Ver HALL, Michael; PINHEIRO, Paulo Sérgio. “Alargando a história da classe operária”. *Remate de Males*, v. 5, p. 96-120, 1985. p.98.

232 VER FELICE, Isabelle. *Op.cit.*, 1998. p.10-11.

233 Oreste Ristori. *Contra à imigração*, 1906.

234 Idem.

Aqui, quem reina não é República, mas oligarquia, plutocracia, burocracia e pior. O governo é composto de bandidos; as autoridades inferiores, o quanto pior se pudesse encontrar nos ergástulos; toda uma purulenta cloaca de alcoolizados, de maus elementos, criminosos, toda a fina flor de malandragem e bandidagem mafiosa. [...] Garantias para os operários, tanto interno quanto estrangeiro, são palavras vazias de sentido. O patrão, favorito das autoridades, à sombra das leis, espolia, martiriza, mata. A imprensa do país, com exceção de algum jornal, cala-se e torna-se cúmplice, pelo contrário, em quase todas as malandragens.²³⁵

Os redatores do jornal em questão não seguiam a teoria anarquista hegemônica no período, inclusive em regiões já fora da Europa, que afirmava que aristocracia e a oligarquia faziam parte do rol das classes dominantes que deveriam ser combatidas da mesma forma e, estavam, nessa visão, atrelados à dominação e ao avanço do liberalismo e do Estado nacional e, com estes, o próprio desenvolvimento da burocracia e da corrupção.²³⁶ Para Luigi Biondi, Oreste Ristori e seus companheiros defendiam que era necessário haver primeiramente a instauração de um Estado minimamente democrático e legal, para, posteriormente uma luta anarquista, figurando um tipo de etapismo, postura comum já em São Paulo como vimos, mas também em países como Portugal e Espanha, embora muito criticado por outros grupos libertários, também no Atlântico Norte, mas sobretudo fora dele.²³⁷ Paradoxalmente, a luta desses personagens se transformava numa campanha pela democracia como do modelo europeu, que tanto os anarquistas também embatiam em outras regiões. Os mesmos militantes, em 1912, num artigo do jornal chamado “Parliamoci Chiaro”²³⁸ admitiam: “Digamos a verdade, nós trabalhamos duro por uma causa que não era nossa: da democracia.”²³⁹

Nessa visão, mesmo que por vezes apoiados, inclusive por jornais da grande imprensa e por membros da Igreja que também denunciaram as condições dos trabalhadores rurais²⁴⁰, os redatores de *La Battaglia* afirmavam que os governantes do Estado brasileiro continuavam a excluir politicamente os imigrantes das decisões do

235 *La Battaglia*, 26 de junho de 1904. Citado em ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, 2002. p.131.

236 Para ver a questão pelos anarquistas no período ver CORRÊA, Felipe. *Bandeira Negra: rediscutindo o anarquismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015. p.135-142.

237 Ver BYRNE, Sian; VAN DER WALT, Lucien. “Worlds of western anarchism and syndicalism: class struggle, transnationalism, violence and anti-imperialism, 1870-1940.” *Canadian Journal of History*, vol.50, n.1, 2015. p.98-132.

238 “Vamos falar claramente.”

239 *La Battaglia*, 21 de julho de 1912. Citado e traduzido em BIONDI, Luigi. *Op.cit.*, 1998. p.41.

240 Ver ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, 2002. p.159-166.

país. Além disso, noticiavam que eram ainda, em esmagadora maioria, os trabalhadores estrangeiros que compareciam aos seus comícios, manifestações e discussões uma vez que, para eles “aqui não existe uma verdadeira classe operária constituída por nacionais.”²⁴¹ Dessa forma, tais militantes, mesmo ainda não excluindo suas táticas de integração entre elementos nacionais e estrangeiros, desenvolveram um ideário nacional particular que atribuía características ao elemento nacional, político e social, usado ocasionalmente para criticar o Estado brasileiro e a suposta passividade dos trabalhadores não imigrantes:

O fazendeiro é que é estrangeiro na sua fazenda que não conhece, e não o colono que a irrigou com o suor da própria frente. Estrangeiro é o acionista, na oficina a ele desconhecida, e não a frágil operária que conhece todas as vibrações do tear sobre o qual adoece [...] o nosso direito de intervir para julgar a vida política de um país e querer regular as condições econômicas apoia-se sobre uma razão [...] Porque aqui nós trouxemos o trabalho e a ideia: o pão e o progresso. [...] Defendendo a causa do proletariado de além mar, nós defendemos o porvir do Brasil das insídias do passado inquisitorial e escravista. Comovendo-nos com o ofendido colono italiano nós não tentamos vender a moeda falsa de um nacionalismo traidor; nós cuidamos da liberdade de um proletariado em gestação: o indígena.²⁴²

É interessante perceber como os próprios anarquistas desse grupo tentavam convencer seus leitores que não eram tipicamente estrangeiros, uma vez que estavam tentando se integrar aos brasileiros e que estavam combatendo a própria desigualdade do país. Diziam, como resposta, que eram os fazendeiros, os acionistas, e, também em outras oportunidades os chefes industriais, que deveriam ser chamados de estrangeiros ao não conhecerem a realidade de seus trabalhadores. Não obstante, se viam como portadores de ideias e práticas que desenvolveriam o espírito associativo e revolucionário dos trabalhadores nacionais e estrangeiros. Na hipótese do historiador Luigi Biondi,

os anarquistas italianos, que viviam a dupla condição de ser ao mesmo tempo internacionalistas convictos e imigrantes com uma nacionalidade bem

241 *La Battaglia*, 17 de junho de 1905. Citado e traduzido em BIONDI, Luigi. *Op.cit.*, 1998. p.139.

242 “I nemici del Brasile.” *La Battaglia* (São Paulo), 21 de fevereiro de 1913. Citado e traduzido em BIONDI, Luigi. *Op.cit.*, 1998. p.140.

individuada, reagiram através de dois modos diferentes: por um lado contestando, como sempre, a ideia de pátria, por outro, sublinhando a superioridade do estrangeiro frente ao brasileiro, isto é, utilizando, e isso nos parece singular, motivações classicamente anarquistas com outras etnocêntricas. Ambas as observações serviam para defender e conservar um pleno direito de cidadania, e eram, de toda forma, unidas pela consideração que a propaganda das ideias libertárias se fundava na constatação de uma real exploração sofrida pelas classes trabalhadoras.²⁴³

É evidente que o desenvolvimento de posições etnocêntricas e nacionalistas, mesmo que de forma particular, tinha um contexto claro. Na primeira década do século XX, havia se multiplicado de forma considerável a criação de sindicatos ou órgãos voltados ao caráter de resistência,²⁴⁴ estes que, por sua vez, estavam localizados, em sua maioria, nos bairros centrais da cidade de São Paulo. Como vimos, nessas regiões existia a presença significativa de imigrantes italianos como, por exemplo, no Bexiga que, em 1908, passou a funcionar o Sindicato dos Trabalhadores em Ladrilhos, a União dos Chapeleiros, o Sindicato dos Trabalhadores em Pedra Granito, o Sindicato dos Trabalhadores em Veículos, o Sindicato dos Metalúrgicos, o Sindicato dos Transportadores de Tijolos, a Liga de Resistência entre Pedreiros e Anexos, a Liga dos Trabalhadores em Madeira e a União dos Sindicatos²⁴⁵

Mesmo que tais organismos não fossem sido criados com nomes, estatutos ou destinados a uma nacionalidade específica, como aconteceu com as sociedades mutualistas e de socorro mútuo, e de fato integravam de melhor maneira a variedade nacional na cidade, uma grande parte dos sindicalistas, ainda imigrantes, continuavam, em muitos casos, a desenvolver suas atividades com um grande número de seus conterrâneos – uma vez que os estrangeiros representavam 92% dos trabalhadores industriais, sendo 81% italianos²⁴⁶ - dando subsídios para a criação e continuidade de ideários étnicos e nacionais.²⁴⁷

O grupo do jornal *La Battaglia* percebia tal tendência e parecia usar, portanto, um ideário étnico particular gerido em torno de discursos revolucionários e, de percepção e linguagem dos bairros operários e precarizados, para expandir, mesmo com

243 Idem. p.137.

244 Ver BATALHA, Claudio. *Op. cit.*, 2000. p.14-20.

245 SIQUEIRA, Uassyr de. *Op.cit.*, 2008. p.22.

246 Ver TOLEDO, Edilene. *Op.cit.*, 1994. p.34.

247 Ver BIONDI, Luigi. *Op.cit.*, 2011. p.155-222.

certos entraves diante dos nativos, a cultura política anarquista. Como evidências dessa expansão, além de tal periódico ser difundido nas colônias e bairros de presença italiana nos estados de Amazonas, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraná, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, provavelmente dando subsídios para a criação ou impulso de organizações e núcleos anarquistas nessas regiões, o pesquisador Clayton Godoy afirma que o grupo foi efetivo, ao lado dos periódicos *A Terra Livre* e *O Amigo do Povo*, no período entre 1904 e 1908, em fomentar e organizar dezenas de greves, num número contabilizado pelo autor de vinte e seis destes atos, além de boicotes e manifestações expressivas.²⁴⁸

Os personagens em torno do periódico *La Battaglia* mesmo com críticas e ponderações à criação da Federação Operária de São Paulo (FOSP) em 1905, noticiaram tal empreitada, dando potência ao movimento operário da cidade. No dia 4 de maio 1907, os metalúrgicos da Companhia *Lidgerwood* ao protestarem por melhores condições e a jornada de oito horas, conseguiram o apoio, graças à mediação de grupos anarquistas e sindicalistas de outras categorias. Os anarquistas, além de suas posições no interior da FOSP, ofereceram discussões e disseminaram notícias através de diversos jornais, entre eles o *La Battaglia*, *O Amigo do Povo*, *A Terra Livre* se unindo aos principais propositores do organismo, o *Il Falegname* e o *La Lucta Proletaria*, que reunia sindicalistas e socialistas.²⁴⁹ Algumas categorias saíram vitoriosas, pelo menos durante algum tempo em que vigoraram os direitos requeridos. Não obstante, a repressão policial, como era comum sobre os grupos ativistas, caiu sobre a FOSP, dissolvendo o organismo e prendendo seus líderes e militantes.²⁵⁰

É preciso salientar que o grupo em torno do periódico *La Battaglia* era praticante da estratégia antiorganizacionista do anarquismo, aquela que justamente criticava a associação e o vínculo entre o anarquismo e o sindicalismo ou com associações operárias que poderiam cristalizar e estagnar o processo revolucionário por meio das lutas de curto prazo, como podemos observar:

248 Para acompanhar a presença do *La Battaglia* e suas atividades ver. GODOY, Clayton. *Op.cit.*, p.194-213.

249 Ver LOPREATO, Christina. *O Espírito da Revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1996. p.12 e TOLEDO, Edilene. O Sindicalismo Revolucionário no Brasil no início do século XX: A obra de De Ambris, Sorelli e Rossoni. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio. *Op.cit.*, p.183-201.

250 *Idem*. p.10-14.

O sindicalismo nada tem de comum com o anarquismo, ou melhor, tem demais: o caráter efetivo de ação do sindicalismo é a negação do anarquismo. [...] O partidão sindicalista é uma vasta armadilha em que foram colocados os princípios fundamentais do socialismo e da anarquia para enjaular o elemento proletário e lançá-lo em seguida à gloriosa conquista do sagrado aumento de dois vinténs para o dia de trabalho.²⁵¹

Parte dessa visão pode ser encontrada durante a primeira flexibilização da tradição anarquista após o colapso da Primeira Internacional, localizada nas últimas décadas do século XIX, principalmente nas regiões onde os anarquistas encontraram pouco espaço de atuação nos ambientes classistas, seja por suas convicções e tradições locais ou pela falta de estrutura sindical, como vimos anteriormente também em regiões da Espanha nesse período.²⁵² Além de serem contrários à organização sistemática, esses personagens constituíram o anarquismo em meio aos movimentos insurrecionais, acreditando que práticas de boicote ou o uso da violência ocasionariam uma possível ação revolucionária, chamado assim de “anarquismo insurrecionalista” em detrimento da estratégia que visava um trabalho de base em organizações trabalhistas e populares, o “anarquismo de massas.”²⁵³ Um expoente importante na justificação teórica dessa orientação, inclusive de seu ideário antissindicalista, foi Luigi Galleani, personagem que

251 “Sindicalismo e Anarchismo”. *La Barricata*, 16 de março de 1913. Citado em: TOLEDO, Edilene. *Op.cit.*, 2004. p.32.

252 É interessante notar que as estratégias e as formas de atuação dos anarquistas não podem ser resumidas aos fatores estruturais econômicos existentes em suas realidades locais. Como observado em diversos estudos, por vezes, a atuação dos anarquistas dependerá também da inserção em sua articulação política local e internacional, na recepção de leituras e no caminhar de sua própria atuação política. No entanto, nesse caso, do antiorganizacionismo, não podemos excluir por completo a realidade socioeconômica dos ambientes onde essa estratégia floresceu. Carlo Romani nos mostra que “em uma região onde a indústria ainda é muito incipiente (o desenvolvimento industrial na região de Empoli deslanchará somente após 1890), o proletariado urbano é pouco desenvolvido e as ideias anárquicas penetravam basicamente em dois grupos sociais distintos: o dos trabalhadores diários e dos artesãos e entre pequenos comerciantes empobrecidos. É do encontro de interesses entre esses dois grupos que nasce uma proposta de ação revolucionária, antiorganizadora e socialista libertária”. ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, 2002. p.29.

253 Para Lucien Van der Walt o anarquismo insurrecionalista “defendia a adoção generalizada de táticas de corrosão e ataque contínuo através da ação direta da classe trabalhadora”. Embora essas táticas pudessem resultar em algumas reformas, o verdadeiro objetivo era promover uma crescente revolta proletária contra as instituições existentes, “resultando na expropriação violenta da classe dominante na revolução social violenta.” Já, o anarquismo de massas “ênfatiza a visão de que somente os movimentos de massa podem criar uma transformação revolucionária na sociedade” que tais movimentos são normalmente construídos “por meio de lutas em torno de questões imediatas e de reformas em torno de salários, brutalidade policial ou altos preços e nessas próprias lutas imediatas, as pessoas se abrem para novas formas de ver o mundo e abrem a crítica anarquista de dominação e exploração.” WALT, Lucien Van der. *Op.cit.*, p.2016. p.101-103. Tradução nossa.

transitou na Itália e EUA, no fim do século XIX e começo do XX.²⁵⁴ É necessário salientar que os integrantes grupo em torno do jornal *La Battaglia*, ao chegarem no Brasil e ao visualizarem que não existiu respaldo desse tipo de ação no país, recusaram as ações violentas. Assim, enquanto a ampla posição insurrecionalista não acreditava em organizações estáveis, principalmente sindicais, não apostava nas reformas e ganhos dos trabalhadores e mobilizavam suas propagandas nos próprios ataques e boicotes, incluindo ações violentas, os antiorganizacionistas - nomenclatura dada pelos próprios militantes no Brasil²⁵⁵ - aderiam apenas à posição da organização sobre as questões do sindicalismo e anarquismo. Sobre a violência sem organização de massas prévia, estes militantes nunca apresentaram táticas desse tipo e, sobre as reformas, embora fossem também contrários no discurso, fomentando apenas greves e boicotes que tinham como objetivo a quebra do sistema vigente, muitas vezes, na prática, participaram e noticiaram algumas greves e manifestações com grupos sindicalistas e adentravam em manifestações por garantias parciais, acreditando radicalizá-las.²⁵⁶ Como o historiador Carlo Romani nos mostra, Ristori e seus companheiros também participavam da própria construção do movimento operário ao não se

Opor [rem] sistematicamente às greves parciais enquanto forma de luta de uma ou mais categorias. Em muitos casos, além de abrir espaço a cada edição, para o acompanhamento dos movimentos grevistas em andamento, envolvia-se diretamente em sua articulação e difusão. O próprio Oreste viajou várias vezes ao interior, particularmente a Santos, entre maio e junho

254 Luigi Galleani justificava que “Esse é o seu negócio: as reformas permanecem - e devem permanecer – uma preocupação e uma função da classe dominante, não dos anarquistas, nem dos socialistas ou, se estão sinceramente convencidos de que a expropriação da classe dominante é uma inevitável condição de sua emancipação econômica. Consequentemente, os anarquistas acreditam que ao invés de curto alcance e conquistas ineficazes, as táticas de corrosão e ataque contínuo devem ser prioritários, que a demanda de greves de caráter abertamente revolucionário mais do que a redução de horário ou de aumentos de salários irrisórios; que procura, ao contrário, a experiência de uma solidariedade mais ampla e uma consciência cada vez mais profunda, como uma condição indispensável para a realização da greve econômico geral de um comércio geral, de todos os comércios, a fim de obter, por meio do uso inevitável da força e da violência, a rendição incondicional das classes dominantes”. GALLEANI, Luigi. *The end of anarchism?* Cienfuegos Press, Sanday, Orkney, U.K, 1982. p.24. Tradução nossa.

255 Ver SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.94-95.

256 Tudo indica que tal grupo estava mais para um tipo de “estratégia de massas antissindicalista.” Para os antiorganizacionistas (no caso dos anarquistas de massas antissindicalistas) e os anarquistas adeptos das estratégias insurrecionalistas tiveram alguma relação e podem ser confundidos, porém a primeira opção parece ter aceitado as lutas no local de trabalho, mas rejeitou os sindicatos como tal. Os insurrecionalistas, por sua vez, salientaram a ação armada e a propaganda pela ação como meio de evocar um levante revolucionário espontâneo. Ver SANTOS, Kauan Willian. *Op.cit.*, 2016. p.37-38 e SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 94-95.

de 1907, participando ativamente da organização da greve geral pela jornada de oito horas.²⁵⁷

Assim, ao contrário de isolar o grupo, os discursos antissindicalistas poderiam atrair, além do mundo fabril como vimos, um público não próximo às organizações formais, como trabalhadores autônomos, fato que, somado às suas próprias práticas dentro do movimento operário, também faziam o grupo conseguir respaldo entre os trabalhadores organizados em sindicatos e associações.

A visibilidade de estrangeiros alavancando o movimento operário era tão visível, inclusive por membros dos governos estaduais e federais e da polícia brasileira, que as primeiras tentativas de repressão por decreto contra o movimento operário e ao anarquismo se deram justamente visando o público imigrante. Em 1907, amparos legais foram criados pelos governantes ao visualizarem o potencial perigo das agitações para o projeto republicano, sancionadas pelo então presidente Rodrigues Alvez:

o primeiro obrigava os sindicatos a depositarem seus estatutos em cartórios, acompanhados da lista de nomes dos membros da diretoria. Por ele, ficava proibida a participação sindical de estrangeiros que não tivessem, pelo menos, cinco anos de residência no país. O segundo, também conhecido como Lei Adolfo Gordo, regularizava a expulsão dos estrangeiros residentes no Brasil que, por qualquer motivo, comprometessem a segurança nacional ou a tranquilidade pública.²⁵⁸

É difícil saber com precisão os efeitos dessas medidas e leis já que a primeira, por exemplo, teve poucos efeitos sobre a militância mais assídua, uma vez que a maioria destes principais personagens estava no país pelo menos desde o começo do século, como estamos acompanhando. Contudo, mesmo os anarquistas enfrentando a afirmação de periódicos da grande imprensa e de autoridades que as ideias libertárias seriam como uma “planta exótica”²⁵⁹ sem o contato com os elementos nacionais, isso também é um indício do barulho que anarquistas imigrantes estavam fazendo, agitando seus conterrâneos nos bairros e fazendas, nos lugares onde estes eram maioria.

257 ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, 2002. p.175.

258 LEAL, Claudia. *Op.cit.*, 1999. p.52-53.

259 Ver SAMIS, *Op.cit.*, 2009. p.106.

As práticas do jornal *La Battaglia* que agregavam um imenso número de imigrantes de origem nacional italiana, demanda significativa no estado de São Paulo, dentro de associações e sindicatos e, ao mesmo, tempo, conseguindo atuar com categorias informais, além de grupos que não eram reconhecidos como trabalhadores, desse modo, abriram válvulas e mecanismos que se expandiram e disseminaram o anarquismo na cidade e em outros pontos, mesmo que com alguns entraves e contradições ideológicas. O contexto era diferente dos grupos da década de 1890, como o *Gli Shiavi Bianchi*, que tinham posições semelhantes em torno da questão nacional e étnica, mas que não tiveram tanto sucesso e que reviram suas posições, fomentando novas práticas e grupos, uma vez que o contato inicial do anarquismo na cidade dependia disso. Dessa vez, as contradições que poderiam aparecer através do contato exacerbado entre anarquismo e os imigrantes italianos poderiam ser cobertos por outros grupos já existentes no país com variedade nacional e étnica, contendo imigrantes portugueses, espanhóis e brasileiros. Podemos citar nesse último quesito *O Amigo do Povo* e *A Terra Livre* em São Paulo, *A Greve* no Rio de Janeiro e *A Nova Era* em Minas Gerais.

O que o *La Battaglia* fazia, em especial, era exatamente alargar o anarquismo para além das fábricas e manter os integrantes da comunidade italiana, reconhecidos no processo de migração - confirmando a hipótese do “nacionalismo de longa distância”²⁶⁰ - unidos por um prisma político-ideológico, uma vez que ainda continuavam suas campanhas contra qualquer sentimento patriótico e militarista que poderia provir disso.²⁶¹ Assim, se “é difícil avaliar a importância de os italianos terem formado o maior contingente de imigrantes em São Paulo [...] possivelmente até a maioria absoluta da população por volta de 1900”²⁶² nas palavras de Michael Hall, é fácil prever que esses agentes apresentassem formas de organização em torno das características étnicas e de classe, como o mesmo autor mostra.

Adiante, veremos como estava, no começo do século, se desenvolvendo também o anarquismo às demandas de trabalhadores brasileiros que junto ao caráter de

260 ANDERSON, Benedict. Op.cit., 1998 e Glick Schiller et all. Op.cit., 1992.

261 Ver “Amate la Patria.” *La Battaglia* (São Paulo), 11 de setembro de 1904, p.3.

262 HALL, Michael. Entre a etnicidade e a classe em São Paulo. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio (Orgs.). *História do Trabalho e Histórias da Imigração: Trabalhadores Italianos e Sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Fapesp, 2010. p.60.

difusão tipicamente imigrante deram subsídios para a penetração definitiva do anarquismo em alguns pontos do país.

I-V. Despertando em novas terras: a construção do anarquismo de massas e o sindicalismo entre imigrantes e brasileiros ao raiar do século XX

Em 9 de maio de 1878, na cidade de Penafiel, distrito do Porto em Portugal, nasceu Gregório Nazianzeno Moreira de Queirós e Vasconcelos. O futuro anarquista nasceu de uma família católica de comerciantes com certas relações políticas que, com problemas financeiros, decidiram emigrar para o Brasil, onde também tinham negócios investidos. Anos mais tarde, voltou para Portugal, especificamente para a região de Amarante na casa da sua avó, uma vez que seu pai tinha o destinado a uma educação letrada e intelectual nos moldes europeus. Nesse movimento, estudou no Liceu Amarantino, no qual teve contato com escritores e poetas que se tornaram influentes posteriormente, como António Resende e Teixeira de Pascoaes. Em 1896 inicia seu curso na Faculdade de Direito em Coimbra, estabelecendo relação e se interessando por obras racionalistas e, especialmente, pelo republicanismo e o anticlericalismo.²⁶³ Com a associação de militantes desses grupos com anarquistas, o personagem estreitou seu vínculo com as ideias libertárias onde começou a ter contato também com diversos jornais e ativistas dessa orientação. O historiador Alexandre Samis explicita, nesse sentido, que o primeiro contato que o personagem teve com o anarquismo foi justamente o “intervencionismo”, ou seja, a ideia de alguns militantes de que o anarquismo deveria apoiar a vinda da República para depois destruí-la.²⁶⁴ Em 1901, depois de formado, vai ser conhecido como participante de jornais republicanos nos quais, mais tarde, em manifestações de origem popular e com influência da

263 Para adentrar a trajetória do nascimento até a vida adulta de Neno Vasco ver SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.17-70.

264 Para Samis, um dos principais influentes de Neno Vasco foi “Cristiano de Carvalho, egresso das fileiras republicanas [que] havia sido preso, em 1898, juntamente com Lucena; Carvalho Batista, Pinto Moreira e o professor Antônio Carvalho, por ocasião das manifestações do dia 26 de abril contra a lei de repressão aos anarquistas, imposta pelo governo dois anos antes. Ele representava, em alguma medida, uma tendência “intervencionista”, presente no anarquismo coevo, dentro da qual percebia-se a necessidade, em determinados momentos, de serem alinhavadas alianças com setores dos pensamentos republicano e socialista. Com certa perspectiva evolucionista, não descartavam avanços parciais e a interlocução, em essência, com forças sociais distantes das premissas libertárias. Figuras como José do Vale, Jaime Tavares, César Porto e principalmente Ernesto da Silva, quase todos socialistas, compunham, por assim dizer, uma fração híbrida que, gravitando em torno de iniciativas comuns, caracterizavam-se como elementos de ligação entre uma e outra doutrina social.” SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.51.

Internacional, conhece as ideias de Errico Malatesta, que começava a criticar e problematizar a ideia de etapas revolucionárias, se tornando uma posição hegemônica no anarquismo global.²⁶⁵

Nesse ano, já conhecido nas redes militantes como Neno Vasco, decide emigrar novamente para o Brasil, não pela necessidade, mas pelo que tudo indica pelo anseio internacionalista que começava a ler nas teorias anarquistas e pelo conhecimento que tem dos grupos iniciais que estavam se formando no país. Logo estabelece relações próximas aos militantes Gigi Damiani, Oreste Ristori, Alessandro Cerchiai e especialmente Benjamim Mota, Ricardo Gonçalves e Giulio Sorelli. Com estes últimos fomentou a criação do periódico *O Amigo do Povo* na cidade de São Paulo.²⁶⁶ Iniciado em 1902, com quatro páginas e colunas bastante organizadas e simétricas, aceitava assinaturas trimestrais de 2\$000, além de ser vendido por preços que variavam ou distribuído dependendo da ocasião, sendo inicialmente impresso na Rua Guilherme Maw, n.º 38, no bairro da Luz. A maioria de suas colunas eram escritas em português, com algumas em espanhol e italiano, seguindo o rastro, assim, das discussões do anarquismo no período, principalmente dos militantes oriundos do *Il Risveglio* em São Paulo e em outros pontos do país como *O Despertar* de Curitiba, que tentavam aglutinar várias origens nacionais de trabalhadores.

É logo perceptível no periódico que os nomes mais comuns nas suas colunas eram “A Greve” e “Movimento Social”, revelando seu principal alvo e sua estratégia primordial, um dos motivos que o fez ser o primeiro periódico em língua portuguesa com publicação regular. Discutindo com os anarquistas da cidade de como se chegar à revolução, que tanto os aderentes do organizacionismo quanto do antiorganizacismo tinham como alvo, o grupo colocava sob o título “O que queremos”:

Mas como preparar o povo? Como preparar as condições que tornem possível não só o fato material da expropriação, mas a utilização, em proveito de todos, da riqueza comum? A simples propaganda, falada ou escrita, já o dissemos, é importante para conquistar para as nossas ideias toda a grande massa popular. É indispensável uma educação prática que seja alternadamente causa e efeito numa gradual transformação do ambiente. Convém que à medida que se desenvolvam nos trabalhadores o sentimento da revolta contra os injustos e inúteis sofrimentos de que são vítimas, e o desejo

265 Ver Idem. p.94-126.

266 TOLEDO, Edilene. *Op.cit.*, 1994. p.50-52.

de melhorar a própria condição, eles lutem, unidos e solidários, pelo que conseguimento do que desejam.²⁶⁷

Os anarquistas em questão criticavam os grupos que se restringiam a propaganda, mesmo aqueles que se voltavam aos trabalhadores nas portas de fábricas, e almejavam se voltar a “uma educação prática” que exercitaria o espírito combativo dos explorados. Mais do que a criação de um ambiente educacional como centros educativos ou bibliotecas, o jornal também considerava o que consistia tal educação:

É uma necessidade imprescindível que os operários se unam para empreender uma séria luta econômica; porque se se associam para servir de instrumentos eleitorais, então é preferível que se deixem ficar em casa sem fazer nada. [...] A necessidade da organização é mais do que palpável; oitenta por cento dos operários deste país trabalham diariamente de 12 a 13 horas e os abusos patronais estão na ordem do dia. Permanecer indiferente ante esta situação abjeta é tornar-se cúmplice dela. É preciso deixar escrúpulos a um lado e meter pela vida ação fecunda, formando cada uma parte da sociedade da sua profissão e pouco importa que os obstáculos a vencer sejam muitos ou que no princípio a obra se conte com poucos aderentes. Para cimentar a organização operária sobre bases sólidas basta que um punhado de companheiros sérios e conscientes ponham mãos à obra com decisão e energia.²⁶⁸

Os redatores de *O Amigo do Povo* buscavam, portanto, a participação e criação de ambientes de resistência, principalmente econômicos, que lutariam por melhores condições das vidas dos trabalhadores, exercitando a auto-organização, tão essencial para a vindoura sociedade anarquista, quanto a própria luta contra o sistema então vigente. Uma estratégia anarquista possibilista, longe de ser reformista, passava pelas concepções teóricas de Errico Malatesta, que Neno Vasco e outros militantes trouxeram em sua bagagem e transcreviam no periódico.²⁶⁹

É fato que após a emergência da “estratégia insurrecionalista” do anarquismo ou o antiorganizacionismo na última década do século XIX e sua rápida queda, os

267 “O que queremos”. *O Amigo do Povo* (São Paulo), 24 de maio de 1902. p.1.

268 “Sobre organização operária.” *O Amigo do Povo* (São Paulo), 11 de abril de 1903. p.1.

269 Para Felipe Corrêa, “posições possibilistas são [...] bastante comuns entre os anarquistas, principalmente aqueles que realizam militância sindical e/ou comunitária. Para estes anarquistas, as lutas reivindicativas podem levar a cabo aquilo que alguns chamaram de “ginástica revolucionária” e, dependendo, de como forem promovidas, podem contribuir com o objetivo revolucionário anarquista.” CORRÊA, Felipe. *Op. cit.*, 2015. p.221.

libertários em esmagadora maioria apoiaram a construção de órgãos de resistência para fomentar à almejada revolução. Em 1903, sob o título “Nosso Programa”, um grupo italiano dos Estados Unidos, também influenciado pelos debates organizacionistas, deixava claro as posições dos adeptos dessa estratégia. As mesmas falas foram repetidas e levadas a cabo por militantes influentes como Malatesta e Luigi Fabbri e reproduzida, em parte, também pelo *O Amigo do Povo*:

Quaisquer que sejam os resultados práticos da luta pelas melhorias imediatas, sua principal utilidade reside na própria luta. É por ela que os trabalhadores aprendem a defender seus interesses de classe, compreendem que os patrões e os governantes têm interesses opostos aos seus, e que não podem melhorar suas condições, e ainda menos se emancipar, senão unindo-se entre si e tornando-se mais fortes do que os patrões. Se conseguirem obter o que desejam, viverão melhor. Ganharão mais, trabalharão menos, terão mais tempo e força para refletir sobre as coisas que os interessam; e eles sentirão de repente desejos e necessidades maiores. Se não obtiverem êxito, serão levados a estudar as causas de seu fracasso e a reconhecer a necessidade de uma união maior, de maior energia; e compreenderão, enfim, que para vencer, segura e definitivamente, é preciso destruir o capitalismo. A causa da revolução, a causa da elevação moral dos trabalhadores e de sua emancipação só pode ganhar, visto que os operários se unem e lutam por seus interesses.²⁷⁰

Para Lucien Van der Walt, ao contrário dos anarquistas que negavam as lutas de curto prazo, pois emperrariam a revolução, para estes, tal estratégia – chamado pelo autor como “de massas” - defende

Que são em lutas imediatas, visando pequenas melhorias, seja em torno de salários, preços, transporte, renda, terra, discriminação, opressão, direitos civis que é possível construir um movimento anarquista revolucionário de massas. A tarefa-chave, dessa perspectiva, é que os anarquistas imergirão nessas lutas imediatas e nos movimentos que são construídos em seus entornos - e dentro desses espaços, ligarem sistematicamente as lutas diárias e as preocupações das classes populares com a visão maior dos anarquistas para a transformação social radical. Como? É possível usar essas lutas imediatas para criar confiança, esclarecer o pensamento, debater

270 MALATESTA, Errico. *Op.cit.*, p.71. Trecho parcialmente reproduzido em “Sobre organização operária.” *O Amigo do Povo* (São Paulo), 11 de abril de 1903. p.1.

políticas e conquistar a batalha das idéias do anarquismo; é possível ainda construir movimentos fortes e participativos que colocam diretamente as fundações para uma nova ordem anarquista.²⁷¹

De acordo com essa perspectiva, os anarquistas começaram a não só realizar a propaganda visando os trabalhadores ou ocupar esporadicamente os espaços operários, mas também em participar ou criar, de forma mais sistemática, ambientes de resistência, no caso, os sindicatos da cidade, tendência que estava sendo desenvolvida também nos estados do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná e outros.²⁷² Uma das primeiras influências do grupo em torno do *Amigo do Povo*, já em 1902, foi sua participação na Liga de Resistência de Chapeleiros e anexos e, logo depois, na Liga de Operários, Sapateiros e Anexos e a Associação de Artes Gráficas, além de noticiar greves, boicotes, manifestações e criações de outros sindicatos sob a coluna “Movimento Social.” Esse caráter fez com que os anarquistas almejassem disputar a Federação Operária de São Paulo (FOSP) desde sua criação em 1905, que contava com socialistas e sindicalistas não declarados anarquistas, tentando impulsionar os trabalhadores por categorias de ofício a partir da tendência do sindicalismo revolucionário como os outros grupos concordavam, mas fazendo uma propaganda anarquista no interior do organismo.²⁷³ Nessa perspectiva, as táticas de greves parciais que o grupo incentivava visava a melhoria da condição de vida dos trabalhadores, como apontamos, e também a preparação essencial para a greve geral que “seguida da expropriação, seria a Revolução Social, e para ela se trabalha.”²⁷⁴ Mas, para isso, um dos debates do grupo era como unir lutas anteriores e a tradição dos trabalhadores na cidade e no país aos interesses e alvos do anarquismo, porém sem transpor exatamente qualquer um desses para a nova realidade:

Respeitamos os processos revolucionários passados, mas sem querer copiá-los. Cada época tem o seu método particular e cada grau de civilização os

271 VAN DER WALT, Lucien. *Op.cit.*, 2016. p.104. Tradução nossa.

272 Ver OLIVEIRA, Tiago. *Op.cit.*, p.49-90.

273 Ver BIONDI, Luigi; TOLEDO, Edilene. Constructing syndicalism and anarchism globally: the transnational making of the syndicalist movement in São Paulo, Brazil, 1895-1935. In: HIRSH, Steven; VAN DER WALT. *Op.cit.*, p. 363-394.

274 “O que queremos.” *O Amigo do Povo* (São Paulo), 24 de maio de 1902. p.1.

seus processos novos. A arma da tirania será sempre a barbárie, e a dos homens livres sempre a inteligência.²⁷⁵

A historiadora Ana Flávia Guimarães Pinto nos informa sobre um debate entre o jornal socialista *Avanti!* publicando, no início de 1902, num tom parecido ao do periódico *La Battaglia*, onde afirmava que “os trabalhadores entre nós são refratários à organização” atribuindo isso à “pecha de refratário aos negros, como uma nota de inferioridade.” Gustavo de Lacerda, colunista de *O Paiz*, responde citando militantes negros inseridos no movimento operário como Octaviano Hudson, Mansos D’Asia, França e Silva e Vicente de Souza, onde eles se defendiam mostrando a tradição de luta entre o abolicionismo, republicanismo e agora no socialismo.²⁷⁶

Não sabemos se os anarquistas receberam esse debate, mas senão, estavam acompanhando as discussões sobre o sincretismo entre as lutas brasileiras e à construção do movimento operário encorpado, desta vez, pelos imigrantes. Alexandre Samis revela que, no caso do militantes Neno Vasco e muitos de seus contatos, portanto, a intenção e muitos dos próprios resultados que se produziram a partir daí foram “uma espécie de sincretismo que, se por um lado, preservava o vocabulário político comum ao europeu; por outro, facultou aos anarquistas nas suas “relações americanas” uma sensibilidade única.”²⁷⁷

Um dos motivos do crescimento de uma tal sensibilidade aos problemas e dilemas da realidade presente para a própria construção do anarquismo e do movimento operário na cidade foi, como podemos observar em nossa investigação, além da trajetória interna da corrente libertária no país, o crescimento de uma ideia de internacionalismo que deveria transcender os contatos de anarquistas na Europa. Essa tendência, além de ser percebida por vários grupos no Brasil, tinha aportes teóricos e começava a ser debatida por Errico Malatesta na Itália e na Argentina, que inclusive começava a ser referenciado diretamente no periódico. Para Malatesta, a principal questão colocada é que o anarquismo não era um alvo inevitável do progresso - como acreditava, em parte, Piotr Kropotkin - mas resultado da “vontade e da ação humana”:

275 “Greve Geral.” *O Amigo do Povo* (São Paulo), 1 de maio de 1902. p.1.

276 PINTO, Ana Flávia. Vicente de Souza: intersecções e confluências na trajetória de um abolicionista, republicano e socialista negro brasileiro. *Estudos Históricos*, v. 32, p. 267-286.

277 SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.9.

A missão da ciência é descobrir e formular as condições nas quais o fato necessariamente se produz e se repete: ou seja, é dizer o que é e o que necessariamente deve ser. O anarquismo é, distintamente, uma aspiração humana, que não se funda em nenhuma necessidade natural verdadeira ou supostamente verdadeira, mas que poderá se realizar segundo a vontade humana..²⁷⁸

Malatesta fez uma distinção entre ciência e sua proposta política, afirmando que estas podem se beneficiar, mas que não podem se confundir como estava sendo feito até então. A ciência deveria explicar o presente e o passado, já sua tendência política deveria pensar no futuro e, mesmo que influenciada pela análise da realidade científica, estaria nas mãos dos homens fomentá-la. É evidente que as influências de Kropotkin, e outros dotados de certo tom científico como Leon Tolstói, seriam ainda muito citados e influentes no periódico. Ainda assim, o anarquismo como resultado da “vontade” começava a se tornar uma das principais referências para fomentar a criação de organismos trabalhistas, ainda mais os que tinham como alvo unir imigrantes e os trabalhadores brasileiros uma vez que, para *O Amigo do Povo*, “a miséria embrutece o homem; e para a destruir é preciso que o homem seja consciente e queira.”²⁷⁹

É evidente que, para tal, os anarquistas contavam com um contexto favorável com a multiplicação de sindicatos bem como a adesão de sociedades mutualistas pela luta econômica. Para Claudio Batalha, a experiência de personagens que defendiam a vinda da República, mostrava que esta não significou muito para os ganhos dos menos favorecidos, tornando ideologias como o socialismo e o anarquismo propícias. A primeira década do século XX contou também com um crescimento econômico favorável à emergência de ambientes de resistência estáveis que eram criados, muitas vezes, no decorrer das próprias greves e manifestação “fazendo categorias inteiras que não haviam passado por experiências prévias de organização formarem sociedades.”²⁸⁰

Dentro de tal contexto e somando com sua forma de agir, bem como atuando em sindicatos de diversos ofícios e, diferente do grupo *La Battaglia* que tinha como alvo os ambientes compostos por italianos, o grupo em torno do periódico *O Amigo do Povo* havia mais chances de uma integração e do citado sincretismo, o que possibilitava o diálogo do militante italiano Giulio Sorelli, do luso-brasileiro Neno Vasco e do brasileiro Edgard Leuenroth..

278 MALATESTA, Errico. Anarquismo y Ciencia. In: RICHARDS, Vernon (Org.). *Malatesta: pensamiento y acción revolucionarios*. Buenos Aires: Anarres, 2007. p.41-43. Tradução nossa.

279 “O que queremos.” *O Amigo do Povo* (São Paulo), 10 de maio de 1901. p.1.

280 BATALHA, Claudio. *Op.cit.*, 2000. p.39.

É interessante notar, nesse sentido, uma tendência que também se refletiu em uma grande greve no Rio de Janeiro de 1903. O evento foi iniciado pela Federação dos Operários em Fábricas e Tecidos depois reunindo a Sociedade de Artistas Chapeleiros, a Associação de Classe União dos Chapeleiros, a Liga dos Artistas e Alfaiates, a Associação de Classe dos Artistas sapateiros e muitos trabalhadores não dotados de associações ou sindicatos, apresentando cerca de 40 mil adesões.²⁸¹ Apesar de não apresentarem pautas no início das paralisações e das manifestações, logo clamavam pela jornada máxima de 8 horas de trabalho por dia, além de 40% no aumento do salário. Como nota Claudio Batalha, é interessante notar que muitos dos aderentes desse evento não tinham um histórico de categorias organizadas para uma greve desse porte.²⁸² Isso nos faz pensar que era necessário haver elementos para inflamar a greve bem como reforçar as conexões dessas categorias e dos trabalhadores das ruas e, entre esses agentes, com certeza, estava a presença anarquista.

Como estamos observando, desde o fim do século XIX, militantes libertários haviam se estabelecido na cidade, inclusive distribuindo seus jornais e criando centros de estudos para os trabalhadores. Após as duas greves de cocheiros em 1898 e 1900, além da prisão de militantes dessa orientação nos eventos, os jornais *O Despertar* e *O Protesto* já marcavam sua presença e a tentativa de união com o conjunto da classe trabalhadora na cidade, inclusive citando e comemorando eventos como o 13 de maio como vimos.²⁸³ Esse trabalho gerou resultados e, em 1903, no calor das manifestações, era criado o periódico *A Greve*, nome bem sugestivo para a ocasião e que marcava a presença e estratégia dos anarquistas declaradamente sindicalistas naquele momento. O jornal aceitava donativos voluntários por número ou subscrições trimestrais por 1\$500, continha quatro páginas, colunas com textos grandes e poucas imagens, sendo redigido na Rua Gonçalves Dias, n.º 67, no centro da cidade. *A Greve* contava com Elycio de Carvalho como seu principal redator, substituído após o terceiro número pelo militante Pausilippo da Fonseca, contando também com Mota Assunção e participações de outras cidades que, no momento, não declaravam seus nomes temendo represálias.²⁸⁴

A própria posição geográfica da confecção do periódico, bem como a visível experiência de anarquistas já frequentes em várias cidades do Brasil, fazia o mesmo já

281 GOLDMACHER, Marcela. *A "Greve Geral" de 1903: O Rio de Janeiro nas décadas de 1890 a 1910*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009. p.1-2.

282 BATALHA, Claudio. *Op.cit.*, 2000. p.40.

283 Ver SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.107.

284 BATALHA, Claudio. *Op.cit.*, 2009. p.42.

nascer atrelado, de maneira mais sistemática, a diversos organismos sindicais, os quais pareciam ter contatos íntimos com o periódico. Entre estes organismos estavam a União dos Operários Estivadores, a Liga dos Artistas Alfaiates, a Sociedade de Carpinteiros e Artes Correlativas, a própria Federação dos Operários e Operárias em Fábricas de Tecidos e outros. Além de noticiarem as reuniões, atos e decisões desses órgãos, o periódico *A Greve*, que se autodenominava “órgão das reivindicações Operárias”²⁸⁵ também estreitava, por meio até de citações dos teóricos Karl Marx e Friedrich Engels,²⁸⁶ relações pragmáticas com os socialistas das demais vertentes, importantes na configuração do processo da greve de 1903.²⁸⁷ A argumentação do periódico se referia à urgência da associação dos trabalhadores e que esta própria, girando em torno da melhoria de vida, é que daria elementos para a constituição de uma consciência:

Com a associação nasce a atividade, a propaganda multiplica-se, os operários associados são mais fortes, sentem desejos de sacudir o jugo que os oprime e lançam-se com maior facilidade a uma greve, visto que, desaparecendo o isolamento, desaparece, com ele, a desconfiança que desgraçadamente reina entre os que não se conhecem.²⁸⁸

Essa postura, que dava ênfase ao próprio processo de organização em si, era aderida por diversos grupos no mundo, como na França, pela *Confédération Générale du Travail* (CGT), principalmente posteriormente em 1906 com a Carta de Amiens.²⁸⁹ A mesma postura se tornou maior entre os anarquistas no mundo, como citamos.²⁹⁰

No periódico, é evidente que havia ainda a força de um anarquismo que vislumbrava as etapas da civilização. E nesse movimento, ao tentar transpor o mesmo processo, acarretava nas mesmas afirmações de atraso que outros grupos de tendência étnica italiana ou espanhola faziam. O próprio Elysio de Carvalho, nesse mesmo ano, num artigo chamado “O operariado no Brasil” tentava convencer seus leitores que os trabalhadores do país ainda estavam atrasados em relação à organização nos moldes

285 Título do periódico *A Greve* em seu cabeçalho.

286 Principalmente a frase “A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores”, do Manifesto Comunista, no cabeçalho do periódico. Ver *A Greve*, 15 de maio de 1903. p.1.

287 SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.40-41.

288 “Sobre Organização Operária.” *A Greve*, 15 de maio de 1903. p.1.

289 SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.118.

290 Ver MALATESTA, Errico. *Op.cit.*.

européus e que esta classe “não sabe pensar, nem querer, nem agir.”²⁹¹ Não obstante, o periódico, ao colocar progressivamente o papel revolucionário na própria importância de associação, intercalando com uma presença mais sistemática nos seus organismos, mostrava mais chances de o anarquismo adentrar o conjunto da classe trabalhadora bem como os grupos subalternos.

Em sua pesquisa, Alexandre Samis identifica que o anarquista de origem espanhola Caralâmpio Trillas era já reconhecido dentro do movimento operário e pela polícia como membro agitador nas greves de cocheiros em 1903, sendo detido diversas vezes.²⁹² Essas greves, como vimos, tinham uma grande quantidade de trabalhadores não especializados que, na cidade, reunia portugueses pobres que buscavam oportunidades e brasileiros, muitos deles ex-escravizados,²⁹³ fato que fornecia subsídios para que anarquistas se articulassem com trabalhadores de origens diversas.

Evidentemente, assim como em *O Amigo do Povo*, o periódico *A Greve*, para além da experiência de alguns redatores pelo republicanismo, não fez menção de como se uniram e como viam, na prática, as lutas anteriores (como a abolicionista) em relação à constituição do anarquismo ou das demandas sindicais. Também não mencionaram se havia algum ex-militante da causa escravocrata, principalmente não branco, como redator, a não ser mencionando todos como “escravos do capital”.²⁹⁴ Contudo, muito mais do que simplesmente ignorar essas lutas de boa parte dos trabalhadores na cidade, sua experiência em variados ofícios e em muitos pontos da cidade, tendo contato, portanto, com a própria diversidade étnica da região, e pela queda da influência do anarquismo com base essencialmente no cientificismo, os anarquistas de então, principalmente nesse órgão, poderiam ter introjetado, de certa maneira, as tradições das lutas na cidade com a própria constituição e maneira que visualizavam o anarquismo naquele momento.

Isso fica evidente pela própria trajetória e origem do primeiro diretor e principal redator do órgão, o militante Elysio de Carvalho. O personagem nasceu em 1880 em Penedo, na região de Alagoas e teve uma formação eclesiástica passando, posteriormente, para a carreira de jornalista onde obtém contato com o anticlericalismo e o anarquismo. Em Alagoas e no Rio de Janeiro, desde 1893, colabora com a *Semana*

291 Elysio de Carvalho. “O operariado no Brasil.” *A Greve*, 15 de maio de 1903. p.1.

292 SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.107.

293 Ver GOLDMACHER, Marcela. *Op.cit.*

294 *A Greve* (Rio de Janeiro), 15 de maio de 1903. p.1.

Ilustrada, O Trabalhador, Renascença, O Imparcial e Gazeta de Notícias e outros. Mais tarde, sob o manto anarquista, dirige *A Greve* e depois *Kultur*, no qual aderiu ao individualismo.²⁹⁵ São controversos os seus registros e vestígios, uma vez que o mesmo abandonou as fileiras libertárias para integrar a diretoria do Gabinete de Identificação e Estatística da Polícia do Rio de Janeiro, o que o fez ser acusado por Oreste Ristori de ser policial infiltrado para reprimir militantes.²⁹⁶ Contudo, o que nos interessa, é que mais do que um brasileiro de origem portuguesa que aderiu ao anarquismo em seus estudos acadêmicos ou um militante do movimento operário na Europa que chega no Brasil, Elysio de Carvalho, pelo que tudo indica, se converteu ou pelo menos conheceu (se fora mesmo um infiltrado) o anarquismo em sua própria prática e vivência nos bairros compostos de trabalhadores, fazendo crer que tal ideologia já circulava e era recorrente e comum na própria realidade brasileira. E, além disso, embora com sobrenome português, as imagens e representações do personagem o evidenciam com fenótipos que podem atestar sua ascendência além do europeu, reforçando a hipótese de que o anarquismo poderia representar um elemento legítimo para grupos brasileiros nativos, seja no caso de defender seus interesses ou mesmo se representava uma ameaça para o personagem.

295 Ver MENEZES, Lená Medeiros de. “Elysio de Carvalho: Um intelectual controverso e controvertido.” *Revista Intellectus*. Ano 3, vol.II, pp-1-11. 2004.

296 Ver ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, p.180.



(Da esquerda para a direita vemos na primeira imagem Elysio de Carvalho, em pé, e o criminalista R.A Reis em 1913)²⁹⁷

Aderindo por vontade própria ou se infiltrando nos grupos anarquistas, o fato que tentamos tencionar era a possibilidade de um brasileiro dirigir um jornal de grande influência junto aos imigrantes, participando e noticiando greves e manifestações de grande porte, inclusive as que contavam com categorias diversas e demandas nacionais e étnicas variadas, evidenciando, portanto, a fluência e integração do anarquismo na cidade e, deveras, em vários pontos do país. Essa tendência possibilitou o florescimento do anarquismo, inclusive em regiões sem a grande concentração de imigrantes ou de uma grande massa de trabalhadores, fato que pode ser condensado na trajetória de Avelino Fóscolo, para não ficarmos apenas com um caso.

Este último personagem citado nasceu no ano de 1864 em Sabará, Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais e era filho de uma costureira, neta do escritor italiano Ugo Fóscolo. Avelino se torna órfão com oito anos de idade quando foi entregue a um tutor que, pelos relatos, o tratava de forma opressiva. Em razão disso, Avelino Fóscolo foge de casa quando adolescente, indo para a mina de Morro Velho,

²⁹⁷ Imagens encontradas na biografia SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *Elysio de Carvalho, um militante do anarquismo*. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1982.

atual cidade de Nova Mina, passando a trabalhar em fazendas junto com escravizados e ex-escravizados, compartilhando muitas de suas opressões, embora com certos privilégios evidentes já que era chamado por seus companheiros de trabalho como “branquinho.”²⁹⁸ De acordo com sua biografia, realizada pela historiadora Regina Duarte Horta, nesta região, Avelino Fóscolo tem contato com a companhia teatral Keller, que viajava o país apresentando peças e espetáculos. Fascinado com os temas tratados, o personagem integrou o grupo, passando a viajar em outras cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. A partir do contato com a literatura das obras como Victor Hugo e Júlio Verne, se interessa pelo republicanismo, passando a estudar em Ouro Preto e no Rio de Janeiro, sobrevivendo com suas atividades no comércio. No fim da década de 1880, Fóscolo volta a Minas Gerais, começando a escrever em jornais da grande imprensa como a *Folha Sabarense* no qual defende o fim da escravidão, compondo o movimento abolicionista. O personagem também continua com suas peças, onde inclui suas posições políticas nestas, como o drama *A Vingança do Escravo*, escrita e apresentada em 1888.²⁹⁹

Após a Proclamação da República e o fim da escravidão, Avelino Fóscolo, ainda em contato com os jornais, suas peças e exercendo atividades com trabalhadores precarizados, interpreta que estes fenômenos não significaram a melhoria de vida dos habitantes de seu país. Em sua peça “A Capital” de 1903, Fóscolo apresenta um personagem chamado Almeida que foi conservador e depois republicano, mas que passou a ser maçom e socialista e depois anarquista, lendo os jornais que circulavam no país.³⁰⁰ É interessante que não há informação do contato e integração ou formação de Avelino Fóscolo por um grupo anarquista, fazendo crer, como seu personagem, que ele também tenha conhecido as ideias anarquistas por suas leituras ou pelo seu convívio entre os trabalhadores, que circulavam jornais dessa orientação política. Das duas maneiras, é evidenciado o caráter de disseminação que o anarquismo já apresentava nesse período e de certa integração com a população de diversas cidades. Não obstante, foi em 1906 que Avelino Fóscolo assume sua posição política com o lançamento de seu periódico *A Nova Era* na cidade de Taboleiro Grande em Minas Gerais:

298 DUARTE, Regina Horta. *A imagem rebelde – a trajetória libertária de Avelino Fóscolo*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas- São Paulo, 1988. p.10.

299 *Idem*. p.07-70.

300 *Ibidem*. p.69-70.

Mas se somos anarquistas, inimigos de todo senhor, somos também comunistas internacionais, pois compreendemos que a vida é impossível sem agrupamento político social: isolados nada podemos, enquanto que pela união íntima transformaremos o mundo.³⁰¹

O jornal tinha diversas características de outros periódicos anarquistas e operários e era vendido por preços variados, aceitando assinatura anual de 2\$000 ou encomenda por correio. As principais referências teóricas eram, como essa última citação, de Piotr Kropotkin e sua argumentação científica da necessidade de associação dos seres na terra para a evolução da própria sociedade. Porém, o militante e redator não sublinhava, como outros socialistas e até anarquistas faziam, que a revolução era algo natural, mas extraía trechos de Kropotkin que creditavam essa suposta evolução à ação humana:

Nada esperes da humanidade se tu próprio paralisas assim tua força de ação. Se forte, ao contrário, e quando vires uma iniquidade e a compreenderes, uma iniquidade na vida, uma mentira na ciência, ou um sofrimento imposto por alguém, revolta-te contra a iniquidade, contra a injustiça. Luta! A luta é a vida tanto mais intensa quanto aquela for mais viva.³⁰²

Outro militante e teórico de destaque referenciado e transcrito foi Élisée Reclus que, além de militante, inclusive participante da Comuna de Paris, foi escritor em diversos jornais na Europa, fazendo-o ser conhecido globalmente nesse período como um dos principais teóricos anarquistas. Seus estudos sobre geografia, fundido com política e biologia, de nível enciclopédico, faziam os militantes libertários o referenciar para justificarem suas posições, incluindo os que afirmavam ser preciso uma humanidade universal, contrariando as teses científicas que justificavam o imperialismo com base nas supostas diferenças de raças.³⁰³ Avelino Fóscolo, além disso, sublinhava o caráter que Reclus dava à educação para à transformação da sociedade uma vez que este defendia que os trabalhadores devem “guardar o espírito

301 Eliseé Reclus. “Porque?” *A Nova Era* (Taboleiro Grande), 6 de agosto de 1906. p.2.

302 Piotr Kropotkin. “A Moral Anarquista.” *A Nova Era* (Taboleiro Grande), 27 de setembro de 1906. p.2.

303 Ver FERRETTI, Federico. “A geografia de Élisée Reclus frente ao extermínio dos ameríndios: questões científicas e políticas.” *Élisée: Revista de Geografia da UEG*, v.4, n.1. p.36-52.

aberto a todo o progresso, a toda ideia nova, a toda generosa iniciativa.”³⁰⁴ Não que a instrução, sem a ação e luta política e econômica, seria primordial na visão de Reclus, mas, não dotado de um movimento operário consistente em sua região, o militante mineiro começou a apostar em táticas educativas para difundir o anarquismo. Contudo, vendo a dificuldade até nisso, o militante tentava disputar à educação do Estado, criticando reformas e ações que não dariam bases para uma instrução educativa aos trabalhadores:

Está muito garboso o governo de Minas, porque suprimiu trezentas escolas primárias e julgou fazer uma economia de quatrocentos contos que ficará, por grande favor, reduzida à metade. Ele se baseou na lei, bem sei: mas as leis só servem para acobertar injustiças como essas que trazia no bojo a reforma deceparadora. Porque cada aluno que frequentava as escolas públicas custava ao Estado cem mil réis, foi cortada a instrução, numa terra de analfabetos como a nossa, ao povo pobre, à gente pobre que não pode pagar professores e que é quem concorre, ainda que indiretamente, com o dinheiro para as rendas do Estado.³⁰⁵

Pelo que sua biografia informa, Avelino Fóscolo, embora reconhecido como anarquista e tenha participado de jornais de grande influência como *A Terra Livre*, não conseguiu compor, fora iniciativas educativas esparsas, um grupo anarquista de destaque e consistência entre os trabalhadores da região, fato que se deu num período posterior de suas atividades. Ainda assim, com certeza, o militante foi um ótimo elemento para germinar as sementes do anarquismo no país.

Esse fato pode ser condensado em sua peça, exposto no periódico, “O Semeador.” No primeiro ato, o seu personagem Júlio volta da Europa com determinadas ideias - não expostas de antemão na apresentação - que criticam a forma de lidar com as terras de seu pai, incluindo a própria acumulação de propriedade através dos latifúndios, bem como o péssimo tratamento dos fazendeiros aos funcionários nesse lugar, sendo sobrecarregados e sofrendo violência física. No segundo e terceiro ato, Fóscolo apresenta uma comunidade autogerida que é feita com a iniciativa do personagem Júlio

304 Eliséé Reclus. “Porque?” *A Nova Era* (Taboleiro Grande), 6 de agosto de 1906. p.2.

305 “Factos e notas.” *A Nova Era* (Taboleiro Grande), 30 de novembro de 1906. p.1.

e os trabalhadores do latifúndio ao ocuparem este espaço, acabando com suas misérias e apresentando uma alternativa ao Estado e seu patrão.³⁰⁶

É interessante notar que, na peça de Avelino Fóscolo não aparece um divulgador das ideias anarquistas transpondo diretamente sua ideologia para o caso brasileiro sem adaptação. A própria crítica aos latifúndios, mostrada aos seus leitores e espectadores, mostra bem uma realidade brasileira, uma vez que os trabalhadores dos centros industriais eram minoritários ainda em relação aos trabalhadores do campo na região. Além disso, a ocupação da terra pelos próprios trabalhadores, além do filho ilustrado do proprietário, mostra como pode ser real, além dos imigrantes ou dos intelectuais portadores da teoria anarquista, uma sociedade igualitária. Para Fóscolo, o importante não era como ou por quem foi trazida a semente, mas como ela foi germinada. Isso fica evidente ao final da peça quando Júlio afirma que irá espalhar “pela terra a má semente que produz o amor, a solidariedade humana, a nobilitação do trabalho, a morte da prostituição, do servilismo e da miséria”, fazendo outra personagem chamada de Laura responder que “é a primeira célula! Outras surgirão depois, formando de toda a terra uma pátria comum” e que “é a realização de um paraíso que o homem há de conquistar a força de trabalho e a força de saber.”³⁰⁷

Assim como o militante Avelino Fóscolo mostrava, o anarquismo no Brasil provinha de diversas sementes, que seriam germinadas e desenvolvidas de diferentes maneiras, muitas vezes se encontrando, outras vezes não. Como vimos, no início do século XX, o anarquismo, nos espaços de majoritária presença de imigrantes de determinada origem étnica ou nacional, como italianos, fez o elemento libertário ser um proponente de união destes contra os governantes e proprietários - principalmente brasileiros, mas também dos seus respectivos países - embora desenvolvessem, para tal, um ideário étnico, algumas vezes, de superioridade e passividade dos trabalhadores nativos. Isso não fez com que não criticassem o patriotismo ou militarismo, uma vez que buscavam elementos teóricos para uma luta de classes internacionalista, fazendo-os, por vezes criticar ou tentar integrar outros grupos, primeiramente imigrantes, mas também brasileiros, embora não percebessem o peso e a importância de agregarem movimentos abolicionistas para tal. Esse caráter foi melhor desenvolvido com a própria experiência desses grupos diante da realidade e em ambientes, contextos que continham

306 Peça transcrita no jornal *A Nova Era* durante várias publicações entre 1906 e 1907.

307 “O Semeador.” *A Nova Era* (Taboleiro Grande), janeiro de 1907. p.3-4.

diversos grupos étnicos e nacionais, o que fazia a crítica ao nacionalismo e ao patriotismo se potencializarem, assim como as propostas internacionalistas ficaram mais evidentes, ajudando o próprio anarquismo, bem com sua inserção definitiva na militância de esfera econômica. Para tal, nos contextos e ambientes da imigração luso-brasileira ou personagens com essa ascendência, devido à língua e cultura, com contato além do republicanismo, mas também com o abolicionismo, forneceu mais conexões com a população brasileira, contudo ainda tímida a demanda de ex-escravizados, embora com a difusão do anarquismo entre estes cada vez mais presente.

Além disso, os militantes anarquistas, de diversas orientações estratégicas e origens nacionais e étnicas, também criaram uma espécie sincrética de atuação entre sua ideologia e sua realidade, nunca transpondo diretamente as teorias libertárias ao lugar em que se estabelecia. Usavam muitas vezes o anarquismo como um desdobramento ou interligado as ideias republicanas, se justificando entre a intelectualidade do período. Com influências de republicanos e socialistas, viam o anarquismo como certa evolução da sociedade, dando a entender aos seus leitores que deveria ser, portanto, uma prática política a ser aderida e acionada. Outras vezes, refutando que tal ideologia poderia ser algo natural como a própria ideia de progresso, acreditando possivelmente que tal argumento poderia trazer passividade, rebuscavam ou sublinhavam autores que creditavam o anarquismo predominantemente na ação humana. Com certeza, esses elementos forneceram subsídios para o anarquismo ser difundido e semeado em vários pontos do país. Passamos adiante para as razões e formas de seu enraizamento, bem como seus dilemas para tal e as formas de difusão de sua principal estratégia e táticas onde desenvolveram seu ideário internacionalista junto às suas imaginações nacionais sobre o ser estrangeiro, mas principalmente sobre o país e a tentativa do anarquismo em ter unidade nacional.

CAPÍTULO II

“Bem unidos façamos, nesta luta afinal”: penetração do anarquismo e a disseminação da estratégia do sindicalismo revolucionário e de táticas na formulação de seu classismo nacional e do internacionalismo libertário (1906-1913)

II-I. O mastro da bandeira negra: a construção da Confederação Operária Brasileira e a tentativa de unidade nacional do movimento operário

Como todos que acompanham a marcha do movimento operário do Brasil devem saber ficou fundada, na ocasião da realização do 1º Congresso Operário Brasileiro, a Confederação Operária Brasileira. Com isso dá-se o primeiro passo para o despertar do proletariado do Brasil e lançam-se os alicerces duma organização futura, feita de um comum acordo e de um fim determinado. (Confederação Operária Brasileira - COB)³⁰⁸

A insistência dos militantes libertários em divulgar suas propostas políticas entre a classe trabalhadora, inclusive os informais e do campo, mas, sobretudo, nas fábricas e nas associações operárias em alguns estados do Brasil, construindo-as em muitos casos, deu destaque ao anarquismo na primeira década do século XX, quando as associações sindicais se multiplicaram de maneira considerável em vários pontos do país. Nesse período, embora o anarquismo tivesse focos mais concentrados em alguns pontos específicos do país, também começava a aparecer, mesmo minoritário, em vários outros estados onde o movimento operário também crescia, sendo que tais grupos libertários se fortaleciam com os contatos e redes de regiões onde tal corrente política estava mais solidificada.³⁰⁹

O movimento sindical, evidentemente, foi construído e alavancado por sindicalistas de diversas vertentes, incluindo revolucionários e reformistas, e também de socialistas de variadas posições, além dos mutualistas, todos esses aproveitando e vivendo um período de grande crescimento industrial e da população, especialmente nos polos industriais.³¹⁰ Ainda assim, as práticas de ação direta pareciam as mais latentes e consistentes nesse período, tentando, com certo sucesso, uma densidade no movimento operário brasileiro em suas zonas industriais, principalmente no sudeste e sul, mas também se estendendo eventualmente para o nordeste nesse período.³¹¹ Para a

308 “Confederação Operária Brasileira.” *A Voz do Trabalhador* (Rio de Janeiro), 1 de julho de 1908. p.1

309 Oliveira, Tiago. *Op.cit.*, p.55-90.

310 BATALHA, Claudio. *Op.cit.*, 2000.

311 Mesmo alongando nossa argumentação posteriormente, precisamos pontuar que alguns autores colocam práticas de ação direta sindicais, chamado de sindicalismo revolucionário, não tão diretas ao anarquismo. Joana Dias no caso de Portugal e Edilene Toledo no caso paulista defendem que o “sindicalismo revolucionário, que foi uma corrente política autônoma em relação ao anarquismo e ao

efetivação disso, os libertários utilizaram articulações diversas bem como redimensionaram a cultura política anarquista em várias situações para a difusão de suas estratégias.

As particularidades desse fenômeno podem ser evidenciadas no periódico *A Terra Livre*, construído através de uma associação de militantes do Rio de Janeiro e de São Paulo, provindos dos grupos que publicavam anteriormente *O Amigo do Povo* e a *Revista Autora*.³¹² Parecido com seu periódico antecessor, sua primeira publicação saiu no dia 1º de dezembro de 1905 e sua impressão era feita na Rua Santa Cruz da Figueira, nº1, passando posteriormente para o endereço na Rua Maria Domitilla, nº 88, ambos em São Paulo, nos quais as subscrições voluntárias poderiam ser enviadas para o nome de Neno Vasco ou para Manuel Mascoso na caixa do correio, nº236, no Rio de Janeiro. Este último militante era imigrante da Espanha e estabeleceu contato com os galegos no país que adentravam o movimento operário e, logo depois, conheceu militantes luso-brasileiros, como Neno Vasco, e depois italianos, como Gigi Damiani e Matilde Magrassi. Vivendo entre o Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, participou ativamente em grupos e periódicos como *A Voz do Trabalhador*, *A Luta* e *O Diário*, além de escrever por carta para a revista *A Sementeira* e o jornal *O Diário de Portugal*.³¹³ Essa rede de contato teve como consequência um aprofundamento rápido e íntimo desse agente nos grupos anarquistas e operários. Especialmente com a militante Madalena Mascoso e Neno Vasco, teceu também articulações de nível translocal e

socialismo e se constituiu num movimento internacional que tinha como a base a defesa da luta de classes, da ação direta dos trabalhadores, da autonomia operária e da neutralidade política dos sindicatos.” Por sua vez, Tiago Oliveira defende que o sindicalismo revolucionário, mesmo defendido por diversas vertentes do movimento operário “foi muito mais um método de ação do que propriamente uma corrente política autônoma. Os anarquistas o viram como meio para manterem-se atuantes no meio para conseguir adeptos e combater seus adversários. Um método que, se não exclusivo, foi instrumentalizado a tal ponto de ser apresentado como o método em contraposição aos métodos “maliciosos” de seus adversários.” Já, para Lucien Van der Walt e Steven Hirsh não existe variação ou contraponto nenhum entre anarquismo e sindicalismo revolucionário sendo que “é uma variação do anarquismo, e o movimento sindicalista é parte da ampla tradição anarquista.” De qualquer forma, defendemos, por ora, que as práticas da estratégia organizacionista do anarquismo, como estamos acompanhando, forneceram subsídios para a emergência das práticas de ação direta sindicais e da proliferação de greves e manifestações de tendências libertárias. Ver DIAS, Joana. *Sindicalismo Revolucionário: a história de uma ideia*. Dissertação (mestrado em História Contemporânea). Universidade Nova de Lisboa: Portugal – Lisboa, 2008; TOLEDO, Edilene. *Op.cit.*, 2004. p.19 ; OLIVEIRA, Tiago. *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.p.79-80 e HIRSCH, Steven; VAN DER WALT: Lucien. *Op.cit.*, p.xxxvii.

312 Ver ALVARENGA, Lucas Thiago. *O homem livre sobre a terra livre: o tipógrafo, o jornalista libertário e a rede social do jornal A Terra Livre (1905-1910)*. Dissertação (mestrado em história). Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos- São Paulo, 2017. p.99-103.

313 BILHÃO, Isabel Aparecida. *Identidade e Trabalho: Análise da construção identitária dos operários Porto-Alegrenses*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul- Porto Alegre, 2015. 189-192.

transnacional com outros agentes como Luigi Magrassi, Carlos Dias, Edgard Leuenroth e Oreste Ristori.³¹⁴

Como continuação do periódico *O Amigo do Povo*, o grupo, além de suas características técnicas parecidas, também apostava na estratégia organizacionista do anarquismo já que considerava a tarefa “mais urgente [...] a organização, no campo econômico e político” contando também com a tradição da corrente libertária no geral que insistia na “propaganda oral e escrita, a luta contra a ignorância”. Para tal, os redatores afirmavam que seus meios eram “a greve, a boicotagem, a sabotagem, a agitação da praça, o comício, a greve geral, por fim, a insurreição,” tomando “parte ativa no movimento operário.”³¹⁵ Longe de ser uma incisão inicial, a penetração nas associações operárias feitas pelos anarquistas, como estamos acompanhando, fizeram muitos destes órgãos se inclinarem ainda mais às práticas de ação direta, que eram noticiadas e impulsionadas. Até mesmo as greves e boicotes sem a presença explícita do anarquismo ou de algum componente revolucionário era, de alguma forma, apoiado, com balanços e críticas para a aprendizagem do operariado em sua prática:

A recente greve dos gazistas do Rio, não foi uma batalha, propriamente, na grande luta do trabalho e do capital, não se caracterizou exclusivamente pela tendência de realizar uma -reivindicação proletária, não se revestiu desse aspecto “irritante” da inversão dos papéis de patrão e operário, que tão amiúde serve de pretexto à imprensa burguesa para torná-las antipáticas perante a pública opinião. [...] Os foguistas, não sendo revolucionários, repugnando-lhes o uso da força bruta, asseguram, com a sabotagem a possibilidade da vitória, sem murros nem esmechos. Eis a lição. Foi também muito notado, terem os grevistas, para tudo, um advogado como intermediário. Parecia, assim, que não eram partidários da ação direta. [...] Os foguistas não se revoltaram contra a opressão sistemática de classe, ezimiram-se habilmente a uma subtração de bem-estar, que lhes parecia intolerável. [...] Rebelaram-se. Assim, não exigiram desde logo, como reivindicação, o aumento de salário, o que pretenderam, entretanto, quando se viram fortes. Voltaram todos para as oficinas, com as condições anteriores. É evidente que o episódio não está terminado com este desfecho. Virão as vinganças. Os mais ativos, os mais inteligentes dentre os operários, serão

314 *Idem.* p.99-145.

315 “Generalidades.” *A Terra Livre* (São Paulo), 1 de dezembro de 1905. p.1.

despedidos... Tornar-se-ão, eles, revoltados, conscientes, os que ainda não forem?³¹⁶

É revelador nesse excerto perceber que, mesmo uma paralisação de caráter reformista já “que não eram partidários da ação direta”, incluindo advogados para mediar a negociação entre trabalhadores e proprietários, era noticiada no periódico. Como é possível observar, era criticada a postura dos trabalhadores no setor de gás de não se revoltarem “contra a opressão sistemática de classe”, aderindo a métodos pacíficos e conciliatórios para tentarem alcançar suas conquistas. Contudo, a diminuição do salário que, pelo trecho, não era uma meta inicial desses personagens, apareceu durante a greve, fato que fez os redatores do periódico elogiarem essa ação que, mesmo fracassada, poderia dar um tipo de “consciência” para os personagens envolvidos no evento.

Para Alexandre Samis, o periódico *A Terra Livre* foi planejado “mais explicitamente sindicalista, [que] deveria enfatizar assuntos relacionados às classes trabalhadoras.” Seu grupo “percebia que era fundamental um jornal ágil e identificado com as premissas classistas do anarquismo, em colaboração com indivíduos dispostos a levarem para dentro do sindicato as propostas radicais.”³¹⁷ Concordando com o autor, percebemos que o periódico em questão, mesmo ainda citando autores como Piotr Kropotkin e Eliséé Reclus e declaradamente anarquista em sua primeira página, apostava menos em textos teóricos em comparação ao seu antecessor e expandia os já influentes e lidos textos sobre notícias ou opiniões do movimento operário, tentando inflamar as suas posições radicais.

Nesse movimento, para tentar intercalar os interesses de classe com os do próprio anarquismo, a melhor articulação seria a criação de federações que agregassem tais ações radicais e de ação direta com tal programa determinado e não apenas nas linhas de periódicos e livretos. É nesse contexto que o grupo em questão tentou difundir e impulsionar a Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ) e a Federação Operária de São Paulo (FOSP), embora contassem com a presença massiva de sindicalistas revolucionários que não declaravam sua vinculação com o anarquismo bem como

316 “A Greve do Gás.” *A Terra Livre* (São Paulo), 17 de maio de 1908. p.1-2.

317 SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.101.

socialistas e reformistas.³¹⁸ De qualquer modo, a FOSP foi sendo constituída desde 1903 com a multiplicação de grêmios e ligas de resistência de bairros – no começo principalmente de caráter étnico italiano - nos quais anarquistas e socialistas e sindicalistas eram bem presentes, tendo o jornal *Il Falegname* de Giulio Sorelli um dos seus principais articuladores.³¹⁹ Em 1905 a União de Chapeleiros, que também contava com uma forte posição revolucionária, noticiou a meta de criar e unir vários sindicatos, ligas e outros organismos, tendo a FOSP como órgão aglutinador, como noticiado mais tarde em *A Terra Livre*:

Quando a União dos Chapeleiros tomou a iniciativa de fundar uma Federação, travou-se sobre sua oportunidade uma interessante polêmica, no *Avanti!* e no *Jornal Operário*, entre vários trabalhadores. Os fatos vieram demonstrar que não era cedo, mas tarde, para a fundação necessária. A comissão executiva provisória pôs logo mãos à obra, compilando uns estatutos que foram aprovados em assembleia geral de todas as classes, e publicando um manifesto que causou boa impressão entre a classe operária. A federação tomou parte em várias iniciativas, como a fundação da Liga Operária de Campinas, do Sindicato dos Trabalhadores de Alfaiantes, procurando agora fundar a liga dos funileiros, encanadores e gazistas. [...] A respeito da realização de dois congressos operários no Rio tomaram-se as necessárias decisões. [...] Quanto ao que é promovido pela Federação Operária Regional Brasileira, ficou assente pedir a essa Federação o adiamento da reunião preparatória, para a ela poderem concorrer as associações de fora do Rio.³²⁰

O trecho revela que foi necessária, para os militantes, uma articulação e discussão com outros grupos políticos para a criação de tal entidade, mas que tais anarquistas apoiavam e, se não estavam na dianteira nessa ação como os mesmos afirmavam, pelo menos estavam bem interessados.

Além das associações citadas como aderentes do projeto, o jornal inicia seu contato com a Federação Operária Regional Brasileira, mais tarde chamada de

318 No caso da FOSP ver BIONDI, Luigi. *Op.cit.*, 2011. p.155-222. Para o caso da FORJ ver BATALHA, Claudio. *Revolutionary Syndicalism and Reformism in Rio de Janeiro's Labour Movement (1906-1920)*. *Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis*, pp.1-29, 2018.

319 Ver ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, 2002. p.170 e TOLEDO. Edilene. *Op, cit.*, 2004. p.163-266.

320 “Dentro das associações. Federação Operária de São Paulo.” *A Terra Livre* (São Paulo), 7 de fevereiro de 1906. p.4.

Federação Operária do Rio de Janeiro. Esta foi, na realidade, um alongamento da Federação das Associações de Classe, criada no final de 1904 por portuários filiados à Federação Operária Regional Argentina (FORA) que chegaram ao Rio de Janeiro com o objetivo de firmar conexões sólidas com os trabalhadores de ambos os países.³²¹

Esses contatos e o acontecimento de congressos e articulações entre a federação paulistana e a carioca, bem como seus achegados de outros países e cidades, potencializou a proliferação de greves e reivindicações de caráter combativo que, para os militantes libertários, começavam a ter certo sucesso e a alavancar a própria estratégia anarquista. A partir de 1906, em São Paulo, uma onda de greves avançava no setor industrial da cidade. As comemorações da data do 1º de maio de 1907 deram outro fôlego às manifestações e paralisações resultando, no dia 4, um protesto dos metalúrgicos da Companhia *Lidgerwood* por melhores condições de trabalho e pela jornada máxima de oito horas de atividade. A presença da FOSP garantiu que esses agentes recebessem o apoio de outras categorias como pedreiros, sapateiros, tecelões, gráficos, possibilitando considerável amplitude reivindicativa. Anarquistas, além de sua posição no interior da federação, ofereceram discussões e disseminaram notícias através de diversos jornais, entre eles o *La Battaglia* e *A Terra Livre*.³²² Algumas categorias saíram vitoriosas, pelo menos durante algum tempo em que vigoraram os direitos requeridos. Não obstante, a repressão policial, como era comum sobre os grupos ativistas e militantes, caiu sobre a FOSP, dissolvendo o organismo e prendendo seus agentes. Tanto a vitória moral e sua repressão, por sua vez, faziam com que anarquistas proclamassem ainda mais um caráter revolucionário a esses organismos, que se aproximavam da ação direta.³²³

Nesse mesmo período, duas grandes greves aconteceram em Santos, que contava com uma tradição combativa e que também instituiu a Federação Operária Local de Santos (FOLS) que se unia as outras federações citadas.³²⁴ No Rio de Janeiro, Carlos Augusto Addor nos informa que, mesmo com uma influência maior do

321 SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.110.

322 SANTOS, Kauan Willian dos. *Op.cit.*, p.65.

323 LOPREATO, Christina. *Op.cit.*, p.12.

324 Para compreender o papel e as características da FOLS ver SILVA, Fernando Teixeira da. *Operários sem patrões: os trabalhadores da cidade de Santos no entreguerras*. São Paulo – Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p.235-242.

reformismo, uma grande greve dos sapateiros impulsionada por anarquistas e socialistas foi levada a cabo em 1906.³²⁵

A estratégia organizacionista de conciliar a meta revolucionária com os objetivos de curto prazo da classe trabalhadora³²⁶ chamou a atenção de outros sindicatos e organismos que aderiam progressivamente às federações, inclusive de outros estados como no Rio Grande do Sul, especialmente em Porto Alegre e de Pernambuco, particularmente em Recife. Essa relação, a partir de congressos marcados na FORJ, possibilitou um projeto de tentativa de construção nacional do sindicalismo combativo nomeado de Confederação Operária Brasileira (COB).

O Primeiro Congresso Operário, evento que concretizou tal intenção, foi realizado no Centro Galego (espaço familiar aos redatores em torno de *A Terra Livre*) entre os dias 15 e 22 de abril de 1906 no centro do Rio de Janeiro. As reuniões receberam 43 delegados de 28 associações de variadas partes do país, incluindo a cidade em questão, Salvador, Alagoas, Rio Grande do Sul e São Paulo e incluía, em seus primeiros anos, 50 sindicatos federados por organismos e –federações nacionais de indústria ou de ofício, uniões locais ou estaduais de sindicatos, sindicatos isolados em locais onde não existiam federações ou de indústrias e ofícios não federadosl.³²⁷ Claudio Batalha defende que, mesmo com tal caráter, a COB não teve uma extensão integralmente nacional uma vez que o movimento operário já se instalava em vários outros pontos do país.³²⁸ Contudo, a autora Edilene Toledo nos mostra que ela –teve um valor real e simbólico importante, configurando-se como o primeiro grande esforço de criação de uma identidade comum entre os trabalhadores do Brasil³²⁹ que daria força as lutas operárias e seus ganhos.

325 ADDOR, Carlos Augusto. *A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986. p.106.

326 Felipe Corrêa pontua que essa postura –não se trata de apoiar quaisquer reformas com quaisquer lutas. [Neno] Vasco acredita[va] que os revolucionários devem favorecer “as reformas ou melhoramentos que sejam uma vantagem verdadeira para o proletariado ou que pelo menos não contrariem e retardem o fim essencial”, pregando que as táticas tenham coerência estratégia e fortaleçam o objetivo revolucionário. Defender lutas classistas, combativas, autônomas, construídas pela base por mecanismos autogestionários e com perspectiva revolucionária seria, deste modo, parte fundamental dessa intervenção reivindicativa de curto prazo pelas reformas.” CORRÊA, Felipe. *Op.cit.*, 2015. p.222-223.

327 TOLEDO, Edilene. Para a união do proletariado brasileiro: a Confederação Operária Brasileira, o sindicalismo e a defesa da autonomia dos trabalhadores no Brasil da Primeira República. *Perseu: História, Memória e Política*, v. 7, p. 10-31, 2013. p.14.

328 Ver BATALHA, Claudio. *Dicionário do Movimento Operário*.: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

329 TOLEDO, Edilene. *Op.cit.*, 2013. p.12.

De todo modo, é fato que a entidade ganhou mais adesões e respaldos após as greves de sua influência, que deixava seu programa em evidência e crédito, principalmente após o lançamento de seu jornal *A Voz do Trabalhador*. Tal periódico, com quatro páginas, mas em alguns números com anexos ou com contracapas com grandes chamadas, era vendido por \$100, mas aceitava donativos voluntários ou subscrições semestrais de 1\$000, o que revela a maior dificuldade de construí-lo, apontando o refluxo do movimento operário que estava por vir. Além disso, embora fora decidido ser lançado junto com a própria constituição da confederação, apenas foi publicado em 1908, o que revela a dificuldade de militantes diversos confluírem num mesmo projeto, embora posteriormente, na prática, absorvesse muitas das experiências de sucesso de militantes do movimento operário que o escreviam. Isso fez com que, depois de emplacar, o mesmo título do jornal também foi publicado pelas federações de outras cidades que adaptavam notícias locais com as decisões nacionais da entidade, lançando inclusive seu programa e sua estratégia decidida pelos organismos presentes que era

[...] promover a união dos trabalhadores para a defesa de seus interesses morais, materiais, econômicos e profissionais; estreitar laços de solidariedade entre o proletariado organizado, dando maior força e coesão a seus esforços; estudar e propagar os meios de emancipação do proletariado e defender publicamente as reivindicações econômicas dos trabalhadores, através de todos os meios e especialmente através do jornal *A Voz do Trabalhador*; reunir e publicar dados estatísticos e informações exatas sobre o movimento operário e as condições de trabalho em todo o país.³³⁰

Num primeiro olhar, podemos concluir que a COB não seguia uma estratégia política definida, uma vez que cita a autonomia do trabalhador como sendo sua principal meta. Esse fato era resultado da influência de diversas vertentes dentro da associação, como, por exemplo, seu secretário geral Rozendo dos Santos e seu tesoureiro João Leuenroth, ambos reformistas.³³¹ Não obstante, a prática das federações, gravitando cada vez mais nas propostas revolucionárias e de ação direta, faziam a Confederação e

330 Resoluções do Primeiro Congresso Operário Brasileiro. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michel. *A classe operária no Brasil. Documentos (1889-1930), vol. I: O movimento operário*. São Paulo: Alfa ômega, 1979. p. 41- 58.

331 Ver Toledo, Edilene. *Op.cit...*, 2013. p.14.

seus associados explicitarem qual a estratégia política seguiam e programavam, além de tal autonomia citada. Decisão que foi noticiada, inclusive, no primeiro número do periódico *A Voz do Trabalhador*:

Desde já uma conquista se impõe: das 8 horas de trabalho, vitoriosamente arrancada pelos nossos companheiros de São Paulo o ano passado. Mas o nosso fim não é só conquistar menos horas de trabalho e a elevação de salários. O que desejamos, e havemos de conseguir, custe o que custar – é a emancipação dos trabalhadores da tirania e exploração capitalista, transformando o atual regime econômico do salariato e do patronato num regime que permita o desenvolvimento das organizações de produtores-consumidores, cuja célula inicial está no atual sindicato de resistência ao patronato. Como meio prático, como método de luta para alcançar tal *denderatum*, adotará e usará o *sindicalismo revolucionário*.³³²

Além de ser claramente anticapitalista, o periódico também colocava em evidência a luta de classes, defendendo que as medidas visando conquistas imediatas faziam parte de um horizonte de ruptura ao sistema vigente naquele período. Citando que os ganhos grevistas de São Paulo em 1907 foram vitoriosos, os redatores e representantes como delegados do organismo, incluindo Neno Vasco e Edgard Leuenroth, citavam claramente, inclusive grifando, que a estratégia defendida como meio prático para estes fins seria o sindicalismo revolucionário.

Como podemos perceber, o tom usado era o mesmo de anos atrás quando a estratégia organizacionista em vários pontos do Brasil começou a ser tencionada no movimento operário, primeiramente através de propaganda oral e escrita ou através de escolas com teor libertário, mas depois com a presença real e programática dos anarquistas nos sindicatos. Na realidade, acompanhando um fluxo global de sua família política, a estratégia do sindicalismo revolucionário estava se tornando influente desde a última década do século XIX na França, principalmente com textos teóricos de Émile Pouget e Georges Sorel e com articulações políticas anarquistas e de sindicalistas pragmáticos que aceitavam ou disseminavam tal princípio nas áreas industriais deste país.³³³ Um nível de inserção parecido com o do Brasil foi articulado pela *Confédération Générale Du Travail* (CGT), um organismo que ligava sindicatos

332 “A Voz do Trabalhador.” *A Voz do Trabalhador* (Rio de Janeiro), 1 de julho de 1908.p.1

333 Ver SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.117-120.

independentes e revolucionários para fazerem frente aos órgãos influenciados pelo trade-unionismo inglês, de caráter reformista.³³⁴ A CGT, no final de 1906, também aprovava um documento intitulado como Carta de Amiens que instituíra:

O Congresso confederal de Amiens confirma o artigo 2, constitutivo da CGT; A CGT agrupa, fora de toda escola política, todos os trabalhadores conscientes da luta dirigida pela desapareição do assalariado e do patronato...; O Congresso considera que esta declaração é um reconhecimento da luta de classes que opõe, no terreno econômico, os trabalhadores em revolta contra todas as formas de exploração e de opressão, tanto materiais quanto morais, colocadas em prática pela classe capitalista contra a classe operária; [...] O Congresso declara que esta dupla tarefa, a cotidiana e a do porvir, decorre da situação de assalariado que pesa sobre a classe operária e que faz com que todos os trabalhadores, sejam quais forem suas opiniões ou tendências políticas e filosóficas, tenham o dever de pertencer a este agrupamento essencial, que é o sindicato. [...] Como consequência, no que concerne aos indivíduos, o Congresso afirma a total liberdade do afiliado participar, fora do agrupamento corporativo, das formas de luta que bem corresponderem à sua concepção filosófica ou política, reservando-se à solicitar-lhe, em reciprocidade, que não introduza nos sindicatos as opiniões que professa fora deste.³³⁵

Para Alexandre Samis, “as questões da greve geral, da sabotagem, da ação direta e da violência contra patrões e fura-greves” também foram latentes nas decisões desse órgão. Tais sindicalistas também –reafirmavam a organização federalista dos sindicatos, recomendando que se unissem em uma federação local e, posteriormente, à uma confederação nacional, sem prejuízo da autonomia das organizações de base.”³³⁶ Essa tradição, claramente uma retomada do federalismo através de órgãos de resistência trabalhista impulsionada pelo anarquismo na Primeira Internacional dos Trabalhadores (AIT), era um pouco diferente da postura de Mikhail Bakunin que defendia, além dos organismos propriamente econômicos de resistência, grupos políticos anarquistas no interior destes.³³⁷

334 *Idem.* p.181-183.

335 “Carta de Amiens” de 1906 citada por MAITRON, Jean. Ravachol y los anarquistas. Madri: Hurgay Fierro, 2003. p.158-159. Tradução nossa.

336 SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.118.

337 LEVAL, Gaston; BAKUNIN, Mikhail. *Bakunin, fundador do sindicalismo revolucionário; A dupla greve de genebra*. São Paulo: Imaginário/Faísca, 2007.

O autor Felipe Corrêa defende que uma postura anarquista sindicalista do início do século XX apostou incisivamente na desvinculação explícita entre anarquismo e sindicalismo, justamente chamado sindicalismo revolucionário.³³⁸ Para os militantes envolvidos com tal estratégia, a luta sindicalista prática junto a uma teoria anarquista seria redundante já que para estes “o sindicalismo se basta a si próprio.”³³⁹ Levando ao extremo a orientação de teóricos como Errico Malatesta quando afirmavam que “quaisquer que sejam os resultados práticos da luta pelas melhorias imediatas, sua principal atitude reside na própria luta”³⁴⁰ excluindo também a orientação do militante pela organização propriamente anarquista, personagens acreditavam que o sindicalismo revolucionário e sua ação prática, através das greves, ou pela própria estrutura sindical, encabeçaria uma revolução e organizariam uma sociedade futura. Para esses, o sindicalismo revolucionário além de ser uma organização de classe para a reclamação econômica encabeçada como estratégia do anarquismo se transformava, na prática, em uma organização também política e ideológica. Nesse movimento, a aparente desvinculação com qualquer programa político barraria, de forma sorrateira, partidos e vertentes reformistas ou de orientação marxista ou reformista, instituindo gradativamente a almejada sociedade anarquista.³⁴¹

Evidentemente, a questão sobre a luta de classes, bem como a neutralidade sindical, como vemos nas decisões da CGT e da COB, assim como as referências de teóricos para a construção do sindicalismo revolucionário, não ligados apenas ao anarquismo como George Sorel - um ex-marxista que se tornou sindicalista pragmático

338 Felipe Corrêa defende que esta tendência “vincula-se à ideia de que o movimento popular possui todas as condições de abarcar posições libertárias e revolucionárias, de maneira a cumprir todas as funções necessárias a um processo de transformação; as organizações políticas anarquistas são desnecessárias ou uma questão secundária. [...] Essa posição é defendida por muitos sindicalistas revolucionários, como foi o caso do francês Pierre Monatte que, no Congresso Anarquista de Amsterdã, em 1907, sustenta que o sindicalismo revolucionário “se basta a si próprio.” Monatte acredita que o movimento popular iniciado pela *Confédération Generale du Travail* (CGT), na França, em 1895, havia possibilitado uma reaproximação entre os anarquistas e as massas e por isso recomenda: “que todos os anarquistas ingressem no sindicalismo”. Por mais que o contexto histórico possua relevância no afastamento que ocorreu na França, após a Comuna de Paris, entre o anarquismo e os movimentos de massas, essa posição de Monatte preponderou no anarquismo do século XX em todo o mundo, se não em teoria, pelo menos na prática. Nesse mesmo congresso, que pode ser considerado o primeiro momento histórico de debate amplo sobre as questões organizativas do anarquismo, outros anarquistas se posicionaram. Malatesta concordava com a participação anarquista nos movimentos populares, mas reforçava: “dentro dos sindicatos, é preciso que permaneçamos anarquistas, com toda a força e amplitude implícitas nessa definição”; ou seja, o anarquismo não poderia dissolver-se no movimento sindical, não poderia ser tragado por ele, deixando de existir como uma ideologia/doutrina com posições e instâncias próprias.” CORRÊA, Felipe. *Op.cit.*, 2013. p.35-36.

339 MONATTE, Pierre. *Em Defesa do Sindicalismo*. Citado em SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.136.

340 MALATESTA, Errico. *Op.cit.*, 2008. p.71.

341 Ver Oliveira, Tiago. *Op.cit.*, p.67-90.

citando Marx e Proudhon³⁴² - fizeram muitos revolucionários para além dos anarquistas, disputarem e usarem o sindicalismo revolucionário em suas metas. Os socialistas, nesse sentido, inseridos em suas redes étnicas italianas, desprovidos também de um órgão especificamente político no país, já que até 1922 não tinham um partido eleitoral, tinham notáveis investidas dentro das associações sindicais, mutualistas e de socorro mútuo.³⁴³ Para os militantes em torno do periódico *Avanti!* em São Paulo, o socialismo, seguindo também uma tendência global, deveria integrar vários aspectos da vida dos trabalhadores até que fosse criada uma simbiose entre o ideário de revolução socialista e as próprias práticas da população. Para eles:

O nosso partido reconheceu a necessidade de não limitar o socialismo à luta eleitoral, que é necessária e ótima para educar, disciplinar, organizar e fazer propaganda para as massas, mas que, sozinha, não pode compreender todos os aspectos da vida individual e coletiva [...] Estamos, portanto, vendo que o socialismo deve ser um socialismo integral, isto é, completo e complexo.³⁴⁴

Citando as decisões do partido socialista italiano e de diversas discussões socialistas internacionais nesse âmbito, os militantes socialistas como Alceste De Ambris, Angelo Scala e Francisco Calvo, nessa empreitada, escolheram uma associação aos diversos âmbitos dos bairros operários da cidade, incluindo, assim, o sindicalismo revolucionário, uma estratégia que complementaria suas perspectivas de luta de classes, essencial para os marxistas. Essa tendência foi tão poderosa, inclusive em outros pontos do mundo que, em 1912, a *Unione Sindicale Italiana* (USI), constituída pela estratégia do sindicalismo revolucionário, fosse proposta e construída por uma maioria socialista.³⁴⁵ Nesse sentido, de fato, é facilmente perceptível a disseminação de projetos e discursos paralelos que tentavam se diferenciar dos libertários. O jornal *O Carpinteiro*, em 1905, refletindo sobre a construção de ligas de resistência e sindicatos, publicou:

As organizações operárias, pelos métodos em que são baseadas, pelos fins que se estabelecem, devem necessariamente, indiscutivelmente, ficar autônomas. A Liga de Resistência é o resultado direto da luta de classe e seu

342 SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.118.

343 Ver BIONDI, Luigi. *Op.cit.*, 2011.

344 *Avanti!* (São Paulo), 11 de julho de 1902. p.1.

345 Ver TOLEDO, Edilene. *Op.cit.*, 2004. p. 73-162; 163-267.

valor está em relação com a sua força numérica. [...] De fato, elas não seriam abertas senão pelos socialistas, pois a adesão à Liga teria por consequência a adesão, mesmo indireta ao partido...³⁴⁶

Tentando sublinhar aos seus leitores que a construção dos organismos e das práticas sindicalistas foram resultados de suas ações no movimento operário - que de fato aconteciam desde o fim do século XIX - os socialistas mostravam que as ações diretas poderiam ser usadas, junto com outros meios, dentro de sua corrente política. Contudo, em um movimento retórico, anarquistas em diversas partes do país tentavam evidenciar que, antes da ascensão da estratégia do sindicalismo revolucionário, socialistas marcavam suas presenças apostando na social-democracia e que suas práticas e propostas estavam ligadas mais essencialmente a esta última. O jornal anarquista *A Luta*, de Porto Alegre, embora participasse conjuntamente na luta sindical com socialistas, tentava evidenciar tal fato:

Ao iniciarmos a propaganda sindicalista entre o proletariado portoalegrense, fomos fortemente combatidos pelos xerifes socialistas que impugnavam este método de luta, sem o estudar, simplesmente porque perceberam que nos sindicatos operários se não usava de presidentes. [...] Parece-nos que isso influenciou algo sobre as mentalidades sociais-democráticas da terra, pois sabemos mais tarde que já em seu meio se fazia uma outra ideia do sindicalismo. Oxalá outro tanto suceda agora com temos publicado sobre o assunto e o que têm dito os nossos camaradas da Terra Livre sobre as asneiras dos pseudos socialistas da *Democracia*.³⁴⁷

Para o historiador Tiago Oliveira que estudou a relação entre anarquismo e sindicalismo no período da Primeira República no Brasil, a disputa anarquista por sua hegemonia nos sindicatos passava de discursos e embates com socialistas e sindicalistas pragmáticos e era gradativamente, até a segunda década do século XX, uma tendência poderosa que fazia os libertários ocuparem os espaços operários de relevo como as federações, congressos e a própria COB, fazendo com que o sindicalismo revolucionário fosse

346 Ver BIONDI, Luigi. *Op.cit.*, 2011.

347 “Carlos Marx e os “socialistas.”” *A Luta* (Porto Alegre), 15 de maio de 1907. p.3.

um método que, se não exclusivo, foi instrumentalizado a tal ponto de ser apresentado como o método em contraposição aos métodos “maliciosos” de seus adversários.[...] A intensidade da defesa dos princípios do sindicalismo revolucionário pelos anarquistas, pelo menos no que tange à neutralidade política, deveu-se, assim, a uma estratégia de sobrevivência do anarquismo na organização sindical dos principais centros em industrialização do país (e aqui talvez caiba uma analogia às avessas da “planta exótica”), que permitiu sua ampliação e também sua identificação com o sindicalismo revolucionário.³⁴⁸

É interessante perceber, na análise do autor, que a implementação e a disputa do sindicalismo revolucionário, mais do que um duelo de propostas ou somente uma conquista pela hegemonia política do movimento operário, era também uma forma de sobrevivência do anarquismo entre o operariado, assim como uma maneira de provar que era uma “planta natural” dentro do país. O sindicalismo revolucionário, assim como na França – que ainda não era um modelo hegemônico no país, mas servia de exemplo em várias partes do mundo³⁴⁹ - uniria trabalhadores do país sem que isso comprometesse o estilo de atuação horizontal e federativo, fato que chegava na hora certa para os anarquistas que almejavam legitimar sua ideologia entre as variadas origens étnicas e de ofício da chamada “classe produtora.” Esse projeto era também noticiado com a fundação do periódico *A Voz do Trabalhador* referindo-se à COB:

Com isso dá-se o primeiro passo para o despertar do proletariado do Brazil e lançam-se os alicerces duma organização futura, feita de comum acordo e com um fim determinado. É necessário que o operariado brasileiro abra os olhos e se dê conta das mistificações de que está sendo vítima. É preciso que compreenda que o seu inimigo não está fora do Brazil, que o seu inimigo não é o estrangeiro, mas o capitalista, o burguês, o militar, o padre e todos os sustentáculos da iníqua organização da atual sociedade, e que esses inimigos os temos aqui dentro do Brazil, como estão em todas as partes, competindo aos operários como principais vítimas, preparar-se para lhes dar combate aqui, ao par que os nossos companheiros, os operários das nossas nações, fazem os mesmos nos seus respectivos países.³⁵⁰

348 Oliveira, Tigado. *Op.cit.*, p.31-32.

349 Ver LEFRANC, Georges. *Histoire du travail et des travailleurs*. Paris: Flammarion, 1975. p.284-310.

350 “Confederação Operária Brasileira.” *A Voz do Trabalhador* (Rio de Janeiro), 1 de julho de 1908. p.1.

Para muitos militantes libertários, portanto, a instituição da COB poderia ser um bom meio de instituir, se não sua ideologia, pelo menos algumas práticas de sua cultura política justificando, dessa maneira, no operariado, propostas revolucionárias de “comum acordo e com um fim determinado.” Esse mesmo meio mostrava também que rivalidades nacionais e étnicas cegavam e emperravam a unidade e os ganhos desses trabalhadores, exercício que tentava tanto revogar o ideário de superioridade de estrangeiros para com os trabalhadores nascidos no país ou da reação destes últimos contra tais discursos e práticas racistas, fomentando também meios de segregação. A unidade brasileira aparecia, assim, como uma maneira de organizar esses trabalhadores desde que entendessem que os inimigos reais, para os redatores, estavam em todo o mundo, assim como seus companheiros também. Assim, era possível unir associações como a Società Internazionale do Brás, a Società Operaia da Lapa, a Unione Operaia Civiltà e Progresso e outras de tendência étnica italiana – embora não fechadas a esses – que compunham, entre outras, a FOSP,³⁵¹ e a Sociedade Cooperativa dos Empregados em Padarias do Brasil, a Resistência dos Trabalhadores em Trapiches e Café e a União dos Operários estivadores que “eram formadas basicamente por associados negros”³⁵², da FORJ, todas que compuseram também a COB.

Contudo, mais tarde, a percepção de que o sindicalismo revolucionário era um projeto da classe trabalhadora, como eles mesmos pregavam, e que poderia ser disputado por outro grupo ideológico fez com que os libertários continuassem percorrendo outras táticas como o internacionalismo, o anticlericalismo e seus artefatos intelectuais; na militância na esfera política – além do sindical e econômico – e cultural, embora o alastramento da estratégia do sindicalismo revolucionário fosse o fio condutor para a legitimação do anarquismo e sua inserção entre a classe trabalhadora no período.

II-II. Fincando a bandeira negra: as articulações da estratégia do sindicalismo revolucionário e a busca pelo internacionalismo

351 Ver BIONDI, Luigi. Mãos unidas, corações divididos. As sociedades italianas de socorro mútuo em São Paulo na Primeira República: sua formação, suas lutas, suas festas. *Tempo: Revista do Departamento de História da UFF*, v. 16, p. 75-104, 2012

352 MATTOS, Marcelo Badaró. *Op.cit.*, p.135.

“Bem unidos fazamos nesta luta final. Uma terra sem amos, A Internacional”.
(A Internacional - Eugene Pottier).³⁵³

Políticos de todas matizes e burgueses de todas castas conservadoras do atual equívoco social, a cada passo e em todos os tons, nos falam de pátria e nos pregam o patriotismo. Sempre que procuramos fazer propaganda das ideias de confraternização e justiça que nos animam, encontramos a formidável barreira patriótica plantada na ignorância das turbas e cimentada pela astúcia interesseira dos que julgam na vigente sociedade, nada mais haver que desejar em perfeição. (*A Luta*)³⁵⁴

Já no fim de 1906 a estratégia do sindicalismo revolucionário era sentida e aprofundada em vários pontos do Brasil, principalmente depois das publicações, nas próximas duas décadas, dos periódicos *A Voz do Trabalhador* em diferentes cidades dentro dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Não obstante, se tal jornal representava mais explicitamente “as aspirações do operariado universal para a transformação econômica da sociedade atual”³⁵⁵, cabia para os órgãos e células anarquistas ainda instrumentalizarem essa ação sindical dentro de uma perspectiva internacionalista com base na ideia revolucionária típica dos libertários. Para tal, experiência interessante circulou na construção do periódico *A Luta* de Porto Alegre, cidade que começava a ter presença e relevância do anarquismo entre o movimento operário no período, aparecendo depois em outros jornais e grupos de influência anarquista.

O jornal *A Luta* foi proposto pelo Grupo dos Homens Livres em 1894, mas só conseguiu efetividade e uma sequência numérica no final do ano de 1906, que era dirigido inicialmente por Stefan Michaiski na Rua dos Andradas, n.º 64. Misturando sua estética e conteúdos com os outros periódicos anarquistas de Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo, o jornal tentava se manter inicialmente por meio de subscrições voluntárias e tentava sair quinzenalmente. Para a historiadora Caroline Poletto, o jornal era “proveniente do proselitismo realizado por imigrantes que já traziam na baga-

353 Trecho de A Internacional (letra de Eugene Pottier (1871), versão portuguesa do hino por Neno Vasco. *Revista Utopia*. Rio de Janeiro, 1990.

354 “Patriotismo Burguês.” *A Luta* (Porto Alegre), 15 de novembro de 1906. p.1.

355 “A Voz do Trabalhador.” *A Voz do Trabalhador* (Rio Grande do Sul), 11 de agosto de 1912. p.1.

gem anarquista de ter vivido na Colônia Cecília.”³⁵⁶ A partir de outras iniciativas anticlericais e de propostas de escolas racionalistas, tais anarquistas de origem italiana vão se juntar a outros imigrantes e também brasileiros, constituindo o grupo citado, tentando adentrar o movimento operário na região, porém com grandes obstáculos para tal.

O primeiro deles, com certeza, era o perfil da população do estado em que estavam. Com uma presença de imigrantes com suas colônias de imigrantes alemães desde a década de 1840, na realidade, o Rio Grande do Sul vai aumentar substancialmente sua população com uma massiva imigração que foi iniciada na década de 1870.³⁵⁷ Nas cidades de fronteira, as atividades de comércio atraíram um número considerável de trabalhadores, antes mesmo da concentração industrial, e junto com a pecuária do charque tiveram papéis essenciais nas relações de trabalho no campo e também na constituição das cidades.³⁵⁸ Para a autora Stella Borges, cerca de 12% da população do estado era composta de imigrantes em 1900, número que continuou constante até 1910 quando, numa população de 1.093.986 pessoas, cerca de 17.248 eram russos, 8.039 alemães, 6.052 poloneses e 3.008 italianos.³⁵⁹

Sendo assim, podemos pensar que embora anarquistas viessem com suas propostas desde a última década do século XIX, como em São Paulo e Rio de Janeiro, e o número de estrangeiros que compartilhavam o caráter nacional e étnico dos remanescentes da Colônia Cecília fosse grande, não era suficiente para uma penetração em larga escala na classe trabalhadora, com uma quantidade maior de brasileiros, além de outras demandas de imigrantes. Diferente de São Paulo - que o anarquismo de imigrantes italianos era compartilhado pela grande quantidade de trabalhadores dessa origem nacional, bem como portugueses e espanhóis alargando tais pensamentos para outros grupos estrangeiros e nacionais - no Rio Grande do Sul, especialmente em Porto Alegre, o Grupo dos Homens Livres - se realmente fora constituído inicialmente e somente de italianos - possivelmente teve uma grande dificuldade para difundir seu ideário de revolução bem como suas estratégias.

356 POLETTTO, Caroline. *Tão Perto ou Tan Lejos? Caricaturas e contos na imprensa libertária e anticlerical de Porto Alegre e Buenos Aires (1897-1916)*. Dissertação (Mestre em História). Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo – Rio Grande do Sul, 2011.

357 Ver CORRÊA, Anderson Pereira. Imigrantes na formação da classe operária no Rio Grande do Sul. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, v. 01, p. 01-29, 2016. p.10-13.

358 Idem. p.8.

359 BORGES, Stella. *Italianos: Porto Alegre e trabalho*. Porto Alegre: Ed. EST, 1993. p. 15.

É evidente que havia a possibilidade de outros imigrantes, ou mesmo migrantes, chegarem com as ideias anarquistas em suas bagagens, havendo também a chance de um morador local ter lido e aderido as propostas libertárias. Contudo, esses primeiros anarquistas contavam com a já presença marcante dos ideais da social-democracia, presentes na população e no movimento operário em várias regiões do estado, outro problema encontrado para os libertários. Em 1895, o socialismo dessa orientação já era atuante pelos militantes da Liga Operária Internacional fundada em 17 de novembro desse ano e ativo até 1920.³⁶⁰ Para o autor Benito Schmidt, tais personagens organizaram, no dia 1º de maio de 1897, mais de 1.000 operários nas ruas de Porto Alegre. Os militantes socialistas, como o influente Francisco Xavier da Costa, elegiam a estratégia do plano eleitoral como meio de transformação da realidade dos trabalhadores tendo o Partido Operário Rio-Grandense, noticiado pelo jornal *A Democracia*, de 1905, como representante desta intenção.³⁶¹ A atuação desses personagens nas sociedades mutualistas e ligas operárias, assim como nos sindicatos, foi sentida também nas resoluções do Primeiro Congresso Operário do Rio Grande do Sul, fato que deixava tal vertente política em destaque.³⁶²

Ainda assim, Caroline Poletto nos revela que já existia uma presença inicial de anarquistas no congresso citado, tentando embater as práticas dos sociais-democratas, assim como difundir suas ideias. Mais tarde, os libertários conseguiram uma posição em ambientes sindicais, principalmente com a fundação da União Operária Internacional em 1902.³⁶³ A tentativa de disputa dos anarquistas no campo sindical teve resultados maiores após as resoluções da COB, assim como os ganhos grevistas das federações de sua orientação, que fazia sindicalistas, no caso os de Porto Alegre, aderirem as estratégias libertárias do sindicalismo revolucionário. Essa era uma oportunidade imperdível para os redatores de *A Luta*, que afirmavam:

Pretendemos trazer para estas colunas toda a experiência e toda a observação que colhermos das lutas que se vão empenhando entre trabalhadores e capitalistas de toda a parte do mundo, luta que vai marcando os passos da espécie humana em marcha para o ideal duma sociedade onde o baixo

360 CORRÊA, Anderson Pereira. *Op.cit.*, p.14.

361 SCHMIDT, Benito Bisso. *O Patriarca e o Tribuno: caminhos, encruzilhadas, viagens e pontes de dois líderes socialistas – Francisco Xavier da Costa (187?-1934) e Carlos Cavaco (1878- 1961)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2002, p. 96-98.

362 POLETTTO, Caroline. *Op. Cit.*, p.81.

363 Idem. p.81-82.

egoísmo especulativo não terá guarida e onde, unidos todos os indivíduos pela solidariedade, gozarão da liberdade integral a que fizeram jus.³⁶⁴

Seguindo a tradição anarquista, já que contava com citações e encaminhamentos predominantemente de Eliséé Reclus e do jornal *A Terra Livre*, o periódico tentava usar também uma linguagem, na maioria das vezes mais prática em relação ao sindicalismo e a “experiência” da própria classe trabalhadora, germinando sua ideia de sociedade futura referente à “liberdade integral” de forma diluída. Os redatores ainda noticiavam que recebiam apoio de sindicatos e órgãos que já seguiam os princípios do sindicalismo revolucionário na cidade como o Sindicato dos Marmoristas, a União Operária Internacional, a União dos Empregadores em Madeira, o Grêmio de Artes Gráficas, a União dos Pedreiros e outras. Também revelavam seus contatos e apoios dos periódicos *La Battaglia*, *Novo Rumo* e *A Terra Livre*.³⁶⁵ Deste último, compartilhava em cada um de seus números - que tentava sair semanalmente - o texto “As Bases do Sindicalismo” de Émile Pouget, umas das inspirações da CGT na França.³⁶⁶ Após isso, os redatores justificavam a escolha de sua estratégia:

Ao encetarmos a publicação de *A Luta* tivemos em vista fazer propaganda para a organização operária pelo sindicato, não só por, de há muito, julgarmos este meio de luta o mais lógico e o único capaz de pôr os trabalhadores, em geral, em marcha para a conquista da maior soma possível de bem estar, como por ter sido também uma das resoluções do último congresso operário realizado no Rio. Nós, como deixamos exarado em nosso primeiro número, somos libertários, isto é, julgamos que, com base numa sociedade livre, é necessária a transformação da propriedade social, a solidariedade humana na luta contra a natureza e a cooperação dos esforços para se obter a maior soma possível de bem-estar; e sob o ponto de vista da organização, queremos a vida social assento sobre a iniciativa individual e o livre acordo sem delegação de espécie alguma de poder.³⁶⁷

Mostrando para seus leitores que a escolha do sindicalismo de inspiração libertária era a melhor via para os trabalhadores da região, inclusive seguindo o curso de vários pontos do Brasil pela COB, os redatores de *A Luta* evidenciavam que o trabalho

364 “A Luta.” *A Luta* (Porto Alegre), 18 de setembro de 1906. p.1.

365 Ver “As associações” e “A Imprensa.” *A Luta* (Porto Alegre), 18 de setembro de 1906. p.4.

366 Ver SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.110.

367 “Duas Palavras.” *A Luta* (Porto Alegre), 10 de outubro de 1906. p.1.

pelo bem-estar dos trabalhadores poderia ser mesclado com um horizonte de ruptura com o sistema do capitalismo industrial. Esse tipo de organização e atividade também treinaria os trabalhadores para uma vindoura sociedade onde reinaria o “livre acordo sem delegação de espécie alguma de poder.” Para ser efetiva tal estratégia, ainda era preciso mecanismos para não segregar ou emperrar a união de toda a classe trabalhadora na cidade e também no estado:

Numa das últimas sessões duma associação operária, onde há grande número de alemães, foi ventilada a questão de saber: si a língua oficial da sociedade seria unicamente a portuguesa ou se seriam adotadas as duas, alemã e portuguesa. [...] A nosso ver não há muita discussão sobre o caso. A língua a adotar-se numa associação operária, organizada não importa onde, deve ser a do país em que agem os trabalhadores que procuram se associar.³⁶⁸

Provavelmente, como resultado de sua dificuldade anterior em tentar alastrar o anarquismo para o conjunto da classe trabalhadora, bem como inspirados ainda nas resoluções da COB, o grupo em torno do periódico *A Luta* defendia que a língua falada e veiculada nos ambientes sindicais deveria ser a do próprio país, decisão que legitimaria o anarquismo em cada nação a qual adentrava. Assim, tais anarquistas deixavam implícito que eram os imigrantes que deveriam aprender também a língua originária do país e da região onde estavam, uma ótima maneira de se unirem com as tradições locais e com as lutas anteriormente travadas pelos trabalhadores nativos. Não obstante, para essa unidade nacional não ser confundida com o nacionalismo, os redatores publicavam em quase todos os números que tal projeto, incluindo a estratégia do sindicalismo revolucionário, se tratava de uma meta internacionalista:

Com que eloquência sabem os políticos, principalmente em vésperas de eleições, pontificar a “ideia santa do patriotismo”...com que pletóra de luminosas frases nos inundam os jornalistas patriotas quando se querem servir do povo para conquistar alguma posição e com que convicção nos falam do “amor pátrio” os rotulando burgueses quando pretendem, em mais uma “honesto especulação comercial”, arrancar dos trabalhadores mais alguns vinténs...[...] O industrialista procura suas conveniências sem indagar a que raça pertencem seus operários. Se os operários são estrangeiros, à menor reclamação, pô-los-à na rua e pedirá ao governo auxílio para reprimira pretensão dos gringos ousados; tratando-se, porém de trabalhadores

368 “Fatos e comentários.” *A Luta* (Porto Alegre), 13 de setembro de 1906. p.2.

nacionais, sem o menor constrangimento, o burguês ameaça que mandará vir operários estrangeiros para os substituir e pede ao governo garantia da “liberdade de trabalho.” E contudo são patriotas [...] A última greve dos operários desta capital veio provocar uma manifestação de franqueza de alguns burgueses e que traduz perfeitamente o pensar de todos eles em toda a parte do mundo.³⁶⁹

As rivalidades entre estrangeiros e trabalhadores nascidos no país, assim como o patriotismo, eram mostradas como uma farsa colocada pelos políticos do Estado e pelos detentores dos meios de produção como uma maneira de emperrar a união da classe trabalhadora, incluindo suas melhorias materiais, revelando que tal resistência, assim como essa malícia de seus oponentes, estava “em todo o mundo”. Esses argumentos abriam brechas para que afirmassem que essa ação “trata de conquistar melhoramentos (sobretudo redução de horas), fazendo assim exercício para a greve geral revolucionária”³⁷⁰, deixando claro para tal que “as pátrias atuais não são mães e sim madrastas, ignóbeis megeras que detestamos” e que “se for preciso arriscar a vida arriscá-la-emos para tentar fazer a revolução social.”³⁷¹

Em visto disso, tais anarquistas passavam de discursos e propunham práticas e exercícios para os operários e seus leitores. Em relação ao internacionalismo e o antipatriotismo, em 1907, “no primeiro domingo de fevereiro”, anarquistas e outras demandas socialistas internacionalistas propuseram uma conferência antimilitarista com o intuito de mostrar “aos poderes públicos que o operariado de hoje despreza a guerra como um dos mais hediondos crimes.”³⁷² Os conferencistas, presentes no salão 1º de Maio em Porto Alegre, noticiavam que o evento fazia parte de um projeto internacional já que “a Liga Pacifista e Antimilitarista Internacional destinou a fazer uma demonstração antimilitarista em toda parte do mundo” e também escreviam com ar de júbilo que “cerca de cem operários que, convidados por boletins, ali foram assistir à conferência anunciada.”³⁷³ Tal número é pouco se pensarmos na quantidade de habitantes da cidade, mas, para os redatores, talvez era um bom termômetro inicial para alastrar tais ideias entre os trabalhadores, principalmente os sindicalistas convidados.

369 “Patriotismo burguês.” *A Luta* (Porto Alegre), 15 de novembro de 1906. p.1.

370 “Sindicalismo operário.” *A Luta* (Porto Alegre), 18 de setembro de 1906. p.3.

371 “Guerra e patriotismo.” *A Luta* (Porto Alegre), 5 de fevereiro de 1907. p.3.

372 “Conferência Antimilitarista.” *A Luta* (Porto Alegre), 22 de fevereiro de 1907. p.2.

373 *Idem*. p.2.

Outra interessante ação desse viés foi a proposta de constituir uma língua, fora o português, onde os habitantes do país e do mundo pudessem se comunicar. Os redatores do periódico *A Luta* noticiavam a Esperanta Societo Sud-Rio-Grand que propunha a língua Esperanto “para apressar a fatal internacionalização dos povos.”³⁷⁴ Tal idioma, criado em 1887 pelo médico Ludwik Lejzer Zamenhof na Polônia, tinha a iniciativa de ser um segunda língua para facilitar a comunicação e o intercâmbio entre os povos³⁷⁵ e foi noticiada pelo *A Luta* durante todo o ano de 1907 como importante para os trabalhadores. Mesmo se não foi efetivada como projeto concreto, mostrava aos seus leitores que o anarquismo e sua luta sindical se preocupava com a solidariedade entre os tidos oprimidos das várias nações.

Em relação às lutas materiais e econômicas, a mais importante e aderida proposta, com certeza, foi a meta das 8 horas máxima da jornada de trabalho, que após os ganhos dos sindicalistas da FOSP e da COB, era manejada para os leitores e sindicalistas adeptos dos projetos do periódico *A Luta*:

A diminuição de horas de trabalho é uma das questões que muito de perto tem interessado os trabalhadores de todo o mundo. Por isso mesmo tem sido o problema das – 8 horas – o painel predileto armado às vistas incautas do operariado, pelos políticos de todas as matizes, sempre que se apresenta oportunidade de guindarem-se à ambicionada altura de *representantes* do povo. Entretanto, esta conquista, que é relativamente insignificante à vista dos direitos que assistem aos que trabalham, vai se tornando realidade, não pela influência de deputados e governantes, mas pela decisão dos únicos interessados – os operários. Nesta capital vão se movendo os que não se querem resignar ao trabalho estagnante de 10, 11, 12 e até 18 horas por dia como acontece aos empregados de bondes!³⁷⁶

Um projeto e um ganho provindo dos próprios esforços dos trabalhadores, fora da via eleitoral, para os redatores, trataria de unir esses agentes da cidade e do país, já que se tratava de um interesse geral da classe, ao mesmo tempo em que uniria também os chamados oprimidos em escala global, tática que tentava exercitar a consciência de classe local, nacional e internacional. Na verdade, essa proposta já era conhecida por grande parte do operariado desde as manifestações e greves em Haymarket em Chicago, no qual militantes mártires pela repressão policial em 1886, que lutavam pela redução

374 “Fatos e comentários.” *A Luta* (Porto Alegre), 29 de setembro de 1906. p.3.

375 Ver SIKOSEK, Ziko. *Esperanto Sen Mitoj*. Antuérpia: Flandra Esperanto-Ligo, 2003.

376 “As 8 horas.” *A Luta* (Porto Alegre), 29 de setembro de 1906. p.3.

de 15-16 horas para 8 de trabalho, foram homenageados, instituindo o 1º de Maio como dia do trabalhador pelo movimento operário em escala global. Para Lucien Van der Walt, essa meta, já impulsionada por diversos anarquistas no mundo e que se tornava também parte das lutas de tradição operária e socialista naquele período, foi novamente proposta nas próximas décadas do século XX, principalmente com a ascensão do sindicalismo de ação direta que deixava tal projeto explícito e decidido em suas confederações.³⁷⁷

Saindo de suas propostas e debates políticos, os anarquistas conseguiram articular sua estratégia entre o movimento operário, se tornando influente entre os trabalhadores. Nesse sentido, Isabel Bilhão identifica uma grande paralisação seguida de diversas manifestações na cidade. A chamada “Greve dos 21 dias” teve a União dos Trabalhadores em Madeira seu principal organismo, e operários de diversas categorias como aderentes, como a União de Padeiros, o Grêmio das Artes Gráficas, a União dos Trabalhadores em Madeira, o Sindicato dos Marceneiros e outros. Os trabalhadores pedreiros tiveram a presença de militantes com uma trajetória influente como o socialista Xavier da Costa, mas principalmente da Escola Eliseu Reclus, formada por anarquistas.³⁷⁸ O evento deu destaque para a estratégia do sindicalismo revolucionário, já que os marmoristas – grupo que resistiu até o fim da paralisação – conseguiu por um tempo, através da ação direta, as oito horas de trabalho diárias. Mais do que uma conquista material, para a autora, seguida também pelo pesquisador Paulo Marques, significou “o fortalecimento do movimento operário”,³⁷⁹ já que resultou também na criação da Federação Operária Gaúcha do Rio Grande do Sul (FORGS).

A tradição anarquista e sindicalista revolucionária no Brasil, tanto diante dessa meta quanto em tentar mesclar os interesses de classe com o internacionalismo revolucionário, provavelmente, foi constante em muitos grupos pelo país, mesmo aqueles que não conseguimos vestígios suficientes de suas trajetórias e propostas políticas sobre tais questões, como no caso de *A Luta* e o já mencionado *A Terra Livre*.

377 VAN DER WALT, Lucien. Fora das sombras: a base de massas, a composição de classe e a influência popular do anarquismo e do sindicalismo. In: FERREIRA, Andrey Cordeiro (Org.). *Pensamento e Práticas Insurgentes: Anarquismo e Autonomias nos Levantes e Resistências do Capitalismo no Século XXI*. Rio de Janeiro: Alternativa Editora, 2016. p. 119-158.

378 BILHÃO, Isabel. *Op.cit.*, p.49-65.

379 MARQUES, Paulo. A guerra dos braços cruzados: notas sobre os cem anos da greve geral de 1917 no Rio Grande do Sul. In: GODOY, Clayton Peron; MARCHEZIN, Lucas; SILVA, Rodrigo Rosa da (Orgs.). *A Greve Geral de 1917: perspectivas anarquistas*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2017. pp.243 – 284. p.257.

Ainda assim, esses discursos e ações parecidas possivelmente deram subsídios às posturas sindicais visualizadas durante a segunda década do século XX, quando o periódico *A Voz do Trabalhador* já aparecia em diferentes versões, redimensionado e escrito em várias cidades. Seu número na cidade Campinas, em São Paulo, por exemplo, afirmava que:

Em 1880 ficou organizada a Federação dos Trabalhadores dos Estados Unidos e Canadá, e em outubro de 1884 combinou-se em Chicago verificar em 1º de maio de 1886, a 1ª greve geral pelas oito horas de trabalho. Em meados de 1886, de 110.000 trabalhadores que se declararam em greve 45.000 obtiveram redução de 8 horas e outras vantagens. Os anarquistas combatiam a greve e defendiam o procedimento revolucionário, logo, porém, se convenceram em proclamar a greve, para conquistar o dia de 8 horas como máximo.³⁸⁰

Apesar do periódico durante suas publicações citar, direta e indiretamente, socialistas de diversas vertentes como Karl Marx e Pierre Joseph-Proudhon, deixava claro a importância da greve pelas diminuições das jornadas de trabalho, numa retórica que tentava unir a história da classe trabalhadora com o trajeto do anarquismo e seus projetos, ancorados numa amplitude global. Fato que ficava mais claro em seu manifesto:



(“Manifesto.” *A Voz do Trabalhador* (Campinas), 6 de setembro de 1919. p.4.)

380 “Notas d’um curioso.” *A Voz do Trabalhador* (Campinas), 6 de setembro de 1919. p.2.

Não explícito em relação à ligação entre o anarquismo e o sindicalismo, como nesse caso, e contando com mais socialistas e sindicalistas pragmáticos em seu interior, *A Voz do Trabalhador* de Porto Alegre, em 1912, também incitava que “a classe trabalhadora, a mais diretamente explorada” se organizasse cada vez mais sob os métodos do sindicalismo revolucionário já que “a solidariedade não é, como querem fazer crer os políticos, uma abdicação de direitos; é antes uma ampliação destes.”³⁸¹ Os métodos de luta para tal conquista ou ampliação de direitos, para o periódico em questão, deveria estar em consonância tanto com interesses da cidade como em âmbito global, fato que ficava explícito na coluna “Carta de Portugal” que mostrava os ganhos dos trabalhadores no país, incluindo a passagem da Monarquia à República defendendo que “foi a classe operária que maior e mais resistente contingente de revolucionários forneceu por ocasião da implementação do novo Regime em Portugal.”³⁸²

Voltando ao Rio de Janeiro, que contava com a versão do *A Voz do Trabalhador* progenitor e mais influente, pregava um ideário de unidade nacional ao citar o sindicalismo como “organização das classes do Brasil”, sendo este “a melhor forma adaptável às nossas necessidades atuais, a exemplo do que observamos no movimento operário francês.”³⁸³ Ainda assim, essa unidade era estendida com uma tentativa de consciência de classe internacional já que as campanhas antimilitaristas eram feitas desde seu lançamento. O periódico também mencionava a importância de articulações com grupos políticos e sindicais de outras cidades como no caso das notícias, em 1909, dos primeiros passos para o acontecimento do Congresso Operário Sul Americano que, apesar de acontecer apenas na metade da década seguinte, serviu como ponte entre o grupo anarquista em torno do periódico *La Protesta* e a Federación Obrera Regional Argentina (FORA).³⁸⁴ Essas campanhas e projetos reverberavam de forma prática quando, por exemplo, o periódico noticiou uma manifestação pública no primeiro dia de dezembro que contava, para os redatores, com 5.000 manifestantes a partir do mote “Pela Paz dos Povos: Guerra à Guerra” que invocava o antimilitarismo e a defesa do sindicalismo revolucionário.³⁸⁵ Nesse último quesito, mesmo com a presença de reformistas como já mencionamos, boa parte das colunas e artigos

381 “Arma vencedora.” *A Voz do Trabalhador* (Porto Alegre), 11 de agosto de 1912. p.1.

382 “Carta de Portugal.” *A Voz do Trabalhador* (Porto Alegre), 11 de agosto de 1912. p.2.

383 “A Propósito de Sindicalismo.” *A Voz do Trabalhador* (Rio de Janeiro), 13 de janeiro de 1909. p.4.

384 Para entender o Congresso Operário Sul Americano ver OLIVEIRA, Tiago. *Op.cit.*,2009. p.223.

385 Ver “Pela Paz dos Povos: Guerra à Guerra.” *A Voz do Trabalhador* (Rio de Janeiro), 6 de dezembro de 1908. p.1.

sublinhava que, além das conquistas materiais, esse método seria uma forma de ruptura com a realidade presente naquele momento. Certa vez, citando as comemorações do 1º de maio de 1909, o militante Eurípedes Floreal defendia que tal data devia ser “de revolta e não de festa” ressaltando o dia simbólico de luta que o evento em questão deveria representar. Assim,

É preciso que todos os oprimidos se rebellem contra a organização atual, é necessário que demonstrem francamente o seu descontentamento por toda essa miséria que invade os lares daqueles que tudo produzem e nada gozam; que todos os proletários com palavras vibrantes ponham bem visível o seu ódio a todos esses cancros sociais. Que toda essa legião de seres humanos assalariados pelo capital, se unam para acabar com todas essas infâmias praticadas por essa classe escravocrata que se apóia na inconsciência das criaturas incultas, faltas de experiência própria, para poderem compreender os direitos que lhes assistem na terra.³⁸⁶

Também, na cidade de Santos, anarquistas conseguem se articular com as demandas grevistas radicais, já influentes desde a década de 1890 e, com socialistas e outras sindicalistas, criaram a Federação Operária Local de Santos (FOLS) que contava com sindicatos de pedreiros, pintores, carpinteiros, funileiros, carregadores de café e tecelões.³⁸⁷ No seu jornal, o *Aurora Social*, que tinha Juan Rufino como principal diretor na Rua General Câmara, nº 83, os anarquistas presentes, como o militante Alexandre La Scala, tentavam mostrar para os leitores e adeptos da FOLS a importância da luta visando a jornada de 8 horas de trabalho máxima, evidenciando que essa meta fazia parte de uma perspectiva nacional e local importante para os trabalhadores. Não obstante, essa luta também deveria tensionar qualquer pretensão patriótica, já que, para o redator, emperrava a própria luta na cidade como em qualquer lugar:

Quando os trabalhadores reconhecendo a exploração bárbara de que são vítimas, recorrem à greve aclamando melhores econômicas: Eis que surgem os dirigentes da pátria [...] Os dirigentes da pátria têm a sua ordem milhares de filhos do povo, constituídos em exército permanente, que lançam oportunamente contra seus irmãos trabalhadores, quando destes surja o

386 “Festa ou Protesto?” *A Voz do Trabalhador* (Rio de Janeiro), 1 de maio de 1909.

387 Ver SILVA, Fernando Teixeira da. *Op.cit.*, p.235-242.

mínimo sintoma de revolta em procura de seus interesses roubados. [...] Trabalhadores! Fora Pátrias! Elas não existem para vós.³⁸⁸

A proposta de união em base nos interesses econômicos da estratégia do sindicalismo revolucionário que convocava trabalhadores de diversos ofícios, bairros e origens nacionais e étnicas, como se vê, foi instrumentalizada por muitos anarquistas no país que a defendiam, tentando colocá-la como algo dentro de um projeto nacional, local e internacional, inclusive revelando-a como parte da trajetória do anarquismo e da história da classe trabalhadora, fato que legitimaria tal ideologia no país e para sua família política transnacional. É certo que sindicalistas e socialistas internacionalistas também defendiam que o internacionalismo operário deveria ser a base para os projetos sindicais, porém, a proposta de alguns grupos anarquistas no Brasil em complementarem a luta essencialmente econômica, inclusive antes da implementação oficial do sindicalismo revolucionário em algumas cidades, com suas campanhas e iniciativas educativas em relação às ligações internacionais dessa estratégia, deixavam tal método de luta como intimamente ligado ao internacionalismo operário - muitas vezes de teor libertário - de uma maneira irreversível, tendência que era seguida pelos adeptos da ação direta nos sindicatos nos próximos anos.

Contudo, a partir de certos danos sindicais causados no início da segunda década do século XX, os anarquistas apostaram em outros métodos, como forma de se manterem ativos no movimento operário, além de legitimados entre as variados grupos sociais e políticos no país, adaptando novamente suas propostas, como o sindicalismo revolucionário, aos novos condicionamentos. O anticlericalismo, como veremos, aparecia como um bom difusor e catalisador para os libertários.

II-III. Assustando padres, juntando o resto: o anticlericalismo como elemento catalisador e difusor

De resto, a história nos demonstra que os padres de todas as religiões menos aqueles das Igrejas perseguidas, foram os aliados da tirania. E mesmo estes últimos, ainda que combatendo e amaldiçoando os poderes que os oprimam, não disciplinavam, ao mesmo tempo, seus próprios fiéis e, em consequência, não prepararam sempre os elementos de uma nova tirania? A escravidão

388 “As Pátrias.” *Aurora Social* (Santos), 1 de junho de 1910. p.3.

intelectual de qualquer natureza que seja terá sempre por consequência natural a escravidão política e social. (Mikhail Bakunin)³⁸⁹

É na exploração dos crentes, é na opressão das classes, é na especulação, é no ataque às liberdades públicas e é no obscurantismo que ela encontra os mais sólidos alicerces de seu poder: os seus representantes fazem da Igreja um negócio e do altar um balcão. (*A Lanterna*)³⁹⁰

Desde o século XVIII na Europa o movimento secularizador que colocava o Estado e a vindoura República em oposição à influência da Igreja Católica ganhava espaço e influenciava os movimentos reivindicativos, seja de caráter popular ou mesmo dentro da intelectualidade.³⁹¹ Adaptado por diversas correntes políticas, desde o liberalismo, o republicanismo, o socialismo e influente na constituição dos Estados-nacionais, a repulsa ao clero papal não se restringiu aos ateus ou agnósticos, circulando também entre grupos maçons e judeus, que viam o anticlericalismo como meio de enfrentar seus concorrentes históricos. O movimento e os pensamentos anticlericais

criticavam o clero católico, a legitimidade do sacerdócio e as riquezas da Igreja. Temiam que a instituição eclesiástica ascendesse ao poder, recobrando o espírito público, restabelecendo o reino da intolerância e da inquisição. Identificava o padre como representante de um sistema caduco, ultrapassado e desprezível, para os livre-pensadores, os ministros católicos deveriam permanecer na sacristia.³⁹²

Influenciado pelo dito racionalismo (movimento de tradição iluminista que pensa a racionalização dos processos) e seguindo a tradição socialista, o anarquismo tinha como um dos seus pilares o anticlericalismo. Mikhail Bakunin, um ateu, assim como o socialista Karl Marx, não desconsiderava a liberdade em crenças pessoais, mas defendia categoricamente “a abolição radical de toda a religião oficial e de toda Igreja privilegiada, ou apenas protegida, remunerada e sustentada pelo

389 BAKUNIN, Mikhail. *Federalismo, Socialismo, antiteologismo*. União Popular Anarquista, 2012. p.31.

390 “A Lanterna em Jacarehy”. *A Lanterna* (São Paulo). São Paulo, 6 de agosto de 1910. p.03.

391 Ver POLETO, Caroline. *A imaginação subversiva ao redor do mundo: imagens, poesias e contos de protesto na imprensa anarquista e anticlerical (Espanha, Argentina e Brasil – 1897-1936)*. Tese (Doutorado em História). Universidade do Vale do Rio do Sinos, São Leopoldo – Rio Grande do Sul, 2017. 78-87.

392 PINHEIRO, Áurea de Paz. *O desmoronar das utopias – Abdias Neves (1876-1928): anticlericalismo e política no Piauí nas três primeiras décadas do século XX*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas – São Paulo, 2003. p.47.

Estado”³⁹³, posição que marcava diferenças entre anarquistas e outros posicionamentos que almejavam acabar simplesmente com o ideal de crença. Não obstante, enxergando a influência religiosa entre os trabalhadores e grupos explorados, muitos militantes anarquistas também acreditavam que o próprio misticismo emperrava a luta política, pois eram cegados por discursos que conservavam o *status quo* da sociedade e a dominação de classes, assim como reverberava a noção de que autoridades existiriam. Esses discursos anarquistas se uniam aos pensamentos racionalistas do cientificismo do período que almejava dar descrédito à concepção de divindades defendendo que “todas as religiões com seus deuses que não representam jamais senão a criação da fantasia crente e crédula do homem não ainda há altura da reflexão pura e do pensamento livre apoiado sob a ciência.”³⁹⁴ É certo que diferente de algumas propostas anticlericais que colocavam a influência religiosa como obstáculo à construção e à soberania republicana, ou de grupos que evidenciavam a perseguição do catolicismo a outras correntes religiosas, os anarquistas tentavam pontuar que suas críticas contra o clero e suas crenças eram dirigidas visando a redenção dos trabalhadores e grupos subalternos e que, na verdade, a ideia de soberania difundida pela Igreja estava em consonância com os interesses da burguesia e do Estado.³⁹⁵

Mesmo assim, livros, opúsculos e periódicos anticlericais anarquistas circulavam entre os livre-pensadores, radicalistas, agitadores e militantes de diversas vertentes, bem como os escritos desses sobre tal questão eram lidos por libertários. O historiador Carlo Romani mostra que nas praças, nos bares e cafés das regiões menos abastadas da Itália, eram disseminados pensamentos radicais, entre eles o republicanismo de matriz popular, o anarquismo e o socialismo, tanto na forma escrita quanto dentro da cultura oral, esse último no qual um letrado lia ou mesmo pregava ideias de sua posição ideológica.³⁹⁶ Esse fato explica, em parte, o motivo de ativistas e militantes que primeiro se aproximaram do republicanismo ou de textos de livre-pensadores e depois aderiam ao anarquismo, como vimos, por exemplo, na trajetória de Neno Vasco e Oreste Ristori.

393 BAKUNIN, Mikhail. *Catecismo Revolucionário: Programa da Sociedade da Revolução Internacional*. São Paulo: Editora Imaginário/ Faísca, 2009. p.21.

394 BAKUNIN, Mikhail. *Op.cit.*, 2012. p.30.

395 Ver SANTOS, Kauan Willian dos. Anticlericalismo e militância sindical: o periódico anarquista A Lanterna e sua ação entre os trabalhadores em São Paulo (1901-1914). *Revista Eletrônica Discente História.com*, vol.1, n.2, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira – Bahia, 2013.

396 ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, p.30-40.

No caso brasileiro, Áurea da Paz Pinheiro afirma que o anticlericalismo já tinha influência visível nos ideais republicanos desde as primeiras manifestações e embates com o Império e também estava presente no abolicionismo, tradição que era reformulada também com a alvorada do positivismo e o socialismo. Isso fez com que entre o fim do século XIX e o início do século XX, na região do nordeste, por exemplo, as disputas entre anticlericalistas e o clero fossem condensadas por elites capitaneadas por “bacharéis, políticos e literatos formados”. Na realidade,

as relações entre Igreja Católica, através da elite ultramontana, e intelectuais livre-pensadores, através da maçonaria, na província do Grão-Pará, foram tensas e os embates evidenciaram aspectos político-partidários. Os dois grupos tinham propostas para a construção de uma sociedade a partir dos ideais de progresso, civilização e modernidade. Tanto clericais como anticlericais utilizaram a imprensa periódica para apresentar seus projetos de sociedade [...].³⁹⁷

Tal embate também chegou aos grupos menos abastados quando, por exemplo, militantes da social-democracia, vertente política mais influente no movimento operário no início do século XX no nordeste brasileiro, usava o anticlericalismo, também na imprensa, como uma de suas bases contra o poder oligárquico e das elites dirigentes.³⁹⁸ Francisco Pereira Braga defende que, em Fortaleza, não demorou para que anarquistas ou mesmo recém adeptos dos pensamentos libertários seguissem esse rastro.

Principalmente na Praça do Passeio Público

misturava-se o livre pensamento, o anticlericalismo, o socialismo libertário, entre outras correntes mais ou menos definidas de pensamento que chegavam às páginas de livros e jornais, viajando de navio em meio a outras mercadorias ou junto com os que transitavam pela cidade (estrangeiros e brasileiros), após ter atravessado o atlântico, ou vindos de outras cidades do país, principalmente de Recife, Rio de Janeiro e Belém.³⁹⁹

397 PINHEIRO, Áurea de Paz. *Op.cit.*, p.48.

398 PEREIRA, Adelaide Golçalves. *A Imprensa dos trabalhadores no Ceará, de 1892 aos anos 1920*. Tese (doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – Santa Catarina, 2001. p.40-84.

399 BRAGA, Francisco Victor Pereira. *Pedro Augusto Motta: Militância libertária e Verbo de Fogo*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – Ceará, 2013. p.56.

Marcado pela concentração de latifúndios e pelas atividades ligadas à pecuária, o Ceará, depois de várias tentativas de industrialização desde o Império, encontrou seu primeiro sucesso com a produção algodoeira no plano local. Em 1900, com uma população de quase 850.000 pessoas, sendo apenas 4.683 imigrantes e contando com muitos ex-escravizados e descendentes indígenas⁴⁰⁰, o estado conheceu seu primeiro passo industrial que, mesmo incipiente, fez surgir “as tipografias e com elas os jornais das facções partidárias [que] começavam a ser impressos no Ceará provincial.”⁴⁰¹

Nesse contexto, os pensamentos e práticas anarquistas também avançavam e começaram a fazer parte do ideário e das discussões do movimento operário. A junção de projetos políticos tidos como radicais aliados ao anticlericalismo resultou, em 1908, no surgimento do periódico *O Demolidor*, lançado pela Liga Contra os Frades na cidade de Fortaleza com apenas cinco números, mas que foi importante por aglutinar uma relação entre republicanos, socialistas e anarquistas, influentes posteriormente na atuação de outros jornais operários, como Joaquim Pimenta, Adonias Lima e Pedro Motta.⁴⁰² Nesse sentido, tal periódico, antes da conformação do sindicalismo revolucionário no estado serviu por espalhar o anarquismo já que “em suas publicações, [existia] uma variada gama de ideias radicais de combate à ordem social vigente” que eram difundidas “no ambiente sociopolítico de Fortaleza e pelo Brasil afora.”⁴⁰³

É fácil pressupor que nas regiões onde o anarquismo ainda estava em gênese e pouco arraigado no movimento operário, esse tipo de crítica e o contato com livres-pensadores e anticlericais em geral fosse uma espécie de tática para alastrar suas propostas. De fato, tal prática foi recorrente, mas mesmo após seu estabelecimento, esse tipo de crítica continuava a ser veiculada nos próprios periódicos declaradamente anarquistas, mostrando que tal crítica fazia parte de seu constructo ideológico. O difuso periódico *La Battaglia*, por exemplo, sempre destinava críticas ao catolicismo no Brasil, principalmente no estado de São Paulo, defendendo que “a paralisia da faculdade intelectual, a estupidez, se reproduzem em razão direta da intensidade da fé, e regem a forma mais repugnante do fanatismo, do lírio, e da loucura sombria dominada

400 Ver “Estatísticas do século XX. População do Brasil por sexo, estado civil e nacionalidade.” IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística” Disponível em: <http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/populacao.html>. Acesso: 03/2018.

401 PEREIRA, Adelaide Golçalves. Op.cit., p.55.

402 Ver PEREIRA, Adelaide Golçalves. Demolindo a sociedade burguesa: intelectuais e imprensa libertária no Ceará. *Trajeto: Revista de História da UFC*, vol.2, n.4, 2003.

403 BRAGA, Francisco Victor Pereira. Op.cit., p.69.

fortemente pelo clero”⁴⁰⁴ Do mesmo modo, *O Amigo do Povo*, citava que “o cristianismo justifica uma existência sem honra, inútil e deplorável, do homem sobre a terra, por meio do maravilhoso amor de Deus.”⁴⁰⁵

Ainda assim, é interessante notar que esse tipo de propaganda tinha tanto respaldo que anarquistas passavam de colunas em seus periódicos para ações somente anticlericais, onde não só faziam colaborações, mas eram seus principais redatores, como no caso do jornal *O Lúçifer* de Porto Alegre. O periódico em questão foi lançado no ano de 1907 e um dos seus principais escritores era Henrique Gomes Ferreira, conhecido como Gomes Ferro, médico e teórico anarquista que também escrevia para o periódico *A Luta* e lecionava na escola libertária Eliseu Reclus.⁴⁰⁶ *O Lúçifer* existiu até 1911, era distribuído ou vendido de forma variada, tencionava ser mensal e continha oito páginas com muitos desenhos e ilustrações, uma tática de propaganda diferente de outros periódicos operários, visando chamar a atenção visualmente de seus leitores.⁴⁰⁷ Para Caroline Poletto, *O Lúçifer* não pode ser considerado um jornal anarquista porque além da presença de militantes libertários, seus diretores eram Francisco Carmelo Longo e Antonio Ghriotti, “dois livres pensadores, ao que tudo indica, sem relação direta com o anarquismo.”⁴⁰⁸ A autora também afirma que o periódico em questão apoiava outros grupos e jornais anticlericais, inclusive da grande imprensa, fato que atesta um desvinculo explícito desse órgão com a ideologia anarquista. Não obstante, a mesma também afirma a forte presença de textos declaradamente anarquistas como a coluna “sob o nome de Estado em que Kropotkin realiza uma forte crítica à essa instituição”⁴⁰⁹, ou mesmo o apoio sistemático ao periódico *A Luta*.

Diante disso, a questão que colocamos não é discutir se tais órgãos anticlericais com a presença de militantes libertários eram anarquistas ou não, mas responder por qual motivo tais agentes se empenhavam em relações com periódicos e personagens de diferentes propostas ideológicas e políticas num período em que o anarquismo já tinha adentrado em certas regiões do país e que tais militantes já contavam com órgãos

404 “I delitti della religione”. *La Battaglia* (São Paulo), n.177, 1908. p.03. Citado por CONTO, Rodolfo Augusto. “Cominhos Libertários e Partilhas Culturais: O jornal *La Battaglia* e a formação da intelectualidade anarquista. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba – Paraná, 2007. p.63.

405 “O Cristianismo.” *O Amigo do Povo* (São Paulo), 27 de dezembro de 1903. p.1.

406 Uma versão em língua portuguesa de Eliseu Reclus.

407 Para acompanhar a trajetória e composição do periódico *O Lúçifer* ver POLETTTO, Caroline. *Op.cit.*, p.101-111. p.2011.

408 *Idem*. p.103.

409 *Ibidem*.

próprios, seja periódicos ou associações sindicais. Além de ser um pilar da construção ideológica importante para os militantes anarquistas e de ser uma maneira de se justificarem intelectualmente bem como adentrarem a intelectualidade do país, as articulações entre libertários e anticlericais ou antiteologistas podem esconder outra tática e forma de atuação.

Com certeza, a melhor maneira de desvendar tal articulação é seguir os passos do periódico *A Lanterna*, o órgão anticlerical de maior longevidade e tiragem do período. O jornal teve seu início em março de 1901 na Rua da Quitanda, n.º 2, lançado pelo Órgão Anticlerical de São Paulo, primeiramente de forma gratuita, passando a aceitar donativos e, mais tarde, subscrições com preços que variaram. Na sua primeira fase, que durou até 1904, *A Lanterna*, com quatro páginas cheias de figuras e representações, muitas vezes com anexos, ambos escritos majoritariamente em português e com colunas em italiano e espanhol, apoiava desde obras teóricas anticlericais sobre as supostas incoerências da Igreja Católica, mas também obras racionalistas e ateístas que abalavam a concepção de fé. É possível crer, portanto, que havia grupos ligados ao jornal de outras religiões que se juntavam para fazerem frente à Igreja, mas também racionalistas e livre-pensadores que discutiam o fundamento da própria concepção de divindade. De toda maneira, percebemos que, nesse período, a proximidade com a ideia de progresso parecia ser um elemento dominante do jornal:

Somos soldados do progresso e da civilização, e não consentiremos que o Vaticano realize os seus planos abomináveis de imperar sobre as consciências e sobre a superfície da terra, com o Papa. Rei! Somos homens que não desertam nem desertarão do campo onde se ferem as gloriosas batalhas que hão de assegurar para sempre a liberdade de pensamento, a fraternidade humana⁴¹⁰

Provavelmente, esse foi um dos motivos do periódico em questão ser tão bem recebido e difundido na cidade e até em outros estados, uma vez que contava com uma tiragem de 10.000 exemplares nos seus primeiros anos e vai possuir uma rede de contato extensa, como em Minas Gerais, Santa Catarina, Pernambuco e no Paraná.⁴¹¹

410 “A Lanterna.” *A Lanterna* (São Paulo), 7 de março de 1901. p.1.

411 Ver ANDRADE, Carlos Eduardo Frankiw. *Blásfemos e sonhadores: Ideologia, utopia e sociabilidades nas campanhas anarquistas em A Lanterna (1909-1916)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo – São Paulo, 2009. p.133-200.

Além das denúncias reais e práticas contra supostos abusos de padres e membros da Igreja Católica, principalmente contra crianças e mulheres, o periódico também se tornou uma entidade visada pelas autoridades, mas também apoiada por outros periódicos da grande imprensa. Se opondo ao papado, o jornal reunia, como afirmam também estudiosos de *A Lanterna*, grupos que almejavam minar ou atacar o catolicismo, como maçons, e judeuscatolicismo e, ao defender “liberdade de pensamento” e “o progresso”, podia reunir vertentes políticas que compartilhavam tais noções, como republicanos, socialistas e anarquistas.⁴¹²

Não há trechos que confirmem esta afirmação na primeira fase do jornal, mas, em sua segunda fase, entre 1907 e 1909, *A Lanterna* reapareceu inserindo colunas de caráter operário e sindical como a sessão “Vida Operária”:

E afirmando os seus direitos, como membros uteis e produtivos da sociedade, a uma existência mais equitativa, dirigem um caloroso apelo a toda a classe operaria para que se organize com o fim de defender os seus direitos e conquistar a sociedade onde todos trabalhem para que seja garantida a todos e a cada um dos membros da coletividade humana o necessário á sua existência.⁴¹³

Uma clara posição sindical, mesmo que atestasse a presença de militantes que utilizavam desse meio, destoava muito da primeira fase do jornal, mas este fato pode ser explicado também com a trajetória de seu principal redator e diretor, o advogado Benjamim Mota. Pelo que tudo indica, tal militante, com o nome de batismo de Benjamim Silveira da Motta, nasceu em 1870 em Rio Claro, estado de São Paulo, filho de Alfredo Silveira da Motta, um advogado de vida pública que atuou também como vereador e deputado. Sua biografia, feita pela autora Rose Brito, relata que não há indícios do local de formação de Benjamim Mota para atuar como advogado, mas o que interessa é que sua vida política foi iniciada aos 20 anos, quando já escrevia para o periódico *O Paiz*, do Rio de Janeiro, em 1890. Desde então escreveu para *O Brasil*, *A Nação*, *Diário Popular*, *O Comércio de São Paulo* e outros jornais destinados a assuntos políticos do país e de problemas das cidades em que atuavam. Nesse período, Benjamin Mota era um precursor e adepto do republicanismo, mas logo em 1898

412 Ver SANTOS, Kauan Willian dos. *Op.cit.*, 2013.

413 *A Lanterna* (São Paulo), 22 de agosto de 1914. p.2.

defende os ideais socialistas e o movimento operário no periódico *O Rebate*.⁴¹⁴ Seu contato com os problemas dos trabalhadores, o fez crer e escrever que “a Republica está morta porque apoia-se na burguesia e apoia-se no Capital, em vez de destruir este e apoiar-se no povo soberano”⁴¹⁵ e, por isso, começa a divulgar e ler obras socialistas que iam de Karl Marx até dos anarquistas como Mikhail Bakunin. Ao longo do início do século XX, Benjamim Mota, que se declarava livre-pensador, estreitou laços com os militantes anarquistas da cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro como Neno Vasco e participou intimamente dos periódicos *O Amigo do Povo* e *A Terra Livre*, adeptos da estratégia do sindicalismo revolucionário, além de defender judicialmente outros militantes quando detidos pela polícia.

Essa gradativa passagem pode explicar, em parte, a segunda fase de *A Lanterna* que intercalava denúncias e teorias anticlericais e ateístas com uma posição sindical. A trajetória do militante também pode revelar o motivo desse intervalo já que o mesmo poderia estar preocupado com a ascensão do sindicalismo de teor libertário no país e de articulações para implementá-lo entre os trabalhadores.

De todo modo, o periódico *A Lanterna*, quando retornou, desejava aumentar os efeitos da Confederação Operária Brasileira (COB) que estava enfraquecida na segunda década do século XX⁴¹⁶:

Há, pois, que reanimar, que revivificar a nossa obra. É agora, mais que nunca, se torna necessário intensificar e estender a ação da C.O.B, a C.O.B, sois vós são os vossos sindicatos, as vossas associações. Em vós, todos, portanto, está a potencia capaz de lhe dar o vigor indispensável. E assim que vos dirigimos esta circular, apelando para vossa boa vontade, para o vosso dever sindical, no sentido duma colaboração metódica e energética na vida da C.O.B. Trabalhai dentro da vossa associação, agitai a vossa classe, animai o movimento nessa localidade, e deste modo é que contribuirei eficazmente para o bom andamento dos trabalhos da C.O.B.⁴¹⁷

414 Para acompanhar a trajetória de Benjamim Mota ver BRITO, Rose Dayanne. *No rastro de Benjamim Mota: a defesa das leis sociais e direitos políticos na Primeira República (SP, 1901-1904)*. Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – Santa Catarina, 2016.

415 *O Rebate* (Rio de Janeiro), 1 de janeiro de 1898, p.1. Citado em Idem. p.96.

416 Ver TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004. pp. 88-91.

417 “Mundo operário”. *A Lanterna (São Paulo)*. 27 de fevereiro de 1915. p.3.

O mais interessante é notar que tal coluna foi assinada pelos sindicatos operários como a União de Chapelheiros, pelo Centro Socialista Internacional, pelo jornal *Avanti!*, pelo Centro libertário de São Paulo, pelo *Grupo Libertário da Lapa* e apoiado pelo periódico anarquista *La propaganda Libertária*. Tal fato é uma grande evidência de que o jornal *A Lanterna*, a partir dessa nova fase, não se resumia à crítica religiosa, mas já apresentava uma militância operária cada vez mais evidente e com associações de orientações políticas diversas e experientes entre os trabalhadores.

Outra trajetória que se cruza para a efetivação disso foi a participação, como diretor e principal redator da segunda fase de *A Lanterna*, do militante Edgard Leuenroth. O personagem nasceu em 1881 na cidade de Mogi Mirim, interior de São Paulo, filho de um farmacêutico e imigrante austríaca. Aos cinco anos de idade, após o falecimento de seu pai, mudou-se com sua mãe e irmãos para a capital paulistana. Passando por dificuldades financeiras, abandonou os estudos para trabalhar na cidade, onde obteve contato com as atividades ligadas à tipografia. Com quinze anos, iniciou sua trajetória como jornalista para o periódico *O Comércio de São Paulo* no qual noticiava e observava os problemas sociais e políticos das regiões paulistas. Um ano depois, fundou seu primeiro jornal chamado *O Boi*, anticlerical e que apoiava o livre pensamento. Mais tarde, em substituição deste, fundou *A Folha do Brás*, ampliando suas críticas aos problemas envolvendo os trabalhadores no bairro onde residia. Foi também fundador de diversas entidades vinculadas à imprensa como o Centro Typographico de São Paulo, a União dos Trabalhadores Gráficos, a Associação Paulista de Imprensa e a Federação Nacional da Imprensa. Através dessa inserção nos ambientes operários e também sua experiência como jornalista, assim, o personagem obteve contato com as ideologias de contestação, no qual estreitou relações com os militantes anarquistas com quem publicava vários periódicos como *O Alfa*, *A Terra Livre*, *A Lucta Proletária*, *A Guerra Social*, *O Povo*, *A Capital*, e outros. A trajetória de Leuenroth sob a própria prática do movimento operário resultou no contato com personagens assíduos como Neno Vasco, adepto da estratégia de organização anarquista.⁴¹⁸ Com efeito, portanto, Leuenroth tinha certo conhecimento empírico dos problemas dos trabalhadores em suas pautas de reivindicações, dos problemas sociais da cidade, juntando-as agora

418 Para adentrar a biografia de Edgard Leuenroth ver NOBRE, Freitas. Leuenroth - personagem que escreve. In: *A organização dos jornalistas brasileiros - 1908-1951*. São Paulo: Com Arte, 1987. p.110-120 e KHOURY, Yara Aun. Edgard Leuenroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *A formação das tradições (1889- 1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p.113-130.

das propostas anarquistas naquele momento. Diante disso, Leuenroth foi um dos principais articuladores da Federação Operária de São Paulo (FOSP) e posteriormente, da Confederação Operária Brasileira (COB).

As propostas e intenções do militante e de outras anarquistas estavam em ascensão até a segunda década do século XX quando, entre os anos de 1911 até 1913 algumas greves no setor de construções eclodiram, acompanhadas de iniciativas reivindicativas também em outras regiões, como em Ribeirão Pires em abril e maio de 1913. Em 1912, em São Paulo, uma paralisação parcial no setor de calçados conseguiu ser ampliada para uma grande mobilização de dez mil trabalhadores onde os militantes tentavam adentrar sob a forma de notícias ou continuando seus esforços de coordenação.⁴¹⁹ Para alguns autores, esse comportamento mudou bastante nos quatro anos posteriores, antes das intensas agitações de 1917. Sheldon Maram defende que o movimento operário sofreu um declínio evidente, resultado da repressão contínua da polícia às manifestações e organizações somado ao constante desemprego que varria os centros industriais, causando instabilidade na vida da população e, por consequência, a dificuldade de sindicalização pelas constantes demissões e mobilidade dos trabalhadores.⁴²⁰ A mencionada repressão, por sua vez, teve dois amparos legais em 1907 criadas pelos governantes ao visualizarem o potencial perigo das agitações para o projeto republicano, sancionadas pelo então presidente Rodrigues Alvez:

o primeiro obrigava os sindicatos a depositarem seus estatutos em cartórios, acompanhados da lista de nomes dos membros da diretoria. Por ele, ficava proibida a participação sindical de estrangeiros que não tivessem, pelo menos, cinco anos de residência no país. O segundo, também conhecido como Lei Adolfo Gordo, regularizava a expulsão dos estrangeiros residentes no Brasil que, por qualquer motivo, comprometessem a segurança nacional ou a tranquilidade pública.⁴²¹

A partir de 1912, depois da eleição do militar Hermes da Fonseca dois anos antes e de outras articulações políticas de grupos conservadores, as leis para a permanência de estrangeiros no país também ficaram mais rígidas, assim como o

419 BIONDI, Luigi. *Op.cit.*, 2011, p. 284-285.

420 MARAM, Sheldon. *Op.cit.*

421 LEAL, Claudia. *Op.cit.*, 1999. p.52-53.

aumento de tentativas de expulsão.⁴²² É difícil saber com precisão os efeitos dessas medidas e leis, já que a primeira, por exemplo, teve poucos efeitos sobre a militância mais assídua, uma vez que a maioria desses anarquistas mais atuantes já estavam no país desde o começo do século. Não obstante, é necessário salientar que em vários momentos atitudes arbitrárias das autoridades policiais eram colocadas em prática empastelando jornais ou entidades sindicais, principalmente quando paralisações e manifestações eram planejadas ou realizadas.⁴²³ Tais medidas se somaram posteriormente a uma grande crise econômica, decorrente dos efeitos das guerras balcânicas seguidas da Primeira Guerra Mundial, no período de 1913-1916, inflacionando os preços de produtos de necessidade básica que afetou diversas partes do mundo causando severos danos também no mercado de trabalho paulista e, conseqüentemente, na sindicalização e organização dos trabalhadores.⁴²⁴

É nesse momento que as atuações de Benjamim Mota e Edgard Leuenroth na segunda fase de *A Lanterna* se consolidaram. Com o movimento operário danificado, bem como o sindicalismo, a opção era reativar um periódico de grande extensão e com um grupo de variadas pessoas para alavancar novamente a estratégia do sindicalismo revolucionário, fazendo os interesses do anarquismo permanecerem em voga. Continuando as críticas anticlericais anteriores, o jornal inseriu e ampliou as notícias de pautas operárias transformando a ação direta e a orientação grevista como principal orientação dessa nova fase. De um lado, mantendo algumas posturas, afirmavam que lutavam “contra todos os padres, para mostrar as contradições da sua vida com a sua doutrina”⁴²⁵, não distanciando, assim, os anticlericais em geral da leitura. De outro, aproveitando que *A Lanterna* tinha bom alcance, ampliava sua propaganda sindical e, por vezes, anarquista. Para tal, no jornal *A Lanterna*, Leuenroth e Benjamim Mota criaram a coluna “Vida Operária” em 1911, transformada mais tarde em “Mundo Operário” que era destinada a discutir e noticiar os problemas envolvendo trabalhadores bem como suas pautas em greves e reivindicações.

De 1911 até 1913, mesmo com altos índices da expansão da economia brasileira, jornais de várias tendências e posições sociais denunciavam os graves

422 OLIVEIRA, Tiago. *Op.cit.*, 224.

423 Como defende Leal, Claudia. *Op.cit.*, 2006.

424 SANTOS, Kauan Willian dos. *Op.cit.*, 2016.

425 “O Nosso Anticlericalismo.” *A Lanterna* (São Paulo). 8 de março de 1913. p.1.

problemas de moradia e trabalho,⁴²⁶ no qual *A Lanterna* tinha considerações contundentes. Outra importante ação destinada à causa operária, nessa fase, garantindo também redes com movimentos de outros países, era a coluna “De porta da Europa” assinada por Neno Vasco por correspondência de Portugal. As notícias do movimento operário na Europa chegavam, por meio deste, através de uma perspectiva revolucionária:

Os grevistas falam francamente em *guerra de trabalho*; e com igual franqueza os diretores da indústria declaram não ceder por uma questão de princípio. Estamos chegados – proclama um deles – a um momento, na história da humanidade como na das nações, em que não é possível continuar no sistema das concessões, mas sim entregarmo-nos à sorte das grandes batalhas.⁴²⁷

O jornal conseguia, portanto, mostrar aos seus leitores que era imprescindível se organizar nos locais de moradia ou no trabalho e, que tal prática, também era uma tendência e seguia um rumo internacional. Assim, a visão particular dos anarquistas, ao se associarem e estarem na dianteira do periódico *A Lanterna* e possivelmente de seus derivados em outras cidades, não estava apenas em garantir sua crítica aos fundamentos religiosos, uma vez que tinham seus próprios jornais para isso. Observando a prática dos espaços urbanos e operários, muitos anarquistas, no início da segunda década do século XX, estavam repensando estratégias e ocupando lugares em potencial para garantir seu ativismo entre diversos grupos. Nada melhor do que um jornal que seria lido por uma ampla rede, estes que estavam familiarizados com tons de crítica e denúncia. No mesmo movimento, não é em vão que *O Lúçifer* publicava que o “obscurantismo, capitalismo e o militarismo são três castas realmente distintas, mas formam um bloco só e tem um único escopo”⁴²⁸, afirmação que o colocava paulatinamente também dentro de um espectro internacionalista e anticapitalista.

Para garantir uma extensão do anarquismo e uma propaganda ativa entre um público diverso e propenso às reivindicações, evidentemente, a questão anticlerical deveria ser mantida, mas deveria ser gradativamente radicalizada, tática pode ser

426 FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e Conflito social: 1890- 1920*. São Paulo: Difel, 1977. p.150.

427 VASCO, Neno. “Da porta de Europa”. *A Lanterna*. 16 de setembro de 1911. p.1.

428 *O Lúçifer* (Porto Alegre), 12 de outubro de 1907. p.1. Citado em POLETTI, Caroline. *Op.cit.*, 2011. p.187.

visualizada no famoso caso Idalina. Em 1910, *A Lanterna* publicava a notícia do desaparecimento de uma criança de dez anos chamada de Idalina de Oliveira, que se encontrava internada no Orfanato Cristóvão Colombo, de caráter católico, orientado por padres e freiras em São Paulo. De acordo também com o periódico *La Battaglia*, principalmente pelo redator e militante Oreste Ristori, e com o mote “Onde está Idalina?”⁴²⁹, os anarquistas, baseados em relatos de testemunhas da cidade com experiências similares, acusavam os padres de terem abusado sexualmente da criança, além de matarem e ocultarem o cadáver da mesma.⁴³⁰

Esse episódio e a intensa campanha de tais periódicos pareciam sensibilizar a população já que era apoiado por outros órgãos da grande imprensa, ao mesmo tempo em que mostraria a importância do anticlericalismo nos projetos políticos dos trabalhadores. Na retrospectiva histórica do periódico, a burguesia e o Estado haviam se aliado à Igreja, construindo uma rede de dominação aos grupos menos favorecidos:

[...] A Igreja ia ganhando e retribuindo o apoio dos ricos e dos imperadores, ia conquistando ela própria o poder político e econômico. E os senhores e reis que a sustentavam afrontavam alegremente aquela decantada dificuldade de entrar no céu, superior a que teria um camelo (ou um calabre?) de passar pelo fundo de uma agulha.⁴³¹

Nessa perspectiva, portanto, para Benjamim Mota, Edgard Leuenroth e Neno Vasco, esse anticlericalismo deveria estar acompanhado de um projeto radical para confrontar essa tríade, como o anarquismo, praticado pelo sindicalismo na COB. Essa tática foi reforçada durante, pelo menos, três anos depois já que, na visão dos redatores, para os trabalhadores, o mais importante era

[...] Os vossos sindicatos, as vossas associações. Em vós todos, portanto, está a potência capaz de lhe dar o vigor indispensável. É assim que vos dirigimos esta circular, apelando para a vossa boa vontade para o vosso dever sindical, no sentido duma colaboração metódica e enérgica na vida da COB.⁴³²

429 “Onde está Idalina?” *A Lanterna* (São Paulo), 26 de fevereiro de 1910. p.2.

430 Ver ANDRADE, Carlos Eduardo Frankiw. *Op.cit.*, p.69-84.

431 VASCO, Neno. “A Igreja e o Socialismo.” *A Lanterna* (São Paulo), 25 de outubro de 1913.

432 “Mundo operário”. *A Lanterna* (São Paulo). 27 de fevereiro de 1915. p.3.

Do mesmo modo, para os anarquistas no interior do jornal *O Lúçifer*, a proximidade entre o clericalismo e outras formas de dominação era evidente uma vez que

o obscurantismo é o pai (de todos os males sociais) anulando a consciência do proletariado e paralisando a sua independência e iniciativa. O militarismo é o filho, e valendo-se da inconsciência e do medo do povo anula o direito...Escrevendo com a ponta das baionetas as leis do privilégio burguês. O capitalismo ladrão – é o espírito que anima a trindade burguês: saqueia o povo, dividindo o esbulho com os outros dois.⁴³³

Uma propaganda que o unia o anticlericalismo com o anticapitalismo, bem como o confronto com o Estado nacional, com certeza abria brechas para que seus leitores apoiassem o sindicalismo revolucionário, atuante na região onde atuavam. Índícios como esses nos fazem crer que alguns anarquistas, senão muitos, principalmente de orientação sindical, usavam, portanto, o anticlericalismo não apenas para a disseminação e justificativa entre as a intelectualidade e outras correntes políticas do período, mas dessa vez também para conservar e até levantar novamente suas estratégias que estavam sendo minadas, mas que já tinham uma extensão considerável no país, uma maneira também de conservar a relação entre o anarquismo e o almejado classismo nacional difundido pelo sindicalismo revolucionário. Não obstante, nesse período também, o fator de difusão, reprodução e propaganda de livros, folhetos, opúsculos e periódicos, além das atividades educacionais, instrutivas e culturais dos libertários, foi novamente importante para conservar e legitimar aspectos ideológicos do anarquismo e alastrar sua estratégia sindical em diversos pontos do Brasil.

II-IV. A educação para a liberdade: livros, bibliotecas, o ensino racionalista e a inserção cultural na legitimação do anarquismo e da difusão da estratégia sindicalista

Aquele que sabe mais dominará naturalmente aquele que sabe menos; e se existir entre duas classes apenas esta diferença de educação e de instrução, esta diferença produzirá em pouco tempo todas as outras, o mundo humano

433 *O Lúçifer* (Porto Alegre), 12 de outubro de 1907. p.1. Citado em POLETTI, Caroline. *Op.cit.*, 2011. p.187.

voltará ao seu estado atual, isto é, será dividido de novo numa massa de escravos e num pequeno número de dominadores, os primeiros trabalhando, como hoje, para os segundos. (Mikhail Bakunin)⁴³⁴

Em 1902 o periódico *O Amigo do Povo* noticiou a criação do Círculo Educativo Libertário – os Amigos do Povo localizado na Rua Brás Cubas, n.º 96, na cidade de Santos. O órgão propunha divulgar livros, periódicos e opúsculos anarquistas e socialistas, além de realizar palestras e conferências sobre temas envolvendo os trabalhadores.⁴³⁵ A cidade de sua localização havia presenciado uma mudança e expansão significativa nas últimas décadas do século XIX, o que fazia essa propaganda entre os militantes parecer frutífera. A exportação de café – base da economia - e de outros produtos agrícolas tinha os portos da região como um dos seus itinerários de saída, bem como a entrada de outras mercadorias. Esse fator, juntamente com a expansão das ferrovias e seu contato com diversas cidades, principalmente São Paulo, transformaram a região numa grande área de comércio e transação monetária. Os trabalhadores nacionais procuravam esta cidade com esperança de oportunidades melhores ao perceberem tal desenvolvimento, um dos motivos que fazia também os imigrantes se estabelecerem na região quando chegavam da Europa, muitos deles inclusive que desembarcavam nesses portos.⁴³⁶ Nesse sentido, o cais da cidade juntamente com os espaços urbanos de moradia e de trabalho foram ampliados e fizeram com que “avenidas fossem abertas até as praias e sinalizavam uma mudança de comportamento dos moradores da cidade.”⁴³⁷

A imigração, de certo, deu subsídios significativos para essa transformação já que entre 1872 e 1913 o número de imigrantes passou de 17,2% para 44,7% da população. Para Eliane Porta, entre estes “encontravam-se 25% portugueses, 9% espanhóis e 3% italianos.”⁴³⁸ A presença de imigrantes diversos em contato com brasileiros pode explicar o motivo pelo qual o anarquista italiano Ezequiel Simoni, um barbeiro de Santos, fosse um dos principais impulsionadores do Centro Educativo

434 BAKUNIN, Mikhail. *A Instrução Integral*. São Paulo: Editora Imaginário, 2003. p.39.

435 Ver JEREMINAS, Marcolino. Banditismo policial da baixada santista: a greve de 1917 em Santos. In: GODOY, Clayton Peron; MARCHEZIN, Lucas; SILVA, Rodrigo Rosa. *Op.cit.*, p.183.

436 Ver LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição – Santos: 1870 -1913*. São Paulo: Hucitec, 1996.

437 PORTA, Eliane Veiga. *Imigrantes Espanhóis em Santos, 1880 – 1920*. Tese (Doutorado em História Econômica). Universidade de São Paulo, 2008. p.41.

438 Idem. p.43.

Libertário, que tinha ligações íntimas com *O Amigo do Povo*, este último que contava com maioria de portugueses e brasileiros, como vimos, mas também italianos e espanhóis. Essa integração e o peso da presença portuguesa resultaram na criação, logo depois, de ações anarquistas no movimento operário que misturavam práticas mutualistas e sindicais como a Sociedade Primeiro de Maio em 1904, localizada na Rua Visconde do Rio Branco, n.º36. É nesse mesmo espaço que é fundada a Federação Operária Local de Santos (FOLS), agora de clara postura sindicalista revolucionária.⁴³⁹

Na realidade, desde o início do século XX, o historiador Fernando Teixeira da Silva salienta que o grupo de pedreiros, pintores e carpinteiros – os “artistas” das construções – ficaram conhecidos por sua postura organizativa e radical. De acordo com o autor, em 1907 eles “conquistaram a jornada de oito horas, após dois dias de greve; dois anos depois [...] o *closed shop* (controle do mercado de trabalho pelo sindicato).”⁴⁴⁰ Suas conquistas e articulações no movimento operário da região ficaram marcadas na memória de trabalhadores, inclusive em períodos posteriores, que apelidaram a cidade como a “Barcelona brasileira.” O interessante é que, em uma dessas lembranças, é dito que no espaço da FOLS eram lidas

obras como “El hombre y la terra”, de Reclus, editada pela Escola Moderna de Ferrer, a “Grande Revolução” de Kropotkine, e obras de Tolstoi, Bakunine, Maximo Gorki, Sebastião Faure e outros escritos revolucionários, assim como obras de sobre conhecimentos gerais didáticos de todas as matizes e literatura geral.⁴⁴¹

Não há um rastro claro da ligação entre o Círculo Educativo Libertário e a Federação Operária Local de Santos (FOLS), mas como tencionaremos adiante, além da inserção inicial de anarquistas pelo viés propagandístico, educacional e instrutivo ter influenciado os rumos da militância anarquista na sua fase de disseminação, inclusive em lugares e quando esta não estava ainda inserida na esfera econômica, esta primeira atividade também foi importante na sua fase de enraizamento e depois incrementada novamente quando o próprio sindicalismo e o movimento operário entraram em refluxo

439 Ver JEREMINAS, Marcolino. Banditismo policial da baixada santista: a greve de 1917 em Santos. In: GODOY, Clayton Peron; MARCHEZIN, Lucas; SILVA, Rodrigo Rosa. *Op.cit.*, p.183-184.

440 SILVA, Fernando Teixeira da. *Op.cit.*, p.53.

441 “Memórias de Severino Golçalves Antunha”, Santos, junho de 1968, apud RODRIGUES, Edgar. *Nacionalismo e Cultura Social, 1913-1922*. Rio de Janeiro: Laemmert, s/d. p.127. Citado em SILVA, Fernando Teixeira da. *Op.cit.*, p.52.

na segunda década do século XX. Além disso, essas táticas, inclusive suas associações com outros grupos e leituras que parecem exógenas ao anarquismo estavam em consonância e acompanhavam os debates e caminhos do sindicalismo revolucionário em diversos pontos do país.

Não é em vão que em 1910 o periódico *Aurora Social*, órgão da FOLS, noticiava a criação da Liga do Livre Pensamento afirmando que “sua sede achava-se instalada provisoriamente na Federação Operária.”⁴⁴² Porém, sob a coluna “a razão da força e a força da razão”, o periódico indagava “[...] e quantas não custará a total conquista do pão e da ciência?” e depois advertia:

Muitas, se o proletariado se fiar apenas nos meios de organização e propaganda oral ou escrita. É necessário, no meu modo de entender, que sem abandonar os meios que até agora temos praticado, dediquemos a maior soma do nosso esforço a minar até acabar com ela, a força da força bruta.⁴⁴³

De acordo com o redator, era necessário unir a “propaganda oral e escrita” com suas atividades e presença no interior movimento operário, meio que acabaria com a “força da força bruta”, talvez se referindo às condições materiais dos trabalhadores, envolvendo moradia, trabalho e alimentação precária. Porém, como o mesmo nota, a “conquista da ciência” ainda era um horizonte importante e, ao destacar que estes “eram meios que até agora temos praticado”, também revelava que essa tática nunca deixou de ser usada, mesmo depois das greves e conquistas que envolviam a FOLS.

Como estamos acompanhando, esse tipo de militância – concomitante ou não com o econômico como no caso - foi constante em diversas partes do país onde os libertários iniciaram sua presença. A construção de escolas, bibliotecas, centro de estudos e até a divulgação e o próprio apoio às leituras e ao autodidatismo estiveram nos horizontes do anarquismo em sua fase inicial no país. A escola Eliseu Reclus de 1907 em Porto Alegre difundida pelos redatores em torno do periódico *A Luta* e a Escola Libertária Germinal de 1902 em São Paulo, edificada pelo grupo de mesmo nome, são exemplos claros disso. No Rio de Janeiro, ainda em 1898, vimos a tentativa de implementação do Centro de Estudos Sociais pelo militante José Sarmento Marques noticiado pelo periódico *O Despertar*. Essa tradição continuou mesmo após sua

442 *Aurora Social* (Santos), 1 de junho de 1910. p.7.

443 “A razão da força e a força da razão.” *Aurora Social* (Santos), 8 de junho de 1910. p.4.

inserção sindical anos depois, fazendo com que o periódico *A Voz do Trabalhador* gaúcho, num movimento parecido do caso santista, noticiasse com júbilo a criação do Atheneu Operário em 1912 no mesmo local da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS) em Porto Alegre. Os redatores em torno do periódico mostravam a importância da educação entre os trabalhadores através de uma “conferência sobre a educação racional, realizada pelo Dr. Maurício de Medeiros.”⁴⁴⁴

Portanto, podemos acompanhar projetos que possivelmente uniam uma intenção instrutiva e propagandística com o próprio caráter combativo já inserido no âmbito sindical em diversos pontos do país, e que ajudava a alastrar essa estratégia e conservar o próprio anarquismo em possíveis momentos de refluxo do movimento operário. Uma dessas principais ações mais visíveis foi a criação da Escola Moderna n.º 1 em 1912 na cidade de São Paulo entre os bairros do Belenzinho e Brás, principalmente funcionando na Avenida Celso Garcia n.º 262, e tinha os anarquistas João Penteado e Florentino de Carvalho seus principais articuladores e educadores. Tal escola era descendente das atividades do Círculo de Estudos Sociais Francisco Ferrer na Mooca e da Biblioteca Círculo di Studi Sociali no Bom Retiro, criados pela fusão de interesses educacionais entre militantes do movimento operário – republicanos, anarquistas, livre-pensadores, sindicalistas e socialistas - principalmente Angelo Scala, Francisco Calvo, Benjamin Mota, Neno Vasco e Edgard Leuenroth, agentes que divulgavam tais iniciativas no periódico *A Lanterna*.⁴⁴⁵

Anarquistas tinham bases ideológicas muito latentes para a edificação de projetos desse porte. Para Felipe Corrêa, mesmo os anarquistas mais materialistas e que davam atenção à militância na esfera econômica, também consideravam importante a disputa e o embate nos espaços culturais e educativos, concebendo a dominação ideológica atrelada à dominação de classe. Nesse sentido, as “instituições responsáveis pela produção cultural e ideológica [no período em questão as escolas e religiões] são também centrais na legitimação dos sistemas de dominação e têm sido significativamente criticadas pelos anarquistas.”⁴⁴⁶

444 *A Voz do Trabalhador* (Porto Alegre), 11 de agosto de 1912. p.4

445 Ver CACCAVELLI, Bruno; SANTOS, Kauan Willian dos. Educação e protesto: no rastro das escolas e grupos racionalistas e sindicais e as reivindicações operárias em São Paulo na segunda década do século XX. *Espaço Plural*, n.34, pp.520-550, 2016. p.528-545 e CACCAVELLI, Bruno. *Lazer e sociabilidade dos trabalhadores do bairro paulistano da Mooca (1900-1920)*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos – São Paulo, 2015. p.181-201.

446 CORRÊA, Felipe. *Op.cit.*, p.151.

Como compartilhavam uma visão educacionista com outros grupos racionalistas e anticlericais, era possível algum anarquista se associar com livres pensadores, republicanos, anticlericais, espíritas, maçons e socialistas. Logicamente, muitos anarquistas estavam sendo influenciados pelos ideários iluministas, também presentes nas ideias positivistas e republicanas, que julgavam a falta de letramento um dos motivos do atraso moral e político das sociedades.⁴⁴⁷ Todavia, como estamos acompanhando, para os anarquistas, pelo menos no presente caso, essa ação era usada muitas vezes também pelos militantes de forma tática. Defendendo uma escola racionalista, libertária e operária, os anarquistas – após um balanço de suas atividades referentes à Escola Moderna nessa segunda década – se justificavam:

Que a escola racionalista é a escola do futuro não resta dúvida. Basta ver o furor com que os governantes clericais e jesuíticos desta terra investiram contra as Escolas Modernas aqui existentes, mandando-as fechar como prejudiciais das altas camarilhas de comerciantes, industriais e governantes jesuíticos, reacionários, ultraconservadores e apoucados de júizo e de previsão social! E, fato curioso, havendo uma Liga Nacionalista com o escopo de matar o analfabetismo nesta terra de bandeirantes, ninguém deu fé que dita instituição protestasse contra o ato abusivo e prepotente dos governantes mandando encerrar escolas numa terra de analfabetos, onde a maioria da população não sabe ler, o que é considerado o maior flagelo que aflige o Brasil. E que todos, gregos e troianos, como bons burgueses que se prezam de ser, entendem que a escola é muito boa só quando tem o fim de fortalecer o pedestal da exploração burguesa. A não ter a escola esta missão, acaba-se com a escola. [...] Eis aí a questão que o ponto está. Os trabalhadores tudo têm de fazer por seu impulso próprio. Nada têm de esperar dos governos, os quais nada farão que concorra para sua queda e para a libertação do operariado.⁴⁴⁸

Apesar de compartilharem noções de progresso ao citarem a “escola do futuro”, portanto próximos de uma concepção iluminista, os anarquistas reconheciam que havia projetos paralelos ligados à educação em curso, mas que fundados a partir de interesses opostos aos trabalhadores nunca poderiam alcançar seus objetivos, pois apenas reproduziriam uma educação para garantir a posição das classes.

447 PERES, Fernando Antônio. *Revisitando a trajetória de João Penteadó: o discreto transgressor de limites. São Paulo: 1890-1940*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, 2010. p.79-81.

448 “A Escola Moderna ou racional.” *A Plebe* (São Paulo), 28 de fevereiro de 1920. p.4.

As escolas clericais, responsáveis por criarem uma espécie de dominação a partir de mitos e crenças particulares estando nas mãos de indivíduos detentores desse poder, tampouco as escolas republicanas ou nacionais envolvidas com a ascensão dos grandes proprietários da produção e dos políticos parlamentares, poderiam resolver o problema do analfabetismo – que chegava a 70% da população em 1920⁴⁴⁹ -, uma das razões do suposto atraso no país. Anarquistas, como é possível perceber, tinham posições bastante duras em relação às escolas providas do Estado, inclusive de caráter nacionalista, republicana ou positivista do período, portanto fazendo com que sua associação com grupos que compartilhavam o ideário de progresso através da educação não fosse, na maioria das vezes, tão ampla, e se concentrava entre os círculos radicais, embora sua tática em disseminar e se legitimar entre correntes de pensamentos científicos ainda existisse.

Isso pode ser observado quando o Círculo de Estudos Sociais Francisco Ferrer, após a repressão policial em sua sede em 1911, prontamente se esforçou em se reconstituir. Os socialistas Angelo Scala e Francisco Calvo e os redatores de *A Lanterna*, entre eles os anarquistas Benjamin Mota e Edgard Leuenroth, noticiavam que

a associação de caráter educativo, fundada [...] com o fim de divulgar na classe trabalhadora o estudo da questão social em seus diversos aspectos, pede a todos os grupos editores de livros, folhetos, revistas e jornais para que lhe enviem exemplares das suas publicações.⁴⁵⁰

A busca pela reconstituição da biblioteca, assim, também visava à retomada do grupo em questão no movimento operário da cidade de São Paulo, buscando também a constituição de redes entre as associações entre anarquistas, sindicalistas e socialistas⁴⁵¹, fato que é evidenciado na própria resposta de diversos grupos do país, como o periódico *A Guerra Social* do Rio de Janeiro que aderiu a campanha avisando aos seus leitores que “o Círculo de Estudos Sociais Francisco Ferrer, de São Paulo, pede a administração de revistas e jornais libertários que enviem um exemplar de cada número para a sua sala de leitura.”⁴⁵²

449 Ver FERRARO, Alceu Ravanello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os Censos?. *Educação e Sociedade*, São Paulo, v. 23, n. 81, 2002.

450 *A Lanterna* (São Paulo), 25 de novembro de 1911. p.2.

451 Ver CACCAVELLI, Bruno; SANTOS, Kauan Willian dos. *Op.cit.*, p.535.

452 *A Guerra Social* (Rio de Janeiro), 10 de abril de 1912. p.4.

Essa posição foi refletida na trajetória de João Penteado, nascido em Jaú, interior de São Paulo em 1877. As atividades do personagem, que desde a infância ajudava seu pai nos trabalhos como carteiro, possibilitaram seu contato e envolvimento com a disseminação do fenômeno do letramento no país e com a circulação de ideias. Mais tarde, Penteado trabalhou como educador em escolas de sua região e, no estado de Minas Gerais, como tipógrafo, primeiramente ligado aos grupos das religiões espíritas. O radicalismo racionalista de alguns desses, como os escritos de Allan Kardec, garantiram aproximações entre os núcleos anticlericais, nos quais, possivelmente, obteve contato com jornais envolvendo os anarquistas, como no caso de *A Lanterna*. João Penteado, assim, através do contato com as ideias de transformação libertárias, incluindo sua aproximação com temas que já lhe eram comuns, passou para as fileiras anarquistas, trabalhando com militantes de relevo como Gigi Damiani, Edgard Leuenroth e Florentino de Carvalho. Em 1912 o militante estava envolvido com as ações educativas e instrutivas libertárias na cidade de São Paulo, onde se mudava e estreitava sua relação com os bairros operários.⁴⁵³ É interessante, portanto, que João Penteado aderiu a táticas educativas pela cultura letrada de projetos não anarquistas, fato que atesta que a disseminação entre correntes de pensamentos racionalistas e científicas estava em voga. Não obstante, seus maiores projetos dentro do movimento operário vieram após sua entrada ao anarquismo e estavam relacionados com o andar do sindicalismo revolucionário da cidade, como era o caso do Círculo de Estudos Sociais Francisco Ferrer e a Escola Moderna, construídos majoritariamente por anarquistas e socialistas como citamos, o que mostra essa tática de se manter próximos aos grupos revolucionários no tocante a sua ação prática.

O radicalismo e a posição revolucionária desses ambientes também estavam presentes nas bibliotecas e espaços de leituras, criados, muitas vezes, próximos a essas escolas. Para muitos militantes havia uma relação íntima entre esse tipo de estudo mais sistemático e a construção de espaços nos quais os trabalhadores pudessem ter acesso a textos, assim como compartilharem leituras. Nesse sentido, *A Lanterna*, nos mesmos números que justifica a criação das escolas racionalistas para a “instrução dos filhos do proletariado”, pedia apoio para a *Bibliotheca Del Apostolado de la Verdad* e a Biblioteca de *A Lanterna*, também listando seus respectivos acervos.⁴⁵⁴ Outros

453 PERES, Fernando Antônio. *Op.cit.*, p. 23-138.

454 Ver *A Lanterna* (São Paulo), 9 de junho de 1912. p.2-4.

periódicos como *A Luta*, *O Lúcido*, *O Amigo do Povo* e *A Terra Livre* dedicavam pelo menos um espaço para sugerirem livros, brochuras ou outros periódicos, assim como também venderem tais títulos para seus leitores:

A nossa Biblioteca	
EM PORTUGUEZ	
<i>O Infanticídio</i> , Mota Assunção	600
<i>O que querem os anarquistas</i> , J. Thonar	100
<i>Evolução, Revolução e Ideal Anarquista</i> , E. Reclus	1000
<i>Mentiras Religiosas</i> , H. Salgado	1200
<i>A Peste Religiosa</i> , J. Most	100
<i>O Comunismo Anárquico</i> , P. Krapótkine.	200
<i>O Góvêrno Revolucionário</i> , "	100
<i>Realismo Rimado</i> , A. Silva	300
<i>A Maçonaria agonizante</i> , Rosa Cruz	300
<i>A Internacional</i> , para piano e canto	500
<i>A caminho da Revolta!</i> (versos), A. Chaves	300
<i>Os misterios do Confessionario</i>	400
EM ESPANHOL	
<i>Tierra Libre</i> , J. Grave	2.000
EM ITALIANO	
<i>Le infamie secolari del Cattolicismo</i> , O. Ristori	200
<i>A mio fratello Contadino</i> , E. Reclus	100
EM FRANCEZ	
<i>Terre Libre</i> , J. Grave	2.500

(*A Terra Livre* (São Paulo), 17 de maio de 1908. p.4.)

Os títulos disponíveis mais comuns para os leitores de *A Terra Livre* exemplificam bem o tipo de acervo que os anarquistas constituíam e tentavam disseminar. Primeiramente, é perceptível que a preocupação dos redatores era alcançar vários tipos de línguas e, assim, da população do país, portanto em consonância com a estratégia sindicalista que estavam em ação. Além disso, podemos visualizar textos racionalistas e anticlericais, como *A Maçonaria Agonizante* de Rosa Cruz. Não obstante, a maioria dos textos consistia em teóricos anarquistas de outros países, como Piotr Kropotkin e Eliséé Reclus, mas também de brasileiros como Mota Assunção ou

atuantes no país naquele momento como Oreste Ristori. Além de títulos anarquistas, podemos visualizar com frequência, em outros números, leituras socialistas e sindicalistas. Portanto, é fato que anarquistas ainda precisavam estar entre o rol de leitura e se legitimar perante autores racionalistas, mas o intuito presente era formar operários revolucionários, próximos principalmente ao anarquismo, mas também ao sindicalismo revolucionário ou mesmo correntes políticas presentes no movimento operário.

Além dessa divulgação escrita e intelectual, anarquistas metropolitanos exercitavam tal tática por meio de suas presenças físicas em cidades interioranas e litorâneas, as vezes com pouca organização operária ou mesmo anarquista. Eram importantes estas “viagens de propaganda” que eram noticiadas principalmente pelos periódicos *La Battaglia* e *A Lanterna*. Um desses principais viajantes era Oreste Ristori que, desde o início do século, “movia-se basicamente ao longo das linhas ferroviárias da Mogyana, da Paulista e da Sorocabana, indo também com bastante frequência ao porto de Santos”, atitudes que foram reverberadas nos próximos anos, quando em “1909 alcançaria o sul de Minas Gerais e o estado do Rio de Janeiro.”⁴⁵⁵ O pesquisador Carlo Romani ainda afirma que tal método foi, para o próprio desenvolvimento do periódico *La Battaglia*, a “principal forma de se conseguir novos adeptos, novas assinaturas e manter a publicação.”⁴⁵⁶ E para além da própria atuação do jornal, Angelo Bandoni esteve envolvido na criação de escolas racionalistas nas cidades do interior, como na fazenda Crespi em Taquaritinga.⁴⁵⁷ Com seus retornos, os militantes e ativistas também tentavam narrar suas impressões nos periódicos em que participavam. Um dos correspondentes de *La Battaglia*, Vittorio Tachi, narrou sua viagem com Oreste Ristori:

[...] Cedi ao convite que o companheiro Ristori me fez ir junto a São Joaquim para uma conferência que teve lugar frente a numeroso público na noite de 27 com um sucesso extraordinário... [...] Então, no meio desta população pacífica e antiautoritária, que fomos cair, eu e o amigo Ristori, entre o entusiasmo de muitos bons amigos e companheiros que quiseram organizar a galope uma conferência a qual concorreu largamente o público. [...] Depois a conferência, que deixou a melhor impressão, se passou o resto da noite alegremente, bebendo, conversando, cantando todo o repertório das canções e

455 ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, p.141.

456 Idem.

457 Ver BIONDI, Luigi. *Op.cit.*, 1994. p.148.

dos hinos revolucionários, que acendiam toda uma chama de entusiasmo naqueles jovens ardentes de liberdade.⁴⁵⁸

Como é possível notar, a atuação de Ristori e de outros militantes que faziam *performances* parecidas com a narrativa acima era importante em áreas com pouca organização operária, tática frutífera já que muitas vezes os mesmos militantes noticiavam a criação de organismos sindicais ou políticos nas áreas que visitaram e tinham estabelecido contato. Certa vez, em Piracicaba, no estado de São Paulo, por exemplo, os redatores de *La Battaglia* comemoravam que mesmo numa cidade “dominada por freiras” estava se “constituindo um Centro Operário Internacional.”⁴⁵⁹ Essas notícias, de certo, também serviam para fortalecerem a atuação dos grupos anarquistas como o referido periódico, que aumentava sua lista de subscrições, assim como potencializava sua extensão. Também dava força aos seus leitores na capital de São Paulo, ao mostrar a crescente organização fora dos centros urbanos. Mas ainda há outro quesito interesse nos relatos de viagens que podemos observar, e se refere à junção de palestras e atividades festivas. Em Porto Alegre, *A Luta* também relatou a importância dessas atividades:

Sábado foi extraordinário o número de famílias e cavalheiros que compareceram ao baile realizado no salão 1º de Maio, sendo e notar o entusiasmo e satisfação dos operários que ali foram levar seu concurso a nossa festa. Às 9 horas, o nosso companheiro Gomes Ferro, leu uma conferência que foi entusiasticamente aplaudida pela numerosa assistência.⁴⁶⁰

A autora Caroline Poletto afirma que a atividade citada foi importante para a reorganização do periódico *A Luta* e os organismos sindicais associados a ele, após a repressão sob o grupo e outros militantes em 1907. A historiadora ainda afirma que esse evento, apesar de englobar diversas atividades como “baile, sorteios e palestras”, a função da atividade “consistia em formar sujeitos enquanto os divertia” de modo que “não era apenas um momento de diversão pura, mas também de doutri-

458 “Piccola Posta.” *La Battaglia* (São Paulo), 15 de outubro de 1905. Citado e traduzido por ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, p.137-138.

459 “Piracicaba – Movimento Libertario.” *La Battaglia*, 11 de setembro de 1904. p.4. Tradução nossa.

460 *A Luta* (Porto Alegre), 6 de janeiro de 1908. p.2. Citado em POLETTI, Caroline. *Op.cit.*, p.91.

nação Pedagógica”⁴⁶¹, fato que pode ser percebido em diversas atividades educacionais efestivas no país pelos libertários onde as conferências, palestras e divulgação de livros, folhetos e opúsculos políticos estavam presentes.

Nesse sentido, Bruno Caccavelli defende que as relações entre o lazer, educação e política foram essenciais para a socialização dos trabalhadores no bairro da Mooca na cidade de São Paulo. Na questão específica das reuniões festivas, essa relação ajudou a compartilhar uma identidade dos trabalhadores no período da Primeira República.⁴⁶² É certo que muitos anarquistas e sindicalistas criticavam festas, especialmente as da Igreja, mas também outras de caráter operário não impulsionado por alguma associação de teor político. Sobre as festas referentes ao Primeiro de Maio, *A Voz do Trabalhador* do Rio de Janeiro advertia que

[...] não se pode realizar uma “festa do trabalho”, mas sim um protesto de oprimidos e explorados; que a origem histórica do 1.º de Maio, que nasceu da reivindicação, pela ação direta, das oitos horas de trabalho, na América do Norte, e do sacrifício das vítimas inocentes de Chicago, impede que essa data seja mistificada pelas festas favorecidas por interessados na resignação e imobilidade do proletariado.⁴⁶³

Como vemos, a presente crítica não revela uma moralidade dos militantes libertários no período, mas sim como enxergavam as festas dentro de uma tática política. Isso fazia com que festas, quermesses e ações beneficentes fossem sempre acompanhadas de palestras, conferências ou mesmo leitura de livros, periódicos e folhetos anarquistas, assim como peças teatrais de teor político ou social. Essa inclinação em misturar ações educativas, instrutivas, culturais e até lúdicas com a esfera política – mostrando a necessidade dessa vinculação - fazia com que, quando fosse lançado um periódico essencialmente sindical ou político, estes também destinassem espaço importante para as atividades de lazer ou educativas como podemos observar no mesmo periódico no 1º de maio de 1909:

A festa realizada no dia 17 do mês passado em benefício de *A Voz do Trabalhador*, esteve extraordinariamente concorrida, dando bom resultado

461 POLETTI, Carline. *Op.cit.*, p.91.

462 CACCAVELLI, Bruno. *Op.cit.*, 2015.

463 *A Voz do Trabalhador* (Rio de Janeiro), 1 de maio de 1913. p.2.

para o jornal, que graças a ela terá a sua vida garantida para três ou quatro números. Para o Grupo Teatro Livre foi um verdadeiro êxito.⁴⁶⁴

Como é possível notar, de acordo com o redator, a festa citada foi importante para manter o periódico de inclinação sindical ativo, revelando a relação entre as ações culturais e as reclamações econômicas, conservando e expandindo também as estratégias que o anarquismo compartilhava. Há outra coisa interessante na citação, o uso de manifestações artísticas na festa. De fato, desde o início do século XX anarquistas também apostavam, dentro de suas inclinações instrutivas, na formação de grupos de teatros que acompanhavam e compunham, muitas vezes, os próprios periódicos. Era o caso do Grupo Dramático Teatro Social atrelado ao *Terra Livre* no Rio de Janeiro, o Grupo Filodramático Libertário que tecia relações com os jornais *La Battaglia* e *O Amigo do Povo* em São Paulo, fora a peça “O Semeador” transcrita pelo periódico *A Nova Era* em Minas Gerais, por exemplo. Esses e outros grupos tentavam encenar peças de teor social e político, principalmente de autores que abordavam tais temas em outros países como Máximo Gorki, Pietro Gori e Victor Hugo, mas também de textos autorais de militantes no Brasil como os de Neno Vasco, Mota Assunção e Avelino Fóscolo.⁴⁶⁵

Como estamos acompanhando, militantes libertários, na fase de enraizamento da ideologia anarquista entre a classe trabalhadora, usavam diversos mecanismos educacionais, instrutivos, propagandísticos e artísticos no intuito de expandirem sua influência e ação. Na realidade, muitas vezes, usavam todos esses meios juntos num único evento, prática que formou nas próximas décadas um ritual importante nesse período, que vai se transformar numa tradição, ainda anos depois. O periódico *O Amigo do Povo* revela como consistiam tais atividades:

[...] O Núcleo Filodrammatico Libertario promove uma festa com o seguinte programa:

- 1 Bozzeto dramático social Il Primo Maggio, de P.Gori.
- 2 Conferência de Benjamim Mota sobre o tema: A mulher na sociedade burguesa e na sociedade futura, seguindo-se no uso da palavra Valentim Diego, que tratará diversos pontos da questão social
- 3 Rifa de objetos de valor e outros de surpresa

464 “A Nossa Festa.” *A Voz do Trabalhador* (Rio de Janeiro), 1 de maio de 1909. p.2.

465 Para acompanhar o teatro anarquistas ver HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!: memória operária, cultura e literatura no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2002. p.301-327.

4 Uma engraçadíssima farsa

5 Baile familiar⁴⁶⁶

As execuções artísticas - seja de teor social ou político - eram acompanhadas das famosas conferências que também abordavam problemáticas referentes aos militantes, seja estritamente político ou também de outras questões, como no presente caso a questão de gênero. Daí o evento era seguido para recreações e ações visando o lazer. Desse modo, anarquistas não negavam a diversão aos trabalhadores, mas a colocavam dentro de uma ação educativa e instrutiva. Além disso, para a autora Claudia Baeta Leal, a maioria dessas execuções eram feitas em espaços operários – mutualistas, sindicais ou ambientes de grupos políticos – fato que sinaliza a inserção do anarquismo no período e sua íntima relação com o movimento operário.⁴⁶⁷ Essa vinculação pode ser o fato pelo qual personagens, em suas lembranças posteriores sobre o período, lembrassem tanto das festas como do teor político ao se referirem ao significado do anarquismo.

A garotada transformava essas reuniões políticas em divertimentos. Ambiente festivo, todo mundo levava os filhos, costume – ou necessidade – das pessoas pobres que, em geral, não têm como deixa-los quando precisam sair. [...] Um grupo de meninas “espanholas” fazia sucesso no palco, cantando uma velha canção anarquista. [...] Elas cantavam e o público fazia coro no final, todos repetiam o “vívir!” a plenos pulmões. Nunca consegui encontrar nada tão vibrante capaz de fazer face a essa ardente canção de derrotar as “espanholas.”⁴⁶⁸

Mesmo que seja possível problematizar as memórias de Zélia Gattai - filha de militantes anarquistas de mesmo sobrenome - marcadas por nostalgia, podemos perceber que a tática dos anarquistas de transformarem ambientes políticos ou de reclamação econômica em espaços de instrução, foi aplicada. Nesse sentido, todos os eventos de caráter instrutivo, eram vistos pela escritora de forma conjunta, não separando o teor político de outras atividades, de lazer ou artístico. Assim, militantes e pessoas ligadas a atividades mais políticas, podiam ter diversão e contato com

466 “Reuniões em conferências.” *O Amigo do Povo* (São Paulo), 6 de setembro de 1902. Citado por LEAL, Claudia. *Op.cit.*, 1999. p.60.

467 LEAL, Claudia. *Op.cit.*, 1999. p.60-62.

468 GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. Rio de Janeiro: Record, 1991. p.170-171.

manifestações culturais e aqueles interessados nessa segunda, como as crianças, podiam ter contato gradativamente com a teoria anarquista ou com a prática sindical.

Além disso, anarquistas ainda tentavam disputar outros ambientes, como praças, bares e cafés, disseminando suas teorias e, para garantir o interesse da população, além da propaganda de seus jornais, divulgavam obras e textos de teor artístico desde que tratando de questões sociais. Como a maioria da população era iletrada, militantes e ativistas também faziam orações ou discussões públicas, incentivando o autodidatismo. Agentes libertários narravam sua formação nesses ambientes antes de suas respectivas atuações no movimento operário, mesmo se essa segunda aconteceu tempos depois:

À noitinha, após as canseiras do trabalho e do estudo, nos reuníamos ali, à Praça General Tibúrcio, em frente ao Palácio do Governo, para os comentários do dia. De preferência, falávamos sobre literatura, sobre nomes de autores nacionais e estrangeiros. A literatura russa tinha para nós uma atração irresistível, líamos Gorki, Tolstoi, Turgueniev, Kropotkin e muitos outros. Hegel e Carlos Marx eram também discutidos com entusiasmo.⁴⁶⁹

Na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, mesmo com o sindicalismo revolucionário atuante apenas depois de 1920, o militante revela como as ideias anarquistas circulavam, seja a partir de discussões - o que atraía a parte população que não lia - ou mesmo incentivando a leitura para estes e para os já achegados aos livros e periódicos. Além disso, podemos perceber que, ao não fazer um corte entre a atuação sindical e essas reuniões, memórias como esta confirmam a relação da inserção e militância no nível cultural pelos anarquistas com o desenvolvimento de sua luta econômica ou política. Para muitos militantes essas atuações eram concomitantes, como no caso dos redatores do jornal *A Luta*:

Parte do operariado portoalegrense já vai, pouco a pouco, de per si, reconhecendo que sem uma fonte educativa de onde jorre a luz que há de guia-los na íngreme senda da vida para sua futura emancipação [...] tanto que, além de possuímos a escola Eliseu Reclus de ensino livre e que se tem desenvolvido progressivamente, dando ótimos resultados, pretendem, como

469 *Unitário*, 27 de julho de 1952. Citado por PEREIRA, Adelaide Gonçalves. *A Imprensa dos trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos de 1920*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – Santa Catarina, 2001. p.319.

também o Sindicato dos Trabalhadores em Maneira e o Club Instrutivo e Recreativo 1 de Maio, fundar escolas no bairro industrial dos Navegantes para o operariado, em geral, afim de torna-los homens conscientes na luta árdua pela existência. [...] Urge, portanto, que o operariado portoalegrense passe por uma pequena evolução educativa, sem o que serão frustradas todas as greves, que devem ser o genuíno resultado da revolta íntima, espontânea e consciente de cada um e não produzidas pelo inflamado verbo dos que têm sede de notoriedade.

Vemos, nesse caso, uma aproximação nítida de ideários positivistas que acreditavam numa direção de evolução através da instrução, mas também podemos perceber que a inclinação à educação fazia parte uma tática política que alastraria a estratégia sindicalista típica dos libertários, além de impulsionarem as greves. Para eles ainda, essas ações estavam longe de propagandas isoladas, ou seja pelos que têm “sede de notoriedade”, mas também estavam dentro de uma disposição de organização próxima a organismos trabalhistas, sindicais ou de bairro. Se essa tendência começou a ser escrita na primeira década do século XX, nos próximos anos ela estava presente em diversos projetos em que os anarquistas estavam envolvidos, como podemos observar no *A Voz do Trabalhador* do Rio de Janeiro:

O Estado não educa o povo segundo o interesse do desenvolvimento natural de cada individuo, educa-o, ou melhor, modela-o segunda as necessidades da conservação do regime político ou religioso estabelecido [...] Para formar uma verdadeira cultura é preciso criar ao redor da infância um ambiente de justiça, de independência e de estética que a liberte dos vícios e dos preconceitos que adquire quando está em contato com os elementos de degeneração da sociedade presente. E não há dúvida de que, com este método da educação se conseguirá formar homens mais equilibrados, mais sãos, mais racionais dos que os que possam vir ao nosso campo.⁴⁷⁰

Mais do que simplesmente um empurrão para o desenvolvimento do sindicalismo e das greves -como de fato era para muitos militantes - a instrução, nesse caso, sempre deveria estar no horizonte dos libertários, e era a partir disso que poderiam ser criadas as condições para os seres que se autogovernariam, portando aptos não só para a sociedade futura, mas também para os projetos de militância presentes, como no

470 “Necessidade do ensino racionalista.” *A Voz do Trabalhador (Rio de Janeiro)*, 1 de janeiro de 1914, p.2.

caso do periódico, o sindicalismo revolucionário. É certo que, seguindo sua tradição desde o século XIX, anarquistas eram influenciados por leituras e ideários iluministas e republicanos no quesito ligado à educação, compartilhando leituras e compondo um corpo letrado com esses grupos, o que ajudava sua disseminação e também sua legitimação nesse momento em grupos intelectuais, mas também marcavam sua posição anticapitalista e antiestatista, além de, na prática, construir ações instrutivas e educativas com grupos radicais já participantes do sindicalismo revolucionário, portando adentrando entre a classe trabalhadora e marcando sua intenção revolucionária.

Visualizando tal postura podemos compreender as formas de atuação anarquista quando seu principal vetor (o sindicalismo) estava começando a ser danificado ou disputado com maior intensidade no início da segunda década do século XX e que apresentou um ataque danoso diante da Primeira Guerra Mundial e depois diante da Revolução Russa. Mesmo assim, anarquistas continuavam suas atuações, inclusive perpetuando e penetrando suas estratégias e ideologia em outros pontos do país. Nesse período a seguir, também percebemos mudanças no Estado, na composição da população brasileira, e nos movimentos sociais e políticos; a resposta ao anarquismo a esse processo será analisado no próximo capítulo.

CAPÍTULO III

**“Guerra à guerra”: o ideário nacional e o internacionalismo
nos contornos da militância política e sindical dos anarquistas
diante da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Russa
(1913-1920)**

III- I. Ataque e contra-ataque: o avanço da repressão e novos núcleos anarquistas no país

Para esses homens maus, de consciência elástica e corruptível, a lei tem apenas uma face, que é aquela que eles costumam cobrir de beijos virulentos. As constituições são os lençóis providenciais com que ocultam as feridas infeccionadas de tanta ignominia e de tanta vileza. Liberdade? É a velha matraca com que se anuncia ao povo a hora do leilão da moralidade e da honra. A “A Plebe” foi empastelada. Mas a ideia de “A Plebe”, a sua alma, sua energia, saberá um dia vingar o atentado execrando. (*A Plebe*)⁴⁷¹

Para os militantes e redatores do periódico *A Hora Social* de Recife no estado de Pernambuco, as leis brasileiras acerca da repressão política no país seriam portadoras do próprio mal, da falta de honra e até de atitudes imorais. O leitor dessa coluna pode concluir então que o anarquismo do periódico *A Plebe* – empastelado após sua intensa participação na greve geral de 1917 em São Paulo – representava o oposto dessa falta de virtude. Com isso, no fundo, militantes e ativistas anarquistas e seus aliados estavam denunciando as adversidades para a implementação e articulação de suas estratégias políticas no país e que foram acentuadas no período analisado nesse capítulo em relação ao anterior.

Desde a década de 1890, medidas oficiais nos regulamentos policiais ou mesmo atitudes arbitrárias tentavam barrar as organizações e periódicos provindos do movimento operário, bem como reprimir manifestações e greves no período. Além da tradição repressora da polícia brasileira no período imperial, pesquisas também levantam a circularidade de informações entre órgãos policiais de países que contavam com elementos considerados subversivos, como entre Espanha, Brasil e Itália, de modo que anarquistas fossem acusados de atentados quando chegassem em determinado país sem mesmo praticar ainda tal ato.⁴⁷² Em 1907, além das leis já citadas sancionadas pelo então presidente Rodrigues Alvez que, entre outras medidas, regularizava a expulsão dos estrangeiros residentes no Brasil, foi instituído um grupo especializado de policiais para tais ações, o Corpo de Investigação e Segurança Pública. Depois disso, para Marcelo Badaró Mattos,

471 “A A Plebe é empastelada.” *A Hora Social* (Recife), 26 de outubro de 1919. p.3.

472 Ver GALEANO, Diego. *Op.cit.*, p.181-225 e LEAL, Baeta. *Op.cit.*, 2002. p.21-148.

em 1920, na esteira das grandes mobilizações operárias dos anos anteriores, como a greve geral paulistana de 1917 e a insurreição operária abortada pela espionagem policial no Rio de Janeiro, em 1918, o nível de especialização da ação policial se aprofunda e a tarefa de conter o movimento operário se explicita. [...] Nas memórias dos militantes da Primeira República, o braço da polícia que mais arrepios causava à lembrança era a 4a Delegacia Auxiliar, criada em 1922, em plena conjuntura de efervescência política da irrupção do tenentismo e no ano de fundação do PCB. A 4a Delegacia possuía as mesmas seções da inspetoria, mas a seção de Ordem Social e Segurança Pública passou a se chamar Seção de Ordem Política e Social.⁴⁷³

Portanto, nesse período, militantes do movimento operário recebiam ataques mais sistematizados das autoridades do período e, certamente, obtiveram dificuldades para articularem e disseminarem suas estratégias. Tais medidas se somaram posteriormente a uma grande crise econômica, decorrente dos efeitos das guerras balcânicas seguidas da Primeira Guerra Mundial, no período de 1913-1916, inflacionando os preços de produtos de necessidade básica que afetou diversas partes do mundo causando severos danos também no mercado de trabalho, ainda mais nos polos industriais brasileiros, dificultando também a sindicalização.⁴⁷⁴ Ainda assim, anarquistas continuaram sua militância e ativismo em outros espaços além dos sindicais, até que esse se encontrasse reestruturado. Para isso, não podemos procurar somente a atuação da COB e de seu periódico *A Voz do Trabalhador* – que parou de ser publicado de 1909 até o fim de 1912 - já que estes estavam na mira da repressão, além de sofrerem com a queda da sindicalização do país. Nesse período, como vimos, anarquistas estavam condensando seus esforços em outras táticas e coligações, como por meio do anticlericalismo e de suas ações propagandísticas, culturais e instrutivas. Como podemos perceber, muitas das ações policiais foram uma resposta também aos grandes eventos e sucessos construídos, em parte, por militantes do movimento operário – como na citada greve geral de 1917 - numa relação dialética de ataque e contra-ataque.

473 MATTOS, Marcelo Badaró. Greves, sindicatos e repressão policial no Rio de Janeiro (1954-1964) *Revista Brasileira de História*, vol. 24, núm. 47, julho, pp. 241-270, 2004. p.256-257.

474 Ver SANTOS, Kauan Willian dos. 'Façamos também a nossa guerra:' a construção do internacionalismo anarquista e a luta sindicalista revolucionária no período da Primeira Guerra Mundial em São Paulo. *Revista História & luta de classes*, v. 13, p. 45-59, 2017.

Para entender, em parte, a constituição de tais eventos nesse período, como a continuação da disseminação e penetração do anarquismo, quanto para conseguir compreender a sobrevivência dessa vertente política após esse período, temos que nos atentar em outra informação no trecho citado de *A Hora Social*; a própria extensão e contato de grupos anarquistas em cidades e estados longínquos entre si - como no caso de São Paulo e Recife - mas também, como iremos demonstrar, a própria disseminação e enraizamento do anarquismo ou de algumas de suas estratégias que, de fato, nesse período, se expandiram ainda mais no território nacional, fortificando suas redes e legitimando ainda mais tal ideologia no país. Os primeiros indícios disso podem ser percebidos no Segundo Congresso Operário em 1913, citado pelo periódico *A Voz do Trabalhador* em sua reativação, mostrando indícios de como militantes do movimento operário conseguiram construir esse evento mesmo sem a presença desse e de outros importantes jornais e órgãos sindicais. Logo no primeiro número de janeiro de 1913, o periódico no Rio de Janeiro citava o início da organização do evento, escolhendo seus delegados e representantes. Os redatores do periódico se justificavam afirmando que “a apatia, o esmorecimento são fenômenos naturais da organização atual” e que o operariado “se prepara para renovar a investida.” Nesse sentido, logo já mencionavam que muitas de suas redes ainda estavam ativas, revelando o apoio do

Círculo Operário Fluminense, Niterói; União Operária de Cravinhos, União Operária de Sorocaba, União Operária Beneficente de Franca, São Paulo; Federação Operária do Rio Grande do Sul, com suas federadas; Associação Operária Independente, desta capital, a Federação Operária do Rio de Janeiro, com suas respectivas federadas e a Sociedade Beneficente de Vila Rafard, de S.Paulo [...] Sociedade B. e Progressiva dos Operários em Fabricas de Tecidos desta Capital; Liga Operaria de Pelos, R.G. do Sul; Sindicato Gráfico Alagoano, Estado de Alagoas; União Gráfica, S. Operária B. União e Trabalho, Guaratinguetá, S. Paulo; Centro H. Ciência, Amor e Liberdade, de Belém, Pará, além de muitas outras que mencionaremos no próximo número.⁴⁷⁵

Como podemos observar, anarquistas e sindicalistas, majoritários nessa fase do periódico, mesmo com o refluxo da Confederação Operária e seu órgão comunicador

475 “Confederação Operária Brasileira – as adesões do 2 Congresso.” *A Voz do Trabalhador* (Rio de Janeiro). p.3.

possuíam e mantinham redes de contato em algumas partes do país, como das regiões metropolitanas e interioranas entre São Paulo e Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul e algumas partes do nordeste. Isso mostra que seus outros órgãos e estratégias mantiveram um mínimo contato com alguns grupos até que fosse possível uma reorganização sindical. Ainda assim, nos próximos meses, a tarefa foi tentar reunir mais grupos dispersos no território nacional. Nesse caso citavam que para superarem essas dificuldades e o refluxo do sindicalismo era necessário unir, cada vez mais, associações sindicais do país:

Espalhados por esses estados afora, separados por grandes distâncias, vencidas ainda por difíceis e demorados meios de comunicação, vive a classe trabalhadora do Brasil assustadoramente fracionada, desconhecendo-se a si mesma, ignorando em absoluto os de um estado o que a respeito de sua questão se passa nos demais. Daí essa desunião enervadora que ainda nos embaraça na luta e da qual tiram nossos exploradores a força de seu domínio. Urge, pois, romper com tal estado de coisas, estabelecer estreitas, contínuas e respeitadas relações entre os trabalhadores deste país, cimentando solidamente os alicerces de uma organização que, sob as bases amplas do federalismo sindicalista, congregue todas as agremiações cujos fins se destinem à defesa de nossos direitos.⁴⁷⁶

É interessante perceber que, assim como nos encaminhamentos e tendências da CGT na França, a prática sindicalista revolucionária almejava mobilizar uma unidade nacional, e não mais apenas redes móveis anarquistas translocais. Aderentes dessa estratégia, que comumente, nessa fase do periódico, marcaram suas diferenças e críticas com a social-democracia, uniam, portanto, a construção de um movimento operário nacional que congregasse a realidade econômica e política do país, ao mesmo tempo em que era possível defender o federalismo, a ação direta, e a autonomia dos órgãos em cada cidade e região, respeitando aspectos culturais, étnicos ou táticos e estratégicos.

Essa tendência, levada a cabo por praticantes do sindicalismo revolucionário, majoritariamente anarquistas organizacionistas mais próximos aos grupos de trabalhadores brasileiros como acompanhamos desde construção da COB em 1906, se disseminava e se tornava influente entre diversos grupos anarquistas e sindicalistas no país. Anarquistas presentes na Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), por

476 “A Voz do Trabalhador.” *A Voz do Trabalhador* (Rio de Janeiro), 1 de fevereiro de 1913. p.1.

exemplo, que aprovaram as resoluções do Segundo Congresso Operário Brasileiro tornando o sindicalismo revolucionário e a presença dos militantes libertários majoritária no movimento operário em Porto Alegre, publicavam em 1907, no contexto da aprovação das leis de expulsão de estrangeiros, a mobilização de diferentes grupos em todo o país, citando a COB como empenhada “no sentido de procurar a adesão de todas as associações operárias que lhe são filiadas, para tão justa campanha.”⁴⁷⁷

A FORG, FOSP E FORJ e outras associações até setembro de 1913, quando aconteceu de fato o Segundo Congresso Operário, procuraram e estabeleceram contato com associações fora das regiões mais usuais e, nesse sentido, apontavam a presença da União Operária em Laguna no estado de Santa Catarina, da Liga Operária em Uberaba, a Associação B. Irmãos Artistas em Juiz de Fora, a União Operária Beneficente em Diamantina no estado de Minas Gerais, da União dos Operários da Estiva em Salvador na Bahia, da União dos Operários Estivadores e da Sociedade União dos Cocheiros do Recife em Pernambuco, se estendendo também para associações em Alagoas, Rio Grande do Norte e Manaus.⁴⁷⁸

Mesmo sindicalistas distantes que não compareceram ao evento na capital do Rio de Janeiro, receberam o circular das resoluções do congresso. Essa proximidade e troca de correspondências também deve ter contribuído para as decisões do evento, que agora tentava incluir a realidade de mais estados em seus temas e debates, fato que era necessário caso ainda almejassem continuar legitimados no país, bem como continuassem sua expansão. O primeiro tema girou em torno da neutralidade sindical que, dessa vez, tentaria se distanciar até mesmo das citações explicitamente anarquistas já que o intuito era a “conquistas de melhorias imediatas”, sendo tal apontamento melhor para “alcançar a classe trabalhadora do Brasil”⁴⁷⁹, decisão que era pontuada inclusive por Edgard Leuenroth e Astrojildo Pereira, ambos militantes anarquistas. No tema sobre a organização das federações, os sindicalistas presentes aprovaram ainda o método federativo dando autonomia para as associações em suas respectivas regiões, sendo possível a organização por ofício, indústria ou mistos, fato que também contribuía para a organização em outros estados fora do sul e sudeste. Outros temas interessantes e tratados foram sobre alcançar a meta do salário-mínimo e das oito horas

477 “Contra os estrangeiros.” *A Luta* (Porto Alegre), 15 de março de 1907. p.1.

478 Ver “Locais Operários.” *A Voz do Trabalhador* (Rio de Janeiro), 15 de fevereiro de 1913. p.4.

479 “As resoluções do Segundo Congresso.” *A Voz do Trabalhador* (Rio de Janeiro), 1 de outubro de 1913. p.2.

máximas diárias e o combate ao corporativismo, passando também para o empenho e a propaganda em áreas rurais, incentivando a organização de trabalhadores não fabris em associações, não especificamente sindicais, fato que podia englobar boa parte do Brasil ainda não industrializado.⁴⁸⁰

Essas resoluções pareciam encaixar perfeitamente na militância e ativismo de libertários em regiões longínquas ao Sul e Rio-São Paulo, potencializando ações anarquistas ou da prática sindicalista revolucionária em cidades onde ainda essas não eram hegemônicas ou existiam. Esse foi o caso do militante Tércio Miranda, que atuou posteriormente no movimento sindical de Manaus e compareceu ao Segundo Congresso Operário Brasileiro. Não existem informações precisas de seu nascimento, mas tudo indica que o agente cresceu na cidade do Porto em Portugal e obteve contato com o anarquismo após passar das fileiras republicanas entre 1908 e 1912. O país, mesmo com o estabelecimento da República, enfrentava altas taxas de natalidade assim como sistemáticas crises e instabilidade no mercado de trabalho, fatos que se somavam aos atos repressivos contra militantes do movimento operário. Juntamente com sua rede étnica que migrava em massa para o Brasil, Tércio Miranda logo estabeleceu contato com periódicos e associações com influência anarquista, participando dos eventos da COB no Rio de Janeiro em 1913. Nesse mesmo ano, chega a Manaus, cidade em que a comunidade portuguesa era maior em relação a outros grupos imigrantes, contanto também com um número significativo de brasileiros, onda que se deu devido à expansão da economia gomífera entre 1890 e 1913.⁴⁸¹

O estado do Amazonas teve sua população aumentada de quase 250.000 habitantes em 1900 para quase 360.000 em 1912, onde Manaus, que crescia sua indústria, comércio e cidade, tinha posição de destaque.⁴⁸² Nesse sentido, para Luciano Everton Teles, a cidade passou a presenciar o surgimento de “marcenarias, sapatarias, alfaiatarias, fábricas de tecido, fábricas de roupas, fábricas de cestas e vassouras, funilarias, tabacarias, fábricas de panificação, fábrica de cerveja e gelo, fábrica de sabão

480 Idem.

481 Para acompanhar a trajetória de Tércio Miranda e das especificidades do movimento operário de Manaus ver TELES, Luciano Everton Costa. Tércio Miranda: uma liderança amazônica. *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 9, n. 17, 2017. p. 101-119.

482 Ver “População do Brasil por estados (1872, 1890, 1900, 1910).” IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/populacao.html>. Acesso: 03/2018.

e outros⁴⁸³, o que possibilitava um movimento operário na região. Aproveitando esse contexto, Tércio Miranda se uniu aos militantes socialistas, sindicalistas e anarquistas da cidade, fundando o periódico *A Lucta Social* em 1914. Apesar da heterogeneidade do jornal e de seus redatores, o periódico, com quatro páginas, sendo distribuído de modos que variavam entre preços fixos e donativos, era bem parecido com outros jornais operários de outras regiões, principalmente dos primeiros periódicos do movimento operário no Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, fazendo claras referências ao anarquismo como dos autores Piotr Kropotkin e Élisée Reclus e incentivando a ação direta em detrimento da social-democracia.⁴⁸⁴

Os militantes envolvidos com *A Lucta Social*, como Tércio Miranda, Joaquim Aspilicueta, Antônio Dias Martins, Ananias Linhares da Silva e Domingo Batista Guedes - portugueses e brasileiros – concordavam com a estratégia do sindicalismo revolucionário e estiveram na dianteira do Grupo Aurora Social, da União Geral dos Trabalhadores do Norte e da Federação Sindicalista. Nesse sentido, para Teles,

muitos militantes de outros estados que participaram do 2º Congresso Operário Brasileiro devem ter retornado aos seus universos locais convictos da necessidade de lutar pela emancipação operária, não medindo esforços para organizar os trabalhadores em associações, fundar jornais a fim de defender seus projetos e buscar uma articulação de caráter internacional. Assim, possivelmente foi com esse espírito que Tércio Miranda, na qualidade de delegado especial da C.O.B., atuou no Amazonas a partir de 1912/1913.⁴⁸⁵

O biógrafo de Tércio Miranda e também estudioso do grupo em torno de *A Lucta Social* nos dá indícios que, apesar do anarquismo e do sindicalismo revolucionário não serem hegemônicos na cidade ou forte em relação a outras regiões, marcavam presença em cidades e estados longínquos do foco primário do anarquismo, o que poderia garantir força à família política libertária no país, fortalecendo suas redes como almejavam no período. Esse caráter pode ser medido nos números posteriores de *A Voz do Trabalhador* no Rio de Janeiro e depois em *A Plebe*, no qual a região de Manaus aparecia como apoiador de tais órgãos, fato que fortificava tanto esses grupos,

483 TELES, Luciano Everton Costa. *Op.cit.*, p.115.

484 Ver TELES, Luciano Everton Costa. —A Lucta Social e a existência de um rede anarquista regional: Tércio Miranda (AM) e Antônio Carvalho (PA), 1914. | *Revista Piauiense de História Social e do Trabalho*, v. 2, p. 6-15, 2016.

485 Idem. p.10-11.

como também garantiu sucesso em eventos grevistas e manifestações de caráter anarquista em Manaus.⁴⁸⁶

Tanto as resoluções do Segundo Congresso Operário Brasileiro e sua tentativa de alcance nacional, mas principalmente as propagandas antimilitaristas e os resultados da greve geral de 1917 e da Insurreição Anarquista em 1918 no Rio de Janeiro que iremos nos ater adiante, continuaram fortificando o movimento operário em várias partes do Brasil, mesmo com o acirramento da repressão. Nesse sentido, em 1919, o periódico *A Tribuna do Povo* de Recife, em Pernambuco, publicava:

Os opressores do capitalismo estão dando largas aos seus sanguinários propósitos contra nossos camaradas sindicalistas do interior. Passemos a narrar os graves acontecimentos que se vêm desenrolando na usina Cucaú, onde é “Senhor Deus Onipotente” o senador José Rufino que por uma ironia contrastante, quer se fazer governador deste Estado. O gerente daquela fábrica, engenheiro Gereino de Pontes, danado com o operariado local por haver se associado ao sindicato de Ribeirão começou a desenvolver a maior perseguição aos nossos companheiros dali. [...] A resposta dada pelo Gereino foi mandar aliciar cangaceiros armados de rifles e expulsar vários operários tidos como cabeças do movimento reivindicador.⁴⁸⁷

A citação nos mostra uma prática recorrente em muitos estados do Brasil no período, a violência das redes e do poder oligárquico que, mesmo quando não amparadas diretamente no poder do Estado, tentavam reprimir de maneira brutal o movimento operário, no caso em uma região interiorana de Pernambuco. Ainda assim, como é possível perceber, mesmo em áreas ainda não marcadas pela forte industrialização, como na capital desse estado, havia tentativas de organização sindicais, nesse caso, com presença da ação direta e da prática do sindicalismo revolucionário. Para Tamira Combrink, a chegada do anarquismo em Pernambuco, principalmente nas áreas mais rurais, lutando pela jornada de 8 horas de trabalho, era possível primeiramente devido às transformações da segunda década do século XX na região, que substituiu a produção açucareira baseado na mão de obra escrava por camponeses e moradores, pela presença da agroindústria com grandes usinas que, em períodos de

486 Ver TELES, Luciano Everton Costa. *A Vida Operária em Manaus: Imprensa e Mundos do Trabalho* (1920). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas – Manaus, 2008.

487 “Na Usina Cucaú. Perseguição aos sindicalistas. Tentativa de assassinato de um dos nossos companheiros da Tribuna.” *Tribuna do Povo* (Recife), 30 de agosto de 1919. p.4.

grande safra, usavam esses trabalhadores, transformando-os também em operários, um tipo misto e precarizado de funções. Além disso, havia o crescimento do comércio, de estradas, da presença de artesãos e trabalhadores gráficos fazendo a mobilidade dos trabalhadores crescerem, especialmente chocando a tradição mutualista ou a resistência de ex-escravizados com ideias socialistas, anarquistas, sindicalistas ou republicanas.⁴⁸⁸ Nesse sentido, a população de Pernambuco que tinha quase 850 mil habitantes em 1872, chegaria a quase 1.600.000 em 1912, recebendo até cerca de 1900, 155.000 estrangeiros.⁴⁸⁹

Além das possibilidades socioeconômicas, militantes anarquistas, como estamos acompanhando, almejavam a introdução de suas práticas e ideias em diversas regiões do país - em áreas rurais e industriais - fato que foi impulsionado com o contato de militantes locais ou de visitantes ligados à Confederação Operária Brasileira após o Segundo Congresso Operário. Cabe citar que essa região havia tido contato com a COB desde o nascimento da entidade e, nesse sentido, para o historiador Frederico Duarte Bartz, militantes

tentavam organizar os trabalhadores pernambucanos através dos princípios do sindicalismo revolucionário. Para esse fim, fundaram a Federação de Resistência das Classes Trabalhadoras. Nessa tarefa, os militantes libertários combatiam a influência dos socialistas organizados na Confederação Operária de Pernambuco (COP), que tinha uma política de colaboração com o governo estadual.⁴⁹⁰

Combatendo os socialistas ligados à social-democracia e do reformismo já atuantes no estado, os aderentes da estratégia do sindicalismo revolucionário, tencionaram inúmeras greves e reivindicações na região exigindo, além da diminuição de horas de trabalho, a equiparação entre os salários de homens e mulheres. É necessário citar que a região, devido à tradição de lutas nativistas, aproximava

488 Ver COMBRINK, Tamira. O anarquismo nas usinas: raízes do sindicalismo em Pernambuco no começo do século XX. *Cadernos de História UFPE*, vol.6, num.6, 2009, p.1-11.

489 Ver “População do Brasil por estados (1872, 1890, 1900, 1910).” IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/populacao.html>. Acesso: 03/2018.

490 Ver BARTZ, Frederico Duarte. Reformistas e revolucionários: as lutas internas do movimento operário pernambucano e a formação do Grupo Comunista de Recife (1917-1922). In: OLIVEIRA, Tiago Bernardon (Org.). *Trabalho e trabalhadores no Nordeste: análises e perspectivas de pesquisas históricas em Alagoas, Pernambuco e Paraíba*. 1ed.Campina Grande: EDUEPB, 2015, v. , p. 113-140.

intelectuais e letrados à classe trabalhadora, o que fazia com que fosse possível a escrita de periódicos num estado ainda mais iletrado.⁴⁹¹

Evidentemente, esses militantes (intelectuais ou trabalhadores) foram recebidos pela violência repressiva do Estado e dos chefes oligárquicos, também enfrentando a queda de sindicalização devido aos efeitos da Primeira Guerra Mundial. Mesmo assim, suas redes e contatos anarquistas com outras cidades e estados continuavam ativos fazendo com que, entre 1917 e 1919, os grandes eventos grevistas fossem reverberados na região. Esse fator, junto ao avanço da Revolução Russa, fez com que, em 1918, anarquistas voltassem à tona, principalmente em Recife, com a criação do periódico *A Tribuna do Povo*, pelo militante anarquista, nascido no Ceará, Antônio Bernardo Canellas. O órgão, com quatro páginas e simples em seu cabeçalho e colunas, contendo poucas imagens, apesar de não existir muitas informações de sua tiragem, impressão ou divulgação, provavelmente foi bem influente no movimento operário de Pernambuco já que

No dia 10 de julho, [...] apareceu como órgão da Sociedade União dos Estivadores de Pernambuco; no dia 20 desse mesmo mês, ligou-se à representação da União de Resistência dos Trabalhadores em Armazém e Carregadores; no dia 10 de agosto, da União dos Fundadores e Agulheiros; no dia 20, da União dos Carvoeiros. O jornal, que defendia o sindicalismo revolucionário e o anarquismo, havia se tornado um ponto importante de agregação dos trabalhadores organizados na capital pernambucana. Essa reorganização resultou na refundação da Federação de Resistência das Classes Trabalhadoras de Pernambuco, de orientação sindicalista, cujas bases de acordo foram publicadas dia 20 de novembro, e no dia 1º de dezembro.⁴⁹²

O periódico tinha influência em associações em Alagoas e na Paraíba, além de noticiar eventos dessas regiões. Além disso, mantinha redes em regiões mais longínquas, citando e divulgando, por exemplo, o periódico *Spartacus* do Rio de Janeiro e *A Plebe* em São Paulo, além de mostrar o internacionalismo aos trabalhadores da região, divulgando informações do movimento operário da Itália, França, Portugal, Espanha, Inglaterra, Canadá e Irlanda. Nesse último sentido, o periódico tentava mostrar os ganhos de outras localidades, principalmente do leste europeu e do processo

491 Idem. p.126-127.

492 Idem. p.116.

revolucionário, tentando unir o internacionalismo operário com os ganhos locais e nacionais, ao mesmo tempo tentando combater à Grande Guerra, citando que “a revolução acelera, apenas, a obra da evolução”, conjurando ainda, portanto, ideários iluministas para se justificarem perante a intelectualidade do período. No entanto, também revelavam suas agências ao mostrar que “não é possível deferir o movimento libertador, que nos há de integrar o comunismo. Esta é nossa meta; este fará de todos os homens entidades econômicas iguais.”⁴⁹³

Cabe notar ainda que, além dos novos núcleos anarquistas em algumas regiões onde essa ideologia ainda não aparecia ou não tinha expressão, tivemos reformulações na própria composição de grupos libertários no país, assim como o nascimento de demandas que preenchiam lacunas na corrente política anarquista no quesito de suas lutas além do nível econômico ou das “entidades econômicas iguais”, como citado anteriormente. Nesse sentido, a COB, por meio de *A Voz do Trabalhador* fazia apelos para que cessassem os atritos étnicos ou discursos racistas ou intolerantes das entidades ligadas ao organismo, defendendo que “o que mais acirradamente devemos combater são: os preconceitos de raças, principalmente etiópica, de religião e de pátria”⁴⁹⁴, fato que favorecia e também era resposta a sua ampliação no país.

No período, é necessário notar também a criação de grupos anarquistas femininos ou da forte presença de mulheres militantes e ativistas nos grupos libertários já constituídos, que ajudaram o anarquismo a se expandir em boa parte da classe trabalhadora, já que as mulheres, em muitos estados, representavam quase metade da força de trabalho, sem contar as trabalhadoras dos lares, também importantes.⁴⁹⁵ É claro que desde o início da disseminação do anarquismo no país, os militantes tentavam agregar as mulheres às lutas contra a formação do Estado Nacional e o sistema econômico vigente, mas pouco faziam ainda para criticar a própria posição da mulher na família ou de sua posição em relação ao homem, provavelmente pela própria predominância de elementos masculinos no grupos libertários, envolvidos ainda com seus privilégios de gênero. Vindo preencher essa lacuna, as próprias mulheres ao aderirem ao anarquismo foram responsáveis pela reformulação desses preceitos na corrente libertário no país. Desde o início da disseminação do anarquismo no país, já

⁴⁹³ “A necessidade da Revolução.” *A Tribuna Do Povo* (Recife), 5 de julho de 1919. p.3

⁴⁹⁴ *A Voz do Trabalhador* (Rio de Janeiro), 15 de dezembro de 1913. p.1.

⁴⁹⁵ Ver RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

havia mulheres compondo o anarquismo, como Matilde Magrassi, redatora do periódico *O Amigo do Povo*, e de greves por demandas de conflitos envolvendo questões femininas como a de 1902 na Fábrica de Tecidos Anhaia em São Paulo após a demissão da trabalhadora Emma Sartorelli junto às denúncias de maus tratos e abusos sexuais dos chefes industriais dessa localidade.⁴⁹⁶ Mas foi no período da Primeira Guerra Mundial que um dos principais grupos anarquistas encabeçados por mulheres foi criado, o Centro Feminino Jovens Idealistas de São Paulo que contava com militantes de relevo no movimento no operário como Isabel Cerruti, Maria Valeska e Emma Mennoch.⁴⁹⁷ O órgão proposto reunia mulheres para debaterem suas demandas específicas de gênero, assim como incentivar a instrução e atuação da população feminina operária:

Considerando que a emancipação da mulher constitui uma necessidade para a liberdade dos povos e que essa emancipação só se conseguirá mediante a instrução racional e científica e pela luta consciente em prol dos seus direitos e reivindicações, este Centro propõe: 1º - Reunir em seu seio o maior número possível de pessoas do sexo feminino; 2º - Manter nas mais estreitas e amistosas relações com todas as pessoas que tenham aspirações de liberdade e com as instituições cujos fins tendam à emancipação da Humanidade; 3º - Trabalhar no sentido de instituir e educar as mulheres para assim elevar-lhes o caráter e torná-las apta a conquistar a sua emancipação; Para este fim empregará os seguintes meios: a)- Criar escolas gratuitas para as jovens e meninas que desejem instruir-se; b)- Fundar bibliotecas, editar publicações de propaganda de educação e regeneração social; c)- Organizar conferências, festivais instrutivos e recreativos, etc.; 4º - Combater todos os males sociais assim como as causas que as originam, e aderir a todas as iniciativas que tiverem esse fim.⁴⁹⁸

Vendo que era necessária a organização das mulheres e de órgãos para cuidarem de suas demandas de gênero, o Centro Feminino Jovens Idealistas tentava também se anexar aos eventos e órgãos operários inflamando progressivamente um

⁴⁹⁶ Ver MENDES, Samanta Colhado. Anarquismo e feminismo: as mulheres libertárias no Brasil (1900-1930). In: SANTOS, Kauan Willian dos; SILVA, Rafael Viana da (Orgs.). *História do Anarquismo e do Sindicalismo de Intenção Revolucionária no Brasil: Novas Perspectivas*. Curitiba: Editora Prismas, 2018. p.173-206.

⁴⁹⁷ Ver SANTOS, Kauan Willian dos. *Op.cit.*, 2016. p.108-111.

⁴⁹⁸ “Bases de Acordo do Centro Feminino Jovens Idealistas”. In: OLIVEIRA, Antoniette. *(Des) fazer-se, (Re) viver... a (des)continuidade das organizações anarquistas na Primeira República*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2001. p.153.

caráter revolucionário, como em sua participação no Congresso Internacional da Paz em 1915 e sua associação com os sindicatos presentes no evento sob caráter transnacional, ou de sua presença no Comitê de Defesa Proletário nos eventos da Greve Geral de 1917. Os militantes anarquistas em torno de *A Plebe* em São Paulo também acharam essencial a participação desse grupo na formação de seu jornal e no encaminhamento de suas discussões pela libertação conjunta de homens e mulheres.⁴⁹⁹ A militante Isabel Cerruti tentava mostrar que além da importância em reunir mulheres para debaterem problemas específicos, depois disso - visando a luta material e o embate contra o sistema político vigente - era necessária a união de ambos os gêneros dentro do filtro de classe:

A emancipação da mulher não está na igualdade desta perante o homem, nas prerrogativas políticas, de mando e de trabalho, mas sim na emancipação da humanidade da tutela política e na igualdade econômica e social de todo gênero humano. [...] Igualá-la aos homens é ficar onde estamos. Nós devemos lutar ao seu lado e junto aos homens para que a emancipação da mulher seja um fato, não para a mulher, ou para o homem, mas para todas as pessoas (inclusive crianças e adolescentes) para a humanidade, porque os dois sexos se integram e se completam.⁵⁰⁰

Mais do que garantir a igualdade da mulher e homem perante as leis, a luta das mulheres, para a agente, deveria se ocupar também das atividades que envolviam a transformação da realidade, trazendo homens como aliados, quando necessário, para a destruição de qualquer ideário, além da esfera política e econômica, que pudesse reproduzir alguma forma de desigualdade entre o gênero humano como um todo. Não obstante, o que dava consistência para o grupo no período e que foi o principal motivo de sua ascensão e influência no movimento operário na cidade, foram as campanhas antimilitaristas, onde tal órgão tinha posição de destaque. Elencando que tal ideário fazia parte de alguns grupos progressistas, assim como era típico do anarquismo havia alguns anos, e tentando mostrar que tal evento era resultado ainda da ordem social e política estabelecida, os redatores do jornal tentavam desconstruir as pretensões

⁴⁹⁹ Ver MENDES, Samanta Colhado. *As mulheres anarquistas na cidade de São Paulo (1889-1930)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista, Franca – São Paulo, 2010.

⁵⁰⁰ “Discurso de inauguração (Centro Feminino de Educação)”. In: MENDES, Samanta Colhado. *Op.cit.*, p.209.

militares e nacionalistas que poderiam estar presentes entre os trabalhadores e grupos subalternos:

O soldado é do povo e com o povo sofre as consequências da má organização social. Vemo-lo no comprimento de suas tristes atribuições, obediente e submisso, sofrer os rigores das intemperes enquanto no seu lar a miséria domina, mantendo seus filhos mal educados e faltos na necessária educação. [...] Urge intensificar a propaganda libertadora entre os que vestem farda, sendo de grande proveito à organização de grupos, com o fim de, por meio de modicas contribuições mensais, fazer no seu meio larga e constante distribuição das nossas publicações. Se assim se proceder, conseguiremos formar uma consciência livre no soldado, apressando a vitória de nossas aspirações. Só então nos veremos livre, desta atmosfera de vilanias, de opressão e de crime em que nos mantém o capitalismo, estabelecendo um regime de felicidade para todos.⁵⁰¹

Uma das campanhas das militantes, portanto, era tentar desconstruir o ideário militarista entre os próprios oficiais, mostrando que a defesa da guerra e a do nacionalismo faziam parte de planos de outros grupos, em torno das classes abastadas e do estado. Para os anarquistas que aderiram essa tática, ao contrário de ser um oponente, o trabalhador fardado também estava sendo explorado por interesses contrários à sua condição e suas necessidades. Entre as principais personagens envolvidas com essa preocupação estava a citada anarquista Isabel Cerruti que, pelo que tudo indica, acompanhou o processo migratório junto com sua família, certamente italiana, a julgar pelo seu nome, se instalando na cidade de São Paulo pelas razões de trabalho no início do século XX. Na da década de 1910 é possível observar sua associação com jornais assíduos da estratégia organizacionista do anarquismo, como sua passagem no órgão *A Terra Livre* e posteriormente sua importante participação em *A Plebe*. Outra preocupação da militante e que deixava seu órgão e sua atuação particular em destaque bem como contribuía para a influência do anarquismo no movimento operário eram as denúncias às atitudes repressivas, com filtro particular também na questão feminina nesse aspecto. Após as negociações diretas entre patrões e militantes e o fim da Greve Geral de 1917 em São Paulo, a repressão continuava nos meses seguintes, e, em

⁵⁰¹ CERRUTI, Isabel. “A propósito da atitude do grande órgão?”. *A Plebe* (São Paulo), 4 de agosto de 1917, p.2.

setembro, o Centro Feminino Jovens Idealistas e outras organizações por meio de *A Plebe* denunciavam as atitudes consideradas arbitrárias:

Fazemos então constar o nosso veemente protesto contra as arbitrariedades da polícia que, em sua sanha bestial, desconhece até o respeito devido ao pudor natural de mulheres honradas a quem a polícia insultou, penetrando altas horas da noite em seus aposentos e arrancando-lhes a roupa com que se cobriam. A ação da polícia, praticando essas monstruosidades, foi tão covarde, tão infame, tão suja que não achamos palavras capazes de exprimir nossa indignação. [...] O Centro Feminino Jovens Idealistas do qual fazem parte algumas parentas dos operários presos e escolhidos pela polícia, para servirem de vítimas, nos quais possa saciar o ódio que contra o povo nutre, só pede aos trabalhadores de S. Paulo, por enquanto, uma coisa: que permaneçam unidos e firmes no seu propósito de fazer imperar a Liberdade e a Justiça, e de estarem atentos à primeira voz de alarme.⁵⁰²

As invasões às casas, nas quais a polícia procurava os militantes e participantes das greves, eram denunciadas, revelando não só o fato em si, mas o desrespeito e o tratamento a que as moradoras, no caso citado as mulheres, eram submetidas nessa abordagem. O trecho também revela que algumas mulheres dessa associação se queixavam de ter seus conhecidos e companheiros presos de forma “escolhida”, ou seja, sem uma acusação com provas concretas. Não obstante, percebemos no período, que essa atuação em denunciar tais atitudes inflamavam órgãos e grupos para combaterem essa condição, como também para continuarem a obra que acreditavam ser revolucionária. Associações de classe ou política foram criadas com referências a essas atuações e uma das mais relevantes, citando ainda órgãos femininos, foi criado em 1918 no Rio de Janeiro com o nome de Grupo pela Emancipação Feminina e, em 1919, a União das Costureiras composta por Elvira Boni, Eliza Gonçalves de Oliveira, Aída Morais, Isabel Peleteiro e Noêmia Lopes – militantes socialistas, anarquistas e sindicalistas – responsáveis por uma greve entre a categoria vitoriosa pelas oito horas de trabalho diárias.⁵⁰³ Nesse caso, o que alavancava o grupo, além de suas importantes demandas de gênero, era a união em prol do bolchevismo ou da propaganda do avanço da Revolução Russa. Nesse sentido, inclusive, tentavam mostrar a importância de

⁵⁰² “Manifesto do Centro Feminino Jovens Idealistas ao povo trabalhador de S. Paulo.” *A Plebe* (São Paulo), 22 de setembro de 1917. p.2.

⁵⁰³ Ver MENNDES, Samanta Colhado. *Op.cit.*, 2018. p.175-177.

personagens femininas no processo soviético, dando potência tanto as suas demandas de gênero, quanto para o discurso e prática em prol do bolchevismo:



ROSA LUXEMBURGO, a gloriosa martir, cujo sacrificio os spartacistas tratam agora de vingar, escurraçando a corja social-democratica e Imperia- lista que a mandou matar.

(*A Plebe* (São Paulo), 20 de março de 1920. p.2.)

A imagem da militante e teórica marxista, Rosa Luxemburgo, publicada no periódico *A Plebe*, evidencia como anarquistas estavam enxergando e reformulando muitos de seus preceitos nesse período. Desse modo vemos que, tanto nos grupos anarquistas criados ou potencializados, seja no quesito da localidade ou mesmo na reformulação de preceitos incluindo as demandas de gênero, o caráter em estar entre os eventos da Primeira Guerra Mundial ou da Revolução Russa, assim como tentar mediar esse processo revolucionário internacional à realidade nacional e local, combatendo também a repressão desse período foi constante no país e reformulou muitas de suas estratégias e táticas; inclusive foi importante para disseminá-lo ou mantê-lo em suas

regiões de presença mais marcante. Esse processo será examinado com mais cuidado nos próximos tópicos.

III-II. “Paz entre nós, guerra aos senhores”: anarquistas frente à Primeira Guerra Mundial entre o ideário nacional e o internacionalismo

“Para os trabalhadores de todos os países, austríacos ou turcos, franceses ou russos, saxões ou ibéricos, negros ou brancos - trabalhadores, nossos irmãos: escutem!” (*Guerra Sociale*)⁵⁰⁴

“Paz entre nós, guerra aos senhores. Façamos greve de soldados. Somos irmãos, trabalhadores e trabalhadoras.” (A Internacional, Eugene Pottier)⁵⁰⁵

Em 1913 o principal grupo de anarquistas italianos na cidade de São Paulo, entre eles Alessandro Cerchiai, Angelo Bandoni e Gigi Damiani, se empenharam para a publicação do jornal *La propaganda Libertaria*, iniciado em 12 de julho, contendo quatro páginas em suas edições, com poucas imagens, mas com muitas colunas e textos. O jornal, tentado ser semanal, era impresso na Rua Assunção nº36, aceitava subscrições anuais de 5\$000 e teve uma breve experiência de dois anos, sofrendo diversas interrupções e dificuldades de se manter financeiramente, mostrando uma queda evidente de leitores em comparação com outros jornais nos quais o grupo estava envolvido, como o *La Battaglia*. Como apontado, os personagens ligados ao periódico estavam sendo influenciados pelo contexto da grande repressão econômica e também pelo refluxo do movimento operário no período, o que pode ter contribuído para a vida curta do jornal. Não obstante, tais militantes e ativistas, como é possível observar nas linhas do seu novo órgão, usavam ainda posições da estratégia antiorganizacionista e das táticas antissindicalistas tentando alcançar ainda trabalhadores além dos ambientes industriais, pois para estes

a questão não é saber se o sindicalismo pode ou deve proclamar-se anarquista. [...] A verdadeira questão é saber se eles devem ou não, os anarquistas, castrar-se para os belos olhos de sindicalismo. [...] ninguém nega a razão e a legitimidade da força do movimento operário. O que eu nego e

⁵⁰⁴ *Guerra Sociale* (São Paulo), 1 de maio de 1916. Tradução nossa.

⁵⁰⁵ “A Internacional” (letra de Eugene Pottier (1871), versão portuguesa do hino por Neno Vasco.) *Revista Utopia*. Rio de Janeiro, 1990.

que muitos dos nossos camaradas rejeitam, é que o anarquista deve calar a boca porque um próspero movimento, que não é o seu próprio, declara que se abstenha a priori de considerar a doutrina anarquista, no cumprimento das suas agitações. Eu acho isso: os anarquistas, onde quer que eles vão, devem fazer valer as suas opiniões, exercer a sua proclamação crítica como sua peça ideal, não importando se a palavra é perturbar-lhes o bom desempenho das greves de categoria [...].⁵⁰⁶

Céticos em relação ao sindicalismo, mas abertos às possíveis críticas e discussões, o referido grupo, pela própria condição emergente, tentava atuar também em diversos organismos e círculos militantes, mesmo que assinalando suas considerações contundentes. Em várias empreitadas, como na tentativa da reanimação da COB, era destacada sua atuação e associação com outros grupos como o Centro Socialista Internacional, que tentava reunir os diversos grupos anarquistas, e com os redatores de *A Lanterna*, incentivando movimentos classistas e internacionalistas.⁵⁰⁷ Mesmo assim, sentiam a apatia do movimento operário, mesmo nos sindicatos e fora dele, e buscando entender os motivos desse cenário, reafirmavam veemente sua busca pelos eventos e debates socialistas, sindicalistas e anarquistas - internacionais e locais - no qual começavam a tentar mediar estas duas instâncias:

Eis a grandiosidade do programa dos revolucionários mexicanos, que, ao fundo, é bem o programa dos anarquistas de todo o mundo! [...] Enquanto dezenas e dezenas de milhares de homens e mulheres põem em prática as ideias que animam a revolução, outras dezenas e dezenas de milhares de pessoas continuam a percorrer todos os cantos do México para propagar e proclamar bem alto os princípios de *Terra e Liberdade para Todos!*⁵⁰⁸

Além de tentar trazer eventos internacionais para a possível mobilização e ação dos militantes e dos trabalhadores na cidade, a propaganda também começou a ser dirigida contra os conflitos nacionais em outros países que, além de ocasionarem grandes danos às classes baixas, para os redatores, “o início das guerras dos estados

⁵⁰⁶ DAMIANI, Gigi. “Contro L’equivocazione sindacaiula”. *La Propaganda Libertaria* (São Paulo), 5 de outubro de 1913. p.3. Tradução nossa.

⁵⁰⁷ SANTOS, Kauan Willian dos. *Op.cit.*, 2016. p.82-101.

⁵⁰⁸ MÁSCULO, Luca. “A Revolução Mexicana”. *La Propaganda Libertaria* (São Paulo), 15 de novembro de 1913. p.4. Tradução nossa.

balcânicos contra a Turquia”⁵⁰⁹ marcaria o poder dos Estados Nacionais ligados aos detentores dos meios de produção já que esses últimos seriam “acionistas das grandes fábricas de armas e munições, bem como fornecedores dos exércitos e dinheiro.”⁵¹⁰ Os redatores ainda continuavam explicitando incisivamente os problemas nas regiões balcânicas, evidenciando os abusos dos danos estruturais ou supostamente morais, que os conflitos causavam nas populações.⁵¹¹ Ao fazerem referência a outros grupos anarquistas e à teoria, assinalavam sua posição contrária à guerra e antimilitarista:

Mau grado os hinos patrióticos, os arroubos da eloquência nacionalista, e os entusiasmos cívicos, percebe-se entre a bruma dessa propaganda, aparentemente desinteressada, o fato real e sensível que nos demonstra ser o exército uma instituição ao serviço dos grandes capitalistas, servindo de garantia à exploração e à expropriação por eles exercida de uma forma desenfreada, repelindo, à baioneta e à bala, as reclamações dos explorados. [...] Lutemos titanicamente em prol da vitória da nossa causa, que é a causa da liberdade, da justiça e da civilização.⁵¹²

É interessante perceber que, na década passada, esse mesmo grupo apresentava, mesmo inconscientes, posições etnocêntricas muito fortes e estava ligado às suas redes étnicas transnacionais italianas, reverberando muitos dos interesses de sua comunidade, ainda que se imbricasse com os projetos anarquistas e internacionalistas e garantisse a expansão desse projeto político entre a classe trabalhadora imigrante italiana. Mas foi exatamente por isso que sua observação desde o início dos conflitos balcânicos, que eram enviados pelos grupos anarquistas do mediterrâneo, ou imigrantes anarquistas italianos na Europa e nas Américas⁵¹³, aflorassem seus ideários

⁵⁰⁹ “L’indipendenza delle nazioni”. *La Propaganda Libertaria* (São Paulo), 12 de julho de 1913. p.2. Tradução nossa.

⁵¹⁰ Idem.

⁵¹¹ O conflito mencionado se referia à formação da Liga Balcânica pela Grécia, Sérvia, Bulgária e Montenegro, que discursava reivindicando melhor tratamento aos cristãos na Macedônia turca, porém com objetivo claro de conquista territorial, contra a Turquia, alvo também, nesse processo, da Itália. Para adentrar o evento ver HOBSBAWM, Eric. *Era dos Impérios: 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 417-452.

⁵¹² SOARES, Primitivo. “O sorteio militar obrigatório”. *Guerra Sociale* (São Paulo), 20 de setembro de 1916. p.3.

⁵¹³ Os grupos que eram influenciados sobretudo por Malatesta foram os que mais reafirmaram suas posições antimilitaristas e contrários ao apoio de qualquer lado na eclosão da Primeira Guerra Mundial dentro da família política anarquista em contraposição aos grupos influenciados por Kropotkin com seu apoio tático aos Aliados. Para adentrar o debate ver ADDAMS, Matthew; KINNA, Ruth (Orgs.). *Anarchism 1914-18: Internationalism, Anti-Militarism and War*. Manchester: Manchester University Press, 2017. 1-29.

internacionalistas e antinacionalistas, a qual um dos seus redatores, Gigi Damiani, havia treinado ainda melhor em sua passagem em Curitiba, como vimos.⁵¹⁴

Esses fatores fizeram com que, na eclosão da Primeira Guerra Mundial, tal grupo estivesse atento ao desenrolar do evento. Em 1915, novamente reformulando suas táticas, o grupo lançou um novo jornal intitulado *La Guerra Sociale*, passado posteriormente apenas para *Guerra Sociale*, ainda contendo quatro páginas e conseguindo, dessa vez, ter regularidade semanal ou quinzenal, aceitando donativos voluntários ou subscrições anuais de 5\$000 ou semestrais de 3\$000. Com a direção de Angelo Bandoni, sendo impresso em lugar não divulgado, tinha chamadas maiores e textos mais incisivos e menores e assumia posições que o grupo em questão havia levado desde o início de suas trajetórias, como a preparação para a revolução anticapitalista, contrários igualmente à exploração nas fábricas – deixando um pouco o campo - e aos poderes estatais. Para estes personagens inflamarem tais posições, a Grande Guerra era o cenário que explicitaria as evocações nacionalistas e militaristas que provinham dos “interesses do capital: a rivalidade, o apetite dos diferentes grupos financeiros, o expansionismo colonial, o estatismo, o nacionalismo, todas as suas instituições e toda a sua moral, com base na violência [...]”, todos esses que não eram uma “maldição de um deus maligno, agora cínico e feroz, mas de uma ordem social.”⁵¹⁵ Interpretando que os embates de caráter nacionalista provinham dos projetos ligados aos grupos detentores dos meios de produção industrial que influenciavam os rumos políticos, os envolvidos com a fundação do jornal, majoritariamente provindos das regiões italianas, começaram a tensionar a posição etnocêntrica que alguns militantes, anos antes, haviam apresentado. Sobre outra campanha, o jornal mostrava:

[...] nós vivemos sob uma parte da terra a que chamamos de Brasil, que possui um presidente, ministros, deputados, empregados e soldados. Pois bem, é vizinho dele um outro país chamado Argentina, que por sua vez também possui um presidente, ministros, deputados, empregados e soldados, é vizinho deste um outro chamado Chile, vizinho deste outro chamado Perú, etc., etc., que são partes componentes da América e do mundo – em todos estes países vivem homens formados igualmente a nós, com um nariz, uma

⁵¹⁴ Ver BIONDI, Luigi. Na construção de uma biografia anarquista: os últimos anos de Gigi Damiani no Brasil. DEMINICIS, Rafael Borges; FILHO, Daniel Aarão Reis. *História do Anarquismo no Brasil (volume 1)*. Niterói: Mauad-X/ EdUFF, 2006. p.159-181.

⁵¹⁵ “Per la nostra guerra e per la nostra pace.” *Guerra Sociale*, 20 de setembro de 1916. p.1. Tradução nossa.

boca, olhos e orelhas, homens que não nos conhecem e não nos querem fazer mal, e aos quais, por nossa vez, não desejamos mal.⁵¹⁶

Muito mais do que propagar apenas um suposto valor de igualdade no nível discursivo como era feito, a forte retomada do internacionalismo reformulado com a Primeira Guerra Mundial, resultou novamente na busca de elementos históricos que poderiam comprovar os motivos dessas desigualdades entre grupos diferentes, desde que dentro de uma “ordem social”:

As aspirações que animaram os combatentes pela extinção da escravatura dos homens de cor foram grandes e generosas, mas, em realidade a maldita escravidão das massas proletárias ainda não foi abolida. Com efeito, os homens de cor continuam a ser considerados como escravos, como bestas. Hoje diz-se entre a gente burguesa “quem escapou de branco é preto e preto não é gente”. O ódio da raça perdura em toda a sua intensidade, voltando-se aos homens de cor o mais profundo desprezo. E não somente os ex-negreiros, os padres e os funcionários públicos declaram que os homens de cor não têm espírito ou inteligência, mas até os pseudocientistas sustentam que a raça negra e a mestiça constituem espécies ou variedades incapazes de evoluir. Neste rol são também compreendidos os indígenas, habitantes dos sertões, os quais são vítimas da ferocidade dos negreiros nacionais ou estrangeiros, tipos sem entranhas, que com o auxílio dos capangas e das forças legais massacram essa pobre gente [...].⁵¹⁷

Ao contrário de negligenciar as lutas abolicionistas como alguns grupos anarquistas italianos fizeram no século passado na cidade, os personagens em torno do *Guerra Sociale*, as evocavam como “grandes e generosas”, mas tentavam mostrar que a posição de escravizado, sob a forma de racismo, acometia ainda o país. Nesse sentido, é interessante perceber que esses personagens entendiam que pensamentos e práticas racistas eram compartilhados por boa parte da população, destacando as classes médias e altas, mas que provinha de diversas esferas de dominação, como o cultural e ideológico além do econômico. Nesse caso, esses anarquistas tentavam mudar o discurso que afirmava que todas as classes eram supostamente igualmente escravizadas - uma retórica de encorpar a classe trabalhadora, mas que diluía ou ignorava os seus conflitos

⁵¹⁶ “A’s mãis”. *Guerra Sociale* (São Paulo), 1 de maio de 1916. p.2.

⁵¹⁷ “13 de Maio: aos escravos modernos.” *Guerra Sociale* (São Paulo), 20 de maio de 1916. p.3.

raciais e étnicos existentes. A tática, ainda apostava na destruição completa dos grupos detentores dos meios de produção e da classe política - o resultado era o mesmo - mas reconhecia a debilidade dos ex-escravizados e indígenas, mostrando qual era a classe social supostamente responsável por tal situação. Tanto a situação dos trabalhadores imigrantes ou nacionais quanto os conflitos nacionais, sublinhado pelo jornal, eram atribuídos à burguesia e aos representantes do estado que, para eles,

vivem da mentira, do crime da exploração e da violência, escravizando barbaramente as classes laboriosas, roubando iniquamente o produto do nosso trabalho, detentando a terra e os outros instrumentos de produção, os quais constituem o patrimônio da humanidade. [...] Escravos modernos trabalhadores, somos os mais uteis, constituímos pelo número e pelo valor a verdadeira humanidade. É chegada a hora de iniciar uma nova cruzada redentora. Surjam pois os novos campeões, os novos propagandistas da abolição – do regime capitalista, do Estado e de todas as iniquidades sociais [...].⁵¹⁸

Os anarquistas do periódico *Guerra Sociale* tentavam mostrar as conexões entre o fim da escravidão e da formação da classe trabalhadora, a quem chamavam de “escravos modernos”, ainda assim reconhecendo que existiam diferenças dentro da própria classe e, por isso, além da exploração econômica, as atividades que os anarquistas proclamavam acabariam com todas as “iniquidades sociais.” Vale citar que essa tática também era usada por muitos grupos que anteriormente eram abolicionistas ou de resistência negra e que mais tarde se tornaram associações sindicalistas. O historiador Marcelo Badaró Mattos, nesse sentido, acompanhou a trajetória do militante João de Mattos e da Sociedade Protetora dos Empregadores em Padaria e constatou que, muitos agentes que lutaram pelo fim da escravidão desenvolveram posteriormente um ideário de -luta pela liberdade continuada pela luta operária construído pela “decepção com o Estado Republicano; consciência da oposição de interesses de classe entre patrões e empregados e a necessidade da ação coletiva organizada.”⁵¹⁹

Não temos evidências que mostram o contato do periódico *Guerra Sociale* com algum personagem negro ou indígena, ou mesmo um grupo ou associação que contasse com uma tradição de luta abolicionista como a citada, nem mesmo a inclinação ou

518 *Idem.* p.3-4.

519 MATTOS, Marcelo Badaró. *Op.cit.*, 2008. p.221.

procura desses por parte dos redatores. Não obstante, reconhecendo que havia diferenças históricas e sociais que deveriam ser superadas levando em conta necessidades especiais de cada grupo étnico, e que era ainda preciso unificar a classe produtora ou oprimida entre suas diferentes demandas, já que tais pensamentos de segregação seriam instrumentalizados pela classe dominante com o intuito de segregar os explorados e emperrar a própria luta pela igualdade, o grupo em questão tentava criar táticas de reformulação da própria divulgação e escrita do jornal, consonante com o anarquismo em outras partes do país, que contavam com grupos brasileiros. Assim, apesar de assumirem que seus leitores eram majoritariamente imigrantes ou filhos destes, essa era uma boa oportunidade para incluir colunas em outras línguas, especialmente a do país:

A necessidade de uma edição portuguesa da –Guerra Socialel cada dia se faz mais sentida. Renunciar, porém, à edição italiana é impossível e por razões econômicas, visto serem italianos a maior parte dos nossos assinantes e também porque é indispensável, num estado onde a imigração italiana constitui mais da metade da classe proletária ter um órgão que neutraliza a propaganda nacionalista e de outras tendências, feitas em italiano, a um público italiano. Por outra parte, está desaparecendo a indiferença do elemento indígena sobre os assuntos sociais e já “Guerra Sociale” conta com avultado número de assinantes brasileiros, os quais reclamam uma colaboração em português mais desenvolvida. [...] Convidamos, portanto, os companheiros que sabem escrever o português [...], a colaborar com perseverança para a nossa atual sessão portuguesa, que se hoje não sai mais ampla é porque faltam colaboradores.⁵²⁰

Não sabemos se essa atitude aumentou o número de cópias do periódico, mas é possível notar que tal iniciativa agregou mais colaboradores e militantes de origens diversas como portugueses, espanhóis e brasileiros, entre eles João Crispim, Rafael Esteve, Neno Vasco e Florentino de Carvalho. Esse fato acabou aumentando o número de colunas do jornal, anteriormente contendo quatro páginas, mas que dobrou seu tamanho e também estabeleceu regularidade semanal. Portanto, não deixa de ser uma atitude imprescindível para os rumos que os redatores, no período, almejavam dar para o jornal.

520 *Guerra Sociale* (São Paulo), 27 de janeiro de 1917. p.1.

É necessário sublinhar que a reformulação do grupo e do periódico, assim como sua sensibilidade maior aos diversos grupos étnicos no país, não faziam parte de um *insight* ou uma epifania fora do contexto como estamos afirmando. Além de possivelmente absorverem todas as discussões do movimento operário na década passada no país e de alguns pontos do mundo, além de conhecerem as resoluções do Segundo Congresso Operário e dos núcleos anarquistas em regiões distantes de São Paulo e Rio de Janeiro, a situação dos trabalhadores e grupos subalternos não era a mesma de anos atrás. Embora, como notado, boa parte da população nos centros industriais da cidade de São Paulo possuía suas raízes de nascimento no continente europeu, a vivência destes com os brasileiros ou com outros imigrantes se tornava mais comum com o passar dos anos. O contexto da Primeira Guerra Mundial que dificultava o fluxo da vinda de imigrantes para o país, assim como barrava a tentativa destes de retornar para sua terra natal, foi somado à grande migração das áreas rurais para o centro industrial, condições que resultaram o surgimento de um ideário de fixação que levava em consideração “construir uma vida em São Paulo sem pensar mais em voltar”⁵²¹ na análise do historiador Luigi Biondi. Fato que, para outros autores, como Sheldon Maram, significou, mesmo com a continuação da instabilidade na vida dos residentes dos bairros operários, se ater mais incisivamente à luta classista em sua região.⁵²²

Em dissertação recente, o historiador Victor Pastore aponta a completa distância entre imprensa negra, que existia no período, entre 1915 e 1932, nos periódicos *O Xauter* (1916), *A Liberdade* (1919-1921), *O Kosmos* (1922-1925), *O Clarim d’ Alvorada* (1924-1933) e outros, e a imprensa do movimento operário no caso paulistano. Para ele, isso fez com que o debate racial, que estes grupos davam prioridade e achavam central no Brasil, não fosse absorvido pela imprensa sindicalista revolucionária e anarquista e, que muito pouco, o debate classista, por sua vez, fosse também, por vezes, negligenciado na imprensa negra.⁵²³ De fato, não havia referências de tais grupos entre anarquistas, e isso pode explicar os diversos entraves que o sindicalismo revolucionário, o insurrecionalismo libertário, o movimento operário e o

521 BIONDI, Luigi. *Op.cit.*, 2006. p.160-161.

522 MARAM, Sheldon. *Op.cit.*, p.56-57.

523 Ver PASTORE, Victor. *Imprensa negra e imprensa operária: experiências, diálogos e tensões entre trabalhadores negros e imigrantes na São Paulo do pós-abolição (1915-1932)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, 2020.

próprio anarquismo tiveram para se expandir entre a população brasileira, mas não podemos ligar essa distância à total ausência do elemento brasileiro, e por sua vez grupos racializados, na formação desses movimentos. Como já evidenciado, brasileiros, e não só imigrantes, compunham e compravam a ideia da unidade de classe em detrimento da questão racial, dentro da cidade em questão, mas especialmente em outras, onde o elemento estrangeiro era mais diluído.

Isso fez com que os grupos organizacionistas e sindicalistas da família política anarquista, de origem majoritária portuguesa e brasileira, tivessem contato com a discussão do *Guerra Sociale* em torno da Primeira Guerra Mundial, que vinha desde os conflitos balcânicos. Esse fator, juntamente com o contato com outras redes transnacionais, fez outros grupos se aterem à propaganda contra os conflitos nacionais de forma mais programática. Nesse último ponto, os grupos anarquistas de várias partes do mundo também denunciavam a repressão que estava sendo acirrada perante o movimento operário e o próprio anarquismo, o que era revertido em propaganda tentando inflamar reivindicações, greves e paralisações ou mesmo a construção de órgãos e associações sob o nível local:

Aos socialistas, sindicalistas, anarquistas e organizações operárias de todo o mundo. A pressão exercida pelos governos das nações beligerantes sobre o governo espanhol, obrigando a este a proibir a reunião, em Ferrol, do Congresso Internacional da Paz, marcado para 30 de abril próximo passado, é uma prova de que os governos da burguesia temem que os proletários do mundo inteiro cheguemos a combinar esforços e, unidos todos, façamos cessar a horrorosa matança [...]. Beligerantes e neutrais, sofremos as mesmas consequências do atual estado de coisas, - uns dando a sua vida nos campos de batalha, em holocausto ao deus do capital, os outros, por efeito da crise industrial e comercial, morrendo de fome e de miséria, sem que uns e outros tenhamos um gesto de rebeldia para sublevar-nos contra os causantes de tão monstruoso crime de lesa-humanidade.⁵²⁴

Anarquistas, sindicalistas e socialistas no país estavam se referindo ao Congresso Internacional da Paz na Espanha e o Congresso Anarquista de Londres, marcados para 1914, que foram impossibilitados de ocorrerem, seja pelas novas

524 Comissão Organizadora. *Congresso Internacional da Paz*. Arquivo Astrojildo Pereira: CEDEM – Unesp.

dificuldades de tráfego de militantes e periódicos de um país para o outro ou pelo acirramento da repressão nesses países. Mesmo assim, militantes do movimento operário, como numa rede de ligação, continuavam os debates abortados, especialmente no caso do pacifismo e do antimilitarismo, construindo eventos e órgãos fora dos países mais diretamente afetados pelos conflitos.

Esse era o caso de Astrojildo Pereira, militante nascido em 1890, na cidade serrana fluminense de Rio Bonito. Inicialmente filho de um comerciante que mais tarde se tornou vereador e delegado de polícia, o personagem estudou em colégios tradicionais na região em que residia, além de ter íntimo contato com a cultura letrada do país, como de Machado de Assis. Por esse motivo, logo na adolescência se declarava republicano radical, abandonando seus estudos em instituições jesuíticas e se entregando ao autodidatismo. É durante essa passagem que, através de leituras de livros, folhetos e periódicos, assim como sua frequência nos bares e cafés, inclusive de bairros operários, que adere ao anarquismo, citando *A Conquista do Pão* de Piotr Kropotkin. Além disso, em 1911, Astrojildo Pereira volta de uma viagem à Europa, onde tinha refinado suas posições antimilitaristas através do contato com os grupos que militavam contra o aprisionamento e depois contra o fuzilamento do pedagogo Francisco Ferrer, em 1909. Rapidamente, o militante carioca se insere no movimento operário em sua cidade e no sindicalismo, tendo papel ativo no Segundo Congresso Operário Brasileiro, assim como na COB.⁵²⁵ Além disso, Pereira conseguiu uma rápida ascensão na família política anarquista ao escrever no periódico *A Guerra Social*, fazendo contribuições importantes sobre a posição dos adeptos da estratégia do sindicalismo revolucionário diante da Primeira Guerra Mundial, que chamaram a atenção de outros grupos importantes como o periódico *La Propaganda Libertaria*, que tratava sobre esse assunto desde 1912.

É nesse contexto que, em setembro de 1915, a Confederação Operária Brasileira através do periódico *A Voz do Trabalhador* e o *Na Barricada* noticiaram o Congresso Internacional da Paz, marcado para os dias 14, 15 e 16 de outubro na Praça Tiradentes, n.º 71, no Rio de Janeiro. Esse último jornal citado foi criado no mesmo ano com a uma perspectiva parecida com o do periódico *Guerra Sociale* em São Paulo, mas a tradição dos seus redatores, envolvidos com os projetos sindicalistas, como era o caso

525 Ver MAZZEO, Antônio Carlos. Astrojildo Pereira. In: SECCO, Lincoln; PERICÁS, Luiz Bernardo (Orgs.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014. p.9-14.

de Astrojildo Pereira também membro da COB mais sua experiência antimilitarista no periódico *A Guerra Social*, resultaram em rápidas ações com base sindical já estruturada, ainda que Confederação estivesse passando por um momento de reanimação. O jornal *Na Barricada*, apesar de ter uma boa estrutura e ser mantido, logo no início, por propagandas em sua quarta e última página e aceitar subscrições e assinaturas, além de ser distribuído em muitos sindicatos no Rio de Janeiro e ter contato com organismos da Argentina, teve uma breve experiência até o ano de 1916, o que não deixou de ser intenso e importante para o anarquismo no país já que os mesmos propuseram também o Congresso Anarquista Sul-Americano, também no fim de 1915.

Para efetivar o primeiro evento, os militantes e redatores dos organismos, afirmavam ser preciso uma “reunião internacional de socialistas, sindicalistas e anarquistas para tratar dos meios de combate à tremenda guerra europeia.” Eles destacavam ainda que “um acordo entre as forças revolucionárias do proletariado internacional seria de uma eficácia indiscutível para promover a terminação da carnificina desgraçada”, justificando, portanto, suas investidas. Além disso, ainda usavam suas redes militantes do mundo para mostrarem que

O Ateneu Sindicalista Del Ferrol, Espanha, fizeram um chamamento ao proletariado avançado de todo o mundo para se reunir em congresso naquela cidade, em fins de abril desse ano. [...] Acontece, porém, que os governos beligerantes, temerosos das conseqüências da magoa assembléia internacional antiguerreira, fizeram pressão sobre o governo espanhol e este proibiu a reunião do Congresso de Ferrol.⁵²⁶

Na chamada feita pela COB para o Congresso Internacional da Paz, percebemos que o evento também era percebido como resultado da proibição de outro congresso que aconteceria na Espanha, fato que atesta o laço de continuidade transnacional contido entre os militantes anarquistas presentes, mas também do internacionalismo operário que era fortalecido por meio desses. Do mesmo modo, é possível notar a preocupação em construir ações para impedir o enfraquecimento do movimento operário diante dos acontecimentos.

O grupo em torno do jornal *A Lanterna*, que tinha representantes na própria COB, como é o caso de Edgard Leuenroth, não tardou em assinar sua adesão e ação

526 “Pela Paz.” *Na Barricada* (Rio de Janeiro), 2 de setembro de 1915. p.1.

prática em tais eventos. As redes desse grupo anarquista e anticlerical garantiram notícias e adesões de outros grupos libertários como o Centro de Estudos Sociais do Rio de Janeiro, o Centro Feminino Jovens Idealistas de São Paulo, o Grupo Anarquista Renovação de Santos, os periódicos *La Protesta* e *La Rebellion* da Argentina, a União Anarquista Comunista de Portugal, o Grupo Educacion Anarquista da Espanha e outros nos quais estreitavam relações.⁵²⁷ Mesmo nível de inserção garantiam também as adesões de entidades sindicais do país, entre elas as federações operárias do Rio Grande do Sul e de Alagoas, bem como de trabalhadores fora do espaço especificamente fabril como a Associação de Resistência dos Cocheiros, Carroceiros e Classes Anexas e a União dos Empregadores Barbeiros e Cabeleireiros, que também garantiam seus próprios interesses pela luta material progressiva. As adesões conseguiram ser estendidas de forma internacional entre diversas organizações de caráter econômico ou político como a União de Classe Operários Tecelões e a União das Juventudes Sindicalistas de Portugal, o Ateneo Sindicalista Ronda e o Grupo de Educacion Anarquista da Espanha, a Confederação de Sindicato Obrero de la Republica Mexicana, a Unione Sindicalista Italiana e o Partido Socialista da Argentina, que também faziam chamadas para comparecerem ou fortalecerem o evento.⁵²⁸

Fora da propaganda e da divulgação, na prática, a comissão organizadora do Congresso mostra que os maiores presentes e representantes estrangeiros no congresso citado foram dos países da Argentina, Portugal, Espanha e Itália, sendo evidente o número de organismos desse primeiro. Além da discussão em si sobre estratégias a serem seguidas para realçar o internacionalismo visando combater a guerra e conseqüentemente o avanço do Estado nacional e do capitalismo, os militantes ressaltavam que “esta assembléia, reunida, apesar de tudo, [...] é bem uma prova evidente de que as aspirações e os sentimentos do proletariado revolucionário não se acham mortos ou apagados.”⁵²⁹ Como visto, o Congresso Internacional da Paz também servia muito bem como um ato simbólico para inflamar novamente o movimento operário.

527 Ver “Adesões” e “Correspondências”. *Congresso Internacional da Paz*. Arquivo Astrojildo Pereira: CEDEM.

528 Ver SANTOS, Kauan Willian dos. *Op.cit.*, 2016. 75-76.

529 “Relatório da Comissão organizadora: transcrição.” *Congresso Internacional da Paz*. Arquivo Astrojildo Pereira: CEDEM. p.3.

Muito mais do que as próprias decisões e debates internos que não é possível acompanhar nas resoluções do congresso, fora a escolha pela contínua utilização do sindicalismo de intenção revolucionária e do incremento do antimilitarismo nos órgãos sindicais dos países participantes, o mais interessante são as cartas que a COB trocou com a FORA e com grupos libertários da Argentina, entre eles a Agrupacion Anarquista, a Agrupacion Libertaria Orientacion, o Comite Pro-Presos y Deportados, os periódicos *La Protesta* e *La Rebellion*, a Liga de Educacion Racionalista e outros.⁵³⁰ Parece que, a partir daí, houve um laço concreto entre os organismos, que começavam a observar e acompanhar uns aos outros com mais intimidade. É nesse viés que militantes das entidades citadas propuseram então o Congresso Anarquista Sul-Americano, noticiado em periódicos libertários como no *La Protesta Humana* e *Na Barricada*.⁵³¹

Os dois congressos que se realizaram no Rio de Janeiro faziam clara frente ao avanço dos conflitos mundiais propondo garantir a força sindical para além das fronteiras nacionais. Não obstante, apresentavam diferenças nas suas intenções. Enquanto o primeiro tentava garantir a junção com grupos ideológicos (socialistas, anarquistas) e sindicais (de ofício ou regionais) de várias partes do globo, visando a união das forças de origem proletária para tencionar especialmente as decisões dos Estados nacionais no desenrolar da Primeira Guerra Mundial, o outro foi proposto especificamente pelos militantes anarquistas no interior da confederação, tentando atingir outros núcleos ou grupos de propaganda libertária do continente sul-americano visando um tipo de programa para a atuação de sua família política no interior dos espaços operários em que atuavam.

Um dia após o Congresso Internacional da Paz, aproveitando os contatos com os órgãos sindicais e anarquistas sul-americanos, libertários, em torno do periódico *Na Barricada*, efetivaram o Congresso Anarquista Sul-Americano entre os dias 17, 18 e 19 de outubro na sede do Centro de Estudos Sociais, localizado na Rua do Rosário, n.º 170, no Rio de Janeiro. A resolução do evento foi publicada no dia 28 do mesmo mês no periódico referido, no qual os militantes afirmavam a vitória dessa intenção “apesar pessimismo com que a princípio foi acolhida a ideia de sua realização.”⁵³² Talvez essa declaração tenha sido feita se referindo ao pouco acolhimento e presença de

530 Ver “Correspondência.” *Internacional da Paz*. Arquivo Astrojildo Pereira: CEDEM. p.3.

531 Ver CASTRO, Celso. A resistência à implantação do serviço militar obrigatório no Brasil. In: GOMES, Angêla de Castro. *Direitos e cidadania: justiça, poder e mídia*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2007. p.255.

532 “Congresso Anarchista Sul-Americano.” *Na Barricada* (Rio de Janeiro), 28 de outubro de 1915. p.1.

organizações e militantes do Uruguai e do Chile, grupos de países citados como supostos participantes do congresso. Ainda assim, organizações e militantes de relevo da Argentina compareceram em peso, como os redatores do periódico *La Protesta*, o Comité Pró-Presos y Deportados, a Agrupacion Anarchista a Prepararse e muitos outros militantes individualmente. Grupos e militantes de São Paulo e da região sul do Brasil também compareceram, estabelecendo contato com tais organismos da Argentina.

A primeira pauta gravitou em torno da data do primeiro de maio, que para os militantes não significava um dia de festa, mas “de protesto contra a iniquidade capitalista e a opressão governamental”⁵³³ cabendo aos anarquistas realçarem essa diferença nos espaços operários em que atuavam. Após as discussões sobre suposta ineficácia da social-democracia, a pauta tema do evento se referia à posição anarquista diante da Primeira Guerra Mundial. Discordando de militantes anarquistas influentes como Piotr Kropotkin que declarou apoio aos Aliados⁵³⁴, os anarquistas sul-americanos declaravam suas posições antimilitaristas e pacifistas, afirmando a luta de classes como única saída para os trabalhadores frente ao acontecimento já que “a guerra é uma das funções essenciais do Estado e uma consequência imediata da organização social baseada no regime da propriedade monopolizada”. Para isso, decidiram intensificar a propaganda contra a Grande Guerra nos periódicos anarquistas e criarem o “intercâmbio de relações entre as agrupações anarquistas dos diversos países da América Latina, constituindo-se para isso comitês nos respectivos países.”⁵³⁵

Outro ponto de destaque foi o debate sobre o tipo de organização anarquista e sua estratégia frente ao sindicalismo que essas organizações decidiram encaminhar. Os militantes revelaram que, nessa discussão,

[...] duas correntes distintas se manifestaram: uma favorável à autonomia dos sindicatos operários, considerados nesse caso como simples associação em torno de interesses econômicos e comuns; e a outra defendendo a declaração coletiva, por tais sindicatos, quando suficientemente preparados de finalidade comunista anárquica.⁵³⁶

533 *Idem.* p.2.

534 Ver GIULIETTI, Fabrizio. *Gli Anarchici Italiani dalla Grande Guerra al Fascismo*. Milão: Franco Angeli Edizioni, 2015.

535 “Congresso Anarchista Sul-Americano.” *Na Barricada* (Rio de Janeiro), 28 de outubro de 1915. p.2.

536 *Idem.*

Tais posições se referiam às inclinações do sindicalismo de intenção revolucionária, entre o anarcossindicalismo e o sindicalismo revolucionário, utilizados pelos militantes da Argentina e Brasil respectivamente. Não obstante, o acordado foi uma terceira via que estava em debate desde a primeira década do século XX entre os anarquistas de diversas partes do globo:

O Congresso Anarquista, reunido no Rio de Janeiro, concorda com as interpretações práticas do Congresso Internacional, efetuado em Amsterdã, sobre a participação dos anarquistas na organização operária [...]: que a organização sindical, se contribui para resolver os problemas sociais, no terreno da revolução, em relação à propaganda doutrinária dos nossos princípios, não pode substituir a atividade cultural dos indivíduos e grupos de afinidade, que são os únicos interpretes dos fundamentos teóricos, filosóficos e científicos do ideal anarquista; aconselha, porém, insistentemente aos anarquistas a que ingressem nas associações de classe, não só com o ato de fazer propaganda doutrinária, como também afim de imprimir à ação do sindicato uma tendência progressivamente revolucionária e essencialmente anárquica.⁵³⁷

Os anarquistas estavam se referindo à posição de Errico Malatesta no Congresso Anarquista de Amsterdã em 1907, que defendeu a utilização do que podemos chamar, para o autor Felipe Corrêa, de dualismo organizacional, que “se apoia na ideia de que os anarquistas devem se organizar, paralelamente, em dois níveis: um social, de massas, e outro político-ideológico, anarquista.”⁵³⁸ Dessa maneira, anarquistas não seriam diluídos pela posição “neutra” do sindicalismo revolucionário, e ao mesmo tempo não deixariam de impulsionar sua luta pelas questões materiais, se organizando também em grupos políticos anarquistas no seu interior e em outros espaços, como o cultural, sugerido pelos congressistas.

Órgãos entre os países, como a tencionada Confederação Operária Sul-Americana ou mesmo as sessões sindicais de correspondência entre países da América do Sul, propostos nos congressos analisados, não se efetivaram. Não obstante, para o historiador Tiago Oliveira, “se a tão esperada Confederação Operária Sul-Americana não se efetuou, por outro lado concretizaram-se uma série de atividades de

⁵³⁷ Ibidem.

⁵³⁸ CORRÊA, Felipe. Questões organizativas do anarquismo. *Espaço Livre*, vol. 8, num. 15, p.33- 48, 2013. p.37.

solidariedade, pelo menos por parte do Brasil e Argentina.”⁵³⁹ Dessa forma, os laços de continuidade, o intercâmbio e as propostas de solidariedade que acompanhavam notícias sobre a atuação dos grupos eram trazidos para a própria militância local nos países em questão. Longe de serem apenas resoluções e acordos vazios, percebemos nos próximos anos que as posições dos congressos, e o uso de suas decisões e discursos foram levados em consideração em vários periódicos libertários e sindicalistas. Anarquistas de posição sindical, tanto na Argentina e no Brasil, se sentiram fortificados com tais eventos, publicando em vários de seus veículos comunicacionais a vitória não só dessa estratégia como de sua própria ideologia, justificando-a entre o movimento operário e outras correntes ideológicas e políticas. Perante tais, os anarquistas escreveram que “viva a anarquia! Em igual de regozijo e saudação pela nova era que iluminará a humanidade.”⁵⁴⁰

Dessa maneira, a Primeira Guerra Mundial, por mais que, na sua execução estivesse dificultando o trânsito de militantes entre países, sua eclosão exacerbou e reformulou um tipo de internacionalismo entre os militantes brasileiros - já existente em grupos que precisavam se reafirmarem além das redes étnicas como vimos no caso do periódico e grupo *A Luta* em Porto Alegre - que foi usado, dessa vez, tanto para modificar suas relações transnacionais e translocais – que antes estava mais ligado ao continente europeu, passava a apostar mais incisivamente em redes no próprio país ou no continente sul-americano – quanto para reformular também sua própria militância a ativismo local, nas cidades em questão e no país. Diferente de alguns pontos da Europa Ocidental, onde a Primeira Guerra estagnou o anarquismo⁵⁴¹, esse evento trouxe um novo fôlego para os libertários no país. Nesse sentido, tanto as resoluções do Segundo Congresso Operário sobre o alcance do anarquismo no país e as táticas para a reintrodução do anarquismo no movimento operário, quanto o tensionamento da estratégia do dualismo organizacional foram imprescindíveis para a participação do anarquismo nos eventos posteriores e para sua expansão entre diversos grupos sociais e étnicos no país.

⁵³⁹ OLIVEIRA, Tiago. *Op.cit.*, p.223.

⁵⁴⁰ “Congresso Anarchista Sul-Americano.” *Na Barricada* (Rio de Janeiro), 28 de outubro de 1915. p.2.

⁵⁴¹ Ver PAOLA, Pietro di. *The Knights of Errant of Anarchy: London and the Italian Anarchist Diaspora (1880-1917)*. Liverpool University Press, 2013.

III-III. A organização política anarquista e outros métodos de reintrodução no movimento operário

Nacionalizar a propaganda anarquista não é fazer nacionalismo; mas é dar-lhe uma base positiva, ajudando o desenvolvimento de elementos locais que não podem estar sujeitos, como nós estamos, às eventualidades de uma qualquer lei de expulsão. (*Guerra Sociale*)⁵⁴²

Com os conflitos da Primeira Guerra Mundial acontecendo e suas reverberações em âmbito global somado à queda de sindicalização e o acirramento da repressão, militantes e ativistas anarquistas corriam para disseminarem sua ideologia em vários pontos do país mais longínquos de seus polos difusores, além de tentarem articularem estratégias para a continuação da penetração de suas propostas políticas nas regiões em que estavam mais bem instalados. Nesse sentido, uma tarefa dupla de instrumentalizar e potencializar o imaginário e as práticas internacionalistas, ao mesmo tempo em que precisavam e utilizavam um ideário que almejava ser nacional, se mostrava imprescindível, mas também muito difícil e arriscado, já que o nacionalismo passava de ideários e práticas populares para atitudes mais sistêmicas do Estado nacional no país. Em 1916, por exemplo, foi constituído, no Rio de Janeiro, a Liga da Defesa Nacional liderada e composta por intelectuais e políticos como Olavo Bilac e Venceslau Braz, exaltando o nacionalismo brasileiro e a participação de voluntários para o Exército e a Marinha. Essas posturas, para o historiador John Dulles, faziam parte também das medidas institucionais provenientes do aparelho estatal e governamental (o nacionalismo oficial⁵⁴³):

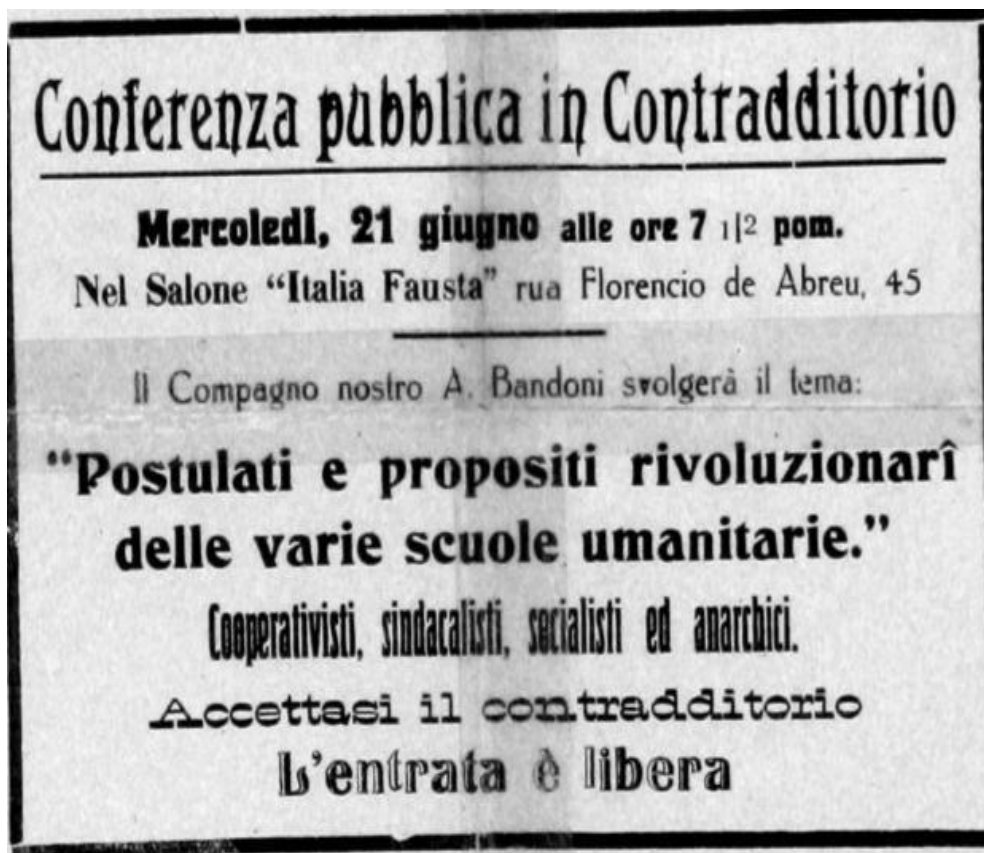
O Presidente Venceslau Brás e o ministro da guerra, Caetano de Faria, presidiram uma série de cerimônias de incorporação e juramento à bandeira, de centenas de jovens reservistas do Exército, inclusive vindos de navio do estado do Espírito Santo. Umas dessas cerimônias de juramento, em que se fez presente grande número de dignitários, entre os quais o Embaixador dos

⁵⁴² *Guerra Sociale* (São Paulo), 27 de janeiro de 1917. p.1. Tradução nossa

⁵⁴³ O autor Benedict Anderson mostra que o nacionalismo oficial embora também tenha influência de uma demanda cultural possibilitada desde as revoluções da comunicação e transporte e das migrações em massa desde fins do século XVII, esse primeiro instrumentaliza as ideias nacionalistas de forma muito agressiva e reacionária. Ver ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p.127-162.

Estados Unidos, foi descrita como –tendo despertado o entusiasmo patriótico de uma grande parte de nossa população.⁵⁴⁴

O periódico *Guerra Sociale* da cidade de São Paulo, nesse viés, apresentava um debate para resolver esse impasse que complementaria suas propostas antimilitaristas e internacionalistas para fazer o anarquismo adentrar no movimento operário na cidade e no país. A primeira tática foi tentar organizar comícios e conferências que congregassem militantes diversos do movimento operário:



(*La Guerra Sociale* (São Paulo), 17 de junho de 1916. Tradução nossa.)⁵⁴⁵

Mesmo marcando suas posições políticas e ideológicas, preocupação em diversos momentos do jornal, no qual fazia intensos debates sobre o suposto falso alcance do socialismo parlamentar, que na visão desses agentes estaria servindo como

⁵⁴⁴ DULLES, John. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. p.40.

⁵⁴⁵ “Conferência pública em debate. Quarta-feira, 21 de junho às 19:30 da tarde. No salão “Italia Fausta.” Rua Florêncio de Abreu, 45. O nosso companheiro A. Bandoni explicará o tema “Postulados e propósitos revolucionários das várias escolas humanitárias: cooperativistas, sindicalistas, socialistas e anarquistas. Aceitar-se-á o debate. A entrada é livre.” Tradução nossa.

“obstáculo a luta de classes e à luta social, evitando o atrito entre elementos antagônicos”⁵⁴⁶, é perceptível a chamada de eventos principalmente visando outras orientações políticas, inclusive com os socialistas, sindicalistas e até corporativistas de diversas posições. Não obstante, tentavam mostrar suas concepções e posições diante desses:

Trabalhadores! Não se deixem enganar, não se deixem agitados pelos jornais de lucro! - Esta guerra não cessará, salvo depois de ela ter desorganizado completamente o trabalho, devastando a riqueza social. [...] Preparem-se para uma ação conjunta e pela reivindicação de defesa. O momento histórico que estamos atravessando apresenta características, sem dúvidas, de agitação social muito profundas... As condições econômicas da sociedade capitalista não respondem mais às necessidades humanas.⁵⁴⁷

Voltando a colocar um peso considerável nos conflitos internacionais, os redatores mostravam a importância da organização reivindicativa. A menção aos conflitos internacionais, de fato, foi a maior preocupação dos militantes envolvidos com esse periódico, deixando claro, paulatinamente suas orientações estratégicas e ideológica:

Esta paz deve ser imposta pela revolução. Até agora, houve ausência de força ou a habilidade para tal. E então só há um remédio: para fazer melhor no futuro [...] pregar a expropriação da propriedade privada e a destruição dos estados como o único meio de garantir a fraternidade entre os povos e justiça e liberdade para todos...⁵⁴⁸

Argumentando que a revolução pelas vias libertárias deveria ser a solução para acabarem os conflitos e a discrepância entre as classes, os anarquistas, se reportando também à teoria e à prática de militantes reconhecidos como Errico Malatesta, bem como aos debates de outras regiões, reforçavam suas posições. Tentavam explicar, assim, que os danos militares foram consequência da expansão nacionalista, conectadas principalmente com o avanço capitalista que, para os redatores, deveriam ser superados

⁵⁴⁶ “Mentiras do Socialismo”. *Guerra Sociale* (São Paulo), 20 de setembro de 1916. p.3.

⁵⁴⁷ DAMIANI, Gigi. “Maggio di trepidante aspettativa”. *Guerra Sociale* (São Paulo). 22 de abril de 1916. p.1. Tradução nossa.

⁵⁴⁸ MALATESTA, Errico. “Anarchi favorevoli al governo”. *Guerra Sociale* (São Paulo). 22 de maio de 1916. p.1. Tradução nossa.

em consonância. Com essas medidas, reviam suas posições sobre os ganhos materiais progressivos – que a estratégia antiorganizacionista do grupo negava - se aproximando, dessa maneira, da estratégia organizacionista:

A greve geral no comercio de Santos é um fato; no Rio de Janeiro já deve a estas horas ter estalado um movimento de revolta e em outras localidades cogita-se de realizar movimentos de protesto e de resistência contra os novos impostos. Nesta emergência os trabalhadores e especialmente os anarquistas não podem permanecer na indiferença; o protesto contra os impostos, contra a lei e o Estado deve surgir do peito de todos os subversivos. O momento é assás excelente para iniciar uma campanha de crítica contra as instituições econômicas e políticas do regime capitalista.⁵⁴⁹

Como visto, para os militantes do jornal era necessário se organizar e reivindicar melhores condições de vida, citando os impostos e a inflação dos gêneros de necessidade básica, visando, no decorrer deste, uma ótima oportunidade para a crítica que passava do funcionamento econômico para o político. Além de acompanhar as entidades sindicais na cidade, e em outros pontos como no Rio de Janeiro e em Santos, as resoluções dos congressos internacionais eram utilizadas para os leitores como bagagem militante e igualmente para a apropriação da população paulista:

Após o Congresso de Zimmerwald, que tinha o objetivo de dar nova vida à 'International', os jornais anarquistas que ainda estão sendo publicados em nosso querido país, O Libertário de Spezia e o L'avenire Anarchico de Pisa, apareceram escritos polêmicos e artigos críticos, dessa conferência e sobre os relatórios de exemplo que poderia correr entre anarquistas e socialistas.⁵⁵⁰

Sobre os comentários do Congresso Socialista de Zimmerwald, no qual pareciam ter contato com militantes que participaram dos debates desse evento, o jornal citava também as considerações de militantes influentes como Luigi Fabbri, que propunha associações sindicais na tentativa de criar um projeto parecido com a Primeira Internacional dos Trabalhadores. Dessa forma, os redatores sublinhavam que não houve motivos, no atual momento, de cisões dentro do movimento operário como se deu na

⁵⁴⁹ CRISPIM, João. “A propósito da agitação contra os novos impostos.” *Guerra Sociale* (São Paulo). 13 de janeiro de 1917. p.1.

⁵⁵⁰ “I Cugini... D'Italia”. *Guerra Sociale* (São Paulo). 1 de maio de 1916. p.3. Nossa tradução.

saída oficial dos anarquistas no desenvolvimento das chamadas “Internacionais”. No ano de 1915, o manifesto de Zimmerwald, na Suíça, proposto por lideranças socialistas de relevo como Leon Trotsky, apelava para uma ação conjunta entre os grupos de esquerda contra as ações da guerra.⁵⁵¹ Essas decisões também eram pontuadas pelos redatores do jornal, que defendiam:

[...] existe um terreno comum de ação em que o acordo é possível. Alguns anarquistas têm visto. Bem sabemos que não se pode pedir para seguir-los no terreno eleitoral ou no parlamentarismo [...] Nós e eles, no entanto, podemos ter compartilhado a ação negativa apenas contra a situação atual das coisas, e a propaganda contra as razões que tornaram possível a criação desse estado de espírito que vale apenas para-lo. [...]⁵⁵²

Reafirmando suas posições como a recusa da luta parlamentar, mas aceitando coligações políticas no movimento operário, os anarquistas do periódico *Guerra Sociale* acompanhavam o andamento do movimento operário em diversos pontos do globo. A partir disso, são notáveis as conexões principalmente com grupos residentes nas regiões da Itália, exatamente pela facilidade e contato de antigos militantes dessas regiões que ainda possuíam laços com tais. Se essas afinidades foram imprescindíveis para a construção do próprio jornal, com o seu desenvolvimento e a atuação do grupo, essas ligações começavam a ser alargadas para além desses círculos mais usuais. A busca por órgãos internacionalistas e os congressos e eventos referentes à aproximação de grupos latinos ou sul-americanos para a luta antimilitarista resultou também na procura de movimentos dentro do próprio país. Seus novos colaboradores, como o organizacionista Florentino de Carvalho, também realizavam excursões para o interior de São Paulo, e a partir disso relatavam suas experiências:

Em Araraquara, com o auxílio dos companheiros, realizei uma conferência no local da S. de Mutuo Soccorso, gentilmente cedido para esse fim. [...] Alguns simpatizantes manifestaram o desejo de que eu realizasse outra conferência, mas, como a minha demora poderia prejudicar a vida do jornal, continuei minha viagem, chegando em poucas horas a Itápolis, onde, depois de ter visitado os camaradas, segui para Candido Rodrigues. Nesta localidade

⁵⁵¹ Ver ROSMER, Alfred. *Il movimento operaio durante la prima guerra mondiale: da Zimmerwald alla rivoluzione russa*. Milano: Jaca book, 1983.

⁵⁵² “I Cugini... D'Italia”. *Guerra Sociale* (São Paulo). 1 de maio de 1916. p.3 Nossa tradução.

respira- se um ambiente de camaradagem e de idealismo que deixa em nossos corações uma impressão emocionante e duradoura.⁵⁵³

A inclinação em mobilizar e ocupar diversos ambientes entre os trabalhadores, na cidade e no campo, incluindo associações com militantes diversos do movimento operário, foi uma constante em diversos grupos, como estamos acompanhando. Não obstante, o periódico *Guerra Sociale*, se aproximando dos projetos organizacionistas talvez influenciado também pelos novos membros brasileiros e portugueses, e próximos à Luigi Fabbri e Errico Malatesta, assim como nos debates do Congresso Anarquista Sul-Americano, começava a debater que era necessária uma certa unidade anarquista para que essa corrente política não se digerisse dentro desse gradiente de posições políticas e ideológicas no movimento operário no país. Outra preocupação era exatamente unir e se corresponder, não com grupos sindicais como a COB já fazia, mas com grupos especificamente anarquistas em todo o país, já que, para os redatores do jornal, os libertários se

encontravam dispersos por todo o país, vivendo na mais completa apatia por falta de coesão, de relações de solidariedade que deveriam existir perenemente, de maneira ativa e eficaz entre homens que sentem as mesmas aspirações, professam os mesmos princípios e lutam pelo mesmo ideal.⁵⁵⁴

A proposta que provinha da capital de São Paulo e logo se alastrava no interior, tentavam também se alargar de forma nacional e começava gradativamente a apostar na unificação de determinados princípios e estratégias, sob a bandeira do “mesmo ideal” que poderiam ser efetivas no momento:

Os anarquistas residentes no estado de S.Paulo e localidades dos estados vizinhos, considerando o excepcional momento histórico causado pela conflagração europeia, cujas consequências não de provocar acontecimentos sociais de ordem econômica e política, em todos os países, acontecimentos que devemos e queremos determinar num sentido libertário e revolucionário.⁵⁵⁵

⁵⁵³ CARVALHO, Florentino de. “Excursão de propaganda: odisseia dos colonos – a loucura religiosa – a sementeira libertaria”. *Guerra Sociale* (São Paulo), 30 de setembro de 1916. p.2.

⁵⁵⁴ “Alliança Anarquista”. *Guerra Sociale* (São Paulo), 30 de setembro de 1916. p.1.

⁵⁵⁵ *Idem.*

Se opondo às inclinações individualistas, e buscando meios práticos entre os grupos, ou na palavra dos próprios redatores, “um sentido”, a base de acordo, ainda, determinava suas funções:

A Aliança fomentará, por todos os meios ao seu alcance, a propaganda contra as causas fundamentais da conflagração atual e de todos os males sociais que tem como origem o Estado e a propriedade individual, de instituições particulares e públicas.[...] A Aliança combaterá a propaganda eleitoral e qualquer partido político estatal, mesmo o que se propunha reformar e, portanto, consolidar a atual organização política e econômica, ou qualquer outra que se assenta sobre as aberrações nacionalistas e patrióticas. [...] Com relação ao movimento de classe, a Aliança favorecerá o desenvolvimento das organizações econômicas de resistência dos operários das cidades e dos trabalhadores rurais ou colonos, provocando-as, mesmo, onde não existam, elaborando, para este fim um programa especial, subordinado, porém, a sua intervenção e ação à propaganda integral do anarquismo.⁵⁵⁶

O projeto político da Aliança Anarquista, portanto, apostava em uma forma dupla de organização. De um lado, visava à luta gradual pela melhoria material dos grupos operários ou subalternos, adentrando e impulsionando os movimentos destes, desde que dentro do espectro internacionalista e classista e fora da esfera parlamentar ou estatal. E, ao mesmo tempo, defendida a própria organização dos anarquistas a partir de bases internas, definindo métodos para suas atuações nos respectivos ambientes essencialmente econômicos.

Como apresentado, longe de ser uma nova corrente, esse tipo de proposta havia sido defendido em outras partes do mundo e circulava entre a família política anarquista. Felipe Corrêa defende que muitos princípios do dualismo organizacional, ou seja, a intenção que “tem por base comum um regulamento interno e um programa estratégico, os quais estabelecem, respectivamente, seu funcionamento orgânico, suas bases político- ideológicas e programático-estratégicas, forjando um eixo comum para a atuação anarquista”⁵⁵⁷, estavam presentes desde a atuação da ADS que tinha como participantes Mikhail Bakunin, desde fins do século XIX. Alguns debates anarquistas

⁵⁵⁶ “A Aliança Anarquista”. *Guerra Sociale* (São Paulo), 14 de outubro de 1916.p.3.

⁵⁵⁷ CORRÊA, Felipe. *Op.cit.*, 2013. p.37.

dentro da esfera sindical reformularam ou adaptaram essa estratégia, tal como foi no Congresso Anarquista de Amsterdã de 1907, no qual Errico Malatesta, afirmando que a luta sindicalista por melhorias materiais embora fosse imprescindível, se isolada, estava fadada ao reformismo e portanto era necessária também a organização “propriamente anarquista que, tanto dentro como fora dos sindicatos, lutam pela realização integral do anarquismo e procuram esterilizar todos os germes da corrupção e da reação.”⁵⁵⁸

Luigi Fabbri, que foi citado em algumas colunas do periódico, também defendia propostas de organização anarquista. O militante nasceu no ano de 1877 em Ancona, na Itália, mas teve sua ação envolvida no movimento operário em diversas regiões, como na França e Suíça e depois da década de 1920 no continente sul-americano. Fabbri participou de eventos e reuniões, muitas vezes de envergadura internacional como o Congresso Anarquista de Amsterdã de 1907.⁵⁵⁹ O militante defendia que o vínculo explícito e programático entre o anarquismo e o sindicalismo (anarcossindicalismo) não seria eficaz pois levaria à divisão dos interesses da própria classe, pois se essa última

não quiser ser sectária, dogmática e autoritária, deve evitar toda afirmação ideológica que possa dividir a massa proletária em função de preocupações de partido, conservar o conteúdo solidário de todos os trabalhadores contra o capitalismo. Se levamos [aos sindicatos] a preocupação partidária, inclusive a anarquista, isso significa romper a solidariedade operária e fazer uma atividade antilibertária.⁵⁶⁰

A ideia de Luigi Fabbri não era abandonar os sindicatos, mas justamente tornar eficaz a participação dos libertários aos órgãos de resistência populares. Para tal, longe de realizar essa obra pessoalmente, os anarquistas deveriam criar grupos que norteariam suas funções dentro e fora desses ambientes a fim de criarem elementos possivelmente sólidos na intenção de inflamar essas atuações ou mesmo se defenderem quando necessário:

Por organização, entendemos a união dos anarquistas em grupos e a união federal dos grupos entre si, sobre a base de ideias comuns e de um trabalho

⁵⁵⁸ Malatesta, Errico. *Op.cit.*, 163-164.

⁵⁵⁹ RAGO, Luiza Margareth. —Luigi e Luce Fabbri: uma ética de liberdade.” *Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais*, Paraíba, n. 36, 2012. p.155-168.

⁵⁶⁰ Luigi Fabbri citado por CORRÊA, Felipe. *Op.cit.*, 2012. p.171.

prático comum a realizar. Tal organização deixará naturalmente a autonomia dos indivíduos nos grupos e dos grupos na federação, com plena liberdade dos grupos e federações para se formar em segundo as oportunidades e circunstâncias, por ofício, por bairro, por província ou por região, por nacionalidade ou por língua, etc.[...] A organização é um meio de se diferenciar, de se precisar um programa de ideias e de métodos estabelecidos, um tipo de bandeira de reunião para se partir ao combate sabendo-se com quem se pode contar e tendo-se consciência da força que se pode dispor. [...] Dizemos, por exemplo, partido anarquista, entendendo simplesmente por isso o conjunto de todos aqueles que combatem pela anarquia. Quando dizemos federação socialista-anarquista, pensamos na união preestabelecida dos indivíduos e grupos aderentes que, em determinada localidade, puserem-se de acordo em torno de um programa de ideias e métodos.⁵⁶¹

Não sabemos, fora as próprias posições do jornal *Guerra Sociale*, se a *Alliança Anarquista* de São Paulo definia seus métodos em conjunto ou como prefigurava maneiras de organizar as estratégias anarquistas após a adesão dos demais membros. Não obstante, é possível notar também que iniciativas para tais uniões não faltavam, pois os militantes defenderam frequentemente programas de atuação e reunião para debates. Projetos esses que eram transformados em grandes chamadas no qual tentavam sistematizar algumas posturas básicas, tanto para sua família política quanto para população em geral:

A *Alliança Anarquista*, à qual aderiram mais de trinta organizações libertárias e de classe, além de um grande número de companheiros não organizados e que conta com a solidariedade de outros grupos anarquistas existentes nos Estados da Federação Brasileira, faltaria à sua missão se nesta hora angustiosa para todos, em que trágicos acontecimentos se anunciam, esquecesse que é nos momentos históricos que os partidos e os homens de ideias devem, a todo o transe, assumir a responsabilidade dos próprios atos e proclamar sem vacilações, nem tibiezas, o que pensam e os ideais que professam, que defendem e pelos quais se batem. [...] Não sabemos se este manifesto será bem aceito pela maioria do povo brasileiro numa hora de entusiasmo e exasperação, como ignoramos se o nosso gesto irá provocar perseguições e repressões para nós e para os nossos amigos. Mas temos um

⁵⁶¹ FABRI, Luigi. *A Organização Anarquista. Excertos*. São Paulo: Editora Faísca, 2013. p.1-5.

dever a cumprir e o cumpremos sejam quais for as consequências que este ato de hombridade e de sinceridade nos possa acarretar.⁵⁶²

Diante do fragmento, que revela uma incisiva aposta por partes dos anarquistas em torno do jornal *Guerra Sociale* de disseminarem seu projeto organizador, evidencia-se igualmente a recepção dos demais grupos libertários de diversas partes do Brasil para tal proposta. Os anarquistas confederados à tal Aliança teriam a função de encarnar responsabilidades políticas bem como disseminar suas visões de transformação em defesa dos grupos explorados, principalmente com o alongamento dos conflitos nacionais. Outra questão interessante é que, mais uma vez, o “povo brasileiro” aparecia no periódico, ou seja, uma preocupação em estender uma militância nacional coesa e programática com as particularidades do país estava sendo levada a cabo, instrumentalizando esse ideário nacional, uma vez que esse projeto resultou em diversas adesões, que vinham desde o interior de São Paulo pelas cidades de Sorocaba, Bauru, Ribeirão Preto, dos coletivos e apoiadores do estado de Minas Gerais pelas cidades de Guaxupé e Poços de Caldas, do Rio de Janeiro, e das regiões do nordeste como no Belém do Pará.⁵⁶³

A junção de um sentimento de “nacionalização” da propaganda anarquista junto à importância de uniões mais programáticas dos libertários tinha relação com a trajetória política de um de seus aderentes, o militante Florentino de Carvalho, pseudônimo de Primitivo Raymundo Soares. O personagem nasceu em Oviedo na Espanha em 1889 e com dez anos de idade emigrou para São Paulo junto com sua família que precisava trabalhar nos bairros operários da cidade. Primitivo Soares teve uma carreira na Força Pública do Estado chegando a patente de cabo e, com seus estudos, estava próximo do republicanismo e do positivismo. Em suas memórias, bem como nas suas falas do período, o militante cita que se converteu ao anarquismo após ler *A Conquista do Pão* de Piotr Kropotkin, fato que o fez abandonar sua carreira, se tornando um anarquista. De fato, era possível, dentro do circuito letrado e próximo das leituras iluministas – já que anarquistas disputavam esse campo como vimos – o personagem ter acesso e conhecer as leituras libertárias. O fato é que logo o militante se

⁵⁶² “A Aliança Anarquista ao Povo.” *Guerra Sociale* (São Paulo), 1 de maio de 1917. p.4.

⁵⁶³ Ver “Il Bolletino dell’Alleanza Anarchica.” *Guerra Sociale* (São Paulo), 18 e 30 de novembro de 1916. p.4.

tornou assíduo no movimento operário, primeiramente nas docas de Santos onde começou a trabalhar em diversos setores e depois como tipógrafo, no qual pôde fundar o jornal santista *A Revolta* e escrevendo também para o *Germina!* no início da segunda década do século XX. Mais tarde, colaborou com os difusos *Guerra Sociale* e *A Plebe*, nos quais estabeleceu contato com personagens de destaque no movimento operário como Edgard Leuenroth, Isabel Cerrurri, Gigi Damiani e Angelo Bandoni. Na verdade, suas práticas também refletiam suas passagens pela Argentina no período de eclosão da Primeira Guerra Mundial, onde fugiu por motivos de perseguição policial, obtendo, possivelmente, conhecimento das práticas sindicais desse país.⁵⁶⁴ Seu retorno, o fez pensar também em alargar as próprias redes libertárias, buscando não só táticas, mas também outras regiões e ambientes, no intuito de fortalecer o anarquismo perante à repressão. É interessante que seu ideário nacional, muito provindo de sua formação positivista e republicana, havia desde sempre se redimensionado entre estratégias anarquistas, onde tentava unir uma posição revolucionária, federativa e autogestionária com uma pretensão nacional, na qual uma militância organizada e coesa anarquista parecia imprescindível. Desse modo, o militante colocava tanto o peso da organização sindical de um lado, quanto a presença dos anarquistas de outro impulsionando as greves:

O operariado realiza, portanto, uma obra justiceira conquistando pela greve ou outros meios de ação direta tudo quanto lhe é extorquido, roubado legal ou ilegalmente. E não devem perder esta ocasião favorável em que os colocou o incremento do trabalho, que evita em parte a concorrencial de braços. O movimento deve generalizar-se a todas as classes, alastrar-se por todo o país, afim de que as conquistas sejam mais rápidas e radicais. [...] E se, como dizem alguns jornalistas a soldo, o movimento de reivindicação operária obedece à agitação promovida pelos anarquistas, se estes elementos e ideias que professam podem influir para abreviar a vitória da liberdade, para a reivindicação de todos os direitos do povo, então – salve, ó cavalheiros de epopeia libertária!... Salve, ó sublime ideal da anarquia!⁵⁶⁵

⁵⁶⁴ Para adentrar a biografia do personagem ver NASCIMENTO, Rogério. *Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

⁵⁶⁵ CARVALHO, Florentino. “O porquê das greves”. *A Plebe* (São Paulo), 9 de Julho de 1917. p.1.

Nesse caminho, mesmo que o periódico *Guerra Sociale* tivesse findado no final de 1916, o projeto de organização política anarquista logo foi aderido e levado a outros grupos por militantes que haviam se juntado anteriormente ao *Guerra Sociale* como Florentino de Carvalho, e impulsionado por núcleos e redes com maior relevância sindical, como no caso do periódico *A Plebe*, de São Paulo. Este último jornal citado é considerado um dos maiores órgãos de divulgação e militância anarquista no país, já que nasceu em nove de junho de 1917 e foi encerrado oficialmente apenas em 1949. No período de seu lançamento era publicado aos sábados na Rua Capitão Salomão e continha quatro páginas na maioria de seus números, se estendendo em ocasiões especiais em mais duas páginas. Contava com uma grande distribuição, sendo escrito inteiramente em português e chegava a uma tiragem de dez mil exemplares no período grevista, sendo vendido por 1\$00 o número avulso ou 10\$000 a assinatura anual. Apesar disso, era alvo constante de perseguições policiais, ainda mais depois de sua participação como um dos órgãos noticiadores e organizadores da greve geral de 1917. Seu principal redator e diretor era o militante Edgard Leuenroth, já experiente no movimento operário na cidade e altamente conhecido como anarquista dentro de sua família política no país.⁵⁶⁶

Após sua tática de aglutinar inúmeros militantes e ativistas do movimento operário e na corrente anarquista em torno do periódico *A Lanterna*, Leuenroth lançou *A Plebe* em substituição do periódico anticlerical, estendendo e continuando as famosas e influentes colunas “Mundo Operário” e “Vida Operária.” Com isso, logo uniu agentes de diversas posições estratégicas e táticas anarquistas de São Paulo e do Rio de Janeiro como Benjamin Motta, Isabel Cerutti, Astrojildo Pereira, Florentino de Carvalho, João Penteado, Andrade Cadete, Maria Valeska, Gigi Daminani, Neno Vasco e outros, contando ainda com uma ampla rede de apoio tanto em São Paulo, como em vários pontos do Brasil, entre eles Pernambuco, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia, Ceará e Manaus, inclusive entre socialistas, anarquistas e sindicalistas diversos.⁵⁶⁷ No

⁵⁶⁶ Ver SILVA, Rodrigo Rosa da. As ideias como delito: a imprensa anarquista nos registros do DEOPS-SP (1930-1945). In: DEMINICIS, Rafael; FILHO, Daniel Aarão Reis (orgs.). *Op.cit.*, 113-132.

⁵⁶⁷ Ver SANTOS, Kauan Willian dos. *O jornal A Plebe: militância e estratégias de propaganda anarquista no movimento operário em São Paulo (1917 a 1920)*. Monografia (Trabalho de conclusão de curso em História). Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos – São Paulo, 2013.

primeiro número, as colunas apresentadas chamavam atenção pelos seus apelos às mobilizações bem como sua grande recepção entre os movimentos grevistas e sindicais do período. Em uma dessas, sob a chamada “Ação obreira: O operariado de São Paulo parece despertar para a luta”, tais agentes defendiam os métodos que pretendiam seguir:

Alguns movimentos grevistas já se manifestaram, ao mesmo tempo que se vai tratando de constituir associações de resistência e de acentuada luta social. [...] Os trabalhadores nesse sentido prosseguem e é de esperar que, no mais breve tempo possível, o proletariado de S. Paulo possa dispor de uma potente organização de luta para fazer frente com vantagem aos miseráveis [...].⁵⁶⁸

Desse modo, apesar de contar com um gradiente estratégico e tático se levarmos em consideração seus militantes e ativistas, em *A Plebe*, a posição que se revelava maior era a defesa do sindicalismo revolucionário. É interessante notar que, desde o início da trajetória de participantes frequentes desse período, entre eles Neno Vasco, já era defendido o impulso das ações de caráter sindical, para o próprio interesse da classe trabalhadora e sua “potente organização”, bem como do desenvolvimento do anarquismo. Ainda assim, o mesmo militante se queixava frequentemente da falta de organização política anarquista no interior desses espaços, que se organizavam prioritariamente nos jornais e entravam pessoalmente e sem programas nos sindicatos. Em *A Plebe*, o projeto que era pretendido inicialmente tentava incluir uma reformulação dessa atuação:

A Aliança Anarchista, constituída, não há muito tempo em S. Paulo com o fim de servir de traço de união entre as nossas diversas agrupações e os camaradas dispersos por ali além. São bons sintomas de um necessário e urgente despertar. Entretanto, muito mais se poderá conseguir, se todos os libertários que são bastante numerosos, se dispuserem a fazer algo,

⁵⁶⁸ “Ação obreira: O operariado de São Paulo parece despertar para a luta”. *A Plebe* (São Paulo), 9 de junho de 1917. p.4.

A Aliança tentava, por vezes, constituir um nível de atuação anarquista minimamente programático e talvez por isso, nesse momento, libertários diversos estavam unidos dentro de um fio estratégico e tático. Além disso, a Aliança Anarquista tinha seus aderentes inseridos em diversos grupos de caráter prioritariamente econômico tentando influenciá-los sob a ótica libertária, como o Comitê Popular de Agitação, o Comitê de Defesa Proletária, a FOSP (Federação Operária de São Paulo) reerguida neste período, e de outros importantes como referentes às demandas de gênero no movimento operário como o Centro Feminino Jovens Idealistas, todos esses órgãos de caráter essencial para a construção e encaminhamentos da greve geral de 1917.⁵⁷⁰

O mesmo projeto foi reverberado no Rio de Janeiro em 1918 quando o grupo em torno do Centro de Estudos Sociais e do periódico *A Barricada*, entre eles os militantes José Oiticica, Astrojildo Pereira, Fábio Luz, José Elias da Silva e outros, constituíram a Aliança Anarquista do Rio de Janeiro em “uma reunião convocada para o dia 20 de janeiro”⁵⁷¹. Em seu boletim, contendo cinco páginas e de distribuição gratuita, os militantes escreviam que estavam sendo inspirados pelo projeto de *A Plebe* e da organização política anarquista e sindicalista de São Paulo e, nesse sentido, se justificavam citando as consequências da Primeira Guerra Mundial e da repressão no movimento operário, mencionando também o periódico *Guerra Sociale*. Para esses agentes, esse órgão, que se restringiria aos anarquistas do Rio de Janeiro para se organizarem diante das intensas greves na cidade desde 1917, “não é propriamente uma organização no sentido restrito e comum das agrupações libertárias”, mas como ressaltavam “um órgão de união, de entendimento, de aliança entre todos os anarquistas [...] formados em grupos ou não.”⁵⁷² Nesse sentido, para o historiador Wellington Nèbias, o mesmo grupo tinha posição de destaque na FORJ no período entre 1917 e 1918 e “muitos deles atuaram com frequência na União dos Operários em Fábricas de Tecidos, na União Geral dos Metalúrgicos, na União Geral da Construção Civil e na

⁵⁶⁹ “Vida Libertária”. *A Plebe* (São Paulo), 9 de junho de 1917. p.2.

⁵⁷⁰ Ver LOPREATO, Christina. *Op.cit.*, p.97-113 e BIONDI, Luigi. *Op.cit.*, 2011. p.315-376.

⁵⁷¹ “Aliança Anarquista do Rio de Janeiro.” *Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro*, fevereiro de 1918. p.1.

⁵⁷² *Idem.*

União Geral dos Trabalhadores”⁵⁷³, associações essenciais nesse contexto grevista e na Insurreição Anarquista do Rio de Janeiro. Para o autor ainda, junto com a instrumentalização dos efeitos da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Russa, o debate da dupla organização anarquista foi essencial para amplificar e ligar essas greves ao movimento insurrecional já que

os anarquistas sabiam que a maioria dos trabalhadores não tinha a revolução como uma referência, para sua atuação. Apesar disso, estavam empolgados com o fortalecimento do discurso revolucionário entre os trabalhadores. Eles reconheciam que a revolução deveria ser feita pelo proletariado. Assim, era fundamental, para os anarquistas, que o descontentamento dos trabalhadores fosse amplificado ao máximo, para que pudesse ser convertido em desejo de revolução.⁵⁷⁴

O debate do projeto de organização politicamente anarquista decaiu no início da terceira década, já que muitos destes órgãos foram reprimidos ou foram transformados em projetos de organização mais amplos entre militantes do movimento operário inspirados no bolchevismo, estes últimos que também foram abandonados após a retirada dos anarquistas da Revolução Russa, com o encaminhamento de centralização política estatal nesse processo. Mesmo assim, além da proposta de organização dupla anarquista dar certa resposta aos libertários para sua reintrodução no movimento operário no período em dois dos seus principais polos no país, também fez com que, possivelmente, grupos anarquistas de diversos estados e cidades conhecessem - ao mesmo tempo ou futuramente - projetos alternativos ao sindicalismo revolucionário por si só, caso esse findasse futuramente, fato que poderia dar potência à influência libertária nos processos grevistas e insurrecionais do fim da década além de um horizonte aos libertários.

III –IV. A onda grevista e insurrecional e o anarquismo diante da Revolução Russa

É possível que os exploradores consigam por algum tempo mais desviar o bom povo da acertada rota, distraí-los das suas fecundas e nobres aspirações.

⁵⁷³ NÉBIAS, Wellington Barbosa. *A greve geral e a insurreição anarquista de 1918 no Rio de Janeiro: um resgate da atuação das associações de trabalhadores*. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.p.151.

⁵⁷⁴ Idem. p.160.

Isto, porém, se se der, será por breves momentos. As primeiras rajadas do grande ciclone, que há de deitar por terra as velhas e carcomidas instituições, apresentam-se com caracteres inconfundíveis. Hoje aqui, amanhã acolá, depois mais além, por todos com manifestações intermitentes, mas sucessivas. (*A Plebe*)⁵⁷⁵

Esse tom de esperança e também de certeza marcava, ocasionalmente, as publicações de *A Plebe* e de outros periódicos anarquistas no país, acompanhando as manifestações e greves entre 1917 e 1920. Talvez essa tenha sido uma das maneiras para animar ou tentar convencer os leitores, a maioria deles trabalhadores ou marginalizados dos bairros operários, atividade que, para tais personagens em torno desses periódicos, representaria também uma possível oportunidade para a criação de um novo sistema, numa clara referência ideológica que os precedia, mas que levavam a cabo nesse momento. Os militantes e redatores estavam se referindo ao processo de greve geral que foi iniciado em São Paulo e depois no Rio de Janeiro, Porto Alegre e Pelotas em 1917 e no ano de 1919 em Salvador, Recife e novamente em Porto Alegre, fora diversas manifestações e greves de menor porte nesse período no país e a tentativa de insurreição no Rio de Janeiro em 1918.⁵⁷⁶

Articulações de militantes diversos no nível político e sindical, juntamente com as pressões econômicas desde a Primeira Guerra Mundial e a influência da Revolução Russa apareceram como variáveis no debate historiográfico sobre as causas, assim como o peso de cada condicionante para a organização e eclosão desses eventos. A autora Christina Lopreato foi uma das primeiras que, com grande veemência, analisou a experiência e agência dos personagens e associações para a construção e encaminhamento da greve geral de 1917 na cidade de São Paulo, considerando que foi a “operacionalização política da ação direta, tanto pelas dimensões e alcance do movimento quanto pela forma de articulação dos anarquistas entre si”⁵⁷⁷ essencial, o que destoava de boa parte da historiografia que colocava o peso maior na pressão de carestia de vida da população na região, como na análise de Bóris Fausto.⁵⁷⁸ Ademar Lourenço da Silva, por sua vez, no caso de Porto Alegre, evidencia como os

⁵⁷⁵ SANCHEZ, Galileu. “Prenúncios de liberdade.” *A Plebe* (São Paulo), 9 de junho de 1917. p.3.

⁵⁷⁶ Ver TOLEDO, Edilene. Um ano extraordinário: greves, revoltas e circulação de ideias no Brasil em 1917. *Estudos Históricos*, v. 30, p. 497-518, 2017.

⁵⁷⁷ LOPREATO, Christina. *Op.cit.*, p.18.

⁵⁷⁸ Ver FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e Conflito social: 1890- 1920*. São Paulo: Difel, 1977.

militantes articularam seus interesses políticos com a insurgência de classe, separando esses dois grupos, ao mesmo tempo em que são interpelados nesse momento por vários condicionantes, entre eles os estruturais, mas principalmente a agência deles que “admitam, quíça, pela primeira vez, que podiam exercer dominação, sobre amplos contingentes populares.”⁵⁷⁹

O historiador Luigi Biondi, por sua vez, ao analisar o caso paulistano coloca como importante cada uma das variáveis no contexto, lembrando, além disso, as articulações e relações internacionais que passava o movimento operário na cidade e no país, influenciado tanto pelas questões econômicas de pressão, mas também pela importância de militantes e ativistas socialistas, anarquistas, republicanos e sindicalistas em instrumentalizarem as revoluções e greves que estavam acontecendo no mundo todo em sua propaganda e ação política ou sindical.⁵⁸⁰ Nesse sentido, o autor Frederico Bartz, no caso do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, nos evidencia o processo de instrumentalização, debate e transformação do movimento operário nessa região diante da Revolução Russa, mostrando também o peso da agência desses personagens e suas interpretações perante o evento e as consequências disso na realidade dos trabalhadores.⁵⁸¹

Expondo esse breve debate historiográfico com nossa pesquisa, vemos que, no caso dos anarquistas, estes já estavam inseridos em boa parte dos condicionantes internacionais como a Primeira Guerra Mundial, mas também instrumentalizando esse evento e os debates do movimento operário e do próprio anarquismo para tentarem formar um movimento político coeso e encorpado com a realidade nacional, sendo também federativo e internacionalista, ao passo que continuavam a exercer sua inclinação ao sindicalismo, que também almejava ser nacional, respeitando às articulações locais. Esse fato parecia ser difícil de ser implementado, já que nessa década o movimento operário passava por vários momentos de ascensão e queda, além de vitórias e também repressão. Nesse sentido, de fato, um grande evento que mostrasse a vitória do movimento operário em uma grande unidade nacional, ao passo que

⁵⁷⁹ SILVA JR, Adhemar Lourenço da Silva. “A Greve Geral de 1917 em Porto Alegre.” *Anos 90*, Porto Alegre, n.5, 1996.

⁵⁸⁰ Ver BIONDI, Luigi. A greve geral de 1917 em São Paulo e a imigração italiana: novas perspectivas. *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth*, v. 15, p. 259-307, 2010.

⁵⁸¹ Ver BARTZ, Frederico Duarte. *O horizonte vermelho. O impacto da revolução russa no movimento operário do Rio Grande do Sul*. Dissertação (mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

também tivesse a presença de anarquistas, seria um ótimo exemplo para fortalecer a propaganda libertária no país.

Assim, logo no segundo número de *A Plebe*, um mês antes da eclosão da greve geral na cidade de São Paulo, o militante e redator Hélio Negro escreveu sobre a Revolução Russa deixando sua posição de que o evento seria um resultado exemplar de luta dos trabalhadores diante dos efeitos dos conflitos nacionais, nas palavras dele “uma das principais consequências desta chacina que transformou a Europa em matadouro humano”, onde “os revolucionários, principalmente os anarquistas, puseram a questão no bom caminho.”⁵⁸² Uma das táticas de propaganda do órgão, portanto, vai ser usar o evento como exemplo de mobilização operária e de coalizão militante, sendo possível uma resolução ao que parecia sem saída com os efeitos da Grande Guerra, concomitantemente que, na maioria das vezes, puxavam a participação essencial dos anarquistas e de suas redes móveis ou os contatos tidos pelos seus órgãos políticos ou sindicais nesse processo.

Isso fez com que em julho desse ano, quando os operários do Cotonifício Crespi reunidos sob a Liga Operária da Mooca decidiram parar suas atividades reivindicando aumento salarial, militantes do movimento operário envolvidos nesse evento, principalmente do jornal *A Plebe* e do *Guerra Sociale*, como em questão a militante Emma Menochi também do Centro Feminino Jovens Idealistas, mas outros como do órgão socialista *Avanti!*, noticiaram o processo e mobilizaram suas redes em diversas ligas e sindicatos da cidade para aderirem ao processo.⁵⁸³ Esses militantes também criaram o Comitê de Defesa Proletário (CDP) para negociarem e instituírem metas da greve em sentido amplo para a cidade e lançaram seu manifesto destinado aos representantes do Estado e também aos grandes industriais, que foi desde a petição imediata para o fim dos processos políticos contra manifestantes e militantes bem como a libertação deles, se estendendo para reclamar a abolição do trabalho aos menores de quatorze anos e do trabalho noturno para mulheres menores de dezoito, o aumento de salário de 25% a 35% dependendo do caso, sendo 50% para trabalhos extras, e a jornada garantida de oito horas diárias de trabalho.⁵⁸⁴ O jornal *A Plebe*, e principalmente o militante Edgard Leuenroth, propunha a coluna “Mundo operário”, divulgando

⁵⁸² NEGRO, Hélio. A Revolução Russa. *A Plebe* (São Paulo), 16 de junho de 1917. p.2.

⁵⁸³ Ver BIONDI, Luigi. *Op.cit.*, 2006. p.172.

⁵⁸⁴ *Manifesto do Comitê de Defesa Proletária*, 12 de julho de 1917. In: LOPREATO, Christina. *Op.cit.*, p.41-43.

manifestações nas ligas e sindicatos, assim como adesões às greves, o qual pontuava sua posição federalista e pela ação direta nessas, fato que também acompanhava o periódico *Guerra Sociale*, principalmente sobre as ligas operárias de bairro, constituídas nesse processo:

[...] servir-se-á unicamente, para o trabalho de propaganda e educação dos trabalhadores e sua luta contra o capitalismo, dos meios próprios de ação direta, tais como a greve parcial e geral, a boicotagem, a sabotagem, o label, a manifestação pública, etc., variáveis, segundo as circunstâncias de lugar e do momento. [...] A Liga Operária do..., sem abandonar a defesa, pela ação direta, dos rudimentares direitos políticos de que necessitam as organizações econômicas, não pertence a nenhuma doutrina estatal ou religiosa, não podendo tomar parte coletivamente em eleições, manifestações religiosas, nem podendo qualquer sócio servir-se dessa qualidade para se manifestar. [...] Sendo a luta ao capitalismo a sua ação essencial, a Liga Operária do... não permitirá em seu seio qualquer obra de beneficência, mutualismo ou cooperativismo, cujos encargos pesam sempre sobre os poucos recursos dos trabalhadores, desviando- os do seu único objetivo, que é trabalhar pela emancipação.⁵⁸⁵

Essas articulações foram somadas ao evento trágico da morte do sapateiro e anarquista espanhol José Martinez em uma manifestação, também noticiado nos periódicos operários da cidade, que conseguiram organizar um grande ato no dia de seu cortejo fúnebre com mais de 10 mil pessoas no Araçá. Na semana de nove a dezesseis de julho, tais paralisações acompanhadas de intensas manifestações revelavam uma intensidade inédita, logo se alastrando posteriormente para cidades do interior paulista e outras regiões como o Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Pernambuco.⁵⁸⁶

A FOSP, reerguida nesse período, e logo após reprimida, juntamente com a prisão de Edgard Leuenroth assim como outros militantes do movimento operário e o empastelamento do periódico *A Plebe*, contatou a FORJ que, no mesmo movimento, tentava unir as greves parciais que estavam acontecendo no Rio de Janeiro. Vários comícios feitos pelos militantes anarquistas, socialistas e sindicalistas em praça pública sobre a carestia de vida estavam acontecendo desde o início do ano juntamente com

⁵⁸⁵ “Estão ressurgindo as sociedades operárias.” *Guerra Sociale* (São Paulo), 26 de maio de 1917. p.1.

⁵⁸⁶ TOLEDO, Edilene. *Op.cit.*, 2017. p.502-503.

motins em mercados e armazéns. A partir do dia 18 de julho, greves parciais dos marceneiros, sapateiros, metalúrgicos, têxteis e outros foram conectados configurando uma greve geral. Apesar de não ser tão vitoriosa e ampla como no caso de São Paulo, logo os anarquistas, aproveitando o clima de agitação e reivindicação nesses organismos, tentavam radicalizá-los, também almejando uma organização política anarquista, o que possibilitou a presença libertária na cidade, marcada por uma tentativa de insurreição em 1918 quando greves simultâneas nas fábricas de Niterói, Petrópolis, Santo Aleixo e da capital resultaram em um ato para ocupar a intendência do Exército, que foi reprimido.⁵⁸⁷ Libertários em torno da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro durante esse processo tentavam ressaltar o evento soviético como exemplo, mas também a própria experiência local dos trabalhadores, além do antimilitarismo, finalmente ressaltando a importância tanto a organização política anarquista quanto do movimento operário:

Os despedaçamentos inenarráveis da hedionda guerra atual hão de emover todas as vontades para a supressão definitiva dos exploradores de homens, e o destino humano não sairá das conferências colossais, nem das fórmulas mais ou menos fraudulentas de juriconsultos e chefes de nação; há de irromper dos *soviets*, dos sindicatos libertários, das agremiações dos proletários, porque a dor humana, avolumada com os morticínios gigantescos, as tragédias formidáveis desses três anos, tem agora para dirigir-lhes os ímpetos de reivindicações, essa consciência clareadora que o século 19 nos legou e vai ser, no século 20, a luz guiadora da humanidade em marcha.⁵⁸⁸

Em Porto Alegre a greve geral começava a ser discutida no final de julho quando a FORGS noticiou que um membro da FOSP havia visitado a cidade. Antes disso, a FORGS não havia aderido a greve, o que representava para o pesquisador Ademar Lourenço da Silva a perda da influência do anarquismo e dos aderentes da estratégia do sindicalismo revolucionário na entidade nos últimos anos, passando para os reformistas e novamente para os aderentes da social-democracia.⁵⁸⁹ Não obstante, desde o início do ano, anarquistas oriundos do periódico *A Luta* ou de organismos

⁵⁸⁷ Ver NÉBIAS, Wellington Barbosa. *Op.cit.*, 71-173.

⁵⁸⁸ *Boletim da Aliança Anarquista* (Rio de Janeiro), março de 1918. p.4.

⁵⁸⁹ SILVA JR, Adhemar Lourenço da Silva. *Op.cit.*, p.185-186.

sindicais haviam fundado a União Operária Internacional (UOI) de caráter revolucionário e tentavam articular diversas categorias na cidade para greves parciais e gerais aderidas primeiramente pelos carpinteiros e pedreiros. Parecido com a criação do CDP em São Paulo, em uma reunião da sede da FORGS com a presença da UOI decidiu-se a criação da Liga de Defesa Popular, unindo anarquistas, sindicalistas, socialistas e republicanos radicais para interligarem e negociarem a greve na região, também instituindo pautas e reivindicações como diminuição dos preços dos produtos de primeira necessidade, criação de mercados livres nos bairros operários, obrigatoriedade da venda do pão a peso e fixação semanal do preço do quilo, redução do preço do transporte e dos aluguéis, aumento de 25% dos salários, além da jornada de oito horas e de seis para mulheres e crianças.⁵⁹⁰

Após um comício no dia 31 foi decidida a greve geral com cerca de 30 mil trabalhadores aderentes. Apesar da repressão sob diversas categorias e aos militantes da UOI e da FORGS, a greve saiu vitoriosa refletida nos decretos do governo estadual de Borges de Medeiros para a regulamentação do aumento de salários dos trabalhadores. Mesmo assim, a estratégia do sindicalismo revolucionário almejava potencializar a greve fazendo com que diversas categorias não paralisassem, o que resultou numa forte repressão a partir de uma ocupação militar na cidade.⁵⁹¹ Durante esse processo e depois, os anarquistas em torno de *A Luta*, continuavam a exercitarem o internacionalismo em sua propaganda, mencionando inclusive a Revolução Russa como na coluna O “Movimento Perante a História e o Internacionalismo” onde é afirmado que “surgiu do lado e da fumaça da guerra uma nova pátria, de verdade e justiça, de amor e fraternidade.”⁵⁹² Nesse sentido, também continuavam suas ações culturais e educativas noticiando grupos, livros e bibliotecas anarquistas, anticlericais e do socialismo em geral. Além disso, é interessante como, por meio desse evento, anarquistas atacassem o próprio socialismo da social-democracia e argumentassem a favor de suas estratégias e ideologia:

Socialismo alemão, social democracia, socialismo político e de estado: socialismo burguês. Socialismo russo: maximalismo, anarquismo, sindicalismo: socialismo operário. O primeiro é um rótulo para o regime

⁵⁹⁰ Ver TOLEDO, Edilene. *Op.cit.*, 2017. p.505.

⁵⁹¹ SILVA JR, Adhemar Lourenço da Silva. *Op.cit.*, p.199-200.

⁵⁹² *A Luta* (Porto Alegre), 28 de março de 1918. p.3 citado em BARTZ, Frederico. *Op.cit.*, p.66.

burguês: o segundo é a negação desse regime, e a proclamação dos sagrados direitos humanos do trabalhador.⁵⁹³

Outra onda grevista de porte nesse período aconteceu em Recife, no estado de Pernambuco, que desde o 1º de maio estava presenciando o aumento de ações e paralisações na cidade. Uma grande repressão gradativamente aumentava sob o movimento operário tentando dividir as associações e prendendo militantes e participantes das greves. O Sindicato de Ofícios Vários constituído desde o início da Primeira Guerra Mundial por uma ampla gama de militantes entre reformistas, anarquistas, sindicalistas e socialistas tentavam interligar e radicalizar as greves por pressão de seus agentes com o ideário mais revolucionário, embora as negociações com o patronato fossem uma constante. Após campanhas nos órgãos sindicais e muita propaganda nos ambientes e bairros operários, o Sindicato de Ofícios Vários convocou um comício público onde apresentou pautas mínimas para serem atendidas como o aumento de 50% de salário, a limitação do trabalho para 8 horas diárias, a abolição de empreiteiras, a garantia de não serem demitidos sem justa causa e outras.⁵⁹⁴ Diversas ligas, associações, sindicatos de diversos ofícios como alfaiates, pedreiros, marceneiros, carvoeiros e outros aderiram o movimento, o que fez o Sindicato de Ofícios Vários ser invadido e reprimido pela polícia. Mesmo assim, nos meses seguintes inúmeras paralisações e atos aconteceram no estado de Pernambuco e, aproveitando esse contexto, militantes anarquistas tentavam radicalizar tais ações que aconteceram só iriam decair depois de 1919. Nos jornais de presença anarquista, como no *A Tribuna do Povo*, altamente conectada com *A Plebe* em São Paulo, os militantes libertários tentavam fazer uma propaganda dos potenciais dessas ações visando à quebra do sistema vigente, principalmente divulgando a autogestão num espectro anticapitalista:

A sociedade da burguesia é um ciclo vicioso. E eis o motivo porque nós queremos transformá-la em vez de apelarmos para paliativos como lembram os reformistas. Nós pregamos a luta contra o capitalismo não porque sabemos que a simples greve visando aumento de salário seja suficiente para a classe trabalhadora, mas porque as continuas greves levarão aos

⁵⁹³ *A Luta* (Porto Alegre), 1 de maio de 1918. p.2.

⁵⁹⁴ Ver MOREIRA, Aluizio Franco. “A greve de 1917 em Recife.” *Clio – Revista de Pesquisa História*, n. 23, p.45-70. 2005.

trabalhadores à guerra de classe e depois quem é explorado só encontra uma arma- a greve.⁵⁹⁵

A inserção do anarquismo e suas articulações e redes militantes, como podemos ver, se mostravam efetivas nesse contexto, mostrando que a ação direta e os métodos do sindicalismo revolucionário estavam latentes em várias partes do território nacional. Mesmo não estando em presença física, seus métodos mostravam que a radicalização de práticas e decisões era efetiva, fato que pode ser descrito em Campinas, no estado de São Paulo, entre 1917 e 1920 onde as sociedades mutualistas e recreativas como a União da Juventude e a Liga Humanitária dos Homens de Cor assumiram decisões de paralisação e manifestações próximas dos organismos do sindicalismo revolucionário no país, evidenciando também, pelo nome e caráter dessas associações, que os métodos libertários haviam adentrado muito bem ambientes onde imigrantes e brasileiros, incluindo ex-escravizados, conviviam e atuavam.⁵⁹⁶ Além disso, anarquistas mostravam claramente sua prática pela auto-organização e suas posições anticapitalista, internacionalista, antimilitarista e anti-imperialista como podemos ver, mesclando o anseio de unidade do movimento operário e do anarquismo do país tentando não criar ou fortalecer um ideário nacionalista ou patriótico, embora isso não seja controlado, já que diversos discursos nacionalistas estavam sendo difundidos no país.

De qualquer modo, voltando para o caso da cidade de São Paulo, mas que pode exemplificar outras regiões de sucesso das reivindicações, para muitos trabalhadores do período a greve geral foi vencedora já que saía com promessas de industriais e governantes - como o prefeito Washington Luís - que garantiam a melhoria das relações de trabalho como a promessa de fazer cumprir as leis para regulamentação das atividades de mulheres e crianças em todos os estabelecimentos, assim como no caso de Porto Alegre. Muitos industriais também concederam aumento de salário e alguns passaram a estabelecer, por algum tempo, as oito horas de trabalho como plano da jornada de atividades. Tudo isso foi mediado e redigido pela Comissão de Imprensa, no qual participava vários jornais da grande mídia, cobrindo tais promessas e exigências, o

⁵⁹⁵ “Signaes dos tempos.” *Tribuna do Povo* (Recife), 5 de julho de 1919. p.1.

⁵⁹⁶ “Na Liga dos Homens de Cor, dos 21 anos aos 45 anos, os associados estão distribuídos em proporções equivalentes, os negros representam 73,36% dos associados, sendo que os imigrantes representam 44,61% dos brancos existentes na associação (11,88% do total de associados).” NOMELINI, Paula Christina Bin. *Associações operárias mutualistas e recreativas em Campinas (1906-1930)*. Tese (doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, 2007. p.80.

que deixava muitos da população com uma sensação ainda mais de vitória.⁵⁹⁷ No entanto, para os militantes libertários, os ganhos foram muito mais morais e só valeriam se a luta se estendesse para uma ruptura com o sistema vigente. Os anarquistas mostravam que embora as promessas do Estado e dos representantes das fábricas fossem cumpridas, não demoraria muito tempo para que alguns locais voltassem a exercer o trabalho exploratório de mulheres e crianças e aumentarem novamente a jornada de trabalho, condições que só acabariam definitivamente, para os militantes, com uma revolução proletária a partir da reunião novamente das forças operárias. Voltando a fazer uma campanha contra o trabalho de crianças nas fábricas no ano de 1919, os militantes do periódico *A Plebe* mostravam que

a exploração de menores nas fábricas é tanto mais ignominiosa e revoltante quanto é certo refletir ela uma das maiores iniquidades praticadas pela cupidez capitalista. Não basta obrigar-se a trabalhar de sol a sol toda essa legião de filhos da miséria, cuja idade orça entre os 9 e os 14 anos; não basta dar-se-lhes uma remuneração irrisória e mesquinha, que nem chega para o pão com que se alimentam; não basta esgotarem seu vigor físico no lapso de tempo em que deviam frequentar a escola; não basta todo o desconforto e provação a que os sujeitam o rigor férreo e a disciplina violenta das bastilhas laboriosas. [...] Portanto, ó pais, ó mães, ó todos vós que sofreis o peso do jugo capitalista, reivindicai a liberdade de vossos filhos, de vossos entes queridos, em idade imprópria para o trabalho e ide depois procurar também o vosso lugar à mesa do bródio social. O melhor caminho para alcançar esse objetivo é a associação. Associai-vos, uni-vos, congregai-vos como um só corpo, porque assim sereis fortes e invencíveis.⁵⁹⁸

Para os militantes anarquistas, portanto, era necessária a ampliação das lutas para esses direitos não serem revogados, além da constante organização para a superação do capitalismo. Ainda assim, o trecho revela uma das táticas seguidas pelos anarquistas nesse período em vários pontos do país para a organização e efetivação dos métodos libertários nas greves e reivindicações, a coalisão militante inspirada no bolchevismo. Embora *A Plebe* em São Paulo, *A Tribuna do Povo* em Recife, o

⁵⁹⁷ Ver LOPREATO, Christina. *Op.cit.*, p.127-228.

⁵⁹⁸ “Mundo Operário: Uma grande causa proletária – pela infância proletária.” *A Plebe* (São Paulo), 5 de abril de 1919. p.3.

Spartacus do Rio de Janeiro, *A Luta* em Porto Alegre e outros mostrassem sua clara intenção ao anarquismo e a autogestão e federalismo como vimos, a propaganda da Revolução Russa passava de simples retórica para ações mais pragmáticas no país inspiradas nesse processo, o que já começava no ano de 1917, mas se potencializou até a virada da década.

Essa tática foi levada a cabo e incrementada até o ponto que fosse lançado em 1919, por Edgard Leuenroth e Hélio Negro, o livreto *O que é o maximismo ou o bolchevismo*, defendendo que tal processo revolucionário era o “caminho do almejado comunismo libertário, que trará para todos a paz, o bem-estar e a liberdade.” O opúsculo foi reverberado entre as redes anarquistas em diversos estados como em Manaus, Salvador, Recife, Rio de Janeiro e em Porto Alegre. Para muitos militantes, o bolchevismo seria uma estratégia tal qual o sindicalismo revolucionário, que uniria órgãos essencialmente políticos, além dos sindicais, com uma aglutinação de várias tendências ideológicas com um fim programático. O resultado foi a criação, em 1919, do Partido Comunista do Brasil ou Partido Comunista Anarquista. Gestado na cidade do Rio de Janeiro, o partido foi fundado em março de 1919, admitindo “anarquistas, socialistas e todos que aceitarem o comunismo social”⁵⁹⁹ como programa. Entre as ações de maior destaque no período é possível salientar a organização do 1º de maio de 1919 e da Primeira Conferência Comunista do Brasil, perpetrada na então capital federal entre os dias 21 e 23 do mesmo ano. Objetivando uma presença difusa no território nacional, o partido contou com a fundação de núcleos em diferentes estados como Rio de Janeiro a partir do jornal *Spártacus* e *A Plebe* em São Paulo.⁶⁰⁰

É certo que tal órgão, para autores como João Mateus, foi o resultado dos debates de organização interna do anarquismo — que já havia proposto alianças nas duas cidades como vimos — e, portanto, não representava um desvio ideológico, uma vez que seu programa repudiava, por exemplo, o parlamentarismo e o autoritarismo do Estado. Como podemos observar ainda em seu manifesto, a autogestão era difundida.⁶⁰¹ Não obstante, mesmo favorecendo aspectos ideológicos libertários, o próprio uso do título “Comunista” em detrimento de “Anarquista” ou “Libertário”, anteriormente utilizado na nomenclatura de órgãos de aglutinação política no país, é um indício que

⁵⁹⁹ *A Plebe* (São Paulo), 28 de junho de 1919, p.1.

⁶⁰⁰ DULLES, John. *Op.cit.*, p.78-79.

⁶⁰¹ MATEUS, João Gabriel da Fonseca. *Escritos sobre a imprensa operária da Primeira República*. Minas Gerais: Virtual Books, 2013. p.134-154.

tais militantes também consideravam expandir sua tentativa de congregação de forças militantes para além dos anarquistas. É evidente que o termo em questão, no período, era evocado por todos os ramos socialistas e normal na tradição libertária; exatamente por isso, sem desconhecer tal questão, os militantes ampliaram seus critérios de ingresso que anteriormente, na Aliança Anarquista, eram apenas de núcleos e grupos anarquistas já atuantes, passando para qualquer um que se reivindicasse comunista:

1- Podem fazer parte do Partido todos os homens e mulheres residentes do Brasil que estejam de acordo com o seu programa e meios de ação. 2 — O ingresso como sócio do Partido vale por um compromisso pessoal de defender e propagar o programa aceito. [...] A ação do Partido consiste na propaganda sistemática, por todo o país, do socialismo integral ou comunismo e na arregimentação e educação do proletariado em geral para posse dos poderes públicos — único meio pelo qual poderá realizar o seu programa.⁶⁰²

Esse dualismo, portanto, na prática, possivelmente diferia das alianças anteriores. Por um lado propunha-se a organizar militantes diversos por meio de um programa coeso, mas geral e aglutinador, construindo uma força significativa para lidar com o refluxo do ativismo nas cidades, visando erguer novamente os movimentos sociais que estavam danificados, desde que ancorados em algumas propostas básicas libertárias; por outro — pessoalmente e mediante esse órgão e outros — alavancar os movimentos populares, instrumentalizando qualquer ideário desde que fosse minimamente progressista ou revolucionário. Interessante também que tal órgão se pretendia nacional, o que evidencia o desejo e o ideário crescente dos militantes anarquistas para uma ação coesa e aglutinadora no país. Na verdade, as redes de contato durante o processo grevista entre 1917 e 1919, que se mostravam efetivas, seriam solidificadas nessa visão, visando um processo como na Revolução Russa.

Não obstante, além dessa apropriação tática da Revolução Russa e de seus programas visando incrementar o movimento operário por parte dos anarquistas, existiram, de fato, outras tendências diante do evento — desde a recepção total dos ideários marxistas por alguns militantes que se tornaram ex-libertários ou mesmo a crítica de outros personagens aos caminhos revolucionários do leste europeu. Na pesquisa de Andreas Doeswijk sobre os anarquistas na região rioplatense, são apontadas

⁶⁰² “Está constituído o Partido Comunista do Brasil.” *A Plebe* (São Paulo), 12 de abril de 1919. p.4.

três fases distintas dos militantes libertários diante do evento em questão em que podemos fazer paralelos com o caso estudado. A primeira consistiu no apoio majoritário de todos os anarquistas diante da Revolução Russa e do bolchevismo, acreditando que o evento era exemplar contra o sistema capitalista, minando também as práticas imperialistas dos conflitos mundiais. Os libertários que circulavam em torno dos jornais *La Protesta* e *Tribuna Proletária* já conheciam a existência de debates sobre o centralismo estatista, embora acreditassem que o apoio anarquista poderia desviar esse intuito. Na segunda fase, a partir de maio de 1919 em diante, foi iniciado um questionamento em alguns grupos anarquistas, ainda não homogêneo, sobre a ditadura proletária e o caráter do Partido Comunista, fato que acompanhou o *Tribuna Proletária*, diversamente dos grupos *Bandera Roja* e *La Protesta* — que até criticavam o primeiro jornal, chamando-o de purista. Tal aspecto mudou a partir de 1921, na terceira fase: após a volta de alguns anarquistas do leste europeu e a repressão na Ucrânia, foi realizado um intenso debate e até medidas contra os apoiadores do bolchevismo entre o anarquismo e no movimento operário, fato que pode ser exemplificado nas articulações militantes para a perpetuação do caráter anarquista dentro da Federação Operária Regional Argentina. Nessa fase também vão existir os militantes que transitaram da corrente política anarquista ao marxismo.⁶⁰³

O periódico paulistano *Alba Rossa*, constituído pelo grupo em torno de Angelo Bandoni, em 1919, intimamente preocupado em reestabelecer um poderoso laço internacionalista com outros grupos anarquistas, foi o primeiro a se manter mais cauteloso ao apoio concedido aos bolcheviques, apesar de que não faltasse, em suas colunas, o apoio a esse processo revolucionário. Análogo ao *Tribuna Proletária* na Argentina, o jornal ainda fez algumas ponderações sobre a construção do Partido Comunista, que estava sendo altercado em São Paulo e no Rio de Janeiro:

Outro ponto que se presta a equívocos graves é aquele em que se proclama “arregimentação e educação do proletariado, em geral, para a conquista do poder pelo público - único meio pelo qual poderá realizar o seu programa” - conquista revolucionária, você vai dizer, e bem, nós concordamos. Mas, qual é o fim desta conquista? Para superar o poder? Para a divisão pública da Comuna e dos Sovietes?⁶⁰⁴

⁶⁰³ DOESWIJK, Andreas. *Entre camaleões e cristalizados: os anarco-bolcheviques rioplatenses, 1917-1930*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 1998. p.62-65.

⁶⁰⁴ *Alba Rossa* (São Paulo), 11 de março de 1919, p.1.

Para alguns redatores do *Alba Rossa*, o programa não tinha a menor proximidade com os ideais anarquistas, uma vez que não estaria claro, por exemplo, se a conquista do poder seria nos moldes soviéticos e do processo revolucionário socialista bolchevique ou por meio da divisão autogestionária, pensada pelos anarquistas. Assim, alguns dos próprios militantes libertários do período questionavam se o órgão e o programa eram consequência dos debates de organização anarquista ou mesmo como qualquer partido socialista, resultado do vislumbre do processo revolucionário soviético.

Além disso, as posições mais próximas ao bolchevismo foram danosas ao anarquismo quando, no começo da seguinte década, a maioria dos libertários rejeitaram o processo que estava sendo instaurado pelos soviets, principalmente após às denúncias de militantes sobre a repressão desencadeada no processo de consolidação do Estado contra os anarquistas.⁶⁰⁵ Além disso, a criação do Partido Comunista do Brasil em 1922, agora de clara orientação comunista, se mostrava forte no país também pelo esforço dos anarquistas que, por razões ideológicas e estratégicas, tiveram que abandonar o projeto.

De todo modo, pensando num vínculo mais íntimo, mais flexível ou mais crítico com o bolchevismo — fato que, como já apontamos, também estava em discussão —, percebemos que a maioria dos anarquistas, nunca se distanciou dos ambientes e de órgãos sindicais ou associações operárias, de sua inserção cultural e do debate de organização política anarquista, da defesa do sindicalismo revolucionário, do internacionalismo, anti-imperialismo e antimilitarismo, inclusive rejeitando a socialdemocracia, o que ajudou rapidamente o anarquismo ser continuado no país, embora seu projeto de unidade nacional, tanto do projeto anarquista, quanto do movimento operário fosse danificado. Para o historiador Tiago Bernardon de Oliveira, mesmo no período de incentivo e apoio à Revolução Russa, anarquistas agiram em três frentes diversas e complementares:

Em uma primeira, apesar de não referida, obviamente, continuariam a agir em seus núcleos, centros de estudos e propaganda libertários; uma segunda,

⁶⁰⁵ Uma delas foi a militante Emma Goldman. Para mais ver LOBO, Elizabeth. Emma Goldman — Revolução e Desencanto: do Público ao Privado. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n.18,v.9, p.29-41, 1989.

através do sindicalismo, cuja oportunidade do crescimento da mobilização operária trazia a perspectiva de retomar os trabalhos da COB e de outras federações, como a FOSP; e uma terceira, a articulação de ações conjuntas propriamente políticas, sem as limitações impostas pelo sindicalismo, com diversas correntes, especialmente com os socialistas ou ainda outros “avançados” que desempenharam uma posição positiva no Comitê de Defesa Proletária.⁶⁰⁶

Sendo assim, como antes, a preocupação grevista, que objetivava melhorias graduais exercitando uma prática revolucionária, prosseguia nos horizontes dos militantes libertários atuantes sendo perpassado em suas redes e formas de atuação. A *Plebe* noticiou, entre 1919 e 1922, dezenas de greves, manifestações e boicotes na capital de São Paulo e no interior do estado, que aumentavam suas organizações operárias potencialmente mediante a criação de órgãos sindicais apoiados e impulsionados pelos anarquistas.⁶⁰⁷ A *Luta*, em Porto Alegre, continuou sua trajetória sindical e federalista até o início da terceira década e o mesmo aconteceu com *A Tribuna do Povo* em Recife até 1920. Uma influência dos ideais e práticas anarquistas e da estratégia do sindicalismo revolucionário foi sentida também em Salvador em intensas greves e manifestações a partir de 1919, principalmente sob a categoria dos trabalhadores da construção civil.⁶⁰⁸

Ações como a criação do Partido Comunista e as notícias da Revolução Soviética, portanto, faziam parte de medidas e táticas, muitas vezes complementares — embora essenciais no período — ao caráter de organização. Afirmamos que essa essência, íntima aos ambientes proletários e subalternos, apoiando o bolchevismo ou não, é que possibilitou a perpetuação do anarquismo mesmo quando, em 1922, *A Plebe*, análogo à terceira fase dos anarquistas na região rioplatense, declara seu repúdio ao processo revolucionário soviético e ao caráter autoritário que estava em desenvolvimento:

Aceitando o comunismo-anárquico, negação de todo o princípio de autoridade e expressão mais completa das aspirações de liberdade porque vem lutando a humanidade através dos séculos, e sendo seu objetivo

⁶⁰⁶ OLIVEIRA, Tiago Bernardon. *Op.cit.*, p.114.

⁶⁰⁷ Ver SANTOS, Kauan Willian dos. *Op.cit.*, 2016, p.102-122.

⁶⁰⁸ Ver GUIMARÃES, Luciano de Moura. *Ideias perniciosas do anarquismo na Bahia. Lutas e organização dos trabalhadores da construção civil*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, 2012.

extinguir a divisão da coletividade humana em classes antagônicas. [...] Não concordamos com o estabelecimento da ditadura do proletariado, repelimos, com muito mais razão, a ditadura de um partido, ainda que esse partido se apresente como a elite do elemento revolucionário e como a vanguarda da classe trabalhadora, pois julgamos que a missão dos organismos políticos - sociais deve ter por objetivo conseguir dar à organização obreira a indispensável eficiência de coesão, de capacidade administrativa, técnica e revolucionária.⁶⁰⁹

Como é possível constatar, os libertários ainda evocavam o “comunismo”, mas divulgavam que não era possível, para a realização da igualdade, uma ditadura instaurada por um grupo político que perpetuaria e reproduziria tipos de tiranias que supostamente eram derivadas do sistema capitalista, pois se transformariam em novas elites — ao contrário de dar apenas impulso ao processo revolucionário, verdadeiro caráter dos partidos para os redatores. Como resposta, propunha-se, em parte, a organização sindical internacionalista com base na ação direta, a partir de um apoio ideológico e político, como praticavam na cidade:

Para ser alcançado esse objetivo, julgamos que a Internacional sindical, independente da política, deve reunir todas as organizações sindicalistas de acordo com as bases federativas, constituindo, assim o expoente da força organizadora do proletariado mundial em sua luta contra o salariedade e o patronato. Com o mesmo critério, encaramos a organização da Internacional política, em cujo seio julgamos que devem ser reunidos federativamente os partidos político-sociais revolucionários de todos os países, respeitando a autonomia de cada um no desenvolvimento de seus programas específicos e estabelecendo-se um programa geral para a luta contra o domínio do capitalismo.⁶¹⁰

É interessante considerar, nesses trechos, que os redatores reconheciam, tal qual como outros socialistas, a importância e a necessidade de uma organização política e outra, de caráter social, por meio das organizações sindicais e subalternas de reclamação econômica atuando conjuntamente, embora com “autonomia de ação, sem dependência uma da outra”. Essa citação faz referência direta à importância que tais militantes concediam à necessidade de formar partidos ou alianças anarquistas para

⁶⁰⁹ “Os anarquistas no momento presente.” *A Plebe* (São Paulo), 18 de março de 1922. p.4.

⁶¹⁰ *Idem.*

atuar nessas esferas, relevando mais uma vez que a criação de órgãos como o Partido proposto pelos libertários não era exógeno a sua ideologia. Ainda assim, esse trecho revela a existência de um novo dilema que os militantes libertários encontravam no movimento operário. A partir de então, os anarquistas precisavam disputar espaço com um concorrente que eles mesmos ajudaram a alimentar nestes anos: o próprio comunismo, por meio de um partido orgânico, atuando com inserção considerável —o que, para os redatores, pelo próprio traço do bolchevismo, poderia resultar na sobreposição do nível ideológico e partidário em relação ao social.

Na virada da década, essas agitações vão resultar em intensas mutações em movimentos sociais e também no crescimento da vertente reformista no movimento operário, do nacionalismo e patriotismo brasileiro e no acirramento ainda maior da repressão. Coube para os anarquistas novamente discutir novas estratégias e táticas, assim como a inserção nacional e seu internacionalismo para lidarem com esse novo cenário.

CAPÍTULO IV

**A nação em efervescência: nacionalismo,
internacionalismo e revolução no contexto de disputa
acirrada ao sindicalismo e da ascensão de outros
agentes e movimentos sociais e políticos (1922-1930)**

IV-I. A revolução russa em xeque e a disputa anarquista frente ao avanço do comunismo e do reformismo diante do nacionalismo em efervescência no início da década

Portanto, para os anarquistas, defender a revolução é manter seu caráter anárquico e para mantê-lo, é logicamente necessário que ela exista desde o início. Como imprimir um caráter anárquico à revolução? Antes de tudo, fazer o possível para que a luta se estabeleça simultaneamente por toda parte, mantida por grupos revolucionários autônomos, capazes de realizar separadamente, sem esperar nenhuma orientação vinda de qualquer parte, todo o objetivo da revolução. (*A Plebe*)⁶¹¹

Na primeira edição do jornal *A Plebe*, publicada em junho de 1917 em São Paulo, os anarquistas imprimiram na primeira página o mote “Rumo à Revolução Social”, referindo-se a grande onda grevista e insurrecional que ocorria no país e no mundo. Tinham esperanças de que esta onda revolucionária, que continuaria até o fim da década, transformasse abruptamente suas realidades. Tal posição libertária afirmava que nem toda explosão ou organização tida como operária ou trabalhista poderia alcançar uma sociedade livre em todos os sentidos – uma vez que nos primeiros anos de 1920, principalmente após 1922, haveria a ascensão do comunismo bolchevique no país.

Os caminhos percorridos pela Revolução Russa, de repressão aos libertários e de centralismo estatista e partidário, foram repudiados pelos anarquistas; contudo, os militantes no país tiveram de abrir mão de um grande espaço em seus jornais para noticiar o evento que servia como uma propaganda internacionalista inigualável. Os partidos de coligações militantes, substituídos em parte pelos de organização política especificamente anarquista, também tiveram que ser deixados de lado nesse momento, e com isso também ficou desassistida uma grande parte mais programática de suas organizações que articulavam estratégias em algumas áreas distantes do país. Além disso, nesse período, libertários ainda foram confrontados com grandes movimentos de massas, muitos deles nacionalistas ou regionalistas, que eram arriscados de serem disputados. Somava-se a este cenário, uma repressão que mirava principalmente no teor

⁶¹¹ FRANCO, Victor. “A defesa da revolução.” *A Plebe* (São Paulo), 18 de março de 1922. p.2.

libertário.⁶¹²

Anarquistas e sindicalistas já percebiam essa atmosfera logo em 1920, e haviam convocado o Segundo Congresso Operário do Rio Grande do Sul e o Terceiro Congresso Operário no Rio de Janeiro. Entre 21 e 25 de março, em Porto Alegre, 30 associações e sindicatos se reuniram, a partir de um forte prisma ainda antimilitarista e internacionalista, declarando que “em caso de guerra externa deveria ser declarada uma greve geral revolucionária no campo e na cidade.”⁶¹³ Contudo, o pesquisador Anderson Romário Pereira revela que mesmo antes da fundação de um partido de orientação marxista no país, personagens maximalistas e bolchevistas almejavam que o congresso e suas resoluções seguissem a Terceira Internacional Comunista de Moscou. Não obstante, os anarquistas, mesmo os que apoiavam o processo da Revolução Russa até o momento, defenderam a vinculação do projeto ao sindicalismo revolucionário, dando continuidade as decisões dos congressos anteriores. No Rio de Janeiro, em abril do mesmo ano de 1920, seis sessões na sede da União dos Operários em Fábricas de Tecidos marcaram os debates para os encaminhamentos do Terceiro Congresso Operário que contou com 116 delegados e envolveu associações de São Paulo, Rio Grande do Sul e Pernambuco. O historiador John Dulles nos mostra que a Liga Operária da Construção Civil de São Paulo, representada pelos militantes Deoclécio Fagundes e Teófilo Ferreira, foi um dos grupos que propunha também a adesão do Congresso à Internacional Comunista. Por outro lado, outros anarquistas, como Edgard Leuenroth e Astrojildo Pereira, decidiram apenas saldar a Revolução Russa, articulando pela posição de continuação do projeto de sindicalismo revolucionário, dessa vez apoiando a organização de sindicalização por indústria em detrimento da organização por ofício, pois acreditavam que o descentralismo cada vez maior cabia melhor num movimento operário devastado pela repressão.⁶¹⁴

Para a nossa investigação, esses eventos evidenciam que mesmo antes da ruptura oficial com o processo soviético, anarquistas, que haviam saudado e usado a Revolução Russa em suas propagandas, estratégias e táticas, não eram tão ingênuos e instrumentalizavam esse evento e processo dentro de sua cultura política, como debatemos anteriormente. Ainda assim, podemos observar que posições comunistas

⁶¹² Ver GOMES, Angela de Castro. *Op.cit.*, p.129-174.

⁶¹³ PEREIRA, Anderson Romário. *Sindicalismo Revolucionário e Anarcossindicalismo nos Congressos Operários do Rio Grande do Sul (1898-1928)*. In: SANTOS, Kauan Willian dos; SILVA, Rafael Viana da (Orgs.). *Op.cit.*, p.107.

⁶¹⁴ DULLES, John. *Op.cit.*, p.113-1114.

estavam de fato crescendo fora dos projetos anarquistas – se fazendo necessárias medidas enérgicas para possibilitar a expansão e a inserção de meios e fins libertários no movimento operário.

Nesse sentido o *Alba Rossa*, em São Paulo, foi um dos primeiros periódicos a abrir um debate profundo sobre os caminhos libertários ao criticar o endurecimento do Estado na Revolução Russa e a disputa ao comunismo marxista. Lançado no dia 26 de janeiro de 1919 na capital paulista, o periódico tinha redatores como Angelo Bandoni, que provinham de uma tradição militante antiorganizacionista, mas que nos últimos anos percebiam a necessidade de organização e possuíam inserção considerável nos ambientes sindicais. Após a intensa repressão desencadeada pela onda grevista de 1917 e com a desintegração de uma aliança que visava impulsionar os órgãos sindicais, alguns anarquistas, como os desse grupo, interpretavam ser necessário retomar suas ações propagandistas em grupos móveis com o intuito de tentar se proteger dos ataques das autoridades, e conservar seus aspectos ideológicos, caso o movimento sindical continuasse a ser atacado.

O órgão, que continha quatro páginas e tinha o preço de 10\$000 por assinatura anual ou 5\$000 semestral, era escrito majoritariamente em idioma italiano com algumas colunas em português, sendo voltado aos grupos e bairros de origem italiana na cidade. Assim como o difuso *A Plebe*, ainda o principal periódico anarquista da cidade, Angelo Bandoni e seus companheiros continuavam a noticiar informações das condições de vida dos menos favorecidos e do movimento operário em geral, e a apoiar o processo revolucionário soviético.

Não obstante, diferente do grupo em torno do mencionado *A Plebe*, que se voltava progressivamente e quase inteiramente à organização sindical local e sua articulação nacional, as campanhas do *Alba Rossa* apostavam novamente em suas redes internacionais, tentando reconstruir uma luta internacionalista, antimilitarista e descentralizada. Assim como nos jornais *La propaganda Libertaria* e *Guerra Sociale*, as notícias do movimento operário mundial e seu contato íntimo com as redes anarquistas de outros países, principalmente italianas, eram refletidas em colunas de debates locais como “Movimento Operaio Internazionale”, “Per la Pace Nel Mondo” e “Guerra e Rivoluzione.” Foi essa índole e inclinação que levou, ainda em 1919, o grupo a realizar uma crítica, que já chegava em outras partes do mundo pela família libertária, à centralização do Estado na Revolução Russa:

A maioria dos anarquistas italianos, porém, sem se recusar a prestar seu apoio a um movimento maximalista, faz suas reservas sobre a questão da constituinte e à ditadura proletária opõem a propaganda pela constituição das Comunas Libertárias. Essas reservas são lógicas e ponderadas. A ditadura, mesmo com fim revolucionário, é exclusivista e opressora e tende fatalmente a exercer funções de conservação.⁶¹⁵

É interessante perceber que, no trecho, ao lado da crítica ao centralismo estatista, os redatores do periódico sublinhavam sua identidade italiana junto a sua corrente política. Pode-se pensar, num primeiro momento, que essa era uma atitude comum e até inconsciente dos remanescentes do periódico e grupo *La Battaglia*, que anteriormente apresentaram resquícios etnocêntricos em seus discursos. Porém, percebemos que tal discurso e um conjunto de posturas e táticas semelhantes poderiam ser uma escolha tática de volta ao transnacionalismo e internacionalismo; típico do anarquismo no início do século XX, apostando também no descentralismo, como evidencia as suas chamadas para conferências:



(*Alba Rossa* (São Paulo), 8 de março de 1919. p.4.)

⁶¹⁵ “Dittadura Proletaria o Comune Libertaria?”, *Alba Rossa* (São Paulo), 8 de março de 1919. p.1

Mostrando que existiram outras experiências, além da Revolução Russa, de caráter revolucionário e libertário, como é o caso da Comuna de Paris, os anarquistas do periódico também tentavam instrumentalizar eventos fora do país, reforçando o internacionalismo. Nesse sentido, os construtores do jornal *Alba Rossa* não estavam fazendo isso de forma gratuita. A questão é que o reformismo, um dos principais concorrentes dos libertários ganhava mais força no movimento operário no Brasil, e em muitas partes do mundo. O jornal *A Plebe*, em 1921, denunciava essa prática como uma colaboração “com a ditadura capitalista”⁶¹⁶, chamando aqueles dessa vertente de sindicalistas e socialistas amarelos. Durante este ano, o periódico manteve uma coluna fixa chamada “A praga reformista na Europa”, que mostrava a ascensão dessa estratégia após a Grande Guerra, chegando a conclusão de que tal vertente e seus mecanismos “não são senão a válvula de segurança para a garantia da ordem e da legalidade do regime burguês.”⁶¹⁷

Essa visão do reformismo, também chamado de sindicalismo pelego pelo movimento operário, como “praga”, entre outros títulos depreciativos, “e de origem burguesa” foi reproduzida por militantes que estudaram o movimento operário posteriormente, como foi o caso de Astrojildo Pereira, quando este passou para as fileiras do marxismo.⁶¹⁸ Nessa visão, o sindicalismo reformista seria uma estratégia não legítima e até estranha ao movimento operário e que o teria corrompido em sua fase supostamente revolucionária, anterior a 1920. O estudioso Bóris Fausto, por sua vez, identifica essa vertente – nomeada pelo autor de “trabalhismo carioca” – antes mesmo desse período e a coloca como latente na cidade do Rio de Janeiro, enquanto que São Paulo, segundo essa interpretação, seria marcado pelo sindicalismo de intenção revolucionária.⁶¹⁹ Avanços da historiografia desde a renovação da Nova História do Trabalho identificam a corrente reformista em diversas regiões como no Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná, Pernambuco, Ceará, Rio de Janeiro e Minas Gerais, como

⁶¹⁶ “O Socialismo amarelo.” *A Plebe* (São Paulo), 11 de junho de 1921. p.1.

⁶¹⁷ “A Praga reformista na Europa.” *A Plebe* (São Paulo), 26 de março de 1921. p.1.

⁶¹⁸ PEREIRA, Astrojildo. *Op.cit.*

⁶¹⁹ FAUSTO, Bóris. *Op.cit.*, p.59-178.

importante na construção de diversas categorias⁶²⁰ da própria classe trabalhadora no Brasil, uma vez que representava “uma forma de consciência de classe não no sentido revolucionário, mas nos limites do trade-unionismo”⁶²¹, segundo o historiador Claudio Batalha.

Reformistas, que abarcavam um grupo complexo e heterogêneo influenciados por socialistas diversos que não concordavam com a prática do sindicalismo revolucionário, positivistas e sindicalistas pragmáticos ou do trade-unionismo apareceram latentes no Congresso Operário de 1906 no Rio de Janeiro, representando vários desses estados citados. Ainda que tenham sido derrotados como estratégia oficial a ser seguida pela Confederação Operária Brasileira, continuaram suas práticas durante esses anos.⁶²² Para Claudio Batalha, esse grupo ainda defendeu ao longo desse período formas de organização que, apesar de não fazerem referência à ruptura do sistema vigente, buscavam “remediar os males do capitalismo”. Sem deixar de observar sua ideia de partido, por meio de associações operárias por localidade, ofício ou indústria em noções classistas e por isso, para o autor, esse tipo de organização representa uma forma de estratégia dentro da classe trabalhadora e para si.⁶²³ Nesse sentido, John Dulles nos informa que desde 1912, fora construída, entre os próprios operários, a Confederação Brasileira do Trabalho (CBT) que afirmava abster-se da “questão religiosa, deixando de lado as doutrinas internacionalistas, antiestatistas e antimilitaristas.”⁶²⁴ Angela de Castro Gomes, por sua vez, defende que, apesar de o reformismo ser uma corrente provinda da classe trabalhadora, sua rejeição à “ação direta e opressora, que atuava pela desapropriação violenta de todas as riquezas, declarando inimigos do Estado e patrões” entendendo que “o sindicato era a instituição básica para a realização de um acordo equitativo entre capital e trabalho e que as cooperativas seriam seus instrumentos de operação”⁶²⁵. Tais características do reformismo serviam muito bem à medida que o Estado nacional estava se impondo e que os discursos nacionalistas também estavam em efervescência e, por isso, ascendeu

⁶²⁰ OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. -Pela Reforma, contra a Revolução: Notas sobre reformismo e colaboracionismo na História do Movimento Operário Brasileiro da Primeira República. | *Revista Crítica Histórica*, n.5, p.26-59, 2012.

⁶²¹ BATALHA, Claudio. “Uma outra consciência de classe?: o sindicalismo reformista na Primeira República.” *Ciências Sociais Hoje*, v. 1990, p. 117-127, 1990.

⁶²² Ver BATALHA, Claudio. *Op.cit.*, 2018. p.15-18.

⁶²³ Ver BATALHA, Claudio. *Op.cit.*, 1990.

⁶²⁴ DULLES, John. *Op.cit.*, 1977. p.32.

⁶²⁵ GOMES, Angela de Castro. *Op.cit.*, p.149.

nesse período, além de reprimir o anarquismo.

Nesse caminho, após as manifestações operárias e a onda grevista e insurrecional entre 1917 e 1920, os debates parlamentares para deportações e prisões ficaram mais intensos e sistemáticos e eram somados aos discursos nacionalistas de intelectuais e políticos que reviam a questão da imigração e do trabalhador imigrante. Alguns desses, como Manuel Bonfim, destacavam o desprezo que teriam os políticos brasileiros pelo trabalhador nativo, mostrando que o elemento estrangeiro era causador de uma suposta desordem. Em 1920, foi fundada a Ação Social Nacionalista, sendo seguida pela Liga da Defesa Nacional, a Propaganda Nativista e o periódico *Gil Blas*. Esses e outros órgãos apoiavam, por meio até de passeatas, as medidas de expulsão de estrangeiros que supostamente ameaçavam o trabalhador nacional, fazendo duras críticas ao anarquismo como movimento que não defenderia os interesses do país.⁶²⁶ Para Angela de Castro Gomes,

este nacionalismo dos anos 20 não se traduzia mais por um sentimento de amor à pátria, fundado na grandeza e beleza territoriais do Brasil, conforme o modelo paradigmático do *Por que me ufano* do conde Afonso Celso. Ele se manifestava como um movimento social, agressivo e militante, que tinha como objetivo apontar e combater os males do nosso país.⁶²⁷

A Plebe, *Alba Rossa* e outros jornais anarquistas não aumentavam suas sessões de crítica ao reformismo – uma vez que sempre denunciavam e se opunham à social democracia – apenas por simples posição doutrinária. Na realidade, de certa forma, anarquistas percebiam essa tendência, como se é observado no periódico *A Plebe* que em 1921 afirmou que os reformistas se valiam “duma manobra velhaca que consiste em fazer surgir na alma do operariado o sentimento burguês da nacionalidade.”⁶²⁸ Além disso, os militantes libertários evidenciavam que esse projeto servia perfeitamente para o crescimento do cooperativismo no período e de outras ações que supostamente cooptariam a organização dos trabalhadores para a fortificação do Estado nacional. Sobre a polêmica da instituição da Federação Sindicalista Cooperativista Brasileira, o periódico *A Hora Social* de Recife em 1920 concluía uma coluna perguntando “porque motivo esse governo que pretende esmagar o sindicalismo revolucionário,

626 *Idem*. p.129-138.

627 *Ibidem*. p.136.

628 “O Socialismo Amarelo.” *A Plebe* (São Paulo), 11 de junho de 1921. p.1.

transformador, acaba de organizar a Federação [...]?” e tentava evidenciar que

fundando a Federação Sindicalista Cooperativista Brasileira, quando ele própria fecha os sindicatos operários e comete as maiores brutalidades contra os sindicalistas revolucionários, já se vê que esse governo está com um plano maquiavélico arquitetado. Que os trabalhadores abram os olhos e não se iludam. Quando nos reunimos em sindicatos, uniões ou associações, só uma ideia devemos ter: a de revolta contra a sociedade atual.⁶²⁹

Tanto a visão de que o movimento sindicalista reformista interessava apenas à burguesia e era um plano dessa, quanto à rejeição ao cooperativismo, marcavam as falas dos libertários e posteriormente muitas análises de pesquisadores e militantes que analisaram o movimento operário.⁶³⁰⁶³¹ Vendo, dessa forma, que existia uma efervescência do nacionalismo e patriotismo agressivo entre a população, a fortificação do Estado a partir da repressão ao sindicalismo revolucionário e ao anarquismo e a construção de um projeto político que, na visão dos libertários, potencializaria o avanço desses males, a tendência anarquista nesse período foi a de abandonar ideários e discursos de um movimento operário ou anarquista nacional, já que esse poderia ser

629 “Sindicalismo e cooperativismo: as manobras do governo da república.” *A Hora Social* (Recife), 7 de agosto de 1920. p.1.

630 Como PEREIRA, Astrojildo. Op.cit., LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo, roteiro de libertação social antologia da doutrina, crítica, história, informações*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.

631 Se levarmos em conta a premissa que a classe trabalhadora é definida por mulheres e homens enquanto “vivem sua própria história” como Thompson afirma, e escolhem, a partir de suas experiências, suas próprias estratégias através também da sua cultura e limites encontrados, podemos afirmar claramente, concordando com parte da historiografia recente que a escolha do reformismo era exatamente uma saída possível ao movimento de estruturação sindical através do Estado, já que muitos trabalhadores viram que poderiam negociar seus direitos de melhor maneira, em vez de serem reprimidos como estava acontecendo com o projeto do sindicalismo revolucionário, e enxergavam que seu poder de barganha poderia ter melhor efetividade a partir disso, embora concordamos sobre a instrumentalização dessas e outras ideias do movimento operário pelo Estado. De todo modo, para os libertários no período, exatamente essa escolha traria como consequência um Estado mais fortificado e estruturado que poderia se virar contra essa própria classe, vide a repressão que estava acontecendo aos projetos que escolhiam ser contra esse movimento e, por isso, chamavam de pura enganação. Ver THOMPSON, Edward. *A Formação da Classe Operária Inglesa: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.12; BATALHA, Claudio. Os desafios atuais da história do trabalho. *Anos 90* (UFRGS), v. 13, p. 87-104, 2006 e_; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. *Culturas de Classe: Identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas – São Paulo: Unicamp, 2004. Também voltaremos a esse debate no capítulo seguinte. Por ora sobre a suposta tomada do sindicalismo pelo Estado ver TOLEDO, Edilene. Do sindicalismo revolucionário ao sindicalismo controlado pelo Estado: sindicatos e sindicalistas na cidade de São Paulo entre o fim da Primeira República e os primeiros anos da Era Vargas. In: *XXV Simpósio Nacional de História e Ética*, 2009, Fortaleza. Anais do Simpósio Nacional de História, 2009.

facilmente confundido com tais práticas e discursos que estavam ascendendo. É evidente que suas redes e as notícias do movimento operário de cidades e estados diferentes ainda era uma tática de propaganda nos principais periódicos libertários no país como *O Syndicalista* do Rio Grande do Sul, *Renovação* e *A Voz do Povo* do Rio de Janeiro, *A Hora Social* de Recife, *A Plebe* e o *Alba Rossa* de São Paulo e outros. Mas, além disso, era necessário mostrar e ressaltar fortemente que essas redes iriam além das fronteiras nacionais e, por isso, começaram a apostar novamente e incisivamente em colunas ou páginas inteiras sobre o movimento operário internacional.

As notícias de organizações, vitórias e repressão de países como Itália, França, Estados Unidos, Portugal, Espanha, Chile, Argentina, Uruguai e até da Palestina eram acompanhadas de símbolos anarquistas, através de textos ou imagens, que os militantes desejavam rebuscar, como os projetos das escolas racionalistas de Francisco Ferrer, da Comuna de Paris, de teóricos como Errico Malatesta que compunham os periódicos nesse período:



O Syndicalista (Porto Alegre), Novembro de 1924. p.2.

O apelo era que o movimento operário em várias de suas localidades atuasse

buscando a típica fraternidade universal e o internacionalismo, respeitando também as condições da cultura política e sindicalista local, desde um prisma revolucionário, como podemos ver no periódico *A Plebe* em 1922:

Para ser alcançado esse objetivo, julgamos que a Internacional sindical, independente da política, deve reunir todas as bases federativas, constituindo assim, o expoente da força organizada do proletariado mundial em sua luta contra o salarido e o patronato. Com o mesmo critério encaramos a organização da Internacional política, em cujo seio julgamos que devem ser reunidos federativamente os partidos político-sociais revolucionários de todos os países, respeitando a autonomia de cada um no desenvolvimento de seus programas específicos e estabelecendo-se um programa geral para a luta contra o domínio do capitalismo. [] Julgando indispensável a constituição de uma sólida instituição internacional das agrupações libertárias de todo o mundo, declaramos desde já a nossa solidariedade e o nosso apoio ao Secretariado Internacional Anarquista da Suécia, organizado pelo Congresso Anarquista Internacional realizado em Berlim no mês de setembro de 1921, bem como a Federação Anarquista Internacional em formação no Uruguai.⁶³²

Assinado pelos militantes e redatores Edgard Leuenroth, João Penteado, João Peres, Rodolfo Felipe, Ricardo Cippola e outros, esse número do periódico acompanhava a chamada “Os anarquistas no momento presente: definindo atitudes.” Além da ruptura oficial e mais programática com a Revolução Russa, os anarquistas aproveitavam para mostrar caminhos estratégicos e táticos nesse contexto, tanto a partir da repressão quanto diante da instabilidade política mundial após a Primeira Guerra Mundial. Nesse momento, ainda disputavam o termo comunista dizendo que “como comunistas atacamos a instituição da propriedade”, mas mostravam que eram também anarquistas porque era necessária uma “organização política livre, constituída do indivíduo ao grupo, do grupo à federação e à confederação com desprezo de barreiras e fronteiras.” Para isso, os métodos de ação que esses agentes instituíam eram ainda a propaganda, mas preferencialmente “a obra da organização no campo econômico, com os trabalhadores, e no campo político.”⁶³³ É assim que anarquistas ainda consolidam sua posição à estratégia do sindicalismo revolucionário, reforçando o internacionalismo e o

632 “Os anarquistas no momento presente.” *A Plebe* (São Paulo), 18 de março de 1922. p.4.

633 *Idem*. p.1.

federalismo dessa corrente. Os libertários diziam estarem sendo influenciados pelo Congresso Anarquista Internacional realizado em Berlim de 1921 e pela Federação Anarquista Internacional do Uruguai, que, de fato, responderam ao processo de centralização da Revolução Russa, redefinindo a estratégia sindicalista e internacionalista típica dos anarquistas, almejando barrar o reformismo e o comunismo estatista.⁶³⁴

Os órgãos e o periódico *A Plebe* parecem ter influenciado muitas organizações e periódicos libertários, assim como associações de trabalhadores, manifestações e greves no período. Antes de um acirramento da repressão nos próximos dois anos, o jornal mostra no estado de São Paulo inúmeras ações do operariado que ainda apostavam na ação direta, como numa greve de sapateiros em 1922 que paralisava “há dias nas fábricas Bebé e Iberia”⁶³⁵. Em Petrópolis, os militantes anarquistas garantiram sua presença numa grande greve vitoriosa na Fábrica São Pedro de Alcantara a partir de suas posições na União dos Operários em fábricas de tecidos. Nesse período também, libertários eram respaldados por suas estratégias sindicais na União dos Trabalhadores Gráficos, na Liga Operária da Construção Civil, na União dos Empregados em Café, na União dos alfaiates, bem como na União dos Artífices em Calçados, no Sindicato de Ofícios Vários e outras associações.⁶³⁶

Se no eixo Rio-São Paulo a repressão estava mais acirrada, as redes anarquistas e suas presenças e penetrações em outros estados faziam a estratégia do sindicalismo revolucionário avançar. Esse foi o caso de Fortaleza, no Ceará, que a partir de 1920, conseguiu hegemonizar e instituir a estratégia do sindicalismo revolucionário na cidade. A tradição de um socialismo heterodoxo maior, a radicalização das lutas nos anos anteriores, e o aumento substancial da população e das atividades industriais, fez com que alguns militantes criassem o Partido Socialista Cearense, que foi combativo em 1919 com diversas greves e manifestações públicas.⁶³⁷ Entre alas mais reformistas e outras que seguiam o princípio do sindicalismo revolucionário, esses eventos, os contatos com grupos de outras cidades, e a disputa dos anarquistas em torno do periódico *O Regenerador* desde 1908, fizeram com que os militantes desse órgão

634 Ver GARNER, Jason. *Goals and Means: Anarchism, Syndicalism, and the Internationalism in the Origins of the Federación Anarquista Ibérica*. Ak Press: London, 2014. p.141-173.

635 “As greves dos sapateiros.” *A Plebe* (São Paulo), 7 de outubro de 1922. p.4.

636 Ver *Idem*. p.1-4.

637 Ver BRAGA, Francisco Victor Pereira. *Pedro Augusto Motta: Militância libertária e Verbo de Fogo*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – Ceará, 2013. p.14-78.

debatassem a proposta do Terceiro Congresso Operário de 1920. Dissolvendo o partido e aceitando o federalismo como meios de luta, militantes como João Gonçalves do Nascimento, Raymundo Ramos, Pedro Motta, Pedro Ferreira, Francisco Falcão e outros, fundaram a União Geral dos Trabalhadores Cearenses (UGTC), nos moldes do movimento operário paulistano organizado por bairros no período da greve geral de 1917. Junto com a Associação Gráfica do Ceará, militantes ainda decidiram criar uma associação maior que congregasse não só por bairros, mas por categorias diversas: a Federação dos Trabalhadores do Ceará (FTC). O autor Victor Pereira mostra, através da biografia do militante e trabalhador gráfico Pedro Augusto Motta, como que, por meio dos periódicos construídos pelo agente, entre eles *O Combate* e a *Voz do Gráfico*, esses organismos e os trabalhadores se aproximaram do sindicalismo revolucionário, chamado na região de sindicalismo de resistência.⁶³⁸ Essa atuação foi intensa até metade da terceira década e, mesmo depois, continuou suas tradições no movimento operário da região. Militantes, que se declaravam anarquistas através dessa experiência, como Pedro Augusto Motta, também levaram essas experiências para outras regiões, ao compor, por exemplo, o corpo do periódico *A Plebe*, posteriormente.

Por sua vez, na cidade de Santos, no estado de São Paulo, o historiador Fernando Teixeira da Silva mostra que, a partir de 1920, o sindicato dos operários da construção civil se expandiu e se transformou na União de Artes e Ofícios e Anexos (UAOA), ascendendo sua estratégia pelo reformismo em detrimento da ação direta, organizando também metalúrgicos e marítimos. Desde 1919, outra entidade, a União dos Operários Estivadores (UOE), inicialmente criada no Rio de Janeiro, também teve bastante respaldo entre trabalhadores conseguindo sindicalizar 2.366 trabalhadores. Mesmo assim, *A Plebe* e as associações que tensionavam a estratégia do sindicalismo revolucionário, tentavam evidenciar supostos interesses corporativos e aspectos autoritários que teriam alguns dos representantes desses órgãos. Em um caso, o anarquista Manuel Campos que tinha posição no sindicato e tentava disputá-lo e Joaquim Alves, um dos diretores do organismo, foram acusados pela polícia pelo assassinato de Acelino Dantas, um chefe da seção de tráfego que demitira trabalhadores em greve. No dia seguinte, trabalhadores destruíram a sede da União alegando a posição idônea de Campos, que foi inocentado pela polícia, sendo Joaquim Alves preso e condenado a 30 anos de reclusão. Teixeira da Silva mostra que esse caso evidencia que

638 *Idem.* p.78-123.

mesmo com a emergência de sindicatos reformistas, uma grande parcela da população ainda apoiava militantes e ativistas anarquistas, uma vez que muitos destes estavam de longa data entre os trabalhadores. Não obstante, depois de disputas acirradas como essa – e não só articulações políticas como eram feitas antes – com eventos trágicos ou não, era difícil criar certa coesão na organização desses operários.⁶³⁹

Esses casos também evidenciam que a disputa entre o reformismo e o anarquismo, e da escolha pela ação direta ou não entre os trabalhadores, era ainda bastante acirrada e que o anarquismo ainda encontrava respaldo ou resistência no movimento operário no Brasil nos primeiros anos da terceira década do século XX. Pelos periódicos consultados do período é possível perceber também que anarquistas organizacionistas, ainda maioria, e seu desejo de movimento operário coeso continuava, já que apesar de reforçarem o federalismo, uma descentralização maior e o internacionalismo – esses últimos pontos também defendidos pelas tendências antiorganizacionistas, deviam seguir as bases do sindicalismo revolucionário e “os elementos libertários deste país.”⁶⁴⁰ Não obstante, era necessário gastar energia para barrar pretensões nacionalistas ou patrióticas, por isso criticavam, além do reformismo, o partido comunista e sua estratégia sindical.

Nesse caso, a crítica ia além da postura contra a centralização do processo soviético, e se dirigia aos caminhos escolhidos pelos marxistas no país. Nos debates do periódico *A Pátria* em 1923, que anarquistas, comunistas e cooperativistas disputavam, o libertário Alberto Corrêa denunciava que “o sindicato dos pedreiros começa[va] já a sentir-se oprimido sob a perniciosa influência duma corrente autoritária, cujos partidários, que tanto têm apregoado por aí em altíssimas truanescas vozes a neutralidade.”⁶⁴¹ Para os militantes anarquistas, os comunistas estavam ameaçando o projeto sindicalista revolucionário sobre “neutralidade política” ao almejar, como em outras partes do mundo, a vinculação do projeto político partidário ao mesmo nível sindical. Outra crítica, bastante contundente, se referia ao próprio método de disputa dos sindicatos pelos comunistas que seria marcado por um “anti-revolucionarismo social-

639 Ver SILVA, Fernando Teixeira da. *Op.cit.*, p.263-268.

640 “Os anarquistas no momento presente: definindo atitudes.” *A Plebe* (São Paulo), 18 de março de 1922.

641 *A Pátria* (Rio de Janeiro), 9 de junho de 1923. Citado em SAMIS, Alexandre. Anarquismo, bolchevismo e a crise do sindicalismo revolucionário. In: ADDOR, Carlos Augusto; DEMINICIS, Rafael. *História do Anarquismo no Brasil: volume dois*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009. p.39.

democrata.”⁶⁴²

Desde 1918, com a criação da União Maximalista de Porto Alegre, de inspiração soviética e revolucionária, e com ligações internacionalistas com a Argentina e o Paraguai, também condensou grupos que haviam passado por uma herança e escolhas socialistas reformistas na região, como o militante Abílio de Nequete. Em 1921, na criação do Grupo Comunista do Rio de Janeiro e da revista *Movimento Comunista*, ambas propostas por Astrojildo Pereira, agora de clara orientação marxista, continuava a fazer menções ao elemento revolucionário bolchevista e à adesão à Terceira Internacional.⁶⁴³ O I Congresso do PCB, entre 23 e 25 de março de 1922, iniciado no Rio de Janeiro e concluído em Niterói com a presença de nove delegados, entre eles Astrojildo Pereira, Antônio Bernardo Canellas, Luís Peres, Antônio Cruz Junior e outros também preservou “a herança internacionalista do movimento operário do Brasil, mas absorveu também algumas de suas tensões.”⁶⁴⁴ Assim, discutiam os comunistas, ao terem que fazer frente ao projeto sindicalista revolucionário típico dos libertários, enquanto disputavam o nacionalismo em efervescência e buscavam formas de unidade operária, decidiram por também disputar órgãos sindicais cooperativistas e reformistas de filiação estatal ou não. Para Marcos del Roio,

o paradoxo da linha política, que impunha a sincronia de duas práticas diferentes – a cisão e a frente única – impôs aos comunistas a aproximação com os reformistas da CSCB (Confederação Sindicalista Cooperativista do Brasil), que tinha estreito vínculo com o Ministério da Agricultura, então responsável pelos assuntos trabalhistas.⁶⁴⁵

Embora essa postura fosse rompida pelo partido em 1924, Angela de Castro Gomes defende que tal estratégia dos comunistas foi essencial para minar o sindicalismo de ação direta. A autora nos narra que, quando Custódio Alfredo de Sarandy Raposo, um funcionário do Ministério da Agricultura de orientação cooperativista e nacionalista dos sindicatos, assumiu a “Seção Operária” do periódico *O Paiz*, os militantes do partido marxista que estavam participando desse organismo o

642 “Resposta necessária.” *A Plebe* (São Paulo), 1 de maio de 1924. p.1.

643 ROIO, Marcos del. A gênese do Partido Comunista (1919-1923). In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão Reis. *Op.cit.*, p.225-248.

644 *Idem*.p.233.

645 *Ibidem*.

aprovaram. Isso demonstrava, para a autora, que através de “suas atitudes e em seus atos, judiciosas tendências [...] que os aproximam da eficiência do sindicalismo cooperativista.”⁶⁴⁶ Na análise da autora, os comunistas

assumiam o formulário sindicalista cooperativista, incorporando ainda a prática eleitoral, por estes rejeitada. Isto é, combinavam a força dos ideais anarquistas com a eficácia dos métodos cooperativistas, não abandonando a prática partidária, até então monopólio dos socialistas.⁶⁴⁷

Anarquistas, como José Oiticica, respondiam no próprio periódico *A Pátria*, ressaltando a importância do tema da organização política anarquista no Congresso de Berlim que

tratando da organização anárquica para a luta contra a burguesia, prescreve o federalismo dos grupos autônomos, processo grato aos libertários de todos os tempos, mas debalde procuro nas resoluções desse congresso um meio de tornar esse federalismo eficiente de arregimentar as federações de tal modo que possam levar a combate decisivo as massas trabalhadoras. Como dar unidade e união às federações? Como conseguir um corpo de militantes verdadeiramente de vanguarda, à prova de fogo e bons guias? Exemplo dessa falta encontramos-la nós aqui. O Segundo Congresso Operário proclamou o federalismo, mas não soubemos efetivar as federações anárquicas dentro dos sindicatos.⁶⁴⁸

Para o historiador Alexandre Samis, Oiticica sustentava que “alguns anarquistas haviam entendido a ação diurna dos sindicatos como a única e principal tarefa do militante”. Esqueceram, assim, de “formar grupos específicos capazes de dar sustentação à prática revolucionária”⁶⁴⁹ como nos projetos da Aliança Anarquista, deixados para trás. Para o militante ainda, essa prática, ao mesmo tempo que traria unidade nacional ao anarquismo, criando uma federação ou partido no país através de federações e grupos menores em cada cidade ou estado, favoreceria um entendimento ou “unidade de ação possível” para enfrentar o cooperativismo e a unidade do

646 *O Paiz* (Rio de Janeiro), 7 de outubro de 1923. p.9. Citado em GOMES, Angela de Castro. *Op.cit.*, p.152.

647 GOMES, Angela de Castro. *Op.cit.*, p.151.

648 *A Pátria* (Rio de Janeiro), 22 de junho de 1923. Citado em SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.37.

649 SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2009. p.47.

Partido Comunista.

Mas, para a maioria dos grupos e periódicos anarquistas do período era tarde demais, uma vez que os comunistas souberam aproveitaram melhor a união entre centralismo partidário e unidade com o próprio nacionalismo e os projetos sindicais que deste estavam surgindo, não só por suas estratégias, mas pela própria situação do anarquismo e do sindicalismo revolucionário no período. Os próprios anarquistas em Recife, por exemplo, denunciavam que, mesmo antes da fundação do partido e sua hegemonia no movimento operário da região, o sindicalismo revolucionário “estava fatalmente condenado ao declínio” já que estava “sendo abandonado para se seguirem as ideias do socialismo-reformista”, portanto “antes mesmo de essa postura vir a furo, já estava envenenando o corpo da organização operária pernambucana com seus rumores malignos.”⁶⁵⁰

Percebendo essa movimentação, a proposta majoritária foi ainda disputar minimamente esses organismos, tentando evidenciar a estratégia do sindicalismo revolucionário quando fosse possível nesses ambientes e ainda apoiar organismos revolucionários independentes do Estado, além da já citada FOSP e suas categorias, a FORJ com a União dos Operários da Construção Civil e a União dos Artífices em Sapatos e a FORGS com o Sindicato dos Alfaiates, Costureiras e Anexos, o Sindicato dos Trabalhadores em Madeira, o Sindicato dos Metalúrgicos, o Sindicato dos Tipógrafos e outros, mostrando que a ação direta tinha respaldo entre setores dos trabalhadores no país. As táticas propagandísticas e a disputa na esfera cultural também se mostravam atuantes e com potência como também veremos adiante. Não obstante, outros eventos trariam péssimas notícias ao anarquismo e ao seu projeto ou vetor social, mas que desencadeariam uma aposta mais incisiva para suas redes em outros países e núcleos menos usuais.

IV- II. Em meio à ebulição: do tenentismo e “da nossa revolução” à Clevelândia e a tentativa de manutenção dos circuitos sindicalistas contra a repressão a partir do internacionalismo

A vida de quem luta, de quem trabalha; de quem se esforça por seu bem-estar e da coletividade e pugna pela emancipação humana é um contínuo calvário

⁶⁵⁰ *Tribuna do Povo* (Recife), 8 de março de 1920. p.3.

de amarguras a par dum gólgotas de perseguições e sofrimento inenarráveis.
(*A Plebe*)⁶⁵¹

Fui preso ao sair do Colégio D. Pedro II, sem saber dos motivos da prisão. Só depois tive a notícia da revolução em São Paulo. (José Oiticica)⁶⁵²

Em São Paulo e no Rio, a situação na época era muito difícil, quase todas as organizações operárias foram dissolvidas e os membros mais destacados enviados para a colônia penal do Oiapoque. Aqui no Rio Grande do Sul não sentíamos nada disso, a Federação Operária do Rio Grande do Sul assumiu a defesa e designou os advogados. (Friedrich *Kniestedt*)⁶⁵³

Em 22 de julho de 1882, na cidade de Oliveira em Minas Gerais, nasceu José Rodrigues de Leite e Oiticica. Filho do então advogado e futuro deputado e senador Francisco de Paula Leite e Oiticica e de Ana Adélia Leite e Oiticica, José teve uma educação notável em contato com línguas desde criança, como latim, francês e português, sendo internado em colégios religiosos e de alto escalão da sociedade brasileira do período. Embora tenha se rebelado a esse tipo de ensino quando criança, José Oiticica continuou proeminente em estudos múltiplos como o de matemática, ciências naturais e sociais, mesmo com interrupções e descontinuidades em suas formações. Formado em Direito, o personagem se aproximou das ideias republicanas e liberais, além de uma forte inclinação para o racionalismo. Interpretando que um dos males da sociedade brasileira era a falta de instrução, José Oiticica se empenhou no papel de professor, fato que o faz fundar, junto com sua prima e esposa Francisca Bulhões, o Colégio Latino-Americano, no Leme; a dirigir o Colégio Municipal de Laguna em Santa Catarina, e depois a compor o corpo docente do Colégio Batista e do Colégio D. Pedro II no Rio de Janeiro, além de posteriormente em diversas instituições de relevo para a comunidade acadêmica como a Universidade de Hamburgo e a Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal. Seus biógrafos apontam que o contato com obras racionalistas, passando pelo anticlericalismo e suas críticas ao regime republicano brasileiro – ainda mais visualizando o sistema de compadrio nos cargos públicos – ligadas também à sua participação na imprensa, o

⁶⁵¹ *A Plebe* (São Paulo), 9 de abril de 1927. p.2.

⁶⁵² Carta de José Oiticica em RODRIGUES, Edgar. *Os libertários – José Oiticica, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco, Fábio Luz*. Rio de Janeiro: VJR, 1993.

⁶⁵³ Memórias de Friedrich *Kniestedt em OLIVEIRA, Tiago. Op.cit., 2009. p.187.*

fizeram a se aproximar do anarquismo.⁶⁵⁴ A partir daí, se tornou um militante assíduo no movimento operário, envolvido em ações educativas para os trabalhadores em conjunto com jornais operários e anarquistas, além de forte incentivador da organização classista. Foi responsável pela teorização libertária desde a segunda metade da segunda década do século XX, uma vez que sua propensão ao racionalismo o fizesse sempre tentar racionalizar o movimento e estratégias, além de tentar levá-los à intelectualidade, coisa que adentraremos no tópico posterior.

O que nos interessa no momento é que no dia 11 de setembro de 1924 o militante foi detido e enviado a uma colônia penal em Ilha Rasa, no Rio de Janeiro. Embora tenha declarado que não entendesse os motivos imediatos para ordem de prisão, Oiticica tinha consciência que era um importante agente do periódico *Spartacus* e que escrevia para periódicos de relevância de sua família política como o *A Plebe*, considerados subversivos pelas autoridades. Tinha sido muito importante para eventos do movimento operário como o Congresso Internacional da Paz e o Congresso Anarquista Sul-Americano e já sendo detido em 1919, após sua participação na insurreição no Rio de Janeiro e por continuar a advogar atos reivindicativos e associativos através da imprensa operária e libertária, além de sua contínua participação nos sindicatos revolucionários e grupos anarquistas como na edificação da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro e a União Geral dos Trabalhadores em seu estado, órgão que sucedeu a FORJ.⁶⁵⁵ Ele tinha familiaridade com a prisão de militantes e atividades socialistas e libertárias, mas, daquela vez, como veremos nessa parte, a arbitrariedade da polícia tinha sido extrapolada, e sua prisão, assim como suas formas de resistências e táticas, representaram uma constante naquele período para o anarquismo.

É necessário sublinhar que, na década de 1920, o Brasil apresentava um perfil populacional bem diferente quando comparado ao início do processo migratório no país. Os censos demográficos do país mostram que entre 1900 e 1920, a população aumentou de quase 17.500.000 de habitantes para quase 30.700.000, o que foi muito maior do que

⁶⁵⁴ Ver FIGUEIRA, Cristina Aparecida. *A trajetória de José Oiticica: o professor, o autor, o jornalista e o militante anarquista na educação brasileira*. Tese (doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Puc, São Paulo, 2008 e LAMOUNIER, Aden Assunção. *José Oiticica: itinerários de um militante anarquista (1912-1919)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Londrina, 2008.

⁶⁵⁵ Ver FERNANDES, André Santoro. *Um libertário irreduzível: a militância anarquista de José Oiticica no periódico carioca Spartacus (1919-1920)*. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de São Paulo, 2016 e SAMIS, Alexandre. “Presenças indômitas: José Oiticica e Domingos Passos.” In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Op.cit.*, p.89-112.

entre a década de 1890 e 1900 ou mesmo posteriormente entre 1920 e 1930. As populações dos polos industriais, como Rio de Janeiro e São Paulo, nesse processo, foram as que mais incharam, passando de 1.737.478 de habitantes para 2.717.244 e 2.282.279 para 4.592.188.⁶⁵⁶ Embora a forma como esses censos eram feitos possam ser discutidos, fontes dos próprios jornais operários e as imagens do período mostram a expansão dessas cidades e o acúmulo populacional.⁶⁵⁷

Tal crescimento populacional, com certeza teve peso nas medidas de repressão dessa década, já que os bairros operários cresciam exponencialmente e a organização dos trabalhadores e suas ideias revolucionárias mostravam efeitos concretos como na onda insurrecional e grevista de 1917 até 1919, com reflexos e continuções posteriormente. Além da repressão imediata nesse período, com prisões e deportações⁶⁵⁸, a reação mais programática da classe média e das elites veio com a eleição de Artur Bernardes em 1922 que criou a 4ª Delegacia Auxiliar, atuando para efetivar a perseguição política no país com pretexto de assegurar crimes contra a perturbação social, devido à pressão dos chefes industriais após os eventos passados. Ainda, para o historiador Carlo Romani,

o novo presidente teve como principal meta, como se confirmaria mais tarde, a efetivação de uma política de controle social nos moldes da que vinha sendo praticada pelas polícias políticas dos principais países europeus em reação aos eventos revolucionários do final da década de 1910. A nomeação do major Carlos Reis para o cargo de chefe da 4ª Delegacia foi seguida de uma estreita colaboração entre os diversos órgãos policiais do Distrito Federal. O delegado auxiliar, inclusive, viajou para a Europa no ano de 1926 em missão do Ministério da Justiça. Foi o início de uma estratégia internacionalizada de prevenção contra a subversão política que se inaugurou em nosso país na gestão do presidente mineiro.⁶⁵⁹

⁶⁵⁶ Ver “Tabela 1.4 População nos Censos Demográficos, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação”. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/Brasil_tab_1_4.pdf

⁶⁵⁷ Ver PORTA, Paula (org). *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX - 1890 a 1954*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

⁶⁵⁸ A historiadora Endrica Geraldo analisou o processo de deportação de 23 militantes no ano de 1919, entre eles Everardo Dias, sob a lei Adolfo Gordo em GERALDO, Endrica. –Os prisioneiros de Benevente. *Revista Brasileira de História*, v.32, n.64, p.61-76, 2012.

⁶⁵⁹ ROMANI, Carlo. A revolta de 1924 em São Paulo: uma história mal contada. In: ADDOR, Carlos Augusto; DEMINICIS, Rafael. *História do Anarquismo no Brasil: volume dois*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009. p.59-60.

Como é possível ver, tal medida também fazia parte de uma reação global contra o avanço da esquerda e de forças revolucionárias no mundo, o que atesta a preocupação da manutenção do circuito capitalista em consonância com a legitimação dos Estados nacionais. Mas, no caso brasileiro, não eram apenas as mobilizações nos bairros operários que assustavam os grupos políticos do país e os mais abastados. O aumento da população, a diversificação no perfil populacional com o crescimento da classe média e o desgaste do pacto oligárquico juntamente com a circulação de ideias republicanas que visavam a igualdade de direitos numa perspectiva legalista e liberal, personificadas muitas vezes pelo nacionalismo – crescente na população como estamos acompanhando – resultaram em manifestações, passeatas e insurreições fora do espectro essencialmente da classe trabalhadora, que, na realidade, foi impulsionado com a força que as manifestações operárias revelaram desde o início do século. A Revolta de 1922 ou do Forte de Copacabana já escancarava o que viria nos próximos anos, a junção de interesses da classe média contra a República oligárquica condensada nas forças dos oficiais estaduais chamados de “tenentes”, instaurando uma grande crise política no país. A chamada Revolução Paulista de 1924 em São Paulo, a Comuna de Manaus no mesmo ano e a Coluna Prestes no período seguinte eram alongamentos desse processo que causaram agitações sociais e fizeram o então presidente decretar estado de sítio, aumentando a repressão sob este e outros movimentos.⁶⁶⁰

Grupos socialistas, como os anarquistas, tentavam fazer suas considerações sobre essas manifestações e revoltas, marcando certa posição ou mesmo intervenção. Em julho de 1924, as tropas insurgentes conseguiram ocupar a cidade após o bombardeio do Palácio Campos Elísios, no período de 23 dias seguintes, afugentando o presidente do estado Carlos de Campos e exigindo depor o presidente Artur Bernardes. Além de reclamarem pelo voto secreto, a instauração do ensino público obrigatório e outros pontos, que conseguiram se estender em regiões interioranas do estado e no Rio Grande do Sul. Nesse ínterim, o periódico *A Plebe* afirmava que “sem transigir com os nossos princípios, não devemos deixar de olhar o movimento revolucionário triunfante com devida simpatia” e citando Errico Malatesta⁶⁶¹, almejavam “fazer uma revolução o mais nossa que seja possível.”⁶⁶²

⁶⁶⁰ Ver DULLES, John. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.p.193-221.

⁶⁶¹ Malatesta afirmava que “tendo em vista que não queremos permanecer simples espectadores indiferentes à tragédia histórica, que queremos participar com todas as nossas forças das escolhas dos

Em vista disso, em 15 de julho de 1924, anarquistas em São Paulo, alguns deles com grande participação em sindicatos revolucionários e na imprensa operária libertária, como Pedro Mota, Rodolfo Felipe, Antonio Domingues e outros 25 assinaram uma –Moção dos militantes operários ao Comitê das Forças Revolucionárias⁶⁶² tentando levar a insurreição para um espectro progressista ao afirmarem que apoiariam o evento. Anarquistas não defendiam a posição militarista da insurreição, mas avaliavam que o apoio poderia ser benéfico aos interesses dos trabalhadores e dos anarquistas e sindicalistas. Nesse sentido afirmaram que era possível, durante o evento, ver uma “multidão de gente carregando de tudo, desde farinha e outros comestíveis, até casimira, remédios, panelas, pratos e louças de todo e tipo” e que, “por essa razão, todos os potentados, donos de fábricas, donos de grandes armazéns, donos de moinhos e os atacadistas, fugiram precipitadamente temendo por uma vingança popular”⁶⁶³, embora, o jornal *A Plebe*, também tenha afirmado que “houve muita gente que aproveitou a ocasião sem estar necessitada, como também houve muito desperdício e estrago de víveres.”⁶⁶⁴ Para Carlo Romani, de fato, “após o quarto dia de ocupação, a situação da cidade caminhava para uma participação popular cada vez mais intensa. Turmas de jovens apresentavam-se para o recrutamento no quartel da Força Pública, ativistas insuflavam a população nas ruas a tomar conta dos armazéns dos grandes atacadistas”⁶⁶⁵ o que poderia fazer, de fato, com que qualquer militante no período pudesse visualizar o potencial caráter revolucionário do evento. Por isso os anarquistas resolveram “fazer ao General Isidoro Dias Lopes, a seguinte proposta: o general favoreceria armas aos anarquistas que formariam um batalhão de civis para lutar contra o governo central, porém, autônomos, sem a disciplina e a ingerência militar” nas palavras do militante Pedro Catalo.⁶⁶⁶

Embora os oficiais não tenham aceitado a proposta, o que revela que não queriam apoio que representasse os interesses do operariado e revolucionários fora do espectro republicano, John Dulles afirma que a razão da prisão de militantes anarquistas

eventos que nos parecem mais favoráveis à nossa causa – nos é preciso um critério que sirva de guia na apreciação dos fatos que se desenrolam, sobretudo para poder escolher o posto que devemos ocupar na batalha”. MALATESTA, Errico. *Op.cit.*, p.81.

662A *Plebe* (São Paulo), 25 de julho de 1924. Citado ROMANI, Carlo. Antecipando a Era Vargas: a revolução paulista de 1924 e a efetivação de práticas de controle político e social. *TOPO I*, v.12, n.23, p.161-178, 2011. p.166-167.

663 Memórias de Pedro Catalo em Edgar Rodrigues transcritos em ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, p.165.

664 *A Plebe* (São Paulo), 25 de julho de 1924. p.2.

665 ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, 2011. p.165.

666 Edgar Rodrigues em ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, 2011. p.166.

em 1924 se deu, além desse apoio explícito, “porque Domingos Passos cometeu a imprudência de levar adiante uma reunião no dia 5 de julho”⁶⁶⁷, início do evento. Existe a hipótese de que participação declarada fez com que anarquistas fossem reprimidos muito mais do que outros grupos, como comunistas, que declararam acompanhar com mais cautela o desenrolar dos eventos. Não obstante, sabemos que militantes não envolvidos, inclusive em outras cidades, como José Oiticica, foram presos, assim como Pedro Carneiro da União dos Operários da Construção Civil no Rio de Janeiro.⁶⁶⁸ Sindicatos também foram atacados durante a repressão e posteriormente no período de estado de sítio, o que nos faz pensar que reprimir uma tendência política que havia insistido em associações fora do espectro estatal, com certa amplitude e tradição no movimento operário, além de tentar minar o patriotismo, não foi uma meracoincidência. Nas palavras de Carlo Romani, “alguns ativistas políticos mais conhecidos e que vinham sendo vigiados nos últimos dois anos, desde o início da criação da delegacia de repressão às atividades subversivas, foram detidos em suas casas, e locais de trabalho.”⁶⁶⁹ O historiador ainda expõe as memórias do militante Pedro Carneiro publicadas por Edgard Rodrigues:

Às 23 horas, foram chamados José Alves do Nascimento, Pedro Carneiro, João Cância, João Valentim Argolo e Antônio Salgado da Cunha. Levados para a carceragem, fomos metidos num cubículo pequeno, até as 24 horas, aparecendo a esta hora o célebre Capitão ‘Raul, auxiliado pelos agentes Zé Gordo’, Jaime da Gamboa e mais dois bajuladores’. Vinham retirar dos cubículos 170 homens que iam entrando na Viúvas Alegres’, debaixo de uma surra de bengalas sem dó nem piedade. Depois chamaram seis operários, dentre os quais faltava um que eles mesmos não sabiam quem era, e só depois descobriram que era Domingos Passos, preso na geladeira desde 7 de julho de 1924. Entramos na “Viúva Alegre”, cada um de nós apanhamos de bengala.⁶⁷⁰

667 Ver DULLES, John. *Op.cit.*, p.199.

668 Ver ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, 2009. p.59.

669 Idem. p.12-13.

670 Edgard Rodrigues citado em ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, 2009. p.13.

O periódico *O Syndicalista* de Porto Alegre exclamava que “tombaram Domingos Passos [...] e centenas de operários, de produtores, covarde e vilmente castigados pelo crime de pensar, de lutarem como explorados que eram.”⁶⁷¹

Como é possível ver nos documentos, um dos mais citados na repressão e na sua resistência foi o militante Domingos Passos. Ele nasceu na última década do século XIX, filho de escravizados, no Rio de Janeiro, e trabalhava como carpinteiro e em atividades da construção civil. Possivelmente alocado em ambientes mutualistas e de socorro mútuo, comum também em lutas abolicionistas, entrou em contato com ideias sindicalistas na virada do século e com ideologias que adentravam e disputavam essa estratégia de luta. Nesse sentido, foi protagonista na construção da União Geral da Construção Civil (UGCC) em 1915 e da União dos Operários em Construção Civil (UOCC) em 1918 que tinha mais de 500 filiados, conseguindo mobilizar mais de 20 mil trabalhadores, um deles José Oiticica. Após a greve de 1917 em São Paulo, tais militantes, que defendiam a organização política anarquista dentro dos sindicatos, impulsionaram a Aliança Anarquista do Rio de Janeiro, tendo importante ação na insurreição do ano seguinte em sua cidade.

Mesmo após a insurreição fracassada, Domingo Passos e outros militantes conseguiram, em torno da UOCC e após paralisações e atos, a jornada de oito horas diárias de trabalho para sua categoria no estado em 1919, e foram parte de importante destaque no Terceiro Congresso Operário em 1920 – participando de debates importantes para sua família política no jornal *A Pátria*, como vimos. Por isso, desde esse período sofreu intensas repressões policiais como prisões e violências físicas, potencializadas pelo racismo. Em 1924, devido a isso, e por seu debate e tentativa de participação nos eventos insurrecionais, foi detido pela Polícia Central, onde ficou 20 dias após ser transferido ao navio-prisão Campos, por 3 meses, e mais 22 dias no navio Comandante Vasconcellos, embarcações criadas para enviarem centenas de pessoas para uma colônia prisional ao norte do Brasil em Clevelândia.⁶⁷²

Junto a militantes assíduos e que representavam uma ameaça ao Estado e aos detentores dos meios de produção, centenas sofreram os efeitos da repressão, desde o bombardeio em São Paulo que causou a morte de pessoas em situação de rua e dos mais pobres, provocando também intensos danos nos bairros industriais e ferroviários da

671 “Urge um protesto decisivo.” *O Syndicalista* (Porto Alegre), 15 de julho de 1926. p.1.

672 Para adentrar a biografia de Domingos Passos ver SAMIS, Alexandre. “Presenças indômitas: José Oiticica e Domingos Passos.” In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Op.cit.*, p.89-112.

zona leste, com a invasão de casas, espancamentos e abusos sexuais, de acordo com a imprensa operária do período. Até 1925, outras pessoas foram detidas acusadas de “vadiagem” (pessoas em situação de rua ou sem emprego fixo), furto ou praticantes de jogos proibidos, ou seja, pessoas que não tinham relação direta com a rebelião, mas que estavam dentro do expurgo da polícia berdanesca, que tinha alongamentos do higienismo social.⁶⁷³ Não obstante, não podemos ser ingênuos e pensar que essas prisões também não tinham relação com a repressão política já que

a estratégia seria a de deter o operário ativista para averiguações colocando-o na mesma cela dos criminosos comuns. Com o acúmulo de detenções, a atividade política subversiva, aos olhos da opinião pública, passaria a ser vista como delito qualquer como furto, o homicídio ou a vadiagem e assim, a imagem do prisioneiro político passaria a ser associado à do bandido comum.⁶⁷⁴

Até 1925, com o estado de sítio e a proibição da imprensa de fazer apologia à “subversão” muitos desses presos, como Passos, foram enviados para Clevelândia, uma vila em Oiapoque no norte do Brasil na divisa com a Guiana Francesa, atualmente região do Amapá, que fora transformada em uma colônia penal. No estudo de Alexandre Samis sobre esse processo, é afirmado que “foram oficialmente degredados algo em torno de 1.200 prisioneiros, entre soldados rebeldes, operários sindicalistas, anarquistas, ladrões, loucos e vadios.”⁶⁷⁵ Os militantes que de lá retornaram, como Everardo Dias e Domingos Passos, lembraram os horrores dos tratamentos que eram direcionados aos prisioneiros, com trabalhos forçados, falta de comida e espancamentos, fazendo com que muitos chegassem a adoecer e a morrer. Os militantes de *A Plebe*, no período posterior ao estado de sítio, corroboram o estudo afirmando que “o *Oyapok* é um lugar sem recursos médicos; os próprios preceitos sanitários e higiênicos são desconhecidos” noticiando o falecimento de militantes como “José Maria Fernandes Varella, José Alves Nascimento, Nicolau Paradas e Nino Martins.”⁶⁷⁶ Mas o que nos interessa é que alongando esse estudo, a tese de Carlo

673 Ver SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. Rio de Janeiro: Achiamé/Imaginário, 2002.

674 ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, 2009. p.61.

675 SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2002. p.54.

676 “A horrível situação dos degredados: um desesperado apelo à solidariedade internacional.” *A Plebe* (São Paulo), 12 de fevereiro de 1927. p.1

Romani elabora uma hipótese muito interessante. Analisando os discursos oficiais para a ocupação desse território e depois para sua transformação em colônia penal, vemos que a justificativa dos oficiais do exército federal era um alongamento do patriotismo brasileiro que almejava se legitimar, ao mesmo tempo em que ocupava o Brasil “do Oiapoque ao Chauí”, instituía e expurgava elementos estrangeiros fora da ordem que supostamente travariam o progresso almejado para a nação. Um misto de soberania nacional pela sua extensão, combinado com repressão, em vista de instruir e corrigir o povo, seriam levados a cabo nesse momento em diante. Para o Coronel Raimundo Barbosa,

De visita à colônia Clevelândia, levo a minha alma de patriota numa impressão eminentemente consoladora. É que vejo que, neste afastado ponto de nosso vasto, formoso e amplo território, o progresso se incrementa, a nossa soberania se assegura de modo indelével e o nosso povo – o heroico povo patricio – se robustece, instrui e aperfeiçoa.⁶⁷⁷

Se as passeatas e discursos que evocavam o nacionalismo e o patriotismo após a Primeira Guerra Mundial tinham se personificado nessa política de Estado, não era possível mais definitivamente disputar uma ideia de nação brasileira, coisa que anarquistas já haviam decidido desde o início dessa década. Era necessário deixar evidente, sem esquecer o ataque ao imperialismo, a importância da fraternidade universal, como o periódico *O Syndicalista* defendia:

O Estado, a violência organizada para defender os privilégios de meia dúzia de indivíduos em detrimento dos naturais direitos de todos; os homens, em todos os países, ergue os seus instrumentos macabros de morte, querendo matar e encarcerar a volatilidade do Ideal. [...] Neste Brasil, onde os pais da pátria – os políticos – gritam aos quatro ventos ser o país da liberdade, os assassinatos em nome e em defesa dos privilégios burgueses foram praticados à luz meridiana do dia – nos cárceres de S.Paulo, do Rio de Janeiro, e nas inóspitas regiões do Oiapok.⁶⁷⁸

677 Carta do Coronel Raymundo Barbosa citado em ROMANI, Carlo. “*Clevelândia, Oiapoque - Aqui começa o Brasil! Trânsitos e confinamentos na fronteira com a Guiana Francesa (1900-1927)*”. Tese (doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas – São Paulo, 2003. p.99.

678 “Aos trabalhadores por Sacco e Vanzetti: Urge um protesto decisivo.” *O Syndicalista* (Porto Alegre), 15 de julho de 1926. p.1.

No argumento dos redatores em torno do órgão anarquista e representante da Federação Operária do Rio Grande do Sul, a pátria era ligada aos grupos políticos e aos “privilégios burgueses” que, por sua vez, estavam relacionados à violência de Estado contra militantes políticos, trabalhadores e explorados, que defendiam os “naturais direitos de todos os homens”, fazendo assim crer para seus leitores que essas prisões representariam o poder de determinados grupos e que seu discurso de “ordem para o progresso” era falso. No caso, o número de julho de 1926 com o título “Aos trabalhadores por Sacco e Vanzetti: Urge um protesto decisivo” faziam uma ponte entre a repressão aos militantes anarquistas dos Estados Unidos citados, que eram acusados de assassinato no período, provocando um grande alarde na imprensa operária do mundo defendendo-os como inocentes, sofrendo com a repressão no próprio país.⁶⁷⁹ Após explicarem a origem da repressão do país, afirmavam que “estão presos dois trabalhadores que também cometeram o crime de pensar” e “contra eles estão e estiveram sempre o ódio do patronato, porque ousaram eles combatê-lo, a polícia, a magistratura, o governo *yankee* com todo seu imperialismo.” Nesse caso, chamavam manifestações e atos na cidade, não só para esses casos, mas também “contra o encarceramento dos companheiros da Argentina pelo fato de terem agido em defesa de Sacco e Vanzetti.” Desse modo, tentavam mostrar na prática suas posturas de fraternidade entre os trabalhadores de diferentes países interligando a sua teoria e exclamando que “a Federação Operária lança, pois, o seu apelo a todos os trabalhadores para que venham protestar unidos, juntos como se fossem um só homem”, fazendo necessário, “mais uma vez, que a solidariedade internacional de todos os trabalhadores se faça sentir de maneira positiva.”⁶⁸⁰

Quando terminou o mandato de Artur Bernardes no fim de 1926 e militantes voltaram de seus esconderijos como Rodolfo Felipe – sucessor de Edgard Leuenroth na direção de *A Plebe* - e outros militantes haviam sido soltos, como José Oiticica ou mesmo escapado de Clevelândia, como Domingos Passos⁶⁸¹. *A Plebe* retornava já no início de 1927 e, sob o título “A horrível situação dos degredados: um desesperado apelo à solidariedade internacional”, usava a mesma retórica afirmando que lutar contra a repressão e Oiapoque, assim como “pela reintegração” dos trabalhadores “aos

679 Para acompanhar o caso de Sacco e Vanzetti ver TOMCHUCK, Travis. *Transnational Radicals: Italian anarchists in Canada and the U.S. 1915-1940*. Manitoba: University of Manitoba, 2015.

680 *Idem*. p.1-2.

681 Ver ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, 2009.

seus lares” é “concorrer para uma vitória da solidariedade internacional”. Nesse sentido, afirmavam que era necessário que “um protesto uníssono [para fazer] tremer novamente a burguesia como nos casos Sacco e Vanzetti, [...] que constituem as glórias da solidariedade internacional.”⁶⁸² Colocando o caso brasileiro de repressão junto com o dos Estados Unidos, os anarquistas tentavam convencer seus leitores que tais medidas faziam parte de uma reação global da burguesia e dos Estados nacionais contra grupos revolucionários, tentando assim mostrar que pretensões patrióticas dos trabalhadores barrariam seus interesses e que povos de diferentes países só venceriam essas ações se ficassem unidos. É necessário ressaltar que os redatores de *A Plebe* e *O Syndicalista*, ao mesmo tempo em que mostravam seu apoio aos militantes presos no caso norte-americano, para criar uma sensação aos seus leitores da necessidade do internacionalismo, ao explicitar a repressão no Brasil nas colunas que tratavam de Sacco e Vanzetti, tinham a esperança de denunciar também para seus companheiros que viviam em outros países a situação dos militantes presos em Clevelândia e outras colônias prisionais, buscando assim apoio. Nesse período, jornais operários e anarquistas no mundo, incluindo nos Estados Unidos, transcreviam colunas dos periódicos que relatavam apoio aos militantes italianos presos.⁶⁸³ Nesse período, a principal conexão e apoio foi com militantes de Portugal, os principais sendo com os dos periódicos *A Batalha* e *A Comuna*, como nos informa a pesquisa de Alexandre Samis:

A importância dos jornais portugueses naquela conjuntura era incontestável [...] Com a censura em plena vigência no Brasil os jornais portugueses, em particular a imprensa sindical, ainda com relativa autonomia, até fins de 1925, apresentavam-se como alternativa importante para a circulação da opinião dos anarquistas e sindicalistas brasileiros privados de seus principais veículos de informação.⁶⁸⁴

A volta para suas redes transnacionais poderia afetar o esforço de continuação de seus circuitos no país, ainda mais com a militância anarquista e seu principal instrumento, o sindicalismo revolucionário, seriamente afetados. Não obstante, uma

682 “A horrível situação dos degredados: um desesperado apelo à solidariedade internacional.” *A Plebe* (São Paulo), 12 de fevereiro de 1927. p.1.

683 TOMCHUCK, Travis. *Op.cit.*, 2015.

684 SAMIS, Alexandre. *Op.cit.*, 2004 .p.120.

saída do grupo em torno de *A Plebe*, depois de tentar fazer um balanço dos sindicatos com tendência libertária ativos na cidade como a União dos Canteiros e a União dos Trabalhadores Gráficos de São Paulo, além de tentar visualizar e organizar grupos anarquistas ainda ativos nos bairros paulistanos e no interior através das Bases de Acordo do Comitê de Relações dos Grupos Anarquistas⁶⁸⁵ - ou seja, avaliar as condições de reativação e reorganização do anarquismo e ver a situação do sindicalismo revolucionário no estado – ao apoiar e continuar o projeto da Federação Operária do Rio Grande do Sul “que tem vindo sustentando a obra de propaganda associativa do proletariado de acordo dos princípios do sindicalismo revolucionário”, citando ser ainda uma continuidade da “Associação Internacional dos Trabalhadores, com sede em Berlim.” Por isso, o Comitê de Pró-Presos Sociais, um organismo criado pelos militantes do Rio de Janeiro ainda em 1924 para noticiar e defender os presos políticos, foi reativado e “foi decidida a transferência da sede [...] para a cidade de Pelotas.”⁶⁸⁶

Outra ação interessante nesse sentido foi a notícia do Congresso Operário Continental, um esforço da Confederação Geral do Trabalho do México de aproximar grupos sindicalistas no continente americano, além de tentarem fazer uma frente unida contra a repressão e a favor de direitos trabalhistas. Nos próximos anos, um órgão americano que foi sugerido no congresso não foi efetivado como era almejado, mas a resolução de apoio dos sindicatos no país e na Argentina possibilitaram uma nova aproximação com esses organismos no momento de repressão. *A Plebe* noticiou que foi em Pelotas, pela Federação Operária do Rio Grande do Sul, que foi que decidido o apoio ao evento, recebendo logo adesão de grupos do Rio de Janeiro (Pelotas e centro), Minas Gerais (Bagé, Caxambu) e São Paulo (Santos, Rio Preto).⁶⁸⁷

Se para os militantes anarquistas paulistanos em torno de *A Plebe* do período, tais eventos e iniciativas representavam tanto um esforço de reestruturação do movimento operário no estado e a avaliação da situação de sua família política e sua principal estratégia no país, tentando conservá-los e, possivelmente, potencializá-los, para nós, esses indícios mostram que, mesmo com a repressão e o estado de sítio; embora a estratégia do sindicalismo revolucionário tenha sido fortemente afetada, sua relevância no movimento operário continuou. As pesquisas que trabalham com a

685 Ver *A Plebe* (São Paulo), 26 de março de 1927. p.2.

686 “Federação Operária do Estado do Rio Grande do Sul: foi realizada uma conferência de representantes em Pelotas.” *A Plebe* (São Paulo), 26 de março de 1927. p.2.

687 *A Plebe* (São Paulo), 26 de março de 1927. p.2.

hipótese que foi, a partir daí, que anarquistas abandonaram a estratégia sindicalista também não podem ser corroboradas, ainda mais olhando para evidências fora do eixo Rio-São Paulo, menos atingidas pela onda de repressão.⁶⁸⁸ Mesmo no caso de São Paulo, o historiador Demetrio Quiros Junior revela como a categoria de sapateiros militantes e sindicalistas na década de 1920 contava com “28 militantes e 4 organizações” onde “estiveram presentes em outras lutas e manifestações [...], como no caso da Revolução de 1924 em São Paulo, dos protestos pela condenação dos anarquistas italianos Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti nos Estados Unidos, em 1927; e na luta contra o fascismo.”⁶⁸⁹ Não obstante, como o próprio *A Plebe* revela, nesses anos de sua inatividade, a propaganda de insistência de continuidade do vetor de massas do anarquismo que ficou a cargo dos libertários, sustentando a Federação Operária do Rio Grande do Sul, levando a cabo uma tradição que foi seguida por muitos grupos após o mandato de Bernardes e o fim da década.

Anarquistas, que conseguiram a hegemonia da FORGS desde o início da década, como vimos, continuavam seus esforços de perpetuação da estratégia do sindicalismo revolucionário, fazendo propaganda e articulações a partir do periódico *O Syndicalista*. O periódico continha quatro páginas, saía de forma irregular e era distribuído ou vendido de maneira variável, apesar de manter ligados importantes sindicatos na cidade. Em 1925, sob a direção de Orlando Martins e depois Elimar Schmidt contendo também a participação de Friedrich Kniestedt – imigrante alemão erradicado no Brasil – o periódico informava a realização do 3º Congresso Operário Regional do Rio Grande do Sul, realizado em Porto Alegre entre os dias 27 de setembro e 2 de outubro. Nesse evento, ficou decidido alguns pontos que seriam seguidos pela militância dos anarquistas em torno da FORGS e de *O Syndicalista*, como levar a cabo o Comitê Pró-Presos Sociais, propagar a criação de sindicatos combativos na cidade, assim como apoiar tentando radicalizar os do país disputando-os com comunistas, reformistas e cooperativistas, e criar lugares de propaganda e instrução do racionalismo e da ideologia libertária. O historiador Tiago Oliveira afirma que

[...] para tanto, os participantes resolveram que seria necessário criar comitês semelhantes ao já existentes em Porto Alegre e em todo o estado, a fim de

688 Ver FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e Conflito social: 1890 - 1920*. São Paulo: Difel, 1977.

689 JUNIOR, Demetrio Quiros. –Sapateiros militantes em São Paulo na década de 1920: lutas, debates, caminhos. *Revista Escrita da História*, ano IV, vol. 4, n. 8, 2017. p.65.

torná-lo uma célula regional. Decidiu-se também apelar para a solidariedade dos trabalhadores do Brasil e do exterior, além de acatar uma proposta mais prática feita por Reduzinho Colmenero, representante da União Geral dos Trabalhadores de Bagé, de se tentar boicote da navegação marítima do país.⁶⁹⁰

Embora o pesquisador afirme que não é possível “sobrevvalorizar as atividades dos anarquistas gaúchos nesse período” pois, como o próprio *O Syndicalista* apontava, existia uma “apatia reinante nos sindicatos, os quais atualmente se estavam revigorando”, o que impossibilitava greves gerais na cidade ou no país e boicotes generalizados, mas o mesmo aponta que a ação do periódico e da FORGS logo atraiu a atenção de Domingos Passos que escreveu em carta:

Eia! Camaradas!!! Avante! Sempre avante! Como muito bem dissestes, _os libertários do Brasil estão entrincheirados no Rio Grande do Sul.‘ Sois vós o último reduto do Ideal no Brasil, neste momento; sois vós os que empunhaes o facho da Liberdade enquanto as trevas da escravidão dominam todo o resto da região.⁶⁹¹

Com a dificuldade de manter ligação com outros grupos no próprio país, as notícias do jornal sobre o movimento operário gravitavam em torno das associações do Rio Grande do Sul onde pareciam ter mais influência, entre elas o Sindicato dos Trabalhadores em Madeira, o Sindicato Metalúrgico, o Sindicato dos Trabalhadores em Construção Civil, o Sindicato dos Canteiros, o Sindicato dos Tipógrafos, o Sindicato dos Alfaiates, Costureiras e anexos e a Ação dos Padeiros⁶⁹², usando, dessa maneira, também o Comitê Pró-Presos Sociais como uma ferramenta para manter uma mínima ligação com anarquistas no país, ao mesmo tempo que lidava com a repressão. Nesse ínterim, também apostava no internacionalismo, relatando notícias da Argentina, Chile, Estados Unidos, Itália, França, México e outros, fazendo uma grande campanha por Sacco e Vanzetti ligando-a com a repressão no país e, ainda, a atacar teoricamente o patriotismo. Nesse último caso, sob o título “O mundo como pátria”, contrariavam a tese biológica e higienista que afirmava que “a divisão das raças” foi determinada pela

690 OLIVEIRA, Tiago. *Op.cit.*, 2009. p.189.

691 *O Syndicalista* e carta de Domingos Passos citado em OLIVEIRA, Tiago. *Op.cit.*, 2009. p.187-189.

692 Ver “Movimento Associativo.” *O Syndicalista* (Porto Alegre), 15 de julho de 1926. p.2.

natureza. Para eles, “tal critério é uma aberração sob o ponto de vista social, humano e político”, sendo que se “os costumes, a educação e até o clima é o aparelho divisor das raças”, criando lugares mais favoráveis a cada tipo de etnia, isso seria corrigido “desde que se pratique a transmigração das raças, isto é, a emigração recíproca dos povos de um continente para outro.”⁶⁹³

Além do caso de *O Syndicalista* e da FORGS devemos citar que o Ceará, onde como vimos, ascendia a estratégia do sindicalismo revolucionário no início de 1920, foi um dos principais focos libertários no período. Mesmo com o crescimento rápido do reformismo e do bolchevismo, disputando rapidamente os sindicatos com anarquistas, os libertários, no raiar de 1921, através do periódico *O Combate*, noticiavam o movimento operário da região nordestina e, por vezes, também do norte, ao relatar e impulsionar grupos sindicais, além de atos e manifestações contando com o apoio e influência de grupos anarquistas ou racionalistas como o Clube Socialista Maximo Gorki, o Centro de Estudos Libertários, a Escola Operária Racional, a Escola Renascença e a Escola Humanidade Nova. Um dos principais grupos desse período contra a repressão foi o Grupo Libertário Amigos d’A Plebe de Fortaleza, que denunciava a perseguição política no país e ajudou em fugas de Clevelândia, focando na militância de *A Plebe*, entre 1924 e 1925, e a continuação do Comitê Pró-Presos Sociais. O historiador Victor Braga analisou que

uma carta enviada do Ceará revela, além das relações políticas com os camaradas anarquistas do ultramar, a tentativa dos militantes cearenses, provavelmente do Grupo Libertário Amigos d’A Plebe de Fortaleza, em fazer algo para denunciar o que ocorria no país, solidarizando-se com os companheiros d’A Plebe e outros trabalhadores presos. [...] Entre os presos, estava um conterrâneo cearense, o gráfico Pedro Motta.⁶⁹⁴

A tradição organizativa em algumas cidades no nordeste do Brasil fez com que *A Plebe*, logo quando retornou, noticiasse intensamente greves, manifestações, atos e organizações importantes na região como –a greve dos operários da Rossbach Brazill em Recife e a criação do Centro de Estudos Sociais do Belém, no Pará, assinado pelos militantes Raymundo Cordeiro, Antonio Pereira da Silva, Pedro Lyra, Mauro Serra e outros, afirmando que

693 “O Mundo como pátria.” *O Syndicalista* (Porto Alegre), 1 de fevereiro de 1924. p.3.

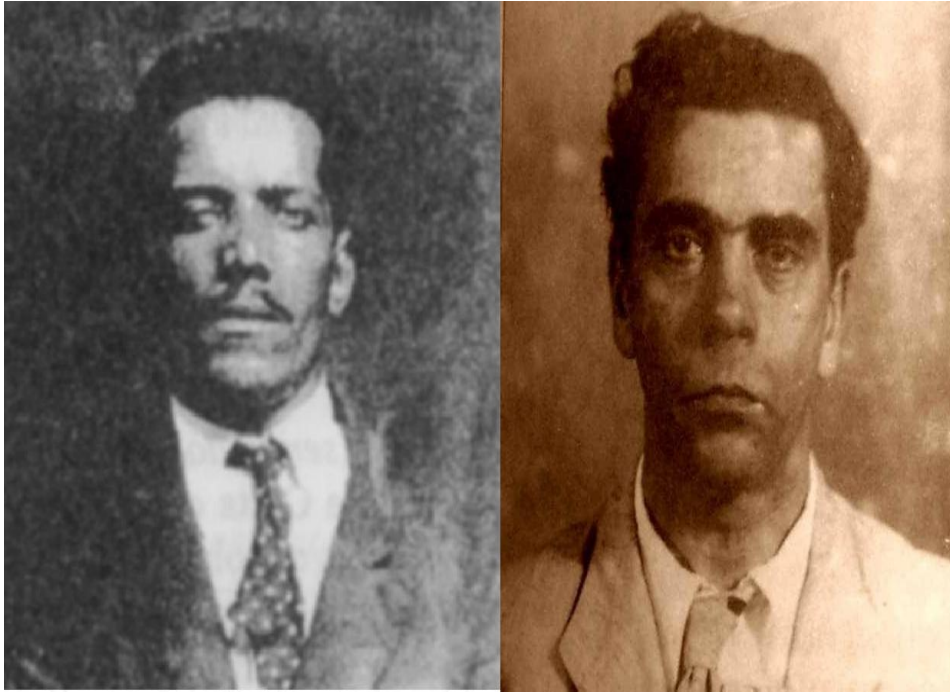
694 BRAGA, Francisco Victor Pereira. *Op.cit.*, 2013. p.215.

considerando que a organização operária baseada no moderno Sindicalismo Revolucionário é o veículo mais apropriado para a transição do Regime Capitalista-Estatal ao advento da Sociedade Comunista Libertária do futuro julgamos do nosso dever inalienável prestigiar, incentivar, desenvolver a organização sindicalista revolucionária entre as massas oprimidas e laboriosas, fortalecendo-a com nossa adesão aos sindicatos atualmente existentes, assim como auxiliando a fundação de outros, onde forem necessários, ou as circunstâncias aconselharem.⁶⁹⁵

Após o estado de sítio, dessa maneira, além de tentarem mostrar para seus leitores, no estado e no país, que o anarquismo e sua principal estratégia continuavam ativos no país, tentavam também ligá-los, dando a ideia de organização a nível nacional novamente, desde que ressaltando o federalismo e o antiestatismo, disputando e criando organizações de massa. Uma evidência dessa ligação foi a criação do jornal de grande imprensa *O Ceará* em 1928 pela jornalista Rachel de Queiroz, que convidava a ativista e teórica anarquista Maria Lacerda de Moura, que morava no interior de São Paulo no período, a escrever ao jornal.⁶⁹⁶ É interessante ressaltar também que, após 1928, assim como antes dos eventos de 1924, os principais debates políticos anarquistas eram personificados em torno de dois brasileiros, Domingos Passos e José Oiticica e, entre 1924 e 1925, em focos libertários em lugares distantes um do outro, como no Rio Grande do Sul e Ceará. Essas são evidências que a cultura política anarquista estava completamente em consonância com a cultura política do país e, que, o apelo ao internacionalismo não fazia parte de um alongamento da imigração e de redes étnicas e sim dos alongamentos das necessidades da cultura política anarquista no país e, por isso, a insistência, por parte de seus adversários, de extirpá-los.

695 “A Ação Libertária no Pará.” *A Plebe* (São Paulo), 9 de abril de 1927. p.2-3.

696 Ver PEREIRA, Adelaide Golçalves. *Op.cit.*, 2001.



(Domingos Passos e José Oiticica. Exposição Anarquistas – Arquivo Astrojildo Pereira. CEDEM – Centro de documentação e memória da Unesp)

A tentativa para a manutenção das redes sindicalistas e de grupos anarquistas mais organizados na tentativa de não se desmembrar no território nacional, na prática, continuava – embora com danos e atrasos severos devido à repressão e as transformações do sindicalismo e o embate com comunistas, reformistas e cooperativistas – ao mesmo tempo em que era tentado minar o patriotismo de Estado. Era preciso excluir ou diluir o ideário nacional dos discursos e sublinhar o internacionalismo, a fraternidade internacional e a ligação entre repressão e os interesses mundiais da burguesia, assim como da repressão e a necessidade do sindicalismo e da ação direta a partir de certa unidade no país. No entanto, uma disputa com a intelectualidade brasileira e sua legitimação entre eles continuava e mostrava ser uma porta de escape para o anarquismo no país, que estava cada vez mais encurralado.

IV- III. A pátria que quisera ter o anarquismo: intelectualidade, literatura nacional e ideias libertárias

Enquanto a percentagem de analfabetos for a que conhecemos em todos os países, e enquanto a instrução permanecer o que é e acessível apenas a uma parte da humanidade, enquanto o proletariado não cuidar das suas escolas,

sua cultura, num surto titânico contra a exploração do homem pelo homem, – inútil pensar na equidade social porquanto haverá sempre uma facção mais esperta a qual tomará as rédeas dos governos e os lugares privilegiados, em detrimento de outros sonhos mais altos. (Maria Lacerda de Moura)⁶⁹⁸

Iria morrer, quem sabe se naquela noite mesmo? E que tinha ele feito de sua vida? Nada. Levara toda ela atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la e querê-la muito, no intuito de contribuir para a sua felicidade e prosperidade. Gastara a sua mocidade nisso, a sua virilidade também; e, agora que estava na velhice, como ela o recompensava, como ela o premiava, como ela o condecorava? Matando-o. [...] A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, existia. (Lima Barreto)⁶⁹⁹

Antes mesmo da efervescência iniciada em 1924, alguns anarquistas, observando a disputa intensa de seu principal vetor no país com outros grupos, além da instrumentalização de suas forças pela classe média, tinham entrado em uma polêmica sobre o caráter classista do anarquismo. Na revista *Renovação* do Rio de Janeiro, o militante Fábio Luz, em 1922, afirmava que era um “um burguês autêntico”, mas que isso não o distanciava do anarquismo. Para Luz, trabalhadores intelectuais como ele, pessoas da classe média e até burgueses tinham o direito de estudar o ideal anarquista e de “querer uma reforma social”:

É o anarquismo antes um conjunto de doutrinas filosóficas do que um partido político como pensam alguns; não é o anarquismo um privilégio das classes proletárias. A aspiração à justiça mais perfeita, à igualdade mais real, à felicidade mais garantida é geral. Se os operários sofrem mais, à falta de verdade, de solidariedade social, isso não quer dizer que o burguês também não seja vítima desta desorganização social que pavoneia com o nome de ordem.⁷⁰⁰

Alongando um debate de Malatesta que afirmava que o anarquismo deveria ser propagandeado para todos além da classe trabalhadora porque visava a “sociedade

693 Maria Lacerda de Moura citada em LEITE, Míriam Lifchitz. *Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984.

694 BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 284-285.

695 “Um burguês autêntico.” *Renovação* (Rio de Janeiro), 4 de fevereiro de 1922. p.55-56.

humana em geral”⁷⁰¹ e não propriamente fabril, o redator Fábio Luz defendia que para se tornar um militante anarquista e defender o equilíbrio da sociedade não importava a posição de nascimento da pessoa, mas sim as suas ideias e práticas. Por isso, a propaganda do anarquismo deveria ser destinada a todos além do embate econômico, pois quanto mais estivessem nas fileiras libertárias, menos opositores os anarquistas iriam ter. Os militantes em torno de *A Plebe* concordavam em parte com o autor, escrevendo que “o notável romancista revolucionário tem carradas de razão em considerar o anarquismo campo aberto a todos os homens de boa vontade”, mas afirmavam ainda que sua principal estratégia era o sindicalismo revolucionário já que este método ainda era “um poderoso elemento de educação social dos trabalhadores (...) destinado a ser amanhã a base essencial da reconstrução social da sociedade”⁷⁰², portanto reafirmando a luta de classes dos anarquistas.

Não obstante, com a disputa mais intensa de outros grupos ou ataque ao sindicalismo no estado de sítio, anarquistas, como vimos, continuavam sua estratégia no nível cultural, além de tentarem não perder sua principal forma de luta. Como vimos, no Ceará, a base para a conservação do anarquismo na região nordeste, além do Grupo Libertário Amigos d’A Plebe de Fortaleza, foi o Clube Socialista Maximo Gorki, o Centro de Estudos Libertários, a Escola Operária Racional, a Escola Renascença e a Escola Humanidade Nova. Mesmo no Rio Grande do Sul, região com mais força sindical no período, devido à FORGS, o militante Friedrich Kniestedt criou a Livraria Internacional, ampliada em 1927, se transformando em uma das maiores referências libertárias de livros racionalistas, anticlericais, socialistas e anarquistas, o que evidencia a preocupação do anarquismo em estar envolvido em ações e táticas de disputa cultural e divulgação do racionalismo.⁷⁰³

Não obstante, o que acontece nessa década é também a tentativa de mergulho de anarquistas na intelectualidade. Dessa vez, não era apenas se apropriar ou debater com ideias iluministas ou racionalistas para legitimar o ideal anárquico nessas linhas de pensamento, tão pouco divulgar a racionalidade e a literatura em seus jornais, opúsculos ou arte operária, mas se infiltrar na literatura nacional onde enraizaria o anarquismo, ou,

696 MALATESTA, Errico. *Op.cit.*, p.161.

697 *A Plebe* (São Paulo), 13 de maio de 1922. Citado em OLIVEIRA, Tiago. *Op.cit.*, 177.

698 GERTZ, René. Operários Alemães no Rio Grande do Sul (1920-1937) ou Friedrich Kniestedt também foi um imigrante alemão. *Revista Brasileira de História*, v.6, n.11, pp.75-84, 1986. p.79.

pelo menos, ideias e pensamentos libertários no país para várias classes – o que se imbrica com a trajetória da ativista Maria Lacerda de Moura e do escritor Lima Barreto.

Maria Lacerda de Moura nasceu em 1887 na cidade de Manhuaçu no estado de Minas Gerais e cresceu na cidade de Barbacena. Filha de uma família espírita e anticlerical esteve em contato com ideias racionalistas e intelectuais formada pela Escola Normal de Barbacena. Suas memórias indicam a leitura, muito influenciada pela sua família, de jornais, livros e opúsculos derivados das ideias de pedagogos libertários e racionalistas como Sebastian Faure e Francisco Ferrer y Guardia, e feministas, começando por Maria Montessori. Era muito raro uma família ter contato com tais obras e educarem seus filhos a partir disso, mas não impossível, graças ao trabalho de base de anarquistas e sua associação com a intelectualidade anticlerical. Após formada, foi diretora do *Pedagogium*, trabalhando pela alfabetização de jovens e adultos e lutando contra o analfabetismo na cidade em que morava. A ativista fazia conferências sobre esse tema, o que resultou no seu primeiro livro *Em torno da Educação* em 1918, começando também a colaborar com a imprensa local, estabelecendo contato com jornalistas e militantes de diversas orientações de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Em uma visita do militante José Oiticica a sua cidade, no ano de 1919, Maria Lacerda de Moura se interessou pelos ideais anarquistas e estabelece um contato com o movimento operário. Em 1921, passou a morar em São Paulo e a contribuir com a imprensa operária e anarquista, entre eles o periódico *O Trabalhador Gráfico* e *A Plebe*, e passa a ser convidada por jornais operários e da grande imprensa no país, como *O Ceará*, falando sobre o papel transformador da educação e fazendo contribuições feministas sobre esse tema e ao próprio socialismo e anarquismo.⁷⁰⁴

A historiadora Margareth Rago afirma que a ativista e intelectual logo se tornou uma “educadora libertária, escritora feminista, jornalista polêmica e oradora prestigiada” e seus escritos “podem ser encontrados não só nos periódicos brasileiros, mas também nas revistas anarquistas publicadas na Espanha e na Argentina entre as décadas de 1920 e 1930.”⁷⁰⁵ Para Rago, seus escritos e discursos ganharam novamente visibilidade em 1980, após a primeira biografia de Maria Lacerda de Moura ser feita, com a força do feminismo no país. Como tal escritora, professora e ativista se tornou uma referência libertária e feminista além de suas outras companheiras militantes? Para

699 Para adentrar a trajetória de Maria Lacerda de Moura ver RAGO, Margareth. *Ética, anarquia e revolução em Maria Lacerda de Moura*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Op.cit.*, p.273-293.

705 *Idem*. p.275.

entendermos isso temos que analisar mais detidamente as táticas de sua associação com o feminismo e seu debate com o racionalismo, com o positivismo e a biologia.

No mesmo período que Maria Lacerda de Moura estabeleceu contato com anarquistas, também fez associações e adentrou ao universo feminista. Depois de seu sucesso em vários periódicos falando sobre a questão da mulher, ela foi convidada por feministas de diversas orientações, como a bióloga comunista Bertha Lutz, para compor a Federação Feminina, que tinha por objetivo discutir a questão da emancipação da mulher em diversos âmbitos da sociedade. Não obstante, pouco tempo depois, rompe com tal associação, por não acreditar, como Emma Goldman e as anarquistas do período, no sufrágio universal. Para ela, além de não acreditarem no Estado Nacional e almejarem a destruição dele, igualar mulheres pelo voto não cessaria as desigualdades de gênero, era necessário destruir os papéis de gênero, o que ela e outras mulheres anarquistas chamavam de “emancipar o gênero humano.” Nesse viés, rejeitava o rótulo feminista e, como outras mulheres anarquistas, se declarava humanista.⁷⁰⁶ Maria Lacerda de Moura, através de suas obras, e contribuições nos periódicos, deixava claro a relação da dominação de gênero, econômica e política, da qual partia das considerações anarquistas:

Dentro da sociedade capitalista a mulher é duas vezes escrava: é a protegida, a tutelada, a “pupila” do homem, a criatura domesticada por um senhor cioso e, ao mesmo tempo, é a escrava social de uma sociedade baseada no dinheiro e nos privilégios mantidos pela autoridade do Estado e pela força armada para defender o poder, o dominismo, o industrialismo monetário.⁷⁰⁷

Para demonstrar que a mulher era considerada inferior porque foi inferiorizada e dominada nessa sociedade, Maria Lacerda de Moura travou um embate com as teses biológicas do período como do italiano Cesar Lombroso e do português Miguel Bombarda que tentavam provar a inferioridade biológica da mulher e sua suposta falta de racionalidade. Bombarda ainda defendia que prostitutas tinha características genéticas próprias e que sua insubordinação ou rebeldia fazia parte dessas características nocivas à sociedade. Em 1924, a intelectual responde com *A Mulher é uma degenerada?*, onde, para ela:

706 *Ibidem.* p.278.

707 Maria Lacerda de Moura citada em Rago, Margareth. *Op.cit.*, p.282.

A mulher foi escrava em todos os tempos, é preciso repetir. Como exigir dos escravos as virtudes e a desenvoltura dos homens livres? [...] E ao caráter feminino que atacam, é o combate à rebeldia e à superioridade moral, à insubmissão, ao anseio da liberdade e amor – na mais ampla significação da palavra.⁷⁰⁸

Na obra, Maria Lacerda de Moura ataca teses higienistas e misóginas que consideravam a mulher uma raça inferior e que consideravam “ridículo qualquer esforço em prol da liberdade da independência da mulher e da sua elevação até o homem”⁷⁰⁹, ligando sua insubordinação atual com a esterilidade e degeneração da espécie humana. A intelectual responde com referências antropológicas, históricas, sociológicas, da psicologia e da biologia (refinadas no período), para mostrar que a mulher não faz parte de uma raça diferente, evidenciando sua forma de socialização da sociedade patriarcal, e mostrando que suas formas de insubordinação provêm dessa opressão. Mas é interessante, para nós, como a autora imbrica isso com ideias provindas do anarquismo, mesmo que não citadas diretamente, como o internacionalismo, anticlericalismo e antimilitarismo:

A causa da mulher é como a causa das párias de todas as civilizações: é a causa internacional. Vencerá quando o ódio de raça, de preconceito, de superstições nacionalistas ruir por terra com o estrondo das derrocadas, a golpes de audácia dos camartelos fecundos, avassaladores e fortes. A religião não solucionou o problema. A política muito menos. As guerras mentiram-nos barbaramente [...].⁷¹⁰

Outro livro de destaque para a ativista e intelectual foi *Religião do amor e da Belleza*, publicado em 1926. Nessa obra, a intelectual e ativista defende o amor livre, criticando a obrigação do casamento e da família, uma forma de dominação histórica contra as mulheres, mas também a prostituição ou a “escravidão do salário”, e a influência de poderes religiosos clericais que silenciaram e deixaram a mulher numa posição de submissão. Para ela:

708 MOURA, Maria Lacerda de. *A Mulher é uma degenerada*. São Paulo: Tendel dos livros, 2018. p.29,54.

709 BOMBARDA citado em Moura *Idem*. p.19.

710 *Ibidem*. p.13-14.

Uma mulher pode amar a alguns homens ao mesmo tempo, amar a cada um com a ternura proporcional aos seus predicados mentais e morais e em razão direta dos seus sentimentos de retribuição desse afeto. É o amor espiritual, alargando-se, num círculo imenso, para o único e verdadeiro amor, puro, grande, consciente.⁷¹¹

Relacionava o amor livre com posições revolucionárias, criticando posições feministas reformistas e liberais, marcando uma posição anarquista:

Eu não chamo a mulher moderna a reivindicadora dos direitos civis ou políticos da mulher; essa é justamente a mulher do passado e que acordou tarde...; nem são mulheres modernas as feministas à outra-chance, desprezando os homens ou querendo o domínio do seu sexo ou a “melindrosa” sem pudor [...]. Mulher moderna, para mim, é Federica Montseny, são as precursoras de uma moral única para ambos os sexos, são as Inspiradoras Conscientes, que não querem fazer descer a mulher até o charco onde o homem se nivela aos brutos ou os ultrapassa na selvageria e nos vícios, mas sim, pretendem fazê-los subir até os seus lindos sonhos de Liberdade, de Amor e de Beleza.⁷¹²

Junto com essas obras, Maria Lacerda de Moura ocupava jornais, debates, fazia traduções e prefácios de grandes obras como do psiquiatra argentino Júlio Barcos em *Liberdade Sexual das Mulheres*, discutindo principalmente sobre “temas sexuais – do casamento ao adultério e ao divórcio, da prostituição ao aborto e à violência sexual, do amor livre ao prazer sexual da mulher.”⁷¹³ Seu ativismo, portanto, transcendia o universo tipicamente operário, e disputava ideias lidas principalmente também pelas elites e classe média. Temos que lembrar que é nesse período que –a palavra das mulheres começava a ser bem-vinda ao mundo público, como também observava a escritora feminista inglesa Virginia Wolf em seu livro *Um Teto Todo Seu*, de 1929.⁷¹⁴ Maria Lacerda de Moura aproveitava essa brecha e, conscientemente ou não, instituía e tentava marcar na literatura feminista no país e até no mundo, posições libertárias, criando inclusive um cânone próprio, uma forma de manter vivas as ideias de sua

711 MOURA, Maria Lacerda de. *Religião do amor e da Belleza*. São Paulo: O Pensamento, 1929. p.98.

712 *Idem*. p.152.

713 Rago, Margareth. *Op.cit.*, p.276.

714 *Idem*.

família política, renovadas e legitimadas entre as ideias de pensamento do período, além de ter uma linha própria e com referências intelectuais refinadas, uma vez que temas sobre sexualidade, amor livre, direito a negar a maternidade e outros temas eram pouco trabalhados no feminismo e no anarquismo brasileiro – conseguindo afirmar isso em pleno estado de sítio.

Não obstante, essa tática era arriscada pois diluía as menções e referências anarquistas – assim como estratégias sindicais – em ações libertárias comportamentais e educativas das mulheres que, embora importante, e derivada de uma análise estrutural de mulheres anarquistas, fugia do principal vetor do anarquismo, embora fosse uma saída possível no momento para a repressão ao sindicalismo e outras táticas provindas do socialismo libertário. Para isso, ela ligava sua análise sobre questões feministas com algumas posições derivadas do anarquismo, como a educação racionalista e o internacionalismo. Assim, Maria Lacerda de Moura, considerava a “revolução na educação, a fim de ruir todo o edifício antigo e construir novos alicerces mais sólidos, racionais, científicos”⁷¹⁵, a principal ferramenta de transformação, fazendo crer que seus leitores absorvessem ideais como internacionalismo e liberdade individual e coletiva através de seus temas, e não diretamente de fontes declaradas anarquistas.

Outro mergulho intenso em ideias derivadas do anarquismo e libertárias na literatura, que já acontecia desde a segunda década do século XX, se relaciona com a trajetória do escritor e jornalista Afonso Henrique de Lima Barreto. O também intelectual nasceu no Rio de Janeiro em 1881 e, apesar de neto de escravizados, seu pai e sua mãe conseguiram certa ascensão e trabalhavam como tipógrafo e professora, respectivamente. Seu pai, um monarquista, cuidou de Lima Barreto e de seus outros três irmãos desde o falecimento de sua esposa, mas, devido ao apadrinhamento do Visconde de Ouro Preto, o futuro escritor conseguiu ter acesso a uma educação escolar em instituições acima da média da população brasileira como no Colégio Pedro II. Em 1897, com 16 anos, Lima Barreto começou a estudar na Escola Politécnica, mas teve problemas de aprendizagem, e até abusos racistas na instituição, chegando a ser reprovado em várias matérias. Em 1902, seu pai começou a sofrer moléstia crônica, causando sua perturbação mental e consequente aposentadoria e morte precoce. Mesmo assim, a cultura erudita de Lima Barreto, parte pelo contato de ideias racionalistas pela imprensa, possibilitou seu ingresso no setor burocrático da Secretária de Guerra, através

715 MOURA, Maria Lacerda de. *Op.cit.*, p.102.

de um concurso público em 1903. O que garantiu o sustento de sua casa, embora de maneira simples.⁷¹⁶

Desde 1902, Lima Barreto tinha se transferido da Ilha do Governador para a Rua Vinte e Quatro de Maio no Engenho Novo, uma área suburbana no período. A mistura de sua cultura letrada, o racionalismo, o contato com ideias do alto escalão governamental enquanto vivia num bairro precário, o fez se aproximar da imprensa, mas especificamente da imprensa de bairro ou operária, entre eles o *Correio da Noite*, *Carreta*, *O Debate* e o anticlerical *A Lanterna*. O empenho dos anarquistas para se juntarem a setores racionalistas visando o ataque à Igreja aproximava pessoas como Lima Barreto, que a partir daí tomou contato com ideias anarquistas e libertárias. Para o historiador Denilson Botelho, o escritor e intelectual Lima Barreto não se resumia ao anarquismo, mas foi um grande defensor do bolchevismo e fazia uma síntese entre ideias socialistas, racionalistas e até positivistas, fato endossado pelo militante Astrojildo Pereira.⁷¹⁷ De fato, seus escritos nos periódicos mostravam uma crítica ao funcionamento do republicanismo no país e seu sistema excludente, a desigualdade social e a penosa vivência de trabalhadores, mas defendia e criticam o fim do capitalismo, o Estado Nacional, chegando a defender o sindicalismo revolucionário e depois obolchevismo.⁷¹⁸

Seus principais escritos nos jornais e obras foram publicados após sua prematura morte em 1922 e alcançaram notoriedade graças a literatos e intelectuais que o rebuscaram, sendo reconhecido posteriormente na Academia Brasileira de Letras. Mas duas obras do período de sua vivência nos chamam atenção. A primeira é a considerada obra-prima do escritor, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* que, depois de lançada em folhetos, foi publicada inteiramente em 1915. A obra traz a história de um funcionário público, Policarpo Quaresma, um homem que, com o republicanismo, se aproximava cada vez mais do nacionalismo e do patriotismo visando salvar e construir seu país da melhor maneira:

716 VER BOTELHO, Denilson. *A pátria que quisera ter um mito – Uma introdução ao pensamento político de Lima Barreto*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas – São Paulo, 1996.

717 *Idem*. p.170-171.

718 Ver BEZERRA, Jany Mary. *Lima Barreto: Anarquismo, antipatriotismo e forma literária*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Ceará, 2010.

Policarpo era patriota. Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da pátria tomou-o todo inteiro. Não fora o amor comum, palrador e vazio; fora um sentimento sério, grave e absorvente. Nada de ambições políticas e administrativas; o que Quaresma pensou, ou melhor: o que o patriotismo o fez pensar, foi um conhecimento inteiro do Brasil, levando-o a meditações sobre seus recursos, para depois então apontar seus remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa.⁷¹⁹

Até aí um leitor da classe média ou proletário patriota não veria nenhum problema nos escritos de Lima Barreto. Se parece um escrito nacionalista e patriótico, o que combinava com o ufanismo nacionalista que crescia no período da Primeira Guerra Mundial, como vimos. Era uma ótima tática de narrativa do intelectual para aproximar pessoas para a leitura e depois realizar sua crítica, já que no final da obra, o protagonista vê que todo o seu sacrifício pela pátria foi em vão. Policarpo Quaresma, nesse sentido, percebe que o discurso patriótico favorecia apenas uma classe e que o regime republicano no Brasil era uma farsa, morrendo à míngua e mostrando que “a pátria que [ele] quisera ter era um mito.”⁷²⁰

Triste Fim de Policarpo Quaresma é uma crítica, portanto, ao patriotismo e ao republicanismo no Brasil, intercalando sutilmente uma posição que visava transcender esse tipo de política. Nesse período, observando suas atividades paralelas na imprensa, através do trabalho do historiador Denilson Botelho, percebemos que tal crítica vinha de sua proximidade com o antimilitarismo ligado à crítica ao capitalismo e ao Estado nacional, típico de sua relação com o debate anarquista naquele momento, que Lima Barreto não só absorvia através de seu contato com militantes libertários, mas escrevia:

A monstruosa guerra europeia que durou quatro anos, na qual se inutilizaram cerca de dez milhões de homens, que destruiu cidades, vilas, monumentos inestimáveis, bibliotecas, recordações do passado que as anteriores guerras tinham poupado, não sabe ela mesmo como acabar. [...] Eles, os seus membros, querem organizar a Terra, cada um no seu ponto de vista particular, de acordo com as ambições de suas respectivas burguesias. [...] A guerra não resolveu nada; ela faliu como processo para solucionar questões

719 BARRETO, Lima. *Op.cit.*, p.19.

720 *Idem.* 285.

entre Estados. A resolução dessas questões só poderá ser obtida pela eliminação desses pequenos Estados.⁷²¹

Triste de Fim de Policarpo Quaresma, embora publicado em 1915, em conformidade com suas ideias antimilitaristas e internacionalistas continuou influente após sua morte em 1922, inclusive na década que estamos analisando, garantindo a influência de ideais libertários na literatura nacional. Mas outro escrito interessante publicado logo após seu falecimento, ou seja, nas vésperas da tomada do poder de Artur Bernardes, foi *Os Bruzundangas*, uma sátira na qual um visitante narra sobre uma terra com uma miríade e infinidade de problemas sociais: sua economia confusa sendo dominada pelos cafeeiros da província de *Kaphet*, a falta de cultura e erudição de intelectuais da “Escola Samoieda”, que apenas queriam se associar com a classe dominante, uma deficiência crônica econômica, mas que, apesar disso, seus políticos estranhamente, se preocupavam com nada além

De velharias, cousas estranhas à terra que dirigem, para achar solução às dificuldades do governo. [...]Em face de um país com uma população já numerosa em relação ao território ocupado efetivamente - na Bruzundanga, os seus políticos só pedem e proclamam a necessidade de introduzir milhares e milhares de forasteiros. Dessa maneira, em vez de procurarem encaminhar para a riqueza e para o trabalho a população - que já está, eles, por meio de capciosas publicações, mentirosas e falsas, atraem para a nação uma multidão de necessitados cuja desilusão, após certo tempo de estadia, mais concorre para o mal-estar do país.⁷²²

Na obra, a política era completamente corrupta e seus discursos e amor à pátria eram falsos, revelando interesses pessoais e o compadrio, que potencializavam as desigualdades no país:

Não há lá homem influente que não tenha, pelo menos, trinta parentes ocupando cargos do Estado; não há lá político influente que não se julgue com direito a deixar para os seus filhos, netos, sobrinhos, primos, gordas pensões pagas pelo Tesouro da República. No entanto, a terra vive na

721 BARRETO, Lima. —A guerra faliu. | *Feiras e Mafuás*. Citado em BOTELHO, Denilson. *Op.cit.*, p.115.

722 *Idem*. p.19.

pobreza; os latifúndios abandonados e indivisos; a população rural, que é a base de todas as nações, oprimida por chefões políticos, inúteis, incapazes de dirigir a cousa mais fácil desta vida.⁷²³

Esta terra, portanto, era o próprio país de Lima Barreto, que usava a obra satírica e supostamente fictícia para fazer críticas alinhadas com a família socialista, incluindo a análise anarquista desde a fase de disseminação no país, como o ataque ao latifundiarismo, a República excludente, a desigualdade social, a política de imigração e outras questões que se infiltravam na literatura nacional. Esse era o mesmo período que Barreto intensificava seu ativismo em jornais operários, escrevendo em muitos jornais anarquistas que apoiavam o bolchevismo, que seria a resolução desses problemas, para o intelectual.⁷²⁴

Para autores especialistas da literatura nacional, a obra de Lima Barreto representou a fase de transição da literatura, antes do modernismo de 1922, mas que inaugura muitos de seus princípios. Para Alfredo Bosi e Zélia Nolasco Freire, os escritores pré-modernistas foram responsáveis em mover “as águas estagnadas da belle époque”⁷²⁵. Nesse sentido, as influências europeias, nesse período, vão se diluindo, surgindo uma preocupação com uma nova narrativa em que o nacional e seus problemas, junto com uma maneira própria de descrevê-los, vêm à tona. Pensando nisso, percebemos que o anarquismo, adentrando nesse movimento, conscientemente ou não, realizava uma espécie de sincretismo com a realidade nacional, tentando não sair da esfera de problemas sociais brasileiros e configurando as ideias libertárias para se tornarem comum com o vocabulário e leituras do país. Tal atitude podendo ser uma resposta ao movimento de periódicos anarquistas que, ao invés disso, se voltavam às suas redes móveis translocais e transnacionais, embora, como vimos, seus principais militantes fossem brasileiros. Nesse sentido, Lima Barreto já anunciava desde 1913 em *A Voz do Trabalhador*, republicado em 1923 em *Bagatelas*, que “as condições, portanto, da civilização do Brasil, quer as econômicas, quer as morais, quer as de território, justifica que haja quem desinteressadamente, brasileiro ou não, seja anarquista.”⁷²⁶

723 *Ibidem*. p.20.

724 Ver BEZERRA, Jany. *Op.cit.*, p.34-47.

725 Alfredo Bosi citado em NOLASCO-FREIRE, Zélia. *Lima Barreto: Imagem e Linguagem*. São Paulo: Annablume, 2005. p.96.

726 Lima Barreto em *A Voz do Trabalhador* e *Bagatelas* citado em BOTELHO, Denilson. *Op.cit.*, p.127.

As posições de Lima Barreto e Maria Lacerda de Moura, junto à estratégia sindical que estava sendo ainda tensionada, e de outras táticas como a continuação de jornais e bibliotecas de teor libertário, com certeza foram importantes para a sobrevivência do anarquismo e a continuação do seu legado político na travessia dessa turbulenta década. Não obstante, sabemos que esse período apenas seria um lembrete dos próximos anos, nos quais o corporativismo do Estado e a repressão avançariam, além de uma ascensão das ideias fascistas ou totalitárias no mundo e no país. Anarquistas e sindicalistas não ficaram pacíficos nesse período e apresentaram posições sobre seus entendimentos acerca do movimento operário e dos trabalhadores no Brasil e em outras partes do globo.

CAPÍTULO V

**A nação sublinhada: anarquistas frente ao fascismo
internacional, ao corporativismo sindical e ao nacionalismo de
Estado (1930-1937)**

V.I - Entre bandeiras: o antifascismo como elemento catalisador e difusor e o anarquismo entre sua inserção nacional e transnacional

A velhacaria, a intriga, a calúnia, eis as armas de que os fascistas lançam mão constantemente a fim de ver se conseguem desmoralizar os comunistas e torná-los ridículos aos olhos do povo, mas, afinal, perdem o seu tempo, porque a verdade, como a luz, não poderá jamais ser suplantada pelas trevas. E as lutas se sucedem, agora, sem intermitências, aqui e acolá. Sempre que os tais fascistas as provocam, havendo sempre quem responda aos seus insultos, quer nos comícios eleitorais, quer nas demonstrações de hostilidades, que não raro promovem. Querem os fascistas ganhar nas eleições, mas isso, afinal, nada significa de importante porque o povo, na atualidade, está decidido a agir diretamente, desprezando a intervenção dos socialistas legalitários que o trem vendidos como estão à burocracia burguesa. (*A Plebe*)⁷²⁷

Antes do irrompimento da Segunda Guerra Mundial, ou mesmo da construção de órgãos antifascistas no país, os anarquistas, inseridos em suas redes étnicas e políticas transnacionais e imbuídos de seu internacionalismo prático, já acompanhavam com detalhes a ascensão do fascismo desde seus primórdios e tentavam combatê-lo. Como é possível perceber no documento, o trecho escrito pelos militantes e redatores em torno de *A Plebe*, onde o fascismo apareceu a primeira vez nas palavras dos libertários, foi escrito no primeiro semestre de 1921, ou seja, antes da construção do primeiro partido de orientação marxista no país. E como é possível observar, não tinham dúvidas de que o fascismo era perigosamente anticomunista – se colocando ao lado, portanto, de seus companheiros revolucionários de outras vertentes ideológicas e, mostrando, assim comodenunciando, que a social-democracia não inutilizaria o avanço desse mal.

Para o historiador João Bertonha, “não espantosamente, foram justamente os anarquistas, além dos gielistas, que iniciaram a formação de tropas para auxiliar os republicanos espanhóis durante a Guerra Civil Espanhola, enquanto socialistas e comunistas estavam ainda avaliando o que fazer.”⁷²⁸ Não queremos apontar com isso uma superioridade política, que desembocou numa análise acertada sobre o fascismo.

727 “O que se passa na Itália.” *A Plebe* (São Paulo), 16 de abril de 1921. p.2.

728 BERTONHA, João Fábio. Anarquistas italianos nas Américas: a luta contra o fascismo entre o velho e o Novo Mundo (1922-1945). *História Social*, vol.22 e 23, 2012. p.272.

Na verdade, a posição de anarquistas se dava exatamente pelo acompanhamento do movimento operário, através de seus fluxos e conexões, além de suas críticas à social-democracia como um “socialismo aburguesado”, enquanto, parece, que os comunistas, devido às suas metamorfoses e reorganizações recentes a partir do bolchevismo da Revolução Russa, estavam atrasados para observar a gênese do fascismo como um perigo iminente para destruição do movimento operário. A violência de grupos fascistas desde sua origem, fazendo conexão com a repressão do Estado – que atingiu anarquistas brutalmente nesse período como mostramos – deixavam também os socialistas libertários sensíveis a esse tipo de movimentação. Mas, de fato, o que parece ter tido muito peso para a crítica inicial ao fascismo era a conexão de anarquistas em São Paulo, e em diversas cidades do mundo, devido a seu transnacionalismo desde a construção do anarquismo, somado ao seu empenho em romper fronteiras e estar conectado aos seus militantes conterrâneos. Isso daria uma potência ao antifascismo anarquista no período, embora sempre minoritários como membros nas ligas e agrupamentos antifascistas. Para Bertonha,

partindo de alguns núcleos centrais, como Paris, Nova York e Buenos Aires, o antifascismo anarquista mantinha núcleos de certa importância em locais como São Paulo, Genebra, Túnis, Windsor e Sidney e pequenos núcleos e/ou militantes isolados espalhados por todo o território de emigração italiana. Esses núcleos se interligavam entre si através da circulação de militantes, correspondência, jornais e notícias. Essa rede anarquista se conectava, por sua vez, à rede antifascista italiana mundial, de onde, mesmo com imensos contrastes e disputas, recebia energia e apoio para continuar sua luta mesmo quando as condições internas não eram favoráveis. Tal transnacionalismo é uma característica relevante do combate antifascista italiano, que revela que a ideia da globalização da política estava presente entre os antifascistas italianos já nos anos 20 e 30 (e mesmo antes) e que deve ser ressaltado.⁷²⁹

É necessário citar, como o mesmo autor defende, que o fascismo também nunca foi um movimento nacional *stricto sensu*, embora sua retórica fosse nacionalista. O fascismo instrumentalizava as redes de imigração para alastrar suas ideias e práticas, seja para italianos em outros países apoiarem o fascismo italiano, ou para construírem

729 *Idem.* p.234-235.

um tipo de fascismo sincrético com o país em que estavam inseridos.⁷³⁰ Anarquistas já percebiam, portanto, que os trabalhadores e imigrantes estavam em disputa desse novo movimento. O periódico *Alba Rossa*, distribuído entre a rede de italianos em São Paulo, afirmava em 1922 que

se essa gente desclassificada, sem profissão, tiver a coragem de vir em meio a nós, trabalhadores autênticos, filhos de todas as pátrias, falar do fascismo italiano; (...) então usaremos os meios adequados para os persuadir do contrário e os convencer de que o lugar dos fascistas é entre os mercenários que recebem de todos os tiranos inimigos do povo.⁷³¹

Esse trecho deixa evidente que a luta contra o fascismo também era um momento de reavivar o internacionalismo dos trabalhadores, ainda mais os imigrantes que, após a Primeira Guerra Mundial, estavam sem perspectivas de retorno ao seu país natal e poderiam ter exacerbado e investido o sentimento de pertencimento local e, possivelmente, o nacionalismo. É interessante notar que também era o momento de reforçar uma solidariedade de classe, sublinhando os interesses da classe trabalhadora como oposta ao fascismo, assim disputando-os e combatendo a construção desse movimento no país.

Era necessário então aglutinar forças novamente com outros revolucionários, ainda mais imigrantes e viajantes, já que essa tendência tinha se enfraquecido após o rompimento de anarquistas com a Revolução Russa e a construção do Partido Comunista Brasileiro. Não em vão, uma primeira articulação anarquista com socialistas nesse período veio inclusive de ativistas e militantes de orientação antiorganizacionista, já que essa tendência estava nas mãos de anarquistas italianos na cidade de São Paulo. Nesse caminho, Oreste Ristori e Alessandro Cerchiai, em 1927, iniciaram sua colaboração com o periódico *La Difesa*. Esse jornal foi fundado em 1923 e se definia “socialista e antifascista”, considerado o marco inicial do antifascismo no Brasil. Proposto pelo membro do Partido Socialista Italiano (PSI) e dirigente do periódico *Avanti!* em São Paulo, Antonio Piccarolo, teve sua segunda fase dirigida por Francisco Frolaque radicalizou o discurso revolucionário afinando aproximações com anarquistas e comunistas como Goffredo Rosini e Ertulio Esposito. Socialistas estavam fundando

730 Ver BERTONHA, João Fábio. *Fascismo e antifascismo italianos: ensaios*. 1. ed. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2017.

731 *Alba Rossa* (São Paulo), 11 de novembro de 1922. p.2.

organismos antifascistas desde 1924 com a Unione Democratica do Rio de Janeiro fundada por Giovanni Infante e Giovanni Scala, que haviam colaborado com anarquistas em escolas racionalistas. Após isso, foram fundadas outras como a Liga Internacional de Defesa Democrática de Belo Horizonte e a Azzociazione Giacomo Matteotti em São Paulo.⁷³² Podemos perceber que nesse momento inicial de recepção das ideias fascistas no Brasil, o caráter étnico italiano estava presente em seus órgãos e ativistas, já que consideravam os trabalhadores italianos mais sensíveis a esse tipo de discurso pela própria origem do movimento, e que havia transformado vários socialistas em fascistas em outras partes do mundo, o que explica a necessidade e empenho de anarquistas e socialistas se manterem juntos novamente radicalizando o discurso revolucionário e internacionalista.

O aparecimento do fascismo também fazia anarquistas mobilizarem redes étnicas para um retorno de ações mais práticas, tentando conectar a luta de outros países com seus problemas locais, como no caso do alemão Friedrich Kniestedt, membro da Federação Operário do Rio Grande do Sul e do periódico *Aktion*. Kniestedt nasceu na Alemanha no final do século XIX e, frustrado com sua experiência social-democrata, emigrou para o Brasil em 1909 onde primeiramente tentou se estabelecer em uma colônia comunal de imigrantes no Paraná e depois trabalhou em lavouras próprias e para terceiros em São Paulo. No início da segunda década do século XX o militante alemão volta para seu país de origem, mas retorna ao Brasil no período de eclosão da Primeira Guerra Mundial. Nos trópicos novamente, frustrado tanto com a social-democracia alemã e com experiências isoladas da classe trabalhadora, encontra nos militantes e ativistas anarquistas em Porto Alegre, que naquele período conseguiram elencar o sindicalismo revolucionário como influente na FORGS, um meio para achar que “a única ação correta do proletariado é a ação direta via greve geral” e que “o proletariado fez fiasco com os meios que utilizou até agora”⁷³³, o que desmonta a tese que o anarquismo seria uma primeira ideologia dos trabalhadores e que depois passariam à social-democracia, reformismo ou comunismo. Nesse período, René Gertz afirma que existiam 600.000 pessoas de origem alemã no Rio Grande do Sul, representando 12% da população, portanto, o maior percentual dessa nacionalidade em solo brasileiro. A

732 Ver CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (Orgs). *A Imprensa confiscada pelo DEOPS, 1924-1954*. São Paulo: Ateliê Editorial; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003. p.152-154.

733 Friedrich Kniestedt em *Aktion* citado por GERTZ, René. Operários alemães no Rio Grande do Sul (1920-1937). *Revista Brasileira de História*, vol.6, num.11, p.75-84, 1986.p.77.

imprensa alemã no estado já era publicada e bem distribuída como no caso do *Allgemeiner Arbeiterverein*, criado em 1892, e de 1920 e 1930 o *Der freie Arbeiter*, unindo socialistas, comunistas e libertários como Friedrich Kniestedt. A proximidade com seus conterrâneos na Alemanha e os debates sobre o nascimento do nazismo, fazia esse grupo ter um grande empenho e conhecimento sobre essa ideologia, além de combatê-la ferozmente, o que fez, entre 1933 e 1937, ao escrever e dirigir o periódico *Aktion*. O órgão, apresentado com quatro páginas, era publicado em alemão e distribuído com preços que variavam, além de doações, e se empenhava na mobilização de trabalhadores alemães contra o fascismo, defendendo o sindicalismo revolucionário.⁷³⁴ Primeiramente o *Aktion* reunia democratas, anarquistas e comunistas seguindo a *Liga fur Menschenrechte – Ortsgruppe*. A Liga, não obstante, teve uma dificuldade de estabelecer vínculos com militantes na Alemanha e, ao fim e ao cabo, sobraram apenas os anarquistas que retomavam uma militância sindical após um certo refluxo do movimento operário na região e de sua passagem em atividades culturais e educativas, como na experiência de sua Livraria Internacional entre 1925 e 1927, fato que só aconteceu com o empenho em debater o fascismo e o nazismo.

Não obstante, dois fatores contribuíram para a luta antifascista, restrita a alguns grupos, ser passada para uma luta do movimento operário nacional, fato que se deu de maneira sistemática no início da década de 1930. O primeiro deles era a criação, em 1932, da Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada pelo escritor e jornalista brasileiro Plínio Salgado. O integralismo, que tentava se distanciar do nazismo por aparentemente não apresentar características racistas, pregava um movimento conservador ultranacionalista típico dos movimentos fascistas do período, retomando inclusive bases da Doutrina Social da Igreja Católica. Os integralistas também apresentavam certo sincretismo com os elementos nacionais originários do Brasil, como a palavra “Anauê”, usada em seus textos e ordem de fala, que significava em tupi “você é meu irmão”, que se unia às características patriarcais brasileiras de suposta proteção à família e patriotismo exacerbado.⁷³⁵ Eles apoiavam o corporativismo que avançava no período, o que intensificaria a legitimidade de Getúlio Vargas, embora o mesmo tentasse se distanciar de grupos que potencialmente fossem ligados ao fascismo, após o apoio aos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial. A ascensão de Hitler na Alemanha também

734 *Idem*. p.75-84.

735 Ver BERTONHA, João Fábio. –Plínio Salgado, o integralismo brasileiro e as suas relações com Portugal (1932-1975).l. *Análise Social*, v. 46, p. 65-87, 2011.

deixa militantes antifascistas mais atentos ao desenrolar de grupos fascistas no Brasil, e a eclosão da guerra significaria novamente o fechamento de fronteiras e uma grande dificuldade de comunicação de órgãos e militantes. Tudo isso resultava numa busca de fortalecimento nacional da luta contra o fascismo, embora a perspectiva internacionalista, mesmo em retórica, não deveria desaparecer de vista para minar essa transformação do nacionalismo. O periódico *A Plebe*, em 1932, noticiava que “depois do camarada Edgard [Leuenroth] também falar para esclarecer certos pontos e prevenir os trabalhadores dos manejos aqui verificados para instituir o fascismo” foi passada uma lista de “assinatura dos presentes [...] ao Comitê Internacional Feminino que se constitui com o fim de arrancar aquelas vítimas à sanha do fascismo, mediante um movimento de protesto universal.”⁷³⁶ O que deixa claro que anarquistas tentavam mostrar o fascismo como um perigo para os trabalhadores ligando-o a vários tipos de violência, inclusive contra mulheres, o que era usado para reforçar sua ligação no movimento operário local e global.

No fim de 1933 os antifascistas começam a denunciar ataques violentos de integralistas contra reuniões e associações de esquerda, assim como a tentativa de boicote de greves. *A Lanterna*, em São Paulo, no ano de 1934, denunciava que os integralistas em Belo Horizonte procuravam “desunir os grevistas, apoiados decididamente na Federação do Trabalho de Minas.”⁷³⁷ A reação foi ainda maior quando o periódico *O Homem Livre* noticiou um ataque em novembro de 1933 em um evento de discussão de antifascistas no Centro de Cultura Social onde “compareceram mais de mil pessoas,”⁷³⁸ mas que, no entanto, conseguiram neutralizar e expulsar o grupo integralista. Comícios, reuniões e passeatas antifascistas foram chamadas para combaterem a influência do integralismo e do fascismo entre o operariado entre 1933 e 1935, onde, muitas vezes, o confronto acontecia, inclusive com repressão do Estado, que, com sua política corporativista, definharia organismos do movimento operário com o decorrer dessa década.

Antifascistas no país estreitavam laços e, no ano de 1933, propuseram a construção da Frente Única Antifascista (FUA) em São Paulo, mas que tentava se estender nacionalmente por meio de seus órgãos. A FUA, fundada por iniciativa de

736A *Plebe* (São Paulo), 19 de fevereiro de 1932, p.3.

737 “O conluio clérico-integralista contra o movimento operário proletário de Belo Horizonte.” *A Lanterna* (São Paulo), 26 de julho de 1934. p.1.

738 Ver ABRAMO, Fúlvio. *Op.cit.*, p.44.

militantes em torno da Liga Comunista (LC) e do Partido Socialista Brasileiro (PSB) foi discutida no Salão dos Gráficos da Sede da União dos Trabalhadores Gráficos (UTG), no dia 10 de junho, que no período tinha maioria marxista trotskista. Eles encabeçariam essa tentativa de tendência antifascista sistematizada e ampla. O periódico *O Homem Livre*, fundado em São Paulo no mesmo ano por intelectuais e jornalistas antifascistas, que passaria a ser o principal veículo de propaganda e aglutinação do antifascismo, noticiava que, em 25 de junho, na União Cívica, marcaram presença o Partido Socialista Brasileiro, o Grêmio Universitário Socialista, o Grupo Itália Libera, a União dos Trabalhadores Gráficos, a Legião Cívica 5 de Julho, a Liga Comunista Internacionalista, o Partido Socialista Italiano, a Bandeira dos 18, o Grupo Socialista Giacomo Matteotti, o jornal *A Rua*, a revista *O socialismo*, assim como os órgãos construídos por anarquistas; a Federação Operária de São Paulo e seus periódicos, *A Lanterna* e *A Plebe*.⁷³⁹ E apesar do não envolvimento oficial do Partido Comunista Brasileiro devido às posições políticas adotadas pela Internacional Comunista (Comintern), que tinha instituído a recusa de participar de qualquer organização frentista para não perderem hegemonia, seus militantes participaram na prática de várias discussões e ações conjuntas, embora as idas e vindas nessas atividades foram inconstantes até 1935, com a fundação da Aliança Nacional Libertadora (ANL).

Anarquistas, que estavam desde o início da construção antifascista, declaravam seu apoio a essas ações conjuntas, mas sublinhavam que os libertários

se abstiveram-se de entrar para essa Frente Única, cômicos de que, mesmo fora, poderão, sem compromissos partidários, e tendenciais, contribuir com suas forças morais e materiais e materiais para a campanha sistemática antifascista, augurando aos elementos congregados em Frente Única de coletividade, o maior êxito à obra que venham desenvolver.⁷⁴⁰

Os militantes de *A Plebe*, inseridos na Federação Operária de São Paulo, sabiam, portanto, que tinham uma árdua tarefa. Em primeiro lugar tinham que combater o fascismo e congregar forças disputando o movimento operário para não ser subvertido, e, ao mesmo tempo, não entrar em contradição após o rompimento com comunistas e as

739 Ver ABRAMO, Fúlvio. *A revoada dos galinhas verdes: uma história da luta contra o fascismo no Brasil*. São Paulo: Veneta, 2014. p.36-41.

740 “Movimento de opinião e de repulsa contra o Fascismo: preparemo-nos para a luta.” *A Plebe* (São Paulo), 1 de julho de 1933. p.4-

críticas às formas de atuação de marxistas e outros socialistas entre os trabalhadores. No entanto, confrontando as práticas de libertários nesse período, essa segunda faceta se apresentava muito mais retórica do que real, já que anarquistas estavam muito presentes na construção da FUA e suas ações e, essa posição, servia como lembrete para a família socialista de que as decisões da frente não podem ser vencidas “pelo número ou pelo voto aos representantes de outras associações e partidos”⁷⁴¹ o que mostrava a importância de insistir no método federativo e de consenso nas decisões. Nesse sentido, o antifascismo, na tática prática de anarquistas, não se mostrou apenas como um elemento catalisador de forças, mas também como difusor de sua cultura política e estratégias que estava em refluxo no movimento operário como demonstramos.

Uma preocupação de anarquistas nesse período, nesse sentido, era a manutenção e construção de espaços próprios dos trabalhadores onde, de acordo com a tradição libertária no mundo e no país, pudessem estudar e debater suas teorias e práticas. Após a onda de repressão da década de 1920 e a contínua série de ataques do governo getulista – ainda mais durante e depois o movimento constitucionalista de 1932 – era o momento dessa reconstrução. Militantes anarquistas assíduos faziam parte de palestras e comícios com antifascistas, inclusive de tendências que criticavam. Além dos comícios de organização e fundação da FUA, como mostramos, Oreste Ristori, Edgard Leuenroth, José Oiticica e outros, eram constantemente vistos em vários ambientes homogenizados por outras tendências, como revela os relatos de agentes infiltrados da polícia:

Com regular assistência, realizou-se a manifestação antifascista e antiguerreira promovida pelo Comitê Estudantil Anti-guerreiro de São Paulo. Presidida por NOÉ GERTEL, desenvolveu-se num ambiente claramente estalinista, até a intervenção de ARISTIDES LOBO. Os oradores foram: NOÉ GERTEL, que desenvolveu longa oração com a base estalinista pura e simples [...] FRANCISCO FROLA, que num português mal pronunciado agitou bastante a reunião manifestando-se socialista avançado. ORESTE RISTORI, que em longa oração desenvolveu uma agitação formidável, arrancando grandes aplausos da assistência; um representante da Juventude Comunista atacou fortemente a polícia e trotsquistas, intervindo ARISTIDES LOBO, sendo que nesse momento os estalinistas promoveram grande algazarra, taxando Aristides de policial e outros termos que desagradavam a

741 Idem.

assistência. EDGARD LEUENROTH, intervindo conseguiu acalmar os ânimos que estavam bastante agitados pois até trocas de bofetadas se verificaram.⁷⁴²

É nesse caminho que anarquistas, além de disputar narrativas e ambientes do movimento operário, fundam suas próprias iniciativas, sendo mais conhecido o Centro de Cultura Social (CCS). Em janeiro de 1933, alguns anarquistas inseridos na Federação Operária de São Paulo propõem “uma instituição popular destinada à difusão da instrução e educação integral das classes laboriosas e de vulgarização dos conhecimentos científicos e filosóficos e particularmente das doutrinas socialistas e libertárias” já que, a “quase a totalidade do proletariado, incapacitados, portanto para qualquer movimento liberal e social, de emancipação humana, dada a riqueza de preconceitos de raça, de classe e de nacionalidade.”⁷⁴³ Temos que lembrar que, num período de desintegração do sindicalismo revolucionário, um espaço comum com um título “neutro” e visando congregar “socialistas e libertários” de diversas correntes, era um meio de desenvolver novamente a estratégia sindicalista tipicamente libertária como a praticada na COB e FOSP em períodos anteriores. Anarquistas também revelavam sua disposição para a ciência, o iluminismo e a filosofia, portando, relacionando o fascismo e a falta de preparo revolucionário a um tipo de alienação que era derivada de seus preconceitos e de classe e etnia, assim como diferenças nacionais – que se mostrava um ponto bastante importante para os anarquistas.

Os militantes libertários tentavam sublinhar nesses espaços e nos seus órgãos divulgadores que a luta contra o fascismo, na verdade, tinha uma raiz, e que para combatê-lo era necessário atacar “quem o sustenta, a quem lhes fornece os meios a quem, em última análise, dele tira ou pretende tirar proveito: o capital”. Sendo um alongamento do capitalismo e da sua crise, anarquistas aproveitavam espaço sempre para tentar atacar o racismo que correntes fascistas, principalmente o nazismo, apresentavam. Nesse viés, tentavam destacar com mais ênfase, dessa vez, a importância da população negra no movimento operário brasileiro:

Quem mais contribuiu para o progresso para a civilização brasileira foi a raça

742 Prontuário do DOPS citado por ROMANI, Carlo. *Op.cit.*, 1998. p.268. Destaques da fonte.

743 Panfleto. Centro de Cultura Social, janeiro, 1933. Prontuário 716, vol. 3, Federação Operária de São Paulo. Fl. 87. DEOPS/SP.

africana, foram os nossos irmãos de cor, arrancados às suas florestas e aqui arrastados aos gritos dum cativo abominável, mas que acabam por conquistar a sua alforria [...] Mas o fascismo e o nazismo, irmãos gêmeos na truculência, no barbarismo e na ferocidade, consideram todas as populações da América do Sul, populações inferiores, precisamente por lhes correr nas veias muito sangue africano. Nestas condições, os nossos irmãos de cor não devem, não podem aderir ao fascismo que os considera seres inferiores [...].⁷⁴⁴

Longe de ignorar as lutas da tradição abolicionista, para os redatores de *A Plebe*, a alforria dos africanos e seus descendentes era destacada como obra de suas próprias lutas, mostrando que a auto-organização de classe e raça deveria ser considerada. Após isso, ao destacar o fascismo como essencialmente racista e que a maioria dos residentes da América do Sul, por serem considerados inferiores por essa ideologia, deveriam ser contrários a ela, possivelmente tinham em vista unir o conjunto da classe trabalhadora, de maneira claramente internacionalista e também adaptado com a especificidade étnica brasileira do movimento, no caso negra, indígena e de imigrantes. Longe de dar como resposta para essas pessoas apenas a luta antifascista, a proposta para garantir a vitória contra o capital e o fascismo era “estreitar laços de união com todos os companheiros de infortúnio e juntos lançardes as bases do baluarte associativo – O SINDICATO.”⁷⁴⁵

Nesse sentido, além da militância na esfera cultural e educativa, o sindicalismo revolucionário ainda era a proposta anarquista de maior importância para os libertários nesse período, propondo-o nos ambientes que estavam inseridos. Além disso, desde julho de 1933, a Federação Operária de São Paulo lançava o seu próprio órgão antifascista em paralelo, de “orientação sindicalista revolucionária”, que seria um “Comitê Antifascista” que “elaborará [...] um substancial manifesto dirigido ao povo brasileiro, no qual se firmará a atitude do proletariado organizado em face do perigo fascista.”⁷⁴⁶

A organização, partindo das federações locais, deveria se conectar por vários pontos do país, por isso era sugerida a conexão de organismos e militantes de outros

744 “A Hidra fascista-nazista quer engolir-nos e devorar-nos com suas numerosas faces hiantes.” *A Plebe* (São Paulo), 1 de julho de 1933. p.4.

745 “Temas de sempre: Anarquismo e Sindicalismo”. *A Plebe* (São Paulo), 1 de julho de 1933. p.2. Destaque da fonte.

746 “A Federação Operária de São Paulo e o movimento antifascista.” *A Plebe* (São Paulo), 1 de julho de 1933. p.4.

estados, trabalho que era feito pela *A Plebe* e *A Lanterna* de São Paulo, divulgando a Federação Operária de São Paulo e que entrava em contato direto com militantes da Federação Operária do Rio Grande do Sul, e depois de 1934, com a disputa desse organismo de comunistas, a Federação dos Núcleos Proletários Antipolíticos de Porto Alegre – a saber os organismos mais sólidos e atuantes com presença anarquista e que defendiam a estratégia do sindicalismo revolucionário. Tais militantes e entidades se esforçavam para reconstruir novamente uma unidade nacional para o movimento operário e sua família política, tanto em órgãos antifascistas, anticlericais e anarquistas. Os grupos mostravam sua conexão e apoios, por meio de listas de subscrições ou mesmo abrindo colunas para outros redatores do interior e litoral escreverem, como de São Paulo, das cidades de Itatiba, Ribeirão Pires, Campinas e Santos, de Minas Gerais através das cidades de Belo Horizonte, Juiz de Fora, Sete Lagoas e Diamantina, em Curitiba no Paraná, Florianópolis em Santa Catarina, Fortaleza no Ceará, na capital do Rio de Janeiro e outros. Ainda mais, anarquistas, por meio de seu órgão anticlerical *A Lanterna*, transcendiam grupos revolucionários e tentavam fazer frente com republicanos progressistas, maçons e outros grupos dissidentes ou atacados pelo fascismo e integralismo. Em junho de 1934, o grupo em torno de *A Lanterna*, apoiava as resoluções do Partido Republicano Socialista do Ceará que, com a participação clara de libertários nas suas decisões, acordava:

- a) a propaganda do socialismo; b) o combate desassombrado a todas as forças da reação; c) o desmascaramento, sem piedade, do social-fascismo (integralismo, sombrismo, patrianovismo, leeiismo, helderismo); d) a liquidação da exploração do fanatismo popular pelos politiqueros sem escrúpulo; e) a propaganda da doutrina sindicalista entre as massas operárias; f) a oposição à exploração com fins políticos, das crianças, da mulher operária [...], g) a formação da consciência proletária.⁷⁴⁷

Percebemos nas resoluções do mencionado partido que apesar da associação pregar o “socialismo”, o que revela sua predisposição abrangente, o mesmo exercitaria a luta sindicalista, o antifacismo e a “exploração com fins políticos”, todas bandeiras anarquistas, apesar do desvinculo ideológico explícito. A união com grupos racionalistas

747 “O Ceará livre reage contra os elementos reacionários.” *A Lanterna* (São Paulo), 14 de junho de 1934. p.2.

e clericais ainda mostrava a disposição de anarquistas estarem próximos da intelectualidade e da ciência, como haviam tido desde seu desenvolvimento primário no país. Na mesma coluna, os redatores escreviam que foi criada uma Frente Acadêmica Antifascista, revelando a também preocupação dos anarquistas nessa bandeira e aglutinação. Alguns grupos como esse, nas cidades já citadas, por não serem noticiadas suas ações e desenvolvimentos posteriores, fazem crer que tiveram vida efêmera, mas o que nos interessa é observar que anarquistas ainda tinham força de disputa em ambientes socialistas e certo empenho na construção do antifascismo, mesmo em áreas longínquas de seus núcleos mais fortes e de divulgação como São Paulo e Porto Alegre, revelando também sua preocupação prática em desenvolver o anarquismo, o antifascismo e o sindicalismo revolucionário em diversas áreas do país.

É nesse caminho que, mesmo com discussões acaloradas contra o estatismo e o centralismo dos comunistas e de sua estratégia no país de disputa sindical dentro do aparelhamento estatal, apoiaram a Aliança Nacional Libertadora, nova aglutinação antifascista proposta em instituída oficialmente no dia 30 de março de 1935, no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro.⁷⁴⁸ No dia 29 de junho de 1935, no salão da Federação Espanhola, anarquistas, entre eles Edgard Leuenroth, Florentino de Carvalho e Gusmão Soler, propuseram uma conferência com a presença de aliancistas para deixarem suas posições, as mesmas depois acordadas oficialmente pela FOSP:

Enquanto os aliancistas estiverem na oposição, no combate ao fascismo, ao latifúndio e à tirania governamental [...] não endeusando pessoas, mas batendo-se por ideias, discutindo e lutando ao redor de princípios, encontrar-se-iam lado a lado, anarquistas e aliancistas.⁷⁴⁹

O programa político da ANL, que, além do antifascismo, ia desde –a suspensão definitiva do pagamento das dívidas imperialistas do Brasil e a “a entrega das terras dos grandes proprietários aos camponeses e trabalhadores rurais que as cultivassem”, pontos apoiados pelos libertários, também defendia “a constituição de um governo popular”⁷⁵⁰, ponto que era criticado pelos anarquistas. Além disso, os membros da

748 RODRIGUES, André. Bandeiras negras contra camisas verdes: anarquismo e antifascismo nos jornais A Plebe e A Lanterna (1932-1935). *Tempos Históricos*, vol.21, p.74-106, 2017.

749 “Uma conferência libertária.” *A Lanterna* (São Paulo), 13 de julho de 1935. p.2.

750 ABREU, Alzira Alves. *A Aliança Nacional Libertadora (Verbete)*. FGV - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro, 2018.

Federação Operária de São Paulo, *A Lanterna* e *A Plebe*, seguidos de outros anarquistas no país, tentavam barrar o personalismo que poderia crescer, com a influência da Aliança, de Luis Carlos Prestes, um dos mais influentes no organismo, além do crescimento das posições do PCB, que agora apoiava e impulsionava o organismo, já que o programa da ANL era bem próximo do partido. Construir o antifascismo sem cair em contradição era uma tarefa árdua para os anarquistas, ressaltando que

quando a Aliança Nacional Libertadora constituir o Estado, isto é, quando ela for governo e julgarem os aliancistas e julgarem os aliancistas que não há mais nada a fazer, os anarquistas, continuarão a sua obra objetivando a completa emancipação do povo do jugo de todas as tiranias e explorações [...].⁷⁵¹

Sem implodir a construção da ANL, anarquistas, então, visavam impulsioná-la e levá-la para uma luta libertária e antifascista sem as características estatistas que poderiam ser desenvolvidas pelo organismo. Por isso, assim como na FUA, recusavam posições mais sólidas na associação, assim como algumas reuniões e comícios marcados pela cúpula do PCB, porém divulgando e participando de outros atos, comícios e palestras com aliancistas que julgavam necessárias. Não é coincidência que, com o levante comunista em 1935, em Natal, Recife e Rio de Janeiro, e posteriormente com seu fracasso, anarquistas foram reprimidos juntos aos comunistas e antifascistas.⁷⁵² Edgard Leuenroth e Rodolpho Felipe, principais editores de *A Plebe* nesse momento, foram presos e sindicatos vinculados à FOSP tiveram as suas sedes fechadas pela polícia. Libertários, além de tentarem se defender dos ataques contra sua família política, ainda defendiam organismos antifascistas afirmando que “o fechamento das sedes da ANL é um atentado às liberdades públicas, contra a qual lançamos o nosso protesto, o protesto sincero dos que amam a liberdade de pensamento mais do que a própria vida.”⁷⁵³

Assim sendo, seguindo a trajetória das articulações antifascistas de anarquistas nesse período, principalmente no início da década de 1930, onde fascistas e integralistas aparecem com mais força no país, podemos enxergar um movimento de tentativa de união de forças revolucionárias após seu refluxo desde seu rompimento com os

751 Idem.

752 Ver DULLES, John. *Op.cit.*, p.363-415.

753 *A Plebe* (São Paulo), 20 de julho de 1935. p.1. Citado em RODRIGUES, André. *Op.cit.*, p.101.

bolcheviques e a intensa repressão que se instalava no país. Anarquistas usavam o antifascismo para tentar reconectar pontos do movimento operário e libertário no país, tentando uma inserção local, e depois possivelmente nacional, assim como, ao mesmo tempo, global e internacionalista, alastrando seus métodos e estratégias de maneira prática entre a classe trabalhadora e os revolucionários, embora seu esvaziamento devido à repressão e a mudança de bandeira entre vários de seus militantes, assim como as ressalvas para entrar nesses organismos de maneira mais efetiva e com poder de decisão, dificultaram a renovação dos quadros libertários, sendo possivelmente um entrave para uma nova articulação e influência anarquista mais eficaz. Outro fator foi a eclosão da Segunda Guerra Mundial, fechando das fronteiras nacionais, que apresentou um grande entrave ao anarquismo, afetando o internacionalismo e transnacionalismo não só retórico, mas prático, que dava anteriormente potência para seus grupos, estratégias e ideologia. Percebemos nas fontes consultadas, com o tempo, o enfraquecimento das ligações internacionais, ou mesmo dos jornais em outras línguas, fato que era bastante comum nos periódicos libertários. David Turcado, estudioso de anarquistas imigrantes italianos no mundo, nos lembra que

O transnacionalismo era, portanto, uma característica fundamental do movimento anarquista, o que contribuiu significativamente para sua sustentabilidade. Em tempos de repressão, o anarquismo italiano no exterior deu continuidade ao movimento que havia decapitado na pátria, e sua imprensa no exterior assumiu a tarefa de fazendo propaganda na língua italiana. Assim, o transnacionalismo não era apenas um modo de operação emergencial em tempos excepcionais. Em vez disso, era uma característica interna do movimento, intimamente relacionada a natureza das táticas anarquistas. Anarquistas italianos estavam plenamente conscientes da papel do transnacionalismo e, intencionalmente, se basearam nele.⁷⁵⁴

Se uma das características fundamentais do anarquismo era o internacionalismo e seu transnacionalismo prático, então era evidente que, sem uma reformulação substancial, com a metamorfose das fronteiras nacionais após as duas guerras mundiais, sua ideologia sofreria uma queda – mesmo que, pelo menos na Primeira Guerra Mundial, os anarquistas no país, ainda com boa inserção no movimento

754 TURCATO, David. *Op.cit.*, p.443. Tradução nossa.

operário, conseguiram usar o fechamento de fronteiras e o refluxo do movimento operário como propaganda e ação para mobilizações entre os trabalhadores – coisa que seria muito mais difícil no contexto imposto desta vez. Mesmo assim, o sindicalismo, por um lado, e a disputa cultural e intelectual, por outro, conservaram o anarquismo e o desenvolvimento de sua visão estratégica e tática – contendo um ideário internacionalista no período e para épocas posteriores. Os dois caminhos do anarquismo nesse período foram marcados de táticas e debates, que refletiram em visões das transformações do movimento operário no mundo e no país e, por isso, devem ser aprofundados nos próximos tópicos.

V.II - Uma pedra no sapato: táticas de tensionamento do sindicalismo revolucionário e o avanço do corporativismo

Em 26 de abril de 1929, ocorreu o Congresso Operário Nacional no Rio de Janeiro, para constituir a CGTB (Confederação Geral dos Trabalhadores no Brasil), em que se presumiu haver mais de 100 representantes de 10 Estados. Instituiu a partir de 1 de maio a Quinzena da Conquista da Lei de Férias. O relatório de Astrojildo Pereira, enviado a Moscou, avaliava que, dos 100 mil operários organizados em sindicatos no Brasil, 60 mil pertenciam a CGYB, havendo 20 mil amarelos ou -reformistas⁷⁵⁵ e 2 mil associados a uniões anarquistas. Por outro lado, o PCB havia obtido a filiação de 1.200 membros. (Raquel de Azevedo)⁷⁵⁵

O relatório do militante, naquele momento marxista, Astrojildo Pereira, enviado para a URSS no início da década de 1930, e analisado pela historiadora Raquel de Azevedo, é revelador sobre a narrativa que afirma a saída dos anarquistas do movimento operário e do sindicalismo nesse período.⁷⁵⁶ Ao contrário, Pereira assume que anarquistas ainda tinham mais filiados que os comunistas, mesmo que a ascensão desse último grupo estava sendo rápida. Não sabemos se esses números são verdadeiros, mas não teria motivos para um militante de respaldo no movimento operário trazer falsas informações para seus camaradas russos. Além disso, o trecho ainda revela outra preocupação de Astrojildo Pereira e dos anarquistas, o imenso respaldo do sindicalismo amarelo entre os trabalhadores, não só de maneira forçada, mas atraindo adeptos para a

755 AZEVEDO, Raquel de. *A resistência anarquista: uma questão de identidade (1927-1937)*. São Paulo: Arquivo do Estado – Imprensa Oficial, 2002.p.57-58.

756 Ver DULLES, John. *Op.cit.*, p.313-365.

construção e fomentação de sindicatos atrelados, tanto oficialmente, mas ideologicamente ao Estado. Nesse sentido, embora anarquistas tenham travado um embate com comunistas, percebendo possivelmente esses mesmos dados levantados, seus espaços para um combate contra o sindicalismo corporativista ou reformista era bem maior e mais contundente.

Em uma carta aberta aos fundadores do Partido Socialista Brasileiro, publicada em dezembro 1932 no periódico *A Plebe*, anarquistas tentavam dialogar com tal entidade assumindo que participaram do Primeiro Congresso Revolucionário em novembro desse mesmo ano, proposto pela entidade, mostrando que, ao combater o fascismo, eram revolucionários. Porém, no tratante à organização do operariado “esse congresso, [foi] revolucionário em nome apenas”. A crítica afirmava que a estratégia de disputa eleitoral era o “decisivo arranco da revolução verdadeira”, mostrando que uma representação eleitoral de poucos pela maioria representaria um entrave ao desenvolvimento do sindicalismo. Anarquistas tentavam defender que o exercício da luta pelo sindicalismo – desde que não a forçada pelo Estado - seria a verdadeira representação operária já que “o operário consciente quer a “ação direta”, quer reclamar, ele próprio, do patrão, lutar com suas próprias armas, sem confiar em terceiros, esse direito vital.” Uma negociação dentro do Estado comandando pela burguesia, nessa visão, era uma coisa de “obreiros amarelões, [...] ou ex-proletários chefiados pelo governo”⁷⁵⁷, onde tentavam colocar o sindicalismo reformista, mesmo socialista, ao lado do corporativismo de Estado, mostrando em resposta que o sindicalismo, desde que nasceu, era fundamentalmente contra o capitalismo e o Estado Nacional:

O sindicalismo nasceu desse imperativo econômico reconhecido na Primeira Internacional, segundo o qual cumpria aos trabalhadores do mundo inteiro unir-se para combater a Internacional dos capitalistas. A cada sindicato capitalista importava opor um sindicato operário. Contra a liga universal dos sindicatos patronais, forçoso era erguer a liga universal dos salarizados. [...] Coagir, pois, proletários, a ingressar em sindicatos, sem uma eficiente propaganda revolucionária livre, propaganda contra o Estado burguês, contra o regime capitalista vigente e por uma organização internacional de trabalhadores, para que elejam –representantes! a um parlamento burguês, necessariamente anti-proletário é uma dessas ridicularias

757 “Carta aberta aos fundadores do Partido Socialista Brasileiro.” *A Plebe* (São Paulo), 24 de dezembro de 1932. p.1

calvamente maquiavélicas ou jesuíticas que o proletariado consciente vaia e desmoraliza [...].⁷⁵⁸

Ao evidenciar que o sindicalismo era contra o capitalismo e era revolucionário e internacionalista, o trecho mostra que os anarquistas precisavam reafirmar suas posições através dessa narrativa política. Era necessário disputar, portanto, e combater o reformismo entre a classe trabalhadora, inclusive entre socialistas, entregando que essa era uma influência ascendente não apenas imposta pelo Estado varguista, mas uma tendência do movimento operário.

Getúlio Vargas, que assumiu o Governo Provisório em 1930 através de um golpe apoiado pelo Exército e por líderes políticos de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, representava o fim da política oligárquica e também impossibilitava uma ascensão progressista, depondo Júlio Prestes. Vargas assumiu uma postura de populismo combinado com o aumento da força do Estado, barrando assim as lutas sociais através da repressão com aproximação ou negociação discursiva, e muitas vezes prática, com as massas. Enquanto isso ele também assumia uma responsabilidade modernizadora da indústria, colocando um liberalismo controlado pelo Estado – típico de governos que estavam ascendendo no período – sem, no entanto, findar totalmente os poderes e influências de grandes proprietários brasileiros. Para isso, a era provisória foi marcada por uma legislação trabalhista, intermediado por novos órgãos, por meio de decretos ou novas utilizações de leis.⁷⁵⁹

Em março de 1931 o Ministério do Trabalho regulamentou o decreto de 12 de dezembro 1930 que “exigia ser a proporção dos empregados numa empresa de pelo menos dois terços de brasileiros natos” ou aos “estrangeiros com 10 anos de residência do país e os casados com brasileira, ou que tivessem filhos com brasileiros.” Outra medida que afetaria bastante o movimento operário foi o decreto de número 19.770, conhecido como a Lei de Sindicalização que daria o direito de criação de organismos que administrariam “caixas beneficentes, serviços hospitalares, escolas e outras instituições de assistência médica”, assim como a “regularização das horas de trabalho e de suas condições”, mas que, no entanto, “reconhecidos pelo Ministério do Trabalho, [...] nos termos da legislação decretada a este respeito.”⁷⁶⁰ Entre outras, a Lei de Férias

758 *Idem.*

759 Ver GOMES, Angela de Castro. *Op.cit.*, p.184-196.

760 DULLES, John. *Op.cit.*, p.375.

também foi bastante discutida entre militantes, já que foi uma bandeira de luta, assinada oficialmente ainda em 1927, mas na nova legislação seria atrelada à sindicalização oficial, em janeiro de 1934.⁷⁶¹

Embora seja fato que o corporativismo estava sendo usado intencionalmente por usos políticos e sociais, o crescimento do sindicalismo reformista era muitas vezes consciente por sindicalistas e seu atrelamento ao Ministério do Trabalho era uma via para conquistas de direitos, além de uma ascensão política do reformismo, na visão deles. Na verdade, temos uma relação dialética que fazia tanto os agentes do governo provisório percebiam a ascensão de uma ideologia e prática sindical que poderiam se beneficiar quanto de reformistas e corporativistas que estavam presenciando uma legislação que os representariam. A prática “apolítica” derivada do sindicalismo revolucionário e que, para alguns sindicalistas, era desligada, com o tempo, do anarquismo ou da esquerda, também faziam parte desse rol que foi instrumentalizado.⁷⁶² Devemos ressaltar que até mesmo anarquistas diante do golpe de 1930 e suas promessas aos trabalhadores, no início, ficaram em dúvida de seu caráter conservador ou revolucionário. Nesse período, “o militante anarquista Nello Garavini, que trabalhava como garçom no Brasil, escrevia a seu companheiro de luta Luigi Fabbri, então exilado no Uruguai, que ainda não havia compreendido a natureza da revolução que tinha ocorrido no nosso país” sugere a historiadora Edilene Toledo.⁷⁶³ Para John Dulles, portanto, anarquistas e comunistas – estes agora conscientes que uma disputa aos aparatos oficiais era danosa – ao serem contra o endurecimento das leis trabalhistas e suas medidas, conseqüentemente

deixou o campo livre às associações amarelas já existentes e as que seriam organizadas pelo Ministério do Trabalho. Com o tempo [...] cresceu uma burocracia associada ao Ministério. Segundo o Ministério do Trabalho, a contar do dia 30 de junho de 1933, 372 sindicatos operários e 74 sindicatos patronais foram reconhecidos. O número de associados conforme os dados oficiais, totalizaram 168.330 empregados e 4.349 empregadores. O Distrito Federal registrou 93.458 associados, seguido pelo Estado de São Paulo, com

761 Ver AZEVEDO, Raquel de. *Op.cit.*, p.298.

762 Para Edilene Toledo “o fato de esses sindicatos se concentrarem na luta econômica, de fazerem um constante apelo à unidade da classe, e de declararem um “apoliciticismo”, em termos de não-adesão a um partido ou corrente específica, foi compreendido pelo governo Vargas como um fator positivo no esforço de efetivação de seu projeto sindical.” TOLEDO, Edilene. *Op.cit.*, 2009. p.2-3.

763 *Idem.* p.1.

23.294, Estado do Rio com 12.889, Pernambuco com 11.473, e Rio Grande do Sul com 5.857. Entre os operários, sem dúvida o maior número de sindicatos era dos meios de transporte (118), seguido pela indústria alimentícia (39), construção civil (32), têxteis (30), comércio (25) e pela indústria do papel e da impressão (15).⁷⁶⁴

Para a autora Raquel de Azevedo, essas medidas, combinadas com a Lei Celerada assinada em 1927 – que, ao combater “delitos ideológicos”, permitia o fechamento de agremiações e prisões de indivíduos que fomentassem revoltas – além do estado de sítio e a Lei de Segurança Nacional após a Intentona Comunista em 1935 e a crise de 1929, que trouxe um intenso refluxo do sindicalismo, criaram a pior fase, desde então, para o desenvolvimento do movimento operário e do anarquismo no país.⁷⁶⁵ A Revolução Constitucionalista de 1932 dividiu anarquistas na visão de sua atuação, entre aqueles, como Martins Garcia, que defendiam sua radicalização com teor libertário e revolucionário, assim como fora a posição em 1924, e entre aqueles, como Florentino de Carvalho que, temendo a repressão e visualizando seu caráter político e de guerra, colocando “gentes de cor” na linha de frente, afirmavam ainda que tal movimento era apenas um “simples adiamento de uma recomposição ministerial”⁷⁶⁶ Não obstante, na visão ainda de Azevedo, a luta antifascista, a resistência sindical e a imagem produzida por anarquistas de que sua ideologia era fruto da própria classe trabalhadora e suas atividades culturais construíram uma identidade libertária que fez resistir nesse período, além de se perpetuar para períodos posteriores.⁷⁶⁷

A principal tarefa dos anarquistas era, portanto, combater o nacionalismo de Estado que estava agregando diversos tipos de nacionalismos, sentimentos de pertencimento e ideários de classe na construção de um tipo de centralização estatista nacional, mostrando, em resposta, a força que o sindicalismo de tipo federalista e não forçado tinha para unir trabalhadores contra um inimigo comum, respeitando, ao mesmo tempo, suas diferenças, como sublinhava *A Plebe* em 1933 com a chamada “Anarquismo e Sindicalismo”:

Em frente ao capitalismo que esgota em seu proveito todas as energias

764 DULLES, John. *Op.cit.*, 376.

765 Ver AZEVEDO, Raquel. *Op.cit.*, p.89-129.

766 Florentino de Carvalho citado em *Idem.* p.89.

767 *Ibidem.* p.17-28.

criadoras: em frente ao Estado estuprador de todas as potências da vontade [...] perseveremos em atrair a um número cada vez mais crescente de homens e mulheres para a reivindicação imediata da liberdade pessoal e da causa da justiça. [...] A ação, pois, persistente na multiplicidade das manifestações do trabalho há de romper indefetivamente tudo quanto seja centralização e moldes únicos: o livre curso das iniciativas espontâneas há de acabar com o monopolismo na inversão e no aproveitamento das energias produtoras: o exercício pleno dos direitos individuais há de terminar definitivamente com a mecanização autoritária do homem com todos os dogmas impostos pelo catecismo e pela lei escrita.⁷⁶⁸

Além de marcar diferenças, agora inclusive de gênero – que agora ocupava boas linhas em *A Plebe* de São Paulo - e combater uma política centralista, era necessário também mostrar que as conquistas, como a Lei de Férias e a Lei da Sindicalização, não estavam sendo dadas pelo Estado de Vargas, mas resultado de suas conquistas, como marcava José Oiticica ainda em 1929 no periódico *A Pátria*, que disputava com outras vertentes sindicalistas no Rio de Janeiro:

[...] eu explicaria, nas minhas palavras semanais, no Sindicato da Construção Civil, o conceito anarquista de ‘lei’, como criação burguesa e como criação revolucionária. Há, com efeito, duas espécies de leis: as que representam a pressão dos possuidores sobre os não possuidores, e as que representam conquistas dos não-possuidores contra os seus amos. Estas são leis impostas pelas revoluções, exemplo: a Magna Carta, a Declaração dos Direitos dos Homens, a Lei 13 de Maio, etc. [...] Mas, para conseguir tais leis, nunca foi preciso ter representantes nos parlamentos. A imposição faz-se na rua, nas fábricas, nas minas, nos centros de trabalho e nos quartéis.⁷⁶⁹

Nesse sentido, a Lei de Férias e outras, construída por ministérios, servia, de acordo com os militantes da FOSP, apenas para “as vítimas da tirania burguesa; porque sabem, [...] que confiando nos ilusórios benefícios das leis, os trabalhadores desprezam, abandonam a luta em prol de sua emancipação com receio de perder a migalha caída dos banquetes capitalistas.”⁷⁷⁰ Ou seja, o problema não era a aprovação de leis por si só

768 “Anarquismo e Sindicalismo.” *A Plebe* (São Paulo), 24 de junho de 1933. p.2.

769 “A Lei”. *A Pátria* (Rio de Janeiro), 7 de fevereiro de 1929. Citado em AZEVEDO, Raquel de. *Op.cit.*, p.280.

770 “A Lei de Férias e os Trabalhadores”. *A Plebe* (São Paulo), 9 de abril de 1927. p.2.

mas da estagnação que isso poderia trazer a luta dos trabalhadores, passando a depositar suas energias na construção e fortificação do Estado controlado pela burguesia, e não em suas próprias organizações e lutas, podendo deixar nas mãos de outros suas conquistas, além de, com o tempo, esperar de órgãos superiores privilégios trabalhistas, ao invés de construí-los.

Porém, os agentes libertários também deveriam mostrar aos trabalhadores que lutar dentro de uma unidade nacional unindo diversos estados e cidades era importante, exatamente para fazer frente ao Estado que estava se construindo no período. Ou seja, ainda mobilizando um tipo de ideário nacional de luta sindicalista e de inserção anarquista, contrária ao nacionalismo oficial. Nesse sentido, em maio de 1934, a Federação Operária de São Paulo propôs a reorganização da Confederação Operária Brasileira que planejava “formar-se um todo único da classe obreira, para a peleja comum contra o inimigo comum – que é o capitalismo dominante e tirânico”, respeitando a “organização por federações locais, reunindo-se essas em federações estaduais e todas reunidas com as federações das uniões de indústrias”, uma vez que “associados, os operários adquirem força necessária para seus interesses” fazendo com que “a classe trabalhadora do Brasil possa ter um organismo de defesa e luta forte e capaz de colocar a organização de nossa classe à altura das necessidades da campanha em prol da nossa emancipação.”⁷⁷¹ Portanto, anarquistas, nesse caso, não desconsideravam uma organização nacional de trabalhadores, mas apresentavam uma proposta diferente do centralismo partidário atrelado ao sindicato, e do sindicalismo de Estado, respeitando uma organização que partia das federações à confederação, como em 1906. Logo o organismo contou com o apoio de sindicatos do interior e litoral de São Paulo e da Federação dos Núcleos Antipolíticos de Porto Alegre, os lugares com maior inserção libertária no período. Não obstante, também tiveram adesões a União dos Operários em Construção Civil do Recife, que anarquistas conseguiram hegemonia, e do Sindicato Único dos Alfaiates de Uruguaiana, o que mostra ainda uma tendência anarquista considerável em lugares que não fossem seus centros irradiadores no período.⁷⁷²

Possivelmente devido à intensa repressão, a dificuldade de organização de classe e passagem de vários sindicalistas e trabalhadores para o sindicalismo oficial,

771 “Confederação Operária Brasileira: Manifesto aos trabalhadores do Brasil.” *A Plebe* (São Paulo), 12 de maio de 1934. p.1-3.

772 Ver AZEVEDO, Raquel de. *Op.cit.*, p.69.

além negação dos princípios federalistas por outros grupos revolucionários, não há mais notícias dos encaminhamentos da COB após agosto de 1934. Em paralelo havia ainda o projeto, mesmo que minoritário, de união de tendências e grupos especificamente anarquistas que José Oiticica, ao citar o “grande camarada Nestor Makhno” que alertou para a “necessidade de criar uma organização poderosa, capaz de levar [...] todas as forças anarquistas e organizarem um movimento de conjunto, coerente e consciente do fim a atingir”, que era o exemplo para a proposta de uma “Federação Anarquista Brasileira” que ligue e coordene todos os grupos libertários do Brasil numa ação conjunta.”⁷⁷³ Projeto que também não se concretizou, mas que revela a preocupação de militantes com a organização política anarquista em nível nacional, tentando também uma resposta para a crise do movimento libertário no país.

Apesar dos projetos emperrados, indícios mostram que os libertários, mais do que horizontes e ideários, buscavam uma inserção considerável e prática no mundo do trabalho, almejando tornar, assim, o anarquismo sincrético com a nova realidade, como tinham construído e aprendido com suas experiências, apesar da nova realidade se apresentar avessa a qualquer simbiose do anarquismo. Assim, a estudiosa Raquel de Azevedo mostrou que, entre 1927 e 1937, apesar do refluxo sindical entre 1929 até 1932 depois da Revolução Constitucionalista, e entre 1935 com o estado de sítio e finalmente em 1937 com o Estado Novo, existiu, nesses espaços, uma resistência anarquista significativa na organização de sindicatos. No Brasil, passavam de 30 as ligas e uniões que uniam trabalhadores por categoria de presença forte ou majoritária libertária, sendo as mais expressivas a Liga Operária da Construção Civil, o Sindicato dos Manipuladores de Pão e Anexos Confeiteiros, a União dos Artífices em Calçados em Classes Anexas, a União dos Canteiros e Classes Anexas, a União dos Operários Metalúrgicas, a Federação Operária de São Paulo, a União dos Trabalhadores da Light, a Federação Operária do Rio Grande do Sul e a Federação dos Núcleos Antipolíticos de Porto Alegre. No interior de São Paulo, a autora catalogou mais de 18 entidades, organizadoras por região ou categoria entre elas o Centro Operário de Ribeirão Preto, a Liga Operária de São Bernardo, o Centro Operário de Sorocaba e outras. Especificamente no Rio Grande do Sul, a quantidade também era bem expressiva e passavam de 23 entidades como a Sociedade da União Marítima, o Sindicato dos Canteiros e Classes Anexas, a União Geral dos Trabalhadores, a Liga Operária de

773 OITICICA, José. “Federação Anarquista Brasileira.” *A Plebe* (São Paulo), 17 de dezembro de 1932.

Pelotas, a Federação Operária Uruguaiana e outras. Também podemos encontrar em outros lugares dispersos como a Federação Operária do Paraná, a União dos Canteiros de Petrópolis, a Federação Operária do Rio de Janeiro, a Federação das Classes Trabalhadoras do Pará e a Liga Operária Mineira, o que explica o relatório de Astrojildo Pereira à URSS sobre o número de trabalhadores organizados a partir da ação direta. Além disso, as greves com presença ou iniciativa de sindicatos revolucionários foram bastante poderosas e expressivas, inclusive nos anos de repressão e desaceleração sindical como em 1930, 1932 e 1935.⁷⁷⁴

Anarquistas não só atuavam em seus sindicatos, mas também, como vimos, disputavam espaço nos ambientes trabalhistas, a fim de se tornar comum sua ideologia e estratégia para trabalhadores e outros agentes revolucionários, como

Com os trotskistas na direção da UTG, em 1931, [que] houve uma aliança momentânea, participando esse sindicato da reorganização da FOSP, aliança permeada intensamente pelo conflito, na medida em que os trotskistas apontavam para a aproximação com as práticas do PCB.⁷⁷⁵

Tensionando acirradamente um sindicalismo revolucionário e o antifascismo no país e possivelmente pela dificuldade do trânsito de pessoas com os conflitos mundiais em voga, como apontamos, reduziu em pouco espaço, comparado com períodos anteriores, as notícias, análises e apoio de grupos, associações e de outros militantes anarquistas em outros países, o que era não só uma maneira de desenvolver o anarquismo de forma transnacional, mas usado como propaganda para a mobilização e organização em seus lugares de atuações. Junto à questão dos mártires de Chicago, usado para evidenciar que a repressão do capitalismo e do Estado era global, uma exceção era as notícias do Grupo de Propaganda de Relações Internacionais da Federação Operária Regional Argentina (FORA), que ainda mantinham relações estreitas.⁷⁷⁶ O periódico *Aktion* em Porto Alegre, como já mostrado, também destinava as notícias para a comunidade alemã de alguns lugares da Europa, não só da Alemanha, mas da Áustria e das resoluções do anarquismo na Espanha.⁷⁷⁷ Mas isso não fez com que

774 Ver AZEVEDO, Raquel de. *Op.cit.*, p.95-100.

775 *Idem.* p.104.

776 Ver -De Buenos Aires. Grupo de Propaganda de Relações Internacionais da F.O.R.A. *||A Plebe* (São Paulo), 24 de novembro de 1934. p.2.

777 Ver *Aktion* (Porto Alegre). 15 de setembro de 1937. p.4.

anarquistas não continuassem a debater e expor suas teorias e biografias de seus representantes mais influentes como Mikhail Bakunin, “na categoria dos homens que não podem passar despercebidos dos seus contemporâneos nem ser esquecidos da história.”⁷⁷⁸

Um periódico que cobriu essa deficiência, percebendo esse problema logo no início da década, foi *O Trabalho*, publicado a primeira vez em maio de 1931. Produzido na Rua Irmã Simpliciana no centro de São Paulo, portanto de fácil divulgação, era redigido por Florentino de Carvalho, membro experiente no anarquismo e no sindicalismo na cidade, e administrado por Francisco Cianci, militante de origem italiana que havia ascendido como um dos principais membros da FOSP naquele período, além de marcar sua presença nos círculos anticlericais. Para complementar seus trabalhos em *A Plebe*, mais voltado para a reconstrução do movimento operário de caráter sindicalista revolucionário, em *O Trabalho*, os anarquistas buscavam desenvolver e divulgar a teoria socialista libertária, marcando uma posição tanto contra “a burguesia [que] firmou a propriedade de caráter particular, a fim de incrementar o comércio e o capitalismo”, mas também “à ditadura comunista [que] incorporou a propriedade privada ao Estado, tomando-a como patrimônio deste.”⁷⁷⁹ Com oito páginas, misturando bastante imagens com suas colunas, os anarquistas se empenhavam em divulgar autores de sua família política como Piotr Kropotkin que “demonstra que não só é possível uma sociedade baseada nas leis do Amor e do Apoio Mútuo, na Solidariedade e da Justiça, como também acredita que não pode estar longe o dia em que esse formidável acontecimento se tornará um fato”⁷⁸⁰, trazendo, para seus leitores, como muitos ainda não eram letrados, imagens desses principais anarquistas:

778 “Vida Anarquista: Bakounine.” *A Plebe* (São Paulo), 7 de julho de 1934. p.2.

779 “Fatores da Revolução Social.” *O Trabalho* (São Paulo), 1 de maio de 1931. p.2.

780 “As grandes ideias modernas. Antologia Anarquista. *O Trabalho* (São Paulo), 1 de maio de 1931. p.8.



(“As grandes ideias modernas. Antologia Anarquista.” *O Trabalho* (São Paulo), 1 de maio de 1931. p.5)

A tentativa de ligar a teoria com laços transnacionais de forma mais palpável como essa fez com que, mesmo de repentina vida, buscassem notícias internacionais que pudessem dar fôlego ao movimento operário brasileiro, ao mesmo tempo em que legitimasse o anarquismo. Nesse sentido, foram um dos primeiros que citaram o desenvolvimento do anarquismo na Espanha em seu caráter revolucionário que “indica que a situação burguesa não é muito estável.”⁷⁸¹ Dessa maneira, mesmo antes de 1936, com a Revolução Espanhola, anarquistas estavam acompanhando o desenvolvimento e organização do que viria a ser a coletivização dos meios de produção a partir de um sistema federativo e sindical, com o anarcossindicalismo, nas regiões de Catalunha e Aragão, transformando essas informações e métodos em propaganda para sua estratégia sindical e tentando dar potência para o movimento operário e sua família política. Em 1933 já apostavam que era um período pré-revolucionário sendo o “mais longo e agitado, e também o mais rico em impulsos”, mesmo assim,

781 “Em torno dos acontecimentos da Espanha.” *O Trabalho* (São Paulo), 1 de maio de 1931. p.2.

acreditavam em sua vitória, mostrando que o anarquismo não era na Espanha “uma ideia pura, perdida em alumbrações, senão algo candente e vivo, sangrento e imponente.”⁷⁸²

Ao fazer esse exercício de tentar transformar teorias e eventos revolucionários em propaganda política e prática de organização local, os militantes libertários também perceberam que deveriam desmontar a ideia de que o nacionalismo e o patriotismo, especialmente sua metamorfose atual no Brasil e o fascismo, eram criações legítimas brasileiras. Diante disso, tentavam mostrar que, na verdade, eram também criados por interesses internacionais, tanto do capitalismo, mas da dominação religiosa. Os anarquistas mostravam, inclusive, que as ideias fascistas desrespeitavam e esmagavam minorias étnicas e os mais pobres e não tinham sincronia com suas realidades, diferente do internacionalismo anarquista. Sob o título “Nacionalismo e Internacionalismo”, os redatores de *A Plebe* afirmavam que

O capital e a religião dominam totalmente na superfície terrestre. Não há mercado que não esteja sujeito ao fluxo e refluxo da especulação bancária: todos gravitam dentro do sistema capitalista e, como tais, todos têm que sofrer as contrações e depressões do regime, tanto na ordem econômica, como na ordem política. Daí que esse despertar nacionalista não seja mais do que a consequência imediata da saída dos capitais da circulação, e que deixará atrás de si um rastro de miséria e desolação. [...] O nosso internacionalismo, que em nada se assemelha ao capitalismo, fundamenta-se em que a natureza é universal e patrimônio comum a todos os seres vivos. Todos os indivíduos, pela simples razão de terem vindo ao mundo, possuem os mais amplos direitos à existência.⁷⁸³

Diferente do internacionalismo anarquista, além de ser uma farsa que ofusca interesses internacionais, o nacionalismo de Estado desrespeitava e esmagava minorias étnicas e os mais pobres e não tinham sincronia com suas realidades, como pregavam:

Alegam os nacionalistas que a terra é patrimônio inalienável do grupo étnico que a cultiva. [...] Assim sendo, o nacionalismo desclassifica-se por si mesmo; pois, as centenas de tribos que existem na América Meridional e Setentrional, que proliferam um terreno por elas cultivado, sofrem a invasão

782 MONTESENY, Federica. -Período de gestação. A Revolução Social em Espanha. || *A Plebe* (São Paulo), 24 de junho de 1933. p.2.

783 “Nacionalismo e Internacionalismo.” *A Plebe* (São Paulo), 7 de julho de 1934. p.3.

bárbara da catequese nacionalista. [...] Como se explica esse contraste? Se o nacionalismo propunha pela conservação incólume do patrimônio que é comum a determinado grupo étnico, porque esse atropelo bárbaro contra o patrimônio alheio? Porque pretender amarrar ao carro do Estado grupos étnicos de gente que nunca precisou desse instrumento para viverem e proliferar?⁷⁸⁴

Anarquistas, nesse período, portanto, geraram uma reflexão de um internacionalismo que defendesse minorias étnicas do país, como os indígenas – embora não temos evidências de articulações reais com esses grupos- ao mesmo tempo em que colocavam o patriotismo e o nacionalismo como imbricados com o capitalismo e à dominação religiosa. Com isso, devemos lembrar, como Tiago de Oliveira coloca, que “com exceção do anarquismo, que permanece com sua oregiza ao Estado, todas as outras correntes políticas elegem a conquista do Estado como condição essencial para efetuar as mudanças almejadas” e que a “efervescente cultura política desses anos fortalece a noção da necessidade de Estado.” De fato, anarquistas disputavam uma ideia de movimento operário descentralizado, ao mesmo tempo organizado nacionalmente, ao contrário da ideia de que se possa ter que libertários não almejavam entender a realidade brasileira, e ainda internacionalista, para fazer frente ao Estado corporativista e seus possíveis encontros, como o fascismo. No entanto, isolados nessa empreitada e com pouco respaldo social e político, apesar da resistência em focos importantes dos trabalhadores, militantes anarquistas viram outros revolucionários e as tendências do movimento operário difundirem um nacionalismo e uma organização política e sindical que legitimasse, de certa maneira, um ideário de nação atrelada ao Estado. Esses fatores foram irreversíveis para a continuação do sindicalismo revolucionário como um projeto sincrônico com a realidade do país naquele momento. Fato que será potencializado depois com a queda do respaldo social da esquerda em geral e a legitimação do projeto varguista de maneira mais autoritária com o Estado Novo em 1937. Apesar disso, suas insistências em estar atento as nuances da classe trabalhadora e oprimidos e suas táticas e estratégias no âmbito cultural foram elementos importantes para a resistência e perpetuação do anarquismo e sua disputa e desenvolvimento no país.

V- III. Um projeto de Brasil laico e a luta na esfera cultural visando a permanência

⁷⁸⁴ *Idem.* p.3.

e a legitimidade anarquista no país

Quando os primeiros sinais do fascismo foram percebidos no Brasil, no início da década de 1920, como acompanhamos, além de anarquistas e socialistas, republicanos radicais e maçons, percebendo a união dessa ideologia com a Igreja Católica, logo movimentaram também suas redes de união com os elementos anticlericais como no começo do século. As ligas anticlericais voltavam a ser ativas e atuantes em diversos espaços operários. Elas eram também alvos de repressão em diversos países, como no próprio Brasil, que a partir de 1930 começou a dissolvê-los e a beneficiar o catolicismo, tendo o Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, como um de seus aliados.⁷⁸⁵ Para o historiador Cleber Rudy uma escalada conservadora católica ascendia em vários pontos do Brasil, como o Centro Dom Vital, almejando educar politicamente as elites para influenciá-los com os ideias católicos que, para eles, tinham decrescido no período da Primeira República. Além disso também foi fundado em 1930

o Instituto Ozanam, [...], na cidade de São Paulo, que atuou especialmente contra o comunismo. Também em 1932, era criada a Liga Eleitoral Católica (LEC), seguida da Ação Católica Brasileira (ACB), em 1935. Paulatinamente, a Igreja sensibilizou o Estado, galvanizou os católicos e reconquistou a posição e a influência decrescida durante a Primeira República.⁷⁸⁶

Em 1931, como resposta, surgiu a Coligação Nacional Pró-Estado Leigo, o Comitê Pró-Liberdade de Consciência e a Associação de Propaganda Liberal, que tinha os anarquistas Everardo Dias e Maria Lacerda de Moura como participantes.⁷⁸⁷ Nesse momento, Edgard Leuenroth, que tinha laços estreitos com anticlericais pela sua construção do jornal *A Lanterna*, de forma consonante à luta antifascista, decidiu reativar tal periódico em 1933 e integrar o anticlericalismo. Até 1935 essa fase do jornal publicou quarenta e oito edições, tinha uma estética e formato parecidos com as fases anteriores, quatro páginas e utilização de imagens e colunas escritas, aparecendo de

785 Ver RUDY, Antonio Cleber. *O anticlericalismo sob o manto da República: tensões sociais e cultura libertária no Brasil (1901-1935)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, 2017. p.26-29.

786 *Idem*. p.215.

787 *Ibidem*. p.26.

forma quinzenal às quintas-feiras ou aos sábados. O periódico era confeccionado em um local estratégico, a Rua Senador Feijó, onde havia um comércio e uma circulação intensa de pessoas na capital da cidade de São Paulo e era vendido por \$200, conseguindo ter uma tiragem de 11 mil exemplares, algo ainda surpreendente para o período. Assim, Edgard Leuenroth, no mesmo ano, conseguiu apoio de redatores anarquistas como Pedro Catallo, Benjamin Mota, Maria Lacerda de Moura, mas também de órgãos anticlericais, operários, socialistas e republicanos de vários pontos do Brasil como a Liga Paulista Pró Estado Leigo, a Coligação Nacional Pró Estado Leigo, a Liga Alagoana do Pensamento, a Liga Alagoana do Pensamento Livre, a Liga Anticlerical de Santos, o Partido Socialista Brasileiro, a Aliança Nacional Libertadora (em 1935), a Federação Operária de São Paulo e outros. Com isso, logo conseguiu subscrições e era distribuído em diversas cidades do interior de São Paulo, como Franca, Campinas, Birigui, Araraquara, Colina, Botucatu, assim como de outros estados, entre eles Porto Alegre, Pernambuco, Minas Gerais e Ceará.

Como veremos a seguir, assim como na construção inicial de *A Lanterna*, o experiente militante sindicalista tinha uma estratégia muito importante para a perpetuação do anarquismo e sua legitimação entre outras culturas políticas, assim como na construção de um antifascismo e numa cultura de democracia que pudesse barrar tanto o fascismo internacional e o corporativismo de Estado e sua base, além da reclamação econômica; era alastrar formas de resistências ideológicas, culturais e educativas. O fascismo e as políticas varguistas, na visão dos anarquistas e anticlericais de *A Lanterna*, não eram a causa dos males que afligiam os trabalhadores e militantes no período, mas consequências de outros tipos de dominação, como a religiosa. Edgard Leuenroth e seus redatores, nesse sentido, embora apresentassem uma postura, por vezes, ateuista, elegiam a dominação institucional religiosa como ponto primário desse debate e não necessariamente de crença:

Quem conhece alguma coisa da história das religiões e se habilite a confrontar os fatos há de verificar que a Igreja nunca teve nenhuma relação nem semelhança com a doutrina de um pobre carpinteiro galileu, que dizem ter nascido numa estrebaria, cujos primeiros atos de sua vida se caracterizaram por completa renúncia às coisas da riqueza, por uma ação rebelde contra os dogmas, aversão ao poder e aos potentados, e, sobretudo, por um conceito elevado de fraternidade universal. A influência do catolicismo na história da humanidade é precisamente a antítese-do

Colocando a Igreja Católica como uma fonte de dominação, inclusive sendo contrária aos ideais de Jesus Cristo e mais próximos a interesses particulares de grupos humanos, almejava um ponto de contato e articulação com os demais grupos anticlericais, mesmo se fossem cristãos – ou seja não contra crenças particulares e liberdade de culto- e mais uma vez, tentavam demonstrar qual seria o verdadeiro ideal da fraternidade. Nesse movimento tentavam anexar as redes anticlericais à luta sindical, pregando que a união dos interesses dos trabalhadores era imprescindível. Nesse movimento, os militantes libertários divulgavam eventos em consonância com o periódico *A Plebe*, órgão da Federação Operária em São Paulo. Muitas vezes, temas anticlericais eram abordados em sindicatos e órgãos de resistência como no –Sindicato dos Proprietários de Lavoura, Legumes e Similares, de São Paulo, [...] que realizou um festival dia 21 de abril [de 1934].⁷⁸⁹ No mesmo ano, nos atos e festividades decorrentes do primeiro de maio, *A Lanterna* divulgava o esforço de reconstrução da Confederação Operária Brasileira que “apesar do aparato policial pelas imediações, a concorrência foi grande. O salão ficou repleto de uma assistência entusiasta.”⁷⁹⁰ Essa notícia evidencia a preocupação dos anarquistas ainda estarem nos espaços operários e no sindicalismo, além de tentar anexar a luta anticlerical aos demais grupos ainda não organizados ao sindicalismo revolucionário e sua estratégia de ação direta.

Essa forma de atuação se chocava com a trajetória de alguns militantes que ascendiam no período como Rodolfo Felipe, ou como assinava outras vezes, Rodolpho Fellipe. Embora sem informações sobre seus pais, provavelmente brasileiros natos ou portugueses, o anarquista nasceu em 1892 na cidade de Bragança Paulista em São Paulo e, pelo que tudo indica, ainda jovem, se mudou para a capital por razões de trabalho como serrador, onde obteve contato com o movimento operário nos bairros industriais.⁷⁹¹ Logo colaborou com os periódicos *Germinal*, *Guerra Social*, *La Barricata* e *A Plebe*, o que revela que sua formação pelo anarquismo se refere à fase após a Primeira Guerra Mundial, onde defendemos que essa ideologia buscava uma

788 “A política do clero.” *A Lanterna* (São Paulo), 1 de fevereiro de 1934. p.1.

789 “Um festival.” *A Lanterna* (São Paulo), 17 de maio de 1934. p.3.

790 “1 de Maio: comemorando a data proletária, foi reconstituída em S. Paulo a Confederação Operária Brasileira.” *A Lanterna* (São Paulo), 17 de maio de 1934. p.3.

791 PARRA, Lúcia Silvia. *Leituras libertárias: cultura anarquista na São Paulo dos anos 1930*. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2017. p.69.

coesão nacional mais consciente e aprofundada, tanto sindical quanto política. Não obstante, o que é mais intrigante, é que a primeira ação própria de Felipe, agora membro da FOSP, foi a construção da Livraria Inovadora em 1919, que inclusive divulgava livros anticlericais, antes compartilhados pela Biblioteca d'A Lanterna.⁷⁹² Com certeza após a repressão e refluxo do movimento anarquista na terceira década daquele século, essas ações de âmbito educativo eram importantes e não apenas complementares à ação sindical e propriamente política, mas parte inclusive de sua manutenção. O mesmo aconteceu no início da década de 1930, momento que tanto Rodolfo Felipe assumia a direção de *A Plebe* e era um dos principais responsáveis pelas articulações sindicais de viés revolucionário na cidade, mas também editava a livraria e editora *A Sementeira*. Para Rudy,

Apesar de sua existência relativamente curta, a editora e livraria *A Sementeira* trouxe a lume uma série de opúsculos de valor propagandístico, tais como: *Serviço Militar Obrigatório para a Mulher? Recuso-me! Denuncio!*, de Maria Lacerda de Moura; *Poesias e Hinos Libertários*, coletânea da lavra de diversos autores, entre os quais, Ricardo Gonçalves, Passos Souza e Guerra Junqueiro; *Deus Existe? Eis a Questão*, de Sébastien Faure – um grande sucesso de vendas, que, rapidamente, se esgotou; *O Evangelho da Hora*, de Paul Berthelot; e *Alforria Final: os Objetivos da Revolução Social Libertária*, de Diego Abad de Santillán. Será também por intermédio de Rodolfo Felipe e da biblioteca d'A *Sementeira* que alguns textos, considerados necessários para a propaganda anticlerical, ganhariam distribuição, tal como o opúsculo *Monita Secreta*, ou ainda a edição, em 1934, de um volume de 60 páginas, contendo as peças *Leão X ou o Celerado João de Médicis*, da autoria de A. de Andrade e Silva, e *Vozes do Céu*, de Mota Assunção, destinada a levantar fundos para o jornal *A Lanterna*.⁷⁹³

A união e a consonância do anticlericalismo e de outros temas como questões de gênero, educativas e sindicais, longe de algo isolado, fazia parte de uma ação de anarquistas para perpetuarem sua ideologia e a alastrarem diante das modificações políticas, sociais e culturais do país.

Para criar uma força social, nesse sentido, anarquistas tentavam levar a cabo o anticlericalismo juntamente com o antifascismo, mostrando a conexão dos dois

792 RUDY, Cleber. *Op.cit.* p.128.

793 *Idem.* p.217-218.

movimentos, uma vez que o fascismo na Itália, apesar de primeiramente se apresentar como racionalista e laico, em 1929, assinou uma concordata com o Vaticano.⁷⁹⁴ Da mesma maneira, “a revolução, diremos, reacionária, [...] a agravar mais essa situação, a assembleia nacional, obedecendo talvez as injunções de Roma, está a decidir a lei de segurança nacional”⁷⁹⁵, escrevia *A Lanterna* em 1935 antes de uma intensa repressão de Estado que se seguiria. O mesmo acontecia com a luta contra os integralistas onde defendiam que “integralismo e clericalismo é a mesma coisa, isto é, o mais nefasto dos regimes”⁷⁹⁶. A mesma argumentação era passada pelas imagens do periódico:



(*A Lanterna* (São Paulo), 9 de fevereiro de 1935)

Essa atividade de *A Lanterna* estava seguindo outros esforços de ativistas e intelectuais libertários proeminentes e influentes como Maria Larcerda de Moura que publicou, em 1933, a obra “Clero e Fascismo: horda de embrutecedores” e “Fascismo – filho dileto da Igreja e do Capital” onde a autora defendia que “o capitalismo serve-se das doutrinas de renúncia e resignação passiva da Igreja, para lançar os seus tentáculos de polvo por sobre as massas trabalhadoras” e “a Igreja se serve do

794 *Idem.* p.229.

795 “A Lei Monstro: mais um apelo aos leitores e admiradores de *A Lanterna*”. *A Lanterna* (São Paulo), 23 de março de 1935. p.1

796 “Integralismo e clericalismo é a mesma coisa, isto é, o mais nefasto dos regimes”. *A Lanterna* (São Paulo), 9 de fevereiro de 1935. p.1.

capitalismo” para armar o braço secular do Estado contra a heresia.”⁷⁹⁷

Tentando mobilizar os diversos grupos, ao mesmo tempo, contra o fascismo, o corporativismo de Estado, o integralismo e o clericalismo, já que estavam interligados nessa visão, os anarquistas mostravam que seu programa anticlericalista era, na realidade, contra qualquer tipo de dominação que chamavam de “anticlericalismo integral” que seria

contra a Igreja, como poder político, econômico e religioso como força material e espiritual, como sustentáculo de tiranos e apoio de privilégios, como estorvo a emancipação social. Nós não queremos consolidar privilégio algum, defender a “supremacia” de poder algum. Somos por todas as liberdades contra todas as opressões.⁷⁹⁸

Assim, para os militantes anarquistas, a única proposta prática que poderia dar resposta a esses grupos unidos era entender os preceitos libertários de concepção teórica e de metodologia de luta, já que libertários recusavam uma luta por meio de e visando o Estado Nacional, eram contra o capitalismo e combatiam a alienação religiosa. Posição que daria fim, além de não desenvolver, o fascismo, o corporativismo e qualquer forma autoritária de expressão social e política e, nesse sentido, a luta federalista e sindical seria a mais viável para não desenvolvimento de uma dominação e, conseqüentemente, de algumas dessas expressões que tanto os anticlericais ou antifascistas combatiam. É nesse mesmo movimento que o Centro de Cultura Social, espaço edificado por anarquistas desde 1933, almejava debater o racionalismo, o anticlericalismo, o antifascismo, o socialismo e o sindicalismo, além de outros temas como sexualidade, gênero e educacionismo, todas as coisas que se interligavam à luta materialista e econômica, que os trabalhadores deveriam, na visão dos libertários, ter em vista, conjuntamente. Por isso mesmo, esse espaço que era divulgado no periódico *A Lanterna* e apoiado pela FOSP em diversas ocasiões⁷⁹⁹.

Anarquistas, dessa maneira, usavam o anticlericalismo, e seu principal porta-voz naquele momento, *A Lanterna*, como uma porta para tanto ampliarem suas possibilidades e suas redes, unindo-as, mas também conseguir influenciar tais órgãos a

797 MOURA, Maria Lacerda de. *Fascismo – filho direto da Igreja e do Capital*. Portugal: Barricata Libertária, 2012. p.18.

798 “O nosso anticlericalismo.” *A Lanterna* (São Paulo), 13 de julho de 1933. p.1.

799 Ver PARRA, Lúcia. *Op.cit.*, p.55-65.

partir de visões libertárias e anarquistas, em diversos pontos do país, uma vez que seus órgãos sindicais sofriam ataques severos pelo Estado Nacional e disputa por novos agentes políticos como os comunistas, embora ainda não esquecidos e sendo imprescindíveis para a transformação da sociedade, inclusive em conexão com tal estratégia. Se considerarmos que a imprensa não é apenas “um mero depositário de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas depositário de informações”, mas também um campo de disputa social e “como uma força ativa da história do capitalismo” e também “da vida moderna”, buscando, muitas vezes, “hegemonia nos muitos e diferentes momentos históricos”⁸⁰⁰, como as historiadoras Heloísa Cruz e Maria Cunha Peixoto mostram, podemos ver *A Lanterna*, nesse período, como um instrumento de disputa hegemônica, no campo também político, em várias esferas, buscando uma inserção e inflexão anarquista e libertária.

A partir da conexão e militância em temas comuns com grupos e em cidades e estados diversos, anarquistas debatiam uma visão e um projeto alternativo de Brasil com anticlericalistas e antifascistas. Isso se deu quando, a partir de da discussão de uma nova Constituição brasileira, várias associações Pró-Estado Leigo se formassem criando a Coligação Nacional Pró-Estado Leigo com sede no Rio de Janeiro, com muita presença maçônica, mas também presença de muitos libertários, onde defendiam o ensino laico nas escolas, a defesa do divórcio, a separação do Estado e da Igreja e outros temas.⁸⁰¹ É bastante interessante que anarquistas, a partir de *A Lanterna*, tenham publicado em 1933, a defesa de uma

uma Constituição que paire acima dos interesses particulares em conflito, conservando os poderes públicos equidistantes de todas as igrejas, cultos e doutrinas; uma Constituição que consagre a liberdade e igualdade de cultos, ensino leigo nas escolas oficiais, liberdade de pensamento, reunião e associação, laicidade absoluta do Estado, com proibição de práticas religiosas oficiais ou colocação de imagens ou símbolos de quaisquer cultos nos estabelecimentos públicos.⁸⁰²

Se anarquistas eram contrários há uma Constituição representativa, porque

800 CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007. p.257.

801 RUDY, Cleber. *Op.cit.*, p.237.

802 “A Coligação Nacional Pró-Estado Leigo e a Constituinte.” *A Lanterna* (São Paulo), 7 de dezembro de 1933. p.1

apoiar um debate em torno do Estado Nacional? Com certeza os socialistas libertários não estavam em dúvida de seus preceitos, uma vez que no mesmo período criticavam o centralismo democrático e o entrismo sindical de certas tendências no Estado. Não obstante, para os anarquistas, a necessidade de laicidade podia perpassar por várias instâncias como no debate de uma nova constituição, mas o anseio era criar uma cultura política e social laica, que o debate constitucional era uma das esferas afetadas – e por isso não tinham problema em divulgar o programa maçônico – mas ainda pontuavam seu anticlericalismo integral que

luta contra a influência política da Igreja – pela ação direta, pelas propagandas extra-parlamentar. [...] Propaganda para mostrar o poder econômico da Igreja, a Igreja como empresa, como auxiliar da exploração capitalista, como divisora do proletariado, fatora de crumirismo. Este ponto é importantíssimo. Entretanto, A Lanterna ressurgiu para ser um reflexo e um elemento propulsor do movimento anticlerical do Brasil em todas as suas tendências.⁸⁰³

Sob o mote “Se o Brasil não acabar com a influência do padre, o padre acabará com o Brasil”, divulgavam toda espécie e tendência de anticlericalismo e, almejando ser o órgão aglutinador desse debate no país, anarquistas poderiam muito bem alastrar seus métodos de ação direta em todo território nacional, além de construir uma cultura política laica e anticlerical alocada com a realidade brasileira – invocando novamente essa unidade. Para isso, uma das campanhas dos anarquistas no período era para o fim do ensino religioso nas escolas já que o “Estado não deve se responsabilizar por esse ensino, que é a anulação completa das verdades científicas e naturais” sendo que ainda a grande massa da população brasileira é ainda analfabeta” e que “os padres, por isso mesmo, exercem uma grande influência.”⁸⁰⁴ O mesmo acontecia contra a influência do catolicismo no Congresso e no Exército que o periódico *A Lanterna* se opunha, construindo, portanto, um projeto laico, tanto nas instituições, como também no cotidiano das pessoas. Sob esse último ponto, libertários recomendavam leituras racionalistas, científicas, poesia e arte, mas nesse período, o seu enfoque também foi para o debate sobre uma sexualidade e amor livres da influência religiosa e moralista.

803 “O nosso anticlericalismo.” *A Lanterna* (São Paulo), 13 de julho de 1933. p.1.

804 “Catecismo nas escolas públicas.” *A Lanterna* (São Paulo), 5 de abril de 1934. p.1.

Os redatores construíam com outros militantes e estudiosos do tema o Círculo Brasileiro de Educação Sexual que realizava conferências nos espaços operários que tinha por objetivo destruir “os preconceitos e prejuízos da moral social que faz da mulher a escrava do homem e o do homem o escravo da ignorância.”⁸⁰⁵

Esses temas, assim como inclinações não eram nada novos no anarquismo seguiam uma tendência global. Devemos ressaltar que teóricos e militantes de respaldo e referência para o anarquismo como Mikhail Bakunin tinham o antiteologismo como programa em 1872, tanto dentro de um programa socialista e revolucionário, mas também tentava descrever para outras tendências, como os republicanos radicais, que a Igreja era um braço reacionário dos Estados nações, portanto também ruim para as demais culturas políticas:

O mundo reacionário, levado por uma lógica invencível, torna-se cada vez mais religioso. Ele sustenta o papa em Roma, persegue as ciências naturais na Rússia, põe em todos os países suas iniquidades militares e civis, políticas e sociais sob a proteção do bom Deus, que ele protege poderosamente, nas igrejas e nas escolas, com a ajuda de uma ciência hipocritamente religiosa, servil, indulgente, pesadamente doutrinária e por todos os meios do qual o Estado dispõe.⁸⁰⁶

A crítica ao conservadorismo e a uma educação religiosa era, futuramente nos meios libertários, embatido pela defesa de outras relações cotidianas que, para os libertários, a Igreja influenciava. Para Emma Goldman, em 1910, por exemplo, o capitalismo não era o único entrave para as diferenças de gênero, sendo as instituições religiosas e políticas também parte de uma alienação e opressão para as mulheres, desde diferenças de salário e de representação política, já levantadas por anarquistas, mas de violência doméstica e dominação sexual, sendo necessário “a mulher [ser] livre e grande o bastante para aprender o mistério do sexo sem a sanção do Estado ou da Igreja.” Só dessa maneira era possível destruir a instituição e a prática

do casamento [que] faz da mulher uma parasita, uma dependente absoluta.

805 “Educação Sexual: o círculo da Educação Sexual levou a cabo, em São Paulo, uma série de utilíssimas conferências.” *A Lanterna* (São Paulo), 13 de julho de 1935. p.3.

806 BAKUNIN, Mikhail. *Op.cit.*, 2012. p.41.

Incapacita-a para a luta da vida, aniquila sua consciência social, paralisa sua imaginação, daí impõe sua graciosa proteção que na realidade é um ardil, travestido a caráter humano.⁸⁰⁷

Seguindo essa tendência, com suas redes ativas a partir do anticlericalismo, anarquistas no Brasil tinham uma boa oportunidade de levar temas próprios dos libertários para regiões longínquas, mantendo uma cultura mínima de combate e tentando radicalizar tal movimento contra o clericalismo e sua influência, tanto política, mas também social e cultural, nesses espaços. Uma das principais redes de contato do anticlericalismo paulista era no nordeste brasileiro como no Ceará, através do Partido Republicano Socialista, em Alagoas, na Liga Alagoana do Pensamento Livre e, em Fortaleza, através da Frente Acadêmica Antifascista. O periódico dava notícias de atos contra integralistas, de manifestações e repúdios contra a Igreja e de greves e lutas materiais, unindo, portanto, agremiações anticlericais, antifascistas, organizações políticas e sindicais numa luta conjunta no que, para teóricos como Errico Malatesta, sobre a transformação completa do indivíduo pelo anarquismo já que “a emancipação moral, a emancipação política e a emancipação econômica são indissociáveis”.⁸⁰⁸ Assim, ao noticiar para os anticlericais em geral, por exemplo, que a “Ação Pernambucana Contra o Fascismo distribuiu um bem lançado manifesto associando aos trabalhadores na comemoração do 1 de maio”⁸⁰⁹ também almejaram potencializar tais ações para o movimento paulista, evidenciando que em outros lugares as ações e articulações entre antifascismo, anticlericalismo e movimento operário existiam.

Apesar de ser o principal divulgador, *A Lanterna* não estava sozinho nessa empreitada e, no período, surgiram outros órgãos anticlericais, logo em 1931, como o *Tribuna Liberal* de Jaboticabal, *O Liberal* de Guaratinguetá, ambos do estado de São Paulo, e a *Reacção* em João Pessoa na Paraíba. Existiam também espaços que discutiam temas que uniam o sindicalismo, o antifascismo, a luta contra a dominação religiosa, a defesa de uma sexualidade livre e relações melhores de gênero e outros pontos através de conferências, leituras públicas e peças de teatro como no Ateneu de Cultura Libertária em São Paulo criado em 1931 juntamente com o Centro de Cultura Social atuante a partir de 1933. Nesse período também podemos considerar relevante as

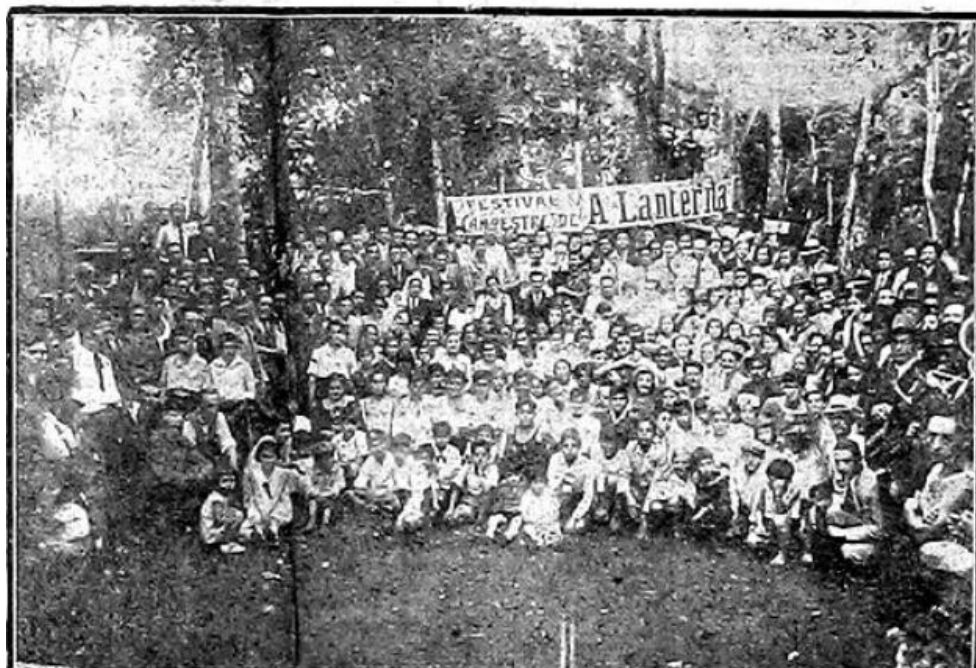
807 GOLDMAN, Emma. *Anarchism and Other Essays*. Second Revised Edition. New York & London: Mother Earth Publishing Association, 1911. p.237. Tradução nossa.

808 MALATESTA, Errico. *Anarquistas, Socialistas e Comunistas*. São Paulo: Cortez, 1989. p.141.

809 “Liga Alagoana pelo pensamento Livre.” *A Lanterna* (São Paulo), 17 de maio de 1934. p.1.

excursões que anarquistas propunham, através de *A Plebe* e *A Lanterna*, para piqueniques em campos e em áreas litorâneas, onde debatiam vários temas ou liam jornais em público, compartilhando momentos de lazer e educativos, construindo, na prática, outras relações cotidianas sem as amarras de uma possível alienação religiosa e moral já que consideravam tais ações “o princípio de uma educação que está muito longe do sapato chinês da educação clerical que a Igreja [...] empaca a mentalidade infantil.”⁸¹⁰

O NOSSO FESTIVAL no Parque Jabaquara



(A Lanterna, 15 de junho de 1935)

As imagens e relatos dos eventos, como os divulgados pela própria *A Lanterna*, que afirmava que no festival do Parque Jabaquara foram “um número calculado de 2.000 pessoas”, mostram ainda o respaldo das atividades anarquistas que, tentando sobreviver sem tantos sindicatos e espaços nos bairros industriais devido aos ataques contra o sindicalismo, encontravam outros meios para continuarem seu desenvolvimento político no país. A imagem também mostra a heterogeneidade racial e

810 “O nosso festival no Parque Jabaquara.” *A Lanterna* (São Paulo), 15 de junho de 1935. p.1.

étnica, seguindo a composição da população no período que tinham aumentado chegando a quase 42 milhões nesse período aumentada também pelo crescimento das cidades e as migrações internas.⁸¹¹

É por essa razão que o autor Rodrigo Rosa da Silva defende que não se pode atribuir a queda do anarquismo apenas pela perda de influência do sindicalismo revolucionário, já que no período entre 1930 e 1945, estudado em sua dissertação, anarquistas estavam se organizando em outras frentes e atividades, ao mesmo tempo, que continuava, pelo menos em São Paulo, com bastante influência libertária.⁸¹² Como mostrado também, para a historiadora Raquel de Azevedo tanto a intenção sindicalista não foi abandonada - existindo certa resistência e respaldo até 1937⁸¹³ - como a própria ideia de sindicalismo revolucionário, como defendemos anteriormente, extrapolava um espaço ou siglas fixas e perdurava através de estratégias e táticas que tinham como objetivo perdurar os ideários de ação direta, federalismo, internacionalismo, greve geral e autogestão entre as cultura políticas e sociais brasileiras. Com certeza esses métodos forneceram elementos para a perpetuação, através de gerações, para a sobrevivência e atuação mínima, mas não irrelevante, do anarquismo nas próximas décadas.

811 Ver “Estatísticas do século XX. População do Brasil por sexo, estado civil e nacionalidade.” IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/populacao.html>. Acesso: 03/2018.

812 Ver SILVA, Rodrigo Rosa da. *Imprimindo a Resistência: A imprensa anarquista e a repressão política em São Paulo (1930-1945)*. Dissertação (mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, 2005.

813 Ver AZEVEDO, Raquel de. *Op.cit.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O sonho da revolução democrático-burguesa terminou no pesadelo-realidade da revolução autoritário-burguesa, e as elites retomaram a sua posição de conquistadores do povo brasileiro, descendentes dos descobridores do Brasil”⁸¹⁴ escreve José Carlos Reis, analisando Caio Prado Jr, que em 1966 escreveu “A Revolução Brasileira.” Para Reis, Prado Jr, defrontado com o golpe da Ditadura Militar, buscou as condições históricas materialistas e dialéticas para entender a “questão nacional do Brasil”, compreendendo, assim, as supostas falhas para o não acontecimento de uma revolução em seu país. Com isso, o modelo de união com uma burguesia industrial que levaria o Brasil para outra etapa de desenvolvimento que daria condições para uma revolução socialista, superando ainda posições feudais, política do Partido Comunista Brasileiro desde o início da quarta década do século XX, era fortemente criticada pelo intelectual comunista. Nessa visão, além de marcar uma posição anti-imperialista e defender o mercado interno brasileiro, as classes dominantes não eram as únicas a desenvolver as forças estruturais do Brasil e seu caminhar, mas que todas as classes sociais, em sua heterogeneidade típica brasileira, eram atores e agentes históricos pois “redescobrir o Brasil significa ver nessa sua face oculta, neste seu outro lado, o verdadeiro Brasil. Este outro lado deverá ser integrado, valorizado e recuperado.”⁸¹⁵

Marxistas desde 1928, com seu IV Congresso da Internacional, foram tensionados a pensar a questão nacional no Brasil e por longas décadas se ocuparam nisso. Vladimir Lênin, desde 1920, colocava suas contribuições de países fora do centro do capitalismo e dominados dando centralidade não a etapas e forças produtivas, mas a autodeterminação dos povos, já “a guerra imperialista fez entrar os povos dependentes na história do mundo.”⁸¹⁶ Na década de 1990, essa reflexão ainda se mostrou importante, dois pensadores proeminentes marxistas, Michel Löwy e Michel Cahen, debatiam, sob a revista teórica mensal *Critique communiste*, da Liga Comunista Revolucionária (LCR), o lugar do nacionalismo e do internacionalismo nos movimentos revolucionários, onde o primeiro destacava a importância da integração de minorias

814 REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC*. Rio de Janeiro: FGV., 2007. p.87.

815 PRADO JR in REIS, José Carlos. *Idem*. p.94.

816 LENIN, Vladimir. *Lenine e a IIIª Internacional*. Lisboa: Estampa. p.95.

étnicas nos movimentos nacionais, ao mesmo tempo internacionalistas, como no movimento zapatista, e o segundo, continuando que se “a consciência de classe pode ser um fermento para a libertação nacional, a consciência nacional ou étnica também pode ser a expressão, uma forma, um contexto da consciência de classe.”⁸¹⁷

Como vimos na presente tese, não obstante, refletir sobre nacionalismo, questão nacional, autodeterminação, imperialismo e internacionalismo não eram dados novos nas práticas e ideias da esquerda no mundo, e aqui brasileira. Anarquistas e sindicalistas revolucionários, que tiveram peso decisivo na organização do operariado entre o fim do século XIX até pelo menos as duas primeiras décadas do seguinte, não ficaram alheios aos pesos dessas variantes para suas atuações e desenvolvimentos no país. Aliás, se o peso do nacionalismo é inevitável na era contemporânea, como induz Benedict Anderson, isso não era uma questão de mera escolha.⁸¹⁸ Isso nos faz refletir sobre o conceito de “experiência” e sua relação com a formação da própria classe e sua consciência, atribuído pelo historiador inglês Edward Thompson, que, ao contrário de serem respostas automáticas às forças produtivas são “definidas pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, está é sua única definição.”⁸¹⁹ É um erro, portanto, separarmos a experiência da classe trabalhadora e suas expressões ideológicas e fizermos um corte disso a partir do nascimento ou introdução de outra corrente política. Com certeza, libertários e sindicalistas forneceram experiências, práticas, visões e performances que possibilitaram tanto agentes de sua própria família política, quanto outras e da própria classe, pensarem e continuarem refletindo sobre a questão nacional. Esses pensamentos, interrogações e conclusões posteriores não vieram do nada, ou de intelectuais ilustrados, mas da própria trajetória de trabalhadores e explorados que cederam suas experiências, falhas e acertos, para as gerações e articulações futuras.

Essa tese teve como objetivo traçar as conexões, inconscientes e conscientes, do anarquismo e de suas estratégias, como o sindicalismo revolucionário, com os imaginários étnicos, nacionais e internacionais, tanto imaginados, como práticos, através de suas performances e discursos no movimento operário brasileiro nas três primeiras décadas do século passado. Vimos, num primeiro momento, em certas

817 LAZAGNA, Ângela; LOWY, Michael; CAHEN. “Nacionalismos e Internacionalismo: um debate entre Michael Löwy e Michel Cahen.” *Revista Sociologia Política.*, Curitiba, v. 16, n. 31, p. 101-119, 2008. p.117.

818 Ver ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

819 THOMPSON, Edward. *Op.cit.*, 1987. p.12.

localidades de maioria imigrante e de língua diferente do já falado em território nacional, que o fluxo migratório e as redes transnacionais criadas por imigrantes no contexto das migrações em massa, imbricaram o anarquismo com questões estrangeiras, em um primeiro momento, fazendo tal ideologia ter dificuldade com a integração de elementos nacionais e étnicos próprios, como o negro e indígena. Isso não aconteceu em regiões onde imigrantes luso-brasileiros compartilharam espaços com trabalhadores nativos que, apesar de embates e posições etnocêntricas de um lado ou xenofóbicas de outro, muitas vezes, construíram pontes comuns, que eram usadas pelos anarquistas favorecendo as lutas de curto prazo e suas visões revolucionárias como horizonte. O anarquismo que era ancorado em redes transnacionais, por outro lado, garantia o desenvolvimento do anarquismo internacional levando em conta essa experiência, além de estar atento as questões da imigração, problemas que eram bem latentes no período. Libertários ainda se chocavam e se legitimavam debatendo com o republicanismo, o positivismo, a literatura, o racionalismo e o cientificismo do período, garantindo um lugar nos debates intelectuais que forjavam as nações e a sociedade naquele período, sendo influenciado também, mesmo inconscientemente, por muitas dessas visões, embora tais “contaminações” não fossem homogêneas ou constantes.

Num segundo momento, no início da década de 1900, os anarquistas, ao refletirem sobre sua própria experiência passada, decidem se enraizarem mais a partir dos problemas brasileiros e coordenam órgãos de tendência sindical nacional, como a Confederação Operária Brasileira, além de se expandir nacionalmente além dos seus polos usuais, indo de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul para Minas Gerais e Ceará – o que almejava fazer parte da realidade da população heterogênea do país, apesar do debate racial ainda se apresentar prematuro. Junto com a dianteira do sindicalismo de intenção mais radical e revolucionária no Brasil, confrontando com uma visão reformista, também tentavam alastrar um tipo de educação racionalista e libertária própria de sua família política, tentando adentrar em outros aspectos, além da luta material. Isso fez com, que, numa terceira fase, confrontados com o fechamento das fronteiras nacionais devido à Primeira Guerra Mundial, anarquistas refletissem sobre a necessidade de maior integração de imigrantes e brasileiros, debatendo suas diferenças e pontos de contato para a construção de um movimento operário efetivo, embora tivessem ainda dificuldade de se integrar com grupos socialmente mais isolados e marginalizados como ex-escravizados e indígenas, apesar de contar, dessa vez, com militantes descentes ou oriundos desses e de focos no norte do país, como na cidade de

Manaus, e no nordeste como em Pernambuco. Isso aconteceu ao mesmo tempo em que continuavam a dar um peso importante para as notícias e correspondências, além de análises sobre processos revolucionários e reivindicativos em outros países, que deram potências para seus próprios atos, como nas greves e paralisação entre 1917 e 1920. Nesse período, também buscavam coesão política e social brasileira e até da América do Sul, através ainda da Confederação Operária Brasileira, da Aliança Anarquista, do Partido Comunista Anarquista e do Congresso Anarquista Sul-Americano.

O contexto de repressão após esses eventos e a emergência de grupos sociais e políticos, que acompanhava o crescimento de uma classe média, apresentaram dificuldades para os libertários, quando também atacaram os sindicatos revolucionários, seu principal ponto de contato com a classe trabalhadora e outros oprimidos, o que somava com a ruptura de uma Revolução que estava sendo edificada na Rússia, que também emperraria sua narrativa internacionalista. Anarquistas tiveram que retomar outros discursos e práticas internacionalistas nesse período, além de traçar outras estratégias e táticas de resistência em um período de refluxo, fortalecendo e continuando com atividades intelectuais e culturais, ao mesmo tempo em que apostava em outros núcleos anarquistas e sindicalistas além dos seus usuais no sudeste, que já existiam no sul e nordeste do país. Não obstante, a renovação de seus quadros, com a decadência das imigrações e depois, com o fortalecimento dos fascismos, e com a perda de muitos de seus militantes para o comunismo ou para o sindicalismo reformista ou corporativista, se tornou uma entrava para os anarquistas diante do golpe de Getúlio Vargas em 1930. Mesmo assim, libertários continuavam a apostar no sindicalismo revolucionário como um projeto que respeitava a organização de minorias, tanto étnicas, mas de gênero, ao mesmo tempo que lidava com questões estruturais como o capitalismo e o Estado Nacional. Vimos também que ainda pensavam na estruturação de projetos unificadores de densidade nacional como na tentativa de reedição da COB, mas na participação crítica com a Frente Única Antifascista e a Aliança Nacional Libertadora. Além de suas atividades sindicais, também continuavam com projetos educativos e lutas na esfera cultural, como na composição do anticlericalismo e no debate de temas como de sexualidade e diferenças de gênero, encorpando um projeto de Brasil laico. Ao apostar no combate contra o fascismo e o integralismo, debatiam os males do racismo, quando suas fileiras apareciam com brasileiros natos e com atividades que contava com espectadores de bastante consonância com o perfil brasileiro, apesar de, nesse período, ter decaído na maioria dos Estados, resistindo majoritariamente em São Paulo, mas

também no Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro e com alguns pequenos focos no nordeste.

Como analisamos, anarquistas e sindicalistas, muitas vezes, aproveitavam os próprios imaginários nacionais para alastrarem sua cultura política, unindo essa tendência ao seu internacionalismo prático entre imigrantes de diferentes demandas e brasileiros. Depois disso, tentando construir um movimento operário e revolucionário coeso com as realidades locais, nacionais e internacionalista - mesmo por vezes imaginadas e modeladas – tais agentes impulsionaram o anarquismo e o favoreceram a adentrar nos movimentos sociais e políticos em nossa hipótese. O mesmo acontecia comumente com imaginários revolucionários de classe – como o internacionalismo, associativismo ou insurrecionalismo – para criarem uma imagem revolucionária dentro de sua ideologia na unidade nacional, assim como legitimarem sua corrente política, ao mesmo tempo também em que usavam e instrumentalizavam textos e pensamentos intelectuais, nacionais e internacionais do período, para tal. Militantes e ativistas anarquistas também desenvolveram suas estratégias e táticas e suas atuações em diferentes esferas – cultural, político e econômica – dependendo da região em que se instalavam, da composição da população, de sua forma de disseminação e enraizamento e da interpretação dos personagens diante dessa realidade.

Com certeza, nas décadas futuras, anarquistas, libertários e sindicalistas revolucionários continuaram com as mesmas dificuldades em se integrar em um país marcado fundamentalmente pelo racismo e a exclusão social de classe, raça e gênero, e, evidentemente, sofreram danos pelas repressões físicas e ideológicas que se seguiram. Além disso, ao termos em mente que as ideias vigentes são ideias da classe dominante, podem ter apresentando performances que reproduziram essas diferenças e problemas. Não obstante, como vimos, muitas vezes, forneceram armas e um projeto de sociedade para os oprimidos pensarem seus problemas e combaterem os males que os afligiam.

EPÍLOGO: O ECLIPSE LUNAR

Com a astronomia compreende-se que os sistemas solares são obra dos infinitamente pequenos; que a força que parecia governar o próprio sistema não é senão a resultante dos choques desses infinitamente pequenos; que a harmonia dos sistemas estelares só é harmonia porque é uma adaptação, uma resultante de todos esses movimentos inumeráveis, adicionando-se, completando-se, equilibrando-se uns aos outros.⁸²⁰

Agora notemos o céu em um eclipse lunar. Ao olharmos a escuridão dos céus, não imaginamos que seria a própria sombra da terra que está nos cegando, nos tampando a visão das estrelas e do sol. Quando esse eclipse passa, podemos ver tudo voltar ao normal, mas o normal, muitas vezes, parece mais claro, já que podemos perceber que sempre existe uma sombra mais escura.

Eclipses são fenômenos naturais, eles acontecem ciclicamente e vão acontecer enquanto esses astros e suas rotações existirem. Mas nunca são exatamente os mesmos, porque nossas visões não são as mesmas, e nem os próprios astros, que já envelheceram (mesmo que podem ser velhos e milenares, não são imortais). O mesmo podemos dizer de fenômenos políticos. Enquanto as mesmas contradições existirem, assim como o capitalismo e os Estados nacionais, performances e suas resistências vão existir. Obviamente, a história não se repete exatamente “apenas a primeira vez como tragédia, e a segunda como farsa”⁸²¹ - mas também guarda memórias e tradições que são sempre reinterpretadas a luz de novas visões e problemas, com o pano de fundo sendo os mesmos astros.

Em 2013, no Brasil, com o ressurgir de táticas de ação direta nas ruas, alguns acharam estranho um ressurgir do anarquismo. Por que seria estranho algo que está enraizado no processo de formação e consciência de classe? Não podemos perceber, assim, que estamos acima, muitas vezes, do que cria a própria sombra. Como Kropotkin analisou em sua obra *A Anarquia: sua filosofia – seu ideal*, “nem a terra, nem o sol são o centro do universo, mas uma harmonia entre diversos astros, sem precisar de um centro.”⁸²²

O anarquismo, embora não concorde com um centro, mas sim a elementos harmônicos, também não fica alheio de seus eclipses antigos, devendo refletir sobre

820 KROPOTKIN, *Op.cit.*, 2000. p.24.

821 MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. Nelson Garcia, 2002. p.6.

822 KROPOTKIN, *Op.cit.*, 2000.

eles. Entrevistando membros do MPL e da tática Black Bloc, a professora Esther Solano revelou que:

Em São Paulo a ação [insurrecional] começou com o discurso black bloc internacional, de anticapitalismo e ataque aos símbolos do capital, mas depois foi se apropriando do discurso das manifestações brasileiras. Ou seja, talvez não tanto contra o capital, mas incorporando as bandeiras e as reivindicações dos protestos: mudanças e melhoria do sistema político de forma geral. O anarquismo é a inspiração, mas, durante as conversas, aparecem muito mais a precariedade do Estado brasileiro e a violência institucional do que as ideias anarquistas como motivações de sua presença nas ruas.⁸²³

O nacionalismo e a questão nacional, assim como nossos problemas da nossa fágil democracia, esses astros que coexistem, não faziam só parte dos problemas e questões do anarquismo no passado, mas continuavam a ser do presente.

823 SOLANO, Esther; MANSO, Bruno Paes; NOVAES, Willian. *Mascarados: a verdadeira história dos adeptos da tática Black bloc*. São Paulo: Geração Editorial, 2014. p.39

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Fúlvio. *A revoada dos galinhas verdes: uma história da luta contra o fascismo no Brasil*. São Paulo: Veneta, 2014.
- ABREU, Alzira Alves. *A Aliança Nacional Libertadora (Verbete)*. FGV - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro, 2018.
- ADDAMS, Matthew; KINNA, Ruth (Orgs.). *Anarchism 1914-18: Internationalism, Anti-Militarism and War*. Manchester: Manchester University Press, 2017.
- ADDOR, Carlos Augusto. *A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.
- _____; DEMINICIS, Rafael. *História do Anarquismo no Brasil: volume dois*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009.
- ALVARENGA, Lucas Thiago. *O homem livre sobre a terra livre: o tipógrafo, o jornalista libertário e a rede social do jornal A Terra Livre (1905-1910)*. Dissertação (mestrado em história). Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos- São Paulo, 2017.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. *Nação e consciência nacional*. Editora Ática, São Paulo: 1989.
- _____. ANDERSON, Benedict. *The Spectre of Comparisons: Nationalism, Southeast Asia, and the World*, London: Verso, 1998
- _____. *Sob três bandeiras: Anarquismo e Imaginação anticolonial*. Campinas – São Paulo: Editora da Unicamp; Fortaleza – Ceará: Editora da Universidade Estadual do Ceará, 2014.
- ANDRADE, Carlos Eduardo Frankiw. *Blásfemos e sonhadores: Ideologia, utopia e sociabilidades nas campanhas anarquistas em A Lanterna (1909-1916)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo – São Paulo, 2009.
- ARANTES, Erika Bastos. *O Porto Negro: trabalho, cultura e associativismo dos trabalhadores portuários no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.
- AVELINO, Nildo. -Errico Malatesta – revolta e ética anarquista. *Verve*, v. 4, p.228-263, 2003.
- AZEVEDO, Raquel de. *A resistência anarquista: uma questão de identidade (1927-1937)*. São Paulo: Arquivo do Estado – Imprensa Oficial, 2002.
- BARTZ, Frederico Duarte. *O horizonte vermelho. O impacto da revolução russa no movimento operário do Rio Grande do Sul*. Dissertação (mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

BATALHA, Claudio. *Dicionário do Movimento Operário: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

_____. *O Movimento Operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. *Culturas de Classe: Identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas – São Paulo: Unicamp, 2004.

_____. Revolutionary Syndicalism and Reformism in Rio de Janeiro's Labour Movement (1906–1920). *Internationaa Instituut voor Sociale Geschiedenis*, pp.1-29, 2018.

_____. Uma outra consciência de classe?: o sindicalismo reformista na Primeira República. *Ciências Sociais Hoje*, v. 1990, p. 117-127, 1990.

_____. Os desafios atuais da história do trabalho. *Anos 90 (UFRGS)*, v. 13, p. 87-104, 2006.

BENEVIDES, Bruno Corrêa de Sá e. A trajetória de Angelo Bandoni e o individualismo anarquista no Brasil (1900-1920). *I Congreso de Investigadorxs sobre anarquismo: CEDINCI - IDAES /UNSAM*.

BERTONHA, João Fábio. Anarquistas italianos nas Américas: a luta contra o fascismo entre o velho e o Novo Mundo (1922-1945). *História Social*, vol.22 e 23, p.269-293, 2012.

_____. *Fascismo e antifascismo italianos: ensaios*. 1. ed. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2017.

_____. Trabalhadores imigrantes entre identidades nacionais, étnicas e de classe: o caso dos italianos de São Paulo, 1890-1945. *Varia História*, n.19, p.51-67, 1998.

_____. Italianos na cidade do Rio de Janeiro: uma comunidade (re)descoberta. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, v. 8, p. 415-428, 2014.

_____. Plínio Salgado, o integralismo brasileiro e as suas relações com Portugal (1932-1975). *Análise Social*, v. 46, p. 65-87, 2011.

BERRY, David; BANTMAN, Constance (orgs). *New Perspectives on Anarchism, Labour and Syndicalism: The Individual, The National and the Transnacional*. Cambridge Scholars Publishing, 2010.

BILHÃO, Isabel Aparecida. *Identidade e Trabalho: Análise da construção identitária dos operários Porto-Alegrenses*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul- Porto Alegre, 2015.

BIONDI, Luigi. Anarquistas italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista '*La Battaglia*' e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocêntricos. *Cadernos AEL: Anarquismo e Anarquistas*, Campinas – São Paulo, v. 5, n.8/9, p. 117-147, 1998.

_____. *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas- São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.

_____. *La stampa anarchica in Brasile: 1904-1915*. Tese de Laurea (Historia). Università Studi di Roma –La Sapienza, Roma – Itália, 1994.

_____. Mãos unidas, corações divididos. As sociedades italianas de socorro mútuo em São Paulo na Primeira República: sua formação, sua lutas, suas festas. *Tempo: Revista do Departamento de História da UFF*, v. 16, p. 75-104, 2012.

_____. A greve geral de 1917 em São Paulo e a imigração italiana: novas perspectivas. *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth*, v. 15, p. 259-307, 2010.

BYRNE, Sian; VAN DER WALT, Lucien. Worlds of western anarchism and syndicalism: class struggle, transnationalism, violence and anti-imperialism, 1870-1940. *Canadian Journal of History*, vol.50, n.1, 2015. p.98-132.

BORGES, Stella. *Italianos: Porto Alegre e trabalho*. Porto Alegre: Ed. EST, 1993.

BRAGA, Francisco Victor Pereira. *Pedro Augusto Motta: Militância libertária e Verbo de Fogo*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – Ceará, 2013.

BRENNER, Gislene; NOGUEIRA, Cíntia. Curitiba: Sociedades operárias da virada do século XIX. *3 Colóquio Ibéro-Americano*, Belo Horizonte, 2014.

BRITO, Rose Dayane. *No rastro de Benjamin Mota: a defesa das leis sociais e direitos políticos na Primeira República (SP, 1901-1904)*. Dissertação (Mestre em Direito). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CACCAVELLI, Bruno. *Lazer e sociabilidade dos trabalhadores do bairro paulistano da Mooca (1900-1920)*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos – São Paulo, 2015.

_____; SANTOS, Kauan Willian dos. Educação e protesto: no rastro das escolas e grupos racionalistas e sindicais e as reivindicações operárias em São Paulo na segunda década do século XX. *Espaço Plural*, n.34, pp.520-550, 2016.

CÁNOVAS, Marília Dalva. *Imigrantes Espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana (1890-1922)*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2009.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (Orgs.). *A Imprensa confiscada pelo DEOPS, 1924-1954*. São Paulo: Ateliê Editorial; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

_____; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio (Orgs.). *História do Trabalho e Histórias da Imigração: Trabalhadores Italianos e Sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2010.

CHALHOUB, Sydney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CLEVELÁRIO JUNIOR, Judicael. A participação da imigração na formação da população brasileira. *Revista Brasileira. Estudos da População*, Brasília, n.14, 1997.

COLOMBO, Eduardo *etall* (Orgs.). *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2009.

CONTO, Rodolfo Augusto. “*Cominhos Libertários e Partilhas Culturais: O jornal La Battaglia e a formação da intelectualidade anarquista*”. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba – Paraná, 2007. São Paulo: Imaginário, 2004.

COMBRINK, Tamira. O anarquismo nas usinas: raízes do sindicalismo em Pernambuco no começo do século XX. *Cadernos de História UFPE*, vol.6, num.6, 2009. p.1-11.

CORRÊA, Anderson Pereira. Imigrantes na formação da classe operária no Rio Grande do Sul. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, v. 01, p. 01-29, 2016.

CORRÊA, Felipe. *Bandeira Negra: discutindo o anarquismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

_____. Questões organizativas do Anarquismo. *Revista Espaço Livre*. vol.8, num.15, 2013.

_____; SILVA, Alessandro Soares da; SILVA, Rafael Viana da (Orgs.) *Teoria e História do Anarquismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2014.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana -1890-1915*. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2000.

_____; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007. p.257.

DEMINICIS, Rafael Borges; FILHO, Daniel Aarão Reis. *História do Anarquismo no Brasil (volume 1)*. Niterói: Mauad-X/ EdUFF, 2006.

DIAS, Joana. *Sindicalismo Revolucionário: a história de uma ideia*. Dissertação (mestrado em História Contemporânea). Universidade Nova de Lisboa: Portugal – Lisboa, 2008.

DOESWIJK, Andreas. *Entre camaleões e cristalizados: os anarco-bolcheviques rioplatenses, 1917-1930*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 1998.

DUARTE, Regina Horta. *A imagem rebelde – a trajetória libertária de Avelino Fóscolo*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas- São Paulo, 1988.

DULLES, John. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e Conflito social: 1890- 1920*. São Paulo: Difel, 1977.

FELICI, Isabelle. A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi. *Cadernos Ael: Anarquismo e Anarquistas*, v.8/9, p.9-66, 1998.

_____. *Les Italiens dans Le mouvement anarchist eau Brésil, 1890-1920*. Thèse de Doctorat (Nouveau doctorat): Études italiennes. Université de la Sorbonne – Paris, 1994.

FERRARO, Alceu Ravello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os Censos? *Educação e Sociedade*, São Paulo, v. 23, n. 81, 2002.

FERREIRA, Andrey Cordeiro(Org.). *Pensamento e Práticas Insurgentes: Anarquismo e Autonomias nos Levantes e Resistências do Capitalismo no Século XXI*. Rio de Janeiro: Alternativa Editora, 2016. p. 119-158.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *A formação das tradições (1889- 1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERRETTI, Federico. A geografia de Élisée Reclus frente ao extermínio dos ameríndios: questões científicas e políticas. *Élisée: Revista de Geografia da UEG*, v.4, n.1. p.36-52.

FERNANDES, André Santoro. *Um libertário irreduzível: a militância anarquista de José Oiticica no periódico carioca Spartacus (1919-1920)*. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de São Paulo, 2016.

FIGUEIRA, Cristina Aparecida. *A trajetória de José Oiticica: o professor, o autor, o jornalista e o militante anarquista na educação brasileira*. Tese (doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Puc, São Paulo, 2008.

GALEANO, Diego. *Criminosos viajantes, vigilantes modernos. Circulações policiais entre Rio de Janeiro e Buenos Aires, 1890-1930*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

GERALDO, Endrica. Os prisioneiros de Benevente. *Revista Brasileira de História*, v.32, n.64, p.61-76, 2012.

GERTZ, René. Operários Alemães no Rio Grande do Sul (1920-1937) ou Friedrich Kniestedt também foi um imigrante alemão. *Revista Brasileira de História*, v.6, n.11, pp.75-84, 1986.

GIULIETTI, Fabrizio. *Gli Anarchici Italiani dalla Grande Guerra al Fascismo*. Milão: Franco Angeli Edizioni, 2015.

GLICK- SCHILLER, Nina et all. *Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity, and Nationalism Reconsidered*. New York: 1992.

GODOY, Clayton Peron. *Ação Direta: transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo (1892-1908)*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, 2013.

_____; MARCHEZIN, Lucas; SILVA, Rodrigo Rosa da (Orgs.). *A Greve Geral de 1917: perspectivas anarquistas*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2017.

GOLDMACHER, Marcela. *A “Greve Geral” de 1903: O Rio de Janeiro nas décadas de 1890 a 1910*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2005.

_____. *Direitos e cidadania: justiça, poder e mídia*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2007.

GUIMARÃES, Luciano de Moura. *Ideias perniciosas do anarquismo na Bahia. Lutas e organização dos trabalhadores da construção civil*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, 2012.

HALL, Michael; PINHEIRO, Paulo Sérgio. Alargando a história da classe operária. *Remate de Males*, v. 5, p. 96-120, 1985.

_____. Italianos em São Paulo. *Anais do Museu Paulista*. Tomo: XXIX, 1979. p.201-215.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!: memória operária, cultura e literatura no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2002

HIRSCH, Steven; VAN DER WALT, Lucien (Org.). *Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Postcolonial World, 1870-1940: The praxis of national liberation, internationalism and social revolution*. Leiden, Brill, 2010.

HOBBSBAWM, Eric. *Era das revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. *Era dos Impérios: 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

_____. *Sobre História*. São Paulo: Cia. das letras, 1998.

HOLTHOON, Frits Van; VAN DER LINDEN, Marcel (Orgs.). *Internationalism in the labour movement (1830- 1940)*. Leidein/New York: Brill, 1988.

JUNIOR, Demetrio Quiros. Sapateiros militantes em São Paulo na década de 1920: lutas, debates, caminhos. *Revista Escrita da História*, ano IV, vol. 4, n. 8, 2017.

LAMOUNIER, Aden Assunção. *José Oiticica: itinerários de um militante anarquista (1912-1919)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Londrina, 2008.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição – Santos: 1870 -1913*. São Paulo: Hucitec, 1996.

LARA, Silvia Hunold. Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil. *Projeto História*, n. 16, p-25-38. 1998.

LAZAGNA, Ângela; LOWY, Michael; CAHEN. Nacionalismos e Internacionalismo: um debate entre Michael Löwy e Michel Cahen. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, v. 16, n. 31, p. 101-119, 2008.

LEAL, Claudia Feierabend. *Anarquismo em verso e prosa: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1999.

_____. *Pensiero e Dinamite: Anarquismo e repressão em São Paulo nos anos de 1890*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.

LEFRANC, Georges. *Histoire du travail et destravailleurs*. Paris: Flammarion, 1975.

LEITE, Míriam Lifchitz. *Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984.

LEUENROTH, Edgar. *Anarquismo – roteiro da libertação social: antologia da doutrina, crítica, história, informações*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.

LENIN, Vladimir. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

LINDEN, Marcel Van der. -História do Trabalho: O Velho, o Novo e o Global. In: *Revista Mundos do Trabalho*, v.1, n.1. 2009.

_____. *Trabalhadores do Mundo: Ensaios para uma história global do trabalho*. Campinas – São Paulo, Editora da Unicamp, 2013.

LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. *A Hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

LOBO, Elizabeth. Emma Goldman — Revolução e Desencanto: do Público ao Privado. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n.18,v.9, pp.29-41, 1989.

LOPREATO, Christina. *O Espírito da Revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1996.

MACHADO, Maria Helena. *O Plano e o Pânico: os movimentos sociais na década da Abolição*. Rio de Janeiro: Edusp/ UFRJ, 1994.

MAITRON, Jean. *Ravachol y los anarquistas*. Madri: Hurgay Fierro, 2003.

MARAM, Sheldon. *Anarquismo, imigrantes e o movimento operário brasileiro: 1890-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MATTOS, Marcelo Badaró. Trajetórias entre fronteiras: o fim da escravidão e o fazer-se da classe trabalhadora no Rio de Janeiro. *Revista Mundos do Trabalho*, Santa Catarina, vol.1, n. 1, 2009.

_____. *Escravidados e Livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008.

_____. Greves, sindicatos e repressão policial no Rio de Janeiro (1954-1964). *Revista Brasileira de História*, vol. 24, núm. 47, julho, pp. 241-270, 2004.

MATEUS, João Gabriel da Fonseca. *Escritos sobre a imprensa operária da Primeira República*. Minas Gerais: Virtual Books, 2013.

MENDES, José Sacchetta Ramos. *Laços de sangue: privilégios e intolerância à imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2011.

MENDES, Samanta Colhado. *As mulheres anarquistas na cidade de São Paulo (1889-1930)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista, Franca – São Paulo, 2010.

MENEZES, Lená Medeiros de. Elycio de Carvalho: Um intelectual controverso e controvertido. *Revista Intellectus*. Ano 3, vol.II, pp-1-11. 2004.

MOARES, Wallace dos Santos; JOURDAN, Camilla (Orgs.). *Teoria política anarquista e libertária*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016.

MOREIRA, Aluizio Franco. A greve de 1917 em Recife. *Clio – Revista de Pesquisa História*, n. 23, p.45-70. 2005.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

NASCIMENTO, Rogério. *Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista*. Riode Janeiro: Achiamé, 2000.

NÈBIAS, Wellington Barbosa. *A greve geral e a insurreição anarquista de 1918 no Rio de Janeiro: um resgate da atuação das associações de trabalhadores*. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009

NETTLAU, Max. *Historia da Anarquia: das origens ao anarco-comunismo*. São Paulo: Hedra, 2008.

NOLASCO-FREIRE, Zélia. *Lima Barreto: Imagem e Linguagem*. São Paulo: Annablume, 2005.

NOMELINI, Paula Christina Bin. *Associações operárias mutualistas e recreativas em Campinas (1906-1930)*. Tese (doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, 2007.

OLIVEIRA, Antoniette. *(Des) fazer-se, (Re) viver... a (des)continuidade das organizações anarquistas na Primeira República*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2001.

OLIVEIRA, Carla Mary. O Rio de Janeiro da Primeira República e a imigração portuguesa: panorama histórico. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, v. 3, p. 149-168, 2009.

OLIVEIRA, Tiago. *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

_____. (Org.). *Trabalho e trabalhadores no Nordeste: análises e perspectivas de pesquisas históricas em Alagoas, Pernambuco e Paraíba*. Campina Grande: EDUEPB, 2015.

_____. Pela Reforma, contra a Revolução: Notas sobre reformismo e colaboracionismo na História do Movimento Operário Brasileiro da Primeira República. *Revista Crítica Histórica*, n.5, p.26-59, 2012.

PAOLA, Pietro di. *The Knights of Errant of Anarchy: London and the italian anarchistdiaspora (1880-1917)*. Liverpool University Press, 2013.

PARRA, Lúcia Silvia. *Leituras libertárias: cultura anarquista na São Paulo dos anos 1930*. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2017.

PASTORE, Victor. *Imprensa negra e imprensa operária: experiências, diálogos e tensões entre trabalhadores negros e imigrantes na São Paulo do pós-abolição (1915-1932)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, 2020.

PENA, Eduardo. Escravos, libertos e imigrantes: fragmentos da transição em Curitiba na segunda metade do século XIX. *História: questões e debates*. APAH, Associação Paranaense de História, 9(16): 83-103. 1988.

PEREIRA, Adelaide Golçalves. *A Imprensa dos trabalhadores no Ceará, de 1892 aos anos 1920*. Tese (doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – Santa Catarina, 2001.

_____. Demolindo a sociedade burguesa: intelectuais e imprensa libertária no Ceará. *Trajeto: Revista de História da UFC*, vol.2, n.4, 2003.

PEREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB (1922-1924)*. São Paulo: ed. Ciências Humanas, 1980.

PERES, Fernando Antônio. *Revisitando a trajetória de João Penteador: o discreto transgressor de limites. São Paulo: 1890-1940*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, 2010.

PINHEIRO, Áurea de Paz. *O desmoronar das utopias – Abdias Neves (1876-1928): anticlericalismo e política no Piauí nas três primeiras décadas do século XX*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas – São Paulo, 2003.

PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michel. *A classe operária no Brasil. Documentos (1889-1930), vol. I: O movimento operário*. São Paulo: Alfa ômega, 1979.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, Ana Flávia. Vicente de Souza: intersecções e confluências na trajetória de um abolicionista, republicano e socialista negro brasileiro. *Estudos Históricos*, v. 32, p. 267-286.

POPINIGIS, Fabiane. *Proletários de casaca: trabalhadores do comércio carioca (1850-1911)*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

POLETTI, Caroline. *A imaginação subversiva ao redor do mundo: Imagens, poesias e contos de protesto na imprensa anarquista e anticlerical (Espanha, Argentina e Brasil – 1897-1936)*. Tese (Doutorado em História). Universidade do Vale do Rio do Sinos, São Leopoldo – Rio Grande do Sul, 2017. 78-87.

_____. *Tão Perto ou Tan Lejos? Caricaturas e contos na imprensa libertária e anticlerical de Porto Alegre e Buenos Aires (1897-1916)*. Dissertação (Mestre em História). Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo – Rio Grande do Sul, 2011.

PORTA, Eliane Veiga. *Imigrantes Espanhóis em Santos, 1880 – 1920*. Tese (Doutorado em História Econômica). Universidade de São Paulo, 2008.

PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX - 1890 a 1954*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

PURDY, Sean. A História Comparada e o Desafio da Transnacionalidade. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 64-84, 2012.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. Luigi e Luce Fabbri: uma ética de liberdade. *Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais*, Paraíba, n. 36, 2012. p.155-168.

RAMOS, Gislaíne Borba. “*È a causa dos oprimidos a que abraçamos*”: considerações sobre escravidão e liberdade nas páginas do jornal *A Reforma* (1870-1888). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

RÉMOND, René (Org). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1996.

RICHARDS, Vernon (Org.). *Malatesta: pensamiento y acción revolucionarios*. Buenos Aires: Anarres, 2007.

RODRIGUES, André. Bandeiras negras contra camisas verdes: anarquismo e antifascismo nos jornais *A Plebe* e *A Lanterna* (1932-1935). *Tempos Históricos*, vol.21, p.74-106, 2017.

RODRIGUES, Edgar. *Nacionalismo e Cultura Social, 1913-1922*. Rio de Janeiro: Laemmert, s/d.

RODRIGUES, Edgar. *Os libertários – José Otiticica, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco, Fábio Luz*. Rio de Janeiro: VJR, 1993.

ROMANI, Carlo.. A aventura do anarquismo segundo Oreste Ristori. *Revista Brasileira de História*, v.17, n.33, p.150-166, 1997.

_____. Antecipando a Era Vargas: a revolução paulista de 1924 e a efetivação de práticas de controle político e social. *TOPOI*, v.12, n.23, p.161-178, 2011.

_____. *Oreste Ristori: Uma aventura anarquista*. São Paulo: AnnaBlume/Fapesp, 2002.

_____. “*Clevelândia, Oiapoque - Aqui começa o Brasil! Trânsitos e confinamentos na fronteira com a Guiana Francesa (1900 -1927)*”. Tese (doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas – São Paulo, 2003.

ROSMER, Alfred. *Il movimento operaio durante la prima guerra mondiale: da Zimmerwal dalla rivoluzione russa*. Milano: Jaca book, 1983.

RUDY, Antonio Cleber. *O anticlericalismo sob o manto da República: tensões sociais e cultura libertária no Brasil (1901-1935)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, 2017.

SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. Rio de Janeiro: Achiamé/Imaginário, 2002.

_____. *“Minha pátria é o mundo inteiro”*: Neno Vasco, anarquismo e as estratégias sindicais nas primeiras décadas do século XX . Tese (doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

_____. *Negras Tormentas: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011.

SANT’ANA, Moacir Medeiros de. *Elysio de Carvalho, um militante do anarquismo*. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1982.

SANTOS, Kauan Willian dos. Anticlericalismo e militância sindical: o periódico anarquista A Lanterna e sua ação entre os trabalhadores em São Paulo (1901-1914). *Revista Eletrônica Discente História.com*, vol.1, n.2, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira – Bahia, 2013.

_____. 'Façamos também a nossa guerra:' a construção do internacionalismo anarquista e a luta sindicalista revolucionária no período da Primeira Guerra Mundial em São Paulo. *Revista História & luta de classes*, v. 13, p. 45-59, 2017.

_____; SILVA, Rafael Viada da (orgs.). *História do Anarquismo e do Sindicalismo de Intenção Revolucionária no Brasil: novas perspectivas*. Curitiba: Editora Prismas, 2018.

_____. *Paz entre nós, guerra aos senhores:” o internacionalismo anarquista e as articulações políticas e sindicais dos periódicos e grupos Guerra Sociale e A Plebe na segunda década do século XX em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos – São Paulo, 2016.

_____. Ultrapassando limites, conjurando a liberdade: revolução e nação na trajetória política de Angelo Bandoni em São Paulo nas duas primeiras décadas do século XX. *Revista Mundos do Trabalho*. Vol. 8, n.16, pp. 57-74, Julho/Dezembro de 2016.

_____. *O jornal A Plebe: militância e estratégias de propaganda anarquista no movimento operário em São Paulo (1917 a 1920)*. Monografia (Trabalho de conclusão de curso em História). Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos – São Paulo, 2013.

SCHMIDT, Benito. *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868 – 1945)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

_____. *O Patriarca e o Tribuno: caminhos, encruzilhadas, viagens e pontes de dois líderes socialistas – Francisco Xavier da Costa (187?-1934) e Carlos Cavaco (1878-1961)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2002, p. 96-98.

SECCO, Lincoln; PERICÁS, Luiz Bernardo (Orgs.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014.

SIKOSEK, Ziko. *Esperanto Sem Mitos*. Antuérpia: Flandra Esperanto-Ligo, 2003.

SILVA, Fernando Teixeira da. *Operários sem patrões: os trabalhadores da cidade de Santos no entreguerras*. São Paulo – Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SILVA, Rodrigo Rosa da. *Imprimindo a Resistência: A imprensa anarquista e a repressão política em São Paulo (1930-1945)*. Dissertação (mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, 2005.

SILVA JR, Adhemar Lourenço da Silva. –A Greve Geral de 1917 em Porto Alegre. || *Anos 90*, Porto Alegre, n.5, 1996.

SIQUEIRA, Uassyr de. *Entre sindicatos, clubes e botequins: identidades, associações e lazer dos trabalhadores paulistanos (1890-1920)*. Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo- Campinas, 2008.

SOBRINHO, Afonso Soares. São Paulo e a Ideologia Higienista entre os séculos XIX e XX: a utopia da civilidade. *Sociologias*, Porto Alegre, n.52, 2015, p.210-235.

SOLANO, Esther; MANSO, Bruno Paes; NOVAES, Willian. *Mascarados: a verdadeira história dos adeptos da tática Black bloc*. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

TELES, Luciano Everton Costa. –Tércio Miranda: uma liderança amazônica. || *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 9, n. 17, 2017. p. 101-119.

_____. A Lucta Social e a existência de um rede anarquista regional: Tércio Miranda (AM) e Antônio Carvalho (PA), 1914. || *Revista Piauiense de História Social e do Trabalho*, v. 2, p. 6-15, 2016.

_____. TELES, Luciano Everton Costa. *A Vida Operária em Manaus: Imprensa e Mundos do Trabalho (1920)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas – Manaus, 2008.

THOMPSON, Edward. *A Formação da Classe Operária Inglesa: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOLEDO, Edilene. Do Sindicalismo Revolucionário ao sindicalismo controlado pelo Estado: sindicatos e sindicalistas na cidade de São Paulo entre o fim da Primeira República e os primeiros anos da Era Vargas. *ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História: Fortaleza*, 2009.

_____. O nacionalismo na formação e nas trajetórias de dois militantes sindicalistas italianos exilados no Brasil. *Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão*. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 2008.

TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

_____. *O Amigo do Povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo-Campinas, 1994.

_____. *Travessias Revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890 – 1945)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

_____. Para a união do proletariado brasileiro: a Confederação Operária Brasileira, o sindicalismo e a defesa da autonomia dos trabalhadores no Brasil da Primeira República. *Perseu: História, Memória e Política*, v. 7, p. 10-31, 2013.

_____. Um ano extraordinário: greves, revoltas e circulação de ideias no Brasil em 1917. *Estudos Históricos*, v. 30, p. 497-518, 2017.

_____. Do sindicalismo revolucionário ao sindicalismo controlado pelo Estado: sindicatos e sindicalistas na cidade de São Paulo entre o fim da Primeira República e os primeiros anos da Era Vargas. In: *XXV Simpósio Nacional de História História e Ética*, 2009, Fortaleza. Anais do Simpósio Nacional de História, 2009.

TOMCHUCK, Travis. *Transnational Radicals: Italian anarchists in Canada and the U.S. 1915-1940*. Manitoba: University of Manitoba, 2015.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: Um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo, Nobel, 1988.

TURCATO, Davide. -Italian Anarchism as a Transnational Movement, 1885–1915|. *Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis*, v.52, p. 407–444, 2007.

VAN DER WALT: Lucien. Global Anarchism and Syndicalism: Theory, History, Resistance. *Anarchist Studies*, vol.24, n.1, 2016.

_____. Negro e Vermelho: anarquismo, sindicalismo revolucionário e pessoas de cor na África Meridional nas décadas de 1880-1920. *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 2, n. 4, p. 174-218, 2010.

Obras teóricas

BAKUNIN, Mikhail. *Catecismo Revolucionário: Programa da Sociedade da Revolução Internacional*. São Paulo: Editora Imaginário/ Faísca, 2009.

_____. *Federalismo, Socialismo e Antiteologismo*. Rio de Janeiro: Série Biblioteca Anarquista volume 2, 2012.

_____. *Revolução e Liberdade: Cartas*. São Paulo: Hedra, 2010.

FABBRI, Luigi. *A Organização Anarquista. Excertos*. São Paulo: Editora Faísca, 2013.

GALLEANI, Luigi. *The end of anarchism?* Cienfuegos Press, Sanday, Orkney, U.K, 1982.

GOLDMAN, Emma. *Anarchism and Other Essays*. Second Revised Edition. New York & London: Mother Earth Publishing Association, 1911.

KROPOTKIN, Piotr. *A Anarquia: sua filosofia – seu ideal*. São Paulo: Nu-sol, 2000.

_____. *A Conquista do Pão*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

LENIN, Vladimir. *Lenine e a IIIª Internacional*. Lisboa: Estampa.

LEVAL, Gaston; BAKUNIN, Mikhail. *Bakunin, fundador do sindicalismo revolucionário; A dupla greve de genebra*. São Paulo: Imaginário/Faísca, 2007.

MALATESTA, Errico. *Escritos revolucionários*. São Paulo: Imaginário, 2008.

MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. Nelson García, 2002.

MOURA, Maria Lacerda de. *A Mulher é uma degenerada*. São Paulo: Tendel dos livros, 2018.

_____. *Fascismo – filho direto da Igreja e do Capital*. Portugal: Barricata Libertária, 2012.

_____. *Religião do amor e da Belleza*. São Paulo: O Pensamento, 1929.

Obras literárias

BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. Rio de Janeiro: Record, 1991.

Fontes

Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) – Universidade Estadual de Campinas

Aktion (Porto Alegre), Periódico, 1933-1937.

Aurora Social (Santos). Periódico, 1910.

A Greve (Rio de Janeiro). Periódico, 1903.

A Guerra Social (Rio de Janeiro). Periódico, 1912.

A Hora Social (Recife). Periódico, 1919.

A Luta (Porto Alegre). Periódico, 1906-1908.

A Nova Era (Taboleiro Grande). Periódico, 1906.

A Terra Livre (São Paulo). Periódico, 1905-1908.

A Voz do Trabalhador (Campinas). Periódico, 1909.

A Voz do Trabalhador (Rio de Janeiro). Periódico, 1908-1912.

A Voz do Trabalhador (Porto Alegre). Periódico, 1912.

Germinal (São Paulo). Periódico, 1902.

Gli Schiavi Bianchi (São Paulo). Periódico, 1892.

Il Diritto (Curitiba). Periódico, 1900.

Il Risveglio (São Paulo). Periódico, 1898.

L'asino Umano (São Paulo). Periódico, 1894.

L'Avvenire (São Paulo). Periódico, 1894-1895.

La Battaglia (São Paulo). Periódico, 1904-1913.

O Amigo do Povo (São Paulo). Periódico, 1902-1905.

O Despertar (Rio de Janeiro). Periódico, 1898.

O Despertar (Curitiba). Periódico, 1904.

O Lúçifer (Porto Alegre). Periódico, 1907.

O Rebate (Rio de Janeiro). Periódico, 1898.

O Paiz (Rio de Janeiro). Periódico, 1923.

O Protesto (Rio de Janeiro). Periódico, 1900.

O Syndicalista (Porto Alegre). Periódico, 1926-1927.

O Trabalho (São Paulo). Periódico, 1931.

Renovação (Rio de Janeiro). Periódico, 1922.

Tribuna do Povo (Pernambuco). Periódico, 1919.

Utopia (Rio de Janeiro). Revista, 1980.

Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual de São Paulo (CEDEM)

Alba Rossa (São Paulo). Periódico, 1919.

A Lanterna (São Paulo). Periódico, 1901-1935.

A Plebe (São Paulo). Periódico, 1917-1935.

Congresso Internacional Da Paz. Sessão Astrojildo Pereira, 1915.

Exposição Anarquistas. Sessão Astrojildo Pereira, 1910-1920.

Guerra Sociale (São Paulo). Periódico, 1915-1917.

La Propaganda Libertaria (São Paulo). Periódico, 1913.

Na Barricada (Rio de Janeiro). Periódico, 1915.

Estatísticas

“Estatísticas do século XX. População do Brasil por sexo, estado civil e nacionalidade” IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/populacao.html>. Acesso: 03/2018.

“População do Brasil por estados (1872, 1890, 1900, 1910).” IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/populacao.html>. Acesso: 03/2018.

“Recenseamento de 1920: quarto censo geral da população e primeiro da agricultura e das indústrias.” IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1928. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>.

Departamento de Ordem Política e Social- DEOPS/SP

Panfleto. Centro de Cultura Social, janeiro, 1933. Prontuário 716, vol. 3, Federação Operaria de São Paulo. Fl. 87. DEOPS/SP.